

φ

O SEMEADOR E SEU SEGUIDOR

Antônio de Pádua Rapôso Mazulo



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

Fortaleza-CE / 2019

Copyright by Inesp © 2019
INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS
SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO
ESTADO DO CEARÁ - INESP

Thiago Campêlo Nogueira

Presidente do Inesp

Andréa Melo

Assistente Editorial

Lúcia Jacó Rocha

Revisão final

Valdemice Costa / Marta Lêda Miranda

Ajustes na diagramação / Revisão digital

Gráfica do Inesp

Impressão

Ernandes do Carmo

Coordenador da Gráfica

Catalogado por Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

CRÉDITOS

Antônio de Pádua Rapôso Mazulo

Autor da obra

Valdério Costa

Projeto Gráfico / Diagramação / Capa / Direção de Arte

Everton Silva Freitas

Ilustrações / Ilustração da capa

Natasha Mendes Ribeiro

Preparação / 1º Revisão de Texto

Composto nos tipos Gandhi Sans e Gandhi Serif

AGRADECIMENTOS

À Zenaide Batista Lustosa Filha Mazulo, minha eterna e muito amada esposa, pelo apoio e incentivo que jamais nos faltaram, de modo especial quando escrevíamos O Semeador e seu Seguidor.

A todos os meus filhos, netos, bisnetos e aos meus onze irmãos, enfatizando as específicas colaborações de:

ÉRIKO VINICIUS LUSTOSA MAZULO – Filho que, numa época de mudanças e indefinições, nos sugeriu a elaboração deste livro.

ANTÔNIO DE PÁDUA RAPÔSO MAZULO JUNIOR – Filho que teve muita paciência para ouvir-nos discorrer sobre fatos e personagens relativos às crenças religiosas, opinando acerca de algumas passagens, principalmente, aquelas que envolviam a Bíblia, o Alcorão e outros livros sagrados.

JOÃO BATISTA RAPÔSO MAZULO – Irmão que, por sua experiência política na cidade de Palmeirais (PI), concordou em emprestar-nos seu nome para usá-lo na representação do Prefeito João Batista Freitas, o “Prefeito Freitinha”. Além disso, na introdução desse personagem, suas informações e aconselhamentos foram valiosos.

LUIZ GONZAGA RAPÔSO MAZULO – Irmão, advogado e escritor, procedeu uma leitura da fase preliminar do texto, enviando-nos sugestões utilizadas, quando apropriadas.

Embora já falecidos, jamais poderia olvidar o que aprendemos com nossos muito queridos e amados pais e avós.

Aos meus pais, **LEÔNIDAS DE CASTRO MAZULO** e **SELENE TORRES RAPÔSO MAZULO**.

À minha “**VÓ COTINHA**” e “**VÔ GASTÃO**”.

À “**VOZINHA MARIA AMÉLIA**” e “**VÔ LULA**”.

OUTROS AGRADECIMENTOS

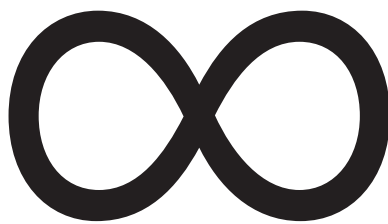
FRANCISCO CARLOS DE OLIVEIRA,
apoio do gabinete do presidente do CEE.

LEOPOLDINA MARIA DE ARAÚJO BRAGA (Léo),
Secretária do presidente do CEE.

PADRE JOSÉ LINHARES PONTES, Presidente do CEE.

JOSÉ ALBUQUERQUE, Presidente do Assembleia Legislativa do Ceará





HOMENAGEM PÓSTUMA

PROFESSOR EDGAR LINHARES, o senhor faz parte da numerosa galeria dos autênticos benfeitores da humanidade, os educadores. Agora, em uma das moradas da suprema essência da energia cósmica, Deus, lá está o Professor Edgar Linhares junto aos mestres Lao-Tsé, Confúcio, Mahatma Gandhi, Sócrates, Platão e tantos outros que, nas moradas de Deus, continuam percorrendo o caminho da evolução espiritual.

Por volta do ano de 1968, foi convidado a ocupar o cargo de diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga, na cidade de Parnaíba (PI), onde éramos alunos do antigo curso primário, ainda em nossa pré-adolescência, há cerca de 60 anos. Naquela época, o Professor Edgar Linhares despertou e mostrou-nos o seu caráter de educador valoroso, impetuoso, voluntarioso em defesa das questões educacionais. Extremamente bondoso e paciente no trato com seus discípulos, além de promover o respeito, a lealdade e a compreensão entre Professores, alunos e a direção do ginásio, responsabilizou-se pela organização de uma excursão envolvendo alunos e alguns mestres – fato inédito pela conseqüente aprendizagem social.

Relacionaremos, em seguida, ocorrências importantes da vida do Professor Edgar Linhares Lima.

- I. Assessor do governador Virgílio Távora, na década de 1960;
- II. Assessor do MEC na década de 1970;
- III. Assessor da Secretaria de Educação, da Universidade Federal do Ceará e Universidade Estadual do Ceará nos anos 1980/1990;



IV. Conselheiro do Conselho Estadual de Educação – CEE –, tendo uma importante atuação de 1987 a 2015. Exerceu a presidência dessa casa, no período de 2007 a 2014, nomeado pelo então Governador Cid Gomes. Lá, foi o responsável pela criação de três importantes projetos:

- 1 – Sistema de Informatização e Simplificação de Processos – SISP;
- 2 – Formação continuada de Gestores Escolares;
- 3 – Educação no Campo, por meio da criação e do fomento ao empreendedorismo no ramo de ovinocaprinocultura.

O Professor Edgar Linhares foi o mentor e criador do Programa de Alfabetização na Idade Certa – PAIC –, implantado e iniciado no município de Sobral, Ceará, em 07/03/2002. A partir de 2010, expandiu-se para todo o Brasil, sendo então instituída a data de 07 de março como o dia do PAIC.

Foi casado com a Professora Ivolete , e, os dois, atendendo ao aconselhamento da suprema essência da energia cósmica, Deus, “crescei e multiplicai-vos”, geraram e fizeram vir ao planeta Terra seis descendentes.

Escrevemos este livro espelhando-nos na vida e na obra do nosso grande amigo, o intrépido educador Professor Edgar Linhares Lima.

Professor Antônio de Pádua Rapôso Mazulo

Professora Aurila Freire Maia, Conselheira do CEE



HOMENAGEM AOS PROFISSIONAIS DA ÁREA MÉDICA

Aqueles, que relacionaremos a seguir, representam incontáveis, valerosos, voluntariosos e dedicados profissionais dessa área. Os dois primeiros – os mais antigos – que referenciaremos serão Galeno e Hipócrates.

1. Na cidade grega chamada Pérgamo, colônia do Império Romano, nasceu, em torno do ano 129 d.C., Cláudio Galeno ou Élio Galeno. Seu pai, um próspero membro da aristocracia grega, Élio Nicon, transmitiu-lhe conhecimentos propícios para aquele momento, principalmente, em Filosofia, Lógica, Matemática, Astronomia, Literatura e princípios de Artes Médicas. Cresceu nesse ambiente de diversificados conhecimentos, entretanto, quando adulto e na oportunidade de decidir os caminhos de sua vida, optou pela medicina. O primeiro trabalho que desempenhou foi assistir aos gladiadores combatentes nas arenas romanas e cuidar da saúde do imperador. Na seleção de uma de suas famosas frases, a que segue sobressai-se: “todo médico é também um filósofo”.

2. As informações biográficas confiáveis conhecidas sobre Hipócrates não são fáceis de localizar. Uma delas, elaborada pelo ginecologista Sorano de Éfeso, data do século 2 d.C. Não existe nenhum desenho, ou pintura que identifique a figura de Hipócrates. Afirmam, em sua biografia, que fazia parte da família dos Asclepiades, supostamente, descendentes do herói nacional Asclépio, em que o significado dessa denominação era Esculápio.

1. A guerra é a melhor escola do cirurgião.
2. Nem a sociedade, nem o homem, nem nenhuma outra coisa deve ultrapassar os limites estabelecidos pela natureza.

O significado dessas citações fica sob a responsabilidade dos profissionais da área.

Em seguida, relacionaremos alguns valerosos, voluntariosos e dedicados profissionais da área médica na atualidade.



ANA KARENINA MAZULO RIBEIRO

Residente de Oftalmologia, CREMEC 17894

ANTÔNIO RIBEIRO DA SILVA FILHO – IN MEMORIAM

Cirurgião Geral, CREMEC 3174

ELAINE MARIA MAZULO RIBEIRO

Oftalmologista, CREMEC 5913

ELÊNIA EDIANEZ LUSTOSA MAZULO

Enfermeira, COREN-57.768

Mestrado em Administração

Especialização em Enfermagem Médico-Cirúrgica

JOSÉ MILAD SIQUEIRA KARBAGE

Médico Cardiologista, inscrito no Conselho Regional de Medicina sob o número 914. Jubileu de Ouro por 50 anos de exercício da Medicina.

JOSÉ NEWTON DIAS DA ESCÓSSIA

Médico Oftalmologistaespecialista em “Córnea e Doenças Externas”, CRM 11.604,

LÚCIO CÔRTEZ DOS ANJOS

Médico especialista em Gastroenterologia e Hepatologia, CREMEC 7.998.

RAYSSA ESCÓSSIA GERMANO

Médica Oftalmologista, especialista em Retina e Vítreo, CRM 13.498

ROBERTO SILVA CALDAS

Médico, formado pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Em Fortaleza, há 23 anos, inscrito sob número 4033 no Conselho Regional de Medicina do Ceará – CREMEC.

Formado em Clínico Geral e especialista em homeopatia.

Atualmente, ocupa a função de médico da família da CASSI, na área de Medicina da Família.



PREFÁCIO

Il et aut utatusa nditatusam eum aligend amusdae dolorerum vernam et occulpa cus, voluptat.

Mus sitatiumet la dit, omnisimus, alicill oresed exceratus ducidelit, aut derumqui ut porit et ex exceptatis quaspel mossimi, qui alictur epudis as explatur, ipsant.

Lit que dolut re et atur, cus exeremp oratem audae etur? Agnam, optatem. Equunt ut lant expero quuntor ehenis asin cum intotaquae rem. Re dolore adis archic tem. Ut laboruptin coreptur sin nonsequam velene iur re qui re alit estotatquis ent ut pedis reicipsa num, te niet fuga sit lat vid ut rem qui comnis re milis eossum resero beriorat latent, sollani doluptas expeles dolupta porem qui comnis aut qui delesse nos con comnias dolore, seque corro bere sequi sunt perfere rchillab ium re dolorum re dicius nobitium il eat estiore pudicat iuntur mos inci conse omnisiti ute ducideb itionsedi ad quibus, que pro idestib usaperum volorum quis qui quia veribus sedis pro earunt eum aliquatur? Quiam con etur simi, si tem iusant.

Rum soluptaque soluptianis esequat licid et que volor aut mod ut re, ut aturepta ne escilloratis volora veliqui quam reculparum comnihi taepudi coreni doloritate consec eauptati voluptatas pero ducip.

THIAGO CAMPÊLO

Presidente do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp

APRESENTAÇÃO

Il et aut utatusa nditatusam eum aligend amusdae dolorerum vernam et occulpa cus, voluptat.

Mus sitatiumet la dit, omnisimus, alicill oresed exceratus ducidelit, aut derumqui ut porit et ex exceptatis quaspel mossimi, qui alictur epudis as explatur, ipsant.

Lit que dolut re et atur, cus exeremp oratem audae etur? Agnam, optatem. Equunt ut lant expero quuntor ehenis asin cum intotaquae rem. Re dolore adis archic tem. Ut laboruptin coreptur sin nonsequam velene iur re qui re alit estotatquis ent ut pedis reicipsa num, te niet fuga sit lat vid ut rem qui comnis re milis eossum resero beriorat latent, sollani doluptas expeles dolupta porem qui comnis aut qui delesse nos con comnias dolore, seque corro bere sequi sunt perfere rchillab ium re dolorum re dicius nobitium il eat estiore pudicat iuntur mos inci conse omnisiti ute ducideb itionsedi ad quibus, que pro idestib usaperum volorum quis qui quia veribus sedis pro earunt eum aliquatur? Quiam con etur simi, si tem iusant.

Rum soluptaque soluptianis esequat licid et que volor aut mod ut re, ut aturepta ne escilloratis volora veliqui quam reculparum comnihi taepudi coreni doloritate consec ecuptati voluptatas pero ducip.

JOSÉ ALBUQUERQUE

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará





SUMÁRIO

CAPÍTULO I

A história desde o seu início:
o encontro do Semeador com Átila **17**

CAPÍTULO II

Anjos e demônios: alguns virtuosos
e impiedosos da história da humanidade **217**

CAPÍTULO III

Os grupos da ACAPA/ACPA: as discussões iniciais
sobre as temáticas e as reuniões semanais científicas **263**

CAPÍTULO IV

Aspectos da Transcendência Gnosiológica
e Ontológica: a intuição impõe-se **275**

CAPÍTULO V

O Professor Luis vai à SEFAZ
e hospeda-se com sua irmã Liz **293**

CAPÍTULO VI

O indiscutível prazer de mais
uma caminhada: lazer e diversão **391**

CAPÍTULO VII

A realização da missa ecumênica:
preparativos e realização **453**

CAPÍTULO VIII

Resultados após a realização da missa ecumênica
e da implantação do blog: dois dias para decidirmos
pelo resultado final **481**







A HISTÓRIA DESDE O SEU INÍCIO:
O ENCONTRO DO
SEMEADOR COM ÁTILA

CAPÍTULO I

“Somos o que pensamos. Tudo o que somos surge com nossos pensamentos. Com nossos pensamentos, fazemos o nosso mundo. Todas as coisas são precedidas pela mente. Tudo que somos hoje é resultado do que temos pensado. O que pensamos hoje determina o que seremos amanhã. Nossa vida é criação de nossa mente.”

Buda

α

O Semeador foi assim cognominado por sua facilidade de relacionamento com outros animais, principalmente, agora que nele foi despertado um profundo desejo de entender o que move as paixões humanas. Por que eles fazem isso? Ou aquilo? Passava horas ou quase todo o seu tempo livre refletindo sobre o assunto.

O Semeador, nossa personagem principal, já havia sido notada por pescadores das imediações. De acordo com esses registros, ele prestava bastante atenção em todos e no que faziam. Era como se ele ali estivesse para certificar-se de que estavam cumprindo uma parte de algum trato já anteriormente combinado.

É justo e necessário enumerarmos as características individuais básicas do Semeador, evidentemente, sem considerarmos alguns registros outrora efetuados por alguns observadores. Ele pertence à espécie *Sarcoramphus*, nome que tem origem nos termos gregos *sárx* (carne) e *rámphos*, significando, no conjunto, *bico de carne*, em homenagem ao formato do seu bico. Podemos listar algumas de suas características principais:

1. Tem até três vezes o tamanho de outras espécies, pesando de três a cinco quilos. No entanto, em comparação a outras aves que vivem da rapinagem – como a águia, por exemplo –, podem ser considerados de tamanho diminuto;
2. Sua envergadura – distância entre as duas pontas das asas quando total e longitudinalmente abertas – varia de 1,70 metro a 2 metros;
3. As aves canoras possuem siringe que funciona como a laringe inferior das aves. Aquelas que não emitem nenhum som organizado,



harmonioso e belo, têm, portanto, como finalidade de vida compor a natureza apenas para enfeitá-la; pertencem à vertente das aves não canoras. Por exemplo, o tucano, cuja beleza todos admiram no zoológico ou na floresta, não chama atenção pelo seu canto.

4. Após 6 meses de idade, já possuem corpo adulto. São totalmente carecas, sem penas ou pelos na cabeça e no pescoço. Ou seja, são radicalmente implumes nessas partes do corpo. Alguns especialistas defendem a ideia de que se trata de uma adaptação higiênica que a evolução impôs. Outros afirmam que se trata de uma medida de profilaxia que expõe a pele aos efeitos esterilizantes do sol para que haja a prevenção das bactérias transmitidas pelas carniças em putrefação.

Depois das pistas que demos, será que é possível inferir qual personagem interpreta o Semeador? Sem mais mistérios, trata-se de um urubu-rei! Essa figura, às vezes, com aspecto abobalhado, outras vezes mostrando-se totalmente alienado e transportado para um mundo muito seu, absorto e reflexivo, é o nosso Semeador.

Átila era novo, irrequieto, arisco e bastante ativo. Gostava de fazer amizade com crianças e adultos que não se manifestavam grosseiros, que o tratassem bem e o agradassem com restos de comida e ossos em geral. Em casa, dava-se bem com todos os bichos, galinhas, patos, gansos, perus e outros animais de maior porte. Gostava de ficar no bar e restaurante da dona Antônia, onde sempre havia algo para comer, além de um lugar especial que lhe era reservado. Todos os frequentadores brincavam com ele, fazendo-lhe agrados e outros mimos, e chamavam atenção as seguintes características que originaram a sua espécie:

1. Especialistas, baseando-se em estudos da datação de fósseis de milhares de anos atrás, foram capazes de estabelecer a diferença entre cães (domésticos) e lobos.
2. Embora alguns defendam a sua descendência do lobo cinzento ou do cruzamento entre lobos e chacais, outros especulam que os cães são descendentes de uma outra variação canídea.
3. O certo é que, com o passar do tempo, muitos cães reagiam à convivência com humanos e se mostravam indóceis e ferozes; esses eram impedidos do acasalamento, descartados ou abandonados.



Somente os animais flexíveis ou de temperamento fácil permaneciam no convívio humano, com direito a formar família e ter descendentes. Foi assim que, presume-se, passaram a conviver harmonicamente conosco, o que foi de grande utilidade para nós, seja no auxílio nas caçadas, seja como cães de guarda.

Nosso protagonista não costumava diversificar seus hábitos. Átila muito se deleitava – e fazia disso uma prática quase diária – ao andar pela areia da praia, principalmente, nas manhãs de maré seca. Muito lhe agradava o cheiro que as algas exalavam ao longo da praia. Também lhe era prazeroso observar os vários tipos de animais, crustáceos em profusão, cobras e diversas espécies de aves: gaviões, garças, carcarás, urubus e outros.

Em um determinado dia, a maré estava quase seca e Átila avistou uma grande arraia morta. Numa elevação, foi possível identificar uma ave esquisita, sem penas na cabeça e nas pernas, olhando fixamente para a arraia. Olhou curioso para os dois e passou em frente, pois seu interesse estava na parte mais seca da praia, onde o cheiro das algas era mais intenso.

Passou aproximadamente uma hora e trinta minutos andando, quando resolveu retornar. Após 10 minutos, conseguiu distinguir a “ave esquisita” voando da elevação de onde estava para o chão, em direção à arraia morta. Apressou o passo, pois ficou mais curioso ainda. Ao chegar perto, reconheceu a ave como um urubu; no entanto, um tipo diferente dos demais.

Resolveu atrapalhar a alimentação do urubu, partindo sobre ele, espantando-o. A ave alçou voo, pairando no ar à meia altura. Esperou seu antagonista afastar-se e então tornou a descer na direção da arraia. Os dois eram teimosos a ponto de promover o movimento de sobe e desce do urubu, em virtude de a insistente perseguição de Átila repetir-se inúmeras vezes.

O mais resistente foi o Semeador, eis que Átila não suportou a insistência da “ave esquisita” identificada como um urubu. Posteriormente, Átila confirmou tratar-se de um **urubu-rei**, o animal que o fizera perder o fôlego.

– Esse é mesmo um bichinho teimoso – pensava Átila, durante o trajeto, sobre o Semeador. Procurou informações junto aos nativos (os



quais costumavam discutir acerca dos bichos do lugar, e aqueles novos que apareciam) e aos que eram mais viajados, e, portanto, tinham mais experiência. Mas frustrou-se porque pouco ou quase nada logrou acrescentar ao que já sabia.

A única maneira de aproximar-se mais do Semeador foi tentar comunicar-se com ele. E assim o fez. No dia seguinte, no mesmo horário da maré, foi à praia e lá estava ele, procurando outra fonte de alimento, eis que a arraia já havia sido devorada pelos demais predadores. O urubu-rei conseguiu perceber as intenções de Átila e não reagiu rispidamente; a aproximação foi até agradável. Embora ambos desconfiados, os dois pareciam interessados nessa troca de conhecimento e o Semeador era o mais desenvolvido.

– Você gosta de andar pela praia? – Perguntou o **urubu** no afã de iniciar conversa.

– Sim! Esse é um dos meus maiores prazeres – Respondeu com interesse e apressadamente Átila.

A conversa prolongou-se, demorando além do planejado. Quando decidiram encerrá-la, a noite já se avizinhava.

Tanto Átila quanto o Semeador foram dormir, cada um pensando nas possibilidades de prolongamento do diálogo que haviam mantido. O Semeador achava excitante a curiosidade e o desejo demonstrados por Átila de sempre aprender mais. O seu olhar perscrutador, sua posição ou estado de expectativa denunciavam essa busca incessante. Átila percebeu o grande e amplo cabedal de conhecimento que o Semeador deixava transparecer; ele não podia ou não queria ocultá-lo. Embora sejam essas suas percepções recíprocas, eles mantiveram, em um primeiro momento, reserva em explicitá-los.

A VISITA DO PROFESSOR JOÃO PAULO: EMILLY, APENAS UMA HISTÓRIA DO MATEMÁTICO DEVLIN?

No dia seguinte, logo no início da manhã, chegou uma visita na casa de Átila. Tratava-se do Professor de matemática João Paulo, amigo do Professor Luis Antônio, filho dos donos da casa, com quem Átila se dava muito bem.

Após um breve café da manhã, por volta das nove horas, os dois reuniram-se e Átila os acompanhou desde o início. O Professor João veio trocar ideias com o Professor Luis sobre o livro *O gene da matemática*, publicado



pelo Doutor Keith Devlin, Professor da Universidade de Stanford e de Pittsburgh. O Professor João tomou a palavra, afirmando que o **Dr. Devlin** considera que *a matemática é a ciência dos padrões*, por exemplo: paralelepípedo, quadrado para representar caixas, tijolos, etc.; formas circulares para representar tampas de recipientes, tipos de flores; e equações para representar e resolver situações-problema da matemática.

Átila, que há tempos adquirira a habilidade de entender o linguajar humano, tinha também excelente memória, e era com essas qualidades que pretendia transmitir ao Semeador o fruto da conversa entre os Professores. O Professor João deu continuidade ao seu discurso no afã de interpretar o raciocínio do **Professor Devlin**, dizendo: relatarei – com minhas palavras e resumidamente o que ele chamou de “O Estranho caso de Emilly”.

Emilly estudava Matemática por volta de 1960 na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Seus pais, médicos e outros amigos não temiam pelo futuro de Emilly, eis que sua “capacidade matemática” era comprovada: mesmo ainda cursando o 2º ano da faculdade de Matemática, fora indicada para iniciar um **mestrado**. Quando estava cursando o 3º ano, Emilly sumiu sem deixar nenhum comunicado aos pais ou às amigas; cinco anos se passaram sem notícias suas. Assim como sumiu, Emilly, de repente, “chegou simplesmente na sua antiga casa, encheu um copo de leite, fez um sanduíche, ligou a televisão e sentou-se para esperar que seus pais voltassem do trabalho”. Parecia feliz e não aparentava qualquer sinal de violência ou constrangimento. Para ela, tudo continuava na mais perfeita normalidade, a sua própria ausência do mundo não ocorrera. Em consequência, não se dava conta de que Kennedy havia sido assassinado, e, na sua memória, os Beatles não existiam – estava certa de que ainda estava em 1962, ano em que desapareceu. Algumas curiosidades aconteceram nos seis meses de sua reintegração, e Emilly teve de tomar ciência daquilo que “faltava em sua vida”, o que podia ser listado como:

1. Ajudar seus antigos mestres na solução de “problemas não resolvidos de matemática”.
2. Descobrir dois fatos importantes que mudaram sua vida.
 - Havia perdido – para ela – parte de sua competência ou “capacidade” matemática; não entendia o significado das provas, e, mesmo tendo o domínio dos conteúdos exigidos aos alunos, “era como se não entendesse o que era uma prova”.



- O segundo fato ocorreu em um de seus “*flashbacks* mentais”, provenientes de suas reflexões para lembrar-se e recuperar o que ela chamava de “anos perdidos”.
 - O lugar onde esteve “era frio, com neve por toda parte, e um céu de prata brilhante”;
 - Parecendo ter impressões premonitórias, narrou algo intrigante acerca de dois amigos do mundo onde estava. Janet e Eric formavam um casal apaixonado, mas, posteriormente, casaram-se com Paul. Segundo Emilly, “casamentos a três eram aparentemente uma coisa normal no outro mundo”.

Aos interessados na história de Emilly, sugerimos a leitura do Capítulo 5, p.133-167, do livro do Professor Keith Devlin. O foco dos nossos interesses na história refere-se ao que o **Dr. Devlin** definiu como os “*quatro níveis de abstração*”:

1. Abstração de nível 1 – Não há realmente nenhuma abstração. Os objetos sobre os quais pensamos são todos reais e acessíveis à percepção no ambiente imediato [...].
2. Abstração de nível 2 – Diz respeito aos objetos reais e familiares a quem pensa, mas que não são acessíveis à percepção no ambiente imediato [...].
3. Abstração de nível 3 – Embora os objetos sejam imaginários, eles podem ser descritos em termos de objetos reais – por exemplo, nós podemos descrever um unicórnio como um cavalo com um único chifre na testa [...], a capacidade de pensar no nível de abstração 3 é, para todos os propósitos e objetivos, equivalente a ter uma linguagem.
4. Abstração de nível 4 – Temos, enfim, o pensamento matemático. Os objetos matemáticos são inteiramente abstratos; eles não têm ligação simples ou direta com o mundo real, ou que não seja abstraída do mundo no sentido exemplificado pelos grupos discutidos no final do capítulo 4.

O que ele cita como discutido no final do capítulo 4 é a defesa da essencialidade de sua definição, ou seja, *Matemática é a classificação e o estudo de todos os padrões possíveis*. Para ele, existiram dois processos na



evolução: o inicial, em que o cérebro teve de se adaptar às condições do meio ambiente buscando a sobrevivência, e posteriormente a obtenção de novas formas de pensamento em níveis de abstração. Assim foi que o *homo sapiens sapiens* desenvolveu o pensamento matemático.

Na escola, no processo de ensino e aprendizagem de Matemática, todos os alunos já têm, de forma inata, condições para aprender Matemática, no entanto poucos serão **matemáticos**. Segundo o **Professor Devlin**:

O segredo para conseguir pensar matematicamente é fazer com que essa capacidade de “simular a realidade” avance um pouco mais, entrando num campo puramente simbólico – abstração de nível 4. Os matemáticos aprendem a viver dentro de um mundo puramente simbólico e a raciocinar sobre ele. [...] Para mim, “aprender” coisas novas em matemática é como construir uma casa mental na minha mente; “compreender” coisas novas em matemática é como se familiarizar com o interior da minha casa mental; e “resolver um problema matemático” é como arrumar os móveis. “Pensar” em matemática é como morar na casa.

Ele coloca-nos em uma situação – capítulo 5 – que pessoalmente concordo. No entanto pode não ser uma unanimidade, quando afirma que a *solução de um problema* ou a *demonstração de um teorema* não são criadas e, em suas palavras, “*estão por aí*” à espera de que alguém as encontre. Isto significa que, por exemplo, nós não conheceríamos Hamlet se simplesmente Shakespeare não tivesse nascido. A conclusão desse raciocínio diz-nos que somente existe “[...] *um único mundo matemático [...] a matemática é determinada tanto pelo mundo em torno de nós quanto pela estrutura de nosso cérebro*”.

Neste momento, senhores, estamos gratificados com a prestimosa atenção que nosso assistente Átila dedicou à narrativa. E, dirigindo-se ao outro Professor, afirmou:

– É, Luis, daqui em diante, Átila deverá ser considerado nosso “*assistente*” e tenho certeza de que ele compreendeu quase tudo o que dissemos. Bem, vamos parar um pouco para ouvir o que o meu colega tem a dizer sobre os temas abordados pelo Dr. Devlin.

O Professor Luis confirmou que “sim” com a cabeça – Átila, agora assistente por conta de sua perceptível inteligência, não sabia como



conter-se diante da importância que estava sendo dada a ele; fora nomeado assistente! Não parava de imaginar a quantidade de assuntos que poderia conversar com o Semeador!

Ficou então de pé e iniciou a sua fala.

– Queridos amigos, não tenho bastante afinidade com a Matemática, nossos estudos e interesses relacionam-se mais com a Filosofia e Psicologia, além das Ciências da Natureza, ou seja, Física, Química e Biologia. Vamos começar discutindo dois temas que me chamaram bastante atenção. Primeiro, alguns aspectos do *Estranho caso de Emilly*, para, em seguida, aprofundarmo-nos um pouco mais a *definição de Matemática como a “ciência dos padrões”*.

O Professor fez uma pausa e levantou hipóteses sobre o caso Emilly... Segundo o relato do Dr. Devlin, Emilly, ao retornar, entrou em sua casa – isso depois de decorridos cinco anos –, fez um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia, serviu-se de um copo de leite, ligou a televisão e sentou-se no sofá para esperar seus pais retornarem do trabalho. Fez tudo isso como se nada tivesse acontecido, ou seja, como se não tivesse sumido por cinco anos. Será que podemos concluir que Emilly fez tudo de forma *inconsciente*?

Se assim foi, ela utilizou 95% das possibilidades do seu cérebro, agindo sem pensar, de modo provavelmente irracional. Portanto, não planejou a viagem, e ninguém da cidade para onde se dirigiu a conhecia. Isso seria psicologicamente admissível? Essa hipótese implicaria na necessidade de ela ter entrado em contato com alguém, que tinha poder de decisão, em uma instituição de ensino onde seus mestres – da Universidade – mantinham relações com os seus pares. Teríamos, no entanto, que pesquisar junto a especialistas e estudiosos da “*consciência*”: quais são os limites entre o “consciente e inconsciente”? Diante da atitude adotada por Emilly, caberia colocar a seguinte questão: *uma pessoa equilibrada emocionalmente, poderia, alternadamente, praticar atos conscientes e inconscientes?*

É possível que as duas hipóteses sejam verdadeiras. Existem momentos em que podemos afirmar que as atitudes de Emilly são perfeitamente conscientes, pois ela teve que deliberar e decidir, julgando fatos – ou



sobre suas próprias atitudes – e também discernindo e decidindo sobre pessoas e coisas. Ao contrário, registra-se que o *inconsciente* se move por meio de nossas emoções. Ou seja, quando fazemos algo sem pensar, estamos imbuídos de “motivações ocultas” – gravadas em nosso inconsciente. Quando determinado acontecimento não nos agrada, nós o rejeitamos – inconscientemente –; fomos motivados a adotar os fatos que nos chegam ao cérebro como agradáveis e que nosso pensamento nos incita a aceitá-los porque nos dão prazer.

Temos ainda mais uma consideração a fazer. Será que Emilly estava alienada durante os cinco anos que passou ausente? Mas o que significa realmente alienação? Geralmente dizemos que uma pessoa está alienada quando, por alguma razão, perdeu o equilíbrio emocional.

Além disso, quando compramos uma casa ou um automóvel financiados pelo banco – ou financiados apenas em parte –, nós perdemos o direito de posse sobre eles porque cedemos esse direito ao banco. Eles ficarão *alienados* enquanto o valor que o banco financiou não for integralmente pago. Assim, definimos *alienação como transferência de bens e coisas, e também alguns tipos de transtornos mentais*.

Finalmente, devemos ainda levar em conta uma consideração do **Dr. Devlin** ao registrar o fato de que *Emilly, de brilhante aluna de graduação em Matemática, transformou-se em uma matemática pesquisadora de categoria internacional. Para muitos que não acreditaram na história de Emilly, tudo não passava de “delírios de uma esquizofrênica”. Será?!*

Para encerrar, podemos admitir uma outra hipótese: as atitudes de Emilly foram – a maioria delas – tomadas de forma alienada, até que, em um determinado momento, recobrou a consciência e retornou para casa. Será que ela, em seus momentos de consciência e inconsciência, durante os cinco anos que desapareceu, esteve totalmente alienada? Isso seria possível? Devemos, nesse instante, assumir uma posição de bom senso e realizar mais pesquisas sobre a temática para melhor embasar nosso conhecimento sobre o que discutimos até agora.

O Professor João Paulo levantou-se, iniciando a sua intervenção.

– Meu caro Luis, foi excelente a sua participação e reconheço a necessidade de aprofundarmos mais um pouco os complexos assuntos que o **Dr. Keith Devlin** explicita em seu livro. É uma pena que você



já tenha que ir embora amanhã. Mas, na perspectiva de que tenhamos outros encontros com o objetivo de continuarmos a discutir o livro do Professor e matemático americano, proponho que, no resto desta tarde, dediquemo-nos a outro assunto já citado em linhas passadas.

De modo surpreendente, o Professor Luis voltou a pedir a palavra e dirigiu-se ao seu colega e aos demais presentes.

– Meu caro amigo, estou lhe interrompendo porque o fato que vou comunicar somente pretendia fazê-lo quando do meu próximo retorno. No entanto, não quero deixá-lo na expectativa sobre o que realmente aconteceu com Emilly em seus cinco anos de ausência, não que os assuntos trazidos à baila não mereçam mais aprofundamento, mas para evitar que se sinta ludibriado. Vamos então verificar o que diz o **Dr. Devlin** na página 141 do seu livro:

[...] Se você é matemático, teve uma reação secundária bem diferente ante as descrições de Emilly. Quase certamente você viu ali uma história muito interessante. Muito bem, é hora de abrir o jogo: a história de Emilly foi inventada. Eu simplesmente a inventei. Mas fiz isso com intenção de atingir alguns objetivos, de modo que espero que você me perdoe [...].

– Assim, amigo João Paulo, peço que inclua em suas reflexões a revelação do **Dr. Devlin**. Você acabará concluindo, se decidir ler o livro em sua totalidade, que a história de Emilly levanta temas próprios para uma discussão científica, e a forma como são descritos representam uma inteligente estratégia para os objetivos do autor. Esperando não ter me estendido em demasia, encerro aqui a minha intervenção.

– Bem, Luis, jamais poderia me sentir ludibriado por você, sei que não é capaz disso. Mas eu já estava planejando contar a história de Emilly a pelo menos dois Professores interessados em temas dessa natureza, e solicitar seus pareceres. Vamos pensar mais um pouco, considerando a revelação do **Dr. Devlin** que você nos trouxe.

– Acrescente-se que o “único mundo matemático” não é estático com relação ao seu conteúdo. Infere-se então que, à época do “Big-Bang”, seu conteúdo se restringia a tudo que, matematicamente, pudesse explicar as leis e os conceitos do momento. Com o passar do tempo, as



transformações vieram a ocorrer nos “universos e suas respectivas galáxias”. Evidentemente, e de acordo com nosso raciocínio, novas leis e conceitos foram – devido a outras necessidades matemáticas – criados juntando-se aos já existentes. Desse modo, o “único mundo matemático” está em constante evolução, tudo depende de ocorrências idênticas nos “universos e galáxias”.

– Estamos agora em condições de afirmar que a Matemática existente e que conhecemos, como afirma o Dr. Devlin, “é determinada tanto pelo mundo em torno de nós quanto pela estrutura de nosso cérebro”. Dessa forma, a conclusão é que existe um único “mundo matemático” para todos os cérebros, mas a Matemática que determinado cérebro consegue adquirir não é a mesma que os demais conseguem fazê-lo. Podemos então afirmar que a Matemática que a mente de um indivíduo apreendeu é diferente daquela apreendida por outros. Como afirma o Dr. Devlin, “[...] presumivelmente, cada um de nós cria o seu próprio mundo matemático dentro da cabeça”. Nesse instante, o seu colega pediu a palavra.

– A sua conclusão pode ser admitida forçosamente porque alguns canais de televisão, como o *The History Channel do Brasil*, exibem programas onde cientistas, entre eles matemáticos e físicos, são entrevistados. Nessas oportunidades, temáticas como “[...] *o multiuniverso, conhecimento intergalático e universal, como também cooperação científica*” são tratados. A sua afirmação é que “é forçoso aceitar que um único mundo matemático existe desde o big-Bang, assim como todos os universos, com suas respectivas dimensões”.

O Professor Luis prossegue dizendo que o conteúdo matemático do *mundo matemático* que conhecemos evoluiu, como já vimos, ao longo dos anos e milênios. As civilizações mais antigas e que contribuíram para esse desenvolvimento foram as Mesopotâmica, Egípcia e Grega. A Matemática é definida por alguns especialistas como a ciência dos padrões ou das regularidades. A identificação dos povos do passado – principalmente entre números, espaço e as outras ciências – procura, nas relações com eles, descobrir teorias que comporão o *mundo matemático*. Esse conhecimento socializa-se estendendo-se às outras áreas científicas – principalmente como *ferramenta* – na Engenharia, Medicina, Física, Química, Biologia e também nas Ciências Sociais.



ÁTILA REENCONTRA COM O SEMEADOR: O FLORESCER DE UMA FORTE AMIZADE

Átila foi bastante afável com o Professor João Paulo na hora de sua saída. Lambeu-lhe pés e pernas, latindo alegre e efusivamente para demonstrar sua satisfação em tê-lo conhecido. Em resposta, recebeu do mestre gostosos afagos na cabeça. Minutos se passaram e Átila lembrou-se do Semeador, da necessidade de cientificá-lo de, pelo menos, parte do que testemunhou e compreendeu, e principalmente sobre os assuntos que teve mais dificuldade, ou os outros que não entendeu mesmo.

Aproveitou a oportunidade dada pelo Professor Luis ao entrar para o interior da casa e ocupar-se com algum afazer. Rumou e chegou rapidamente à beira da praia, passando a caminhar de modo moderado, olhando para o lado direito na expectativa de localizar o Semeador desse lado ou voando à meia altura.

Já havia andado o suficiente para avistar o seu mestre e com quem podia conversar. O que teria acontecido? Há dois dias o tinha deixado com saúde e naquelas redondezas. Ele não falou de alguma viagem programada para aqueles dias. Resolveu esperar para ainda, até o final da tarde, conseguir o seu intento.

De repente, procurando um ângulo de visão mais panorâmico ou uma altura do “chão” maior, ele viu uma ave com as características do Semeador voando mais alto do que costumava fazer. Átila correu para a praia, latindo e pulando desesperadamente. Olhava para cima e latia insistentemente. Viu que seus propósitos foram alcançados: o Semeador estava voltando para a terra.

Dirigindo-se para uma pequena duna, Átila foi esperar o Semeador, que não demorou muito a chegar. Átila foi o que iniciou a conversa:

– Eu já estava preocupado pensando que você tinha adoecido ou viajado.

– Nada disso. Nenhum desses fatos estão nos meus planos. Eu estava observando a pescaria daquele barco maior, principalmente para verificar se, ao final da tarde, sobraria algo para mim. Mas e você? Qual a razão do seu desaparecimento por dois dias?

– Ah! Mestre, você não vai acreditar. É que os donos da casa onde moro receberam uma visita que não estava planejada. O visitante cha-



ma-se Professor Luis, cujo objetivo era trocar ideias com o meu “patrão”, que também é Professor, sobre um livro que tinha como título *O gene da matemática*, e seu autor era um Doutor chamado **Keith Devlin** – não sei se falei certo o nome do Doutor, e também não sei o que é “gene”.

– Bem, Átila, falar certo ou errado o nome do autor do livro não importa. Isso porque nós nos entendemos no idioma *português*, e eu não vejo, em um futuro imediato, a necessidade do domínio de outra *língua*, apesar de que algumas vezes nos deparamos com alguns *gringos simpáticos*. Quanto à palavra “gene”, somente dizer a você o significado não resolveria o seu problema “de busca de esclarecimento”. De qualquer forma, vou defini-la formalmente e, em seguida, darei as informações complementares.

O mestre continuou então a sua fala.

– Dizemos que *gene* é cada um dos elementos do conjunto hereditário de cada indivíduo e que está contido no cromossomo, determinando as suas características únicas e individuais. Você já deve ter ouvido falar em “código genético”, pois bem, ele é representado por um conjunto de *genes*, os quais são responsáveis por estabelecer nossas características pessoais, inclusive, as emocionais. A célula é o nosso menor componente – somente visualizada por meio de um instrumento chamado microscópio – e está presente em todos os órgãos de nosso corpo. Muitos organismos, como as bactérias, constituem-se de uma célula, por isso são chamados de unicelulares. Os seres humanos são pluricelulares porque abrigam em seus corpos cerca de 10 trilhões de células.

E continuou:

– Existem ainda os *vírus*, que, para se reproduzirem, precisam de uma célula hospedeira, e eles propriamente não têm células. Por isso, alguns cientistas e especialistas em Biologia acreditam que não podem ser chamados de “*organismos vivos*”. Os que discordam dessa ideia têm como argumento fundamental o fato de que os vírus desenvolveram a capacidade de se reproduzir, e, portanto, devem ser definidos como *organismos vivos*. Observe, ainda, que cada célula se constitui de *membrana, citoplasma e núcleo*. Para finalizar, dizemos que o *citoplasma é a célula que contém o núcleo*; e, por último, *o cromossomo é um dos elementos do núcleo das células*



que abriga o código genético. Resumindo, os genes estão contidos no cromossomo, que é um dos elementos do núcleo das células. Entendeu tudo, caro discípulo? – perguntou o Semeador para dar a vez de falar a Átila.

– Mestre, tenha pena de mim – lamentou-se Átila, choramingando – Eu ainda não lhe contei o que foi relatado nas duas reuniões das quais eu participei integralmente, do começo ao fim, e você já vem me trazendo diversas palavras novas, as quais certamente terei de aprender para poder utilizá-las com compreensão em nossas reflexões. Ou seja, eu preciso não só aprender o significado dessas palavras isoladamente, mas saber da necessidade daquilo que elas representam na vida prática. Por exemplo, sairei daqui sabendo o significado de *gene* e de *célula* e o que elas representam – a sua especialidade ou especialização – em nosso corpo na vida diária ou em toda a vida. Vamos então à reunião que mantive com os Professores: é provável, diante do tempo que dispomos, que somente seja possível apresentar parte do que foi tratado no primeiro dia.

O discípulo seguiu em frente demonstrando, em seu semblante, contentamento e preocupação, talvez pelo modo de transmissão do conteúdo que iria relatar. Era preciso despertar a curiosidade do mestre para obter dele o máximo de sua sabedoria no entendimento das temáticas mais complexas. Átila começou então a contar como foi a visita.

– Mestre, para o restante desta tarde, verei se o tempo vai dar para que eu possa transmitir-lhe o que, de acordo com o Professor João Paulo, está na página 133 do livro, no capítulo 5, *Os matemáticos têm cérebros diferentes?* Tal assunto foi denominado “*O estranho caso de Emilly*”.

Observava-se, à distância, que Átila estava agitado, e quem o visse não teria dúvida de que ocorria uma troca de ideias entre ele e o Semeador. Os seus gestos davam a entender que o diálogo estava prendendo a atenção do seu ouvinte. Soltava grunhidos que pareciam muxoxos de contentamento quando o ouvinte parecia intervir ou, em outras oportunidades, quando parecia assentir com o que afirmara. De vez em quando, latia de forma moderada, denotando aceitar de alguma forma a intervenção procedida pelo Semeador, que, vez por outra, estirava e sacudia as grandes asas, saindo do chão em pequenos voos de mais ou menos um metro. O final da tarde chegou sem que eles dessem conta



disso. Estava na hora de terminar o encontro. As discussões ficaram para, se possível, a manhã do dia seguinte.

Átila despediu-se do urubu-rei, que, por sua vez, espreitava a praia muito provavelmente na expectativa de localizar o seu jantar. O discípulo, na sua “marcha” para casa, demonstrava preocupação.

– Será que meu mestre aceitou ou compreendeu, de fato, todo o meu relato? E sobre “*O estranho caso de Emilly?*”, será que fiz bem em não contar tudo? Toda a história fora inventada pelo Dr. Devlin? – Pensava ele durante o caminho.

Átila chegou e se deparou com algo que não era costumeiro. O Professor Luis, sentado em uma cadeira, na área livre da frente da casa, também chamada de terraço. Nesse horário, era seu costume diário já estar envolvido com as atividades do jantar. Sentiu que ele estava à sua espera: alguma bronca, sem dúvidas, estava à vista.

– Finalmente você chegou! – Manifestou-se o Professor Luis, em um misto de apreensão e repreensão – Estavas na praia junto a alguns amigos com que costumavas dividir o tempo disponível? Será que existe alguma amiguinha, em particular, de quem a saudade de dois dias sem vê-la te afetou bastante?

Átila não tinha ideia de como reagir, pois tinha certeza de que ele estava ocultando o seu objetivo principal. Então, instintivamente, deu alguns latidos à guisa de desculpas pela saída, e aproximou-se. Entre os afagos recebidos, o Professor fazia-lhe perguntas acerca da visita do Professor João Paulo, sobre o que foi discutido na reunião, e se ele havia compreendido alguma coisa dos assuntos tratados.

– Como lhe responder? – Pensou Átila – Como traduzir seus grunhidos, latidos e gestos com as patas e cabeça para uma forma de linguagem inteligível? – Eles, os latidos, grunhidos e outros apelos, seriam suficientes para tal? Eram os recursos de que dispunha; como dar significado a eles? Será que seu mestre, o Semeador, teria alguma ideia brilhante que iluminasse o caminho para a busca de uma solução para essa sua dificuldade? E se ele trouxesse o Semeador para um encontro “de troca



de ideias” na parte livre do terreno da casa? Iria discutir essa possibilidade com o mestre.

No dia seguinte, antes das sete horas, postou-se à espera do Professor Luis no terraço, lugar costumeiro dele àquela hora. Ficou pensando em uma forma de comunicação – latidos e gestos – que fosse entendida como “um pedido para sair”. De repente, ouviu alguém chamar no portão. Aproximou-se para verificar quem era, deu alguns latidos, e quando estava perto viu que era o “peixeiro” que sempre supria a casa de peixes. Alegrou-se, pois parecia que sua sorte mudara; saiu correndo para avisar, e, na porta de entrada da casa, começou a latir de forma branda, alertando que havia alguém esperando.

Ouviu então o Professor Luis respondendo alto: “já vai, já vai...”, “aguarde que já estou indo”. Voltou a aproximar-se do portão para indicar que alguém já vinha atender, e ficou sentado a esperar. O Professor Luis logo chegou, fez-lhe alguns carinhos e foi conversar com o peixeiro. O portão foi aberto para a vistoria e negociação do pescado, composto realmente por unidades frescas de bom tamanho, e, conforme os consumidores que apreciavam aquele tipo de iguaria, tida como de boa qualidade. Átila observava tudo à meia distância, imaginando como seria, após o negócio realizado, sua investida para ser liberado.

O peixeiro cedeu às reivindicações do Professor Luis para diminuir o preço total de todos os peixes que estava disposto a comprar, e então o negócio foi fechado. O Professor dirigiu-se ao peixeiro, informando-lhe:

– Aguarde-me um pouco que eu vou levar os peixes para tratarmos logo os que vão ser utilizados no almoço, e também trazer o seu pagamento – Dirigiu-se para dentro de casa, e Átila o acompanhou dando pequenos latidos e balançando o rabo.

– Como é, assistente? Fiz uma boa compra? – Átila respondeu que sim, como imaginava que ele entenderia: ergueu as orelhas, deu alguns pequenos latidos, tudo isso acompanhado de um balançar do rabo. O Professor sorriu, parecendo satisfeito com o que ele entendeu como *uma resposta afirmativa*. Entrou, demorando-se uns dois minutos.

De volta, Átila o estava esperando, seguindo-o novamente até o portão onde o vendedor estava aguardando. O Professor Luis deu-lhe cem



reais e recebeu vinte de troco, já que a sua compra orçou em oitenta reais. O peixeiro arrumou o restante dos peixes em um saco apropriado confeccionado de palha e partiu. Átila aproximou-se do Professor e, em uma leve mordida, segurou e puxou uma das pernas de sua calça; elevou seu corpo, ficando de pé com as patas dianteiras à altura de sua cintura. Completando sua gesticulação, deu alguns pequenos latidos, ao mesmo tempo em que balançava o rabo freneticamente, esticava e encolhia as orelhas, olhando fixamente para o Professor, o qual demonstrava ter entendido toda aquela agitação, dizendo:

– Átila, que sanha é essa? Será que sua amiguinha está a lhe esperar?
– Era a oportunidade desejada. O Professor havia entendido que toda a sua gesticulação traduzia um pedido de liberação para se deslocar até a praia. Repetiu, então, toda a sua encenação anterior, andando rapidamente para a frente, à direção da praia, uns cinco passos, parando para olhar diretamente para o Professor, balançando o rabo, erguendo e baixando as orelhas, finalizando com alguns latidos.

O Professor Luis dirigiu-se a Átila e afirmou: – Átila, eu não vou frustrar você, seus amigos nem sua namoradinha. Você pode dar seu passeio na praia, mas volte antes do final da tarde – O Professor fez um gesto de “positivo” com o dedo polegar da mão direita, e com o indicador da mesma mão apontou em direção à praia. Átila tornou a ficar de pé junto ao Professor, colocando suas patas dianteiras à altura da cintura dele. Latindo brandamente com nuances de agradecimento, dirigiu-se para onde estava pretendendo, ou seja, a praia e encontrar-se com o Semeador.

Assim o fez. E quando estava distante da casa, vendo que o Professor já entrara, aligeirou as passadas, a exemplo do trotar equino, rumando para a parte espaiada da maré, na tentativa de localizar o Semeador. Um pouco distante, mas no mesmo local onde conversaram no dia anterior, o identificou. Parecia estático, dando a impressão de que estava aguardando alguém. Átila ficou bastante alegre e tornou o seu “trotar” mais intensivo. Em menos de dez minutos chegou em seu destino. Dirigiu-se logo ao Semeador:

– Mestre, sei que demorei um pouco, mas antes que você comece a se expressar sobre os assuntos que eu lhe transmiti, desejo lhe consultar



sobre duas coisas para as quais despertei ontem ao chegar em casa. Para surpresa minha, o Professor Luis estava a me esperar, e notava-se, em seu semblante, dois sentimentos: preocupação e desejo de repreensão, ambos em consequência da demora do meu retorno. Utilizei então de todos os recursos que, na minha visão, disponho, no sentido de lhe oferecer uma justificativa: dei alguns latidos, olhando fixamente em seus olhos, tudo isso entrecortado pelas seguintes gesticulações: baixar e levantar as orelhas, dar pulinhos para cima, agarrar com os dentes as pernas de sua calça, balançar alegremente o rabo e outros gestos mais simples e menos significativos que não me lembro no momento.

Átila continuou na tentativa de formular as duas questões para as quais buscava esclarecimentos: “Mestre *Semeador*, o que desejo é encontrar um caminho que me leve a uma efetiva comunicação com o Professor Luis. Será que a forma que utilizei é única? O senhor aconselhar-me-ia procedimentos adicionais? Quero esclarecer-lhe que, embora ao final ele tenha compreendido a minha proposta, o meu esforço teve que ser muito grande, deixando-me à beira da desistência. A segunda questão que lhe consulto é sobre uma possível visita sua onde moro. Lá poderíamos reunir-nos na parte do terreno que está nos fundos da casa, capinado recentemente, portanto bastante limpo”.

– Bem, vou esclarecer-lhe alguma coisa sobre comunicação e linguagem. Os seres humanos comunicam-se utilizando a linguagem falada e/ou escrita, as quais são originárias das diversas combinações que conseguem fazer – sinais com outros sinais para formar expressões ou frases. Nós, os animais, de acordo com a espécie considerada, também desenvolvemos um sistema de sinais. Por exemplo, latidos, cantos, trinados ou gorjeios, mugidos e outros. A diferença entre a linguagem humana e a dos animais é que nós não conseguimos organizar os sinais na formação de um vocabulário, e tampouco relacioná-los para a formação de frases. Para finalizar, é importante registrar que alguns insetos de uma mesma espécie comunicam-se pela utilização dos feromônios – substância química que os animais, inclusive o homem, conseguem excretar –, emitindo sinais com o objetivo de alerta, demarcação de território, acasalamento e outros. Por exemplo, a abelha, ao localizar uma planta que lhe seja favorável à extração do pólen, locupleta-se, e

depois retorna ao seu apiário para comunicar a existência e distância da fonte. Para esse procedimento, utiliza-se dos feromônios, realizando uma *dança* em forma de oito. Em uma outra oportunidade, aprofundaremos mais nosso conhecimento acerca da linguagem humana e aquelas que os animais conseguiram desenvolver.

– Por enquanto, sugiro que você busque aprimorar gestos acompanhados de latidos, já utilizados ontem no seu entendimento com o Professor Luis. Com relação a uma possível visita em sua casa, devo dizer que sou simpático à ideia. No entanto, alguns cuidados devem ser observados, como a existência de baladeiras usadas para espantar ou exterminar *casacos* ou aves de rapina como o *gavião*, os quais se alimentam de pássaros, ovos e pintinhos, principalmente, os recém-nascidos. Avise-me quando tudo estiver favorável e combinaremos a data de minha ida.

O SEMEADOR VISITA O SÍTIO E CONHECE, ENTRE OUTRAS COISAS, O ESTRANHO CASO DE EMILLY

Avalia-se o assunto como de difícil aceitação. Veja que tudo aconteceu durante o período da década de 1960, quando Emily cursava o segundo ano da graduação, sendo enviada por seus Professores, por conta de sua excepcional capacidade matemática, para cursar o mestrado. A época de seu desaparecimento deu-se quando ainda estava no terceiro ano de Matemática, e, possivelmente, quase um ano do mestrado. Ela somente veio reaparecer cinco anos após ter saído de casa. Enquanto as suas atitudes anteriores se mostrassem estranhas e improváveis, quando voltou, não demonstrou qualquer sinal de desequilíbrio emocional ou alienação. Sua preocupação era “ficar em dia” com o que ocorreu em sua ausência, recuperando os anos que passou fora, ou os “anos perdidos”, como ela acentuava.

– Para prosseguir, caríssimo discípulo, devo fazer menção a um conhecido que, vez por outra, me visita, e é nessas ocasiões que me atualizo. A família dele sempre buscou a melhoria e o aprofundamento dos conhecimentos, pesquisando junto aos humanos que lhes permitiam acesso, e também observando as mudanças e evoluções ocorridas na própria natureza. Este que me dá o prazer de sua presença, de “quando em quando” interessa-se pela Matemática e outras ciências naturais.



– Ele me ensinou que a Matemática é básica – ou uma linguagem que fundamenta as demais ciências. O Professor João Paulo, citando o Doutor Devlin, diz que a solução de um problema ou a demonstração de um teorema não são criadas, e, em suas palavras, “estão por aí” à espera de que alguém as encontre. Isto significa que, por exemplo, nós não conheceríamos Hamlet – peça de teatro escrita por Shakespeare – se, simplesmente, Shakespeare não tivesse nascido. Acrescenta a esse raciocínio, estendendo-o à Matemática, o que não podemos fazer para algumas das outras Ciências, por exemplo, as Ciências Sociais. A ampliação do raciocínio nos remeteria para o fato de que “[...] só há um único mundo matemático [...] ele e sua estrutura são determinados pela estrutura geral do cérebro humano, e, portanto, é a mesma para todos os cérebros”. Podemos perceber que o raciocínio desenvolvido dessa forma obriga-nos a questionar se a Matemática é uma prerrogativa do ser humano, portanto, do planeta Terra. Não seria mais razoável pensá-la como universal e produto da evolução galáctica e/ou intergaláctica? Átila não se conteve e interferiu:

– Mas isso seria possível? – Átila parecia embaraçado, sem compreender suficientemente o que seu mestre explicitava. Para isso, a universalidade da Matemática, não seria necessário o domínio da linguagem alienígena? E se eles forem mais evoluídos que os humanos, quais interesses despertariam para eles a troca de ideias e os conhecimentos com a raça humana?

– Bem, meu caro discípulo, primeiramente devo lhe dizer que, muito em breve, com o desenvolvimento da ciência computacional, ocorrerá, presume-se, uma verdadeira revolução nas comunicações entre as espécies e o *homo sapiens sapiens*. Relativamente à visita de seres alienígenas, a comunicação deles com os homens, como estudiosos e cientistas do assunto afirmam – a não ser que alguns já estejam vivendo entre nós ou conosco –, não acontecerá com a utilização dos recursos atualmente desenvolvidos aqui na Terra. Certamente, eles terão inventado uma linguagem universal, acessível a todos os habitantes dos universos e galáxias.

– Eu, particularmente, não faço a menor ideia de quem nos visitou na Antiguidade, quem está prestes a nos visitar, ou se já existem alienígenas originários de exoplanetas – outros planetas que têm a forma circular como trajeto ou órbita, e giram em torno de uma estrela diferente do sol, com condições iguais às da Terra – vivendo entre nós.

– Eu fico preocupado pensando nesse futuro que você anuncia – Átila



tinha outras dúvidas decorrentes da reunião recente que tivera com os Professores. Refletia sobre a possibilidade de os dois Professores decidirem acrescentar às discussões o tema dos alienígenas, o que implicaria o desvio dos outros assuntos que vinham tratando. Esperou, então, a retomada das explicações de seu mestre, que não se fez de rogado.

– Vamos prosseguir, depois voltaremos a esse interessante e importante assunto. Acredito que o Dr. Devlin coloca, deliberadamente, uma premonição social quando cita que, no local onde Emilly estivera, ele inventou – como o resto da história – uma relação interpessoal entre Janet, Eric e Paul.

– Veja, Átila, que atualmente os pais mais idosos e defensores de comportamentos tradicionais rejeitam o modo como seus filhos, nesse sentido, se desempenham. Espantam-se ao ter de encarar o modelo sexual que eles desejam assumir – devido às pressões sociais e familiares –, principalmente “o ficar” adotado pela maioria dos mais jovens. Esse modo de se comportar não pode ter ocorrido de uma maneira abrupta. Muito provavelmente ele foi se construindo ao longo dos anos. A extinção do “namoro” – assumido atualmente por muitos jovens – certamente ocorreu de forma paulatina e vem sendo substituído por um modelo mais libertino em que a parceira é assediada pelo homem na tentativa de obter vantagens sexuais diferenciadas e descompromissadas. É isso o que assusta os pais tendentes ao tradicionalismo.

Átila interrompeu, demonstrando preocupação – Isto me parece muito estranho. Por que é tão trabalhoso formar um casal entre os homens? Os animais, na formação de uma família, são mais evoluídos?

– Observe que, com a história de Emilly, o Dr. Devlin criou uma situação que nos remete a uma premonição social dos fatos – muitos deles inusitados – que as mudanças na sociedade estão nos mostrando. Tal constatação pode ser inferida pela “invenção” da situação em que Janet e Eric eram casados legalmente e apaixonados um pelo outro. Posteriormente, vieram a casar-se, novamente, com um outro rapaz de nome Paul. No mundo em que Emilly viveu por cinco anos, esse tipo de união ou relacionamento era comum, normal e legal; existiam leis apropriadas para regulamentar situações dessa natureza e conhecidas como “casamento a três”. Entre os humanos, isso ainda não é legalmente



possível, no entanto, já legalizamos o casamento entre indivíduos do mesmo sexo, ou casamento gay.

O Semeador respirou um pouco e continuou a sua argumentação – Eu estou muito propenso a admitir que estamos vislumbrando apenas a ponta do iceberg. Estão por vir transformações no substrato social que não podem ter, nas Ciências Sociais, uma definição matemática para representá-las. A formação das famílias humanas tem que ser pensada com um olhar voltado para a realidade atual. As mulheres, que outrora se dedicavam ao gerenciamento da casa e tinham como especialização “*as prendas do lar*”, na sociedade atual buscam uma atividade, um emprego fora de casa, principalmente, para custear, junto com o marido, as despesas inerentes aos custos de alimentação, transporte, educação, manutenção da casa, salário dos funcionários – babás, empregadas domésticas, etc. – e outros.

O tempo já indicava que estava na hora de encerrar a conversa. O sol já se encaminhava para o poente e Átila lembrou-se da recomendação do Professor Luis para “não chegar tarde”. Ele entendia perfeitamente o que isso significava. Deu ciência ao Semeador, que respondeu:

– Não se preocupe, meu interessado discípulo, eu já ia chamar sua atenção para o “avançado” da hora. Pode ir, mas lembre-se de refletir sobre os assuntos que conseguimos discutir no dia de hoje. Átila dirigiu-se para a casa no seu “trotar” habitual.

Ao chegar em casa, notou que o portão estava fechado, mas, viu que o funcionário que trabalhava na limpeza do sítio e encarregado de outros afazeres estava cuidando de alguma coisa perto do portão. Latiu três ou quatro vezes, e ele reconheceu a sua presença, compreendendo a necessidade de abrir o portão. Assim o fez. Átila entrou e ficou à espera do Professor Luis, que não estava sentado na sua cadeira, fato que, àquela hora, acontecia diariamente.

ÁTILA ACOMPANHA O PROFESSOR LUIS À CIDADE: BRILHANTE, OVNIS E ALIENÍGENAS

Passaram-se uns dez minutos e o Professor Luis apareceu na porta principal, dirigindo-se a Átila, dizendo:



– Gostei de ver sua pontualidade, assistente. Hoje nós vamos ao centro, onde vou resolver algumas pendências. Enquanto eu cuido dessas coisas, você fica no bar da dona Antônia, que lhe acolhe muito bem. Lá, você poderá encontrar-se com alguns amigos do seu conhecimento. Átila agitou seu corpo, olhou fixamente com as orelhas erguidas nos olhos do Professor, e, balançando o rabo, deu alguns latidos. Gestos que, tinha certeza, ele já entendia como um “sim”.

O Professor foi retirar o carro da garagem para saírem. Eles seguiram para o centro da cidade e pararam em um local onde havia alguns bares, lanchonetes e peixarias. O bar da dona Antônia ficava na parte final, em frente à praia, à esquerda de onde os carros estacionavam, lugar onde também se localizavam outros restaurantes e bares. Então, por meio de gestos apropriados, utilizando as mãos, instruiu Átila a procurar o bar da sua conhecida e esperá-lo em seu interior ou nas imediações. Ele seguiu “ao pé da letra” as ordens recebidas, procurando localizar um outro cachorro chamado Brilhante – nome dado pelos pescadores –, com quem, sempre que ia ao bar da dona Antônia, costumava conversar assuntos comezinhos, e não do tipo mais complexo que, dessa vez, pretendia verificar o nível de seu entendimento.

Conseguiu avistar Brilhante à pouca distância do bar, olhando com admiração a chegada dos pescadores em suas jangadas. Átila foi até onde seu conhecido se encontrava e, no modo comum de comunicação entre eles, iniciou o seguinte diálogo.

– Como você está passando, Brilhante? Tem conversado com alguém interessante? Está tudo em ordem com a sua saúde?

Brilhante ficou bastante satisfeito com as lisonjeiras preocupações do amigo.

– Com os daqui, Átila, é o “feijão com arroz” de sempre – afirmou ele.

– O que, com insistência, todos demonstram interesse em conversar é sobre o assunto comida, onde e como consegui-la. Não é todo dia que eu disponho de um companheiro como você para tratar de temas mais interessantes. Com relação à minha saúde, não tenho nada do que me queixar. Nenhuma doença me aflige no momento. Vamos então, agora, falar sobre você. Quais novidades boas você tem no momento? O que você conta de bom?



– Bem, meu caro amigo, foi bom te encontrar sozinho, porque eu desejava mesmo discutir, em particular, um assunto contigo. Nesses últimos dias eu conheci um urubu-rei com quem, por impossível que possa parecer, tenho conseguido entender-me. De comum acordo com ele, chamei-o de o Semeador, considerando a sua ausência de maldade, como também por sempre dirigir suas ações para o semeio do bem.

– Desejo consultá-lo, Brilhante, acerca de duas questões que ficaram pendentes entre O Semeador e eu em nosso último encontro. Como você dorme aqui, na praia ou no bar, gostaria de saber se você avistou, passando nas imediações onde estavas, ou mais distante, ao longo do horizonte, uma grande luz ou claridade, que ora se mantinha parada, ora se deslocava de forma lenta ou rapidamente. A segunda questão é saber se, nas conversas entre os pescadores, quando você estava por perto, dando para ouvi-los, algum deles confirmou o avistamento da claridade de que falo. Faça um esforço, Brilhante, e veja se lembra de algo, pelo menos parecido, com o que eu discuti com o Semeador.

Fazendo gestos, latindo e balançando o rabo, Brilhante demonstrou um certo ar de descrédito, iniciando a sua resposta.

– Prezado companheiro, estou admirado porque é difícil acreditar que um urubu-rei possa “bater papo” – como falam os humanos –, com um da nossa espécie, e debater sobre luzes ou “claridades” que se deslocam ou ficam paradas, acima do nível do mar. Logo um urubu-rei!

– Para mim é preocupante tua demonstração de descrédito.

Interrompeu Átila com gestos de indignação.

– No entanto, logo que estivermos perto de esgotar nossos principais assuntos e as pendências que sempre se originam deles, combinarei com o Semeador uma conversa com você, na praia, lá em nosso local de encontro. Não se preocupe que ele saberá lhe ensinar, mostrar os “primeiros passos” para o seu entendimento com ele. Mas prossiga, fale-me sobre a claridade e os pescadores.

– Espero não o decepcionar, Átila, mas as luzes que eu comumente vejo se referem a helicópteros e aviões. Os aviões menores passam mais perto da superfície do mar, e muitos deles das casas também. Os grandes, passam alto e longe das casas, no entanto dá para identificá-los. Todos os exemplos que os mostrei são de aeronaves com rota própria e não



podem parar no espaço. Certamente, quando isso ocorre, aconteceu um acidente e o avião sem nenhuma dúvida, cairá.

– Com relação à conversa entre os pescadores, embora eu não os entenda com clareza, nenhum dos que estão aqui atualmente, como eu, avistou uma “claridade” diferente daquelas vindas dos aviões. Mas existe uma história que circula entre todos. Ela foi contada por um pescador que se arriscou e foi trabalhar – pescar – sozinho e à noite.

Brilhante continuou:

– O pescador solitário chegou à praia já com o amanhecer do dia, quando outros companheiros seus já se arrumavam para dirigir-se ao mar. Todos vieram a saber da sua ausência, informados por sua esposa que lá já estivera dando ciência a todos sobre a imprudência do marido.

– Ele começou a gritar antes de sua canoa parar: “Vocês viram o grande clarão provocado pelo OVNI?”. Repetiu a pergunta duas ou três vezes, para depois afirmar: “Eu vi, eu vi e também fui abduzido!”. Todos ficaram preocupados quando o pescador parou de gritar, haja vista que passou a murmurar frases desconexas. O que significava ser abduzido? Será que o fato de ter passado a noite no mar, sozinho, o transtornara a ponto de ter enlouquecido?

– Essa é a história que eu posso lhe contar, mas é bom salientar que nenhum dos pescadores que atualmente têm jangadas ou são pescadores por essas bandas presenciou a ocorrência que estou lhe narrando.

– Existem pessoas daqui, pescadores ou não, que contam fatos que parecem ser produzidos de sua pura e fértil imaginação. São coisas inventadas, podemos dizer. Falam até que pessoas de fora da cidade – de Fortaleza ou de outra cidade do Brasil – vieram até aqui conversar com o pescador solitário. Depois disso ele desapareceu. Bem, Átila, essas histórias não merecem crédito, pelo menos para aqueles que frequentam este posto de pesca – “são apenas fofocas”, dizem. Existe ainda a versão de que *os estranhos que vieram vê-lo, logo após o avistamento, voltaram e o levaram para fazer exames médicos e se tratar, mas ocorreu o pior e, em menos de três meses, ele morreu.* O conselho que dou a você e seu novo amigo urubu-rei, que estão pesquisando e estudando o assunto, é irem à procura de informações mais confiáveis, porque algumas pessoas de nossa cidade afirmam que *parentes do pescador residentes em Fortaleza vieram até aqui e levaram-no para uma consulta médica, uma vez que ele adoeceu cerca de um mês após o avistamento do OVNI e da possível “ab-*



dução”. Fiz o máximo para ajudá-lo, Átila. Dei todas as informações que eram do meu conhecimento e os caminhos que o poderão levar a outras fontes que lhe trarão conhecimentos adicionais.

A conversa foi dada por encerrada, principalmente, porque o Professor já chegara e estava observando o horizonte e a praia, onde corria uma brisa de suave frescor e o Sol iniciava um poente de sublime realeza. Esse era um momento em que os frequentadores do local não dispensavam de vê-lo até o seu ocaso, quando então o astro rei desaparecia.

ÁTILA APRIMORA SEUS SINAIS DE COMUNICAÇÃO

Quando chegaram em casa, Átila esperou que o Professor Luis estacionasse o carro e saísse com os documentos que levava para resolver alguns problemas. Naquele horário, ele ocupava-se com as providências do jantar, que regularmente se realizava com a presença de toda a sua família. Átila esperaria o chamado da cozinheira, que preparava, com zelo e dedicação, a sua farta refeição. Após o jantar, a partir das sete horas e trinta minutos, o Professor ia para a televisão, geralmente para assistir os principais “jornais” locais do Rio de Janeiro e de São Paulo, no que seu cão amigo o acompanhava.

Nenhuma novidade aconteceu. As coisas deram-se conforme o costume. Átila estava aguardando ser chamado, até que ouviu um grito vindo do interior da casa:

– Átila! Átila! Vem logo que já é tarde. Vocês demoraram a chegar e as horas vão passando sem esperar por ninguém. Vem logo! Átila compreendia a pressa da cozinheira, que a partir das sete horas e trinta minutos queria estar na sua cadeira, na sala da televisão.

No horário limite e previsto, todos estavam em frente à televisão, nos locais estipulados para cada um diariamente. As notícias dadas pelos organismos de informação se seguiam aos comentários dos telespectadores. O pai e a mãe do Professor Luis, quando tinham opiniões concordantes, não estabeleciam nenhuma discussão, no entanto, quando tinham ideias não harmônicas, o debate era inevitável. Nessa oportunidade, a cozinheira, que até então se mantinha silenciosa, esboçava o seu juízo em relação ao assunto em discussão. Às vezes, cada um dos debatedo-



res se empolgava muito com as ideias que defendiam e esqueciam por que estavam reunidos, perdendo a “noção do tempo”; nesses casos, o Professor Luis interferia, a fim de que pudessem continuar assistindo ao programa veiculado pela emissora sintonizada. Essa sistemática, quase na íntegra, era repetida diariamente.

Átila havia tomado a decisão de aproveitar os momentos que passava assistindo televisão, no aprimoramento de sua forma de se comunicar com as pessoas. Exultava quando algum cão compunha o cenário da programação levada ao ar. Matutava sobre o passado, quando esse assunto não constituía o acervo de todos os outros que o preocupavam. Por volta de dez e meia da noite, todos se recolhiam para dormir. Átila foi para o seu canil, mas estava preocupado com a continuidade do diálogo que deveria manter com o Semeador.

Ao amanhecer, Átila já havia elaborado um plano para os dois principais assuntos que imaginava poder tratar naquele dia.

1. O diálogo com o Semeador
 - A conversa desenvolvida com Brilhante;
 - Uma breve discussão sobre a *abdução*.
2. Aprofundamento da conversa com os humanos – palavras;
 - Sim/não;
 - Outros humanos/outros animais;
 - Ir à praia.

Ele estava sentado no lugar onde esperava a chegada do Professor Luis, próximo da cadeira que habitualmente ele fica para observar os que passavam em frente da casa – trabalhadores e vizinhos conhecidos. Esse era um dos momentos escolhidos para admirar a paisagem distante, onde o horizonte tinha o mar como limite, e se mostrava a todos em uma miscigenação do céu com a Terra. Átila decidiu testar como estava o aprimoramento de sua comunicação. O primeiro passo seria esperar o Professor, sentado, próximo do portão. O segundo constituir-se-ia na mudança de alguns procedimentos nos gestos que havia adotado no dia anterior. Inicialmente, testaria a frase “*ir à praia*” ou “*desejo/quero ir à praia*”. Rumou para o portão e sentou-se, refletindo na mudança e/ou acréscimo de gestos.

No horário de sempre, ouviu um apelo reivindicatório que mais parecia uma reclamação. Átila sabia que era com ele, no entanto deixou



que o Professor explicitasse a quem estava se dirigindo. Foi então que ouviu quase um clamor.

– Átila! Átila! Por que você não está em seu lugar? Você está esperando alguém para ficar aí no portão, olhando para o mar? Venha para cá, agora!

Tudo ocorreu conforme Átila planejara. Agora lhe restava dar “o segundo passo”: gesticular, aperfeiçoando os sinais com acréscimos mais veementes, emocionalmente, mais decisivos. Ele então se lançou à conquista.

Ergueu-se, dando uma volta em torno de si mesmo, ficando de frente para o Professor. Cuidou de esmerar-se nos acréscimos, olhando fixamente em seus olhos, e, com as orelhas levantadas e o rabo balançando, deu alguns brandos latidos. Dirigiu-se então para onde ele estava, sem deixar que o seu olhar se desviasse do mestre reclamante. Em lá chegando, para finalizar sua teatralização, pegou com os dentes a perna direita da calça do Professor, chamando a sua atenção. Em seguida, a largou, correu rumo ao portão, e, olhando de lá para ele, deu alguns latidos e retornou. Resolveu, nesse instante, esperar o modo de reagir do Professor.

– Uma coisa eu posso te dizer, Átila: eu compreendi que toda a gesticulação que fizeste, os latidos e outras coisas mais se resumem em um pedido para sair. Mas sair, não para qualquer lugar, e sim especificamente para a praia. Nesses últimos dias, andei refletindo sobre por que ficas tão ansioso, diariamente e a esta hora. De acordo com a minha inferência, seu objetivo é buscar a praia e encontrar-se com alguém muito especial para você. Bem, Átila, nós vamos ter que fazer um acordo. Eu permito o seu encontro com seu “*amigo oculto*” e, em troca, você se compromete comigo a trazê-lo aqui em casa para que eu possa conhecê-lo. E então, aceitas a minha proposta?

Átila ficou entusiasmado com a resposta. Deu alguns latidos, pulou agarrando o Professor Luis pela cintura, olhando-o fixamente nos olhos, balançando o rabo, mostrando as orelhas visivelmente erguidas e enrijecidas. Entre os dois, transparecia um evidente sinal de entendimento. No entanto, o cão do Professor já demonstrava sinais de intranquilidade devido às providências a serem tomadas em face da visita do Semeador, antecipadamente acordada. Mas, para a sua realização, era necessário conversar com ele sobre os detalhes de sua vinda, a fim de que isso não demorasse a se realizar e tudo acontecesse bem planejado e organizado,



causando boa impressão a todos. Átila ficou quieto esperando a iniciativa do Professor, o qual abriu o portão e autorizou sua saída, fato que ocorreu alguns minutos depois, quando ele se levantou, e disse:

– Tenho que fazer um trabalho no computador que vai me absorver durante o dia todo. Vá para o encontro com seu “*amigo oculto*”, mas não esqueça do “*acordo*” que fizemos. Entendeu bem?

Átila respondeu com os gestos e latidos de costume, os quais significavam “sim”. Agora, sua preocupação era o diálogo com o Semeador – seu teor, pelo menos a parte inicial, já havia sido planejado e mentalizado.

Imediatamente, após o Professor abrir o portão, seguiu em direção à praia. Estava tão abstraído das coisas ao seu redor que chegou ao destino sem que se apercesse do trajeto e das pessoas que cruzaram com ele. Procedeu como das vezes anteriores, quando buscava localizar o Semeador. Mas, dessa vez, nenhuma surpresa o aguardava, ele se encontrava no local onde sempre se verificavam os seus diálogos.

Subiu o pequeno elevado, cumprimentou seu mestre urubu-rei e esperou ato recíproco, que imediatamente e de forma amável ouviu.

– Que prazer tornar a vê-lo, caríssimo discípulo. Pensei muito em você de ontem para cá, e devo dizer que todo o meu tempo disponível, inclusive na parte da noite, dediquei aos nossos assuntos.

Antes que o Semeador prosseguisse, Átila interferiu.

– Mestre, eu sei que você tem muitos assuntos para tratar e que eu necessito aprendê-los. Estou ávido de que tão logo ocorra. No entanto, antes que você retome a palavra, eu gostaria de científicá-lo acerca do progresso das minhas relações com o Professor Luis, inclusive sobre o desenvolvimento da forma de comunicação entre mim e ele. Também desejo me reportar sobre o encontro que mantive com um conhecido meu – posso também chamá-lo de amigo –, quando, ontem, no final da tarde, acompanhei o Professor ao centro da cidade. Estacionamos perto dos bares e das peixarias, eu fiquei na pracinha e fui à procura do Brilhante – nome do meu conhecido dado pelos pescadores –, e ele foi resolver seus negócios pendentes um pouco mais distante. Além disso, preciso anunciar-lhe uma surpresa, o que farei logo em seguida.

– No meu relacionamento com o Professor Luis, para o entendimento mútuo, nomeei como básicas as palavras e ou expressões a seguir: *sim*



e não; ir à praia; outros humanos e outros animais. Desejo registrar que hoje, antes de vir para cá, experimentei, com sucesso, os meus procedimentos aperfeiçoados e adequados aos dois primeiros casos.

– A surpresa que lhe prometi se relaciona com o que acabei de expor. Isso porque o Professor, depois de assentir aos meus apelos para ser liberado para vir à praia, condicionou a minha disponibilização para ser o mensageiro de um convite dele a você. Sem perguntar quem você era – um gato, um outro cão, uma ave etc. –, ele o convidou para ir até lá em casa para que possa conhecê-lo. Portanto, acabei de cumprir a parte que me toca no trato.

O Semeador não se conteve e interrompeu, argumentando:

– Átila, eu estou bastante surpreso com esse inesperado convite. Não posso deixar de lhe colocar a seguinte questão: que fato motivou o Professor Luis a formular, sem que você solicitasse, esse extemporâneo convite? Houve alguma insinuação de sua parte para que isso acontecesse?

– Bem, meu caro mestre, eu reitero o que já disse poucos minutos atrás. Eu sequer estava pensando no assunto, ele também me deixou perplexo e surpreso. No entanto, não deixou de suscitar em mim um sentimento de verdadeiro alívio. Isso porque não há mais necessidade de montar uma estratégia para levar o assunto até ele e obter o consentimento de que necessito. Devemos marcar a data e providenciar o seu deslocamento, tomando as devidas e necessárias precauções porque, agora, você se encontra na condição de convidado, e a sua visita só depende de nós.

– Concordo com a sua argumentação, Átila, mas deixe-me refletir um pouco sobre o assunto. Amanhã conversaremos e chegaremos a um consenso para finalizarmos. Fale-me então sobre o último tema: a conversa com seu amigo Brilhante.

– Com relação ao pescador solitário avistado nesta cidade, no seu relato ele diz: “Vocês viram o grande clarão provocado pelo OVNI?”. Repetiu a pergunta duas ou três vezes, para depois afirmar: “eu vi, eu vi e também fui abduzido!”. O que me chama a atenção é o fato de que as questões a seguir estão completamente obscuras, sem que se possa entendê-las.

- O OVNI que ele diz ter visto estava acima da superfície do mar, aproximando-se lentamente, para depois estacionar



- e ficar parado a poucos metros da superfície?
- O “objeto” emergiu, ou seja, estava dentro do mar e depois veio à tona?
 - As luzes do “objeto” eram acompanhadas de clareza durante todo o seu trajeto? Ele emitia algum ruído?
 - Como ele chegou até a nave, já que fora abduzido?
 - Algum alienígena conversou com ele no interior da nave?
 - Como se mostravam os alienígenas: eram grandes, pequenos, fortes ou de pequeno porte?
 - Ele foi submetido a exames médicos com alguma máquina existente no próprio OVNI?

– Como você pode notar, Átila, todas essas questões não são do conhecimento dos crentes e descrentes do avistamento. Se tivéssemos respostas para elas, seria mais fácil acreditar na história do “pescador solitário”. Se desejarmos saber mais sobre o assunto, você deverá colocar essas questões ao seu amigo Brilhante para verificar se ele, ou outra pessoa, pode fornecer maiores informações.

O SEMEADOR VISITA O PROFESSOR LUIS

PLANEJAMENTO DA VISITA

Encerrada a relação dos dados que o Semeador julgou necessário obter de Brilhante acerca do “pescador solitário”, passaram a discutir como seria a visita. Decidiram que ocorreria dez dias contados a partir daquela data, sem que o Professor Luis fosse previamente avisado. A surpresa tinha a função de causar uma boa impressão em face da diferença entre Átila, um cachorro, e o tipo de animal que era o Semeador, um urubu-rei.

O Semeador falou então para Átila:

– Você que mora com muitos bichos, e eles mesmos convivem em um mesmo espaço físico, o quintal de sua casa, é provável que já tenha presenciado o bom relacionamento entre espécies diferentes, por exemplo: galinhas, patos, gansos e perus, patos, galinhas e gatos, principalmente, a adoção de filhotes, sendo as mães adotivas pertencentes às espécies diferentes dos adotados.



– Mestre, você tem razão, lá em casa existem dois exemplos que chamam a atenção porque são interessantes e curiosos. Existe uma galinha de meia-idade que adora adotar um filhote; ela não faz diferença entre os filhotes: podem ser gatos, patos, gansos ou cachorros. O outro exemplo refere-se a uma jegue ou jerica que adota bezerros, pequenos jegues que não são seus filhotes e outros muares. Causa admiração observar a quantidade de filhotes que ficam enfileirados para se deliciar do leite de sua mãe adotiva.

– Isso é ótimo Átila. Você certamente mantém um bom relacionamento com alguns bichos do quintal de sua casa. Ele vai ser nosso porta-voz para divulgar a minha visita entre os demais animais existentes no terreno. Nessa oportunidade, ser-lhe-á comunicada a surpresa do nosso projeto junto ao Professor Luis: pelo menos daqui a dez dias, quando efetivamente minha ida ocorrerá.

– Nestes próximos dez dias, a minha função será a de puro observador, e, considerando os fatos que se desenvolverem por aqui, planejarei a visita com a sua colaboração. Você deverá ficar observando o desenrolar dos esforços empreendidos pelo animal de sua confiança e o resultado entre os demais – a reação deles –, se receberam com agrado a notícia de minha ida ou se a rejeitaram.

– Enquanto isso, Átila, nós continuaremos a ter os nossos encontros diários, no entanto restringiremos os nossos diálogos durante todo o período preparatório, com encontros diários durando até às quinze horas e trinta minutos. Ou seja, você será liberado para vir para casa até o limite desse horário – quinze horas e trinta minutos. Poderá ocorrer que, por alguma outra necessidade ou exigência do Professor Luis, você tenha que acompanhá-lo até ao centro da cidade – o que já é costume –, tendo, dessa forma, a oportunidade de retomar sua conversa com Brilhante. Sugiro que, nesses casos, encerremos nossas discussões às onze horas e trinta minutos.

– Bem, meu caro mestre, durante esses dias de preparação a minha ideia é a de que os nossos diálogos não passem das três horas e trinta minutos. Isso me dará tempo suficiente para fazer a vistoria e avaliação diária. Átila sentiu que, sobre o assunto, tinha algo mais a esclarecer. As alocações realizadas até o momento, e que servirão para consubstanciar um planejamento adequado, precisavam ser repensadas.

– Mestre Semeador, eu já estava pretendendo interferir porque haverá



pelo menos três dias em que a agenda que estamos desenvolvendo será quebrada. O primeiro compromisso, já assumido ao longo dos anos, é com o Professor Luis e ocorre quinzenalmente. Ele vai ao centro da cidade e às imediações tratar de seus assuntos particulares – bancos, internet e outros assuntos comerciais –, e eu procuro os meus amigos para me atualizar sobre os últimos acontecimentos que me interessam.

– O segundo diz respeito à responsabilidade que assumirei com o próprio processo de planejamento do projeto, e isso exigirá, no mínimo, um dia para executá-lo com fidelidade – conhecer, ouvir as opiniões de todos os animais; entender-se com o Professor Luis sobre as dúvidas que surgirão sobre o visitante, sua origem e sua espécie; entender-se com os “serviçais” da casa sobre o modo de tratar o visitante. O acompanhamento desse período é um dos fatores de sucesso e requer do acompanhante o domínio de todas as suas nuances. O terceiro dia de que precisarei dispor será dedicado à “sedução” do Professor Luis e de todos os trabalhadores da casa, sejam domésticos ou não – cozinheira, jardineiro, morador e outros diaristas.

– Bem, Átila, foi bom ouvi-lo porque acabei de constatar que você evoluiu muito. Talvez não o ideal ou o bastante, mas por enquanto o necessário que o momento exige. Principalmente sobre o nível de maturidade que as suas atitudes transparecem. Dessa forma, só me resta concordar e colocar os três dias que você, equilibradamente, reivindicou e de forma convincente defendeu. Você deverá somente comunicar-nos, com antecipação, as datas dos dias aqui acordados.

– Veja, Átila, um dia como o de hoje! Não tivemos tempo de colocar em nossa pauta nenhuma das outras questões que nos propomos vir a discutir. Isso foi causado por acreditarmos que a visita ao Professor Luis terá como consequência, no mínimo, estender o relacionamento conquistado entre nós dois para uma terceira pessoa, que, conforme seu testemunho, comunga dos ideais que defendemos. Além disso, trata-se de um Professor que mantém, no seu círculo de amizades, outros pares com especialidades diferentes ou assemelhadas, mas que concordam em discutir, ou já discutem, as questões que nos são afetas. Vamos então começar a trabalhar. Nós dois sabemos o que fazer nos próximos dez dias.

Átila tomou a direção de casa e, no caminho, dedicou-se a pensar nas questões que deveria priorizar logo quando chegasse. O que imaginou



como o mais importante no início seria a escolha do seu porta-voz. Por ser de mais fácil entendimento, decidiu por “Pitágoras” – um cãozinho de cerca de um ano, adotado pelos donos da casa há seis meses. Ele já estava sendo conhecido como “Pita”, pois aqueles que assim decidiram o fizeram porque acharam o apelido mais simpático e fácil de pronunciar. Pita ou Pitágoras era o tipo de cão arisco, no entanto era ligeiro, obediente e bastante inteligente. A segunda prioridade para o resto daquele dia, ao final da tarde, seria o começo do assédio ao Professor Luis, na tentativa da consecução dos objetivos a ele determinados. Concluiu que não seria oportuno planejar o processo de “*sedução*” porque o Professor Luis era imprevisível. O melhor era deixar a conversa fluir livremente, e a sua interferência somente ocorreria a título de esclarecimento para não o constranger nas ideias já formadas por ele.

Ao chegar em casa, Átila notou que o portão não estava fechado, com o cadeado trancado, mas apenas encostado. Entrou facilmente e, sem fazer muito alarde, foi à procura de Pitágoras. Logo o viu. Curioso, como era de seu caráter, acompanhava o caseiro em um serviço que estava fazendo no quintal. Átila dirigiu-se até ele e o chamou para conversarem em particular.

Não muito distante do morador, Átila falou:

– Pitágoras, eu conheci alguém que não é da nossa espécie, com quem tenho discutido sobre diversos assuntos nos últimos meses. Eu cientifiquei o Professor Luis dessa recém amizade, e ele, de modo surpreendente, pediu que eu o convidasse a vir a esta casa, a dele, para que pudesse conhecê-lo. Talvez você se surpreenda com o que eu lhe vou dizer. O meu recém companheiro é um *urubu-rei* e dei-lhe, como apelido, o *Semeador*. Trata-se de um indivíduo de caráter bondoso e compreensivo, que prega a esperança entre os mais afortunados e também àqueles mais necessitados, aos quais até o alimento não têm garantido todos os dias. Além disso, ele conseguiu adquirir informações sobre diversos assuntos ligados à nossa vida, além de ser versado em diferentes áreas do conhecimento. No reduto onde outrora morava, convivia com grupos de urubus e famílias de sua espécie, onde existiam aqueles que, ao longo tempo, tornaram-se verdadeiros sábios em especialidades diferenciadas. É esse animal que vai nos visitar daqui a dez dias. Pitágoras fez gestos de incredulidade para Átila, dando a entender que era impossível realizar o que ele estava lhe pedindo. E o Professor Luis, como reagiria quando



soubesse que o visitante era um urubu-rei? Estava pensativo enquanto seu interlocutor falava. No entanto, mostrava-se interessado e mantinha-se atento no conteúdo do que ouvia. Sentiu-se então encorajado para expressar seus sentimentos, interferindo para dizer:

– Átila, eu sei que sou novo e inexperiente. Muitas coisas que você falou sobre o Semeador me motivam a conhecê-lo, principalmente, por todos os predicados que, para você, ele possui. Assim, estou disposto a tentar cumprir a missão que deseja que eu assuma. Mas acredito que terei muitas dificuldades em passar a mensagem da visita e a espécie a que o Semeador pertence. Não é difícil imaginar que, talvez, não rejeitem a ideia da visita por si mesma, porque são muito receptivos – tratam bem, sem nenhuma hostilidade, os animais que acompanham seus donos quando veem ver o Professor Luis –, mas quando eu lhes falar que o animal que vou apresentar é um urubu-rei, imagino que a reação deles será de rejeição. Tudo em consequência do estigma que carregam os indivíduos dessa espécie – comem animais apodrecidos, têm cheiro fétido, etc. Para iniciar meu trabalho, preciso das suas orientações, Átila, sobre essas questões.

– O que farei ou qual resposta darei a perguntas do seguinte nível: “Pita, que garantia você tem de que esse urubu-rei vai nos tratar bem e não nos atacará?”.

– Você me utilizará como fundamento para a sua resposta. Para questões desse nível, colocadas por quaisquer deles, você pode respondê-las da seguinte forma: “esse urubu-rei é um conhecido de Átila, e os dois diariamente se encontram na praia para discutir sobre assuntos da vida diária. Além do mais, quaisquer que forem as condições, ele virá porque é um convidado do Professor Luis”. Em última instância, se você não obtiver o convencimento, à tarde, assim que eu chegar, iremos nós dois conversar com o intransigente. Vá em frente, amigo Pitágoras, ainda há tempo para começar a trabalhar – disse Átila, encerrando a conversa.

O dia já estava findando, e o Professor Luis certamente estava se preparando para ocupar o seu lugar de costume – a cadeira do terraço –, aguardar o pôr do Sol, conversar amenidades com alguns conhecidos, cumprimentar e, às vezes, prosar com outros que moravam nas redondezas. Sentou-se não muito próximo da cadeira e ficou esperando. Passados alguns minutos, ouviu o chamamento provindo de uma voz que lhe era



bastante conhecida, convocando-o a sentar-se junto a ele. Correu para lá, apoiou-se em seus joelhos, subiu, deu alguns latidos demonstrando alegria pela recepção e olhou em seus olhos, esperando os afagos de sempre, no que foi imediatamente atendido.

– Átila, você chegou cedo, perto das quatro horas. Eu não me engano com o som de seus latidos, e como aqui em casa só existem dois cachorros, é fácil concluir que você estava trocando ideias com o Pitágoras. Que assunto você teria para discutir com ele, e o porquê da urgência, uma vez que, logo que chegou, foi imediatamente procurá-lo?

Átila continuava com a ideia de que “a conversa deveria fluir livremente”, por esse motivo resolveu dizer apenas que estava comentando com Pitágoras sobre o convite que havia sido feito ao seu companheiro da praia. Com esse fim, latiu branda e insistentemente, indo e vindo até o portão, e nas vindas punha-se por sobre suas pernas, olhava fixamente em seus olhos, com rabo e orelhas enrijecidos.

– Entendi bem o que você quer me comunicar. Falava a Pitágoras sobre o convite que formulei para que seu conhecido da orla do mar venha nos visitar. Estou certo?

Átila se preparava para dizer-lhe alguma coisa como resposta, só não desejava ser pressionado naquele momento para lhe revelar a verdadeira identidade do Semeador. Estava aflito com o rumo e prosseguimento da situação em que se colocara. De repente, um conhecido do Professor Luis gritou no portão.

– Luis, Professor Luis, chega até aqui no portão, porque preciso ouvir a tua opinião acerca das últimas notícias que os telejornais das emissoras de televisão estão difundindo.

Ele se dirigiu ao portão, com a chave na mão, e Átila o acompanhou. No caminho viu Pitágoras fazendo um sinal, significando que queria falar-lhe. Dirigiu-se em sua direção para saber do que se tratava. Mesmo porque a prosa do Professor Luis certamente iria demorar até o horário do jantar, quando a cozinheira viesse chamá-lo.

– Alguma novidade, Pitágoras? Você já começou a trabalhar e tem alguma coisa que eu preciso tomar conhecimento imediatamente?

– Você acertou em cheio – respondeu Pitágoras – A proposta foi sucesso total – pelo menos entre os animais maiores, cavalos e burros,



que eu ainda consegui entrevistar. Aproveitei o meu entusiasmo para, também, me comunicar com a galinha “mãe adotiva”, que não rejeitou a ideia da visita do Semeador. Principalmente quando ficou sabendo que o convite partiu do Professor Luis e da sua relação de entendimento com ele. Ela ainda acrescentou que, logo no início de nossa conversa, temia por alguma hostilidade do visitante aos seus filhotes, mas agora estava tranquila. O trabalho só está começando, no entanto estou bem mais animado e tenho certeza de que as rejeições serão raras.

– Muito bem, Pitágoras, meus parabéns por sua iniciativa em dar início aos trabalhos ainda hoje. Tenho certeza de que você será recompensado por sua atitude. Logo a notícia se espalhará, principalmente, se você solicitar de todos os entrevistados que lhe ajudem fazendo comentários favoráveis e verdadeiros para divulgar a visita do Semeador. Confie em mim! Vai dar tudo certo! – Átila despediu-se com um caloroso “até amanhã”.

Então, voltou para onde estava o Professor Luis à espera de que a cozinheira os chamasse, certamente, às seis horas. A conversa entre os dois estava animada e demoraria bastante tempo, se não houvesse a limitação da hora do jantar. Enquanto isso, Átila postou-se perto deles de frente para o mar, onde o sol já havia começado a se pôr. Era visto, da posição geográfica em que estávamos, com uma pequena parte do seu círculo encoberto pelo horizonte. Parecia um dia de equinócio, quando, talvez pelo fato de a duração do dia ser igual à da noite, tinha-se a impressão de que o sol parecia ter se aproximado mais da Terra. Mostrava-se a nós todos com um brilho intenso, sorridente e altivo, como se estivesse transmitindo aos habitantes do planeta a mensagem de um “até amanhã, cumpri meu dever! Cumpram o de vocês”. De repente, a cozinheira chegou, chamou o Professor Luis, deu-lhe um recado e retornou para o interior da casa.

– Bem, meu caro amigo – disse o Professor Luis ao seu interlocutor —, temos que encerrar nosso *papo* porque meu pai já está me chamando para o jantar. Aqui em casa, as refeições são feitas com todos presentes. Neste momento iniciamos a conversa familiar que tecemos diariamente, tendo essa continuidade às sete horas, quando todos vão para a televisão, e a encerramos por volta das dez horas, quando vamos dormir. Mas se você assim o desejar, volte amanhã, ou em outro dia, no mesmo horário, e então daremos sequência ao que conversamos hoje.



Logo que o “prosador” se retirou, O Professor Luis falou ao seu assistente Átila:

– Amanhã reiniciaremos nosso diálogo de hoje e que não foi avante. Essa interrupção teve o mérito de proporcionar a você a oportunidade de, neste curto espaço de tempo, atualizar-se com Pitágoras sobre algo que você solicitou sua interferência. Bem, Átila, embora ainda nos encontremos à noite, não é o local apropriado – a sala onde assistimos televisão – para retomarmos nosso importante e definidor diálogo. Isso somente será possível amanhã de manhã.

Átila tremeu ao pensar no “importante diálogo” do qual não se livraria no dia seguinte. O seu receio tinha origem no fato de que, até aquele momento, não sabia que tipo de gesto ou gestos utilizaria para comunicar ao Professor Luis a espécie do Semeador, ou seja, que ele era um urubu-rei. Na verdade, pensava que podia fazê-lo de duas maneiras: a primeira seria deixar que ele pensasse livremente, idealizando o Semeador à minha própria espécie, ou seja, um cachorro; a segunda seria algo com chances dentro das possíveis probabilidades. Por exemplo, se um urubu ou carcará que rondasse as proximidades pousasse no quintal da casa, e, ainda assim, houvesse coincidência com o horário disponível do Professor Luis. Essa última, para ser viabilizada, careceria de coincidências que deveriam se concretizar ao mesmo tempo – a disponibilidade do Professor Luis e a minha presença em casa, porque, nesse caso, Pitágoras me chamaria. Se não ocorrer nada de novo que possa mudar o rumo dos acontecimentos durante os dez dias de que disponho, o jeito será adotar a primeira hipótese e surpreendê-lo na apresentação, com um urubu-rei inteligente, o Semeador, no quintal de sua casa. Essa é a decisão, e assim será feito.

Pela manhã do dia seguinte, Átila procurou Pitágoras para, juntos, efetuarem algumas entrevistas. Os primeiros contatos foram com aqueles que conheceram o plano da visita do urubu-rei ao findar do dia anterior. Dirigiram-se primeiramente à galinha mãe de todos.

– Bom dia, caríssima “mãe adotiva”. Estamos aqui para falar-lhe da visita do convidado do Professor Luis – é inteligente, entende as coisas da vida e não hostiliza ninguém, principalmente os pequeninos ou filhotes de qualquer espécie. É meu conhecido o urubu-rei que, pelas



qualidades que tem, eu o chamo de o Semeador. Espero que você nos ajude a divulgar entre os outros que moram aqui a visita do Semeador. Pode citar o Professor Luis, e, se achar necessário, você tem liberdade para dizer que sou eu quem está organizando e coordenando a passagem do Semeador por esta casa.

– Tudo bem, Átila e Pitágoras. Estou convencida de que será bom para todos nós a visita que vocês estão propondo, a convite do Professor Luis. Estou convencida de que ele não representa nenhuma ameaça. Agora, no que cerne às aves, com as quais tenho fácil entendimento, transmitirei a todas a minha aprovação, além de propor que contribuam identicamente com a organização da visita, elogiando-a entre os seus demais conhecidos. No entanto, entre os animais de grande porte – com os quais não tenho maiores afinidades ou entendimentos –, evidentemente terei dificuldades naturais. Mas poderei estar presente nos momentos em que se fizerem necessários, mostrando assim a minha aprovação. Acredito que, agindo dessa forma, terei dado uma razoável contribuição.

– Você está sendo modesta, “mãe adotiva”. A sua contribuição, conforme o que você propõe, será muito valiosa. Contamos com ela.

Átila e Pitágoras despediram-se e foram à procura de outros animais. Escolheram alguns dos de maior porte para a continuidade do trabalho. Foi preciso muita paciência para entabular a conversa. No entanto, ocorreu um fato interessante e surpreendente: usando os mesmos argumentos que os utilizados para o convencimento da “mãe adotiva”, não houve nenhuma rejeição.

Pitágoras demonstrava um misto de surpresa e contentamento. Não esperava que os entrevistados se mostrassem tão desprendidos. Sua missão, agora, seria demais facilitada, pensava ele. Átila, por sua vez, viu que o horário de “enfrentar” o Professor Luis e seduzi-lo para aceitar o urubu-rei ou o Semeador havia chegado. Tomou, então, o rumo da varanda onde ou o Professor já chegara ou teria de esperá-lo alguns minutos.

Será que a sorte estava do seu lado? Isso porque ele ainda não viera, e, assim, teria mais algum tempo para repensar a sua estratégia de ação. Como não possuía uma “fórmula mágica” que pudesse utilizar na transmissão da mensagem mais importante – informar-lhe a espécie do seu “amigo secreto” e convidado dele, o urubu-rei – deixaria o diálogo se desenvolver livremente, sem esboçar nenhum gesto que indicasse



pressão. Ficou a esperá-lo distando alguns poucos metros da sua cadeira, para forçar que ele solicitasse a sua presença. Átila sabia que essa era uma boa estratégia, pois já a utilizara em outros momentos.

Apenas se passaram alguns minutos e ele ouviu o chamado do Professor Luis. Aproximou-se e os fatos que aconteceram foram os mesmos de outras oportunidades, tanto da parte de Átila quanto da do Professor.

Falou então:

– Você me deve uma resposta para a pergunta que lhe fiz ontem, antes da interrupção com a chegada do meu conhecido de “prosa”. Vou repeti-la: “*Quem é, qual a espécie do seu companheiro ou ‘amigo oculto’ e meu convidado?*”.

Átila pensou o quanto importante era a resposta que deveria dar àquela tão esperada pergunta. Ela carecia de uma resposta elaborada com bastante esmero, e, se possível, com os detalhes que pudesse esclarecê-la. Os órgãos de seu corpo, que vinha utilizando em situações de níveis assemelhados, agora não poderiam prescindir de alto grau de aperfeiçoamento.

– Átila fez tudo o que era possível fazer. Correu entusiasticamente para a frente do portão, latindo brandamente, eriçando os pelos do corpo, voltando ao local onde estava o Professor Luis, olhando-o diretamente nos olhos – como de costume –, com orelhas e rabo enrijecidos, levantados para cima. A dificuldade em transmitir ao mestre que a sua visita era um *urubu-rei* tornava-se cada vez mais evidente. Átila estava tendente a aceitar que a única solução para a sua questão seria dar um exemplo. E, como já havia imaginado, sem uma ave pelo menos parecida com o Semeador para compreender a natureza da sua espécie, tornava-se cada vez mais difícil atender à curiosidade do Professor Luis.

Mas, depois de pensar um pouco, retomou a palavra, dizendo:

– Átila, eu mais do que nunca tenho ciência de tudo o que você me disse. No entanto, você não responde o que mais me interessa: Quem é o nosso visitante? É ele um gato, um cachorro, que bicho ele é?

– Átila tornou a correr para o portão, utilizando a mesma sistemática de gestos que empregara alguns instantes atrás. O Professor Luis o seguiu,



balbuciando e remoendo algumas palavras. Contudo, o seu *assistente* tinha certeza de que, àquela hora do dia, era, talvez, completamente impossível ver longe da praia um urubu comum, um carcará, e principalmente um urubu-rei. Ainda fez algumas tentativas, tais como repetir os gestos anteriores olhando para cima, dando a entender que o urubu-rei – o seu “amigo oculto” – poderia estar voando, tentando localizar algum tipo de alimento na praia. Foi uma tentativa vã. O Professor Luis não conseguiu despertar para o fato de que Átila estava tentando lhe dizer que “uma daquelas aves que pairavam ou planavam acima do oceano poderia ser o nosso futuro visitante”. Resolveu, então, desistir de fazer outras tentativas e dar a conversa por encerrada até as dezesseis horas, quando já teria finalizado o seu encontro com o Semeador e retornado para casa.

– Bem, Átila, nem tudo está perdido. Os seus esforços ao me propor argumentos de convencimento somente me deram uma segurança: “o seu ‘amigo oculto’ e nosso futuro visitante é uma ave”. Estou certo? Ou sou eu que estou criando agora fantasias em minha imaginação? Átila, que não se mostrava entristecido por nada ou quase nada, vislumbrou “uma luz no final do túnel”.

Átila exultou de alegria e, imediatamente, caprichou nos gestos que tivessem o significado de “sim”, “é isso mesmo” ou “você está certo”. Realmente, pensou ele, os seus esforços foram recompensados. Apenas lhe restava encontrar um exemplo, um tipo de urubu comum, desses que vivem à beira da praia na busca de alimento. Átila lembrou-se de que, na quarta-feira, dois dias antes da visita, era o dia de acompanhar o Professor Luis ao centro da cidade, onde ele iria resolver as questões que o afligiam naquela semana.

Como as coisas estavam dando certo, encadeando-se e encaixando, não seria ilusório contar com a possibilidade palpável de que, sem nenhuma dúvida, a praia estaria com diversos urubus buscando peixes e restos deles. Eles constituíam-se em exemplos da ave que o Professor Luis se convenceu de que seria o nosso visitante e com quem Átila mantinha diálogos diariamente.

O que antes tinha lhe causado tanta aflição agora era passado.

– Muito bem, está na hora de você ir ao encontro do seu “amigo voador”. Agora podemos dizer que ele não é mais o “amigo oculto”.

Era a ordem que Átila estava esperando ouvir para poder se dirigir à praia em busca do Semeador. Rumou então para lá, em um trote mais rápido do que aquele que usava nos outros dias.



Perto, não muito, do local de seus encontros, verificou que seu Mestre, o Semeador, não estava postado na pequena duna a esperá-lo. Focou seu olhar na direção dos dois lados da praia, alternadamente, à sua procura. Conseguiu localizá-lo. Estava um pouco distante, do lado esquerdo e um pouco distante do nível do mar. Procedeu como de costume, fazendo os gestos usuais para esses casos. Viu o Semeador mudar a direção do seu voo, pairando um pouco abaixo de sua localização. Latiu insistentemente, correndo de um lado para outro, para depois sentar-se olhando para cima. Ele o tinha localizado, tinha certeza disso, restava-lhe então esperá-lo no local onde os encontros se realizavam.

Átila colocou-se na pequena duna, em uma posição estratégica que lhe permitisse observar as manobras do urubu-rei para aterrissar. Quando chegou, abriu as longas e fortes asas, sacudindo todo o seu corpanzil para, em seguida, dirigir-se a Átila.

– Meu caro discípulo, como estão as coisas por lá? E o nosso porta-voz, quem você escolheu? Esteja atento porque a minha visita ocorrerá na manhã de sexta-feira desta semana.

– Mestre, você nem imagina. Está tudo dando certo, principalmente, no que diz respeito aos esforços que fiz para seduzir o Professor Luis a aceitá-lo como você é, ou seja, um urubu-rei, o que, conforme lhe contarei em seguida, estou quase conseguindo. Contudo, somente na quarta-feira, quando o acompanharei ao centro da cidade, é que saberei se a estratégia que idealizei será exitosa. Quanto ao nosso porta-voz, eu escolhi um cão novo, arisco e pouco experiente, mas cioso de seus compromissos e especialmente inteligente. Seu nome é Pitágoras ou Pita, para aqueles que gostam de apelidos ou mesmo têm dificuldade de falar os nomes dos outros por inteiro.

– Observe que Pitágoras e eu fomos juntos aos bichos que mais se destacam entre os demais, por suas qualidades de bondade e desapego pessoal, e os entrevistamos complementarmente. Todos receberam-nos muito bem e reiteraram seus compromissos de nos apoiarem-nos no projeto da visita. Acordaram também em dar apoio à iniciativa, divulgando-a a todos com quem mantêm contato amiúde. Acredito que, na quarta-feira, todos os animais passarão pela costumeira entrevista. Interferirei somente junto aos recalcitrantes, se por acaso houver algum que, diferentemente da maioria absoluta que vêm nos apoiando em todos os sentidos, coloque obstáculos.



O *Semeador* mantinha-se concentrado e bastante pensativo sobre aquilo que ele e Átila poderiam esperar como resultado da sua visita. Será que o seu discípulo não estava muito empolgado aguardando algo inexequível do encontro com o Professor Luis? O que realmente poderíamos esperar desse encontro? Qual a sua verdadeira finalidade? Resolveu interferir no relato, mas sem revelar seus pensamentos de preocupação. O que mais temia era uma frustração de Átila no que cerne à forma como ele se comunica com o Professor Luis. Certamente ele poderia estar imaginando que, após a visita, bastaria que olhasse diretamente nos olhos dele e fizesse os gestos já conhecidos em momentos específicos para que o Professor entendesse o significado do que pretendia comunicar. Isso é possível que aconteça para as coisas mais simples que ocorrem diariamente, as quais o Professor, pela prática e contato diário, já absorveu tanto o conteúdo quanto à significância. No entanto, quando o assunto for mais complexo, será sempre difícil um entendimento imediato, mesmo que se otimize o tempo de duração e de convivência entre os dois. Resolveu, por enquanto, não pressionar Átila com tais preocupações para questioná-lo sobre a sua agenda até sexta-feira.

– Átila, gostei do trabalho que você e o porta-voz, Pitágoras, estão executando. Mas precisamos falar de sua agenda para esta semana, e, pelo que eu pude perceber, a quarta-feira será um dos dias em que você não irá até a praia. E os dois dias que faltam, já que você disse que precisava de três.

– Você tem razão, mestre. A quarta-feira será um dia em que estarei com o Professor Luis integralmente. Por outro lado, como consegui adiantar as entrevistas e outros afazeres inerentes ao projeto em que estamos envolvidos, serão necessários apenas dois dias. Ou seja, além da quarta-feira, utilizarei mais um dia, dividido da seguinte forma: na terça e na quinta-feira, irei para casa às onze horas e trinta minutos. Lembre-se de que, na sexta-feira, estarei aqui entre sete e trinta e oito horas para lhe servir de guia até a nossa casa, onde o encontro ocorrerá. Está bom assim?

– Observe que, nas tardes de terça e quinta-feira é o tempo que lhe restará para trabalhar os serviços da casa, principalmente, a cozinheira e o morador. Isso torna-se necessário no sentido de que eles não sejam surpreendidos e tenham pensamentos hostis com relação à minha presença no quintal. Você deve também combinar com o Professor



Luis o local onde nós três procuraremos nos entender – se você achar conveniente, pode chamar Pitágoras. Acho apropriado que tal ocorra no terraço, onde você e o Professor reúnem-se todos os dias da semana. Enfim, ficará a cargo dele a escolha do local mais adequado para que o encontro se torne exitoso.

Átila estava mais preocupado com a quarta-feira. Para tudo dar certo, ele precisava encontrar, na praia, alguns urubus e mostrá-los a título de exemplo. O Semeador havia esquecido de comentar o assunto. Qual a opinião dele a respeito do plano? Será que ele tinha algum reparo a fazer? Resolveu então indagar.

– Mestre, qual a sua opinião? Você tem algum reparo acerca do plano que bolei para quarta-feira, quando sairei para o centro da cidade com o Professor Luis? Lembre-se de que a minha pretensão é dar a ele um daqueles urubus comuns como exemplo de espécie do nosso visitante. Será que eu conseguirei convencê-lo?

– Átila, você já fez o principal: mostrou-lhe que eu bem poderia ser uma daquelas aves que voavam acima da superfície do mar. O que lhe resta, agora, é fazê-lo acreditar que, realmente, você pode dialogar comigo. Ele pode até imaginar, incredulamente, o seguinte: onde já se viu um cachorro e um urubu-rei se entenderem, ou seja, falarem a mesma língua? Nessa questão concordo com você, ele somente aceitará o fato de que nós nos compreendemos e nos entendemos quando do dia da visita. Também constatará que ele mesmo poderá manter um tipo de diálogo comigo. Além disso, não poderá contestar que esse diálogo, mesmo incipiente, com o passar dos dias, e quem sabe dos anos, se modificará, passando por um processo de aprimoramento.

– Mestre, concordo com todas as suas colocações. A inferência que se oferece com alta probabilidade de ocorrer é o fato de que, até sexta-feira, o Professor Luis ficará na dúvida. Ele vai imaginá-lo como um urubu comum, ou um carcará, mas jamais suas ideias convergirão para um urubu-rei.

– Bem, vamos repassar o que acabamos de combinar, para você poder ir para casa e continuar seu trabalho – falou o Semeador. Primeiro, no seu encontro com o Professor, é necessário insistir na comunicação a todos da família e os serviçais sobre quem é o visitante. Em segundo lugar, acho conveniente que, na quarta-feira, logo que vocês cheguem à pracinha e



antes que ele saia para resolver suas questões comerciais e bancárias, você o chame para que possa testemunhar, como exemplo da minha espécie, os urubus que estiverem se alimentando nos arredores da praia.

– É possível que todas as aves já tenham se retirado à procura do seu local de dormir, se isso não for feito mais cedo como estou sugerindo. E, conforme você planejou, essa mostra do “exemplo” somente ocorreria quando estivesse anoitecendo. Assim, Átila, finalizaremos todas as questões que persistirem pendentes na quinta-feira pela manhã. Estamos entendidos? Se assim for, só nos resta trabalhar para finalizar nosso projeto.

– Tudo certíssimo, meu caro Semeador. Espero que torça por mim no aprimoramento da minha argumentação. Depois de amanhã, quinta-feira, estarei aqui para esclarecê-lo sobre as novidades em decorrência do que consegui junto ao Professor Luis, quando o acompanhei ao centro da cidade na quarta-feira.

Átila dirigiu-se para casa tomando todos os atalhos possíveis. Mostrava-se ansioso, mas essa ansiedade se fundamentava na expectativa do comportamento de Pitágoras junto aos bichos ainda não contatados. No entanto, se alguma surpresa estiver à sua espera, ele estava confiante de que poderia encaminhá-la, utilizando argumentos idênticos ou parecidos, nas mesmas situações de igual nível.

– Estava próximo de casa, mas já conseguia vislumbrar a figura de Pitágoras nas proximidades ou encostado ao portão. Apressou mais o passo, temendo que algo mais sério pudesse ter acontecido. Chegou em casa e pediu a Pitágoras que chamasse alguém para abrir o portão; de preferência o caseiro. Esperou alguns minutos, quando ouviu os latidos de Pitágoras, anunciando que estava de volta com o caseiro e as chaves. Depois do portão aberto, entrou e dirigiu-se a Pitágoras, não sem antes agradecer ao morador pelo favor que lhe prestou. Átila mostrava-se penhoradamente agradecido.

– Pelo seu olhar, Pitágoras, não é preciso adivinhar que você deseja me contar alguma novidade. Trata-se de alguma coisa boa ou ruim?

– E você, agora, “me apertou sem me abraçar” com esta pergunta. O fato é que eu não sei se se trata de uma notícia boa ou ruim. Para que haja sua compreensão integral, vou lhe contar, com detalhes, o que se



passou. O animal que entrevistei foi uma gansa, ou “mãe gansa”, de plumagem desenhada com um alvíssimo e deslumbrante branco, além de possuidora de um lindo bico, que, ao mesmo tempo, se mostrava comprido e delgado. De acordo com informações da galinha “mãe adotiva”, ela foi trazida de Fortaleza pelo Professor Luis, por quem, pode-se dizer, morria de amores.

Observava-se, e ele não fazia questão de esconder, que nos seus passeios pelo quintal ele sempre ia até onde ela estava a prestar-lhe alguns mimos, enaltecendo a sua beleza. Ela ouviu calada, sem esboçar nenhuma manifestação, todos os meus argumentos em oportunidades anteriores, utilizados por nós dois para o convencimento de outros animais. Quando eu encerrei a minha fala, perguntei-lhe: “então, mãe gansa, o que você me diz da proposta que lhe faço, de recebermos o convidado do Professor Luis? Você já sabe que ele é um urubu-rei. Qual a sua opinião acerca da visita e do visitante?” – a entrevistada resolveu dizer o que lhe estava passando pela cabeça.

– Pitágoras, antes da minha vinda para cá, eu morava em um outro sítio não tão bem cuidado como este. Na localidade, abundava a presença de grandes aves predadoras como gaviões e carcarás. Em uma certa época do ano, quando vivíamos uma “seca verde”, eu estava chocando dez ovos. Três gansinhos já haviam nascido e os demais ovos já denotavam sinais de que, nos próximos dias, aconteceria o rompimento das cascas e a eclosão dos meus lindos gansinhos. Um certo dia, e por descuido do morador, que se encontrava em um local distante do meu ninho, fui atacada por um grande gavião. Você nem pode imaginar o estrago que esse bicho asqueroso e malvado causou. A minha maior tristeza é que eu já ouvia os gansinhos que ainda não haviam eclodido, piando como se pedissem para sair do encarceramento em que estavam.

– Eu lutei o quanto pude com a malfazeja ave de rapina – falou a contristada “mãe gansa” – a ponto de chamar a atenção dos outros gansos maiores e meus companheiros, que, como eu, moravam no sítio. Eles vieram em meu socorro, no entanto o animal tinha o tamanho de, aproximadamente, o dobro ou mais que qualquer um deles. Com os olhos esbugalhados, que mais pareciam duas tochas vermelhas na iminência de saltarem fora do seu local natural, anunciavam seu estado colérico



e de extrema fereza. O resultado de todas as atrocidades selvagemente praticadas foi que ele bicou e destruiu todos os ovos com os gansinhos ainda aprisionados, matou e comeu os que já haviam nascido, à exceção de um deles, o qual deixou semimorto. Esse último morreu dois dias após a ocorrência, e o meu consolo foi colocar, suavemente, e com muito amor, as minhas asas sobre ele e esperar que expirasse.

– Átila – falou Pitágoras, à guisa de concluir o seu discurso – o pior de toda essa história é o fato de que ela está novamente chocando dez ovos, e o seu temor é que a história se repita. Bem, eu decidi esperar você chegar, nem consultei a galinha “mãe adotiva” sobre o assunto. A palavra agora está com você. Como agiremos?

– Não tem jeito, Pitágoras. O encaminhamento da solução dessa questão nós já o vivemos. Temos que procurar a galinha “mãe adotiva”, contar-lhe todo o teor da entrevista conforme você me repassou, e solicitarmos a sua valiosa ajuda, fazendo-nos companhia e apoiando a visita do Semeador em uma segunda entrevista que faremos à “mãe ganso”.

Espere-me um pouco que eu vou somente beber um pouco d’água, pois estou com bastante sede. Desde as oito horas que não tomo um gole do gostoso líquido purificador. Ao chegar no local onde são colocadas sua refeição e água, notou que a bacia do líquido que aplacaria sua sede estava quase vazio. Deu alguns brandos latidos, e, aproximando-se da cozinha, lambeu-lhe as pernas e voltou para a bacia. Fez isso uma, duas ou três vezes para que ela entendesse que estava com sede.

– Já entendi, Átila, você está com sede. Espere um momento que eu vou providenciar um pouco d’água de excelente qualidade. De uma coisa eu tenho certeza, disse ela ao encher a bacia com água, de sede você não morre mais, pois já sabe pedir!

Átila bebeu, avidamente, quase todo o conteúdo da bacia. Sua sede era maior do que ele mesmo pensava. Foi então à procura de Pitágoras para resolver o pequeno problema, assim imaginava, que ele havia relatado.

– Oi, Pitágoras! Vamos primeiro aonde está a galinha “mãe adotiva”. Ela ajudar-nos-á, indo conosco e apoiando-nos na missão que está à nossa frente.



Chegando perto do seu ninho, viram-na cercada de pintinhos. Dava para concluir que não pertenciam à mesma ninhada porque seus tamanhos eram diferentes, uns já frangotes e outros menores.

– Boa tarde, “mãe adotiva”! Que lindos filhotes você tem! – Exclamou Átila.

– Desejamos e precisamos falar com você, pois é a única que pode nos ajudar a resolver um probleminha que surgiu, mas eu o classifico de perfeitamente natural.

A galinha “mãe adotiva” foi até onde eles se encontravam, cerca de menos de um metro, sem perda de tempo:

– Eu já sei do que se trata. O seu probleminha se relaciona com a trágica história da minha companheira gansa, que está choca com dez ovos. Ela mesma veio até aqui se aconselhar comigo. Fiz ver a ela duas coisas que deveríamos observar para fundamentar nosso comportamento: a primeira era o fato de que o convite para a visita partiu do Professor Luis, e ele, logo ele, não convidaria para vir à sua casa um bicho nojento e mau como o gavião que a atacou no sítio onde morava anteriormente; a segunda observação diz respeito à relação de entendimento que Átila e o urubu-rei mantêm. Acrescentei ainda que o seu receio não tinha cabimento, pois a visita que iríamos conhecer na sexta-feira tinha índole bondosa e nunca demonstrou sentimento de agressividade ou hostilidade por quem quer que seja, de acordo com Átila. Parece-me que ela saiu daqui para cuidar do seu ninho aliviada e confiante. Mas vamos até onde ela está, eu os acompanho para reforçar o que já disse ainda hoje.

Quando a comitiva chegou ao ninho da “mãe gansa”, após os cumprimentos iniciais, ela não deixou que ninguém usasse da palavra e foi logo se pronunciando.

– Estive com a minha querida companheira que lhes presta apoio e compõe essa comitiva. “Mãe adotiva”, minha grande amiga e com quem mantenho um relacionamento perfeitamente harmônico na luta para dar luz na vida de pintinhos e gansinhos. Portanto, já conversamos o suficiente. Eu mesma fui procurá-la, porque, dias passados, eu vi Átila e Pitágoras trocando ideias com ela. Certamente que essas ideias gira-



vam em torno do mesmo assunto, ou seja, a visita do urubu-rei ou o Semeador – como foi apelidado por Átila – a esta casa, convite apoiado e direcionado pelo Professor Luis, com data marcada para sexta-feira desta semana, às oito horas.

– A minha história de vida – continuou ela – no outro sítio em que outrora morei, e a tragédia que se abateu sobre toda a família de gansinhos que eu estava chocando, vocês já sabem. Por essa razão, eu ainda guardo sequelas traumáticas do evento, as quais me colocam na defensiva todas as vezes que a minha imaginação abriga pensamentos de que algo semelhante ainda pode vir a acontecer comigo. Sem querer estender muito a conversa, desejo finalizar dizendo que os meus receios foram dissipados. Essa decisão deve-se ao diálogo mantido com a minha querida amiga “mãe adotiva” e uma longa troca de ideias com meus companheiros gansos adultos. Dessa forma, podem contar com o meu apoio neste projeto de visita do Semeador.

Todos os presentes realmente regozijavam-se de alegria e satisfeitos com o resultado final obtido. O motivo, ou os motivos não se prendiam tão somente ao “sim” vigoroso dado pela “mãe ganso”, mas, e principalmente, pelo apoio que também haviam conquistado dos demais gansos adultos e das outras aves, que, juntas, formavam verdadeiras teias de relacionamento e de mútua compreensão.

Naquela terça-feira, no final da tarde e também à noite, em frente à televisão, Átila pretendia despertar a atenção do Professor Luis para o fato de que todos precisavam de sua comunicação, oficializando a visita do Semeador. Ficou no terraço, no local onde, por volta das cinco horas, ele viria para apreciar o pôr do sol e trocar ideias. Pôs-se a matutar sobre o assunto que o preocupava naquele entardecer. Passados alguns minutos das cinco horas, ouviu o seu arrastar dos pés, caminhando com um chinelo de couro barulhento, mas que ele gostava muito de calçar. Quando chegou, falou para Átila:

– Eu já sabia que você estava aqui, pois ouvi seus latidos e os de Pitágoras no quintal. Uma questão – mais uma – está me deixando curioso, os bichos estão bastante agitados nesses últimos dois dias. É como se discutissem entre si sobre algum assunto que interessa a todos. Tenho certeza de que você poderá esclarecer-me do que se trata. Eu vou tomar um banho e, dentro de dez a quinze minutos, estarei de volta.



Quando ele se levantou para voltar ao interior da casa, Átila manifestou seus efusivos e costumeiros gestos de assentimento que significavam “sim” ou “está tudo certo”. Permaneceu no mesmo lugar à espera da sua volta, fato que ocorreu no decurso de tempo por ele estipulado. Ouviu então a inconfundível voz cobrando a resposta para a pergunta que deixara.

– E então, Átila, o que você me diz dessa animação toda? Quando as coisas estão em efervescência, basta tu chegares para, em alguns minutos, tudo se acalmar. Observei também que Pitágoras não tem sossego, está sempre correndo para cima e para baixo. Imagino eu que toda essa movimentação tem a ver com a busca de um diálogo com todos os animais da casa. Existe algum interesse comum para provocar toda essa agitação?

Átila estava preparado para responder, satisfatoriamente, ao questionamento do Professor Luis, pois havia aprendido muito nos últimos dias. Inicialmente disse que “sim”. Em seguida, foi umas duas vezes ao portão, e, em cada uma das vezes que voltava, olhava fixamente o seu interlocutor nos olhos, acrescentando os demais gestos que tinham o seguinte significado: “estamos tratando de comunicar a todos os animais da casa sobre a visita do meu companheiro da praia”. Depois disso, e como tinha certeza de que o Professor o entendera muito bem, mais uma vez latiu brandamente e colocou as suas pernas sobre as dele. Depois de repetir todos os gestos corporais de convencimento, desceu, foi até a porta da casa e de lá latiu uma ou mais vezes, voltando a sua cabeça para o interior da casa e depois para ele.

Por último, foi até o portão, dirigiu seu olhar para a praia, voltando rapidamente para a porta, olhou para o interior da casa e repetiu os gestos anteriores. Isso tinha o seguinte significado: “as pessoas da sua família já sabem da visita e quem é o visitante? E os serviçais, principalmente a cozinheira e o morador, também sabem ou não da ocorrência de sexta-feira, às oito horas?”.

– Meu caro assistente, primeiro entendi que você e Pitágoras estão, na realidade, dialogando com os demais bichos do quintal acerca da visita da ave, “sua companheira da praia”. E, segundo, se eu o compreendi bem e o suficiente, o que você quis perguntar é o seguinte: se eu já comu-



niquei a todos que moram comigo nesta casa, inclusive ao morador e à cozinheira, acerca desse evento de sexta-feira pela manhã.

– Confesso a você, Átila, que fui negligente nesse ponto, e considero muito oportuna a lembrança que está fazendo. Hoje mesmo, no jantar, comunicarei a visita aos meus familiares, e, como a cozinheira fica sempre por perto, na sala de jantar, ela também tomará conhecimento do fato. Lembre-se de que nos encontraremos todos logo às dezenove horas, na sala da televisão, onde o assunto poderá ser relembrado. Quanto ao morador, conversarei com ele ainda hoje, ou então amanhã cedo. Satisfeito, Átila?

Átila fez as demonstrações de agradecimento e acompanhou o Professor Luis até a porta, satisfeito pelo conteúdo de suas últimas palavras ao obter a garantia de que todos seriam comunicados sobre a visita do Semeador no início da manhã, ainda nesta terça-feira. Ficou no mesmo local onde estava, e seus pensamentos oscilavam entre o que aconteceria à noite e o resultado da ida ao centro da cidade no dia seguinte. Não esperou mais que uns vinte minutos, quando ouviu a voz alta e sonora da cozinheira, convocando-o para a sua refeição diária. Imediatamente, ele correu para o local onde se localizava a bacia contendo a sua “comidinha” cozida e gostosíssima, geralmente, cartilagens de boi ou miúdos, asas e pés de frango, tudo comprado no açougue de onde eram fregueses. Terminou a sua alimentação antes dos outros que estavam à mesa da sala de jantar e foi então para a sala da televisão, aguardando todos chegarem por volta das dezenove horas. No horário previsto e que ocorria, diariamente, todos foram chegando e sentando-se em seus locais de costume para assistirem à televisão. Átila já estava postado ao lado da cadeira do Professor Luis.

– Hoje todos ficarão sabendo da visita do seu companheiro de praia. Vamos apenas esperar que tomem assento. Não vai demorar muito, mesmo assim vou apressá-los com um breve chamado. Vamos, pessoal, já lhes estou aguardando há quase dez minutos. Que demora é essa? Logo em seguida à convocação, todos chegaram.

– Meu pai, minha mãe, enfim, todos que aqui estão. Tenho uma boa notícia para lhes dar. Eu convidei um amigo ou companheiro de praia do Átila para nos visitar na sexta próxima, logo no início da manhã. Eu não sei de quem se trata, apenas que é uma ave e vive na praia. De vez



em quando voa não muito alto sobre a superfície do mar, e se encontra quase diariamente com Átila, onde trocam ideias sobre coisa da vida e do interesse de ambos. De qualquer maneira, como ele vem a meu convite, desejo que todos vocês o acolham muito bem.

– Eu somente estou estranhando, Luis – indagou o seu pai – como você pode me explicar que um cão e uma ave podem manter algum tipo de comunicação? Se tal for verdade, então podemos admitir que Átila também dialoga com outros bichos do nosso quintal, o que não deixa de se constituir em um fenômeno. Não é verdade?

– A cozinheira não se conteve, entrando na conversa para emitir a sua opinião, expressando-se como segue: Para mim isso não seria novidade porque, ontem, quando ele chegou da praia, foi até onde eu estava e através de gestos, utilizando as orelhas, rabo e olhos, conseguiu me comunicar, que a sua bacia d’água estava vazia, e ele estava com sede. Eu entendi perfeitamente o que disse. Finalmente, eu não sei se é algum tipo de diálogo que ele mantém com Pitágoras e alguns outros bichos, mas, principalmente, nestes últimos dias, os dois cachorros têm procurado, juntos, as galinhas, gansos e demais bichos. Eu não tenho dúvida que ele conversa com todos eles.

– Os dois têm razão, cada um com a sua interpretação particular. Eu já há algum tempo estranhava o comportamento de Átila. Isso porque, mesmo antes de saber que quando ele saía daqui e se demorava a manhã toda, julgava que ia para o bar da dona Antônia, encontrar-se com outro cão chamado Brilhante.

– Há cerca de dois meses, aproximadamente, duas coisas aconteceram de forma concomitante. Primeiro, vieram os gestos que indicavam nitidamente seu desejo de que eu o entendesse, quando desejava manter contato comigo. Atualmente, existem ainda algumas questões que tenta me transmitir e eu não o entendo imediatamente; leva algum tempo para que tal ocorra a contento. No entanto, as coisas mais simples não me causam mais dificuldades.

– Em segundo lugar, vejam como Átila sabe utilizar gestos corporais no envio de suas mensagens. Foi o que aconteceu com nossa cozinheira, que também faz sua refeição e coloca água na vasilha adequada para tal. Vejam que ele soube manifestar seu pedido de preenchimento da bacia d’água, e também informá-la do fato de ter voltado sedento da praia. Mas, amanhã eu irei ao centro resolver alguns negócios, onde procurarei



obter maiores informações acerca da ave “companheira de praia” de Átila. Então lhes comunicarei tudo o que eu vier a descobrir, quando retornar, na hora do jantar.

No dia seguinte, quarta-feira, Átila foi até onde estava Pitágoras na perspectiva de saber como o seu trabalho vinha se desenvolvendo.

– Oi, meu amigo Pitágoras, está correndo tudo bem? Algum animal fez objeção à visita do Semeador? Se houver, estou pronto para, junto com você, resolver a pendência.

– Você nem imagina, meu companheiro. Embora ainda faltem alguns deles, não muitos, para serem entrevistados, a notícia espalhou-se de forma rápida e favorável. Ou seja, todos com os que fiz contato se antecipavam, afirmando que já sabiam e aprovavam a visita do urubu-rei, principalmente por ser ele um convidado do Professor Luis. O meu otimismo é decorrência desse fato, porque tudo me leva a acreditar que os demais ainda não contatados me receberão de forma idêntica. Você pode agora procurar o Professor Luis e acompanhá-lo na solução de suas questões, enquanto eu darei continuidade ao meu trabalho.

A DIFÍCIL TAREFA DE ÁTILA PARA MOSTRAR QUEM É O SEMEADOR AO PROFESSOR LUIS

– Tudo bem, Átila? Eu já ia procurá-lo, pois ouvi você e Pitágoras onde ele costuma ficar a esta hora: perto do morador. Vamos então ao centro que eu preciso resolver umas questões pendentes.

Os dois entraram no carro e se dirigiram ao destino do Professor Luis.

Ambos estavam pensativos durante o trajeto. O primeiro, preocupado com os “*abacaxis*” que lhe estavam esperando; o segundo, não tirava do pensamento as palavras finais de alerta do Semeador: “logo que vocês cheguem à pracinha e antes que ele saia para resolver suas questões comerciais e bancárias, você deve chamá-lo para que possa testemunhar, como exemplo da minha espécie, os urubus que estiverem se alimentando ou nos arredores da praia”. Átila teria que agir rapidamente para seguir essa diretriz, senão, quando o Professor Luis chegasse, não poderia lhe oferecer nenhum exemplo. Isso porque todos os urubus já teriam retornado cada um para a sua casa.

Ao chegar na pracinha, o Professor, como das vezes anteriores, abriu logo a porta do carro para Átila sair, que não perdeu tempo. Foi logo



esperá-lo descer, e, ao fazê-lo, seu “assistente” cuidou de chamar a sua atenção com gestos que pediam que o acompanhasse até a praia. Mesmo resmungando, o Professor Luis o seguiu. Átila ficou satisfeito quando olhou para trás e notou que ele se deslocava em sua direção, e também porque havia alguns urubus se alimentando e outros nas cercanias.

Com uma manifestação de contentamento estampada em seu semblante, Átila correu até onde se encontrava a “urubuzada”, latindo de modo afável. Os urubus devem ter interpretado a forma de ele se fazer notar, provavelmente, como a seguir: “o proprietário desse daí deve ser algum dos doidos, assim como ele demonstra ser, que de vez em quando aparecem por aqui”. Ou, então: “não liguem não, ele está querendo se exibir por algum motivo e para alguém”. Átila rodopiou em torno deles mais umas duas vezes para que o Professor não tivesse dúvidas sobre o que estava tentando lhe dizer. Notou que ele havia se aproximado mais da praia para observar-lhe melhor, e isso o alegrou mais ainda. Correu até onde o Professor Luis estava, com esperança de que ele havia entendido bem e a certeza de que não iria rejeitar o fato de que o Semeador seria o seu visitante de sexta-feira pela manhã.

– Oi, Professor! – Mesmo um pouco distante, Átila gesticulou, perguntando: “você compreendeu bem o que eu quis lhe dizer?”.

– Não nego que estou bastante surpreso! Eu já sabia que “seu amigo de praia” era uma ave, mas jamais poderia imaginar que se tratava de um urubu. Vocês devem ser muito inteligentes, principalmente o seu companheiro de diálogo. Agora começo a entender melhor a agitação que tomou conta de todos os animais nos últimos dias. Até eu “caí” na estratégia montada pelo nosso visitante, você e Pitágoras. Meus sinceros parabéns pelo exitoso esquema criado para o convencimento de todos nós da família, os serviçais e demais bichos. Hoje à noite começarei a divulgar a visita do urubu, seu “companheiro de encontro na praia”, como oficialmente meu convidado. Não sei qual será a reação deles, mas estou certo de que saberei persuadi-los. Agora eu vou resolver os meus negócios e à tardinha estarei de volta para retornarmos.

Átila não poderia esconder seus sentimentos de felicidade e contentamento. Foi à procura de Brilhante para ver se ele tinha alguma novidade acerca do “pescador solitário” e sua alegação de ter sido abduzido por um OVNI. Tentou localizá-lo, mas não o viu nas imediações. Decidiu,



então, ficar no bar da dona Antônia, em um local que permitiria vê-lo quando regressasse. Passados alguns minutos, viu, um pouco distante, o seu companheiro se aproximando. Resolveu descer até a beira da praia e aguardá-lo.

– Meu estimado companheiro Átila, o que houve? Já decorreram mais de dez dias que você “não dá o ar de sua presença”. Eu disse alguma coisa que o desagradou?

– De modo algum, Brilhante, nada do que você disse me causou qualquer constrangimento, muito pelo contrário, me esclareceu bastante sobre o que eu estava carecendo saber. Eu conversei com o meu novo companheiro, o Semeador, e em vista disso é que eu venho novamente recorrer a você. Trata-se da abdução alegada pelo “pescador solitário”. Há alguma outra pessoa de incontestável credibilidade, que conversou e/ou viu os familiares do “pescador solitário” retornando com ele para Fortaleza ou outra cidade grande, sob a alegação de que precisava se submeter a exames e consulta médica? Se você quiser mais tempo para pesquisar o assunto eu posso esperar, porque hoje o Professor Luis já deve estar chegando, o que me obriga a acompanhá-lo.

– Vamos fazer dessa maneira, Átila. Eu vou tentar ouvir as pessoas que vêm aqui, principalmente, a esta hora, para “jogar conversa fora” e ver o pôr do sol. Você precisa dar-me pelo menos dez dias. Pronto! O seu patrão já chegou. Lembre-se de que eu tenho dez dias de prazo para tentar dizer-lhe mais alguma coisa.

O Professor Luis estava olhando na direção do horizonte, ao mesmo tempo em que conversava com um grupo de conhecidos. Ao chegar onde estava, Átila ficou perto dele para que compreendesse que já estava à sua disposição.

– Átila, vamos aguardar uns minutos até o sol completar o seu poente. Depois nós iremos para casa, pois já devem estar esperando-me para o jantar.

O pôr do Sol não demorou muito para acontecer, ou seja, em cerca de menos de cinco minutos o sol já havia se escondido de nós do planeta Terra. No carro e retornando para casa, o Professor Luis tomou a palavra novamente.



– Átila, eu tomei algumas informações acerca do seu companheiro de praia, o urubu. Um desses meus conhecidos falou que ele já fora visto na praia, e algumas observações adicionais eu consegui registrar. Primeiro ele não é um urubu comum, desses que vemos na praia. Trata-se de um urubu-rei, grande e forte, de envergadura de quase dois metros, sem penas na cabeça e no peito. Esse é o seu companheiro de praia, não é verdade, meu discípulo? Também afirmaram que era visto constantemente junto a um cachorro e que os dois pareciam conversar.

– O terceiro assunto refere-se ao OVNI e à abdução do “pescador solitário”. Encontrei um velho conhecido que, além de ser bom de prosa, pode-se confiar em seus relatos. Por outro lado, ele é um profundo entendedor das coisas que acontecem na cidade. Por esse motivo o consultei acerca do “pescador solitário”. Recebi como resposta: “Professor Luis, eu tomei conhecimento desse fato durante o período em que ocorreu. No entanto, o meu pai, que é mais curioso do que eu e tem mais tempo, aprofundou bastante o assunto. Quando eu chegar em casa procurarei me atualizar junto a ele sobre o que você me perguntou”. Portanto, Átila, estou aguardando a conversa de meu amigo de prosa com o seu pai para, então, me comunicar com ele. Quem sabe ficarei sabendo mais sobre o assunto! Vamos esperar.

Em casa, Átila alimentou-se e, antes de ir para a sala da televisão, ficou ouvindo a conversa dos que ainda estavam à mesa. Ficou curioso porque se tratava de um assunto que não lhes causava nenhuma ojeriza, podia-se inferir, pelos sorrisos que eram emitidos pelos que ainda dialogavam. Somente foi para a outra sala, quando se certificou de que tudo havia corrido bem, de acordo com o ambiente de satisfação presenciado.

– Átila, para começar, desejo oficializar o urubu-rei, ou, como você o chama, o Semeador, como meu convidado. O que você acha, meu pai? Você é contra ou a favor ter o companheiro de praia de Átila como nosso visitante?

– Bem, meu filho Luis, você deve estar lembrado de que fui eu quem iniciou a trazer os animais ao nosso sítio. Uns vieram de Fortaleza, outros de outra cidade grande – dois ou três deles vieram do Rio de Janeiro –, e atualmente nós temos os que nasceram aqui.



– Nós viemos morar na praia, um pouco distante de Fortaleza, porque cheguei à conclusão de que a vida numa cidade grande, Fortaleza, é apenas um exemplo dentre muitas outras cidades localizadas no Brasil – perdeu os requisitos básicos para uma vida familiar saudável. Por exemplo, não se tem mais respeito à vida animal e aos princípios ecológicos tidos como fundamentais – privilegiam-se gatos, cachorros, aves canoras e poucas outras por sua beleza. Os desentendimentos humanos por qualquer razão conduzem a uma verdadeira banalização da vida, justificando o cometimento de crimes, muitos deles hediondos e inaceitáveis. Ou seja, aqueles que infringem a lei com a prática de crimes contra a vida humana procuram os motivos mais banais para justificar tais atitudes.

– Os mais jovens – pré-adolescentes e adolescentes – iniciam suas vidas sexuais muitas vezes quando ainda crianças. É fácil testemunhar casos absurdos e extremos ao flagrarmos “crianças serem pais de crianças” ou a perpetração de crimes praticados por menores de idade, os quais eram somente atrelados a adultos, num passado não muito remoto. É fácil concluir que tudo se deve a uma vida familiar totalmente ou assaz desregrada, que serve de exemplo para os mais novos. Assim, não há motivo para que eu venha a rejeitar a visita do urubu-rei, pois esse foi o meu procedimento no tratamento dedicado aos animais. Se acaso me opusesse, estaria faltando-lhe com o apreço sem sequer conhecê-lo.

O SEMEADOR RETORNA AO SÍTIO PARA CONHECER SEUS FUTUROS ALUNOS

Finalmente a sexta-feira – o dia esperado por todos – chegou. Os animais estavam bastante agitados, e andavam praticamente por todo o quintal. Reuniam-se em grupos divididos por afinidade, onde se misturavam cacarejos, latidos, miados e outros próprios da linguagem animal. Átila encarregou seu porta-voz a ficar de sobreaviso, pastoreando os animais para evitar qualquer imprevisto, enquanto ele se deslocaria até a praia a fim de trazer o visitante.

Enquanto isso, o Professor Luis, embora soubesse que seu visitante era um urubu, surpreendia-se com a intensa movimentação dos animais e que tal se devia ao trabalho realizado por Átila e Pitágoras. Ou, então, tudo o que estava acontecendo poderia ser devido a comportamentos



anteriores do Semeador – semeados em outros momentos do passado –, os quais lhe asseguraram tamanha notoriedade, tais como correção de atitudes e respeito a todos os animais com quem convivia, e também junto àqueles com quem mantinha um relacionamento apenas eventual, afora outras qualidades que o credenciaram a, meritoriamente, desfrutar de tanto prestígio.

Pensativo sobre o assunto, ficou a matutar formas diferenciadas de proceder com o cenário que se apresentava. Para tomar essa decisão, ele somente poderia fazê-lo quando o visitante chegasse. Enquanto esperava que Átila retornasse com o urubu, dirigiu-se para o interior da casa, onde pretendia continuar a leitura do livro que despertava seu interesse no momento.

Átila estava perto de chegar e sua demora justificava-se em virtude de que, vez por outra, tinha de verificar se o Semeador o seguia, e, dessa forma, parava a sua marcha continuamente, olhando para cima, identificando-o. Ao chegar em casa, guiou o Semeador diretamente para o local onde todos já estavam a postos. Havia cerca de uns sessenta a cem animais à espera do urubu-rei. O seu porte atlético e a envergadura de dois metros sob formas harmônicas cativou a todos instantaneamente. Ele era realmente uma belíssima figura!

Embora estivesse entusiasmado, Átila foi envolvido por um grande sentimento de respeito ao visitante, proferindo um breve, mas eloquente discurso de boas-vindas. Falou a todos das suas notórias qualidades: possuidor de profundo espírito de bondade e cooperativo em suas relações interpessoais. Átila demorou cerca de dez minutos para finalizar a exteriorização de suas ideias, não se estendendo mais porque notara que uns dois ou três bichos gostariam, também, de expressar seus sentimentos. Deu, então, por encerrada a sua participação.

– Bem, amigos e companheiros, são essas as minhas poucas palavras. Espero ter sido justo com a saudação que fiz ao nosso visitante. Preciso agora ir até onde está o Professor Luis e dizer-lhe que o seu convidado já está à sua disposição e o espera ansiosamente. Ele decidirá, então, se vem logo e participa desta reunião, ou se o seu desejo é entender-se inicialmente a sós com o Semeador na varanda da casa. Nesse ínterim, os mais apressados fazem logo o seu pronunciamento e ficam aguardando as minhas notícias sobre a decisão do anfitrião.



O Semeador, de quando em quando, abria as suas grandes asas, dava pequenos voos de cerca de um metro na vertical, saracoteando o seu corpanzil, emitindo pequenos grunhidos próprios de sua espécie. O primeiro animal que solicitou uma oportunidade para ser ouvido foi a “mãe jegue”.

– Companheiro visitante, pelo que pude observar, e dada a minha longa vivência como mãe adotiva, você tem um poder quase mágico de entender os outros e, principalmente, de se fazer entender. Quando identificaram a sua espécie, alguns de nós não aceitaram, imediatamente, o convite efetuado pelo Professor Luis. Para compreender essa rejeição – que, para mim, na oportunidade, considerei apenas passageira –, é necessário levar em consideração a falta de experiência deles em diferenciar tipos de aves e o que a evolução da natureza lhes destinou, como o fez para qualquer um de nós. Por exemplo, esses de quem estamos falando não conseguem distinguir um falcão de um gavião ou de um carcará. No entanto, todos eles são bem intencionados e o seu modo de proceder foi simplesmente uma tentativa de defenderem seus filhotes, suas respectivas mães e si mesmos de predadores.

Por seu turno, Átila esperava pelo Professor Luis, pois já o chamara como de costume. Ele estava demorando além do combinado e desejado – o encontro com o Semeador dar-se-ia às oito horas. Algo inusitado deveria ter acontecido. Resolveu reiterar seu primeiro chamamento, fazendo-o logo da porta para o interior da casa. Logo em seguida, ouviu o Professor Luis dizer, à guisa de uma resposta:

– Estou indo, Átila, aguarde-me só mais um minuto, onde você está mesmo – Átila voltou, então, ao local onde originariamente estivera.

O Professor chegou com uma expressão de surpresa e espanto estampada em seu rosto, logo afirmando:

– Átila, que barulheira é essa promovida pelos animais, como se estivessem comemorando algo?

– Se o senhor tivesse me atendido logo saberia, nesse instante, que o Semeador é o responsável por toda essa alegre alteração. Na



verdade os ânimos dos animais se exacerbaram, e a reação deles nada mais é que o resultado desse fato. Em nome deles, fiz um discurso de boas-vindas enaltecendo as qualidades de nosso visitante: bondade, entusiasmo e solidariedade, dentre outras, além de se constituir em seu convidado especial.

Um grande número de bichos também quer saudar o Semeador. Então, Professor Luis, que procedimento pretende adotar? O senhor vai receber seu convidado aqui mesmo na varanda ou pretende juntar-se a nós no local onde já estamos reunidos? Decida logo, porque todos estão ansiosos para ouvir, de sua própria voz, uma saudação ao Semeador.

– Agora estou em uma situação deveras embaraçosa. Isso porque, como anfitrião, eu me tornaria extremamente deselegante se me negasse a participar de uma reunião com meu convidado, principalmente, porque o encontro ocorre na minha casa, com outros animais que aqui moram. Por outro lado, gostaria de conhecê-lo de perto, ou seja, somente eu, você e ele, nesta mesma varanda. Se eu for para a reunião já iniciada, com a obrigação de ouvir a manifestação de todos os presentes, pela alegria que daqui ouvimos, não terei essa chance. O que fazer então, Átila?

– Bem, Professor Luis, pode deixar que eu me encarrego de resolver esse pequeno problema.

– Átila, eu preciso saber qual é o seu plano para que eu possa me preparar para poder executá-lo. Tem que ser algo rápido, básico e que não desagrade nenhum dos presentes.

– É justamente como eu estava pensando, Professor Luis – disse Átila. Hoje é um primeiro entendimento que se aprofundará com o decurso do tempo. O Semeador poderá voltar outras vezes ao sítio com essa finalidade. O que proponho, então, é o seguinte: nós vamos até ao local onde está se realizando a reunião e eu a interrompo dizendo sobre o significado de sua presença e da necessidade de ausentar-se durante um certo período de tempo, levando consigo o Semeador para conversarem a sós. A seu critério, o senhor poderá gastar de dez a quinze minutos proferindo suas palavras, agradecendo a todos pelas homenagens ao seu convidado, e algo mais que achar importante.

– Gostei da sua proposta, Átila. Essa é uma maneira inteligente de agradar a todos e atingir o meu objetivo, evidentemente, se você for



claro e objetivo conforme o seu plano. Vamos então ao local da reunião.

O Professor e Átila vieram os dois juntos, caminhando a passos largos, e o Semeador os seguiu voando a um metro do solo, aproximadamente. Foi uma barulheira geral quando os animais notaram a presença do Professor Luis. O urubu-rei postou-se ao seu lado esquerdo, e Átila, com o intuito de fazer a apresentação do Professor Luis, ao direito. Tudo foi feito como combinado, e o dono da casa tomou a palavra, iniciando o seu discurso.

– Estou aqui para prestar as minhas boas-vindas a esse urubu-rei que Átila, de modo muito respeitoso e carinhoso, deu-lhe a alcunha de o Semeador. Trata-se de um bicho que, além de bem-intencionado, é bastante solidário. Enfim, um altruísta. Por tudo isso, merece nossa consideração e respeito. Todos nós temos qualidades traduzidas pela força evolutiva que assim nos quis presentear. Ou seja, nós somos aquilo que a evolução permitiu que fôssemos.

E continuou:

– Se aceitarmos essa hipótese, é legítimo fazermos a seguinte ilação: a evolução é maior que a natureza, em consequência, somos produto da natureza. Para melhor entendermos a evolução, devemos considerar que, conforme Teilhard de Chardin, o Tempo Geológico foi dividido em Eras, Períodos e Épocas, por exemplo: o surgimento do homem como ele é hoje ocorreu na Era Cenozoica, Período Pleistoceno, e isso somente foi possível após a extinção dos dinossauros. Atualmente, os engenheiros fósseis têm segurança em afirmar que tudo o que aconteceu antes e depois desse fato, podemos creditar à evolução. O mesmo autor, Teilhard de Chardin, falando sobre a diversidade do comportamento animal, afirma que: “do momento em que a Evolução é primariamente psíquica, não há um instinto na Natureza, mas uma multidão de formas de instintos, dos quais cada um corresponde a uma solução particular do problema da vida. O psiquismo de um inseto não pode ser o de um vertebrado – nem o instinto de um esquilo ou de um galo ou de um elefante: isso precisamente em virtude da posição de cada um na árvore da vida”. Quis fazer essa citação porque são bastante oportunas as ideias do autor sobre o comportamento animal. Por exemplo, quando ele diz



que somos diferentes por instinto, ou seja, uma multidão de formas de instintos determinados pela evolução, isso é o que nos faz diferentes uns dos outros.

– Quanto aos predadores, também, não devemos hostilizá-los, porque, assim como nós, eles são como são em consequência dos caprichos da evolução. Aqui, não estamos defendendo o malfazejo consciente – o indivíduo que faz o mal porque assim o quer, um destruidor consciente. Os exemplos que citamos se referem às espécies de sujeitos que, instintivamente, procedem de acordo com os caprichos da evolução, que os fez para agir exatamente daquela maneira. Mas nada nos impede de que aprendamos a nos defender deles.

– Isso implica em manter um morador atento e vigilante ao assédio de qualquer um desses animais agressores e dos vândalos, responsabilidade que não cabe tão somente ao morador, mas também a todos os serviçais da casa – empregadas domésticas, jardineiros, etc.

E finaliza seu discurso:

– Devemos levar em conta que, de acordo com a intensidade e do tino do animal, melhor e mais fácil, talvez, seja a sua comunicação com os outros animais. Quanto aos humanos, a maior parte não admite que os bichos o compreendam e, tampouco, entendam a sua linguagem e procedimentos. Embora alguns humanos façam rejeição às atitudes dos bichos, devemos admitir que existe uma demonstração de total solidariedade a respeito dos desígnios da evolução para com os animais. Encerrarei agora minhas palavras, pois necessito de alguns minutos, cerca de meia hora, para trocar ideias a sós com o Semeador. Átila também me acompanhará para ajudar no entendimento. Vocês continuam neste local – esta é uma opção livre e passível de discordância – porque, logo após a finalização de minha conversa com o Semeador, acredito que ele ainda terá tempo para lhes dedicar, a seu critério, mais uns dez minutos. Mas não se preocupem, porque pretendo convocá-lo para outras visitas num futuro muito próximo.

O Professor Luis e Átila fizeram o mesmo itinerário daquele da ida, do terraço ao local onde se realizava a reunião. O urubu-rei os seguiu, encontrando-se com eles conforme o combinado. O Semeador já tinha experiência na compreensão da linguagem humana, do entendimento



e da interação entre eles. Quando andava pela orla, nesses momentos, via de regra, encontrava-se com pescadores e outras pessoas da cidade, ficando a observá-las detalhadamente. No entanto, o Professor Luis, além de não saber disso, não imaginava o nível de evolução que ele adquirira sobre o assunto. Átila, que não tinha dificuldade no trato com o Semeador, estava seguro de que essa desenvoltura seria demonstrada pelo visitante ao Professor Luis.

Chegando ao seu destino, foi logo se manifestando de forma categórica e objetiva:

– Daqui para frente, passarei a chamá-lo de Semeador – disse enfaticamente. Espero que você tenha entendido todas as minhas palavras de saudações e boas-vindas. É natural que você já esteja acostumado a dialogar com Átila há quase um ano, tanto que não se constitui novidade. Porém, conforme registrei no discurso que proferi minutos atrás, a minha lida com animais decorre cerca de, aproximadamente, vinte anos. Isso reflete o período que deixamos Fortaleza para morar neste sítio, onde meu pai e eu trouxemos todos os animais que atualmente moram aqui. Evidentemente, afora aqueles que nasceram no sítio, seus filhos e netos. A minha preocupação é saber o nível de nosso entendimento. Como é que você está me compreendendo? Qual o nível de dificuldade que está existindo, ou quais são as dificuldades do momento que podem impedir uma perfeita compreensão daquilo que estou tentando lhe comunicar?

– Eu acho, Professor, que o Átila não lhe explicou bem a minha experiência na compreensão tanto dos animais quanto dos humanos com quem eu tenho contatado nos últimos anos. Devo dizer-lhe que aprendi certas técnicas com alguns membros de minha comunidade de origem para efetivar esses relacionamentos. Mensal ou trimestralmente, sou visitado por um deles, momento no qual discutimos assuntos de nosso mútuo interesse, por exemplo, qual foi o caminho que encontrei para dominar a linguagem humana e dos animais – seus gestos corporais, grunhidos, latidos, etc.

– Eu estaria mentindo se afirmasse que o seu relato não me trouxe surpresa. Na verdade, o que me causa bastante admiração, além da indescritível surpresa, é o fato de você não demonstrar nenhuma dificuldade em juntar palavras na elaboração de frases. Isso ficou evidenciado no decurso da minha fala ao desejar-lhe votos de boas-vindas, oportunidade em que você compreendeu integralmente a mensagem que eu me propus transmitir.



Da mesma forma ocorreu com a citação de Teilhard de Chardin no livro *O Fenômeno Humano* –, não registrei nenhuma dificuldade de compreensão.

O Professor Luis esperou o Semeador “respirar fundo” para recuperar-se da tempestiva, mas deveras emocionante recepção que lhe fora prestada. Não sabia, ou, talvez, não tinha tanta certeza, de ter evoluído tanto, qualitativamente, na percepção e no entendimento dos relacionamentos humanos. As palavras que acabara de ouvir o faziam sentir-se mais fortalecido em aperfeiçoar-se rumo a esse objetivo. Decidiu, sentindo-se motivado pelos mimos intelectuais recebidos, interromper-lhe a palavra.

– Agradeço-lhe, de forma penhorada, o seu discurso. Eu afirmo sempre que estamos neste mundo para aprender sempre: a cada hora, minuto, segundo e milésimo de segundo. Nesse sentido, nós dois temos uma mútua necessidade de interesses. Embora sejamos de espécies diferenciadas, o caráter de nossa convivência não pode ser mutuamente excludente. Tenho certeza de que, se você refletir sobre as minúcias que revelei a meu respeito, o resultado dessa reflexão vai encaminhar-nos para um maior alargamento de nossas visões de mundo.

– Observei, atentamente, também os seus conhecimentos sobre o comportamento animal, constatação que não colide com os meus objetivos, os quais são os mesmos que lhe movem. Por exemplo, com relação ao Átila, eu não consegui convencê-lo, ainda, de que ele é um cão e como tal deve proceder. De acordo com sua maneira de agir, depreende-se que ele mantém latente a esperança de que, numa data não muito distante, ele adquirirá a capacidade de compreender o comportamento humano, indiferente de quem seja o indivíduo. E, pelo que eu saiba, essa esperança individualizada somente será possível no curto ou médio prazo, se formos bastante otimistas. Consegui observar ainda que Átila não domina tanto a linguagem de todos os animais, assim como o modo de ser de cada bicho, dos seus filhos e demais descendentes.

– Realmente, meu caro Semeador, os nossos interesses não podem e nem devem ser mutuamente excludentes. Agora estou compreendendo o interesse de Átila em deslocar-se, ainda cedinho, para a orla da praia. Eu imaginava que tudo era motivado por alguma cadelinha que ele conheceria recentemente. Na verdade ele ia ao seu encontro, *Semeador*, e seu objetivo, quem sabe o mais importante para ele, era entender a linguagem e comportamento humanos.



– Comecei a desconfiar disso há algum tempo, quando ele passou a me fazer, insistentemente, perguntas que versavam sobre o assunto. A cada resposta que eu proferia, ele sinalizava evasivamente, tornando-se, por alguns minutos, bastante absorto em seus pensamentos. Era notório e perceptível esse seu estado de ânimo, com visível indiferença ou torpor. Quando a resposta parecia lhe desagradar, fechava-se em um mutismo pensativo.

– Essa possibilidade não é, objetivamente, o que mais me preocupa. Parece-me mais temerária a frustração frente a uma expectativa malograda. Na verdade, não devemos incentivar a assunção de atitudes inverossímeis em que a sua concretização é pouco provável.

– Pois é, meu caro Semeador, agimos com o melhor dos propósitos e não podemos dizer que ele cometeu qualquer erro, ou que sua atitude estava contaminada de intenções pouco recomendáveis. Na verdade, ele buscava ampliar seu leque de informações naquilo que julgava importante para o seu projeto de vida: a compreensão do comportamento e da linguagem humana. Átila não se contentava somente em se tornar autossuficiente no entendimento dos animais, a sua aspiração ia mais além.

– Professor Luis – interrompeu o Semeador – já nos demoramos quase uma hora nesta nossa conversa, e ainda tenho que retornar ao local onde estávamos para ouvir outras inquirições, para as quais preciso emitir respostas convenientes e convincentes. Acho, então, que devo retornar e encerrar a reunião, pois já está entardecendo.

– Muito bem, meu prezado Semeador, concordo plenamente com você, principalmente, porque hoje você cativou todos os animais e não pode decepcioná-los, pois, atentando ao que escreveu Antoine de Saint-Exupéry, escritor francês, em seu livro *O Pequeno Príncipe*: “tu és eternamente responsável por aquilo que cativas”, decepcioná-los equivale a desrespeitá-los. No entanto, desejo tranquilizá-lo porque nos próximos quinze ou trinta dias desejo convidar o meu amigo Professor João Paulo, com quem tenho amiúdes contatos mensais em reuniões que realizamos no sítio, para discutir assuntos científicos e outros de menos importância, mas que merecem nossa atenção.

– Após o jantar, telefonarei para ele e o convidarei para vir fazer-me uma visita num dos próximos fins de semana, e conhecê-lo, participando-lhe, nesta oportunidade, das novidades do encontro de hoje.

– Farei isso com certa reserva e cuidado ao relatar-lhe o teor do assunto, eis que ele sabe que o meu pai, o Doutor Pedro Otávio, tem um



problema cardíaco e, de acordo com o médico cirurgião cardiologista que o acompanha, certamente necessitará submeter-se a um cateterismo. Conforme o resultado dos exames e de acordo com o número de trombos ou placas, será preciso realizar uma operação cirúrgica simples e sem maiores perigos para a colocação de *stents* nas coronárias afetadas.

– Então estamos combinados – interveio o Semeador. Através de Átila estarei aguardando a sua resposta referente à vinda do Professor João Paulo.

– Muito bem. Os nossos próximos encontros não serão tão festivos quanto o de agora. Vou combinar com João Paulo a elaboração de uma agenda de trabalho para a próxima reunião, em que suas temáticas serão direcionadas para os assuntos tratados até agora, inclusive sobre a criação, com sede aqui no sítio, da Associação Beneficente dos Animais. Esse procedimento, a elaboração da agenda, além de evitar perda de tempo, proporcionar-nos-á momentos de ócio, quando poderemos nos dar ao luxo de descansar um pouco, caminhando na praia, apreciando sua beleza e as espécies existentes.

O Semeador retornou para o local onde os animais estavam reunidos. Átila o aguardava a uma certa distância, e disse um “até breve” como despedida. O Professor Luis ficou refletindo sobre o resultado da visita. Estava bastante otimista com a surpresa que o urubu-rei certamente causaria ao seu amigo, Professor João Paulo. À noite, iria fazer uma comunicação telefônica para ele e contar as novidades.

Naquela noite, na sala da televisão, comentavam alegremente sobre alguns fatos que ocorreram com a presença do urubu-rei. A cozinheira foi quem mais detalhes observou. Notou que as famílias de patos e gansos fizeram uma região paralela e, sem dúvida, trataram do impacto positivo sentido por todos – por que não dizer alívio? – que o Semeador lhes trouxe. Ela também observou que além desses bichos, a maioria dos demais mostravam-se alegremente distribuídos entre grupos de espécies diferenciadas. Podíamos notar que cachorros, gatos, burros, cavalos, patos, gansos e galinhas se entendiam em um momento de bem-estar nunca visto.

Depois de apropriar-se dessas primeiras informações junto aos seus familiares, o Professor Luis decidiu que havia chegado a hora de telefonar para o seu amigo Professor João Paulo, do contrário ele poderia ocupar-se com outra atividade e não atenderia o telefone. Então ligou:



– Alô? É da casa do Professor João Paulo? Sim? Ótimo. Diga-lhe que é o Professor Luis, amigo dele do interior do estado que está precisando falar com ele.

E pôs-se a falar com o colega:

– João Paulo, como vais, meu amigo? É o Luis, teu amigo Professor aqui do sítio, eu não sei se sofredores nos descrevem melhor. Eu fiz uma recepção e necessito de tua ajuda para aprofundar o relacionamento com o recepcionado, pois trata-se de um amigo do nosso assistente, o cão Átila. Eu, agora, só posso te dizer – senão nos demoraremos bastante tempo ao telefone – que esse nosso futuro assistente é um urubu-rei. Todas as nuanças sobre o que ocorreu durante o encontro receptivo eu te relatarei num futuro muito próximo, logo que me confirmes a data de tua vinda ao sítio. Tu vais ficar surpreendido com a inteligência demonstrada pelo meu convidado. Ele foi capaz de se fazer entender, e, principalmente, de entender a mim e os demais animais.

– Luis, eu também estava sentindo necessidade de conversar com você. O que me diz sobre a reunião que promoveu, a inteligência do seu convidado e a avaliação positiva dos resultados do encontro, para mim, é uma grata surpresa. Eu também tenho uma surpresa que, de acordo com o desenrolar dos fatos, espero poder trazer valiosas contribuições para os estudos científicos que estamos desenvolvendo. Há cerca de seis meses eu fiz uma inscrição para os cursos de pós-graduação em Ciência da Computação, especificamente, em Robótica, e em Ciências da Natureza, direcionada para Matemática e Física. A resposta do Instituto de Tecnologia de Massachusetts chegou às minhas mãos no fim da semana passada, dando-me apenas vinte dias para ir lá, apresentar meu currículo e os documentos comprobatórios. Após a comprovação dos dados fornecidos, deverei submeter-me a uma prova de avaliação e, somente então, serei informado dos cursos onde minha matrícula será liberada. Eu resolvi não postergar da decisão do deslocamento ao Instituto, pretendendo cumprir essa primeira parte da matrícula daqui a duas semanas. Desse modo, não temos tempo a perder. Você pode marcar a minha visita ao sítio para o próximo fim de semana.

– Meus parabéns, meu amigo, você não deve de forma nenhuma deixar passar essa oportunidade. Considerando essa excelente notícia,



nós vamos ter que tomar algumas medidas para que os meus interesses não atrapalhem os seus e vice-versa. Mas eu concordo com a data que você está me sugerindo, peço apenas uns dois dias para que eu apronte uma agenda por escrito, que lhe será transmitida eletronicamente, via e-mail. Após recebê-la, você retorna a comunicação para mim, utilizando a mesma via, acrescenta as suas sugestões e também informa a data que estará aqui no sítio. Agora eu vou desligar, ficando na dependência de sua resposta eletrônica.

– É muita coincidência, Luis. Eu estou trabalhando num livro onde o assunto mais importante é assemelhado ao que você me propõe. Trata-se do livro *O instinto da Linguagem*, escrito por Steven Pinker. Pessoalmente detalharei mais sobre o conteúdo mais relevante dessa obra.

– Se isso é fato, então melhor ainda. Continue o trabalho com o livro de autoria do Doutor Pinker e aguarde o meu comunicado marcando a data de sua vinda para a nossa reunião.

Professor João Paulo despediu-se e ficou aguardando o comunicado do seu amigo Luis.

Com essa orientação, o mestre João Paulo deu sequência ao trabalho com o livro de que falara, principalmente, pelo convite que lhe fora formulado, levando em conta que o autor ficou à espera de sua sinalização para, então, poder chamá-lo.

O Professor Luis deu continuidade à sua rotina, não interrompendo suas atividades nos bancos e comércio, mantendo, também, as mesmas relações com aqueles conhecidos mais próximos. A vida seguiu seu curso normal e ele continuou a relacionar-se com seus amigos mais antigos.

A VISITA DO PROFESSOR JOÃO PAULO AO SÍTIO: A ELABORAÇÃO DA AGENDA DA REUNIÃO E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

O tempo rapidamente passou. O Professor Luis recebeu a esperada informação do Professor João Paulo de que se livrara de todos os seus outros compromissos e se encontrava pronto para vir à reunião no sítio. Então, ao Professor Luis só restava preparar a agenda, a qual foi elaborada da seguinte maneira:

1. Apresentação do Semeador pelo Professor Luis;



2. Palavras do Semeador;
3. Início da reunião com a manifestação de abertura a ser feita pelo Professor Luis;
4. Palavra do Professor João Paulo focalizando o livro *O Instinto da Linguagem*, de autoria do cientista Steven Pinker; e
5. Encerramento da reunião pelo Professor Luis.

Essa Agenda foi elaborada de modo consensual entre os dois Professores, e o modelo e as etapas foram acordadas sem divergências na distribuição dos temas, assim como a sua ordenação. Uma reunião preparatória foi combinada sem perda de tempo, precisamente no próximo fim de semana.

No dia seguinte, a notícia no sítio, logo se espalhou. Quase todos os animais se mostravam, nesta segunda oportunidade, interessados em tratar com o *Semeador* sobre as questões que o tempo não permitiu abordá-las e que, portanto, ainda estavam sem resposta. No entanto, essa visita tinha fim determinado, não seria conveniente e colocaria em risco os seus objetivos.

Seria de bom alvitre esclarecer logo que um deles estava vinculado à reunião anterior. Por exemplo, a apresentação do Semeador – para tornar o evento mais claro e significativo – e, finalmente, as novidades do Professor João Paulo com a apresentação do livro *O Instinto da Linguagem*, de autoria do Doutor Steven Pinker. Como podemos observar, uma Agenda cheia a ser cumprida em apenas dois dias.

O Professor Luis resolveu tomar uma decisão antecipada antes que os animais criassem um ambiente festivo com a vinda do Professor João Paulo, e, concomitantemente, em menos de um mês ocorreria a segunda visita do Semeador. Resolveu, prudentemente, reunir todos os bichos no local já eleitos para a realização desses encontros e contar-lhes sobre os objetivos do próximo, e também de sua razão de existir, mostrando-lhes quais finalidades pretende alcançar.

Com essa tomada de posição, imaginava que conseguiria contornar um problema que, certamente, implicaria alterar, antecipadamente, a já pré-elaborada agenda a ser aplicada num encontro com tempo e horário previamente fixados.

Marcou, então, a reunião com todos os bichos para quinta-feira, um dia conveniente para realizá-lo, porque poderia acontecer de o Professor João Paulo antecipar a sua chegada no sítio em algumas horas, ou seja,



nas primeiras horas da manhã de sexta-feira. Estaria, assim, resolvido o problema da interferência dos animais e a influência deles nessa segunda reunião. Com todos os encaminhamentos providenciados, somente restava tomar as providências necessárias no sentido de tornar exequível o encontro com o Professor João Paulo.

Átila e Pitágoras foram chamados para comandar as atividades de recrutamento dos bichos para o encontro com o Professor Luis, antecipando uma provável, mas tão rápida quanto possível reunião com o Semeador.

Na quinta-feira, a movimentação dos animais começou cedo. O caseiro cuidara de limpar bem toda a área que fora disponibilizada, representando o teatro apropriado para a realização de eventos dessa natureza. O Professor Luis aparentava que havia examinado, com detalhes, a situação, demonstrando o mais perfeito equilíbrio, seguro de si, e tendo o controle de tudo o que pretendia fazer.

Às oito horas, juntamente com Átila e Pitágoras, já estava esperando por todos. Ficou conversando com o caseiro, esperando a hora apropriada para começar o encontro. Como não era seu costume atrasar o início de qualquer compromisso, desde que previamente marcado, resolveu, passados alguns minutos das oito horas, iniciar o encontro. Dirigiu-se à parte central do “palco”, cumprimentou todos os presentes, dirigindo-se a eles da seguinte forma:

– Meus amigos, o meu cordial bom dia para todos!

A resposta foi um uníssono dia. Um único tom de bom dia ecoou em todo o sítio. Prosseguiu ele, sem alterar-se ou mostrar inquietação:

– A escolha do dia de hoje para realizar este encontro com todos vocês, neste palco aconchegante, resolvi fazê-lo em respeito a todos que aqui estão. E isso foi motivado considerando-se que o Professor João Paulo, com quem mantenho uma relação de amizade há muitos anos, vem me visitar no fim de semana que se aproxima. Eu fiz uma ligação telefônica para ele na segunda-feira para saber das novidades que nos interessavam. Então, como o que lhe restava me contar se relacionava a assuntos que poderiam ser discutidos no próprio sítio, achei oportuno dizer-lhe da visita do Semeador e o quanto, para todos, foi importante recebê-lo. Dei-lhe ciência das qualidades do meu convidado, da sua bondade, um



verdadeiro ser vivo buscando o cultivo do bem-estar de todos e tudo, extensivamente ao que se faz, e com quem estamos dispostos a conviver.

E continuou:

– Esta reunião que estamos realizando pretende esclarecer sobre a importância para nossos futuros planos, os quais incluem maiores benefícios para todos. Além disso, o encontro que será realizado entre mim e o Professor João Paulo buscará dar rumos, iluminando caminhos para tornar viáveis os futuros planos que pretendemos implementar em nossa instituição. Além disso, não poderemos deixar de contar com colaboração de todos, principalmente de Átila e do Semeador, onde, na realização dos encontros, a participação deles é de grande valia!

– Note que não ouço, pelo menos por enquanto, nenhuma manifestação voluntária sobre o assunto, eis que eu vou nomear dois de vocês para serem os porta-vozes de todos os outros.

Notou que houve aceitação geral de sua decisão, prosseguindo, então, com a nomeação dos escolhidos.

Ouviram-se um silêncio geral. Parecia que não haviam entendido com exatidão o que lhes foi dito, ou que o interesse deles estava direcionado para a vinda do Semeador. É bem provável que as duas possibilidades tenham acontecido. O Professor Luis resolveu ajudar.

– Como não ouço nenhuma manifestação voluntária, sinto-me forçado a nomear dois de vocês, talvez os mais experientes, para serem os porta-vozes de todos os outros. Notou que houve aceitação geral de sua decisão, prosseguindo com a nomeação dos escolhidos.

– Nessas condições, nomeio com a função de porta-vozes “Galinhã Mãe de Todos” e “Mãe Ganso”, colocando Átila como conselheiro das duas. Inicialmente, explicitarei uma regra que deve ser seguida pelo conselheiro: o seu papel é, objetivamente, dar assessoria às duas porta-vozes, e, portanto, não poderá manifestar-se durante a exposição delas. Uma regra adicional: condiciona os demais bichos que estiverem na plateia a aceitar, tacitamente, o que estiver sendo exposto, igualmente, sem poder de interferência. Darei agora cinco minutos para um entendimento geral e, em seguida, reiniciarei a reunião.



O Professor Luis foi até a sua casa tomar um suco de laranja, conforme era seu costume naquele horário. Seria tempo suficiente para que eles apresentassem suas ideias, racional e coerentemente.

No tempo aprazado, retornou. Os animais trocavam ideias uns com os outros, em grupos que tinham afinidade ou não. Tudo dava a entender que as porta-vozes e seu conselheiro ouviram as opiniões de quase todos os animais. Observando que a missão fora cumprida, via-se, claramente, um clima prazeroso e festivo. Então ficou evidente que poderia dar continuidade ao encontro, interrompido, de comum acordo, para alguns minutos de reflexão. O Professor Luis retornou ao centro do “palco” para reiniciar os trabalhos, passando a palavra a quem de direito.

– Estou convicto de que todos vocês sabem quais são as regras. Isso é verdade?

Houve um silêncio de presumido assentimento.

– Qualquer dúvida, recorram ao conselheiro Átila discretamente, sem interromper as palavras da porta-voz. Se tudo está acertado e entendido, chamo para se manifestar a “mãe ganso”.

Ela se deslocou linda e mansamente. Sua plumagem alvíssima chamava a atenção de todos; transparecia alegria, e o seu ser apresentava-se como uma beleza única e harmônica. A sua alocução foi objetiva:

– Bem, ouçam-me com atenção. Eu escutei, no intervalo, muitos de vocês, incluindo particularmente o conselheiro Átila. Devo dizer, em nomeada sinceridade, que na realidade não sei se saberei interpretá-los, satisfazendo, a contento, a função de porta-voz. No entanto, vou tentar esforçar-me o suficiente e necessariamente possível, tudo o que estiver ao meu alcance para atingir o meu desiderato.

– Não existe nenhum motivo – eu não consigo perceber – que não me confirme as boas intenções do Professor Luis. No entanto, da troca de ideias que efetuamos ainda há pouco, e espero tê-los entendido suficiente bem, ousou colocar os assuntos ou questões a seguir, para seu exame e avaliação:



- Entendemos que a Associação Beneficente dos Animais terá o caráter de uma instituição particular, ou seja, de propriedade do Professor Luis e família. Isso é um fato lógico. E nós, que moramos no sítio, seremos somente beneficiários? Ou também associados, com outros direitos e obrigações?
- Outros animais moradores de outros sítios ou residências poderão usufruir dos mesmos direitos inerentes aos beneficiários? Quais seriam as suas obrigações?
- Os bichos que não têm residência determinada pertencem aos considerados “moradores de rua”. Quais as condições necessárias para que eles possam ter acesso à Associação Beneficente? Isso será estendido à sua prole?
- O que será feito para compreendermos melhor, e mais rápido, a linguagem dos animais de outras espécies? Haverá algum método para facilitar a aprendizagem da comunicação entre diferentes espécies? Se de fato existir o domínio desse método, quando estará acessível para ser colocado em prática?

Isso é tudo o que pude resumir das minhas ideias e de meu grupo. Passarei agora para a segunda porta-voz.

A “Galinha Mãe de Todos” não se distinguia pela aparência corporal. Tinha, no entanto, uma beleza singular. Nenhum dos presentes deixava de admirar sua extrema serenidade, e a porta-voz fazia questão de assim parecer. Dirigiu-se à plateia procurando enfatizar que:

– Bem, estimados companheiros, eu endosso todas as palavras da “mãe ganso”. Apenas acrescentaria algumas opiniões pessoais. As minhas preocupações voltam-se para nós próprios, para o nosso bem-estar. Talvez nem todos tenham percebido que nossa vida melhorará, substancialmente, conforme promessa do Professor Luis, se tal for possível, pois já temos no momento um modo de viver acima do razoável e aceitável. O que ele poderá nos dizer sobre essa questão? Haverá algum outro benefício que não sabemos, em nível apenas de seu conhecimento, e lhe cabe revelar no momento apropriado? Dou por encerrado o meu pequeno discurso, entregando o comando deste encontro para que o promotor dele se pronuncie sobre as questões suscitadas, as quais procurei torná-las tão simples quanto possível.



O Professor Luis, mais uma vez, dirigiu-se ao centro do “palco”. Seu semblante estava muito radiante; exultava alegria. Tudo porque o seu plano dera certo. Todos os animais aguardavam suas palavras finais.

– Pelo que posso inferir, acredito que haja unanimidade na compreensão da realização desta reunião. Vocês dar-me-ão razão se eu postergar a decisão que alguns gostariam de apressá-la. Ocorre que o Professor João Paulo vem ao sítio neste fim de semana para decidirmos juntos sobre os mais importantes assuntos e que interessam diretamente a vocês. Para que o tempo seja bem aproveitado, nós preparamos uma agenda, em que a ordenação e o desenvolvimento das temáticas serão fielmente observados, conforme previamente foram determinados.

– Embora vocês não contassem com uma reunião junto ao Professor João Paulo – a primeira versão certamente foi a de que seria mais uma troca de ideias com o Semeador –, eu estou estudando a possibilidade de, no sábado, das oito às dez horas, vocês encontrarem-se com ele. Mas como o tempo é escasso, teremos de organizar uma agenda para dar oportunidade a todos de manifestarem-se ou, fazerem-se representar. Eu mesmo a prepararei para vocês, e, até quinta-feira, virei até aqui negociar as participações dos que pretendem usar da palavra. Devo lembrar-lhes que o Professor João Paulo estará conosco neste próximo fim de semana.

A VISITA DO ENGENHEIRO DOUTOR NORIEGA PARA ACERTAR AS OBRAS DE REFORMA NO SÍTIO

No sábado, o Professor Luis telefonou para o Doutor Fernando José Noriega, mais conhecido como Doutor Fernando ou Doutor Noriega. O objetivo foi cientificá-lo de seu desejo de contratar a sua empresa para executar algumas reformas urgentes que planejava fazer no sítio. Explicou-lhe que tinha pressa na execução da obra e, para tanto, pretendia iniciá-la logo na segunda-feira, com as fundações e medidas gerais.

– Obviamente o senhor poderá trazer o primeiro lote de materiais – cimento, ferro, etc. – necessários para a primeira semana de trabalho – acrescentou o Professor Luis.

– Quando o senhor aqui estiver, eu detalharei com mais profundidade



o motivo de minha urgência e as obras que deverão ser executadas. Por enquanto, peço contentar-se com um pequeno e incipiente retrato do que pretendo realizar, sob a sua coordenação:

1. Construção de um galpão forrado e coberto com telha de amianto ou de barro comum.
2. Aperfeiçoamento, limpeza e serviço de conservação das moradias de todos os animais do sítio.

– Então, Doutor Noriega, o que o senhor acha da minha proposta? Será que, mais uma vez, poderei contar com seus préstimos e de sua excelente equipe?

– Professor Luis, em primeiro lugar bom dia. É um prazer revê-lo, extensivo ao Doutor Pedro Otávio e à Professora dona Amélia, seus digníssimos pais. Enquanto o senhor se pronunciava, eu tive um surto inspirador que me remeteu para a distribuição de trabalhadores, técnicos e engenheiros atuantes em outra obra que, ontem, sexta-feira, foi finalizada. Coincidência ou não, parece-me que todos eles poderão ser utilizados nas suas reformas. Desse modo, confirmo a minha presença, juntamente com a equipe de que lhe falei, conduzindo em um dos nossos caminhões, os materiais essenciais para o momento, na segunda-feira, às oito horas da manhã.

– Ótimo, Doutor Noriega! Estarei a esperar-lhe nesse horário, juntamente com meu pai e minha equipe de animais assistentes. O Professor Luis mostrava-se bastante animado com os bons resultados conseguidos. Como a consulta médica com o cardiologista já fora confirmada, ele não identificava nenhum empecilho para a sua viagem de terça-feira para Fortaleza.

O Professor Luis recomendou a Átila e Pitágoras que informassem à “Galinha Mãe de Todos”, “Mãe Ganso” e ao “Semeador” que eles irão compor a comissão que recepcionará o engenheiro, Doutor Noriega, e sua equipe de trabalho. Eles devem estar neste terraço na segunda-feira, às sete horas da manhã. Agora, como tudo estava bem planejado e organizado, seria conveniente aproveitar o resto do sábado e o domingo para atualizar suas leituras e discutir com seus pais sobre os assuntos mais importantes acontecidos nos últimos três dias.

Na segunda-feira, às 7h30min, o Professor Luis reuniu sua comissão de recepção para formular-lhes um último recado. Todos estavam preparados para receber o Doutor Noriega acompanhado de sua equipe de trabalho.



– Logo que eles chegarem, eu me dirigirei ao portão para abri-lo, e vocês me seguem imediatamente atrás. Tenho certeza de que haverá alguma reação de medo entre eles, principalmente, dentre as trabalhadoras mulheres com relação a vocês da comissão. Reajam com equilíbrio, tranquilidade e indiferença a esses sentimentos hostis, neste momento inicial. Acerquem-se de mim, não hesitem e deixem que eu trato com eles. Entenderam bem? Ótimo! Vamos aguardar; fiquem em um grupo só, enquanto eu vou tomar um copo d’água.

Não mais que dez minutos depois, ouviu-se uma estridente buzina ser duplamente acionada, seguida de uma freada brusca. O Professor Luis correu para a varanda com a chave do portão na mão; os animais cumpriram as instruções dadas anteriormente.

A comissão de recepção postou-se como tal, aguardando o desembarque dos engenheiros, técnicos e trabalhadores sob a liderança do Doutor Noriega. O lado de fora do portão foi se apinhando de pessoas da empresa. À frente de todos, e quase colado ao portão, um deles, ladeado por três ou quatro trabalhadoras mulheres, destacava-se pela vestimenta: sapatos de couro, calça de linho, camisa social de mangas compridas e gravata. Via-se que mantinha um aspecto simpático e confiante, além do olhar firme e decidido, típico dos que exercem liderança. Certamente, tratava-se do Doutor Noriega.

O Professor Luis o reconheceu, aproximando-se então do portão com sua chave à mão. O restante da sua comitiva o seguiu.

– Bom dia, Doutor Fernando Noriega. Não está mais me reconhecendo? Eu sou o Professor Luis, filho do Doutor Pedro Otávio e da Professora dona Amélia, ambos atualmente aposentados. Nós conversamos sábado último ao telefone, lembra-se?

– Meu Jesus Cristo! Professor, o senhor não envelheceu nada, ao contrário, parece ter rejuvenescido. Muito bom dia, é um prazer rever-lhe com aparência tão saudável. E o Doutor Pedro Otávio e a Professora dona Amélia, como estão?

– Eu vou logo abrir o portão para vocês todos entrarem, e com todos acomodados aqui dentro, daremos continuidade à nossa conversa.

– Um instante, Professor. E eles, ficarão aí? Principalmente os dois grandões?



O Professor Luis sorriu comedidamente para ele, aproximou-se do Semeador, e, carinhosamente, passou a mão em sua careca no intuito de incentivá-lo a dar aquele pulinho de um metro, que se traduzia por uma efusiva saudação. Com espanto e surpresa, os do lado de fora do portão seguiam os fatos com curiosidade. O Professor Luis acercou-se então de Átila, que, por sua vez, ergueu-se abraçando-o pela cintura com as suas duas patas dianteiras, latindo brandamente. Mantendo essa posição, volveu sua cabeça para os visitantes, olhando-os mansamente de forma serena e envolvente. Todos ficaram admirados com tamanha demonstração de cortesia e ausência de hostilidade.

– Bem, meus amigos, essa é a minha “comissão de recepção” que acompanhará vocês, a partir de hoje, no desenvolvimento dos trabalhos que serão executados aqui no sítio. Com o passar do tempo, tenho convicção de que vocês se acostumarão com a presença deles. Posso então abrir o portão?

– Sigam-me, companheiros. Nós vamos atender e confiar na palavra do Professor Luis. Não se amedrontem!

O Professor Luis e sua “comissão de recepção” aproximaram-se do portão, que foi imediatamente aberto.

– Entrem – falou sorridente, e todos da comissão se deslocaram para o lado direito, dando passagem ao Doutor Noriega e seus companheiros.

O que se viu foi uma ultrapassagem do portão onde se misturavam sentimentos de apreensão e confiança. As mulheres agarravam-se umas às outras, ou a amigos e namorados: aos pares, espremidos e agarrados, seguiram o Doutor Noriega. Tudo ocorreu sem nenhum sobressalto, e, não mais que de repente, todos que ocupavam as duas camionetes estavam dentro de casa.

Aqueles que ocupavam o caminhão aguardavam para manobrar e posicioná-lo à frente do portão, com o fito de descarregar o material providenciado para o início da obra.

O Doutor Pedro Otávio veio até o terraço para cumprimentar o engenheiro, seu conhecido de longa data, e o Professor Luis foi à procura



do morador, confiando-lhe a missão de orientar os trabalhadores que estavam no caminhão acerca do local, que já estava pré-determinado, onde ferro, cimento, areia, etc. deveriam ser descarregados.

– Bom dia, meu amigo Fernando Noriega. Como o senhor está? Seus afazeres e a vida conturbada da cidade grande estão lhe maltratando muito?

Ambos aproximaram-se e cumprimentaram-se num abraço fraterno.

– Doutor Pedro Otávio, meu amigo de pelo menos uma década. Eu estou particularmente bem. Os negócios, a saúde e a família estão na mais perfeita ordem. Mas eu estou bastante surpreso com a jovialidade estampada em seu semblante e de seu filho, o Professor Luis. Se houver por aqui alguma fonte da juventude, lembre-se de que eu também careço do seu benfazejo.

– Bem, meu amigo. O Luis e eu estamos apressados com o início e a conclusão das reformas e do galpão, e, para este fim, pretendemos que a sua empresa seja a responsável pela execução de todos os trabalhos. Depois nos aprofundaremos mais sobre a destinação e os objetivos do que será realizado. O Luis já está se aproximando e vocês devem começar a trabalhar. Para finalizar, desejo apenas lembrar-lhe de que mandei preparar uma merenda com bolo de milho e de goma, salgado, ambos com coco ralado natural do sítio, e como não poderia faltar, acompanhados de sucos também naturais, água e refrigerantes. Estamos entendidos? Então eu aguardo toda a equipe por volta das dez horas e trinta minutos.

O Professor Luis acercou-se dos dois, pois precisava dar ciência ao Doutor Noriega sobre uma decisão que tomara; explicar-lhe todos os trabalhos que logo deveriam ser realizados e pertinentes àquela segunda-feira pela manhã.

– Vamos começar a trabalhar, Doutor? Eu sugiro reunir os seus comandados num pequeno círculo aqui no terraço, e então, eu detalharei toda a obra que será realizada. Em seguida, o senhor fará uso da palavra e explicar-lhes-á as providências do dia de hoje. Devo dizer também que eu e meus assistentes acompanharemos, de perto, o processo, intervindo quando julgarmos necessário esclarecer alguma questão duvidosa.



Então, a um aceno do Doutor Noriega, cerca de quinze indivíduos reuniram-se em círculo. O Professor Luis começou os seus esclarecimentos.

– Pessoal, daqui a uns cinco minutos e até as dez e trinta horas nos dedicaremos às medidas de tudo que será realizado e do exame das fundações necessárias que, a critério do Doutor Noriega, serão iniciadas hoje. No limite desse intervalo, vocês retornarão, quando já estará servida uma lauta e substanciosa merenda. Vamos começar pelo galpão, depois veremos a moradia dos animais. Ao término, eu terei uma rápida conversa com o Doutor Noriega, que também precisa ir ao centro da cidade e providenciar a reserva de hospedagem e alimentação para todos vocês.

O Professor Luis e sua comissão seguiram à frente, direto ao local onde deveria ser construído o galpão, para então fornecer as informações complementares sobre o restante da reforma.

Uma das engenheiras aproximou-se com um bloco na mão, e recebeu as orientações com relação ao galpão.

Os bichos da comissão seguiram à frente, com o intuito de avisar aos que estavam em suas habitações sobre o início dos trabalhos, das medições e avaliações, orientando-lhes que se mantivessem calmos com a presença dos executores.

Por volta das dez e cinquenta horas, o Doutor Noriega veio ter com eles. Satisfeito e preñado de comprometimento, mostrou-se ele e sua equipe, penhoradamente agradecido.

– Doutor Noriega, não gostou? Instigou o Doutor Pedro Otávio. Eu estava conversando com o Luis quando voltei hoje por volta das dezanove horas. Trata-se da questão financeira e sobre a sua previsão para o encerramento da obra. O senhor tem compromissos burocráticos, tais como hospedagem e alimentação de sua equipe, e, dessa forma, nós o aguardaremos à noite para o restante desta conversa.

Por volta das vinte horas, o Doutor Noriega buzinou no portão e foi imediatamente recebido.

– Boa noite, meu amigo. Resolveu todos os problemas relativos à sua equipe? Bem, antes que você me responda, deixe que encerre as minhas considerações, que são simples e objetivas.



1. O senhor deseja algum adiantamento financeiro para fazer face às despesas iniciais?
2. Será feito um organograma onde serão relacionados os desembolsos financeiros – semanais ou quinzenais? – e os trabalhos correlatos realizados?
3. Diariamente, nós disponibilizaremos água gelada e café bem quente, em quantidades suficientes para todos do grupo de trabalhadores. As quantidades não serão limitadas, pois cuidaremos das suas reposições no decorrer do dia.
4. O senhor responsabilizar-se-á pelo fornecimento da merenda e do almoço. Se for costume de sua empresa, a equipe se alimentará na própria obra. É possível o senhor encontrar um fornecedor que, acrescentando uma pequena taxa, fará a entrega a domicílio. Mas isso é uma questão que lhe cabe resolver.

– O senhor é muito gentil, Professor. Como é costumeiro em nossa empresa, forneceremo-lhe um cronograma, de quinze em quinze dias, com os detalhes e as características que o senhor enumerou. Os pagamentos e cronogramas serão quinzenais; com essas definições, estou respondendo às questões 1 e 2. O seu esmero em gentilezas completa-se com o item 3, referente aos serviços de água gelada e café quente. Nós agradecemos-lhe por essa preocupação, que reputamos assaz importante para quem está no cumprimento de uma atividade fatigante.

O Doutor Noriega fez uma pausa e continuou.

– Quanto à parte que me cabe, adianto-lhe que tudo está organizado e ajustado. Eu mantenho em minha equipe um servidor experiente em questões burocráticas, responsável por estabelecer, antecipadamente, os contatos com donos de casas de merenda e restaurantes que possam atender às nossas exigências de fornecimento de alimentação – café, almoço e jantar – e hospedagem simples e higiênica, com telefone e televisão, além de frigobar nos quartos. Uma das caminhonetes ficará à disposição da minha equipe, portanto não haverá nenhum problema no deslocamento dos trabalhadores.



– Com essas objetivas e claras informações, eu e minha família podemos rumar para Fortaleza amanhã, a partir das oito horas, para submeter-nos à consulta médica e exames cardiológicos previamente marcados e confirmados.

– Estamos entendidos, Professor; estarei à sua espera na próxima sexta-feira ou sábado pela manhã. Agora necessito ir para o hotel e atender a uma reunião com minhas engenheiras, para uma divisão de tarefas e outros acertos mais gerais. Boa noite, Professor, e votos de felicidade para o Doutor Pedro Otávio e dona Amélia.

Às oito horas da manhã daquela ensolarada terça-feira, Doutor Pedro Otávio e família estavam prontos para a viagem. Sem perda de tempo, iriam direto para o hospital, eis que a consulta estava marcada para as dez horas. Tal ocorreu como planejado, e, às nove e trinta horas, chegaram ao hospital após vencerem as agruras do insuportável trânsito de Fortaleza. Desceram todos, e o Professor Luis se aproximou da recepção para informar-se da localização do consultório do médico cardiologista, Doutor Carlos Antônio. Atendido em sua pretensão, chamou seus pais e foram apresentar-se à atendente, informando-lhe que dispunham de consulta marcada e confirmada. Ela entrou na sala do consultório, retornando em seguida, e com um largo sorriso informou:

– Aguardem o meu chamado, somente alguns minutinhos, que o Doutor Carlos vai atendê-los.

– Pronto, Doutor Pedro Otávio, o Doutor Carlos vai recebê-los, sigam-me – disse a atendente.

– Bom dia, senhores e senhoras!

Falou o médico de pé, bem-humorado e cordial.

– De acordo com minhas anotações, a ficha de controle e acompanhamento de pacientes de que disponho refere-se apenas ao Doutor Pedro Otávio, que, em exames anteriores, constatou-se a apresentação de trombos – coagulação sanguínea deficiente –, que podem ter origem genética ou quando o paciente pertence ao grupo da terceira idade. Vamos então proceder da seguinte forma: o Professor Luis e a Professora Amélia farão, individualmente, um eletrocardiograma, e o Doutor Pedro Otávio submeter-se-á a uma ultrassonografia que eu mesmo executarei.



A atendente recomendou levar, mãe e filho, à sala apropriada para a realização dos seus exames, onde os médicos especialistas estavam cientes e esperando-os.

Os exames foram realizados, e a família ficou esperando o chamado da atendente a fim de que o Doutor Carlos Antônio lhes anunciasse o diagnóstico. Conversavam amenidades, mas não escondiam as preocupações de que eram acometidos. Será que algum mal oculto seria revelado? O que eles poderiam estar fazendo para a sua existência ou agravamento? O tempo parecia estacionado. Decorrido cerca de mais de meia hora, todos pareciam indefesos e extremamente preocupados. Até que, de repente, a atendente foi ao consultório, retornando rapidamente, chamando-os para acompanhá-la.

– Quem de vós está preocupado, ou nervoso, pela expectativa dos resultados dos exames? Para desanuviar os ânimos, confesso que, de certo modo, não fui surpreendido. O Doutor Pedro Otávio foi submetido a uma “ultrassonografia colorida com *doppler*”, que proporciona ao especialista maior precisão no diagnóstico. Foi o que de fato ocorreu, confirmando as minhas suspeitas. Ou seja, será necessário realizarmos uma cirurgia invasiva, nominada “cateterismo”, para a implantação de “*stents* coronários”, que é um procedimento de assentamento de uma pequena tela de aço inoxidável nas paredes internas do vaso desobstruído pelo “cateterismo”. Embora seja considerada invasiva, não dói e não carece de anestesia geral para a colocação do cateter.

– Com relação ao Professor Luis e à Professora Amélia, foi suficiente submeterem-se ao conhecido “eletrocardiograma”. Um sinal de alerta chamou-nos atenção: ambos têm pressão arterial ligeiramente alta. Será necessário realizarem um exame de sangue informando os indicadores de colesterol, glicemia e outros.

– Também, e sem exceção, é necessário todos ficarem atentos aos sintomas de um AVC. A partir dos quarenta anos, os indivíduos devem prevenir-se dos possíveis danos ou alterações coronarianas para evitar a ocorrência de um AVC da seguinte forma:

- Adotar, em casa, nas refeições e merendas, uma dieta saudável, alimentando-se, preferencialmente, de peixe e



- galinha. Se for comum o uso de carne de carneiro, somente utilizar cordeiros de pouca idade e assados na brasa;
- Usar frutas, verduras e leguminosas balanceadas com os demais alimentos;
 - Não fumar e beber de modo contumaz; se assim o desejar, somente ocasionalmente, poucas quantidades e em ocasiões especiais;
 - Praticar exercícios físicos diariamente; caminhadas na praia se destacam como as mais salutares. Sob a orientação de um competente fisioterapeuta, pode ser instalada em casa uma miniacademia com bicicleta ergométrica, a qual deve ser associada ao levantamento de pesos adequados.

– Fui objetivo em minha exposição? Para finalizar, desejo informar das providências imediatas: devido à pressa do retorno de vocês ao sítio, o Doutor Pedro Otávio deve ficar internado para realizarmos o “cateterismo” e a colocação de “*stents*” no final da tarde de hoje. A Professora Amélia pode ser sua acompanhante, ficando no mesmo apartamento até encerrarmos as avaliações finais. Na quinta-feira, no final da tarde, faremos outra ultrassonografia e, se tudo estiver normal, e não há por que tal não ocorra, o senhor receberá o que comumente chamamos de “alta”. Assim, Professor Luis, vocês estarão disponíveis para a viagem de retorno ao sítio a partir de quinta-feira à noite; no entanto, se não gostarem de viajar nesse período do dia, poderão fazê-lo na sexta-feira pela manhã, uma vez que a diária permite tal alongamento.

– Agora aguardem que vou requisitar os exames de sangue que podem ser realizados aqui mesmo no hospital. A minha atendente irá orientá-los nesse sentido. Vamos marcar o retorno de todos ao consultório na tardinha de quinta-feira, para a avaliação final. O Doutor Pedro Otávio deverá fazer uso contínuo de dois medicamentos que eu vou receitar. Não deixem de comprá-los antes de voltarem para o sítio. Esperem um pouco, que eu vou fazer a solicitação dos exames e confirmar o apartamento que o casal ocupará com o setor administrativo do hospital.

O Professor Luis aproveitou a pausa que o médico fez para consultar-lhe sobre o horário apropriado para a realização dos exames de



sangue, uma vez que precisava ausentar-se no turno da tarde; tratava-se de encontrar-se com o advogado, Doutor Francisco Etevaldo, que lhes atendia quando necessário. Como não podia perder tempo, o Professor Luis marcou logo para as treze e trinta horas uma reunião com ele.

– Bem, o senhor poderá alimentar-se até o meio-dia de algo bem leve no restaurante do hospital. A partir das dezessete e trinta horas, é importante a sua presença para, além de se submeter ao exame de sangue, também estar presente quando da realização do “cateterismo” do Doutor Pedro Otávio. Desejo lembrar-lhe de que, durante o período de sua ausência, até às dezessete e trinta horas, o senhor estará sob o regime de dieta zero, não sendo permitido café e nem sequer água. O senhor está liberado; tenho certeza de que não será nenhum sacrifício o cumprimento das determinações expostas.

Após o frugal almoço, o Professor Luis foi ao encontro do advogado. No horário combinado, os dois encontraram-se e, após os habituais cumprimentos, iniciaram a discussão sobre os assuntos anunciados sem os necessários detalhamentos ao telefone.

– Professor Luis, se eu não estou enganado, há alguns anos que não nos encontramos. Mas vamos ao que interessa. Confesso a minha surpresa diante de algumas mudanças que o senhor pretende implantar no sítio, transformando-o de pura e simples residência a – também – uma Associação Beneficente dos Animais.

– Doutor Etevaldo, devo informar-lhe que nossa família, ao longo dos últimos cinco anos, além de implantar no sítio plantas que dão frutos comestíveis, roseiras e outras, também, fez um verdadeiro criatório de animais, contemplando diversas espécies. Atualmente, dentre patos, galinhas, cães, gatos e alguns muares, temos em torno de cem animais, os quais são tratados com carinho e alimentados apropriadamente. A nossa questão é que pretendemos oficializar, juridicamente, a criação da associação. Os aspectos mais importantes, assim nos parecem, e para os quais buscamos a sua orientação, enumeramos a seguir:

- Entendemos que a Associação Beneficente dos Animais deverá ter o caráter de uma instituição particular, ou seja,



de propriedade de nossa família.

- Os moradores no sítio serão somente beneficiários? Ou também associados, com outros direitos e obrigações?
- Outros animais, moradores de outros sítios ou residências, poderão usufruir dos mesmos direitos inerentes aos beneficiários? Quais seriam as suas obrigações?
- Sobre os bichos que não têm residência determinada, e que pertencem aos considerados “moradores de rua”: quais as condições necessárias para que eles possam ter acesso à Associação Beneficente? Isso será estendido à sua prole?

– Doutor Etevaldo, essas são as questões que julgamos mais importantes, e que devem ser elucidadas para poder, todas elas, constarem no Estatuto da Associação Beneficente. Para encerrar, pois eu tenho que retornar ao hospital, e, ainda hoje, submeter-me a um exame de sangue, vou deixar-lhe uma cópia das questões aqui tratadas como as mais importantes. Se o senhor tiver tempo neste fim de semana, convido-lhe para ir sábado ao sítio, e lá conversarmos sobre as suas sugestões para a criação do estatuto.

– Vamos fazer o seguinte, Professor: em torno de dezenove horas eu dar-lhe-ei uma resposta mais objetiva. Até lá, tentarei transferir alguns compromissos desse fim de semana, e, então, poderei deslocar-me até ao sítio. Combinado? O senhor falou-me do exame de sangue, e isso me impede de oferecer-lhe algo como um copo de vinho ou um cafezinho? Até água, Professor?

– Exatamente, meu caro mestre do direito. Estou preso a tais restrições. Desse modo, ficarei aguardando as suas notícias.

De volta ao hospital, o Professor Luis conversou com a atendente e soube da boa notícia: seu exame poderia ser efetivado no mesmo momento em que a enfermeira viesse colher o sangue de seus pais; ou seja, ao invés de dois pacientes, ela atenderia a três. Não era uma situação corriqueira, mas como se tratava de membros da mesma família, ela falaria com o setor administrativo para tornar a situação factível. Assim foi feito, e antes das sete horas os exames foram realizados. Os resultados estariam à disposição do Doutor Carlos Antônio quinta-feira, na parte da manhã.

O Professor Luis ainda estava no quarto conversando com seus pais quando o celular sinalizou uma chamada. Era o Doutor Francisco Etevaldo,



o advogado, para notificar-lhe daquilo que ficou pendente. As notícias daquele momento não eram alvissareiras; ele precisava de mais tempo, pois talvez apenas no dia seguinte os seus compromissos agendados para o fim de semana poderiam ser transferidos. Enquanto esperava novos contatos, não resistiu à curiosidade de saber como estavam se desenvolvendo as obras de reformas no sítio. Sendo assim, ligou para o telefone do sítio e logo foi atendido pela cozinheira; a Tereza de Jesus, mais conhecida como De Jesus.

– Alô!? É o Professor Luis. De Jesus? Como estão indo as reformas aí no sítio?

– Meu patrão, o senhor nem imagina. Tem duas equipes trabalhando separadamente. Como eles são rápidos e cuidadosos. Prepare-se para ter algumas surpresas com relação aos trabalhos já realizados. Na sexta-feira poderemos contar com o seu retorno? Os seus assessores não param, rodam o dia todo no acompanhamento dos serviços, e, quando descansam, tudo leva a crer que o fazem para discutir as reformas como um todo.

– Notícias boas você me dá, De Jesus.

O Professor interrompeu, pois já conhecia a sua cozinheira; se a deixássemos à vontade, somente ela usava da palavra.

– Estaremos aí no sítio na sexta-feira pela manhã, cerca de onze horas. Amanhã, quando o Doutor Noriega chegar, notifique-lhe dessas novidades, e também que eu entrarei em contato com ele antes de viajar.

Os pais do Professor Luis acompanharam a sua ligação para o sítio, e, evidentemente, estavam curiosos para saber as notícias. Foram então atualizados, e ficaram sabendo dos mínimos detalhes exteriorizados pela De Jesus. Acostumados com o palanfrório da cozinheira, riam-se da perplexidade do seu filho, que também os acompanhava, não se admirando tanto do comportamento histriônico da serviçal.

Após conversar mais algum tempo com seus pais, o Professor Luis resolveu ir para casa sem antes verificar se no restaurante do hospital ainda sobrara algo para minimizar a sua fome. O pequeno apartamento da família, no momento ocupado por sua irmã solteira, ficava a poucas quadras do hospital, tanto que, se não estivesse motorizado, poderia ir caminhando para chegar naquele lugar; pretendia, e era importante para ele, dormir por lá naquela noite e trocar ideias com a sua única mana.



No dia seguinte, aproveitou o descanso para dormir mais do que estava acostumado. Sua irmã já se deslocara para o trabalho, mas não se esquecera dele; sobre a mesa havia deixado um café completo: caldo de carne com ovos, torradas e frutas variadas. Tudo isso para ele se fartar em sua refeição matinal. Finalizando o energético café da manhã, pretendia repimpar-se na cadeira de almofadas adjacente à mesa de refeições, quando o seu celular sinalizou uma chamada. Não era outro senão o Doutor Francisco Etevaldo.

– Alô. Sim, é o Professor Luis. É o Doutor Etevaldo? Que prazer tenho em ouvi-lo. Vamos logo, homem, me dê uma notícia boa.

– Professor, eu consegui adiar os meus compromissos acertados para o fim de semana que se avizinha. Eu gostaria de que me confirmasse se, sábado próximo, logo no início da manhã, o senhor poderia receber-me no sítio. Pode ser?

– Sem dúvidas, Doutor. Eu só desejava sugerir-lhe que, se possível, já trouxesse algumas informações jurídicas e apropriadas ao estatuto da associação beneficente, que, de acordo com as suas orientações, pretendemos elaborar. Desse modo, estou à sua espera, conforme combinado.

DOUTOR PEDRO OTÁVIO E FAMÍLIA VÃO CONSULTAR O CARDIOLOGISTA

Na quinta-feira à tarde, toda a família estava reunida, esperando que o cardiologista chegasse ao quarto para dar-lhes sua avaliação sobre os resultados dos exames. Não demorou muito para que esse fato se materializasse.

– Boa tarde, amigos, que, assim como eu, lutam pela vida. Como vocês estão me esperando: apreensivos ou confiantes? Não se assustem, porque boa parte dos resultados consideramos satisfatórios. Existem algumas constatações que chamam a atenção, mas que, pelo histórico de vida de cada um – hábitos praticados ao longo dos anos –, poderemos, com a colaboração de todos, tratá-las facilmente.

– Iniciarei pelos exames cardiológicos. A ultrassonografia que foi realizada no Doutor Pedro Otávio teve um resultado auspicioso, na qual todos os trombos se mostraram desobstruídos, por força dos *stents* colocados por indicação do cateterismo. Reitero também que é necessária uma preo-



cupação diária e permanente com os medicamentos que eu vou receitar.

– Com relação aos ecocardiogramas, registramos a ocorrência de alguns trombos, mas não existem motivos para precipitações em razão disso. A nossa maior preocupação é a prevenção de infarto ou AVC. No entanto, como todos os três pacientes têm estilos de vida iguais e quase saudáveis, recomendamos apenas a repetição dos exames cardiológicos realizados trimestralmente. Para que uma maneira de viver seja plenamente aceitável, três comportamentos devem ser observados: eximir-se do hábito de fumar, praticar exercícios físicos – principalmente fazer caminhadas diariamente – e adotar uma dieta saudável. Nós trataremos disso ao final da consulta.

Os hemogramas mostram níveis normais de hemácias, hemoglobina e leucócitos (glóbulos brancos), o que se traduz por ausência de anemia ou infecções. Ao se analisar a função renal, são satisfatórios os valores encontrados para a ureia e a creatinina. Agora vamos aos valores que nos causam preocupações:

- Glicose: os valores registrados, entre 100 dl a 125 dl, implicam num diagnóstico de pré-diabetes;
- Colesterol Total: equivale à soma do HDL (colesterol bom) + LDL + VLDL. A soma LDL + VLDL representa o colesterol ruim. Os números registrados nos exames indicam valores acima do desejável.
- Triglicérides: nos três casos, apresentam números acima do valor desejado na relação *VLDL versus Triglicérides*.

– O que fazer, então? Como eu já exteriorizei meu pensamento, não precisamos nos apressar e apelar para medidas extremas. Em cada caso, recomendo o seguinte procedimento:

- Glicose: devemos utilizar, ao máximo, uma dieta saudável. Dois grandes vilões são o açúcar e as massas, os carboidratos em geral – pães, bolos, macarrão, etc. – e algumas verduras cozidas, tais como batatas, inhame e outros, devem ser consumidas com moderação. É aconselhável a aquisição do aparelho de mensuração do nível glicêmico, e usá-lo pelo menos duas vezes por semana.



- Colesterol e triglicérides: o colesterol admite um tratamento químico quando pode ser diagnosticado como genético. Por enquanto, é necessário aguardar mais um pouco para adotar essa via; vamos aguardar os resultados da dieta e praticar exercícios físicos, conforme recomendado para o próximo trimestre, e então nos posicionaremos com mais segurança.

– Nesses termos, o Professor Luis e a Professora Amélia, por enquanto, não carecem de medicação. No entanto, o Doutor Pedro Otávio precisa de medicação para preservar a pressão em níveis aceitáveis de normalidade, evitando o reaparecimento de trombos. Indicaremos, inicialmente, três medicamentos: bissulfato de clopidogrel – 75 mg –, rasilez – 300 mg – e lasix – 40 mg. É preciso lembrar que eles poderão ser substituídos se drogas novas e mais eficientes aparecerem no mercado. Encerro aqui nossa consulta, na certeza de que as minhas recomendações sejam, todas elas, assumidas por vocês. Não havendo mais o que prendê-los aqui, podem, assim, viajar com muita paz para o sítio.

O retorno ao sítio aconteceu por volta das seis e trinta horas de sexta-feira. Aparentemente, o grupo estava tranquilo e conversavam animadamente. Chegaram ao seu destino em duas horas; o Professor Luis fez uma parada no bar e restaurante de dona Antônia com o objetivo de encomendar dois pargos assados na brasa para o almoço de sábado. Explicou então para a sua mãe as providências que ela deveria transmitir à cozinheira diante da encomenda que fizera junto à dona Antônia. Em casa, acrescentou que teriam dois convidados para o fim de semana: Professor João Paulo e o advogado, o Doutor Francisco Etevaldo; não tinha certeza se este último permaneceria no sítio até domingo, fato que não tinha dúvida com relação ao seu amigo e colega de profissão.

Todos estavam ansiosos para ver o desenvolvimento dos trabalhos de reforma. Numa primeira busca, não viram, nas imediações do terraço, a presença de Doutor Noriega. O caseiro foi chamado para verificar se ele estava no final do quintal, verificando o desenrolar das obras do galpão. O Professor Luis não se conteve e, sem querer esperar pela resposta, rumou imediatamente para lá. Avistou o engenheiro como de fato imaginara; ele mantinha uma calorosa conversa com três dos seus



auxiliares. Satisfeito com o que estava testemunhando, rodeou as obras, que já tinham cerca de um metro de paredes levantadas, para ver o galpão em seu conjunto e chegar muito perto do local onde o Doutor Noriega trocava ideias com seus técnicos.

– Eu cheguei há meia hora e, como não os encontrei nas proximidades do terraço, julguei que era chegado o momento reservado ao lanche, e vocês estavam no centro da cidade com essa finalidade. Mas o que os mantém tão entretidos, a ponto de não notarem a nossa passagem poucos minutos atrás?

– Foi ótimo o senhor ter chegado agora, Professor Luis. Nós discutíamos justamente a planta baixa que nos orientará na construção do galpão. Veja as sugestões que concordamos em lhe propor:

- A inclusão de uma sala de espera anexada a um escritório, para que o senhor possa trazer seus convidados e discutir com eles assuntos de mútuo interesse. É de bom alvitre que fiquem geminadas as medidas de cada sala e suas localizações – tudo isso sob a sua responsabilidade;
- É conveniente a instalação de três portas de tamanho padrão e três janelas na parte de trás, medindo cerca de $2,5\text{ m} \times 1\text{ m}$. Além disso, é necessário acrescentar um ou dois banheiros para uso de seus convidados;
- Nas paredes, o melhor revestimento é a lajota, e seu custo de aquisição e aplicação são mais baratos que o azulejo;
- Na parte interna do galpão, deve-se instalar um ou dois banheiros – as medidas serão determinadas pelo senhor.

– Concordo plenamente com as suas sugestões, faço apenas um pequeno reparo com relação ao número de banheiros. Basta que o número deles se reduza a um, com medidas de $1,5\text{ m} \times 1,5\text{ m} = 2,25\text{ m}^2$ de área. A altura deve ser a mesma do escritório e seu anexo. Se qualquer outra dúvida vier a surgir, basta consultar-me que imediatamente atenderei. Necessito, agora, saber das ocorrências mais significativas durante a nossa ausência, que se passaram na convivência diária e comum de uma residência organizada.

A cozinheira De Jesus conversava com seus patrões, e seu entusiasmo



era tamanho que mais parecia político discursando em época de campanha eleitoral, tentando uma possível reeleição. O Professor Luis chegou na cozinha e sequer foi notado. Resolveu intervir e perguntar como se portaram seus assistentes e os animais em geral.

– Senhor Professor, você nem faz ideia: os três, Átila, Pitágoras e principalmente o “seu” – “seu” de senhor – Semeador não tiveram descanso. A todo instante discutiam com outros bichos e todos eram alcançados por suas intermitentes consultas. Além disso, parecendo algo previamente acordado, sem hostilidade parte a parte, revezavam-se no acompanhamento das obras. Em qualquer discussão travada entre especialistas e trabalhadores, pelo menos dois deles estavam sempre presentes, o urubu-rei e um dos outros dois.

– Agora, papai, precisamos assumir o comando. O senhor deverá esperar cerca de um mês, o que dependerá de sua recuperação, para ir visitar, mais de perto, o “canteiro de obras” e nós três realizarmos as nossas primeiras caminhadas. Sugiro que, nesse intervalo de tempo, eu retorne a Fortaleza para consultar um fisioterapeuta sobre a aquisição das duas bicicletas ergométricas e outros materiais, os quais servirão para compor nossa sala de musculação e ginástica. Além disso, ele deverá vir comigo ao sítio – vou esforçar-me bastante para que tal ocorra – e orientar-nos cientificamente sobre a sequência de exercícios que, individualmente, podemos executar, assim como as datas de iniciá-los.

A sexta-feira no sítio foi um dia de pequenas atividades com o retorno à rotina, suspensa por aquela semana de ocupações com a consulta médica e os respectivos exames cardiológicos e clínicos. Por volta do meio-dia, o Professor Luis ligou para seu amigo João Paulo para contar-lhe e saber das novidades, e, ainda, confirmar se chegaria no sítio no final da tarde de sexta ou no sábado pela manhã. Combinaram então o horário de nove horas, que era coincidente com aquele acertado com o advogado, Doutor Francisco Etevaldo.

Durante o dia, Átila tomou conhecimento da reunião do fim de semana, onde lhe foi outorgada a responsabilidade da convocação do *Semeador* e de Pitágoras. O Professor Luis ligou para a dona Antônia, combinando que gostaria de que os peixes assados fossem disponibilizados às onze e trinta horas, acomodados em terrinas indicadas para esse fim. Implicitamente,



os convidados deveriam estar no portão do sítio no início da manhã do sábado, e todos aprontaram-se para recebê-los quando chegaram, por volta das oito horas. Após cumprimentá-los, foram convidados para entrar e as mútuas apresentações foram efetivadas.

– Vamos para a nossa sala de reuniões, meu pequeno escritório. Eu preparei uma agenda que orientará nossos trabalhos. Imaginei que o trabalho deve ser interativo, e, assim, acho razoável dar a palavra, em primeiro lugar, ao Doutor Francisco Etevaldo, nosso advogado. Em seguida, eu interferirei ou chamarei o Professor João Paulo para, a seu pedido, participar.

– Professores, agradeço a deferência de ser escolhido para abrir os trabalhos deste encontro. Confesso, no entanto, a minha surpresa pelo que ligeiramente já constatei quanto ao andamento das obras de reforma. Outra coisa que me intriga, abstraindo qualquer crítica, é a presença dos três animais parecendo assistir a esta reunião. Eles poderão, de alguma forma, entender o que estamos fazendo e compreender a nossa linguagem?

– Doutor Etevaldo, quanto ao comportamento “deles”, prepare-se para mais surpresas. Apenas para amenizar a sua curiosidade, devo afirmar que eles não estão aqui por acaso, ou mero diletantismo; são nossos assistentes e, tudo o que aqui dissermos, será perfeitamente entendido por eles. Vamos continuar, pois, na sequência, o senhor comprovará essas minhas afirmações.

– Muito bem, Professor! Prossigamos, então. O senhor pretende criar uma Associação Beneficente de Animais onde os beneficiados são, especificamente, os animais que moram aqui no sítio, abrindo a possibilidade para outros da vizinhança ou aqueles que você considerar convidados. É preciso esclarecer que as associações que têm como objetivo apanhar, cuidar e enviar animais para que sejam adotados se classificam em duas modalidades:

- Organizações Não Governamentais (ONGs);
- Associações Protetoras de Animais.

– Entre ONGs e Associações Protetoras de Animais existem milhares delas. A manutenção de ambas ocorre sob os auspícios de um benfeitor que utiliza recursos próprios, mas pode também receber de terceiros.



Devo esclarecer que, para o reconhecimento pela Receita Federal da associação, os seguintes documentos são necessários:

- Estatuto da associação, especificando suas normas de funcionamento e nomes dos componentes da diretoria;
- Última declaração do imposto de renda de todos os membros da diretoria da associação;
- Apresentação de todos os documentos da associação para fins de reconhecimento.

– Agradeço pelos esclarecimentos, Doutor Etevaldo. O assunto já foi amplamente discutido por todos nós aqui presentes. Na verdade, a ideia da criação da associação está direcionada à melhoria do atual modo de viver dos animais moradores do sítio, apesar de eles acharem que já têm o suficiente. A possível extensão de seus benefícios a alguns convidados especiais objetiva disseminar os conhecimentos que pretendemos fazer chegar aos nossos associados.

– Desejamos, no entanto, esclarecer que está fora de cogitação qualquer tentativa de “humanização de animais”. Assim como nosso mais antigo ancestral – o roedor que habitava a copa das árvores, somente descendo para o chão após a extinção dos dinossauros –, “*O Homem de Neanderdal*” e o “*Homo Sapiens*” construíram, todos eles, a sua própria história até chegar a nós.

– De maneira idêntica, certamente a evolução propiciou caminhos apropriados para cachorros, gatos, todos os muares, todas as aves, enfim, com todas as espécies. É então possível inferir que não poderemos jamais transformar, adaptar ou igualar o comportamento animal ao de um humano. Assim, o cachorro, o gato, os muares as aves, etc., todos têm o seu modo de ser e a sua própria história; desse modo, devem ser respeitados e preservados.

– Isto posto, acho que por enquanto podemos passar a palavra para o meu amigo Professor João Paulo. Vamos fazer, agora, uma pausa de dez minutos, e às dez horas e trinta minutos retornaremos. Átila, se vocês quiserem, podem para tomar água, mas retornem no tempo previsto.

– Diletos assistentes presentes – reverenciou o Professor João Paulo – inicialmente desejo comunicar-lhes que fui selecionado pelo Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT) para ingressar num dos cursos de



Ciência da Computação – Robótica – e em Ciências, Matemática e/ou Física. Em meados de agosto de 2014, deverei apresentar-me ao MIT para definir a minha situação e matricular-me no curso que mais seja adequado aos meus objetivos. Informalmente, prestarei maiores esclarecimentos ainda neste fim de semana, sem, contudo, comprometer o sequenciamento natural dos trabalhos.

– Não me olvidei quanto aos esclarecimentos do Doutor Etevaldo, atentando de forma percuciente para a sua objetiva explanação. Nós temos refletido bastante sobre outro aspecto da nossa associação. Não sei se as minhas conclusões são ainda para o futuro, mesmo próximo, mas considerando o que já temos discutido em reuniões anteriormente realizadas, estou convicto de que o aspecto científico da maioria delas não pode ser esquecido ou descartado. Nessas circunstâncias, solicito que não nos achem ousados, mas estamos sugerindo que a nomeação da instituição que desejamos criar, com a concordância de todos os presentes, seja transformada em “Associação Científica Professora Amélia / ACPA, que coordenará a escola dos animais, a qual se denominará Associação dos Animais Professora Amélia – ACAPA, e as duas, que não são excludentes em seus objetivos, serão conjuntamente chamadas de ACAPA/ACPA.

A ASSOCIAÇÃO DOS ANIMAIS: O ENCANTO DA ACAPA

Todos assentiram, balançando afirmativamente as cabeças, no habitual e simbólico gesto quando queremos dizer “concordo”. Nada mais restando a fazer e no horário combinado, voltaram ao local da reunião, sem antes o Professor Luis obter da cozinheira De Jesus a confirmação de que os seus assistentes já haviam subido. Coube-lhe a explanação sobre “reformulação da agenda”, chamando o Doutor Etevaldo para o uso da palavra.

– Bem, meus amigos, eu tenho meia hora para dar-lhes algumas informações iniciais acerca da criação da nossa – estou me sentindo à vontade para assim chamá-la – Associação Científica dos Animais Professora Amélia – ACAPA, assim nominada, pelo menos até agora. Não me demorarei muito, pois somente lhes trarei notícias que estou julgando do interesse de todos, além de necessárias e por demais importantes. Partindo do princípio de que ela não terá fins lucrativos – o que não



impedirá de receber doações de particulares ou de instituições oficiais –, temos que, de forma antecipada, tomar algumas providências. Como o seu caráter será de uma associação civil, ela regular-se-á pelo Código Civil, e, desse modo, deveremos iniciar com os seguintes pré-requisitos:

- Realizar uma assembleia geral – reunião das pessoas que estão interessadas no processo de sua constituição – formalizando a criação da associação; cabendo aos membros votantes decidirem sobre os itens a seguir:
 1. Aprovar as principais características da associação, tais como: nomeação, objetivos, tempo de duração, localização e endereço completo, diretoria, entre outras;
 2. Criação e aprovação do Estatuto Social, contendo a forma de regulamentar a sua administração;
 3. As dívidas dos membros da diretoria da associação deverão estar plenamente resolvidas, principalmente, as de natureza fiscal, para não impedir o reconhecimento da associação pela *Receita Federal* e a obtenção do Cadastro Geral do Contribuinte (CGC);
 4. Formalização da eleição da primeira diretoria, mesmo daqueles que exercerão a função provisoriamente ou em caráter definitivo – os seus diretores;
 5. Comparecer ao Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas com toda a documentação organizada de acordo com as normas aqui estabelecidas, para efetuar o registro da associação.

- Devemos observar as seguintes exigências no Estatuto Social:
 1. Nome da associação, direitos e deveres, diretoria, objetivos, tempo de duração, localização e endereço completo, entre outras;
 2. Modos de manutenção: doações, financiamentos e constituição de fundo social;
 3. Explicitar a participação dos associados no item 1 e seus respectivos nomes;
 4. Esclarecer os casos eventuais de dissolução e definir a destinação dos bens materiais existentes.



– Como todos podem observar, existem muitos passos a serem dados até conseguirmos o reconhecimento da associação pela Receita Federal e a obtenção do CGC. Amanhã discutirei com o Luis para definirmos sobre as etapas que já podemos dar impulso. Para prosseguimento, chamo o nosso anfitrião, que, como estamos cientes, sequenciará esta reunião.

– Meus parabéns, Doutor Etevaldo! Antes de qualquer coisa, desejo informar aos assistentes que nosso encontro de hoje se encerrará às dezesseis horas e quarenta e cinco minutos, porque nós três e meus pais iremos dar uma caminhada na praia. Os demais poderão juntar-se aos animais que assim desejarem e informar-lhes sobre as novidades que se deram no dia de hoje sobre a criação da associação; antes de sair, vou conversar com nosso engenheiro para que, nesse horário, ele possa liberar o espaço do galpão em construção, o qual é utilizado para as reuniões que fazemos.

– Como todos puderam notar, temos muito trabalho burocrático pela frente, e, evidentemente, somente eu e o Doutor Etevaldo temos a responsabilidade de enfrentá-los. Antes de colocar em execução algumas das decisões que precisarão ser tomadas, levarei certas questões ao conhecimento de meus pais e de minha irmã. À noite, arranjarei o tempo necessário para listar os assuntos que precisam de esclarecimento do nosso amigo advogado.

– Relativamente ao andamento das obras, estou muito satisfeito com seu desenvolvimento. Espero que nossos assistentes fiquem atentos, sondando qualquer insatisfação entre os animais. É bom que eles sejam alertados para os possíveis incômodos que, certamente, ocasionarão alguma irritação. Tal acontecerá na fase de acabamento: reboco para colocação de revestimento, cobertura, etc.

Com os gestos característicos de sua vontade de interferir, o Semeador sinalizou:

– Bem, Professor Luis, pode deixar conosco que nos encarregaremos desse alerta generalizado junto a todos os nossos companheiros. Temos certeza de que já angariamos a confiança necessária para que eles desistam de qualquer resistência às solicitações que fizermos. O que mais me preocupa agora é saber quando, em que momento, nós três teremos algum encaminhamento para a questão que foi colocada na ocasião de minha manifestação inicial, ou seja: as questões colocadas inicialmente,



para mim, sofrem uma interrupção por falta de argumentos mais convincentes, isso porque é possível raciocinar como segue: “A evolução do homem deu origem a um processo contínuo de transformação com o objetivo único de aperfeiçoá-lo – macacos, chimpanzés, *hominídeos*, *homo habilis*, *homo erectus* [...], de *neanderthal* e *homo sapiens*. Por que processo idêntico não se estendeu às demais espécies? Será que o destino, ou o objetivo de vida de um urubu, de um cachorro, será o mesmo para a eternidade?”. Então reiteramos: a ciência não poderá, em um futuro razoavelmente próximo – como aquele que de fato aconteceu com o homem –, oferecer a todas as espécies de animais uma oportunidade de progredir evolutivamente? Este é o nosso alerta.

– Meu caro Semeador, pode ter certeza de que não me olvidarei de tratar de sua questão, e no momento próprio. Logo após o intervalo, o nosso amigo e Professor usará da palavra. Faremos agora uma pausa de dez minutos para hidratarmos-nos, extensivos aos nossos assistentes. Ao retornarmos, eu utilizarei os quarenta e cinco minutos restantes para o encerramento do encontro dessa tarde.

O intervalo foi observado, e, na mesa das refeições, entregaram-se a uma hidratação variada – água e sucos. O Doutor Etevaldo aproveitou para enfatizar a insistência do urubu-rei sobre as possibilidades de evolução das espécies. O Professor Luis adiantou-se em dizer-lhe que não se preocupasse porque era um assunto do seu particular interesse, e que, embora não tivesse, ainda, opinião formada em definitivo sobre ele, há alguns anos o vinha estudando e pesquisando. De volta à reunião, Professor João Paulo e Doutor Etevaldo continuaram as suas alocuções, repassando as últimas informações que ambos haviam reservado para aquele momento.



A EXISTÊNCIA DE DEUS E AS RELIGIÕES: SEGUNDA PARTE

– Agora, fiéis companheiros, vamos subsidiar a nossa explanação com alguns pressupostos que julgamos necessários para a continuidade da segunda parte do tema: A existência de Deus e as religiões.

1. Nas páginas anteriores já nos referimos às palavras bondade, benevolência e misericórdia. Todos nós fazemos ideia do que elas significam? Mas, e acerca do que quer dizer a expressão – comumente usada nos livros de orientação religiosa, nas pregações, etc. – “ser bom e misericordioso”? Bem, se pesquisarmos junto às religiões abraâmicas e/ou monoteístas, onde Deus é expressado como Criador, Senhor do Universo, poder-se-á traduzi-la como: ser bom e misericordioso é estar aliado à bondade e benevolência divina. E eu acrescentaria mais ainda: se compadecer ou ser misericordioso com a dor alheia.
2. Mas será que somos assim? Será que, ao nos emocionarmos com a leitura de algum livro filosófico-religioso, ou participarmos de qualquer culto ou palestra que nos convida a refletir sobre o assunto, passamos a ser compadecidos ou misericordiosos com a dor alheia? Eu mesmo tenho me surpreendido com a minha inconstância. Se me descuidar da vigilância e da disciplina, lá estarei eu, não sendo compadecido e sempre menos misericordioso com a dor de outrem; de modo insensato, sou tragado por minha volubilidade. Será que isso acontece com todos ou apenas alguns indivíduos?

– Desejo agora, rapidamente, fazer menção a dois filmes que, além de um pouco jocosos, podem contribuir para a condução dos temas de nosso interesse.

– O primeiro deles tem as seguintes características:

- Título: Deus é Brasileiro
- Gênero: Comédia.
- Direção: Cacá Diegues.
- Elenco: Antônio Fagundes, Wagner Moura, Paloma Duarte e outros.



– O filme é uma comédia brasileira sob a direção de Cacá Diegues, e tem o seu roteiro fundamentado no conto intitulado O Santo que não acreditava em Deus, de autoria do contista João Ubaldo Ribeiro. Em linhas gerais, a história do filme coloca “Deus em apuros” porque se sentindo cansado de suas atribuições, vem à Terra em busca de um habitante do planeta que, transformando-se em Santo, tivesse competência para substituí-lo como “Senhor do Universo”. Foi uma procura incessante; Deus submeteu-se às mais tragicômicas e/ou caricatas situações. Depois de constatar suas dificuldades no entendimento de certos comportamentos humanos, contratou, como guia de sua itinerância, *Taoca* – vivido por Wagner Moura –, um pescador endividado que procurou, com o beneplácito de Deus, acomodar e resolver os seus problemas pessoais. Tal contratação serviu muito especificamente para aumentar os problemas que a Divindade queria evitar. Desse modo, “por obra e graça” do seu guia, envolveu-se com prostitutas, posseiros, ladrões de gado e de terra, bêbados contumazes, estelionatários e outras conhecidas e notórias figuras do sertão nordestino brasileiro, onde ocorre a maior parte das cenas.

– Não seguirei em frente na tentativa de narrar mais detalhes do filme; não é isso o que desejo. Mas imaginem quais as possíveis ideias que Deus, mesmo em sua benevolência divina, formou acerca dos indivíduos que aqui vivem depois das tantas e quantas lambanças aprontadas por seu guia. Considerando-se que o enredo da película está relacionado aos fatos do nosso cotidiano, um indivíduo com o caráter de *Taoca* poderia ou não fazer qualquer um de nós participar, ou tomar atitudes não recomendáveis? Diante dessas considerações, quais ideias sobre nós – obras de sua criação – Deus pode ter engendrado? As respostas ficam por conta de suas imaginações.

– Dedicaremos agora o restante do tempo disponível a comentários introdutórios sobre três outros livros ditos sagrados: a Bíblia, dos cristãos; o Torá, dos judeus; e o Alcorão – comumente chamado de islamismo – dos árabes.

– Em todas essas religiões, os profetas são os emissários de Deus que foram por Ele encarregados de transmitir as suas mensagens aos outros humanos. Portanto, é por esse motivo que cada religião tem os seus respectivos profetas – os profetas e as profetizas eram muito conhecidos na Antiguidade por seus dons de adivinho.



– Vamos começar por Moisés – que era filho de Amram e Jocabed, historicamente, da tribo de Levi –, pois foi ele quem deu início ao cristianismo e ao judaísmo. Sua origem coloca-o como aquele que se tornou um líder hebraico para conduzir seu povo à “terra prometida”. Esse fato ocorreu, conforme o Antigo Testamento, por volta de 1900 a.C. e 1300 a.C., quando os descendentes hebreus de Abraão foram levados à escravidão pelo Egito para a construção de diversos obeliscos, alguns templos e as conhecidíssimas pirâmides. Quando Moisés – que tinha ascendência nobre – nasceu, Jocabed, sua mãe, temendo que as ordens do faraó de “mandar matar todas as crianças recém-nascidas do sexo masculino” fossem cumpridas, o colocou numa pequena cesta e empurrou-a para ir adiante, nas correntezas do Rio Nilo. Em breve tempo, tudo, inclusive o bebê, estacionou nos arredores do palácio, sendo encontrado por uma das filhas do faraó. Moisés foi recolhido, criado e adotado pela moça, e, até onde lá permaneceu, foi beneficiado com todos os luxos e uma vida de fartura, gozando das benemerências do esplendor palaciano.

– Quando tomou conhecimento de sua origem de filho adotivo, foi viver como cidadão hebreu comum. Ao testemunhar a opressão e os maus tratos a um operário escravo – eram comuns as cenas de violência que os asseclas do faraó impunham ao povo –, revoltou-se e matou um “chefe de turma” que gerenciava os trabalhos de construção. O crime foi logo descoberto, e, para não se submeter à prisão, Moisés degredou-se e vagueou por algum tempo até chegar numa região situada entre Israel e o Egito, onde está localizado um monte agudo de granito com altura de 2.285 metros denominado Monte Sinai – atualmente também conhecido como Monte Horeb, que significa “Monte de Moisés”, onde, e ao passar dos séculos, nas suas imediações, foram construídos locais de cultos variados e representantes da cultura religiosa.

– Moisés fixou residência na cidade localizada, apropriadamente, numa plataforma do pico, onde oficializou núpcias com uma jovem habitante nominada Zípora, vindo a ter, dessa feliz e fértil união, dois filhos.

– Segundo relatos atribuídos ao Velho Testamento, Moisés, em suas caminhadas para reflexão no entorno de sua moradia, comumente via arbustos queimando, e, mesmo assim, as chamas não os consumiam. Numa dessas oportunidades, Deus fez-se ouvir dizendo: “*Sou o Deus de Abraão, Isaac e Jacó*”. A partir de então, essa experiência fez de Moisés um profeta; como os dois enumerados pela Sabedoria Divina, um mensa-



geiro dela. Não decorreu muito tempo e Moisés foi instado e autorizado por Deus a voltar ao Egito, apresentando-se como seu mandatário com a exigência de que o povo hebreu fosse libertado da escravidão.

– O faraó, amedrontado com as pragas que atingiram o povo egípcio, arrependeu-se, e, numa determinada noite, chamou Moisés e concordou com o que estava requerendo; autorizou Moisés a partir levando consigo os que compunham a plebe hebreia. O Profeta foi cicerone de seu povo por quarenta anos, numa emigração até o Monte Sinai, quando os deixou a esperá-lo, enquanto ele – subindo a montanha – iria ao encontro de Deus com duas peças ou tábuas de madeira, e dele recebeu as leis morais que, posteriormente, ficaram conhecidas como Os Dez Mandamentos.

– À época, nenhuma religião fora ainda estabelecida; as comunicações vindas do Sagrado Onipotente ocorriam com a intermediação dos seus mensageiros ou profetas. Muitos foram os que se identificaram e foram reconhecidos com essa titulação. O tempo passou e, sob a orientação deles, os agrupamentos religiosos começaram a ter características próprias.

– Um deles que veio para Nazaré, originário da vila judia chamada Belém, era chamado José e identificado como um sábio carpinteiro. Essa especialização tornou-o conhecido como exímio fabricante de cangas e cangalhas – as primeiras são peças de madeira que prendem os bois, e as demais servem para manter o equilíbrio das cargas dos mulos e bestas – e de arados, instrumentos utilitários que facilitam a lavra da terra para o plantio. Tratava-se de um trabalho sob encomenda.

– Maria, que na época era adolescente, dividia seu tempo em trabalhos caseiros com seus pais naturais e prestando serviços espirituais a Deus no templo. José ficou comprometido com Maria, e, conforme rituais do povoado de Nazaré, contraindo núpcias com ela, o que significa casar-se. É necessário fazer alguns registros sobre outros fatos da vida de Maria.

1. Até aos três anos de idade, viveu em companhia de seus pais;
2. Dos três aos doze anos, portanto, durante nove anos, dedicou-se à sua espiritualidade e aos ensinamentos religiosos do Templo. Iniciou, então, para ela, uma vida simples e honrosa a serviço de Deus, orientada pelos sacerdotes judeus e obedecendo aos hábitos adotados pelo povo hebreu;
3. Nessa época, havia duas maneiras de uma mulher unir-se a um homem: antes dos quinze anos – o “casamento” celebrado pelos sacerdotes, o



- que, mais precisamente, se tratava de uma promessa de “matrimônio”; e sob uma cerimônia que oficializava o fim do período de purificação;
4. O Reino de Judá era formado, territorialmente, por diversas tribos. Dentre elas, foram escolhidos doze cidadãos probos – José, era um deles – para, desse conjunto, ser definido a quem, em matrimônio, Maria seria destinada como esposa.
 5. “José, o carpinteiro” foi o escolhido, e, após os trâmites da cerimônia matrimonial, levou e acomodou Maria em sua casa, viajando, em seguida, para cumprir diversas obrigações – já assumidas e, portanto, inadiáveis – do seu ofício.
 6. Essa viagem demorou dois anos, e, ao chegar, José soube da notícia de que sua esposa estava grávida, fato que o deixou bastante entristecido, pois não tivera com *Maria* nenhuma conjunção carnal antes ou depois do seu retorno da viagem a negócios.
 7. São Lucas, num determinado momento, foi visitado por um anjo que se expressou como segue: “*Eu sou Gabriel, o que está na presença de Deus*”. O Arcanjo – aquele que, a serviço de Deus, está colocado acima dos Anjos – tinha recebido do Senhor uma importante missão. No Evangelho de Lucas (Lucas 1:26-38) está escrito que: “*Foi enviado por Deus o anjo Gabriel para a cidade de Galileia, a uma virgem chamada Maria*”. Quando estava na presença de Maria, o Arcanjo teria dito: “*Salve Maria, cheia de graça, o Senhor está contigo. Não tenhais medo, Maria, porque estais na graça do Senhor. Conceberás um filho a quem porás o nome de Jesus. Ele será filho do Altíssimo e seu reino não terá fim*”.
 8. Mesmo com as explicações do Arcanjo, *Maria* não se sentia confortável. Como José reagiria a tal notícia se ela nem tivera tempo – ele ainda não retornara para casa depois da viagem empreendida – de lhe comunicar os extemporâneos, assim pensava, acontecimentos?
 9. O Arcanjo Gabriel compreendeu a situação de Maria, e decidiu então ir até José e dizer-lhe: “*José, filho de Davi, não tenhas cuidado em admitir Maria, tua esposa, em tua companhia. Saberás que o que foi concebido em seu ventre é fruto do Espírito Santo. Dará, então, à luz um filho a quem porás o nome de Jesus. Ele apascentará os povos com o cajado de ferro*”. Isso serviu para confortá-lo, e, a partir daí, aceitou Maria como esposa e passaram a viver sob o mesmo teto, consumando-se o matrimônio.



– A vida de José e Maria seguiu seu curso normal. Naquele tempo, no período de 31 a.C até 14 d.C., toda a parte do mundo mediterrâneo estava sob o reinado do soberano Caio Júlio César Otaviano. Eram grandes as dificuldades para cobrar e recolher os impostos dos habitantes porque ele não sabia em quanto montavam, e, tampouco, a suas fontes de vida. Para tanto, impunha-se, então, a realização de um recenseamento, e, conforme Lucas, foi durante um deles, cerca de 7-5 a.C., que ocorreu o nascimento de Jesus. Como o seu nascimento, quase não existem registros do início de sua vida, mas Lucas anotou a seguinte informação: “*ele cresceu em sabedoria e em estatura, na graça de Deus e respeito dos homens*”. Podemos inferir que Jesus criou-se em companhia de José e Maria, e foi iniciado religiosamente – pela tradição, a partir dos doze anos – na frequência e nos rituais do Templo Judeu.

– Quando atingiu certa idade, conheceu um profeta alcunhado por “João, o Batista”, que acabara de chegar na região da Palestina e pregava “o batismo do arrependimento como forma de remissão dos pecados”. Jesus submeteu-se ao batismo sugerido por João, e, de acordo com a tradição, foi nessa oportunidade que lhe foi revelado por Deus que fora escolhido para ser o Messias do povo judeu, completando a listagem dos profetas de Israel. Nesse período de tempo, Jesus já estava consciente de sua eminente e prematura morte. Reuniu seus discípulos para uma ceia, e revelou-lhes que um deles o trairia, e ele seria, então, preso. Disse também que Pedro, quando fosse realizado o interrogatório, o negaria por três vezes, seguido do cantar de um galo.

Tudo ocorreu como predissera. Jesus foi preso e mandado ao Sinédrio – os sacerdotes que compunham o corpo jurídico dos Judeus – e encaminhado à residência do sacerdote Caifás, onde foi torturado e espancado durante toda a noite. Como nada tinha para revelar, destinaram-no para o sogro do sacerdote Anás, e, logo após, ao chamado “sumo sacerdote”. A todos ele não esboçou nenhuma defesa, o que fez Caifás interrogar (Mateus 26:62): “*Não respondes coisa alguma ao que estes depõem contra ti?*”; por sua vez, o sumo sacerdote também o inquiriu (Marcos 14:61): “*És tu o Cristo, Filho do Deus Bendito?*”; Jesus então respondeu aos dois (Mateus 26:64 e Lucas 22:70): “*Eu o sou. Tu o disseste. Vós dizeis que eu sou*”. O Sumo Sacerdote e Caifás irritaram-se com as irônicas respostas, acusando Jesus de ultrajantes blasfêmias, levando-o para o tribunal de Pôncio Pilatos para ser ouvido e, certamente, acusado por considerar-se o “rei dos judeus”.



– A parte considerada mais importante no processo que se desenrolava no Tribunal de Pilatos foi o fato de Jesus proclamar a si próprio como “o rei dos judeus”. Na oportunidade, os juristas anciãos, sob a orientação de Pilatos, descobriram que ele era originário da Galileia, região da Palestina onde Cristo pregava. Por isso, foi decidido o encaminhamento de Jesus para julgamento imediato pelo Tribunal de Herodes. Antes de ser devolvido, certamente, a título de zombaria, colocaram por sobre a sua vestimenta um luxuoso casaco ou manto, na tentativa jocosa de identificá-lo como “o rei dos judeus”. Após ser julgado pelos respeitáveis anciãos, “senhores das leis religiosas do Templo”, Pilatos declarou que o acusado “era inocente das incriminações que lhe faziam”. No entanto, não o libertou porque, nesses casos, costumeiramente o povo seria quem decidiria condenar: o “o assassino Barrabás” ou “Jesus”. Uma verdadeira multidão insuflada pelos anciãos (Mateus 27:20) gritava alucinadamente: “*libertem Barrabás!*”, e todos nós sabemos o que aconteceu: Jesus foi condenado e crucificado.

– Mas quando e onde essa história se tornou pública? Tal ocorreu pelo que está escrito nos evangelhos bíblicos. Mas o que quer dizer evangelho? O significado dessa palavra – de acordo com as traduções para as línguas eslava e/ou russa – é “boa mensagem ou boa nova”. Ora, se existe uma boa mensagem, há de existir um mensageiro para transmiti-la. E foi isso o que fizeram os quatro evangelistas reconhecidos pela Bíblia. Tal necessidade impôs-se porque, antes do Messias, para os crentes da época, Deus era tido como um ser inclemente por sua plenipotência. Para Jesus, esse não era um fato verdadeiro, afirmando-lhes que: “*Quem me vê, vê também o Pai*”, mostrando a todos, ao proferir essas palavras, que cuidava de nós um Deus amoroso e misericordioso, compadecendo-se de nós quando caímos em falta no cometimento de erros intencionalmente. A seguir, listaremos então tais mensageiros profetas:

1. O evangelho conforme Mateus

– Temos que destacar duas características do autor evangelista Mateus: dos doze apóstolos de Jesus, ele se constituía em um deles, era malquisto por seus conterrâneos judeus pelo fato de ter exercido a função de coletor público de impostos, e, além disso, ocorrência muito comum entre os Judeus, ser chamado por mais de um nome – era tratado por Marcos e



Lucas, informa no capítulo nono do seu evangelho, por “*Levi*”.

– Mateus confessava-se, agradecido a Deus por sua misericórdia para com ele, em não desprezá-lo considerando o seu passado de homem público que promovia o recolhimento de impostos; essa atividade, acompanhada da habitual extorsão dos cobradores, empobrecia o povo judeu, levando-o à ausência dos bens essenciais à vida cotidiana. Reconheceu o nível sublime das suas mensagens ao contrário daquelas, de caráter sórdido e tradicionalista, enunciadas pelos fariseus e legisladores judeus.

– Em consequência, em seu Evangelho, ele o inicia, relatando que a descendência de Jesus remonta a David e Abraão, fazendo cerca de cem referências aos judeus – povo para quem parecia dedicar o seu evangelho –, onde enfatiza que as profecias do Antigo Testamento se referiam a Jesus, e, portanto, ele era o Messias que os judeus tanto aguardavam. Mateus não limitou o território palestino para abrangências de suas pregações; disseminou o seu evangelho em diversas nações e não discrepava do seu ponto focal: a missão do rei Jesus era a remissão dos pecados do seu povo, dando a sua própria existência como resgate, e o seu poder foi utilizado para combater o demônio, inimigo dos homens, quando por ele fossem tentados. Na época de sua morte, é provável que Mateus estivesse na Etiópia ou Antióquia – por volta de 90 d.C. –, período em que, se presume, escreveu o seu evangelho. Por sua bondade e amor à verdade, constituiu inimigos poderosos, sendo, por eles, bastante maltratado e torturado. Como um mártir, faleceu na Etiópia.

2. O evangelho conforme Marcos

Marcos não fazia parte do conjunto dos doze apóstolos. No entanto, era um judeu natural e não acompanhou Jesus em suas andanças, e, por isso, existem dúvidas com relação à sua presença junto a ele, mesmo nos últimos momentos de vida de Cristo. Morava na cidade de Jerusalém, onde mantinha reuniões de orações – sua mãe, de nome Maria, era uma devota frequentadora desses encontros de prece –, acompanhando o filho e respectivos companheiros nas súplicas religiosas.

– Foi na companhia de São Paulo que começou a sua itinerância como pregador cristão, tendo como companheiro e seguidor seu tio de nome Barnabé. Passado algum tempo, procurou ajuntar-se aos seguidores de São



Pedro, aderindo e identificando-se com o que pregava esse apóstolo, um dos principais dos doze que acompanharam o Messias. Houve um retorno de São Marcos ao convívio de São Paulo, que escreve a Timóteo (1 Pedro: 5:13): “[...] leve Marcos consigo, pois preciso dele para servir”. Como já esclarecemos, São Marcos não foi um dos apóstolos de Cristo, e, portanto, não conviveu com ele nos momentos fatais e nefastos de sua vida.

– Existem algumas discrepâncias sobre as relações entre as datas e as ocorrências atribuídas a elas. Por exemplo, São Marcos era também conhecido como “João”, portanto é necessário cuidado para que não façamos de “João Marcos” um companheiro de São Paulo.

– No século II-III d.C., Hipólito distingue os dois afirmando o que segue: “Marcos, o evangelista, é diferente de João Marcos (de Actos 12:12-25, Actos 12:5-13 e Actos 15:37)” e de Marcos, primo de Barnabé. Todos eles pertenciam ao conjunto dos “setenta discípulos” que foram enviados por Jesus ao território da Judeia para pregar o evangelho (Lucas 10:1-6).

– Também existem dúvidas relativamente ao martírio na ocasião de sua morte. Alguns afirmam que Jesus foi vítima de açoites e torturas diversas, praticadas pelos adoradores dos deuses da Grécia, no ano 68 d.C. O seu martírio constou, além de outras atrocidades, em arrastarem-no pelas ruas da cidade de Alexandria com uma corda amarrada ao pescoço, causando-lhe asfixia.

– Finalmente, no Evangelho de São Marcos, o autor o escreveu em grego, no período de 65 d.C. a 70 d.C., mas a sua origem é dada como romana. Existem muitas especulações acerca do seu conteúdo; asseguram alguns – Papias, bispo de Hierópolis, São Irineu de Lion e São Justino, conhecido como “o Filósofo” – que “[...] o Evangelho de São Marcos foi escrito baseado nas palavras de São Pedro”. Clemente da Alexandria disse que ele pretende retratar-se “[...] como uma versão escrita dos sermões de São Pedro”. Também admitem que, o segundo evangelho, foi designado e direcionado aos romanos convertidos ao cristianismo.

3. O evangelho conforme Lucas

As antigas tradições indicam que Lucas era um convertido, ou seja, um pagão que assumia a fé judaica. Têm-se informações, também, de que é originário da Antioquia, sendo médico com peculiares dons artísticos. Tornou-se um seguidor do apóstolo Paulo, estando em sua companhia



quando foi preso pela vez primeira. Com o passar do tempo, tornou-se seguidor e amigo natural e inseparável de João, com quem partilhou de suas inúmeras viagens.

– As informações dos estudiosos bíblicos levam-nos a inferir que o Evangelho de Lucas foi escrito em torno do ano de 60 d.C., sob inspiração do Espírito Santo do Senhor Jesus Cristo. Trata-se de uma obra de linguagem escorreita e de semântica apropriada à época. Além disso, diversas parábolas – a do bom samaritano, a da ovelha perdida e outras – espiritualmente generalistas engrandecem e enobrecem o texto.

– É importante visar a elucidação e melhor compreensão dos motivos que fizeram Jesus enviar os seus “setenta discípulos” para a área geográfica dos Judeus, a Judeia, com a finalidade de divulgar e pregar o evangelho, onde se infere que essa sua orientação se referia ao seu próprio evangelho. Isso se justifica porque o que foi escrito pelos quatro evangelistas somente se tornou público após a morte de Cristo; o que nos parece bastante claro em “Lucas 10:1-19”. Vejamos, também, alguns versículos do evangelho de Lucas acerca dos setenta discípulos emissários.

- **Lucas (10:1)** – E depois disso designou o Senhor ainda outros setenta, e mandou-os adiante da sua face, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir.
- **Lucas (10:2)** – E dizia-lhes: Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos; rogai, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara.
- **Lucas (10:3)** – Ide; eis que vos mando como obreiro ao meio de lobos.
- **Lucas (10:16)** – Quem vos ouve a vós, a mim me ouve; e quem vos rejeita a vós, a mim aquele que me enviou.
- **Lucas (10:18)** – E disse-lhes: eu via Satanás, como raio, cair do céu.
- **Lucas (10:19)** – Eis que vos dou poder para pisar serpentes e escorpiões, e toda a força do inimigo, e nada vos fará dano algum.

Do evangelho de Lucas (10:1), depreende-se que Jesus encarregou a setenta de seus discípulos a missão disseminadora de seu evangelho.



Isso significava que eles deveriam se deslocar aos pares, ou seja, de dois em dois, com o destino de percorrer todas as cidades e povoados onde *Cristo* já, previamente, planejara visitar: “*mandou-os adiante da sua face, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir*”.

– Em seguida, Lucas (10:2) afirma que “[...] rogai, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara”. Aqui se trata de um apelo endereçado aos apóstolos mensageiros equivalente a “nós estaremos no cumprimento de tua missão, assim, a seara vos pertence, portanto não nos abandone e manda-nos auxiliares obreiros”. Mas em Lucas (10:3), a afirmação é de Jesus: “Ide; eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos”. Ou seja, a mansidão do filhote para transformar a feracidade do lobo – para que ele se torne, também, um cordeiro, seria o significado mais correto, pensamos nós.

Os últimos versículos do parágrafo dez do evangelho de Lucas parecem vir em apoio ao trabalho dos setenta apóstolos. Vejamos, então:

- **Lucas (10:16)** – Quem vos ouve a vós, a mim me ouve; e quem vos rejeita a vós, a mim me rejeita, rejeita aquele que me enviou.
- **Lucas (10:17)** – E voltaram os setenta com alegria, dizendo: Senhor, pelo teu nome, até os demônios se nos sujeitam.
- **Lucas (10:18)** – E disse-lhes: eu via Satanás, como raio, cair do céu.
- **Lucas (10:19)** – Eis que vos dou poder para pisar serpentes e escorpiões, e toda a força do inimigo, e nada vos fará dano algum.

– A leitura e o aprofundamento desse evangelho incita-nos a constatar que o Messias sempre teve como preocupação nuclear, que se origina em Deus e no seu amor pelos pecadores, o arrependimento dos transgressores. Em consequência, esse – dizem os especialistas – é o objetivo do evangelho de *Lucas*, onde ele reitera tudo isso com a emissão de diversas parábolas que *Jesus* usava para esclarecer questões da vida cotidiana, com histórias simples e imaginárias, metáforas, portanto, mas de conteúdo espiritual e evangélico.

Nos quatro evangelhos, existem 39 parábolas distribuídas nesses



livros, e algumas se repetem. Por exemplo, a parábola *Pano Novo em Roupas Velhas* é citada em Mateus (9:16) e em Lucas (5:36).

– Em Lucas (5:36-37), temos a parábola usada por Jesus:

Lucas (5:35-37) – (36) *Ninguém tira um remendo de roupa nova e o costura sobre roupa velha; se o fizer, certamente estragará a roupa nova; e, além disso, o remendo novo jamais se ajustará à velha roupa.* (37). *Da mesma maneira, não há alguém que coloque vinho novo em recipiente de couro velho. Ora, se o fizer, o vinho novo, ao fermentar, arrebentará o recipiente, se derramará e danificará o recipiente onde fora colocado.*

– Como sabemos, as parábolas de Jesus endereçavam-se a seus discípulos e eventuais simpatizantes seguidores de sua mensagem evangelizadora. Os discípulos tinham mais facilidade de compreendê-las porque tinham com Ele uma convivência provavelmente diária, e, quando fosse o caso, existia Jesus para esclarecê-los nas dúvidas de interpretação, quando os seus pensamentos pareciam diferir da forma como o Messias imaginava. Os demais, certamente, iriam procurar, junto aos seus familiares, ou outros membros da comunidade, as explicações que lhes faltavam.

– Reflitamos um pouco nesse instante. Imagine se fosse dado a nós, aqui reunidos, a responsabilidade de interpretação dessa parábola? Bem, eu imagino que, como o objetivo de Cristo era o arrependimento das faltas cometidas por seus seguidores, então as expressões “remendo de roupa nova e a costura sobre roupa velha” e “vinho novo em recipiente de couro velho” significavam que aqueles que estavam em pecado, primeiramente deveriam arrepender-se deles para depois poderem estar ao lado do Pai Eterno, e, particularmente, de Jesus.



4. O evangelho conforme São João

De acordo com a tradição judaica, São João foi reconhecido como o único Teólogo dentre os evangelistas a quem Cristo mais tinha consideração e amava. Ele era filho do afortunado pescador Galileu nominado Zebedeu, casado com Salomé. Consta que foi o casal quem socorreu Jesus no suprimento de suas necessidades mínimas e pessoais. Salomé fez companhia a Cristo em suas andanças pela Galileia, participando, na cidade de Jerusalém, da festa pascal dos hebreus; certamente ela o assessorava na última em que o Messias esteve presente. Dizem também que foi por iniciativa dela – que se cotizou com outras mulheres devotas e piedosas – a arrecadação de recursos para a aquisição do que chamavam “os santos olhos”, destinados à unção do corpo de Jesus quando de Sua morte. Achamos que vale a pena lembrar alguns detalhes de natureza política que existiram na vida de São João. Uma introdução é necessária. Na Judeia, o primeiro templo de Jerusalém foi construído por Salomão cerca de 990 a.C., no século XI, e depois vieram as destruições, tais como:

- **Em 586 a.C.** – O templo de Salomão é destruído por Nabucodonosor, rei da Babilônia.
- **Em 515 a.C.** – Os judeus constroem o segundo Templo.
- **Em 19 a.C.** – Herodes, chamado o Grande, amplia o segundo templo.
- **Em 70 d.C.** – Tito, então imperador romano, destrói o templo de Herodes.

– A crucificação e morte de Jesus aconteceu no período de 32 d.C. a 38 d.C., e Tito destruiu o segundo templo aproximadamente 37 anos após a sua morte.

– O evangelista João nasceu em cerca de 10 d.C. – é importante observar que os escritos tradicionais têm sempre o cuidado de afirmar as possíveis aproximações desses registros – e veio a falecer com 94 anos, em 103 d.C.

– Por determinação de Domiciano, à época imperador romano, cumpriu exílio em Patmos, uma ilha localizada ao leste do Mar Egeu. Ali, de acordo com a tradição, em 90 d.C., escreveu o Evangelho segundo São João e o Livro da revelação do Apocalipse. Existem algumas controvér-



sias relativas à autoria desses dois livros. Uma vertente de historiadores bíblicos acreditam que o evangelho de São João foi escrito para atender às reivindicações de cristãos e convertidos habitantes da cidade de Éfeso, uma cidade greco-romana encravada na costa ocidental ou oeste terrestre, próxima da atual Selçuk, na província de Esmirna, na Turquia. Naquela época, Éfeso tinha cerca de 250 mil habitantes, sendo considerada a segunda cidade mais importante do império depois de Roma, a capital.

– O evangelho de São João teve como base de fundamentação três outros livros – ou três fascículos de um livro – que já haviam sido escritos. A missão do evangelista era “revisar, complementar e, certamente, atualizar” o trabalho que São João já realizara, acrescentando o que absorvera, pessoalmente, dos ensinamentos e sermões de Cristo. Para os líderes religiosos cristãos que avaliaram a atividade literária do evangelista, ela foi aceita como “perfeita” e fiel aos objetivos colimados, ou seja:

- Os três livros entregues a João foram complementados e revistos satisfatoriamente;
- Foi efetuada, também, uma avaliação sobre o quanto veraz era tudo o que escreveram Mateus, Marcos e Lucas. As correções eventuais e os acréscimos necessários foram procedidos, tudo no sentido de esclarecer as questões existentes sobre a divindade e os ensinamentos do Messias;
- O evangelho de São João prima pela conotação espiritual – diferentemente dos três primeiros –, começando com a exposição sobre a “Divindade de Jesus Cristo”, aprofundando-se acerca do verdadeiro amor da fé cristã, do mistério da eucaristia – um dos sete sacramentos da Igreja Católica onde a presença de Cristo é simbolizada pelo pão e pelo vinho – e outras questões que fizeram com que fosse considerado como “O evangelho espiritual” do texto bíblico.

Para concluir, num olhar voltado para o próprio evangelho, é possível que São João não estivesse ladeando Jesus quando das últimas viagens dele a Jerusalém, visando às cerimônias comemorativas pascais. São João permaneceu na Judéia ocupado com as questões literárias na escrita do “Evangelho segundo São João” e “O livro das revelações do Apocalipse”.



– Na quarta viagem de Jesus a Jerusalém – a última de todas elas – aconteceu o seu aprisionamento, seguido do martírio, das torturas e da crucificação; todos os seus ensinamentos e pregações públicas tiveram a duração de três anos e meio – iniciadas quando tinha trinta anos – tendo vivido no planeta Terra cerca de trinta e três anos. Esses fatos sugerem-nos, portanto, que o apóstolo evangelista São João esteve ao lado de Jesus Cristo em seus últimos momentos de vida.

– Fizemos uma pequena retrospectiva sobre os quatro evangelhos da Bíblia, e enumeramos alguns fatos da vida de seus autores. Ressaltamos que, apesar de nos termos estendido em relatos mais importantes, esse esforço foi necessário em face do nosso propósito de estudar a essência das três principais e mais antigas religiões da humanidade: o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo.

– Mas é importante também dizer que demos apenas o passo inicial; precisamos sempre estar procurando acrescentar ao nosso conhecimento mais detalhes sobre os livros que fundamentam e orientam todos os praticantes desses credos. Isso porque a Bíblia Sagrada se refere ao Cristianismo e ao Judaísmo, e o Alcorão ao Islamismo. Veremos, agora, alguns detalhes acerca de como eles se compõem.

A Bíblia Sagrada – Divide-se em duas partes:

- **O Antigo Testamento** – Compõe-se de todos os livros que para ele foram escritos, num total de 46, abrangendo o período, a partir do século XV a.C., até o nascimento de Jesus. As temáticas que esses livros abrangem podem ser resumidas como segue:
 - As leis morais e religiosas dadas por Deus a Moisés.
 - Os fatos notáveis e históricos dos israelitas, com a previsão daquele que, em nome de Deus, viria para atenuar o sofrimento do povo judeu: o Messias.
 - Dentre os quarenta e seis livros, destacamos: *Livro 1 – Gênese; Livro 2 – Êxodo*; e outros dedicados aos apóstolos adotados pelos líderes religiosos judeus.

- **O Novo Testamento** – São 27 livros que compõem essa parte do texto sagrado. Todos eles retratam a vida religiosa dos judeus,



após o nascimento de Jesus Cristo até o final do primeiro ano de nossa era – século I d.C. Também trata da existência do Messias e de suas obras e preocupações, além dos sermões proferidos. Acrescenta as bases da formação e disseminação das Igrejas cristãs e do povo que a constituiria; destacaremos, a seguir, os mais importantes, assim julgamos, livros desse Testamento:

- **Epístolas** – As cartas ou epístolas sendo: Romanos, uma; Coríntios, duas; Gálatos, uma; Éfeso, uma; Filipenses, uma; Colossenses, uma; Tessalonissenses, duas; Hebreus, uma; Tiago, uma; Pedro, duas; João, três; Judas, uma.
- **Os atos dos apóstolos** – Muito comumente chamado de Atos, é o Livro número 51 do Novo Testamento. Uma das preocupações desse texto reduz-se em contar “a história do cristianismo”. Os doze apóstolos de Cristo, após a sua crucificação e morte, fundamentavam suas pregações e sermões mais restritos nos cultos que promoviam, nas histórias, às vezes metafóricas, e que passaram a fazer parte de Atos.
- **O Apocalipse de João** – É o Livro número 73 da Bíblia e o número 27 do Novo Testamento. Também é conhecido como o Livro da Revelação de João ou somente Revelação. A exemplo de outros trabalhos literários da época, a autoria da Revelação não é aceita como exclusiva produção do evangelista João. O certo é que se dedica – quase todo o seu conteúdo de forma generalizada – à experiência dos tidos como profetas. Ou seja, tudo o que eles pregaram em seus sermões e escreveram referia-se aos ensinamentos e às palavras emitidas pelo Messias.
- **O Torá** – Também chamado de livro básico e centralizador do Judaísmo, divide-se em cinco partes ou livros, dessa forma:
 - Bereshit – Gênesis
 - Shemot – Êxodo
 - Vayikrá – Levítico
 - Bamidbar – Números



DEVARIM – DEUTERÔNIMO

– As tradições judaicas – Doutores da lei, profetas e sacerdotes – dividiram esses cinco livros distinguindo-os pela natureza de suas temáticas ou categorias, agrupando-os assim: Leis, História, Poesia (ou livro da sabedoria) e Profecias. Esses assuntos foram registrados para a história ecumênica em livros especiais que continham temas recíprocos, permutáveis, nominados A Lei, Os Profetas e Os escritos. Dada a importância despertada por essas publicações, elas foram então multiplicadas – copiadas – conforme o único recurso da época – trabalho realizado por “copistas” especializados nesse tipo de trabalho, e foi desse modo que as gerações posteriores a elas tiveram acesso.

– O significado da palavra Torá, em hebraico, relaciona-se com duas outras: instrução e apontamentos. A Torá, assim escrita pela tradição judaica mais antiga, é definida como “existente desde a criação do mundo e foi usada como um plano mestre do Criador para com o mundo, a humanidade e principalmente com o povo judeu”. Os conteúdos dos cinco livros – é bom lembrarmos-nos que alguns estudiosos defendem que a essência da Torá se deve a Moisés –, conforme anteriormente descritos e nominados, podem ser sintetizados como segue¹:

1. **Gênesis** – Nesse livro, tem-se a história do aparecimento de todas as coisas, as quais se fundamentam no judaísmo. Trata, principalmente, da criação do Universo e também do acordo que Deus promoveu com Abraão e sua própria geração. Nele são explicados os motivos do sofrimento da espécie humana e da corrupção exacerbada, desenfreada e disseminada em todas as instâncias – igualmente aos dias atuais; além daqueles que vivem num mundo violento e cruel e reproduzem em suas vidas os mesmos infortúnios.

– Finaliza colocando em cena os descendentes de Abraão, abrangendo, em seus assuntos, o exílio de Jacó e seus doze filhos, desterrados para o Egito. Os registros indicam que Jacó foi o segundo filho gêmeo de Isaac – não encontramos a grafia Isaac – e de sua esposa Rebeca.

1 Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tor%C3%A>>. Acesso em: 20 jun. 2017.



Dizem que Jacó, o filho gêmeo ligeiramente mais velho que Esaú, nasceu agarrado ao seu calcanhar – essa informação carece de credibilidade, uma vez que um grande número de especialistas não a confirmam, e muitos deles nem a citam.

2. Êxodo – É comum constatarmos nos escritos do Velho Testamento a citação de judeus, israelitas, hebreus, etc. – quando uma parcela ou a nação inteira tem o seu povo exilado. Esse fato sempre ocorria como uma forma de punição à preferência religiosa adotada em represália à recomendada pelo imperador e seus sacerdotes. Os infratores, que não compartilhavam da imposição imperial, eram, na maioria das vezes, julgados e condenados por terrorismo e insurgência revolucionária; incluem-se no rol desses transgressores Jesus, Moisés e tantos outros cristãos e simpatizantes.

– É narrado no livro Êxodo que, antes dos dez mandamentos – provenientes de Deus a Moisés –, “cada tribo de Israel” recebera, também de Deus, os primeiros mandamentos; isto significa que cada grupo populacional israelita tinha o seu código de valores morais, sociais e religiosos, os seus “mandamentos”.

3. **Levítico** – Esse livro é dedicado às leis e às regras estabelecidas por inspiração divina; é, por esse motivo, que o chamam de “Livro teocrático e legislativo”. A tradição judaica imputa a Moisés a sua autoria e nele estão incluídas as conhecidas leis de Moisés – ou parte delas e seus regulamentos. O Levítico consta do conjunto dos cinco livros do Pentateuco ou Torá, assim conhecido no âmbito do judaísmo.
4. **Números** – Essa denominação discrepa da definição que a Matemática estabelece para essa palavra: “*número é uma entidade abstrata utilizada para mensurar, simbolicamente, algo que podemos quantificar*”. Nesse caso, prende-se às episódicas narrativas da história do povo de Israel à insatisfação e à revolta dos israelitas nos quarenta anos que passaram no deserto. Os assuntos tratados em Números podem ser listados a seguir:

- A contagem ou recenseamento dos habitantes do Sinai.



- Moabe era uma cidade perto daquela existente no Monte do Sinai. Em Gênesis 19,30, nos é contado como Ló, sobrinho de Abraão, fugiu de Sodoma, cidade que foi destruída por Deus em face das iniquidades por lá praticadas e em vista do comportamento lascivo de seus habitantes. Ló, antes da destruição, reuniu-se às pressas com a sua família buscando um outro destino nas proximidades do Monte Sinai. Durante o trajeto, sua mulher faleceu e ele ficou sozinho, apenas tendo como companhia suas duas filhas. Foi morar com a prole nas cavernas, e o local mais próximo e habitado era uma cidade chamada “Zoar”. Ló foi surpreendido pela solução que suas duas filhas encontraram para o seu problema de solidão: “naquelas cavernas, elas não tinham nenhuma esperança de se casarem para dar sequência à família”. Ouvindo pacientemente os argumentos delas, Ló então lhes perguntou qual seria a solução, e então obteve como resposta: “para que a sua geração não seja finalizada, resolvemos, nós duas, ter filhos convosco” – existe uma versão que se contrapõe a esse acordo com anuência participativa entre os três; as filhas de Ló o teriam embriagado a fim de conseguir o seu intento, ou seja, a relação carnal incestuosa com as duas. Se raciocinarmos com os parâmetros que utilizamos na atualidade em casos dessa natureza, que não são poucos, o incesto, ou relação sexual ilícita entre parentes consanguíneos, tem punição codificada em lei. O incesto entre Ló e suas duas filhas se consumou, e duas nações – os moabitas e os amonitas – foram geradas como fruto, a partir dos descendentes da primeira geração. A definição atribuída aos originários de Ló restringiram-se a aspectos espirituais como os mostrados a seguir:
 - As nações e os povoados – os amonitas e moabitas – que procedem das filhas de Ló “ficaram impedidas de participar da congregação dos filhos de Deus” até a décima geração.
 - Os habitantes das duas cidades e descendentes de Ló foram tomados como inimigos dos israelitas, conseqüentemente, de Deus – por sua ancestralidade dita criminosa – sofrendo as punições inerentes a esses crimes.



5. Deuteronomio – A exemplo de Números, esse Livro tem conteúdo histórico; mais precisamente enumera as últimas pregações de Moisés antes de sua morte, e aquelas proferidas ao povo no período do êxodo até a chegada à Terra Prometida. De acordo com os estudiosos da Bíblia, a nomenclatura formalizada está relacionada – assim como em Êxodo, Levítico e Números – com as Leis já relacionadas nos Livros anteriores, portanto, repetidas, onde aqueles futuros habitantes de povoados e cidades da Terra Prometida teriam que adotá-la e lhes obedecer.

– É útil observar que a palavra Deuteronomio tem o significado de segunda lei ou repetição da lei, na versão em grego. Acrescente-se que, em Êxodo, Levítico e Números, as leis que foram colocadas nesses três livros destinavam-se ao povo hebraico que se instalou no deserto durante quarenta anos, portanto, leis que viessem para suprir suas necessidades legais, nas circunstâncias em que eles se encontravam naquele momento. Além desse apelo jurídico, em Deuteronomio estão contidas também as Leis de Moisés: todas elas atribuídas às comunicações de Deus que ele recebeu – inclusive O Sermão da Montanha.

– Vimos, até agora, o que foi possível resumir e relatar sobre as duas religiões que têm mais adeptos no mundo atual: o Cristianismo e o Judaísmo. Embora saibamos que inúmeros foram os assuntos abordados – as religiões na história antiga e o seu desenvolvimento, a compreensão de Deus em épocas diferenciadas e outros –, estamos conscientes de que essas abordagens são ainda insuficientes para um conhecimento mais aprofundado e generalizado que pretendemos atingir. Isso porque, no momento, o tempo impede-nos de estendermo-nos ainda mais sobre o que já foi referido.

O ISLAMISMO: UMA PEQUENA HISTÓRIA

O que é Islamismo ou Islã? O que é Alcorão ou Corão? Quem foi o Profeta Maomé? São essas as três questões que estamos nos propondo a responder, sem a pretensão de exaurirmos todos os assuntos a elas relacionados.

1. Islamismo – Trata-se da religião do povo muçulmano – em árabe



Islão (ou Islã), onde, atualmente, seus seguidores espalham-se por todos os continentes. Além dos informes de que a emergência do Islã foi uma obra de Deus, o Islamismo aparece como a “maior conquista religiosa da história da humanidade” e teria surgido a partir de tribos nômades do século VII, todas fundamentadas e seguidoras do Alcorão e dos ensinamentos de Maomé. A grande maioria deles localiza-se no mundo árabe, principalmente, no Oriente Médio, além dos países que compõem o norte da África. A característica principal dos muçulmanos é o monoteísmo; acreditam em um Deus único, conhecido pelo nome de Alá ou Allah, escrito em língua árabe. Entre o cristianismo e o islamismo, constatamos notórias diferenças descritas a seguir.

- Doutrinas fundamentais do Cristianismo
 - A divindade de Jesus Cristo;
 - A condição divina de filho de Deus dada a Cristo;
 - O pecado original;
 - A redenção (ou remissão);
 - A trindade.
 - A posição do islamismo diante das cinco doutrinas

Não faz parte de sua norma o que, para eles, são os dogmas do cristianismo.

- Acreditam, sim, na unicidade de Deus, e conotam o endeuamento de Jesus – a sua deificação – como um retorno aos apelos do paganismo.
- Segundo o que diz o Alcorão, Cristo não poderia ser definido como uma encarnação de Deus, mas um mensageiro ou profeta dele.
- Enquanto viveu, Jesus era exclusivamente humano, a exemplo de todos os outros mensageiros ou profetas de Deus – Mateus, Marcos, Lucas, São João, Maomé e muitos outros.
- O Islamismo aconselha seus adeptos a não aceitarem os dogmas que o cristianismo dissemina: pecado original – já nascemos com pecado, o qual teremos de remir –; sacrifício vicarial: sacrificar-se para redimir pecados de outrem – por exemplo, Jesus Cristo teria dedicado o seu sofrimento, crucificação e morte para a reflexão de todos



os cristãos sobre a salvação, por meio de misericórdia, compaixão, bondade, verdade e amor. Ulfat A. Assamad, em seu livro *O Islam e o Cristianismo* (p. 49), confirma o repúdio do Islã ao dogma do cristianismo acerca do pecado original, afirmando que, ao nascerem, não têm manchas pecaminosas, acrescentando que: *“o pecado não é herdado, mas algo que cada um adquire por si mesmo ao cometer aquilo que não deveria fazer”*. Nós não temos, no momento, quaisquer argumentos para concordar ou discordar dessas diferenças de cunho religioso. Entretanto, confirmamos que precisamos nos aprofundar e detalhar mais algumas questões e particularidades sobre a temática.

- Com relação à redenção, esse dogma cristão é, também, repudiado pelo Islã. Creem eles que somente através do “Yaum Al, ou Julgamento Final” – é o instante em que cada indivíduo ressuscitará, quando então, por Deus e na Dele, será julgado por todas e ações que praticou em sua permanência no planeta Terra. Acrescente-se, também, a crença na “predestinação”, ou seja, “todas as coisas, cada uma delas, que acontece a qualquer indivíduo, é uma decisão de Deus”. Sem embargo, o islamismo prega o “Livre arbítrio”, admitindo que Deus deu a todos os seguidores do Islã a qualidade da racionalidade, e, com a utilização da faculdade da razão, é possível ser capaz de escolher entre o bem e o mal, como também ações boas e ruins.

2. **O Alcorão** – Tal qual a Bíblia Sagrada para o cristianismo, o Alcorão, ou Corão é tido como o livro sagrado do Islã. Isso porque nele está contido aquilo que o anjo Gabriel deu a conhecer ao profeta Maomé. O Corão foi separado em 114 capítulos ou “suras”, as quais se subdividiram em “ayat”, ou versículos. As suras não têm tamanhos uniformes, ou seja, as de tamanhos menores constam de três versículos e as maiores chegam a ter 286... De todos os capítulos revelados, 92 aconteceram em Meca e 22 em Medina, totalizando 114. Meca está localizada na Arábia Saudita e é a cidade onde Maomé nasceu em 571 d.C., e Medina, em árabe “Al Medinah”, é a segunda maior cidade do Islã e está encravada a



oeste da Arábia Saudita, distante cerca de 485 km ou 300 milhas de Meca.

3. No Alcorão, todos os conteúdos existentes são conotados como ensinamentos, onde se destacam a onipotência de **Alá**, ou de Deus; a importância da prática da bondade; a generosidade e a justiça nas relações sociais. Maomé, em suas pregações, falava aos muçulmanos crédulos sobre a unicidade de Deus – criador amantíssimo e provedor de todo o universo. De acordo com os relatos, a maior motivação e ansiedade de Maomé era orientar o povo do Islã para a busca do caminho da retidão, resumindo essas aspirações na frase: “*Trazer Deus aos homens e os homens até Deus*” conforme escreve *Ulfat Aziz*, página 17, em seu livro *O Islã e o Cristianismo*.

– Achamos necessário incluir no texto desta exposição um assunto muito estudado nas castas judaico-cristãs e na tradição hindu. Trata-se do remotíssimo tema discutido ao longo de milênios, sobre o propósito da criação que medeia duas questões: a) Por que Deus criou o homem?; e b) Será que fomos trazidos ao mundo sem um propósito determinado? Nós, propriamente, e cientistas religiosos, refletimos e discutimos buscando uma resposta. Somos incitados a acreditar que deve ter havido um Ser Supremo que nos criou. E, na verdade, fomos criados para atender a um projeto especial e bem determinado Dele. É por isso que é pertinente inquirir: “Por que eu estou aqui na Terra?” ou “Para qual propósito eu estou neste planeta?” Ou, ainda, “Para que eu existo?”. É necessário esclarecer que, embora tenhamos convicções próprias sobre a temática, buscamos, para fundamentar esta exposição, o artigo do Doutor Bilal Philips². Apoiaremos-nos, a seguir, no relato envolvendo a questão geral que sintetiza as demais perguntas e a respectiva resposta que ele propõe.

Através dos tempos, tem havido uma minoria entre os humanos que nega a existência de Deus. A matéria, em sua opinião, é eterna, e a humanidade é simplesmente produto das combinações acidentais dos seus elementos com um propósito. Consequentemente, para eles, a questão “Por que Deus criou o homem?” continua sem resposta. De

² Disponível em: <www.islamreligiom.com>. Acesso em: 20 jun. 2017.

acordo com eles, simplesmente não existe propósito para a existência. Entretanto, a vasta maioria da humanidade, através dos tempos, acreditou e continua a acreditar na existência de um Ser Supremo que criou esse mundo. Para eles era importante, e continua a ser, saber o propósito para o qual Ele criou os seres humanos.

A pergunta

Qual o propósito da Suprema Energia Cósmica Universal, ou Deus, quando Ele criou os seres humanos?

A resposta

Para responder à pergunta “por que Deus criou o homem?”, primeiro deve ser determinado de qual perspectiva a pergunta está sendo feita. Do ponto de vista de Deus, seria: “o que fez com que criasse os seres humanos?”, enquanto, do ponto de vista humano, seria: “para qual propósito Deus criou os humanos?” Ambos os pontos de vista representam aspectos da intrigante pergunta: “por que eu existo?”, ambos os aspectos da questão serão explorados em uma imagem clara pintada pela revelação divina. Esse não é um tópico para a especulação humana, porque a conjectura humana não pode produzir a verdade completa nesse assunto. Como os seres humanos podem deduzir de forma intelectual a realidade de sua existência quando eles mal compreendem como seus próprios cérebros ou sua entidade mais elevada, a mente, funciona? Consequentemente, os muitos filósofos que especularam sobre essa questão através dos tempos vieram com inúmeras respostas, todas baseadas em suposições que não podem ser provadas.

[...] Embora a maioria das pessoas coloque a questão por que fomos criados, após uma breve reflexão ocasional é extremamente importante para os seres humanos saberem a resposta. Sem conhecimento da resposta correta, os seres humanos tornam-se indistinguíveis dos outros animais ao seu redor. As necessidades e desejos do animal de reproduzir-se, de alimentar-se, beber e procriar, automaticamente, tornam-se o propósito da existência humana, e o esforço humano então se foca nessa esfera limitada. Quando a satisfação material se transforma no objetivo mais importante da vida, a existência humana torna-se ainda mais degradada do que a de mais baixo dos animais. Os seres humanos, consistentemente, farão mau uso da inteligência dada por Deus quando desconhecem o propósito de sua existência. A mente humana degradada usa suas habilidades para criar drogas e bombas, envolver-se



em fornicção, pornografia, homossexualidade, adivinhação, suicídio, etc. Sem conhecimento do propósito da vida, a existência humana perde todo o significado e é conseqüentemente desperdiçada, sendo a recompensa de uma vida eterna de felicidade na outra vida completamente destruída.

Os humanos se voltam a outros seres humanos em busca das respostas. Entretanto, somente nos livros de revelação respostas claras e precisas a essas questões podem ser encontradas. Foi necessário que Deus revelasse o propósito para o homem através de seus profetas, porque os seres humanos são incapazes de chegar às respostas sozinhos. Todos os profetas de Deus ensinaram aos seus seguidores as respostas à pergunta: “Por que Deus criou o homem?”

Da leitura completa do texto da resposta, conforme achamos por bem colocá-lo, causa-nos uma certa confusão, pois à primeira vista parece que existe mais de uma resposta. No entanto, se compusermos as partes que a ela se referem – excluindo as justificativas –, é possível resumi-la num texto único. Enfim, nessa perspectiva, proponho então a seguinte resposta:

Resposta

– Por que eu existo? Será que a revelação divina deixou para nós humanos alguma resposta a essa questão? Se isso for verdade, onde podemos encontrá-la? O Doutor Bilal afirma que: “esse não é um tópico para a especulação humana, porque a conjectura humana não pode produzir a verdade completa nesse assunto”. Isso significa que não podemos especular sobre a temática, e tampouco fazer conjeturas sobre ela. Será? Data vênua, discordamos dessa conclusão, embora aprovemos a afirmação de que “a conjectura humana não pode produzir a verdade completa nesse assunto. Como os seres humanos podem deduzir, de forma intelectual, [...] como seus próprios cérebros ou sua entidade mais elevada, a mente, funciona?”.

Também não há como discordar da seguinte expressão: “Sem conhecimento da resposta correta, os seres humanos se tornam indistinguíveis de outros animais ao seu redor”. Por que isso ocorre? Ora, é simples, porque, com todo o respeito que dispensamos à espécie animal – enaltecendo a importância do seu papel na evolução e na ecologia, em qualquer época –, teríamos nosso propósito de vida restringido às necessidades e aspirações deles, tais como beber, alimentar-se e gerar filhos.



– Essa é, portanto, uma encruzilhada onde todo ser humano buscador da resposta correta depara-se. Na perspectiva de uma solução, na maioria das vezes, sai, atonitadamente, à procura dela; faz inquirições junto a seus pares que julga mais versados sobre o tema, mas não consegue avançar. O fato é que todos aqueles junto aos quais procurou ajuda davam-lhe como resposta: “*a sua dúvida é a mesma que eu tenho*”. Conforme já citado anteriormente, o Doutor Bilal nos afirma que: “[...] *somente nos livros de revelação divina respostas claras e precisas a essas questões podem ser encontradas*”.

Resposta resumida

– A conclusão é de que, como não podemos, sozinhos, produzir a verdade completa sobre o propósito da existência humana, foi necessário que Deus revelasse esse propósito para o homem através de seus profetas. Todos eles ensinaram a seus seguidores as respostas para “por que Deus criou o homem?”, e, para a posteridade, Ele mandou aos seus profetas mensageiros – Jesus Cristo, Maomé e outros – os fundamentos dos “Livros de revelação divina ou Livros Sagrados” adaptados a cada nação ou continente.

– Como já dissemos anteriormente, o artigo sobre o qual estão baseadas nossas últimas conclusões é do Doutor Bilal Philips, publicado em 12/01/1990, no site *Crenças do Islã*, com e-mail já fornecido. Acreditamos que aqueles que seguem o cristianismo ou o judaísmo e adotam a Bíblia como *Livro Sagrado* também, em seus artigos religiosos, sermões, palestras e onde não houver conflito, certamente, opinariam de forma semelhante acerca da temática “*o propósito da existência humana*”. Dessa maneira, se desejarmos saber a resposta correta sobre questões como: “*por que eu existo*” ou “*para qual propósito estou na Terra?*”, o caminho a seguir é a leitura dos *Livros Sagrados: a Bíblia, antigo e novo testamento; o Torá; o Alcorão ou Corão*; e outros de preferência do interessado.

– Desejo, ainda, rapidamente, mesmo sem o aprofundamento necessário, comentar a questão proposta pelo *Semeador*: “*oferecer a todos as espécies de animais uma oportunidade de progredir evolutivamente*”. Sei que, para nós, apenas interessa uma resposta clara e objetiva. Eu não a tenho, infelizmente. Precisarei de mais alguns anos de estudo para fundamentar conclusões menos evasivas. Por enquanto, o que podemos oferecer é o que segue:



1. Todos nós, habitantes do planeta Terra de todas as espécies, fomos submetidos ao processo evolutivo que tem suas leis indiferenciadas. No caso das aves, seus primeiros ancestrais localizam-se na *Era Mesozoica* ou *Secundária*, no *Período Jurássico*, já decorridos 10.960 milhões de anos, a partir da formação e solidificação da crosta terrestre, quando apareceram os animais de transição entre répteis e aves.
2. Após esse período, o processo evolutivo desencadeou-se, e a transição entre répteis e aves certamente passou por transformações idênticas às ocorridas com o homem. Os arqueólogos da atualidade, se a ciência manifestasse interesse – não reunimos informações sobre a existência de catalogação científica da evolução de todas as espécies de aves –, saberiam como identificar as passagens evolutivas, por exemplo, da espécie dos urubus. Temos notícias de que uma árvore genealógica dos dinossauros foi construída baseada em achados fósseis recentemente encontrados.
3. A relação de comunicação entre a espécie humana e a animal, e vice-versa, é uma aspiração antiga do homem. Os criadores de animais de estimação – gatos, gansos, cachorros e outros que demonstram ter maior inteligência aos seus donos – torcem pela invenção de um aparelho mecânico e científico, o que pode acontecer a partir da robótica, que traduza a linguagem da espécie animal considerada. O filme intitulado *Congo*, o qual já citamos para ilustrar esta apresentação, é um exemplo. Aqui em nosso sítio, convivemos com o Semeador, que domina com facilidade, devido a vários anos de estudo e convivência, a comunicação com a espécie humana e com uma variedade de bichos da espécie animal. A um nível mais incipiente podemos citar o Átila, Pitágoras, Galinha Mãe de Todos, Mãe Ganso e Mãe Jegue, além de outros em nível mais elementar de entendimento, por enquanto, não identificados.
4. Procuramos reunir, até agora, os possíveis argumentos que subsidiarão nossa resposta ao Semeador. Assim, podemos reformular a questão proposta e escrevê-la como segue: “Será que a evolução vai nos proporcionar, ou isso já aconteceu, uma oportunidade de progredir evolutivamente?”
 - Mostramos que tal aconteceu e, nesse momento, 10.960 milhões de anos se passaram, a partir da formação e solidi-



- ficção da crosta terrestre. Isso significa que os ancestrais do Semeador são mais antigos que os da espécie humana.
- Isso considerando, a conclusão é óbvia. A espécie animal, com influência e rigor das leis da evolução, foi subdividida em infinitas outras espécies, sendo que cada uma delas tem as suas próprias características, às vezes coincidentes – por exemplo, as penas entre patos/gansos e galinhas, no entanto as galinhas não voam, mas patos/gansos, sim.

As conquistas que porventura vierem a acontecer não podem ter a conotação de humanização de uma espécie animal; isso nada mais é que um despreço e minimização dos valores que a natureza fez chegar à espécie considerada. Ou seja, um gato será sempre um gato, e não haverá tecnologia nenhuma capaz de transmutar uma galinha em um ganso. A ciência biológica tem feito verdadeiros milagres no campo da reprodução humana e animal entre as mesmas espécies, e a clonagem, seja humana ou animal, já é um fato corriqueiro. As tentativas científicas de clonagem entre espécies diferenciadas, se realmente foram efetivadas – nós não conseguimos colher dados científicos comprobatórios desse fato –, não encontramos a fonte de sua divulgação na literatura médica e biológica.

– O que nos agiganta, impelindo-nos à dedicação de esforços para a implantação de nossa associação, a ACBA, tem a finalidade de incorporar os equipamentos científicos que proximamente teremos em nosso laboratório, além de contatar Professores especialistas, no prazo de um mês, na tentativa de dotar os animais interessados de materiais e mestres, indispensáveis para a melhoria de sua aprendizagem.

– O cérebro é o órgão que centraliza todo o sistema nervoso dos animais vertebrados e, também, de muitos invertebrados – moscas e minhocas são invertebrados, mas alguns cientistas defendem que eles têm uma mente, e também um cérebro. Nós, da espécie humana, temos em comum com a espécie animal um cérebro que pesa aproximadamente 1,5 quilograma, e suas células, consideradas as mais importantes, os cem bilhões de neurônios, são responsáveis pelas informações recebidas dos órgãos dos sentidos, do sistema endócrino, que libera substâncias químicas como os hormônios, e de outros órgãos. Todas essas informações são processadas e redistribuídas conforme as necessidades do corpo;



por exemplo, quando ouvimos um pássaro canoro, um pintassilgo ou um canário belga, a deliciar-nos com seu lindo e majestoso canto, o cérebro recebe essa informação, gravando-a e encaminhando-a ao órgão responsável pela audição, o ouvido, que a recebe utilizando o nervo ótico.

– Sobre esse tema, é importante registrarmos o trabalho desenvolvido pelo Doutor Hans J. Eysenck. Esse psicólogo saiu da Alemanha para a Inglaterra em 1934 para evitar o regime ditatorial hitlerista. Como psicólogo, trabalhou em algumas universidades – a Universidade de Londres é uma delas –, além de ser autor de 77 livros, tendo também escrito e/ou participado de cerca de 1.050 colaborações científicas. Vejamos um excerto das participações do Doutor J. Eysenck (*Robert L. Solso, Ciências da Mente e do Cérebro no Século XXI, p. 183*):

[...] Frequentemente, psicólogos e neurocientistas estudam o que faz o cérebro, fazem sugestões a respeito da atomização dos processos que estudam e esquecem que o assunto estudado pode ser epifenomenal.

Essa distinção é importante? E se os cérebros foram construídos para fazer X e agora servem a funções Y? É sobre essas funções Y que os cientistas modernos estão interessados. Se os cérebros cumprem essas funções incidentalmente com relação àquilo para o que foram construídos, que assim seja. Infelizmente, os cientistas modernos desejam estudar apenas esses mecanismos incidentais. Se a perspectiva evolucionária é simplesmente posta de lado, os dados colhidos, tanto pelos psicólogos como pelos neurocientistas, provavelmente serão grosseiramente mal interpretados. A implantação de longo alcance da visão evolucionária é que os modelos montados para explicar os vários processos psicológicos e comportamentais estão examinando o “ruído” do afiado e altamente eficiente sistema neural, devotado à tomada de decisões sobre a sobrevivência. Muitos modelos psicológicos, por exemplo, presumem que a informação é obtida, organizada e processada em algo vagamente remanescente a um computador (isto é, um tipo de organismo associativo), que tais engenhos são universais no cérebro e que, com as corretas contingências ambientais, processos perceptuais e cognitivos podem ser explicados.

[...] Geralmente acredita-se que nossos cérebros foram modelados



para adaptar-se ao ambiente da Idade da Pedra. As adaptações que surgiram no cérebro humano estavam capacitadas para as modificações ambientais ocorridas naquela época. Assim, o metabolismo de nosso corpo foi gerado pela seleção natural para lidar com os tipos de alimentos daquela época; nossa capacidade para contratos sociais foi similarmente construída no contexto de interações uma a uma. Mesmo nossa capacidade de regular continuadas sensações de prazer-dor surgiu em nosso cérebro há um tempo, quando havia um suprimento limitado de bens ambientais que podia detonar tais respostas.

Não se preocupem se encontrarem dificuldades no entendimento de algumas partes da linguagem utilizada pelo psicólogo neurocientista Doutor Eysenck. O procedimento da maioria deles é assim mesmo; à primeira vista, podemos pensar que eles são confusos, no entanto, devemos acostumar-nos que essa é a linguagem da ciência, e, assim, entender que são forçados a amoldarem-se a ela. Num resumo que pretendo preparar para fornecer-lhes – compromisso que assumimos para o próximo fim de semana –, tudo será esclarecido de modo objetivo. Desejamos, para finalizar o tema, apenas acrescentar uma contribuição de Leda Cosmides e John Tooby sobre a neurociência cognitiva, o cérebro. Vejamos o excerto:

O cérebro não realiza nenhum serviço mecanicamente, metabólico ou químico para o organismo; sua função é meramente informativa, computacional e reguladora por natureza. Porque a função do cérebro é informativa por natureza, sua precisa organização funcional pode ser descrita com exatidão somente em uma linguagem que seja capaz de expressar suas funções informativas – isto é, em termos cognitivos mais do que em termos anatômicos, celulares ou químicos. (Robert L. Solso et al., Ciências da Mente e do Cérebro no século XXI, p. 194).

– Podemos então tomar os principais fundamentos apresentados pelo psicólogo Doutor Eysenck e os neurocientistas Leda Cosmides e John Tooby sobre a neurociência cognitiva, o cérebro. Será que, realmente, mesmo após um passado de permanente evolução, nossos cérebros foram modelados para adaptar-se ao ambiente da Idade da Pedra – e ainda hoje encontram-se nessa situação? Se tal for um fato, não há como discordar



de que: as adaptações que surgiram no cérebro humano estavam capacitadas para as modificações ambientais ocorridas naquela época. Assim, o nosso metabolismo está adaptado para o consumo, em forma e em tipos de alimentos disponíveis àquela época. De modo similar, os contratos sociais que hoje realizamos não são mutuamente excludentes, envolvem trocas e interesses que atendem, conforme regras estabelecidas, a dois ou mais indivíduos.

– Uma inferência que advém da expressão de Leda Cosmides e John Tooby: “nossos cérebros foram modelados para adaptar-se ao ambiente da Idade da Pedra”, é que, embora tenhamos um cérebro mais volumoso – pesando em torno de 1,5 quilograma – que abriga em sua massa aproximadamente cem bilhões de neurônios, nosso tipo de alimento preferido está adequado ao que nossos ancestrais comiam na Idade da Pedra, e também os contratos sociais que hoje realizamos são consentâneos aos praticados àquela época.

– Essa conclusão, mesmo com todo o suporte científico, nos confunde e intriga em face das sequelas que acarreta. Quais poderiam ser? Somos carnívoros, nossos dentes são aptos para triturar e rasgar carne – a evolução não os extinguiu, ao contrário, os aprimorou –, e o volume do que comemos é grande, pelo menos nas seis vezes que nos alimentamos durante o dia. No tratamento social que dividimos com terceiros e nossos familiares, efetivados no cotidiano de nossa vida, o imperativo é a disputa pelo poder, a competição sem pudores morais, onde a violência campeia sem compaixão, apenas justificando-a na busca pelo poder ou “do ser vitorioso”. Tais atitudes são as mesmas? Rivalizam-se com aquelas praticadas por nossos antecessores primitivos? Será que, apesar de sua primitividade, a ascensão ao poder legalizava-se por meio dos métodos que atualmente são empregados por nós, da espécie *Homo sapiens sapiens*?

– Os neurocientistas Leda Cosmides e John Tooby reiteram, pensamos nós, as funções do cérebro propostas pelo Doutor Eysenck, ao explicitarem que “[...] o cérebro não realiza nenhum serviço mecanicamente, metabólico ou químico para o organismo”, e completam: “[...] sua função é meramente informativa, computacional e reguladora por natureza”. Isso significa que, como os demais órgãos do corpo humano, que têm objetivos específicos para os quais foram criados, a função do cérebro é meramente informativa, computacional e reguladora por natureza. Assim, o cérebro recebe e acumula informações dos órgãos dos sentidos



do corpo e as “informa” aos outros a quem devem ser destinados. Por exemplo, se nos deliciamos à beira da praia com a visão do pôr do sol, o cheiro das algas e do próprio entardecer, o sentido da visão, através do nervo ótico, e o olfato, por meio do nervo olfativo, são acionados, e, imediatamente, de forma instintiva, suas respectivas redes neurais são acessadas e retornam ao cérebro o significado de suas constatações.

– É, portanto, desse modo, que o cérebro traduz o que lhe foi mandado em informações e as decodifica, transformando-as, na medida certa, em momentos de alegria e felicidade. Por natureza, o cérebro também é computacional e regulador; a contagem é uma prerrogativa inata do cérebro humano; nas crianças, infere-se que, concomitantemente, ocorre a alfabetização e o domínio da contagem. Esse órgão tem o poder de regulação junto ao crescimento e desenvolvimento de crianças e adolescentes, no ciclo menstrual das mulheres, na fertilidade, no peso, na memória e no controle emocional, utilizando-se para tal o sistema endócrino, principalmente com a interferência das glândulas hipófise e tireoide.

– É possível que nossa exposição, por sua cientificidade e alongamento, não tenha agradado a todos os presentes, muito provavelmente aos nossos assistentes. Perdoem-me, mas eu não poderia tergiversar, isso não é do meu feitio. Assim, enfatizamos que, não a título de consolo ou de fomentar esperanças vãs, as espécies animal e a humana – o *homo sapiens* – possuem um cérebro. Então, como esse órgão humano foi criado para as funções necessárias da Idade da Pedra, evidentemente, os cérebros da espécie animal estão adaptados às mesmas atribuições impostas pela evolução aos seus ancestrais daquela época. Vocês concordam?

Um silêncio quase sepulcral tomou conta de todos; alguns segundos passaram-se, quando ocorreu um circunlóquio entre os assistentes. Então, o Semeador pediu a palavra, e, olhando fixamente na direção dos meus olhos, expressou-se como segue:

– Foi muito importante, em sua exposição, a colocação de uma síntese dos trabalhos envolvendo o cérebro. A afirmação de que “os neurocientistas Leda Cosmides e John Tooby reiteram, pensamos nós, as funções do cérebro propostas pelo Doutor Eysenck” foi deveras pertinente. A nós também confunde e intriga o fato de que os nossos cérebros nos impelem a atitudes idênticas às de nossos ancestrais da Idade da Pedra. Contudo, é preciso acrescentar que nós vivemos, na atualidade, num contexto completamente diferenciado daquela época. e, mesmo que a



espécie animal tenha o seu comportamento amparado nos rigores da evolução, nós acreditamos que, hoje, somos menos violentos e mais condescendentes que os nossos antepassados daquela remota época. E a situação da espécie humana na atualidade? Bem, os indivíduos da espécie animal relacionam-se sexualmente com seus parceiros visando à reprodução, mesmo que o ato em si ocorra envolto de prazer dividido entre os dois. Os animais, carnívoros ou predadores, executam suas presas apenas para alimentar-se em conjunto com a sua prole. Não podemos atribuir qualquer violência aos procedimentos e meios empregados – geralmente bicos/dentes, garras/patas e asas – para matar os bichos que fazem parte de sua cadeia alimentar. Queiramos ou não, é possível que os modos adotados se assemelhem aos desenvolvidos por nossos ancestrais da Idade da Pedra. Assim, por exemplo, para as espécies de gaviões, carcarás e águias, a violência usada no abate de seus alvos foi aprendida ao longo do tempo; portanto, ou eles procedem como estão acostumados ou morrem famintos. Encerraremos agora porque estamos nos aproximando das dezesseis horas, quando deveremos finalizar a reunião desta tarde. Porém, gostaria de obter uma resposta para a questão: qual a relação existente entre a Idade da Pedra, o comportamento humano e animal na atualidade e o cérebro humano?

– Como você mesmo chamou nossa atenção, Semeador – disse o Professor Luis – é chegada a hora de encerrarmos esta reunião, o que faço neste instante. No entanto, amanhã, se me permitirem, logo no início dos trabalhos do domingo abordaremos, em primeiro lugar, a questão que nosso brilhante Semeador acaba de colocar. Estaremos retornando logo após o pôr do sol, e vocês, estimados assistentes, poderão atualizar os animais que se interessarem das novidades que julgarem conveniente repassá-las.

Ao descer e procurar por seus pais, o Professor Luis foi informado de que eles haviam saído há poucos minutos, acompanhados por De Jesus. O Doutor Etevaldo e o Professor João Paulo prepararam-se rapidamente para o passeio, e, juntos, os três rumaram para a praia. Andando a passos largos, logo chegaram à beirada do mar. O advogado, munido de seu moderníssimo celular com diversas inovações tecnológicas, principalmente aquelas que se referem à arte de fotografar, não parava de usá-lo. Caminhando um pouco mais devagar, eles avistaram os três que vieram na frente. Observava-se, mesmo à distância, que a conversa



estava animada; todos gesticulavam e tudo indicava que a alegria era incomensurável, pois todos riam bastante. De repente, algo chamou a atenção do Professor Luis.

– Vocês estão vendo o que vejo, logo ali, naquela pequena duna? Num primeiro momento imaginei tratar-se do Semeador, entretanto, ele estava compromissado com alguns bichos, inclusive com nossos assistentes, de relatar-lhes as novidades de nossa reunião. Não, não é ele mesmo. O que vocês acham?

O Professor João Paulo logo se aligeirou em dar a sua opinião, assumindo o papel de já conhecer a postura do Semeador há algum tempo.

– Você está coberto de razão, meu amigo Luis. Aquele urubu-rei que ali está, se observarmos atentamente, parece-se com o que conhecemos, mas realmente não é o Semeador – continuaram andando, mudando um pouco a sua rota na direção da estranha ave.

– Vamos aproximar-nos um pouco mais da duna, eu tenho uma suspeita de quem se trata. O Semeador, por mais de uma vez e num passado não muito distante, fez comentários elogiosos sobre um determinado urubu-rei da comunidade onde vivia antes de mudar-se para estas redondezas, o qual era muito mais inteligente do que ele, experimentado, compreensivo, além de bondoso e misericordioso com quem convivia.

O urubu-rei alienígena permanecia inexplicavelmente imóvel; nenhum movimento era notado, dando a impressão de que fora congelado. Entretanto, podia-se constatar, a partir da distância em que os observadores estavam, uma expressão de mansidão e olhar embevecido, como se estivesse desfrutando da beleza do mar e do entardecer. O Doutor Etevaldo esbaldou-se no uso do seu celular, fotografando, de várias posições, o possível companheiro do Semeador.

– Só pode ser ele – exclamou o Professor Luis.

– Mas, ou ele está dormindo de olhos abertos, ou, o que é mais provável, meditando – ponderou.

– Tudo indica que está mesmo meditando. E, por favor, não tentem me convencer de que isso é impossível; vejamos o que diz a tese do Doutor John Searle – eu a decorei – em seu livro *Mente, cérebro e ciência* (p. 23):



Os fenômenos mentais, quer conscientes ou inconscientes, visuais ou auditivos, dores, cócegas, comichões, pensamentos, na realidade, toda a nossa vida mental, são causados por processos que têm lugar no cérebro.

– Lembrem-se de que, assim como nós, da espécie humana, os animais também têm um cérebro. A meditação é aprendida, e nós, *homo sapiens*, nem geneticamente ou instintivamente nascemos com essa qualidade ou dom; nós a aprendemos. E nenhum de nós, diante das experiências que o cotidiano da vida por que já passamos, poderá, fundamentado em fatos científicos, afirmar que um urubu-rei não é capaz de aprender a meditar. Podemos? Mas este não é o local e nem o momento para tratarmos dessa temática. Vamos deixar essa discussão acadêmica para a nossa reunião de amanhã. Prossigamos com nossa caminhada, pois o entardecer se encaminha.

Ao descerem do pé da pequena duna, viram seus pais e De Jesus parados, conversando e olhando num giro de trezentos e sessenta graus, certamente tentando localizá-los. O Professor Luis e seus companheiros acenaram para eles abanando as mãos, gesto que, simbolicamente, poderia significar: “já os vimos” ou “estamos indo para onde vocês estão”.

– Luis, o que aconteceu? – Falou o Doutor Pedro Otávio; dona Amélia e De Jesus completaram.

– Vocês devem considerar que a demora dos três em juntar-se a nós fez-nos julgar que alguém havia passado mal, e então decidiu retornar para casa. Nós também chegamos a pensar em voltar.

– Vocês nem imaginam! Vamos caminhar até aquela revoada de urubus para que o nosso “Doutor em Fotografia” registre a cena que ali está ocorrendo. Durante o trajeto, eu lhes contarei o que estávamos presenciando e apreciando.

O Professor Luis relatou-lhes tudo; desde a aproximação deles até a duna onde o urubu-rei se encontrava, até o estado de inércia desse, inteiramente petrificado como se estivesse congelado. Disse-lhes também que, durante todo o tempo em que lá estiveram, o urubu-rei manteve-se com o olhar fixo e sem pestanejar. Nessa posição, parecia inebriado com



a beleza do mar e do entardecer, onde o Sol já anunciava o seu ocaso.

– Meus queridos pais e De Jesus, eu tenho uma opinião que talvez vocês não irão concordar! Eu acho que aquele urubu-rei estava meditando. Eu lhes digo isso porque eu já pratiquei Ioga e conheço as suas técnicas que nos levam à reflexão meditativa.

– Cruz credo – falou atonitamente De Jesus, fazendo o sinal da cruz – Isso é possível, Professor Luis? Três vezes cruz credo – repetiu, benzedendo-se três ou mais vezes.

O Professor Luis deixou que os três discutissem, quase todos falando ao mesmo tempo, numa algaravia de fazer rir, até aproximarem-se de onde estavam os urubus. Observaram que formavam dois agrupamentos, o que, sem dúvida, indicava a existência de duas fontes de alimento. O Professor Luis saiu de sua mudez, e os demais deixaram as discussões de lado para apenas observar o cenário que a natureza lhes oferecia. Tratava-se de um verdadeiro banquete, onde as iguarias eram disputadas por cada conjunto de urubus. No entanto, a disputa que não se caracterizava pela violência; aquele que conseguia tirar um naco dos bichos que ali jaziam não era perseguido por nenhum outro, na tentativa de tomar o de seu concorrente. Era bonito de se ver! Uns, talvez já satisfeitos, distanciavam-se um pouco dos dois grupos, passando então a meros expectantes. Outros voavam à meia altura, buscando um melhor lugar para se colocar no grupo onde estavam, ou trocavam de lado para provar do outro petisco. O Professor Luis quebrou o silêncio em que todos estavam.

– Doutor Etevaldo, é melhor aproximarmos-nos um pouco mais dos dois conjuntos, para que assim você tenha um ângulo maior e melhor para fotografar. Eu vou arriscar um palpite: ali devem estar os restos mortais de uma tartaruga média ou grande, e também de uma arraia ou parte dela, muito provavelmente das grandes.

Foi o que fizeram, fazendo com que uma parte dos convivas se afastasse. O palpite do Professor Luis confirmou-se; lá estava uma tartaruga grande – que pode ter morrido de velhice, fígada pelo anzol de algum pescador de peixe grande, ou enroscada numa rede, onde o pescador a matou para



não perder o seu material de pesca. No outro grupo, o repasto era uma arraia de tamanho grande, mas com uma das abas cortadas, certamente para servir de isca ou para a alimentação dos que estavam no barco.

A admiração contagiava todos os “caminhantes”. O Doutor Pedro Otávio confessou a sua satisfação com tudo o que presenciara até aquele instante.

– Vocês nem imaginam, meus amigos, o quanto eu estou possuído por um sentimento de autopiedade. Há cerca de vinte anos que moramos no sítio, vivendo um cotidiano burocrático, e a televisão, talvez para alguns de nós, se constitui como a única fonte de lazer. E toda a beleza que presenciamos no dia de hoje foi desprezada e trocada por outro tipo de vida nada saudável. O nosso consolo é o de que ainda estamos vivos, e razoavelmente com boas condições orgânicas e mentais. Mas, pelo menos eu, sinto-me tocado pelos milagres dessa natureza que, alto e bom som, nos admoesta: “Vivam uma nova vida! Façam desta praia e de todos os acessórios que a complementam sua principal fonte de engrandecimento espiritual e entretenimento”.

– Meus parabéns, Doutor Pedro Otávio. A sua conclusão é contagiante. Comungo com seus pensamentos de “viver uma nova vida”. Eu acrescentaria somente que a meditação que pudermos exercitar nas pequenas dunas desta praia, sem dúvidas, nos inspirará na busca de soluções de problemas de ordem profissional, e também daqueles que interferem e afetam o nosso cotidiano.

– Vocês estão inspiradíssimos; depreende-se que já foram contaminados pelas benesses deste esplendoroso entardecer, acrescentado pelo cheirosíssimo aroma que exala da maré enchente. Como pudemos observar, aqui existe um manancial de riquezas naturais – distribuído na fauna e na flora – a ser explorado sem prejuízos ecológicos, os quais se renovam a cada dia. Mas apressemos o passo, porque o Sol já iniciou o seu ocaso, e seria interessante ainda contatarmos com o Semeador e contar-lhe do nosso avistamento de outro indivíduo de sua espécie.

Quando chegaram perto de um desvio que diminuiria o percurso de volta ao sítio, o Professor Luis pediu um momento de cerca de um a dois minutos para, segundo ele, despedir-se do astro rei. Avisou a todos que ia falar em voz alta, e aqueles que desejassem poderiam segui-lo, repetindo as suas palavras, ou então apenas mentalmente, ou ainda fazer



as habituais invocações do seu credo. Assim manifestou-se:

– Que a suprema essência da energia cósmica infunda-se no ser de cada um dos presentes, purificando-nos das nossas impurezas da mente e do corpo. Porque somente desse modo poderemos comungar convosco com muita pureza e muita dignidade. Que todos nós que estamos externando este “adeus” do Sol, supremo controlador do nosso sistema solar, sejamos energizados pelas forças e energias que dele são emanadas. Até amanhã, fiel e abençoado protetor!

– Que eu sempre esteja em paz e harmonia com o meu próprio ser, com o ser dos outros seres e com o Ser dos seres. Assim seja. *(Texto cujos fundamentos, trechos e expressões são consentâneas ao que ensina a organização filosófica Rosacruz).*

Após o “Assim seja” dito pelo Professor Luis, todos permaneceram imóveis; talvez à espera de alguma nova instrução ou extasiados pelo teor da prece proferida. A lua, na fase de quarto minguante, mas ainda mantendo-se quase cheia, apontava no horizonte. Dona Amélia, com um terço à mão, e De Jesus, acompanhando a sua patroa, esmerava-se fazendo o “sinal da cruz” e encerrando as suas orações.

– Podemos retornar? Nossa missão já foi cumprida, e, portanto, podemos tomar o desvio e apressar o passo.

Em poucos minutos chegaram em casa. O portão estava fechado, parecendo indicar que o Semeador ainda não havia saído para a praia. É bem provável que estivesse esperando os caminhantes, após um demorado diálogo com os bichos, os quais sempre estavam dispostos a aproveitar qualquer oportunidade para ouvi-lo. O Professor Luis recolheu de um bolso do calção um pequeno molho de chaves, escolhendo aquela que abriria o portão.

Ao entrarem, foi fácil localizar, nas imediações da moradia de Mãe de Todos, o Semeador trocando ideias com três ou quatro animais. O Professor Luis foi até onde estava o grupo, sem antes recomendar à De Jesus que preparasse a comida e, incluísse, o urubu-rei como participante da refeição.

– Boa tarde ou boa noite, meus amigos. Demoramos um pouco porque estávamos nos despedindo do astro rei sol, e aplaudindo a aparição da



belíssima Lua em quarto minguante, mas apesar de ter minguado por dois dias, ainda, presenteia-nos com um esplendoroso brilho. Desejo conversar com você, Semeador. Trata-se de uma novidade proveniente de algo que vimos na praia. Eu vou aguardar-lhe na varanda, no meu lugar de costume; enquanto isso, tomarei um rápido banho.

Em cerca de cinco minutos, o Professor Luis banhou-se e foi, imediatamente, para o local combinado. O grupo já o estava aguardando à espera do seu chamado.

– Meus bons companheiros, eu vou pedir emprestado o Semeador de vocês, e, por favor, deixem-nos a sós e vão para casa cuidar da família e de seus afazeres; necessito dialogar com ele sobre um assunto privativo, pelo menos por enquanto.

– Bem, meu dileto assistente, você por mais de uma vez falou-me sobre visitas periódicas que vem recebendo de um companheiro instrutor e incentivador, oriundo de uma comunidade de especialistas onde outrora era seu local de residência, e ali apreendia os ensinamentos que eles desenvolveram ao longo de décadas e, talvez, séculos. Era do seu conhecimento que essa visita se repetiria por esses dias?

– Na verdade, neste fim de semana, não. Eventualmente, quando faz parte de seus planos uma viagem para estas redondezas, ele me envia um mensageiro – sempre existe algum urubu nômade ou itinerante que faz esse trabalho prazerosamente. No entanto, não recebi nenhuma comunicação prévia de qualquer visita. Mas o que ocorreu, de fato, para inquietar os seus pensamentos?

O Professor Luis relatou-lhe, então, com todas as minudências e particularidades, tudo o que ocorreu, desde as suas aproximações ao pé da duna até a inércia ou o aparente estado de catalepsia em que se encontrava o urubu-rei alienígena. Para encerrar, o Professor Luis perguntou: “qual é a sua opinião sobre tudo o que lhe contei?”.

– Foi muito conveniente o senhor dizer aos que estavam comigo que precisava de privacidade para entabular esta nossa troca de ideias.

– Primeiro, necessitamos conjeturar sobre a possibilidade de a ave que vocês viram ser outro de minha espécie e de passagem por esta região praiana. Entretanto, atentando para os fatos presenciados, estou seriamente



inclinado a acreditar que se trata do meu companheiro que mensalmente me visita. Tudo o que você presenciou na pequena duna é próprio do comportamento dele. Além disso, é do seu feitio entrar em êxtase meditativo, e faz parte do seu repertório paranormal também sair transcendentalmente do corpo e sua energia cósmica vagar no espaço, ou em outras paragens terrestres. Observa-se que essa capacidade ubíqua não é corpórea ou material, mas sim energética. Eu mesmo testemunhei, uma única vez, um “passeio transcendental” do meu Mestre instrutor. Nós estávamos em uma reunião de estudos, abordando duas temáticas: a meditação e os estados de transcendência. Num dado momento, ele olhou diretamente em um dos meus olhos e comunicou-me sobre as instruções que eu deveria cumprir.

– Eu vou dar-lhe um exemplo. Feche os olhos por uns dez segundos. Não se mexa, nem toque em mim – disse ele, abrindo suas grandes asas.

– Passado esse tempo, procure localizar-me no ar. Eu segui suas instruções à risca. Quando descerrei os olhos, primeiro olhei para cima, depois nas imediações de onde ele estava, e não o localizei. Voltei a minha visão para o ser com quem discuti segundos atrás; ele estava lá, inerte, e conforme o seu relato, Professor Luis, como se estivesse congelado, as duas grandes e potentes asas abertas e o olhar fixo e imóvel, na direção do mar.

– Voltei a olhar para o firmamento, agora percorrendo um ângulo de aproximadamente 360 graus, e, dessa forma, avistei-o voando numa altura média. Quase totalmente atoleimado, assustado, eu olhava, ininterruptamente, para o alto e para a figura que ao meu lado se encontrava. Todas as vezes que eu executava esses movimentos, perplexo, constatava que as duas visões eram perfeitamente identificadas.

– Num dado instante, ao olhar para cima, observei que ele tinha desaparecido. Por uns cinco a dez segundos, volvi meu olhar circularmente, mas tudo em vão; ele não se encontrava mais nas alturas. Então lembrei-me da figura que estava em terra, e que comigo compartilhava o espaço da duna onde estávamos. Não posso negar que me assustei bastante. O meu companheiro instrutor havia retornado de sua viagem transcendental e reincorporado. Com o seu costumeiro aspecto bondoso e alegre, sem as características que assumiu antes de “subir”, olhou fixamente, novamente, para mim e fez a seguinte indagação:

– Você conseguiu me ver no “andar de cima”? Quando a sua evolução se desenvolver mais um pouco, eu pretendo ensinar-lhe as técnicas que utilizei, com a apreensão da energia necessária para realizar uma pseu-



doubiquidade. Ele não mais retornou ao assunto, ou porque eu ainda não reúno os pré-requisitos suficientes para iniciar o treinamento – que ainda não sei o tempo de duração – ou as suas obrigações têm-no deixado tão ocupado a ponto de impedi-lo da assunção de compromissos mais complexos e que demandem assiduidade especial do treinador e do treinando.

Naquele instante, a cozinheira De Jesus avizinhou-se da porta fazendo um sinal para o Professor Luis, significando que havia posto algo para comer destinado ao Semeador, retirando-se em seguida.

– Bem, meu companheiro assistente, eu estou bastante satisfeito com o seu relato. Muito obrigado pela revelação, porém peço-lhe que, até este fim de semana, mantenha essa nossa conversa sob sigilo; eu farei o mesmo. A De Jesus veio avisar-me que existe um improvisado repasto à sua disposição no interior do canil: vá lá antes de voltar para o abrigo e encontrar-se com a sua visita! Eu vou refletir, à noite, sobre esses últimos fatos e amanhã manteremos outro contato.

O Professor Luis ficou a matutar sobre os assuntos que, no domingo, iriam completar a sua participação na reunião daquele fim de semana. No encontro de sábado, foram deixadas algumas questões sem uma resposta mais adequada. Umas mais importantes que outras, portanto, de relevância prioritária. Entretanto, um conjunto de pensamentos o atormentava; principalmente, acerca do rumo que deveria imprimir sobre o urubu-rei alienígena. Deveria convidá-lo para um “bate-papo” no sítio, juntamente com o Semeador? Os seus pensamentos deixavam-no com aspecto de um indivíduo alienado. Decidiu entrar e cumprir, durante o resto da noite, a sua rotina diária.

No domingo, logo no café da manhã, todos pareciam preocupados e inquietos, apesar do ambiente alegre e descontraído. O Doutor Pedro Otávio foi o primeiro a expressar o tema que o motivava e que parecia estender-se aos demais.

– Luis, eu não sei qual será o pensamento de vocês se de fato confirmar-se o inusitado visto na praia ontem à tarde. Eu tenho comigo algumas ideias que, depois da reunião da manhã de hoje, antes ou depois do almoço, pretendo discutir com vocês três.



– O senhor tem razão, papai. Eu me preocupei bastante ontem à noite, tanto que tive dificuldade em conciliar o sono, fato que, no meu caso, é incomum. Mas como nosso tempo é restrito, devido ao início da reunião desta manhã, após o horário do almoço teremos tempo de conversarmos, resumidamente, e concluirmos sobre alguma ação a ser transmitida ao Semeador.

O café da manhã transcorreu sem mais outras preocupações, seguindo assim os hábitos rotineiros da família e seus convidados. Às sete horas e cinquenta minutos, subiram para o início da reunião de domingo.

OS FENÔMENOS MENTAIS: AS TESES DO DOUTOR JOHN SEARLE

– Vejo que todos já estão a postos e prontos para o início dos trabalhos desta manhã. Ontem, quando caminhávamos nas areias da praia, eu fiz menção a uma das teses defendidas pelo neurocientista **Doutor John Searle** em seu livro *Mente, Cérebro e Ciência* (p. 23), que vou repeti-la para conhecimento dos nossos assistentes.

Os fenômenos mentais, todos os fenômenos mentais, quer conscientes ou inconscientes, visuais ou auditivos, dores, cócegas, comichões, pensamentos, na realidade, toda a nossa vida mental, são causados por processos que têm lugar no cérebro. (Searle, John. pag 23)

O Doutor John Searle, para fundamentar essa tese, utiliza-se de diversos argumentos sobre os quais pretendemos discorrer. Um deles é sobre a relação entre nós e o “resto do universo”. Será que o Ser Divino e Supremo, criador da espécie humana e animal, proporcionou a todos um discernimento nos capacita a compreender essa relação? Vejamos, no excerto, alguns dos argumentos do Doutor Searle (p. 17):

[...] temos uma série de imagens de nós mesmos, enquanto seres humanos, que é muito difícil de harmonizar com a nossa total concepção ‘científica’ do mundo físico. Pensamo-nos como agentes ‘conscientes, livres, atentos, racionais’ num mundo que a ciência nos diz consistir inteiramente em partículas físicas sem mente e sem significado. Ora, como podemos nós harmonizar essas duas concepções? Como, por



exemplo, pode ser possível que o mundo contenha apenas partículas físicas inconscientes e, no entanto, contenha também consciência? Como pode o Universo mecânico conter seres humanos intencionalistas, isto é, seres humanos que podem representar o Mundo para si mesmos conter significados? Como, em suma, pode um mundo essencialmente sem significado, conter significados?

Desde Descartes, o problema da Mente-Corpo foi abordado da seguinte forma: como podemos nós as relações entre duas espécies de coisas na aparência totalmente diferentes? Por um lado, há coisas mentais como os nossos pensamentos e sentimentos; consideramo-los como subjetivos, conscientes e imateriais. Por outro, há coisas físicas, pensamos que elas têm massa, como extensas no espaço e como interagindo causalmente com outras coisas físicas [...]

[...] Há quatro características dos fenômenos mentais que os impossibilitaram de se inserirem na nossa concepção 'científica' do Mundo enquanto feito de coisas materiais. E são essas quatro que tornaram realmente difícil o problema da Mente-Corpo: são tão embaraçados que levaram muitos pensadores, na Filosofia. Na Psicologia e na Inteligência artificial, dizer coisas estranhas e implausíveis acerca da Mente. A mais importante destas características é a consciência. E, no momento em que estou escrevendo isto, e vocês, no momento que a lerem, somos ambos conscientes. É um fato evidente que o Mundo contém tais estados e eventos mentais conscientes, mas é difícil ver como é que meros sistemas físicos podem ter consciência. Como pode tal coisa ocorrer? Como é que, por exemplo, essa indígena cinzento e branco, dentro do meu crânio ser consciente?

Penso que a existência da consciência deveria ser espantosa para nós. É bastante fácil imaginar o Universo sem ela, mas se o fizermos, veremos que imaginamos um Universo verdadeiramente sem sentido. A consciência é o fato central da existência especificamente humana, porque sem ela todos os outros aspectos especificamente humanos da nossa existência – linguagem, amor, humor e assim por diante – seriam impossíveis. A propósito, penso que é algo escandaloso que as discussões contemporâneas na Filosofia e na Psicologia tenham tão pouca coisa de interessante a dizer-nos acerca da consciência. (Searle, John. pag 17)



A explicitação do Doutor Searle para justificar a sua tese é acompanhada de questões que pretendemos, agora, tentar compreendê-las para, em seguida, dar uma resposta que se aproxime do propósito do autor ao formulá-las. Anotei as seis abaixo relacionadas como as mais importantes:

1. Como podemos harmonizar as duas concepções seguintes? “Pensamo-nos como agentes conscientes, livres, atentos e racionais” e “vivemos num mundo que consiste inteiramente de partículas físicas sem mente e sem significado”?
2. Como também, por exemplo, pode ser possível que o mundo contenha apenas partículas físicas inconscientes e, no entanto, contenha também consciência?

Dividiremos, agora, nossos comentários em partes, na pretensão de esclarecer os argumentos do Doutor Searle nas duas questões anteriores. Como pré-requisitos, e, com esse objetivo, nos apoiaremos nos estudos do psicólogo e biólogo Doutor Richard E. Thompson, em sua participação no livro *Ciências da Mente e do Cérebro no Século XXI* (p. 70), organizado pelo Doutor Robert L. Solso, expressando a sua opinião acerca da mente e da consciência. Vejamos o excerto:

[...] A mente, é claro, inclui não apenas a consciência, mas todo o vasto repertório de conhecimento, experiência, sentimentos e habilidades armazenados na memória de longo prazo e do qual não nos lembramos a um dado momento, mas que, de uma forma ou de outra, podem ser ‘convocados’ e ‘expressos’. Essas são, basicamente, as definições dadas em textos introdutórios de psicologia.

Para nós, envolvidos na neurociência comportamental, essas definições são bastante aceitáveis, elas fazem referência a comportamentos que podem ser medidos.

[...] Se “consciência” detém alguma realidade ou significado, parece improvável que esteja limitada aos seres humanos. A evolução se processa em pequenos passos para modificar as características físicas dos animais. Daí, não pode ter surgido de repente nos seres humanos. Ela deve ter evoluído gradualmente de ligeiros inícios em animais mais simples, presumivelmente por terem algumas vantagens de adaptação. Há alguns anos foi enviado um questionário a certo número de



neurocientistas, pedindo-lhes que classificassem animais de acordo com seus graus de consciência. Como se esperava, os primatas e os mamíferos marítimos situavam-se acima de carnívoros, roedores, e assim por diante. Sérias dúvidas foram expressas com relação à consciência de moscas e minhocas (THOMPSON, 1993). Isso, no entanto, é apenas opinião. Lembremo-nos de que consciência não pode ser medida diretamente. (THOMPSON, Richard E. pag.70)

– É útil refletirmos sobre o significado de alguns termos para prosseguimento de nossos comentários. Será que sabemos, sem nenhuma dúvida, o significado das palavras consciência, pensamento, e memória de curto e longo prazo?

– A palavra *consciência* origina-se do latim *conscientia*, e significa “estar ciente”. Alguns a definem separada em duas partes: consciência fenomenal, significando a experiência propriamente dita, e consciência de acesso, significando o processamento das coisas que vivenciamos durante a experiência. Reunindo as duas partes, dizemos que, para ser e estar conscientes no mundo, é necessário acionar nossa intuição, dedução e indução³.

– Assim, quando estamos conscientes, experimentamos e percebemos as coisas que se passam conosco; e isso inclui o ato de pensar e a transcendência espiritual, que nada mais são do que atividades mentais. Como então uma coisa imaterial, a mente, pode realizar todo esse processo de abstração? Sem dúvida nenhuma, pragmaticamente, utilizamos o que nossa experiência, ao longo dos anos, fez-nos apreender: a técnica indutiva, dedutiva e intuitiva, além das multivariadas relações entre elas.

– Em consequência, podemos inferir que o pensamento não é uma atividade do cérebro, e sim da mente. Desse modo, concluiremos que se a consciência não é limitada aos seres humanos estendendo-se aos animais, o pensamento também não é uma prerrogativa dos homens. Ou seja, a espécie animal domina igualmente o ato de pensar. É pertinente, portanto, a inquirição: as moscas e as minhocas pensam?

– O terceiro tema que nos propomos analisar é sobre a memória. Qual a definição de memória? O psicólogo e Professor de Neurologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e também do

3 Trecho disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/Consci%C3%Aancia>>.



Instituto de Neurociência Translacional, CNPq, Iván Izquierdo, em seu livro *Memória* (p. 11), afirma que:

Memória significa aquisição, formação, conservação e evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizado ou aprendizagem: só se grava aquilo que foi aprendido. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só lembramos aquilo que gravamos, aquilo que foi aprendido. (Izquierdo, Ivan. Pag. 11)

Uma definição mais sucinta dada por ele explicita que: “[...] *memória significa aquisição, conservação e evocação de informações*”. Citando Norberto Bobbio – que não consta em sua lista de referências –, Izquierdo corrobora a informação de que “*somos aquilo que recordamos*”.

– Desde cerca de dez a quinze anos que estudamos fatos do cotidiano relacionados com a nossa finalidade de vida, volta e meia temos defrontado-nos com a questão: qual a finalidade da nossa vida? Ou, equivalentemente, por que nós estamos aqui? A resposta que se mostrou para nós como a mais correta, sucinta e objetiva seria a seguinte: *todos nós, da espécie humana e animal, estamos neste planeta Terra para aprender*.

– Inspiro-me nas afirmações anteriores do Doutor I. Izquierdo para concluir que, embora concorde que é bem possível que a resposta elaborada para solucionar a questão “por que estou aqui?” não seja uma só, se a aceitarmos, compreenderemos muitos problemas do cotidiano que nos assustam a ponto de ficarmos perplexos e curiosos diante de uma incredulidade sem paralelo. Elaboremos uma sequência lógica das expressões e definições que foram apreendidas:

1. Memória significa aquisição, formação, conservação e evocação de informações.
2. Só se “grava” aquilo que foi “aprendido”.
3. Aquisição é também chamada de aprendizado ou aprendizagem.
4. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação.
5. Só “lembramos” aquilo que “gravamos”, aquilo que foi “aprendido”.
6. Somos aquilo que recordamos.

– Então, considerando a sequência lógica dos itens de 1 a 6, infere-se obviamente que: para recordar, é preciso gravar e depois lembrar; para



lembrar, é preciso ter aprendido; então, como somos aquilo que recordamos, podemos concluir que estamos neste planeta Terra, humanos e animais, para aprender.

– Embora tenhamos as respostas que buscávamos sobre a memória, a definição de que dispomos sobre a questão da aquisição de informações – a memória – é geral. Eis a questão: o que é memória de curto e longo prazo? Vejamos mais uma vez o que diz, sobre o assunto, o Doutor I. Izquierdo em seu livro já citado (p. 66):

Um dos pais da Psicologia moderna, o inglês de origem estadunidense William James, propôs que deveria haver um sistema secundário de memória que mantivesse a capacidade de recordação do animal operativa enquanto a formação da memória primária, ou principal, não estivesse ainda completa. No século XX, a memória secundária proposta por James foi denominada memória de curta duração, e a memória principal ou primária, memória de longa duração. (MCGAUGH, J.I., 2000. Pag. 66).

Admitida a necessidade da existência de um sistema de memória de curta duração (até seis horas) enquanto a memória definitiva ou de longa duração não está realmente acabada (seis horas ou mais depois de adquirida), surge a seguinte pergunta-chave que mobilizou muitos neurocientistas e psicólogos durante mais de um século: a memória de curta duração é uma “fase” da memória de longa duração ou um fenômeno fisiológico paralelo e diferente?

Para responder a essa questão, o Doutor William James, em seu livro, de 1890, intitulado *Princípios de Psicologia*, propõe a realização de dois experimentos (IZQUIERDO, p. 67):

1. Um experimento que demonstre que é possível suprimir a memória de curta duração sem ocasionar perda da memória de longa duração para um determinado aprendizado num mesmo sujeito.
2. Outro que demonstre que isso é simplesmente impossível.

– Vamos tentar compreender o que poderá ocorrer com a realização do experimento 1. Suponhamos que nossa formação acadêmica seja de terceiro grau – nível universitário – em Matemática; e que também este-



jamos fazendo a cadeira Noções de Geometria Diferencial, preparatória para o curso de Mestrado. Os conhecimentos matemáticos adquiridos durante o 3º grau, na licenciatura e no bacharelado, fazem parte de nossa memória de longa duração. Ela nos dará os pré-requisitos para que possamos nos candidatar aos novos conhecimentos que me submeterei no Mestrado. E as informações que estou buscando ao estudar Noções de Geometria Diferencial, por enquanto, revestem-se do caráter de memória de curta duração.

– Essa exemplificação remete-nos a uma reflexão sobre os dois tipos de memória que nos fazem pensar sobre as seguintes questões:

1. A memória de longa duração será sempre realimentada pela memória de curta duração?
2. Existe algum caso onde, paralelamente, poderão existir memória de curta duração e memória de longa duração? No exemplo que tomamos é fácil afirmarmos que não porque, no Mestrado, ao cursarmos a cadeira de Geometria Diferencial anteriormente, a memória de curta duração incorporar-se-á aos nossos conhecimentos matemáticos – sobre os quais tenho inteiro domínio –, a memória de longa duração.

– Para fortalecer ainda mais o que acabamos de dizer – item 2, acima –, o Doutor Izquierdo comenta as afirmações do Doutor William James da seguinte maneira: “[...] se (a) fosse verdadeira, a **memória de curta duração seria um processo independente da memória de longa duração, ambas seriam paralelas durante certo tempo, até a consolidação da segunda**” (IZQUIERDO,1998).

– Essas afirmações adicionais certificam-nos de que é positiva a resposta para a questão “1” que formulamos; e também que, em nosso exemplo, a memória de longa duração é representada por todos os conhecimentos matemáticos adquiridos antes do mestrado, sobre os quais, à época, tínhamos domínio e que foram adquiridos durante o 3º grau – na licenciatura e no bacharelado.

- Doutor I. Izquierdo expõe alguns motivos para justificar a realização de outro experimento que demonstre ser simplesmente impossível a questão 1. Para tanto, ele



trata de questões como amnésia total, temporária e/ou parcial, assuntos sobre os quais não nos deteremos porque não fazem parte dos nossos objetivos. No entanto, registraremos apenas a sua definição para um outro tipo de memória. Vejamos como ele se expressa: “[...] usamos a memória de trabalho quando perguntamos para alguém o número do telefone do dentista; conservamos esse número o tempo suficiente para discá-lo, e, uma vez feita a comunicação correspondente, o esquecemos” (IZQUIERDO, 2011). Além de chamar a memória de trabalho de memória imediata, o Doutor Izquierdo complementa: “[...] os primatas não humanos têm uma capacidade de memória de trabalho tão boa quanto os humanos. Em todas as espécies, o córtex pré-frontal atua em ‘conluio’ com o córtex entorrinal [...]”. Vejamos o excerto que esclarece tais informações:

A memória de trabalho não é acompanhada por alterações bioquímicas importantes. Seu breve e fugaz processamento parece depender fundamentalmente da atividade elétrica dos neurônios do córtex pré-frontal. Mas, como vimos, essa atividade elétrica neuronal, ao viajar pelos axônios e atingir sua extremidade, libera neurotransmissores sobre proteínas receptoras dos neurônios seguintes, comunicando, assim, traduções bioquímicas da informação processada. O córtex pré-frontal recebe axônios procedentes de regiões cerebrais vinculadas com a regulação dos estados de ânimo, dos níveis de consciência e das emoções.

– Para que entendamos melhor a atividade elétrica dos neurônios, por meio do seu respectivo axônio – cada neurônio possui um único axônio –, do córtex pré-frontal, do cérebro, e atingir sua extremidade, fizemos os fluxogramas (figuras 1 e 2) que mostram a liberação de neurotransmissores para a regulação dos estados de ânimo.

Vejamos a seguir:

Figura 1

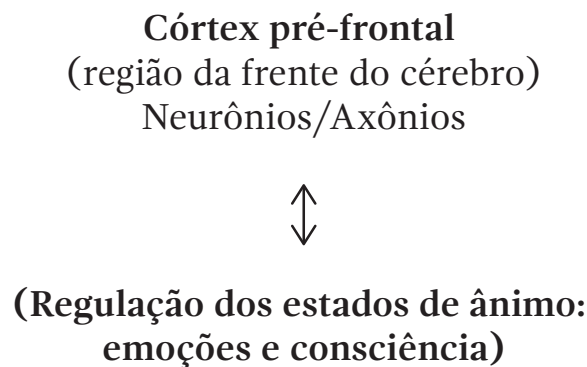
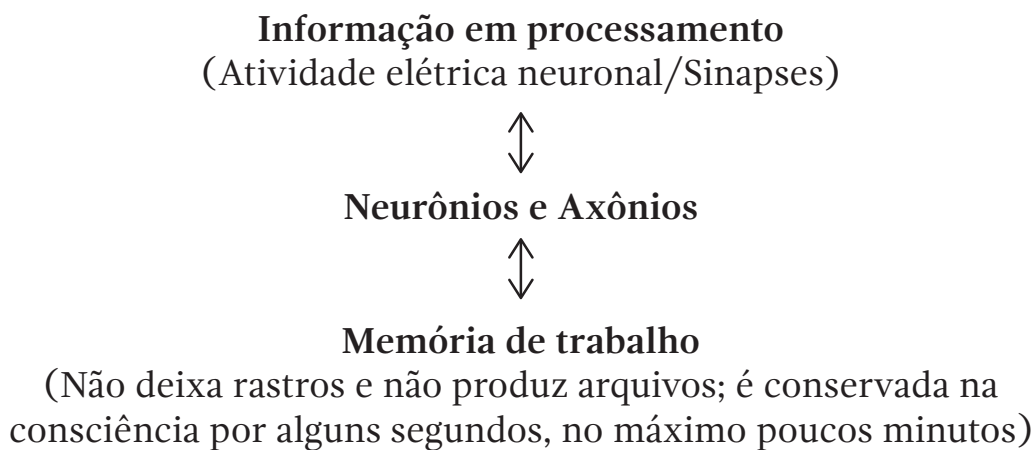


Figura 2



Observação: A memória de trabalho “[...] serve para manter durante alguns segundos, no máximo poucos minutos, a informação que está sendo processada no momento, e também para saber onde estamos ou o que estamos fazendo a cada momento, e o que fizemos ou onde estávamos no momento anterior” (IZQUIERDO, 2011, p. 25).

– Estamos devendo ao *Semeador* resposta à seguinte questão: “qual a relação existente entre a Idade da Pedra, o comportamento humano e animal na atualidade, e o cérebro humano?”. Recordemo-nos que o cérebro não pensa – o ato de pensar é uma prerrogativa da mente –, mas a continuidade da consciência deriva da correspondência que o cérebro estabelece de momento a momento com eventos no espaço e no tempo. Isto significa que o cérebro promove a consciência; no entanto não podemos responsabilizá-lo por criá-la; a mente o faz.



– O Doutor J. Searle em seu livro *O Mistério da Consciência* (1998, p. 31), logo no início formula a seguinte questão: “[...] *como exatamente os processos biológicos do cérebro causam a consciência?*”. Os processos expressados por nosso Doutor referem-se à variedade de estímulos que nos afeta quando, por exemplo, provamos um vinho, olhamos para o céu [...] *disparam sequências de processos neurobiológicas que, ao final, causam estados internos subjetivos [...]*”. Assim, quando provamos ou ingerimos alguma bebida ocorre a eclosão de uma sequência de *processos neurobiológicos* originários do sentido do paladar, que, se aprendidos, são gravados em nossa memória de longa duração, e, em nível mental, transformados em consciência, ou seja, estados mentais subjetivos.

Fato idêntico acontece quando vemos e acompanhamos o ocaso do Sol, onde o sentido da visão é acionado, ou se nos deleitamos com o cantar de um xexéu, quando pomos em ação os sentidos da audição e visão. O Doutor Eysenck, no livro *Ciências da Mente e do Cérebro no Século XXI* (p. 183), complementa da seguinte forma: “[...] *geralmente acredita-se que nossos cérebros foram modelados para adaptar-se ao ambiente da Idade da Pedra. As adaptações que surgiram no cérebro humano estavam capacitadas para as modificações ambientais ocorridas naquela época*”.

Parece que já discutimos sobre a questão de que nossos cérebros foram adaptados para fazer X e, atualmente, exige-se que façam Y. Ou seja, eles estão capacitados para as mudanças evolutivas daquele período primitivo, as quais são, evidentemente, muito diferentes do que hoje se lhes exigem. Desse modo, a questão se resume em adaptarmos as funções dos nossos cérebros às reclamações do mundo moderno atual.

O Doutor J. Searle, em seu livro *O Mistério da Consciência* (1998, p. 31), logo no início, formula a seguinte questão: “*como exatamente os processos biológicos do cérebro causam a consciência?*”. Os processos expressados por nosso Doutor referem-se à variedade de estímulos que nos afeta quando, por exemplo, provamos um vinho, olhamos para o céu “[...] *disparam sequências de processos neurobiológicos que, ao final, causam estados internos subjetivos [...]*”. Assim, quando provamos ou ingerimos alguma bebida, ocorre a eclosão de uma sequência de *processos neurobiológicos* originários do sentido do paladar, que, se aprendidos, são gravados em nossa memória de longa duração, e, em nível mental, transformados em consciência, ou seja – estados mentais subjetivos.



Desejamos, ainda, elucidar questões neste expediente de trabalho, mas talvez o tempo disponível somente nos permitirá discutir uma delas; depois veremos outras, que supomos não tenham sido plenamente compreendidas.

1. A harmonização entre as concepções como nós nos pensamos: “agentes conscientes, livres, e racionais”, e a concepção científica de que “vivemos num mundo que consiste de partículas físicas sem mente e sem consciência”.

– A dificuldade de harmonização ocorre porque as duas concepções se mostram antagônicas. Se o Mundo – extensível aos universos e galáxias – consiste de partículas físicas sem mente e sem consciência, como poderiam existir seres conscientes, livres e racionais? Devemos lembrar-nos de que a consciência é um atributo do psiquismo, ou seja, está afeta à psiquê humana – psiquê é uma palavra grega originária de *psykhé*, utilizada com o significado de alma ou espírito. Mas, assim como a consciência, a psiquê humana deverá então ser classificada como uma qualidade própria da mente; da alma humana. Ambas, portanto, consciência e psiquismo humano –, são qualidades mentais. Não são formadas de partículas físicas, mas existem transcendentemente. Além disso, a mente tem essência e isto significa que, por exemplo, quando pensamos em inglês numa “flor” ou na “vida amorosa”, falamos “*flower*” e “*Love life*”, que, na verdade, não são apenas palavras constituídas de símbolos; sabemos o seu significado e a sua semântica. Infere-se, portanto, que essa essência não consiste somente de “partículas físicas sem mente e sem consciência”.

De acordo com o que sumariamos nas reflexões anteriores, alma e/ou espírito humano, psiquê ou psiquismo humano são atribuições próprias da mente humana.

René Descartes (1596-1650) foi um dos filósofos da Idade Média. Ele formulou uma Teoria do Conhecimento, fundamentada no que chamou de *Argumento do Cogito*; escrito em latim: “*Cogito, ergo sum*”, e traduzido como “Penso, logo existo”.

O filósofo brasileiro Doutor João de Fernandes Teixeira, em seu livro *Mente, Cérebro e cognição*, trata das questões sobre a descontinuidade entre mente e corpo ou entre o físico e o mental. Vejamos o excerto a seguir:



“Descartes estabelece essa cadeia de raciocínio dedutivo a partir do Cogito. Embora nunca tenha dito o que é pensar e muito menos o que é existir, Descartes toma como certeza primeira, basilar, a proposição “Penso, logo existo”. Isto porque podemos duvidar de qualquer coisa, até mesmo se o mundo existe, ou se $2 + 2 = 4$, mas não podemos duvidar que duvidamos, ou seja, não podemos duvidar que pensamos. [...] Penso, logo existo é uma proposição única e peculiar na medida em que não é possível negá-la. [...] Individualidade e não-espacialidade são propriedades do mental que o tornam radicalmente assimétrico em relação ao físico. Se isto não for verdade, quando amputo uma perna eu deveria estar, ao mesmo tempo, amputando uma parte da minha alma. Descartes nunca imaginou nem presenciou o que aconteceria à nossa atividade mental se amputássemos parte do cérebro. No século XVII não havia nada parecido com a neurociência de que dispomos hoje. (TEIXEIRA, xxxx, p. 29-30)

De acordo com o Doutor João Teixeira, Descartes formulou uma dupla de argumentos para fundamentar a ideia de que corpo e espírito “são radicalmente distintos” – a teoria do *Cogito* –, fundamentando-se nos seguintes raciocínios dedutivos:

Argumento 1 – *A mente deve ser diferente do corpo na medida em que essa é mais fácil de ser conhecida.*

Argumento 2 – *Substâncias materiais são divisíveis; o mesmo não se aplica ao mental.*

Faremos a seguir dois fluxogramas na tentativa de explicitar de modo sucinto os dois argumentos.

1º ARGUMENTO	
Mente	Corpo
Mais fácil de ser conhecida que o corpo	Difícil de ser conhecido
Espírito/Mente	Matéria/Corpo
Grande diferença entre espírito/ Mente e corpo	Divisíveis e extensíveis no espaço



2º ARGUMENTO	
Físico (O físico e o mental os (corpos) são assimétricos)	Mental
Os corpos são assimétrico	Não são coisas extensas
Indivisível e não espacial.	Divisíveis e extensíveis no espaço

– Bem, é o que podemos expor – não sei se com precisão –, como resposta à questão proposta pelo Semeador. Entretanto, ousaríamos acrescentar que o mundo está em transformação; conceitos como o da criação de família, vida homo e heterossexual, relações culturais e econômicas evoluíram e ainda evoluem para algo inimaginável. As propostas religiosas de amor e paz deixadas por mensageiros profetas estão em xeque. Desde a Idade da Pedra, nunca se viu tanta violência; todos os dias, o mundo parece dizer-nos que está em guerra ou se preparando para uma. O que fazer? É pertinente inquirir: será possível – como já dissemos anteriormente – adaptar as funções de nossos cérebros aos reclamos do mundo moderno atual? A nossa opinião é de que a única saída é aprendermos amar, viver em paz e envolver-nos com sentimentos misericordiosos, íntegros e de retidão. Para finalizar, e sem querer ser repetitivo, desejamos lembrar-lhes de que um universo sem consciência é um universo sem sentido. Se a consciência não fizer parte do universo, o amor, o humor, a alegria, o pensamento reflexivo, por exemplo, não podem ocorrer. Agora é chegada a hora de reidratarmos-nos, mas em quinze minutos voltaremos, e todos terão a oportunidade de expressarem-se sobre os prováveis questionamentos acerca dos assuntos tratados na parte inicial desta manhã.

O Professor Luis estava propenso a convidar o companheiro do Semeador a visitá-lo na segunda-feira. Para tanto, antes de descer para a reidratação, resolveu informar seu assistente sobre a necessidade de conversarem no prazo de dez minutos; isso foi feito e combinado conforme havia pensado. À mesa, o Doutor Pedro Otávio já os esperava e dirigiu-se, curioso, ao seu filho.

– Como é, Luis? – falou com o Semeador acerca do seu companheiro visitante – É ele mesmo?



– Calma, papai! O senhor está muito apressado. Eu vou encontrar-me com ele daqui a dez minutos, e, durante esse tempo, eu desejo que vocês opinem sobre umas ideias que eu amadureci. A questão é a seguinte: nós precisaremos, aqui no sítio, além do Semeador, de um indivíduo que exerça a função de mestre neste momento inicial de aprendizagem dos nossos animais; será que ele poderia assumir essa responsabilidade? Eu estava pensando em trazer de Fortaleza um instrutor – especialista em linguagem animal – para trabalhar conosco por algum tempo com esse objetivo. No entanto, antevejo algumas dificuldades nesse sentido: primeiro, é difícil encontrar um profissional que preencha tais qualificações e que esteja disponível para se ausentar de seus afazeres cotidianos, e, em segundo, o custo financeiro – salário, deslocamento e hospedagem – dessa contratação. O que vocês acham?

– Luis – falou o apressado Doutor Pedro Otávio – eu concordo com o que você está pretendendo. A primeira opção é a mais viável e acho que, após a sua conversa daqui a pouco com o Semeador, você deve formalizar o convite ao companheiro dele para que nos faça uma visita na segunda-feira próxima. Por enquanto, nossa posição deve ser de expectativa, pois nada sabemos sobre o que dirá o nosso assistente, e tampouco o seu mestre nos estudos.

– Concordo, plenamente, com o Professor Luis e o Doutor Pedro Otávio. Entretanto, sugiro que, na parte da tarde, poderíamos iniciar a caminhada às 15h30, retornando às 16h30, e durante esse período, como fizemos ontem, sábado, amiudarmos as nossas ideias sobre essa temática. Qual a sua opinião, João Paulo?

O Professor fez o conhecido gesto com o dedo polegar direito voltado para cima, indicando que concordava com a proposta. O Professor Luis foi então ao encontro do Semeador.

– Olá, meu ilustre assistente! Conversou com o seu visitante? Antes que você me responda, deixe que eu lhe repasse as reflexões que foram alvo de meus pensamentos de ontem para cá; são duas: a primeira se refere a um convite que peço transmitir a ele, sobre a possibilidade de que venha ao sítio na segunda-feira pela manhã, por volta das oito horas, para trocarmos ideias. A segunda, nós a fazemos diretamente a você: será que ele se sentiria interessado ou sensibilizado em trabalhar conosco



na aprendizagem dos animais quando as obras terminarem – daqui a aproximadamente um mês, conforme previsão do Doutor Noriega, o engenheiro –, por, pelo menos, os trinta dias iniciais de atividade de nossa Associação? O que você tem a me dizer sobre essas questões?

– Eu vou ser objetivo, dado que só temos menos de cinco minutos. Eu conversei com ele e contei-lhe, rapidamente, sobre as perspectivas futura da ACBA. Notei o seu interesse pelo caráter científico quando do funcionamento da nossa associação. Diante disso, acredito que aceitará o convite para visitar o sítio. Com relação à segunda questão, somente ele poderá responder, porque eu, distante do seu convívio, não sei se, à época aprazada, ele estará disponível para a assunção dos compromissos que advirão do trabalho com os bichos que iniciarão as primeiras turmas. Por esses motivos, concluo que a solução é fazer a proposta diretamente a ele e aguardar a sua resposta.

– Somente me resta, então, agradecer-lhe pela resposta encorajadora, e, se a resposta for positiva, agradeça-lhe por mim antecipadamente. Agora podemos subir e cumprir o restante do nosso trabalho nesta manhã.

Todos estavam aguardando o encerramento do diálogo para subirem. O Professor Luis voltou à mesa onde estava seu pai, e os visitantes e o Semeador buscaram os outros assistentes para, juntos, completarem o tempo de trabalho da manhã.

– Neste instante, a minha função é de ouvinte, e, assim, me preservarei; se algum assunto for questionado, vocês mesmos devem resolvê-lo. Será uma discussão que, em si mesma, somente terá sentido se todos estiverem envolvidos.

O Professor João Paulo pediu a palavra para iniciar a troca de ideias.

– Eu tinha em mente discutir algumas questões sobre Matemática e Robótica, mas são assuntos que podem esperar um pouco mais. Prefiro, no entanto, tratar de dois assuntos que considero, agora, mais importantes. O primeiro deles refere-se a um estudo literário poético, ou se vocês me permitirem, um ensaio poético que ousei fazer na tentativa de responder, ou de propiciar um caminho àqueles que imaginam, em face dos incontáveis e insolúveis problemas do seu cotidiano, que, ao invés de viverem, carregam uma cruz. Vejam:



*A minha cruz e a vida que eu vivo
Eu tenho uma cruz para carregar a minha vida?
Ou, existe uma cruz que carrega a minha vida?
Isso é um mito? Um sonho?
Ou, apenas um devaneio diante das dificuldades da vida?
Se não for, qual o melhor caminho a escolher para
que, a vida que eu vivo, não se tornar uma cruz?
Isso equivale viver em paz?
Será possível, viver em paz, com amor e
verdade, sem cruz para carregar?
E, se a resposta for o caminho correto
é o da verdade e do amor?
O que farei se a minha verdade for
estar de acordo com o real?
Terei, então, infinitas verdades ou uma só?
O que será da vida que eu vivo se ela não for
nem uma história nem uma cruz mas uma
estória, um conto de fadas, uma ficção?
O que farei para escolher um caminho
para viver a vida que vivo?
Será que, previamente, antes de nascer,
eu mesmo escolhi a vida que vivo?
O que fazer para com amor e verdade viver a vida que vivo?
Se o amor interpessoal é conquistável.
Se o amor de Deus combina carinho, bondade e
compaixão, que nos é dado por aprendizagem.
Então como aprender a amar?
O caminho da verdade é conquistável; estar
de acordo com o possível realizável?
Qual a diferença? O nosso amor pode
assemelhar-se ao amor de Deus?
Isso sim parece um mito, uma ficção! O amor que
podemos oferecer é aprendido; não é inato.
Na vida que eu vivo, será que preciso, para
vivê-la, aprender a verdade do amor?
Na vida que eu vivo, onde posso buscar
respostas para tantas dúvidas?*



O Professor João Paulo pareceu ter comovido a todos. Os que presenciaram o seu eloquente e entusiasmado declamar, passados alguns segundos, aclamaram-no e parabenizaram-no. Ele então retomou a palavra, acrescentando:

– Bem, alguns de vocês devem estar intrigados com o “perguntório” que o ensaio contém, sem nenhuma resposta, notando-se apenas algumas insinuações. Entretanto, a ideia é essa mesma: pensar e refletir sobre a nossa existência, principalmente, sobre a aprendizagem do amor e da verdade.

– A outra questão, em que o seu caráter antropossociológico é o que nos interessa no momento, diz respeito ao sexo como fator de reprodução. O Luis, em mais de uma oportunidade, fez referência ao livro “*Ciências da Mente e do Cérebro no Século XXI*”, organizado pelo Doutor Robert L. Solso. O cientista, PhD em Psicologia, pelo Instituto de Psicologia da Califórnia, em 1964, Doutor Michael S. Gazzaniga, é um dos colaboradores do Doutor Robert Solso com o artigo intitulado “*Para que servem os cérebros?*”. Sobre ele, também afirmam que “[...] o Doutor Gazzaniga, como qualquer outro pesquisador, tem ajudado a coordenar a pesquisa da neurologia e da psicologia, iluminando o caminho da neurociência cognitiva no século XXI” (SOLSO, 2004, p. 10). Vejamos o excerto do artigo citado:

Sexo. Eu diria que as catedrais que nós construímos, os livros que lemos e escrevemos, a ciência que nós criamos, os carros que dirigimos, as coisas que nós compramos e vendemos, as incorporações, as políticas e as guerras que nós travamos – em resumo, tudo o que constitui a intrincada rede da vida que construímos em torno de nós mesmos com nossos cérebros surpreendentemente desenvolvidos – servem a uma única finalidade: sexo. (SOLSO, 2004, p. 10)

Os neurocientistas Leda Cosmides e John Tooby, referidos (p. 194), afirmam que “[...] o cérebro não realiza nenhum serviço mecânico significativo, metabólico ou químico para o organismo, sua função é meramente informativa”. (SOLSO, 2004, p. 194). O Doutor Gazzaniga (p. 194-195) complementa: “[...] o cérebro deve resolver novos desafios de uma forma altamente complexa [...] Se com alterações devidas à mutação ou ao acaso, que ocorrem como resultado de simples variações na dinâmica do crescimento, acentua-se a probabilidade de sucesso reprodutivo, então há uma maior probabilidade de que a mutação será herdada pelas futuras gerações”.



O Doutor John Searle, na página 44 de seu livro “*O Mistério da Consciência*”, além de afirmar que o cérebro é um órgão do nosso corpo como os demais – diferenciando-se deles apenas por suas propriedades –, complementa, classificando-o como uma máquina orgânica. A relação que estabelece entre o cérebro e a consciência é a de que “[...] a consciência é causada pelas ligações sinápticas dos processos neuronais”, sendo, portanto, uma propriedade da atividade dos cerca de 100 bilhões de neurônios contidos no cérebro. Assim, a consciência é uma propriedade que emerge a partir do cérebro, mais precisamente de seus neurônios. No entanto, afirma o Doutor Searle, “[...] uma propriedade emergente de um sistema é aquela que é causalmente explicada pelo comportamento dos elementos do sistema, mas não é uma propriedade de quaisquer elementos individuais”. Acrescentaríamos apenas que “[...] o todo nem sempre é igual à soma das partes”. Vejamos os fluxogramas a seguir:

Fluxograma 1

Sinapses → **100 Bilhões de neuronios** → **Conciência**

Fluxograma 2

Moléculas de Hidrogênio combina-se
(na forma gasosa)



Oxigênio



H²O

Molécula de água formada por
2 moléculas de hidrogênio
e 1 de Oxigênio

Portanto, a justificativa da forma líquida da água traduz-se pelo comportamento de uma molécula de H₂O – duas moléculas de hidrogênio (H₂) e uma de oxigênio (O) –, e não pelas moléculas individuais dos elementos químicos componentes, que são gases. Assim, repetimos:



“[...] uma propriedade emergente de um sistema é aquela que é causalmente explicada pelo comportamento dos elementos do sistema, mas não é uma propriedade de quaisquer elementos individuais”. Ou seja, a propriedade que se desprende do sistema água é a sua liquidez, e os elementos que causam esse sistema são gases. A conclusão é de que gases ou líquidos podem formar outros gases e/ou outros líquidos; a propriedade que vai emergir depende do comportamento dos elementos do sistema.

Eu não me atreveria a contestar as afirmações do Doutor Gazzaniga, no entanto nada nos impede de propor as seguintes indagações: a) O porquê de sua afirmação; e b) Será mesmo que “[...] as catedrais que nós construímos, os livros que lemos e escrevemos, a ciência que nós criamos, os carros que dirigimos [...] servem a uma única finalidade: sexo”? Devemos ressaltar que, se considerarmos a maioria dos indivíduos humanos, a vida diária permite fazer essa afirmação. Imaginam eles que as nossas genitálias servem apenas para a prática do ato sexual em si mesmo; não relacionam sexo com reprodução, principalmente, com a reprodução responsável. A função sexual das espécies humana e animal, em um contexto genérico, sem sombra de dúvidas é muito importante. Dois fatores, ao longo da história do desenvolvimento das espécies, fazem-nos refletir: a mutação e o acaso. A primeira está imbricada à evolução, entretanto, os autores da evolução ao acaso não são cientificamente conhecidos, abstraindo-se, evidentemente, nesse caso, a intervenção de *Deus*.

– Note-se que, de acordo com o Doutor Gazzaniga, o crescimento de nascituros evolui por circunstâncias impactadas pela mutação ou pelo acaso. Desse modo, implicitamente, “[...] acentua-se a probabilidade de sucesso reprodutivo, então há uma maior probabilidade de que a mutação será herdada pelas futuras gerações”. Ou seja, durante o crescimento, observa-se uma adaptação às modificações inerentes ao ambiente que se renova ou se transforma com o passar do tempo, com grandes probabilidades de que as futuras gerações sejam herdeiras do dinamismo das mutações. Portanto, a prática do ato sexual não permanecerá infensa e inerte às mudanças dos costumes sociais, e aquelas outras de caráter biológico parecem-nos indiscutíveis por sua conclusiva evidência.

– A título de ilustração, e no sentido de que todos reflitam sobre o assunto, vejamos um excerto do *blog Diversidade – Gazeta Web*:



Infelizmente, em pleno século XXI, o tabu cultural faz com que as pessoas ainda deixem de viver suas experiências sexuais. Todos os homens têm prazer em ser penetrados no ânus, isso é devido à proximidade da próstata e as inúmeras terminações nervosas que têm lá dentro. Ser homem (hetero) e admitir que gosta de ser penetrado não lhe faz ser menos homem! Há muitos heteros que se permitem ser penetrados por suas namoradas e esposas, através da utilização de consolo, vibradores e outros objetos; muitos até utilizam a prática do toque e a introdução dos dedos: ‘o popular fio-terra’. [...] A psicóloga Elisa Del Rosário Ugarte Verduquez afirma que, “[...] em um relacionamento com diálogo, há tranquilidade para conversar sobre penetração anal do homem. Porém, é preciso atenção para que o que seria um elemento a mais na vida sexual do casal não se torne a regra.

É um complemento. Quando a pessoa só quer essa prática, aí sim vira motivo de preocupação e o casal precisa conversar a respeito⁴.

É necessário ressaltar, que isso fique bem claro, a nossa posição de neutralidade sobre o tema; não defendemos ou condenamos essa ou aquela forma de relacionamento sexual. Qualquer opção nesse sentido carecerá ser democraticamente respeitada, sem preconceitos. Lembrem-se de que já discutimos, em um de nossos encontros, a história de Emilly, “inventada” pelo matemático Doutor Keith Devlin em seu livro “*O Gene da Matemática*”, capítulo 5, página 133. A adolescente, antes de terminar o curso de graduação em Matemática, recebeu de seus Professores um convite para participar do curso de mestrado. Vamos resumir, direcionando-nos ao ponto que nos interessa. Aconteceu o sumiço de Emilly sem deixar nenhum aviso para seus pais ou amigos. Após o seu retorno alguns anos depois, ela revelou que, no belíssimo lugar onde passou todo o tempo de ausência, os seus amigos do “outro mundo” – um casal de vida conjugal normal e que se amava muito – casaram-se novamente com um rapaz mais novo que os dois. Esse tipo de união a três era um fato costumeiro naquela localidade, e regulamentado em lei. Vejam que a “invenção” produzida pela mente prodigiosa de um matemático, o

⁴ Disponível em: <<http://blogsda gazetaweb.com.br/diversidade/?p=3954>>. Acesso em: 20 jun. 2017.



Doutor Keith Devlin, tem o seu caráter premonitório. Atualmente, nestes nossos tempos modernos, diversos tipos de “ajuntamentos amorosos” completamente diferentes do casamento tradicional são testemunhados. Por implicação, o mesmo raciocínio é possível adotar, ao imaginarmos as formas de relacionamentos sexuais que o dinamismo das mutações poderá encaminhar-nos.

– E sobre o comportamento sexual da espécie animal, o que podemos acrescentar além do que pseudamente conhecemos? Os primeiros sinais de vida ocorreram no planeta Terra, após a solidificação da crosta terrestre e a criação dos mares, há cerca de 4 milhões de anos, na *Era Proterozoica, Período Azoico*. Alguns bilhões de anos depois do *Big Bang* – cerca de três e meio bilhões de anos –, diversos tipos de organismos foram criados e as primeiras formas de vida emergiram; o ambiente marinho foi o berço da vida da remota Antiguidade.

– A ciência zoológica na atualidade sugere a seguinte classificação da natureza: *Reinos < Filos (Tipos) < Classes < Ordens < Famílias < Gêneros < Espécies*, e essas categorias são taxonomicamente subdivididas em:

Reino – É a maior delas porque se constitui ou engloba tudo o que existe na natureza, ou seja, o reino animal (*Animalia*), vegetal (*Vegetalia – Plan- tea*), de fungos (*Fungi*), protista (*Protoctista*) e das bactérias (*Monera*)⁵.

Apenas a título de exemplo faremos isso para a espécie humana. Vejamos então:

- Reino – Animal (*Animalia*);
- Classe – Mammalia;
- Ordem – Primatas;
- Família – Hominídeo (*Hominidae*);
- Gênero – Homo;
- Espécie – Homo sapiens.

– A dificuldade encontrada pelos zoólogos especialistas decorre da inestimável quantidade de indivíduos nas 8,7 milhões de espécies, número sujeito a novas atualizações – somente de seres vivos e excluídas as bactérias, além de diversos microorganismos existentes no planeta.

5 Disponível em: <<http://reinosdanatureza.com/reinos.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2017.



– Convém atentarmos para alguns detalhes referentes ao sistema reprodutivo de algumas espécies de animais; nos restringiremos às aves e répteis por se assemelharem bastante – ou são iguais quando da procriação. Vejamos alguns que chamam a atenção:

- **Espermatozoides** – Têm cabeças compridas, e as suas medidas, em geral, são de tamanho menor que a maioria dos mamíferos.
- **Sêmem** – O líquido espermático é de pequeno volume, variando em torno de 0,5 a 1,0 ml.
- **Cloaca** – Cavidade ou orifício genital e excretor localizado ao final do ducto intestinal, o que, no homem, é chamado *reto*.
- **Instrumento copulatório** – Localizado nas aves ao final da *cloaca*, geralmente pequenos e de difícil penetração, à exceção de patos e gansos, que, em relação às outras aves, são maiores e penetram suas parceiras durante o ato sexual.
- **Oviduto** – Nas aves domésticas, ele se constitui de cinco pequenos órgãos, dentre os quais o útero e a vagina. Tem a forma de tubo e estende-se do ovário à cloaca.
- **Ovócitos** – São os ovos em maturação, considerados os maiores do reino animal. Nas galinhas, pesam cerca de vinte gramas e quatro centímetros de diâmetro. Registre-se que foi constatado talvez uma anomalia ou recorde na chamada Ave Elefante de Madagascar, que produzia ovos de 37,5 cm – certamente de forma longitudinal –, contendo um volume de 7,5 litros.
- **Posição para postura** – Aqui podemos estabelecer uma outra curiosidade. Passados cerca de 24 a 26 horas, ao completar-se a ovulação, portanto, com o ovo formado, a postura ocorre por contrações da parede do útero. E, então, uma curiosidade se estabelece. O que impulsiona, na galinha ou nas aves, a vontade de expelir o ovo? O que “dispara” a postura quando o ovo está pronto para ser posto é ainda desconhecido. Ou seja, não sabemos por que as aves põem; provavelmente porque têm vontade, mas o que motiva esse desejo?⁶

6 Para maiores informações, acesse: <http://www.uff.br/fisiovet/Conteudos/reprodução_aves.htm>.

– Estamos deixando uma questão sem resposta. A temática da reprodução das espécies encanta e intriga a maioria de todos nós. Muitos ignoram como ocorre a reprodução; termos como óvulo, ovo, ovócito, ovário, ovulação, útero, vagina, pênis e outros, são, na maioria das vezes, confundidos. Por exemplo, falar que as gansas, patas e galinhas têm um processo de ovulação, uma vagina e um útero soaria como uma blasfêmia. E sobre o galo, o pato e o ganso ter um pênis, esperma e espermatozoides? Isso, para alguns, seria entendido como uma zombaria. O site informado no rodapé e a bibliografia nele indicada poderão ser utilizados na pesquisa de outras questões interessantes e relacionadas. Devido à sua abrangência, o tema não deve ser ignorado, mas consultado e aprofundado. Essa foi a nossa contribuição; aguardaremos então que outros tenham, também, oportunidade de opinar

Quase todos sinalizaram o desejo de se manifestar. Por esse motivo, o Professor Luis levantou-se com o intuito de ordenar as novas intervenções, chamando o Semeador, que já dera um passo à frente, como era seu costume.

– A minha participação será breve – comunicou ele ao falar do seu objetivo. – O nosso conhecimento da vida faz-nos acreditar que a maioria dos indivíduos da espécie animal – assim como pensamos ocorrer de modo idêntico com os humanos – têm pouca compreensão de seu próprio corpo, do processo de criação da vida, dos órgãos que a medeiam e suas respectivas funções.

– Essa constatação não é salutar para nenhuma espécie. E é este o fundamento de meu objetivo. Como teremos um viés científico em nossa ACBA, sugiro que a temática “*A Criação da vida*” seja colocada na ordem das prioridades de nossos assuntos de estudos futuros. Acredito que, para iniciar, os trabalhos poderão ser encaminhados pela via da pesquisa, amparados por discussões interativas. Tal procedimento evitará a necessidade de trazermos ao sítio um Professor com formação especializada sobre o tema. Entrego a todos a aprovação ou não desta minha sugestão.

Em seguida, o Professor Luis solicitou ao Doutor Etevaldo, o qual se mostrava ansioso para entrar na discussão, que se pronunciasse sobre os temas até então colocados.

– Começarei pelas conclusões do Professor João Paulo, quando afirma: “falar que as gansas, patas e galinhas têm um processo de ovulação, uma vagina e um útero soaria como uma blasfêmia. E sobre o galo,



o pato e o ganso ter um pênis, esperma e espermatozoides?”. Embora o termo “blasfêmia” não se adéque corretamente à situação – usa-se blasfêmia geralmente para proferir ultrajes ou insultos às divindades ou religiões –, muitos de nós, humanos, desconhecemos os fatos da Criação da vida, os órgãos e suas funções que interferem em sua emergência. O cidadão comum pode até saber que o seu órgão sexual é chamado de pênis, e que a substância aquosa que expele no ápice da relação sexual com sua parceira é conhecida como líquido espermático ou sêmem. No entanto, ele ignora e grande parte deles rejeita que o galo, o pato e o ganso tenham um pênis e ejaculam; ou seja, disponham de esperma e, também, de espermatozoides. Assim, enfatizo a minha solidariedade com as conclusões do Professor João Paulo, pois, de fato, essa temática não deve ser ignorada, mas consultada e aprofundada.

– Os dois assuntos abordados pelo Professor João Paulo e pelo Semeador são mutuamente includentes, e por esse motivo sou obrigado a concordar que, se vamos ter um viés científico em nossa ACBA, devemos referendar a sugestão de que a temática “*A criação da vida*” seja colocada na ordem das prioridades de nossos assuntos e estudos futuros. Essa é a minha posição.

– Como já se aproxima a hora do almoço desse domingo – explicou o Professor Luis –, acredito que, no expediente da tarde, teremos uma hora de trabalho a menos que ontem, em face da nossa caminhada e da viagem do Doutor Etevaldo e de João Paulo. Estou imaginando que alguns assuntos como “*Matemática e Robótica no Século XXI*”, “*Matemática, Mente e Cérebro no Século XXI*”, “*O Futuro dos Seres Vivos no Século XXI*”, “*Abdução e Alienígenas*” e “*O Significado da Morte: a Passagem para uma Nova Existência?*” são temáticas que já foram discutidas – e também apontada a necessidade de regularmente voltarmos a elas –, mas que, como desejamos, ainda não as aprofundamos, a contento, e sequer foram novamente incluídas em nossa pauta. Como a formalização de uma agenda demandará mais reflexão, sugiro trocarmos ideias, a partir deste momento, acerca da relevância desses assuntos, e definirmos, até ao final do expediente da tarde, uma ordem de prioridades.

– Você está corretíssimo quando chama atenção para as dificuldades que teremos em estabelecer uma ordem de prioridade, definindo os assuntos a serem motivo das duas pautas dos nossos próximos encontros. Eu apenas introduziria uma mudança de ordem nos assuntos que reputo, nas circunstâncias atuais, como os mais urgentes: assim, a reordenação



implicaria em: 1º) *O Significado da Morte: a Passagem para uma Nova Existência?* – Professor Luis; 2º) *O Futuro dos Seres Vivos no Século XXI* – Doutor Etevaldo; e 3º) *Matemática e Robótica no Século XXI* – Professor João Paulo. Os outros dois assuntos, *Matemática, Mente e Cérebro no Século XXI* e *Abdução e Alienígenas*, serão objeto de estudo a partir de agosto, e deverão ter um tratamento diferenciado principalmente porque, nessa época, os trabalhos de reforma certamente terão sido concluídos e outras preocupações se ajuntarão às que temos agora.

– A temática que está sob a minha responsabilidade, *O Significado da Morte: a Passagem para uma Nova Existência?*, pretendo dividi-la em quatro partes: 1. Lei de “causa e efeito” e Lei da “ação e reação” de Newton; 2. O significado da reencarnação; 3. A finalidade da reencarnação; e 4. A finalidade da morte.

– Bem, meu amigo Luis – interveio o Professor João Paulo —, eu admiro duplamente o seu discernimento na escolha dos temas, e mais ainda pela definição das quatro partes onde o assunto nuclear se incluirá. Confesso, entretantes, a minha dificuldade em compreender os recursos que utilizará para tratar das quatro partes, onde, para mim, todas elas poderiam ser definidas e analisadas como uma temática, porque ainda serão incluídas na pauta duas participações, além das intervenções de nossos expectantes.

– É verdade, meu amigo João Paulo, principalmente, porque não pretendo supervalorizar o meu assunto; para mim ele é tão importante quanto os demais. Por sinal, embora não saiba ainda a metodologia que adotará no desenvolvimento da abordagem do tema a “*Matemática e Robótica no Século XXI*”, sugiro não se esquecer dos inúmeros benefícios da cirurgia robótica, principalmente em pacientes com doenças e lesões do cérebro. Para finalizar, lembrem-se de que já estamos alertados para a necessidade de voltarmos a colocar em pauta quaisquer dos assuntos que foram relacionados; ou seja, será muito difícil para nós conhecer tudo sobre eles nos próximos cinco anos, e, assim, quando julgarmos necessário, poderemos trazê-los novamente à discussão.

O Professor Luis, observando que o Doutor Etevaldo se levantara, chamou-o para que ele se pronunciasse, mas sem antes consultar, de forma visível, a hora que o seu relógio estava marcando.



– Obrigado, Professor, pela oportunidade! No meu trabalho diário, seja como causídico ou “aconselhador familiar”, tenho me deparado com inúmeras situações consentâneas com a temática que me foi designada. Mas as soluções propostas para um caso, muito provavelmente, não contemplam as expectativas, os interesses ou objetivos de outras estirpes diferenciadas; tudo vai depender das partes envolvidas. O que nos alertou e encorajou foram as palavras finais do Professor Luis, lembrando-nos de que “já estamos alertados para a necessidade de voltarmos a colocar em pauta quaisquer dos assuntos que foram relacionados”. Acho que essa possibilidade parece adequar-se ao comportamento que seremos forçados a empregar na exposição do tema “*O Futuro dos Seres Vivos no Século XXI*”. Portanto, não esperem muito de mim – ou esperem tudo isso –, porque embora muitos dos assuntos pertinentes e relacionados eu já os tenha escrito, mesmo que em versão preliminar, só me restará aperfeiçoá-los para a nossa realidade atual. Somente quando eu chegar em Fortaleza é que poderei fazer uma avaliação do que disponho, para, então, disponibilizar uma agenda que, sem dúvida, ocupará as minhas participações nas duas próximas reuniões. Encerro aqui esta introdução colocando-me à disposição do Professor Luis para outros esclarecimentos.

– Devido aos compromissos que ainda nos restam cumprir na parte da tarde, sugiro que finalizemos agora, e o nosso retorno será antecipado em meia hora.

Como todos concordaram, a reunião foi encerrada e o objetivo transmutou-se para saciar a fome que já lhes atormentava, contando para isso com o delicioso repasto preparado pela cozinheira De Jesus. Não demorou mais que dez minutos para serem chamados; chegando à mesa, os pais do Professor Luis lhes aguardavam, e, o Doutor Pedro Otávio, sempre sorridente e bem-humorado, levantou-se e cumprimentou a todos. Foi logo informado por seu filho de que, naquela tarde, todos os compromissos seriam antecipados em meia hora, inclusive a caminhada; às 15h30 deveriam sair de casa. Durante o almoço, os diálogos amenos dominaram, esgotando os assuntos que todos tinham em mente. Por volta de 13h30, o grupo encontrava-se na sala de reuniões, disposto a iniciar os trabalhos.

– Começaremos com o meu tema – falou o Professor Luis, incurionando sobre duas questões que foram motivo de discussões breves, feitas aqui, em encontros passados – a) Qual o significado, o porquê, e



como ocorreu o *Big Bang* e, concomitantemente, a Grande Explosão?; b) Que elementos químicos existiam antes ou na ocorrência do *Big Bang*?

– O *Big Bang* – diz a maioria dos cosmólogos especializados, dentre eles, e talvez o mais importante, *Carl Sagan* –, pode ser definido como sendo a Grande Explosão, ou seja, ambas as expressões serviriam como uma teoria que explicaria o surgimento e desenvolvimento do Universo. Mas o que existia àquela época? Vamos aventurar-nos afirmando que, no início de tudo, moléculas de gases especiais ajuntaram-se densamente e, entre elas, estabeleceu-se uma altíssima e indefinível temperatura. Astrônomos e cosmólogos são unânimes na suposição de que prótons, nêutrons e elétrons eram matérias subatômicas provenientes de moléculas dos elementos químicos *hélio* e *hidrogênio*; o que responde à segunda questão (b). Tudo isso – as interações da gravidade agindo sobre agrupamentos de partículas subatômicas e poeira cósmica – foi definido como matéria bariônica, também conhecida como “berçário de estrelas”. Em consequência da densidade extrema e da energia gerada no aglomerado cósmico em que foi submetida a matéria bariônica, estabeleceu-se uma altíssima e indefinível temperatura.

– Portanto, repetimos e registramos que a agregação entre densidade máxima e supertemperatura, que submeteu as forças nucleares dos átomos além das forças eletromagnéticas e gravitacionais estabelecidas, se tal não tivesse ocorrido, o *Big Bang* não teria sido um fato – não estaríamos falando dele neste momento, ou talvez nem existíssemos. Isso conduz-nos a uma suposição – um fato – lógica: o “nada”, a “inexistência de matéria” prescinde de justificativa, e, como tal, não pode ser considerada. Tal inferência equivale a afirmar que a “grande explosão” foi um acontecimento, além de incontestável, também lógico. Por quê? A infinitésima quantidade de matéria, gases, agregados com densidade mínima, era o que existia no início de tudo. Não sabemos o seu volume, tamanho, e, se admitirmos que à época já existia a gravidade, a lógica permite-nos deduzir que podemos considerá-la como promotora da forma esférica nos objetos do cosmos submetidos à sua força. Ou seja, tínhamos uma esfera tão pequena quanto à densidade permitiu, evidentemente esférica, e de densidade infinitamente mínima. A Grande Explosão que ocasionou o *Big Bang* “explodiu” essa esfera.

– Assim, o significado do *Big Bang*, ou o objetivo de ele ter acontecido, foi a explosão da “matéria primordial”, ou seja, da matéria que foi



possível “esferizar” pela incidência de forças gravitacionais, exatamente no instante da ocorrência.

– Essa era a situação antes – ou no momento – da deflagração do “*Big Bang*”. Isso posto, é lícito inquirir: que relação podemos fazer entre a “massa molecular que existia na oportunidade da grande explosão” e a criação da vida – no futuro, no planeta Terra, ou em outras galáxias e algum exoplaneta? É justo continuar parodiando uma das belíssimas expressões de Sir Isaac Newton: “*o que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um oceano*”? O motivo de desejarmos parodiá-lo justifica-se por entendermos que a criação da vida não é uma prerrogativa do nosso *Big Bang* e/ou do nosso Universo. Assim como foram criadas as condições necessárias e suficientes a partir da Grande Explosão, para a formação da galáxia Via Láctea e, em seu interior – nas proximidades do seu centro –, o Sistema Solar, onde, pelo que se sabe até agora, a vida foi criada no planeta Terra – note-se que o que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um oceano –, ousamos afirmar que outros universos tiveram seus *Big Bangs*, ocasionando a emergência de outras formas de vida.

– Continuando a nossa ousadia, não podemos fazer borboletear nosso pensamento sobre aquilo ou o quê resolveria todas as implicações dessas questões. De quem pode ser a autoria dos *Big Bangs*? Quem criou as condições propícias para as diversas formas de vida nos universos existentes?

– A criação da vida, eis a questão! O Doutor Teilhard de Chardin, em seu livro *O Fenômeno Humano* (p. 16), apresenta o que ele chama de “túnel do tempo espaço”, o qual nos faz viajar numa caminhada encantadora. Vejamos um pequeno excerto do livro do Doutor Teilhard, à página 84:

[...] Durante períodos que não poderíamos precisar, mas com certeza imensos, a Terra fria o bastante para que se pudesse formar e subsistir à sua superfície a cadeia de moléculas carbonadas – a Terra provavelmente envolta numa camada aquosa donde não emergiam senão os primeiros brotos dos futuros continentes, teria parecido deserta e inanimada a um observador munido dos nossos mais modernos instrumentos de investigação. Recolhidas nessa época, suas águas não teriam deixado nenhuma partícula movediça em nossos filtros mais finos. Não teriam deixado ver senão agregados inertes no campo das nossas maiores ampliações.



Ora, eis que, em dado momento, mais tarde, depois de um tempo suficientemente longo, essas mesmas águas começaram certamente a ferver, aqui e ali, de seres minúsculos. E desse pulular inicial saiu a espantosa massa de matéria organizada cuja feltragem complexa constitui hoje o último (ou melhor, o penúltimo), por ordem de chegada, invólucro do nosso planeta: a biosfera.

– As cadeias de moléculas carbonadas a que Doutor Teilhard destaca referem-se aos compostos orgânicos que estão relacionados com a vida. A sua antítese seria o termo inorgânico, onde significaria que os demais compostos que pudessem vir a formar seriam destituídos de vida. Resumindo o pensamento do Doutor Teilhard:

1. Após o *Big Bang*, durante um lapso impossível de avaliar, quando a Terra vivia, provavelmente, os estertores de uma era glacial e fria o bastante para que se pudesse formar e subsistir a sua superfície por uma cadeia de moléculas carbonadas.
2. A Terra certamente estava num provável estágio de evolução e solidificara-se paulatinamente – passados alguns bilhões do ensejo do *Big Bang* –, envolvendo-se, podemos especular, numa camada d'água donde não emergiam senão os primeiros brotos dos futuros continentes; teria parecido deserta e inanimada a um observador munido dos nossos mais modernos instrumentos de investigação.

– Agora, neste instante de nossa verbalização, não podemos nos omitir e deixar de esclarecer os objetivos que nos levaram a inquirir: De quem seria a autoria dos *Big Bangs*? Quem criou as condições propícias para as diversas formas de vida nos universos existentes? Antes de continuar, e apesar de termos efetuado uma razoável reflexão sobre as grandes religiões que os habitantes do planeta Terra adotam e praticam, confesso que as conclusões que a seguir serão explicitadas não estão sintonizadas, unilateralmente, com uma única delas – e só uma –, em particular. Mais precisamente, encorajo-me a dizer que são frutos do pensamento lógico e matemático, além do incipiente e prematuro conhecimento religioso que sobre elas foi possível apreender. Vejamos então a tese que defendemos:



TESE

Existe, e sempre existirá, uma Sagrada e Divina Inteligência, onisciente e onipresente autora dos *Big Bangs*, e que também criou as condições propícias para as diversas formas de vida nos universos existentes.

AXIOMAS

1. A vida criada é eterna. Cada ser ou coisa criada não morrerá jamais, transformar-se-á, evoluirá, e será incorporada ao grande acervo da Sagrada e Divina Inteligência – Deus ou o Criador.
2. A evolução é um desígnio da Sagrada e Divina Inteligência. Por meio dela, as coisas criadas são submetidas às mesmas etapas de desenvolvimento: o nascer, o viver e o morrer.
3. O nascer credencia todos os seres criados a dar continuidade ao processo de evolução; o viver é o apropriar-se da oportunidade concedida – é o aprender a viver para preparar-se para a etapa final –, praticando todas as virtudes consignadas pelo Criador; o morrer encerra o ciclo da vida e o que foi aprendido durante o tempo de sua duração, será motivo de prestação de contas na etapa seguinte, o pós-morte.
4. Deus é onisciente e onipresente e todas as coisas existentes no planeta Terra foram criadas por Ele. No entanto, embora, a exemplo Dele, sejamos criaturas inteligentes, não podemos esquecer que Deus é o Criador e nós as criaturas. Aquele que acredita ser parte do Criador não passa de um orgulhoso e vaidoso sofista. É fundamental aceitar e compreender que existem verdades apenas acessíveis a Deus, não cabendo a nós, suas criaturas, querer ir além do que nos é possível entender. Porém, nada nos impede de tentar compreendê-las até à exaustão, mas convencidos de que, para essa busca, existe um limite.

– Acho que já nos adiantamos em demasia, então, por esse motivo e pelo adiantado da hora, receio que a temática se torne cansativa. Acredito que o conveniente, agora, é discutirmos os detalhes possíveis de alguns axiomas explicitados, numa rápida troca de ideias interativa. Vocês concordam?



Novamente, todos concordaram unanimemente. O Professor João Paulo foi o primeiro a erguer-se, e, mesmo tendo observado o pulinho dado para a frente pelo Semeador, tomou a palavra.

– Estimado assistente-mor, aguarde somente alguns minutos que terei o prazer de ouvi-lo. Meu amigo Luis, estou impressionado, e até surpreso, com a objetividade de sua tese e dos axiomas dela decorrentes. Não posso deixar de registrar as minhas dúvidas e dificuldades para o entendimento e o significado completo do seguinte: *“aquele que acredita ser parte do Criador, não passa de um orgulhoso e vaidoso sofista. É fundamental aceitar e compreender que existem verdades apenas acessíveis a Deus, não cabendo a nós, suas criaturas, querer ir além do que nos é possível entender. Porém, nada nos impede de tentar compreendê-las até à exaustão, mas convencidos de que, para essa busca, existe um limite”*. Se admitirmos essas verdades, será que é possível inquirir?

1. Observemos que a doutrina trinitária é um dogma aceito por praticantes da fé cristã – o islamismo, o judaísmo e outros de algumas instituições cristãs não acolhem esse dogma – em que a Santíssima Trindade é composta por Deus (o Pai), Jesus (o Filho) e o Espírito Santo. Nesse caso, Jesus deixa ou não – apesar de já ter falecido – de pertencer à espécie *homo sapiens* e se torna parte de Deus?
2. O que significa “compreender até à exaustão” as verdades que são acessíveis somente a Deus? Por que não cabe a nós, suas criaturas, querer ir além do que nos é possível entender? Como identificar o limite para a compreensão delas?

– Em respeito ao nosso assistente, vou encerrar as minhas inquirições, sem antes dizer ao Professor Luis que tenho uma ou duas sugestões para darmos continuidade aos assuntos inerentes a esse tema.

O Professor Luis estava muito pensativo e sua fisionomia denotava muitas preocupações; levantou-se apenas para chamar o Semeador a fim de “dar o seu recado”, no que foi em seguida atendido.



– O que nos chamou a atenção, assistentes, repousa no que contém o axioma nº 1: A vida criada é eterna, cada ser ou coisa criada não morrerá jamais, se transformará, evoluirá e será incorporada ao grande acervo da Sagrada e Divina Inteligência – Deus ou o Criador. Não sei se ainda não compreendemos bem todo o arrazoado de sua fala, Professor Luis, mas considerando a própria evolução e em consequência dela, sabemos que existe uma cadeia alimentar para todos os organismos criados, onde o *homo sapiens* ocupa o ápice dessa pirâmide. Tudo isso faz parte de uma verdade incontestável para todas as espécies criadas.

– Como compreender que cada ser ou coisa criada não morrerá jamais, mas se transformará, evoluirá? Quanto às transformações que aconteceram e ainda acontecem em consequência e como efeito da evolução, são perfeitamente admissíveis. No entanto, fazer parte da dieta de outro animal, infere-se que se tratava de morte previamente anunciada e premeditada. Por exemplo, sapos e rãs são pertinentes à dieta das cobras; peixes comem outros peixes menores; jacarés comem peixes, aves e outros animais aquáticos, e assim por diante. Não podemos escurecer, no entanto, que a formação dessas cadeias alimentares, em sendo consequência da evolução, foi, e sempre será, um instrumento do Criador Supremo para equacionar e ter sob o seu controle o direito à alimentação de toda a sua criação.

– Finalizando, ficamos ofuscados diante do grande mistério: qual o caminho destinado à espécie animal – todos os integrantes dela –, a fim de que sejamos incorporados ao grande acervo do Criador? Nós ficaríamos bastante satisfeitos se ouvíssemos explicações para as nossas questões. Encerrando, e falando em nome dos meus companheiros, estamos convencidos de que o que sabemos é uma gota, e o que ignoramos é um oceano. Só nos resta, portanto, estudar muito e aprender muito!

A ORGANIZAÇÃO E O PLANEJAMENTO DA ACAPA/ACPA: O COMEÇO

Quem se levantou, dessa vez, antes do Professor Luis, foi o Doutor Etevaldo, interferindo simpaticamente.

– A minha ideia era já ter manifestado a minha opinião há alguns minutos. Entretanto, foi ótimo ouvir primeiro a argumentação do Semeador pela



objetividade e valor do conteúdo que trouxe à baila. Mas, embora concorde com todas as colocações dos dois que me antecederam, desejo acrescentar às sugestões a serem reveladas pelo Professor João Paulo, o seguinte:

1. A exemplo da Escola Pitagórica, que a nossa ACBA também tenha uma escola intitulada Escola Científica Professora Amélia – ECPA, e tenha como símbolo o Pentágono ou o Heptágono.
2. Que todos os componentes tenham uma forma específica de identificação, fato que pode ser decidido oportunamente.

Foi então que o Professor Luis se pôs de pé, ainda um tanto quanto sorumbático, com a aparência indicando mais preocupações do que demonstrava no início da reunião. Por que, logo ele, que sempre se apresentava alegre e sorridente, mostrava-se agora sombrio e entristecido? Todos trocavam olhares e, silenciosamente, faziam as mais variadas especulações.

– Vocês devem ter notado que hoje eu não demonstro a mesma costureira exuberância no trato, característica que nos é peculiar. Mas não se trata de alguma doença preocupante; talvez seja algo até mais grave, como, por exemplo, a expectativa com relação aos rumos que nossas responsabilidades estão tomando. Principalmente, após as sugestões encaminhadas nos últimos pronunciamentos. Todas elas são pertinentes, e algumas não podem esperar pela elaboração do Estatuto da ACPA. Achamos importante a ideia de nominar a associação como Associação Científica Professora Amélia – ACPA –, e tenha como símbolo o Pentagrama ou o Heptagrama. Além disso, concordo em adotarmos algumas sistemáticas utilizadas pelos pitagóricos; que todos os componentes da ACPA tenham um número como código de identificação. Por exemplo, a Professora Amélia, presidenta, teria como número o código ACPA-1; o Doutor Pedro Otávio, vice-presidente, ACPA-2; o Professor Luis, gerente geral, ACPA-3; e assim por diante. Mas como já alertei anteriormente, essa é uma decisão a ser tomada posteriormente.

– Nós colocaríamos em discussão o símbolo da ACPA – pentagrama ou heptagrama –, e também os tipos de cargo: faço algumas reservas quanto às titulações de presidente(a), vice-presidente(a), gerente e outros nessa mesma linha. Será que não poderíamos criar outras nomeações mais adequadas aos propósitos da futura e alvissareira escola? Para refletirmos sobre as questões que envolverão a escolha do símbolo,



é necessário que saibamos que o Pentagrama está relacionado com o conceito de harmonia – enaltecendo a prevalência da ordem e da lei –, que se aplica ao universo, extensivo a todas as coisas criadas. Quanto aos objetivos da Academia de Pitágoras, destacamos como principais o estudo da Matemática, da Física e da Ética, e sobre a Epistemologia Científica, a sua escola admitia que o entendimento ou a compreensão são mais importantes que o pragmatismo – a experiência.

– Sobre Pitágoras, existem lendas e mitos. Ele nasceu na ilha de Samos em 580 a.C., mudando-se para a Grécia, onde fundou em Crotona a sua academia, tendo vivido por volta de oitenta anos (580 a 500 a.C.). Alguns detalhes da filosofia pitagórica podemos perceber nos escritos do site História da Filosofia Ocidental, no excerto a seguir:

A filosofia pitagórica culmina em um misticismo matemático-religioso, síntese das influências ‘órficas’ e científicas que incluía a escola. O universo se concebe como um fogo central, o Uno, em torno do qual giram os astros divinos, entre eles a Lua e a Terra, e de sua ordenada evolução se origina ‘a música harmoniosa das esferas’. Os astros são dez por respeito ao sagrado número 10, que, por ser a soma dos quatro primeiros ($1 + 2 + 3 + 4 = 10$), era considerado como perfeito. A alma se concebe como a harmonia do corpo e, em consequência, parece que deveria parecer com ele. Sem dúvida é tida por imortal e divina e unida ao corpo por causa de uma certa ‘culpa primitiva’. Para purgar este pecado, o homem deve praticar a virtude, que é também pensada em função da harmonia e número. O destino final do homem se condiciona ao feito de haver alcançado a interna harmonia entre os sentidos e a razão. Só as almas harmônicas podem alcançar a boa ventura. As restantes se veem sujeitas à ‘metempsicose’ até que a harmonia de sua vida imite um modo de viver divino. [...] Pitágoras e seus discípulos avançam para uma investigação científica mais elevada, a abstração matemática. Não investigam de que constam os seres, mas sim o que são em si mesmos. A consideração matemática é a causa pela qual praticam um racionalismo moderado. Em oposição aos jônicos, estabelecem um princípio mais formal e concreto/abstrato, o ‘número’. Os pitagóricos também são ‘pluralistas’ e ‘hilozoístas’, mas se inclinam para o ‘monismo’ e o ‘idealismo’.

7 Disponível em: <<https://historiadafilosofia.wordpress.com/category/pitagoras/>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

– É bem provável que nem todos tenham compreendido os motivos do apelo ao excerto. Na verdade, a sua finalidade é que tenhamos uma ideia exata – um modelo – para orientar-nos a escolher as maneiras e os fundamentos científicos, além dos objetivos de nossa ACPA. Para tanto, poderíamos tomar como referência a escola pitagórica, onde seu mestre principal, Pitágoras, nasceu na cidade de Crotona, localizada na “ponta da bota” do território italiano, mudando-se para Samos, na Grécia, onde instalou a sua Academia. Vejam que todas as suas realizações ocorreram, provavelmente, no período de 560 a 580 a.C., e é por isso que devemos compreender alguns exageros, por exemplo, a afirmação de que “[...] só as almas harmônicas podem alcançar a boa ventura. As restantes se veem sujeitas à ‘metempsicose’ até que a harmonia de sua vida imite um modo de viver divinos”. A teoria da metempsicose já foi, no passado, duramente combatida, e, na atualidade, a transmigração da alma da espécie *homo sapiens* para animais ou vegetais diversos não é admitida por espiritualistas, católicos, judeus e muçulmanos.

– Estamos então acertados de que voltaremos a tratar das realizações da escola pitagórica e dos pré-socráticos. Para as duas próximas reuniões, poderemos decidir, no tempo que nos resta, sobre a reordenação proposta por meu amigo João Paulo, ou seja: 1º) *O Significado da Morte: a Passagem para uma Nova Existência?* – Professor Luis; 2º) *O Futuro dos Seres Vivos no Século XXI* – Doutor Etevaldo; e 3º) *Matemática e Robótica no Século XXI* – Professor João Paulo. Quanto aos outros dois, *Matemática, Mente e Cérebro no Século XXI* e *Abdução e Alienígenas*, serão objeto de posteriores encontros, de acordo com os resultados alcançados nos dois encontros que se encaminharão. A decisão é de vocês: o que nos dizem?

– Eu proponho – disse o Doutor Etevaldo – que uma das temáticas seja dividida em duas partes. Assim, no próximo encontro trataríamos de *O Significado da Morte: a Passagem para uma Nova Existência?* – Professor Luis, acrescida de uma parte de *O Futuro dos Seres Vivos no Século XXI* – Doutor Etevaldo; estudaremos no segundo encontro, em seguida a este, *Matemática e Robótica no Século XXI* – Professor João Paulo. Um planejamento dessa natureza, eivado de possibilidades que podem sujeitá-lo a algumas mudanças de estratégia, nos remeterá a uma preparação individual de cada tema, evidentemente, por seu responsável.

– Agora é o momento de encerrar a minha participação na reunião deste fim de semana; confesso que, além de bastante produtiva, os seus objetivos foram plenamente atingidos. A única pendência que nos resta é



a confirmação da visita do companheiro de jornada do *Semeador* para uma visita ao sítio, segunda-feira, às oito horas. Antes de sairmos para a nossa caminhada de hoje, confirmarei essa providência junto ao nosso assistente.

O Doutor Etevaldo levantou-se para comunicar a sua opinião acerca das propostas formuladas pelo Professor Luis.

– Inicialmente, concordo com o planejamento da forma desejada pelo Professor Luis. Creio que diversas possibilidades aparecerão, o que poderá sujeitá-lo a algumas mudanças de estratégia. Ou seja, certamente, ele próprio nos remeterá a uma preparação individual de cada tema, e, sem dúvida, por seu responsável. Portanto, aprovo, em toda a sua extensão, o planejamento indicado por nosso anfitrião. Para uma leitura preliminar, enviaremos para o endereço eletrônico do Professor Luis, até quinta-feira, uma forma resumida do trabalho sobre o meu tema e realizado até essa data.

O Professor João Paulo ficou de pé, visando, também, posicionar-se. Os interessados na caminhada mostravam-se apressados, muito provavelmente por causa do retorno a Fortaleza no horário marcado para as dezessete horas.

– Endosso as palavras do Doutor Etevaldo. Realmente é importante encerrarmos o mais breve possível esta nossa reunião, por força da viagem que faremos. Nós não temos mais nada a acrescentar e utilizarei, também, o e-mail do Professor Luis para encaminhar, até quinta-feira, uma forma resumida do que consegui produzir sobre o meu tema.

Alguns assuntos ocuparam o tempo final dos participantes. O Professor Luis aproximou-se do *Semeador*, e a sua ideia era perguntar-lhe se havia alguma novidade sobre a visita do seu mestre e orientador; prontamente, ele respondeu-lhe como segue:

– Professor, eu acredito que teremos boas notícias acerca da ajuda que o meu companheiro poderá vir a nos prestar. Ele perguntou-me se haveria a possibilidade de hospedar-se – ele e seu assistente especial – aqui no sítio pelo período inicial de trinta dias. A única resposta que



me ocorreu à inusitada pergunta foi dizer-lhe que esse assunto, sem dúvida nenhuma, seria satisfatoriamente resolvido quando de sua visita de segunda-feira. Foi correta a minha resposta?

– Foi excelente, meu amigo Semeador; isso é tudo de que eu precisava e o que desejava ouvir. Nós ofereceremos a ele as condições necessárias e suficientes para a permanência dos dois, convivendo conosco e ajudando-nos nos trabalhos pedagógicos da ACPA. Deixe-me ir, então, porque está na hora da caminhada e todos os participantes devem estar ansiosos à minha espera.

De fato, todos aguardavam a presença do Professor para, desta vez, juntos, iniciarem o exercício proposto pelo médico cardiologista.

Apressaram o passo e, quando perceberam, já estavam à beira da praia, anunciando uma preamar que enchia o litoral com ondas fortes, parecendo um gracioso espetáculo da natureza. O sol e a lua contribuíam com um lusco-fusco esplendoroso, compondo o cenário vespertino. Todos os viventes que habitavam ou buscavam alimento nas redondezas incorporavam um gargalhar uníssono, e expressavam-se num íntimo bater palmas diante de tanta beleza.

A natureza, por sua vez, agradecia com ondas estrepitosas que iam e vinham, num ribombar impressionante. O primeiro a manifestar-se foi o Doutor Pedro Otávio. Dona Amélia e De Jesus tentaram apressar mais o passo, porque desejavam fazer suas invocações religiosas mais pessoais. Porém ele não as deixou sozinhas, ou, melhor dizendo, em paz, acompanhando-as, mesmo que, para isso, pagasse um preço alto: ter que bodejar sozinho. O Doutor Etevaldo e os Professores seguiam dois ou três metros atrás e conversavam animadamente, mas todos mentalizavam uma ideia única: gostariam de localizar o visitante do Semeador. Ao aproximarem-se da pequena duna onde ele estava no sábado, observaram que lá não estava. Subiram para o ponto mais alto e volveram os olhares para cima e num entorno de 180 graus; não conseguiram identificar nenhuma ave que se assemelhasse àquela que procuravam. Decidiram continuar a caminhada, convencidos de que, na segunda-feira, ele estaria no sítio em torno de oito horas. No trajeto, notaram que, ao longe, poucas aves eram avistadas, inclusive um diminuto grupo dos contumazes urubus, que não se banquetavam, apenas pulavam, andavam e alçavam pequenos voos. O que teria acontecido? Uma perspectiva agoureira desenhou-se no semblante de todos. De



repente, saindo do minguido grupo dos urubus, um pequeno carro lotado de moças e rapazes, todos aos gritos e enlouquecidos, talvez pelo consumo excessivo de álcool e outros entorpecentes, passaram por eles, exibindo, com acinte, garrafas e latas de bebida, além de armas do tipo espingarda.

– Não se preocupem – falou o Professor Luis, na tentativa de acalmar a sua família e os visitantes. – Eles devem ser detidos para uma averiguação preliminar. Como existiu o disparo de arma de fogo, é possível que a viatura policial se desloque, em poucos minutos, em busca de provas para algum delito praticado.

Ao chegarem junto ao pequeno grupo de urubus, foi grande o constrangimento. Inúmeras penas espalhavam-se numa área de cerca de quatro a cinco metros quadrados, e dois deles jaziam mortos a tiros. Os demais pareciam chorar as mortes dos seus companheiros. Pela quantidade de penas no local, concluiu-se que muitos já haviam ido embora para outra região menos violenta, presumindo-se, assim, que os tiros totalizariam cerca de cinco. O Doutor Etevaldo assumiu novamente o posto de fotógrafo e registrou toda a ocorrência. Segundo ele, algumas daquelas fotos, inclusive, as que foram tiradas do carro com os ocupantes empunhando armas e garrafas, também se incluíam.

– Acho – antecipou-se o Professor Luis – que já podemos voltar; chegaremos ao sítio no horário previsto, e a viagem para Fortaleza acontecerá sem nenhum impedimento.

Todos tomaram o caminho de volta, mas notava-se uma preocupação não dissimulada. Isso certamente relacionava-se ao receio de que poderiam ser inquiridos pelo encarregado da investigação dos fatos recentes. Não foi preciso esperar muito. Suas expectativas confirmaram-se quando avistaram, ao longe, uma viatura policial, que seguia com velocidade acima da normal pela orla da praia. Em pouco tempo, o carro aproximou-se e estacionou; dele saíram três homens fardados. Um deles destacou-se e dirigiu-se ao Doutor Etevaldo.

– Boa tarde, senhoras e senhores. Vocês, se não presenciaram, tomaram conhecimento de que algo inusitado aconteceu por aqui, momentos



atrás, onde cenas de violência foram praticadas por desconhecidos. Os agressores já estão detidos em nossa delegacia, e somente serão liberados com a presença de advogado, embora não saibamos ainda quem foram os atingidos, para enquadrá-los de acordo com o delito cometido.

O Doutor Etevaldo adiantou-se mais ainda e tomou a palavra.

– Eu sou advogado e conheço bem os trâmites da lei. O que esses indivíduos fizeram merece uma punição exemplar. Eles não só mataram impiedosamente, sem oportunidade de defesa ou fuga, dois urubus – afora outros que, se atingidos, conseguiram alçar voo para algures –, dada a grande quantidade de penas espalhadas na área. Não se preocupe com a prova presencial, porque tudo o que consideramos importante para a investigação e processo policial foi fotografado, mas seria importante que algum transeunte pudesse dar o seu testemunho da ocorrência. Na próxima sexta-feira, por volta das vinte horas, estaremos no sítio do Doutor Pedro Otávio, e então os documentos fotográficos lhe serão entregues. Está bem assim?

– O senhor vai prestar-nos um grande favor no cumprimento do nosso dever, principalmente porque casos dessa natureza devem ser exemplarmente coibidos, inibindo, inclusive, outros infratores que se sintam encorajados a imitá-los. Muito obrigado, Doutor Etevaldo, um abraço em todos, vamos então fazer uma vistoria na cena do crime.

Os investigadores entraram no veículo em que andavam, enquanto Doutor Etevaldo e os demais do seu grupo rumaram para casa. O Professor Luis dirigiu-se a todos, orientando a sequência dos acontecimentos.

– Hoje nós nos despediremos do nosso rei sol, em casa, eis que, quando deixarmos a orla, ele não terá realizado o seu ocaso, embora já notemos o poente em curso. Assim, vamos seguir por nosso conhecido atalho rumo ao sítio.

Os pais do Professor Luis e De Jesus pareciam um tanto decepcionados com a decisão, mas concordaram com ela pelos argumentos apresentados, assim como pelos fatos de violência que se passaram na praia, os quais arrefeceram os ânimos de todos. O consolo resumia-se na frase do



Doutor Pedro Otávio: “*são apenas um bando de malfeitores inconsequentes, não vale a pena nenhum de nós ficar entristecido com as suas nefastas atitudes*”. Logo venceram o trajeto, chegaram ao portão do sítio e cada um foi cuidar das ações importantes do momento. O Professor João Paulo e o Doutor Etevaldo dispensaram o jantar – suas famílias cobravam as suas presenças –, trocando-o por um leve suco com bolachas ou pão. Às dezessete horas, aqueles que iam viajar fizeram as despedidas e os agradecimentos pelo tratamento dispensado, acomodando-se nos seus respectivos veículos com as suas bagagens, retornando então para Fortaleza. Professor Luis e família recolheram-se, jantaram mais tarde e encerraram o dia na sala da televisão. No dia seguinte, segunda-feira, às oito horas, eram esperados o Semeador e seu mestre visitante.

– Luis – falou o Doutor Pedro Otávio –, se precisar de mim durante a troca de ideias com os dois pode chamar-me; eu desejo confirmar o convite que você vai fazer aos dois.

– Ótimo, papai. A minha opinião é a de que devemos, nós dois, esperá-los no terraço e completarmo-nos durante o diálogo; eu dou início e o senhor interfere quando julgar conveniente ou necessário.

O café da manhã transcorreu parcimonioso e frugal, de acordo com a dieta alimentar dos donos da casa, considerando-se que os seus hóspedes não mais estavam no sítio. Alguns minutos antes das oito horas, os anfitriões já estavam aguardando os seus convidados. A espera durou pouco. De repente, o Professor Luis avistou no portão, uma comitiva encabeçada por Átila; de tão grandes, tomavam quase todo o portão. O Professor Luis deslocou-se até lá e o abriu imediatamente.

– Vamos entrar – convidou delicadamente –, o meu pai e nós estávamos aguardando a presença de vocês.

Um alvoroço fez-se ouvir entre os animais; a tradicional algaravia instalou-se. Logo tudo se acalmou quando os mais açodados se conscientizaram de que a vez deles ainda não chegara.

– Ouviram a saudação de boas-vindas que ecoou em todo o sítio? Pelo menos podemos concluir que nosso visitante é aguardado com bons augúrios. Entrem e tomem um lugar no terraço, onde estamos.



O SEMEADOR APRESENTA SEUS COMPANHEIROS: MESTRE-1 FAZ SUCESSO ANTE OS ANIMAIS DO SÍTIO

– Meus companheiros assistentes, nós temos uma visita que sugere, se ele assim o desejar e confirmar, ser de grande valia e ajuda para os nossos planos da instalação e objetivos do sítio da associação, como também da escola imbricada a ela, a Associação Científica dos Animais Professora Amélia – ACAPA. Antes de continuar, desejo saber se é de bom alvitre a manifestação do nosso convidado agora, ou seria melhor aguardar que eu explicito um pouco mais as linhas gerais de nossas aspirações? Antes de continuar, gostaria de consultá-lo sobre a seguinte questão: assim como cognominamos o seu companheiro de o Semeador, gostaríamos de saber se podemos nominá-lo de Mensageiro ou Mestre. Você decide!

O visitante deu um passo à frente e abriu suas grandes asas; todos entenderam a simbologia e o significado daquela encenação, ou seja: *“esperaremos um pouco mais; sou todo ouvinte, continue a sua explanação”*. O Professor Luis deu-se por satisfeito – assim como os demais presentes –, principalmente porque ouvira a confirmação de que estava sendo entendido. Então continuou.

– Suponho que o Semeador ainda não teve tempo suficiente para detalhar o que desejamos realizar aqui no sítio. Neste momento, não é conveniente aprofundar-nos tentando detalhar tudo o que faz parte de nossas pretensões. Desse modo, são duas as nossas principais prioridades:

1. A reforma que estamos fazendo – construção de um galpão para a Associação que se destina a estudos científicos de temáticas filosóficas, socioculturais e áreas científicas, em geral, tendo como foco a Matemática e a Física.
2. Tanto a ACAPA quanto a ACPA, após consulta ao engenheiro responsável pelas obras, motivam-nos à previsão de que, em 30 dias, todo o trabalho será finalizado, inclusive, a reforma nas acomodações de todos os animais. Desse modo, essa é a nossa previsão para dar início aos trabalhos pedagógicos em nossa escola.

– Não sabemos se fomos felizes nessa tentativa de esclarecimento, no entanto, se tal não ocorreu, procuraremos fazê-lo de modo interativo entre todos os presentes. Para finalizar esta minha participação inicial,



gostaria de saber qual o seu posicionamento, se nós o convidássemos para assumir – no que se refere aos animais – as ações pedagógicas que serão desencadeadas daqui a 30 dias. Além disso, você seria, pela experiência e especialização, mais um componente do nosso grupo de especialistas nas demandas por estudos científicos que, em minha opinião, deverão dispor de um orientador/coordenador responsável por essas demandas.

– Nós desejamos apenas complementar o que o meu filho expôs – interveio o Doutor Pedro Otávio. Acredito que ele foi omissos naquilo que iremos oferecer, se a nossa proposta for aceita, ou seja:

1. Faremos uma adaptação no galpão que está sendo construído, de maneira que, quando os trabalhos forem iniciados, possamos abrigar pelo menos cinco indivíduos de sua espécie.
2. Providenciaremos alimentação e água para aqueles que formarem o seu grupo de trabalho.
3. Outras providências serão tomadas, na medida em que necessidades aleatórias se apresentarem.

O visitante novamente deu um passo à frente, abrindo suas grandes asas, olhando ao redor para os presentes, um a um, fixando-se no Professor Luis, dizendo:

– Compreendi muito bem as suas palavras, Professor Luis. Vamos começar pela forma de tratamento. Vocês devem ter observado que, com pequenas diferenças, os meus gestos e formas de movimentar partes do corpo coincidem ou se identificam às do Semeador. Isso se faz necessário e se justifica porque a nossa forma de comunicação está intrinsecamente relacionada ao modo individual e peculiar de fazê-la. Além da gesticulação, o nosso grande aliado são os sons que emitimos: cada um deles está vinculado a alguma ação explícita. Em nossa comunidade, quase todos já têm, bem elaboradas, as faculdades do hipnotismo e da comunicação mental. Outros, fora dela, e que são encontrados principalmente nas orlas marítimas, se utilizam apenas de um vocabulário restrito, típico dos nômades, constituído de gestos e sons.

– Desse modo, como de fato ocorre a troca de informações entre os indivíduos de nossa comunidade? Por inferência, não é difícil compreender que todos utilizam sons e gestos, e os pertencentes à elite intelectual sabem fazer uso da comunicação mental e do hipnotismo. Desse modo,



a título de exemplo, eu sou nominado ou conhecido pelo som “eks ou X” junto ao gesto de “alçar a asa direita”, ou seja, na linguagem do *homo sapiens*, eu deveria ser chamado de “X-1”. Portanto, vocês, Professor Luis e Doutor Pedro Otávio, podem alcunhar-me de “Mestre-1” ou “X-1”, eis que essas expressões traduzirão perfeitamente o que poderá vir a ser a minha função na ACAPA e na ACPA.

– É importante esclarecer que, assessorando os “X-1”, “X-2”, “X-3” etc., nós temos aqueles que exercem ocupações específicas em áreas diferenciadas. Por exemplo, nós, como ocupantes do grupo científico – X-1, X-2, X-3, ..., X-8 –, temos outros companheiros de estudo com responsabilidades próprias, ou seja, no meu caso, um X-1, trabalham comigo um X-Rel (Relacionamentos), um X-Soc (Ciências sociais), um X-Cult (Cultura), um X-Evo (Evolução), um X-Nat (Natureza), um X-M (Matemática), um X-Fis (Física), um X-Filo (Filosofia), um X-Psique (Psicologia). É preciso salientar que os estudos desenvolvidos são disponibilizados aos demais grupos, e alguns trabalham de modo interativo. Assim é que, por exemplo, o X-Rel, o X-Soc e o X-Cult executam suas funções conjuntamente.

O Doutor Pedro Otávio, novamente, tomou a iniciativa de intervir, embora não tenha compreendido e acompanhado, satisfatoriamente, algumas partes do raciocínio do seu convidado e assistente – como ele era rápido na exposição de suas ideias; essa característica o diferenciava do Semeador. No entanto, estava seguro e dava-se por satisfeito pelo que apreendeu, falando, como a seguir, sempre paciente e de modo simpaticamente compreensível.

– Peço-lhes licença para ser o primeiro a correr o risco e “colocar o carro adiante dos bois”. Ou seja, respeitando os nossos costumes, as duas opções são válidas. Isso nos permitiria chamá-lo de Mestre-1 quando estivermos em nosso ambiente de trabalho – é mais formal e se adéqua à titulação digna de seus predicados. Quanto à alcunha X-1, é mais econômica, robustamente coloquial e, ainda, mais íntima. O que não faria sentido seria chamá-lo de, penso eu, Mestre X-1. Certamente uma redundância, principalmente porque as duas outras têm suas ocasiões apropriadas de utilização.

– A outra questão vincula-se ao seu trabalho pedagógico na ECPA. Pelo que foi explicitado, anteriormente, na minha modesta opinião, a sua missão será dificultada, mesmo no início dos trabalhos, se você não



dispuser do assessoramento de um *X-Rel*, um *X-Mat* e um *X-Fis*. Novamente, reitero que isso que estou lhe falando trata-se de apenas sugestão. Não tenho como julgá-la pertinente, assim como, se ela é viável. Bem, são esses os meus registros, efetuados com as melhores intenções de ajudar.

Após as considerações de seu pai, o Professor Luis achou que alguns pontos careciam de complementações e tentou esclarecê-los.

– Bem, papai e *X-1*. Algumas questões aqui esboçadas, necessariamente, precisarão, também, da aprovação do Doutor Etevaldo e do meu amigo João Paulo, embora eu as admita sem contestação. Hoje, à noite, mandarei uma mensagem eletrônica para eles, via e-mail, comunicando-lhes todos os assuntos essencialmente importantes, a fim de que na reunião do próximo fim de semana eles as confirmem ou emitam outras sugestões para que sejam avaliadas.

– Quanto ao assessoramento, concordo com a sua adoção imediata e defendo uma programação organizada e fundamentada em um planejamento adequado. Por exemplo, o acompanhamento de um *X-Rel* para os trabalhos iniciais, para mim, reveste-se de extrema necessidade. Isso porque, na formação da primeira turma de alunos-animais, é bom que ele seja o coordenador da seleção que faremos – será criado um grupo de trabalho com essa finalidade –, reunindo os candidatos que se apresentarem, credenciando-se para essa avaliação no desejo de participar logo da primeira turma. Gostaria de que o nosso Mestre-1 e o seu assessor, o *X-Rel* e/ou outro, se possível, se fizessem presentes nas duas próximas reuniões. Nessa ocasião, efetuaremos as necessárias e convenientes apresentações num encontro com todos os bichos.

– Eu desejaria adiantar-lhes que foram agendadas para as duas próximas reuniões as temáticas a seguir: 1º) *O Significado da Morte: a Passagem para uma Nova Existência?* – Professor Luis; 2º) *O Futuro dos Seres Vivos no Século XXI* – Doutor Etevaldo; e 3º) *Matemática e Robótica no Século XXI* – Professor João Paulo. Os outros dois assuntos, *Matemática, Mente e Cérebro no Século XXI* e *Abdução e Alienígenas*, serão estudados a partir de agosto e deverão ter um tratamento diferenciado, principalmente, porque, nessa época, os trabalhos de reforma certamente foram concluídos e outras preocupações se acrescerão às que temos agora.

– Por esse motivo é que me coloquei reticente sobre a identificação



dos seus assessores nas duas próximas reuniões. Considerem que o trabalho do *X-Rel*, nesse período, deverá ser de conhecimento de hábitos, costumes e comportamentos dos animais com ele próprio e entre eles, ou seja, do seu relacionamento com todos os bichos do sítio. Obviamente, isso implica dedicação quase exclusiva, impedindo que o responsável por essa função ocupe-se de outra atividade – por exemplo, participar das reuniões. Tenho certeza de que tudo o que era importante para que o nosso *Mestre-1* tomasse conhecimento já lhe dissemos, então resta a nós apenas aguardarmos o seu pronunciamento.

O cerimonial costumeiro foi repetido pelo assistente. Os outros ouvintes aguardavam ansiosamente, no entanto, mostravam-se aliviados e satisfeitos na perspectiva de boas notícias.

– Não penso e nem posso iniciar o que pretendo explicitar, sem antes enfatizar a admiração de que sou possuído pelo trabalho que desejam realizar. Aqui podemos reconhecer a coragem e o desprendimento mostrados por todos. Declaro-me, além de assaz entusiasmado, incrédulo diante das propostas das temáticas científicas, principalmente, aquelas agendadas para as duas próximas reuniões. Vocês são uns verdadeiros abnegados – espero que, no futuro, assim sejam reconhecidos.

– Mas encontro-me numa situação de dupla preocupação: a) sou impelido a dar-lhes todas as respostas para as questões colocadas; e b) deixei afazeres próprios das funções dos assessores que gostaria que me acompanhassem. Para resolvê-los, terei que deslocar-me, talvez ainda hoje, depois das quinze horas, para a minha comunidade. Conversarei com O Semeador sobre isso e depois decidiremos. Acredito que encontraremos uma forma de resolver todas essas questões, pois faz parte do nosso procedimento acreditar que “sempre existe solução para qualquer tipo de situação problemática”. O que posso neste momento garantir-lhes é que, se não todos os pretendidos e desejados, pelo menos nós estaremos presentes nos dois próximos encontros.

O Professor Luis resolveu encerrar aquele encontro e mostrar ao visitante as acomodações que seriam destinadas, no galpão, ao grupo do Semeador aumentado agora de novos assistentes ou assessores.



– Companheiro Mestre-1, a sua manifestação tranquilizou-me, pois garante a execução, e, portanto, a implementação dos nossos projetos. Para liberá-los, acho conveniente que vejam o tipo de habitação – em fase de construção, ainda no estágio de finalização – onde pretendemos abrigá-los.

Todos animaram-se, e até o Doutor Pedro Otávio resolveu acompanhar a comitiva. Radiantes com a série de boas notícias, os anfitriões esmeravam-se em explicar que o grupo dos *urubus-rei* experimentaria, no início, um tipo artificial de dormitório, confeccionado em madeira, onde os usuários poderiam opinar sobre o modelo e a forma de construção. Posteriormente, a pretensão era cultivar, dentro do dormitório, um tipo de **bonsai**, ou árvore em miniatura. Mas tais providências seriam tomadas no tempo apropriado. O Doutor Pedro Otávio, dando-se por satisfeito, deu a palavra final.

– Como essas primeiras considerações satisfazem a todos nós, é conveniente que cada um dos presentes cuide de seus próprios afazeres. Já ficou acertado que Mestre-1 e o Semeador têm assuntos particulares a combinarem, e, desse modo, convém liberá-los para uma tomada de decisão. Os demais animais têm como missão atualizarem todos os outros acerca das recentes novidades; não esquecendo de que outras notícias lhes serão informadas até sexta-feira. Eu e meu filho cuidaremos das nossas obrigações burocráticas e da primeira versão das duas agendas das reuniões porvindouras.

A reunião terminou e cada participante procurou o seu destino. Maquinalmente, o Professor Luis foi cuidar das agendas, acomodando-se em seu escritório, e o Doutor Pedro Otávio ficou na conferência dos estoques gastronômicos, além de tentar uma oportunidade de conversa com o engenheiro, no sentido de cientificá-lo das modificações que contemplariam o local de permanência dos *urubus-rei*. A partir de então, até o amanhecer de quarta-feira, as rotinas individuais seguiram-se. Notaram apenas as ausências de Mestre-1 e do Semeador logo na terça-feira, mas todos estavam cientes da programada viagem; eles somente voltariam quando conseguissem confirmar que sempre existe solução para qualquer tipo de situação problemática. Isso somente ocorreria em torno de quarta ou quinta-feira.



O RETORNO DE *MESTRE-1* E SEU SÉQUITO

Na quinta-feira, a família do Doutor Pedro Otávio encontrava-se à mesa para o café da manhã, quando um alarido lhes chamou a atenção. O Professor Luis acalmou os presentes e recomendou que finalizassem a refeição, para o que demonstravam muita disposição.

– Se eu não estiver enganado, estamos ouvindo o anúncio da chegada de Mestre-1, acompanhado do seu “séquito”, se, de fato, ele resolveu as pendências de seus auxiliares. Como a conversa que teremos vai se alongar um pouco, é importante abstermo-nos de procurá-los imediatamente. Desse modo, como foi previamente recomendado, eles utilizarão o tempo que lhes está sendo disponibilizado para o primeiro contato de conhecimento com os demais animais.

Todos entenderam o recado, e, por volta de meia hora, com a fome dominada, o repasto do início da manhã foi finalizado. O Professor Luis deu as últimas orientações aos serviçais da cozinha, gerenciados por De Jesus, sob a coordenação de Dona Amélia, sobre a alimentação e a manutenção dos depósitos de água do canil. As recomendações eram de que deveriam permanecer sempre limpos e cheios. Após repassar esses detalhes, o Professor Luis e seu pai foram para o alpendre e ficaram a esperar por Mestre-1 e seu séquito. O tempo de demora foi pouco, e logo o cortejo dirigiu-se ao alpendre. Os que estavam sentados, vendo a aproximação, esperaram de pé.

– Bom dia, meus companheiros! – disseram, quase ao mesmo tempo, os dois anfitriões.

O Professor Luis continuou de pé por alguns momentos até todos tomarem os lugares apropriados, bem próximo das cadeiras. Sentou-se e dirigiu-se ao grupo.

– Devo dizer-lhes que estou confuso. Não consigo estabelecer uma característica que marque uma diferença pessoal entre os dois que nos visitam pela primeira vez. Isso somente será possível com o passar do tempo?



Os quatro representantes da espécie *sarcoramphus* – urubus-rei – demonstravam, cada um, o desejo de emitir uma resposta convincente. Mas a hierarquia entrou em cena, e a responsabilidade coube a Mestre-1. Então, levantou as duas grandes asas e adiantou-se um pouco.

– Senhores, nós conseguimos postergar alguns compromissos assumidos que envolveriam este fim de semana. Ao viajar, já havia concluído pela necessidade de atendermos a reunião que está programada, e, certamente, com agenda onde a sua elaboração deve estar em fase final. Para dirimir logo a sua dúvida, solicito que observe as nossas asas. Numa delas, existe uma pena diferenciada. Somente uma pena dessas, localizada na asa esquerda, ou na asa direita, em todos os indivíduos da espécie, e sempre no mesmo ponto, faz parte do acervo das outras que o artista que desenhou a nossa indumentária assim nos decorou. Veja que, no meu caso, ela se coloca no lado direito. O senhor conseguirá avistá-las em uma das asas dos meus outros três companheiros.

O Doutor Pedro Otávio, que há algum tempo olhava, curiosamente, para as quatro figuras – eram realmente de chamar a atenção –, levantou o braço direito, sinalizando que desejava responder.

– Bem, eu já havia “dado fé” dessa anomalia. A princípio, pareceu-me mesmo uma anormalidade, no entanto, ao constatar que elas estavam em uma das asas dos nossos quatro companheiros, concluí que se tratava de um petrecho natural. Posso responder então que o Semeador, Mestre-1 e um dos dois novatos têm essa pena no lado direito, e o outro no lado esquerdo. Observem que todas elas ocupam espaços semelhantes nas suas respectivas asas.

– Muito bem, Doutor Pedro Otávio. Perfeito! O senhor acertou cem por cento. Eu somente devo completar dando a informação de que o novato que nos acompanha, e é identificado pela pena especial do lado direito, deve ser alcunhado de X-Mat, e o outro, onde a pena está na asa esquerda, será cognominado de X-Rel. Não sabemos qual o motivo para que essa pena especial esteja nesta ou naquela asa, é provável que seja uma das peripécias da evolução, quiçá, de identificação.

Agora todos conheciam todos e também suas respectivas alcunhas. O Professor Luis resolveu manifestar-se e falar-lhes sobre os objetivos do trabalho que os aguardava na ACBA e na ECPA.

– Como já demos o passo inicial, o da identificação, vamos dirigir nossas atenções para uma troca inicial de ideias acerca do trabalho que desejamos

realizar na ECPA. No último encontro entre mim, o Semeador e Mestre-1, tivemos a oportunidade de informar os objetivos de nossa Associação e da escola que a ela estará imbricada. Portanto, se algumas dúvidas ainda persistem depois daquela explicitação, vocês podem, ao longo desta reunião, fazerem-me as inquirições julgadas necessárias.

– Desejo, agora, trazer-lhes alguns esclarecimentos sobre os assuntos que serão discutidos nas duas reuniões dos fins de semana que se avizinham, na pré-agenda em elaboração.

1º) *O Significado da Morte: a Passagem para uma Nova Existência?* – Professor Luis; 2º) *O Futuro dos Seres Vivos no Século XXI* – Doutor Etevaldo; e 3º) *Matemática e Robótica no Século XXI* – Professor João Paulo.

– É bom que vocês saibam que as temáticas *Matemática, Mente e Cérebro no Século XXI* e *Abdução e Alienígenas*, as quais já foram parcialmente discutidas, serão objeto de posteriores encontros. Isso de acordo com os resultados alcançados nos dois encontros que se encaminharão. Houve, em seguida, uma reinterpretação da forma de apresentar os assuntos, ficando como segue. No próximo encontro, neste fim de semana, trataremos de *O Significado da Morte: a Passagem para uma Nova Existência?* – Professor Luis, acrescida de uma parte de *O Futuro dos Seres Vivos no Século XXI* – Doutor Etevaldo; enfim, *Matemática e Robótica no Século XXI* – Professor João Paulo, será estudado no segundo encontro, em seguida a este.

– Não podemos deixar de registrar que um planejamento dessa natureza, eivado de possibilidades diversas, irá sujeitá-lo a algumas mudanças de estratégia na sua forma de organização. Principalmente, considerando-se o modo de apresentá-lo, que, certamente, nos remeterá a uma preparação individual bastante percuciente de cada tema, evidentemente, por seu responsável. Acredito que a agenda se completará de hoje para amanhã, quando receberei dos dois outros palestrantes o que eles prepararam sobre os assuntos destinados a cada um deles. Antes de liberar a palavra para aquele que tiver interesse em manifestar-se agora, gostaria de saber quais são seus planos para a tarde e a noite de hoje, o dia e a noite de amanhã, além dos dois dias do final de semana. Não sei se é necessário, também, lembrar-lhes da conveniência de que vocês tenham um encontro mais demorado com todos os animais do sítio, de forma coletiva e individual, pois na minha interpretação, trata-se de uma variável importantíssima na continuidade do trabalho.

A impaciência mostrava-se evidente no semblante dos visitantes. No entanto, foi o Doutor Pedro Otávio o primeiro a erguer-se e manifestar-se.

– Eu reconheço que a fala do meu filho Luis despertou em cada um o desejo de expressar-se. Entretanto, faltam algumas informações sobre a permanência de nossos hóspedes – não me sinto à vontade de chamá-los de visitantes –, e que podem contribuir para o bem-estar de todos. Certamente, Mestre-1 já informou-lhes que o comer e o beber – alimentação e água – “ficarão” a nosso cargo; estamos dizendo “ficarão” porque essa opção ou preferência, quem sabe, contrariará aquela que vocês estão dispostos. Quanto ao local para dormir, no quintal do sítio, existem árvores de tamanhos diversificados: as que estão em crescimento, grandes e pequenas, e as que já atingiram a sua plenitude, as adultas. Nós apenas pedimos que nos informem da decisão tomada, mais particularmente com relação à alimentação. Ou seja, se estão acordados em hospedar-se, em definitivo, no sítio.

– Doutor Pedro Otávio – disse Mestre-1 –, embora a orla das bandas de praia daqui sejam belíssimas, o nosso objetivo prende-se somente às responsabilidades que logo assumiremos e que já foram repetidamente comentadas. Os senhores foram muito gentis na oferta da estadia total; agradecemos-lhes prometendo não os decepcionar. Desse modo, acreditamos que será importante dedicarmos o restante do dia de hoje e o dia de amanhã à primeira parte do nosso trabalho: o conhecimento pessoal e individual, acrescido dos primeiros passos de um bom relacionamento com os animais que têm residência fixa no sítio. Se assim fizermos acontecer, estaremos disponibilizados para participar da reunião do fim de semana.

– Excelente, Mestre-1! Concordo com a sua decisão. Alguém tem algo mais a dizer? Após encerrarmos essa nossa reunião o Átila e Pitágoras se encarregarão de reunir os demais bichos para que vocês sejam apresentados oficialmente.

Antes disso, o X-Rel levantou a asa esquerda, a da pena especial, dando um curto passo para a frente.

– A decisão de Mestre-1 foi sábia. Em nossa comunidade, somos diariamente consultados acerca de diversos tipos de relacionamentos, suas



formas e técnicas. Os “porquês” são inúmeros, o que, neste momento, sabemos não ser a hora de analisá-los. Essa minha pequena intervenção ocorre em virtude de que, quando procuramos nos aprofundar no tema “relacionamentos e seus aspectos científicos”, muitas questões emergem. Por exemplo, “por que somos empáticos ou simpáticos com alguém?”. Será que para responder a essa inquirição devemos buscar alguns conceitos biológicos, físicos e químicos? Decisivamente, ainda não estudei de modo satisfatório o assunto, e, apesar disso, o tema, além de me agradar, compõe o acervo dos demais inerentes à minha área. Assim, eu estou disponibilizando-me a planejar os meus afazeres próprios, no sentido de ter tempo para participar das reuniões de fins de semana, a partir do sábado e domingo próximos. Por enquanto, nada mais tenho a dizer; espero ter sido alcançado pela compreensão dos presentes.

O Professor Luis levantou-se, olhou na direção de Átila, Pitágoras, Mãe de Todos e Mãe Ganso, que formavam outro grupo nas proximidades. Átila imediatamente entendeu que a sua presença era requisitada e dirigiu-se até onde estava o seu chefe e mentor. Então recebeu as instruções que deveriam ser executadas por ele.

– Vamos aproveitar o tempo que falta para o meio-dia para, eu e meu pai, os apresentemos oficialmente aos animais do sítio. A minha pretensão é demorarmos pouco tempo nesse detalhe, porque isso deve se constituir no primeiro passo a dar no trabalho que estamos lhes confiando. Enquanto nossos assistentes se prendem à convocação para o local apropriado, nós vamos dar uma olhada na construção e nas plantas de suas imediações, pois isso os subsidiará quanto à decisão sobre a hospedagem. Estão todos prontos? Mãos à obra; não percamos tempo!

Tudo aconteceu como combinado. O Doutor Pedro Otávio ficou ao lado de Mestre-1, e, a começar pelas plantas – as adorava; e, como diziam os seus familiares, “eram as meninas de seus olhos” –, mostrou-as uma a uma. Algumas tinham nome, por exemplo, “a Amelinha”, uma planta quase adulta produtora do fruto “manga rosa”, em homenagem à sua mulher, a Professora Amélia. E, desse modo, ele seguiu em frente, todas as árvores tinham uma história e eram decantadas não em prosa e verso, mas exaltadas pelos frutos perfumados e de paladar refinado. Foi necessário o Professor Luis chamar a sua atenção porque, além da



presença de grande número de animais para o encontro, a comitiva não viu as acomodações em construção. Com esse persuasivo abrandamento do entusiasmo do Doutor Pedro Otávio, foram visitar o “uruburário”, um eufemismo para dizer “local de abrigo de urubus”. Tudo aconteceu o mais rápido possível, em virtude de que os hóspedes em potencial já estavam informados do detalhamento da construção e de um eventual aperfeiçoamento, se isso for necessário. O grupo acercou-se do local onde o encontro se realizaria e se acomodaram estrategicamente para esperar apenas mais uns cinco minutos e dar início à troca de ideias. A algaravia estava disseminada, portanto, não se justificava esperar mais tempo. O Professor Luis dirigiu-se ao centro do círculo, e, de chofre, um silêncio discrepante do alarido anterior.

– Muito bem! Vejo que vocês estão exaltados e animados com os companheiros do Semeador, não é verdade? A presença deles vem atender a uma solicitação minha e de meu pai, de fazerem-nos uma visita com a finalidade de tomarmos algumas decisões que, neste momento, se concretizam. Mas a aceitação ou não das nossas propostas dependem, agora, somente da aceitação deles. Eles mesmos lhes dirão do que se trata, ou seja, o desenvolvimento do seu trabalho, e, mais incisivamente, qual o teor de nossa proposição. Somente desejo adiantar-lhes que já os informamos – ainda superficialmente – sobre os objetivos do projeto que pretendemos que eles nos ajudem a executar junto à ACBA, e também na ECPA. Para dar continuidade, desejo fazer uma observação que, certamente, os nossos companheiros que têm asas poderão tê-la notado no Semeador. Trata-se da existência de uma pena especial – nele é vista na asa direita –; na espécie, sempre uma unidade está localizada na asa direita ou na asa esquerda. Nos entendimentos que mantivemos alguns minutos atrás, houve unanimidade em relação às suas alcunhas: Mestre-1 é identificado pela pena especial do lado direito; também com a asa especial do lado direito, deve ser alcunhado de X-Mat; e o outro, onde a pena está na asa esquerda, será cognominado de X-Rel. Apenas para registrar, Mestre-1, será o coordenador dos trabalhos pedagógicos e científicos; X-Mat se responsabilizará por Matemática e Ciências, principalmente Física, Química e Biologia; e o X-Rel será o responsável pelo relacionamento entre todos vocês, nos relacionamentos intergrupos. Após esta reunião já será possível pensar na formação e organização desses



grupos, sob a orientação e coordenação de X-Rel, ouvindo Mestre-1. Para finalizar, em nossa proposta está incluída a permanência de todos eles, inclusive do Semeador, no sítio, portanto, como nossos hóspedes. Com tais palavras, o Professor Luis finalizou as suas informações para aquela oportunidade.

A algazarra voltou a instalar-se. A demonstração de aprovação de tudo o que foi anunciado, e a vibração que estava em todos, não podiam esconder e conter a alegria pelas revelações que, ao som de latidos, co-coricós e outras manifestações semelhantes, foram aumentadas quando Mestre-1 dirigiu-se ao centro do círculo com a asa direita alçada. Foi uma glória! Toda a reação de algaravia somente aquietou-se quando o aplaudido chegou ao seu destino, para então pronunciar-se.

– Muito obrigado! Muito obrigado! – disse ele, repetindo os agradecimentos e abaixando a asa. – Para evitar especulações, informo-lhes que a maior parte do que o Professor Luis lhes revelou nós concordamos, mas é necessário que eu e meu grupo nos reunamos e decidamos conjuntamente o que, no geral, quando estávamos ainda em nossa comunidade, ficou acertado.

– É deveras gratificante a caracterização de hóspedes atribuída pelo Professor. Essa condição nos aproximará mais de vocês, além de facilitar o trabalho pedagógico e científico que iremos desempenhar. Bem, sobre o que serão as nossas responsabilidades e o como iremos desempenhá-las, desejo solicitar que tenham confiança e se conformem, por enquanto, com aquilo que lhes foi informado até agora. Aos poucos, e a partir de agora, paulatinamente, de modo planejado, evitando situações desconfortantes, a cada dia, sempre “algo mais” poderá ser – dependendo da motivação e do entusiasmo individual – acrescentado ao conjunto de conhecimentos já apreendidos daqueles interessados. É importante que sejam seguidas à risca as nossas instruções, não esquecendo de que “a pressa é, e continuará sendo eternamente, inimiga da perfeição”. Todos, sem exceção, terão três formas de encontros conosco: individual, em grupo e geral, como esse que estamos realizando agora. Os contatos individuais geralmente ficarão a cargo do X-Rel, mas algumas vezes estaremos próximos, supervisionando. O X-Mat os acompanhará nas aulas em grupo. Vamos deixá-los aos cuidados desses dois companheiros, enquanto eu e o Semeador nos afastaremos para tratar e resolver assuntos inadiáveis.



Um burburinho começou a formar-se. No entanto, logo foi contido com o deslocamento de X-Rel para o local ocupado ainda há poucos minutos por seu coordenador. A exemplo de Mestre-1, os bichos o viram caminhando com a asa esquerda, a da pena especial, levantada.

– Bom dia a todos! – Começou o seu circunlóquio. – Mesmo antes de irmos para o sítio, eu e meus companheiros fizemos uma versão preliminar do planejamento sobre a forma de trabalhar com todos vocês. Primeiro, desejo reafirmar que precisamos conhecê-los individualmente. Para tanto, diariamente serão efetuadas minirreuniões contendo de um a três animais. Nesse caso, acataremos as individualidades e as diversidades. Pelo menos no início dos trabalhos e em casos específicos, convém que sejam respeitadas as características pessoais para identificar o nível de intimismo, se houver, do sujeito com outros de sua convivência. Essa decisão caberá a mim, com a concordância de cada um que será procurado.

– Os grupos maiores se constituirão de dez a quinze animais. No decorrer deste encontro, decidiremos como faremos a seleção. A exemplo do caso anterior, acredito que os critérios de “mesma espécie” e “afinidade” devem ser prioritários. Aproveitemos, então, o tempo desta manhã que nos resta para dar início ao tema “comunicação e relacionamentos”. É útil relembrar-lhes de que, nessa primeira fase, vocês terão apenas que responder a algumas questões que refletirão o comportamento de vocês com vocês mesmos, e entre vocês e seus companheiros do sítio e fora dele. Passarei a palavra agora para o X-Mat, que, creio eu, explicará como será desenvolvida a sua metodologia de trabalho pedagógico e como abordará os assuntos nas áreas de Matemática e Ciências.

Os animais entregaram-se, novamente, a uma troca de ideias, mas já não faziam tanto barulho; notavam-se apenas alguns deslocamentos e o som era moderado, antes que o X-Mat substituísse X-Rel, o que logo ocorreu.

– Bom dia a todos que se fazem presentes. Nós não estávamos cogitando em lhes falar nesta manhã, mas a oportunidade é providencial para fazer referência aos temas propostos por meu antecessor. Serei brevíssimo. Os dois assuntos elencados por X-Rel não são mutuamente excludentes, muito pelo contrário, se completam. Enquanto a Pedagogia é uma ciência da educação e do ensino, Matemática, Física, Química e



Biologia devem ser, unilateralmente, tratadas de maneira pedagógica, para a sua perfeita compreensão.

– Existem duas afirmações citadas entre a espécie humana, e, às vezes, miticamente – entre eles, muitas vezes prevalece o mítico e/ou o místico –, que podem ser enunciadas do seguinte modo:

1. Aprender Ciências e Matemática é possível somente para poucos indivíduos; e
2. Entre as espécies criadas, alguns cérebros foram privilegiados e a eles foi dada a possibilidade de dominar o conhecimento de Ciências e Matemática.

– Eu pretendo mostrar-lhes que as duas são afirmações incompletas e inverídicas. Na verdade, a abordagem utilizada pelos pretensos Professores é inadequada por utilizar uma metodologia que não busca, em primeiro lugar, a compreensão dos conceitos.

– Não fiquem preocupados com o significado daquilo que lhes explicitarei. O propósito da equipe que acompanhará vocês é tratar calmamente de todos os assuntos, repetindo-os quantas vezes forem necessárias, com absoluto respeito às dificuldades individuais. Agora o comando é do X-Rel, e nós estaremos por perto com o intuito de subsidiá-lo em suas entrevistas.

Os animais entenderam muito bem o recado que lhes foi passado. Automaticamente, os pequenos grupos foram se formando; a maioria de duplas e triplas, mas raramente via-se um animal solitário. X-Rel havia elaborado três perguntas básicas, desejando obter de todos respostas individuais. Pela ordem, eram assim traduzidas:

1. Você tem algum desafeto? Um animal com quem você antipatiza, um inimigo, dentro ou fora do sítio?
2. Como você conquista uma parceira? Mostrando seus dotes pessoais de macho/fêmea ou apresentando suas potencialidades de inteligência, companheiro de todas as horas, bondoso, pacifista e amante da concórdia?
3. Você deseja frequentar a ACAPA/ACPA? Por quê? Fale de suas pretensões para o futuro.



As entrevistas causaram muitas dificuldades, principalmente, para iniciá-las nos grupos de dois ou três indivíduos. Às vezes, um deles tinha ascendência mais afetiva, mais idade, ou até mesmo melhor nível de inteligência no entendimento das coisas do cotidiano, e tomava-se como representante de seus companheiros na resposta do questionário. O X-Rel usava então de sua habilidade para obter uma resposta sem interferência ou insinuação de outro membro do grupo. Por vezes ele endurecia a entrevista, não permitindo que a intervenção se adiantasse, e dizia: *“meu companheiro, não insista, isso que você está me dizendo, eu desejo saber se é, realmente, o pensamento dele, o que cabe somente a ele afirmar. Estamos entendidos?”*. Entrevistado e interferente olhavam-se “um tanto quanto” decepcionados, mas terminavam por compreender a seriedade do coordenador, do trabalho a ser realizado e do processo de relacionamento em curso. Nas vezes em que tal se repetia, X-Rel voltava a impor o seu comando e liderança, e as coisas voltavam a tomar o seu devido lugar. Ao meio-dia, todos pararam para um pequeno intervalo de meia-hora para trocarem ideias e hidratarem-se. O que eles não sabiam é que o Professor Luis mandara preparar algo a ser ofertado no canil, no sentido de saciar a fome do grupo, juntamente com Átila e Pitágoras.

Isso de fato aconteceu, e a comitiva de Mestre-1, o Semeador, Átila e Pitágoras reuniu-se no local que se destinava costumeiramente a essas ocasiões: o canil.

O Professor Luis e sua família almoçavam tranquilamente, e, como de praxe, estava sendo servido um delicioso peixe – pescada amarela – ao molho escabeche e arroz com feijão. O Doutor Pedro Otávio notou a preocupação do seu filho e resolveu quebrar o silêncio.

– Luis, como está o seu trabalho? A agenda já foi finalizada? Como você tem se mantido recluso em seu escritório, eu tenho acompanhado o trabalho dos auxiliares de Mestre-1. Posso dizer-lhe que eles não param. Desde que a reunião terminou, foram iniciadas as entrevistas que os dois estão fazendo junto aos animais ou grupos deles. Observei que, em alguns casos, os nossos bichos não haviam percebido a austeridade das informações que deveriam prestar, e elas se caracterizavam por serem individuais. Falo isso porque notei o sinal de advertência – levantamento da asa esquerda, a da pena especial – e o olhar de X-Ciências voltar-se para a direção daquele



que tentava responder as questões dirigidas a outros do grupo. Então, tudo se normalizava e o trabalho prosseguia sem mais alterações.

– Pai, o senhor deve compreender que especialistas em linguagem animal e relacionamentos foram trazidos para o sítio. Eles são capazes de obter todas as informações que desejam, individualmente, e armazená-las no computador de suas mentes. Quanto à agenda, estou esperando os e-mails do Doutor Etevaldo e de João Paulo para fechá-la. Hoje à noite, eu farei isso. Mas o que me preocupa, neste momento, diz respeito ao que estou escrevendo para a apresentação da reunião do fim de semana. Aliás, e para não me esquecer, desejo convidá-los – o senhor e minha querida mãe Professora – para tomar parte nos trabalhos que se desenvolverão no sábado pela manhã. Se aprovarem os assuntos e as intervenções ocorridas, poderão continuar a dar a todos o prazer do convívio intelectual e científico, tenho certeza, com a aprovação e satisfação de nossos convidados.

Quando o Professor estava falando, De Jesus entrou na sala, mas se retirou porque notou que o Professor Luis se estenderia um pouco. Estava de volta e, aproveitando um momento de silêncio, interveio dizendo:

– Professor, eu fui até o canil e disse ao Átila que, como da vez passada, se eles tiverem que retornar logo ao trabalho, eu guardaria o que sobrar para o final da tarde. Todos os da espécie do Semeador me olharam ao mesmo tempo e eu senti o impacto de um raio, voltando imediatamente; quase desmaiei.

– Acostume-se, De Jesus, pois você vai conviver muitas vezes com esses “olhares impactantes”. Por sinal, eu não sei se eles vão dormir aqui no sítio ou na praia. Estão aguardando o entardecer para decidir o que farão, ouvindo a opinião do Semeador.

A Professora Amélia, que raramente participava das discussões acerca do trabalho do seu filho – na verdade ela não tinha, até então, se manifestado sobre os temas abordados nas reuniões, por desinteresse mesmo –, resolveu pronunciar-se sobre o convite do seu filho Luis.

– Eu gostaria de que todos me entendessem. Eu andei refletindo sobre as consequências do que estamos realizando, principalmente, com a criação da ECPA, que, por bondade e distinção, deram-lhe o meu nome. Eu aceito o convite. No entanto, desejo esclarecer que não pretendo me

portar apenas sendo ouvinte, mas sim como partícipe das discussões, e, se for o caso, emitir opiniões. Por isso não posso deixar de perguntar: mesmo não tendo conhecimentos mais aprofundados sobre os assuntos que entrarão em discussão, poderei intervir e dar as minhas opiniões? Eu me desculpo, antecipadamente, se estou, talvez, radicalizando, mas essa é a única exigência que faço para comparecer.

– Muito bem, Dona Amélia! Meus parabéns! A minha mulher está reassumindo o papel da Professora ativa e participativa que eu conheci. Eu estarei ao seu lado para juntos aprendermos mais do que a “melhor idade” nos premiou até agora. Estaremos lá para dar a nossa contribuição.

– Que surpresa agradável, minha querida mãe. Realmente, a senhora é credora e recebe sinceros parabéns de todos nós. O registro de suas exigências coloca-lhe, simplesmente, em igual nível de todos os membros do grupo, inclusive eu. Entenda que ninguém sabe tudo acerca de algo ou de tudo. E é do intercâmbio de ideias, científicas ou não, que nasce a verdade. Sempre temos algo a dizer sobre qualquer assunto. Mesmo se o ignorarmos, é possível emitir uma opinião do tipo: “eu tenho ojeriza sobre isso”, ou “Não! Isso é um péssimo assunto”. Somente a participação poderá mudar tais opiniões. É importante acrescentar que a reunião será finalizada às dezessete horas, porque somente assim poderemos cumprir nossa obrigação da caminhada diária. Além disso, eu não sei se terei tempo, hoje, como estamos acostumados, de compartilhar com vocês os noticiários do início da noite, veiculados nos canais mais importantes. Estarei trabalhando na finalização da agenda e naquilo que estou escrevendo.

O almoço terminou e o barulho dos bichos já se fizera notar. O Professor Luis e seus pais foram olhar a movimentação. Viram, ao longe, Mestre-1 e o Semeador, que pareciam trocar ideias. Os dois usavam o mesmo ritual: pulinhos para cima, o levantar da asa esquerda, etc. Enquanto isso, X-Rel e X-Mat retornaram ao trabalho das entrevistas. Observava-se que os animais do sítio já estavam devidamente organizados em grupos, à espera de que os Professores se aproximassem deles. O Professor Luis recolheu-se aos seus estudos, no escritório. O Doutor Pedro Otávio continuou alerta com a atenção voltada para tudo o que acontecia. De vez em quando se levantava, dando alguns passos para mostrar-se presente e atento ao trabalho que estava sendo realizado. Isso durou até as dezessete horas, quando foi se aprontar para a caminhada.

Todos fizeram a caminhada, inclusive o Professor Luis, demorando-se um pouco mais do que o tempo habitual. Às 18h30, o jantar foi servido para os esfomeados caminhantes. Às 19h15min, todos já estavam na sala da televisão, mas a cadeira do Professor Luis estava vazia. Teriam que se conformar sem ele.

– Bem, agora podemos formular uma conclusão que conseguimos elaborar e se fundamenta em nossos raciocínios lógicos, dedutivos e indutivos: O propósito de Deus para o significado da vida é a passagem para uma nova existência. Deus é a sua própria rede de informações, Ele tem acesso imediato a tudo que ocorre e ao que foi por Ele criado. O que vai acontecer a cada um de nós, após a morte, está guardado em Deus, em sua rede de informações, que é Ele Próprio.

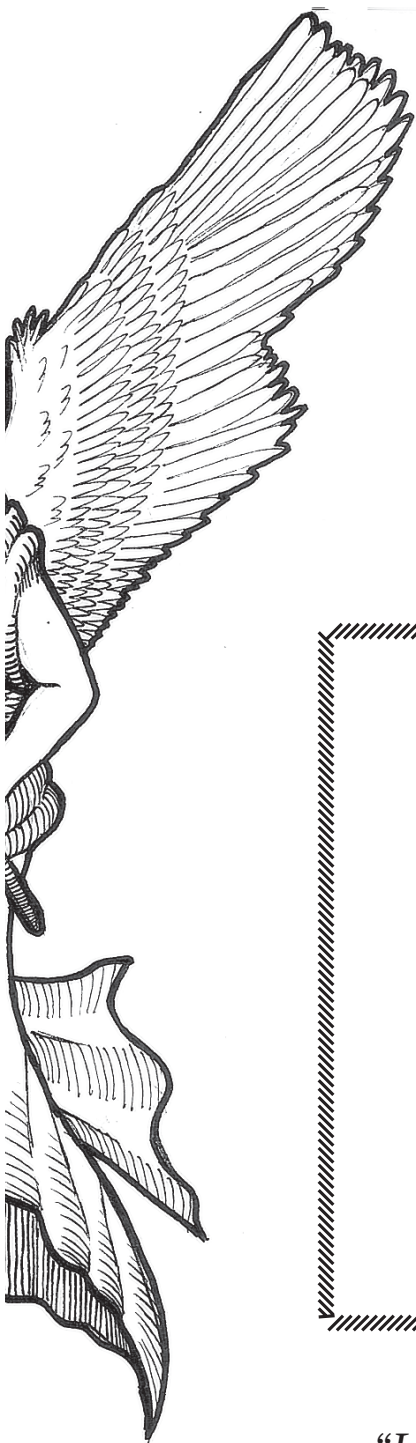
– Conta-se também (H.Thomas, p. 39) que, quando saiu pela vez primeira em visita aos arredores do seu vilarejo, testemunhou cenas que, até aquele momento, eram inimagináveis para ele. Por exemplo, “[...] *um ancião alquebrado, cujo corpo estava apodrecendo antes da morte*”, e, em seguida, ainda no caminho, presenciou “*um cadáver insepulto, inchado, descorado, coberto de trapos e de um enxame de moscas*”. Então, e diante da afirmação do cocheiro, “*a vida é também é assim*”, Siddartha Sakya-Muni resolveu tomar a decisão que mudaria todo o seu modo de viver.

– É importante, antes de encerrarmos nossa participação, comentarmos sobre alguns humanos que viveram em torno da época de Cristo; aqueles que se dedicaram ao amor, à paz, à misericórdia e à compaixão, e aqueles outros que se entregaram durante toda a vida à crueldade e ao ódio. Falaremos de Buda, Confúcio, Jesus, Alexandre – filho de Filipe, rei da Macedônia –, César – o primeiro rei divino de Roma – e Nero –, o imperador assassino da própria mãe. Apesar de as palavras de Buda, Confúcio e Jesus pregarem o comedimento, a misericórdia e a compaixão, no mundo dessa época reinava a violência, onde a disputa pelo poder era o objeto.

– Isso posto, a partir da criação do homem, o ser que emerge, tem como objetivo cumprir uma caminhada infinita e eterna; para isso, necessita de um corpo, de um espírito e de uma alma. A espécie *homo* completa-se, então, de acordo com o “plano de Deus”, ao adquirir, por força da evolução espiritual, o período de sua preparação para a morte.







ANJOS E DEMÔNIOS: ALGUNS
VIRTUOSOS E IMPIEDOSOS DA
HISTÓRIA DA HUMANIDADE

CAPÍTULO II

*“Lança o saber e não terá tristeza. Uma longa
viagem começa com um único passo. Quem conhece
a sua ignorância revela a sua mais profunda
sapiência. Quem ignora a sua ignorância vive na
mais profunda ilusão.”*

Lao-Tsé

A EVOLUÇÃO DO *HOMO SAPIENS* E A CIVILIZAÇÃO MODERNA: PREÂMBULO

O Professor Luis pediu a atenção dos participantes da reunião, colocando um assunto que fora prematuramente discutido.

– Aproveitando a presença do Doutor Etevaldo, ainda dedicaremos parte de nosso tempo disponível a esse assunto, mas continuemos porque estamos ansiosos com as questões que pretende desenvolver.

– Muito bem! Você, Luis, é o organizador do desenvolvimento da agenda. Inicialmente, o primeiro assunto que desejo trazer de volta à nossa reflexão – em minhas anotações, começamos a preocupar-nos com ele em 15/03/14 – trata-se das conclusões que foram disponibilizadas pelo matemático Doutor Keith Devlin em seu livro *O gene da matemática*. Vejamos, na página 164, o excerto:

“Quando trabalhamos num problema matemático ou tentamos elaborar uma prova matemática, meu sentimento é de que a solução ou a prova ‘está por aí’, esperando que eu a encontre. Sim, a prova de Euclides sobre a infinidade dos números primos envolveu, sem dúvida, um elemento de ‘criatividade’ humana. Mas é uma criatividade de descoberta, não de invenção. Por exemplo, se Euclides não tivesse encontrado aquela prova, alguém mais quase que certamente teria feito. [...] Assim, o elemento criativo na Matemática não é o mesmo da criatividade envolvida, digamos, numa peça teatral. Se Shakespeare não tivesse vivido, ninguém



mais teria escrito “Hamlet”. [...] Se a Matemática é um processo de descoberta, é uma descoberta de um tipo muito esquisito. Ela descobre fatos sobre um mundo abstrato que é inteiramente a criação (!) da mente humana – um mundo abstrato que certamente não existia, com toda certeza, há 5.000 anos, e do qual grande parte tem apenas umas poucas centenas de anos (algumas áreas têm menos do que isso).

Aqui nós temos um outro enigma. Se a Matemática é uma criação da mente, de quem é a mente de quem a cria (ou criou)? Presumivelmente, cada um de nós cria o seu próprio mundo matemático dentro da cabeça. A resposta é que só há um único mundo matemático. Embora a criatividade consciente – exigida para se formular um novo conceito ou uma nova prova matemática – ocorra em uma única mente, a estrutura do mundo matemático propriamente dita é determinada pela estrutura geral do cérebro humano, e, portanto, é a mesma para todos os cérebros. O mundo matemático é um produto do modo pelo qual a mente humana faz face ao mundo físico. Assim, a Matemática é determinada tanto pelo mundo em torno de nós quanto pela estrutura de nosso cérebro.

– Sei que todos estão acompanhando o desenvolvimento do meu raciocínio, pois estou tentando relacionar a história da criação da Matemática com a existente antes e depois da ocorrência do fenômeno Big-Bang. Para elucidar essas questões colocadas pelo Doutor Devlin, não me resta outra alternativa senão fazer um retorno “ao começo de tudo” e ao que a ciência anuncia como fatalmente ter acontecido. Isso faz-nos voltar a ele na busca de mais subsídios; como a afirmação a seguir:

Aqui nós temos um outro enigma. Se a Matemática é uma criação da mente, de quem é a mente de quem a cria (ou criou)? Presumivelmente, cada um de nós cria o seu próprio mundo matemático dentro da cabeça. Como poderemos, então, estar certos de que a Matemática criada na minha mente é a mesma que a criada na sua? Há muitas mentes diferentes? (DEVLIN, Keith, pag. 164)

– Acrescente-se que o “único mundo matemático” não é estático com relação ao seu conteúdo. Infere-se então que, à época do “Big-Bang”, seu conteúdo restringia-se a tudo que, matematicamente, pudesse explicar as leis e os conceitos daquele momento. Com o passar do tempo, as



transformações vieram a ocorrer, necessariamente, nos “universos e suas respectivas galáxias”. Evidentemente, adotando e assumindo esse raciocínio, novas leis e conceitos foram – devido a outras necessidades da própria Matemática – criados, juntando-se aos já existentes. Desse modo, o “único mundo matemático” está em constante evolução, tudo depende de ocorrências idênticas nos “universos e galáxias”.

– Como podemos observar, esse assunto, o seu estudo, não pode – e não devemos ter tal pretensão – ser esgotado com mais esta reunião. As questões levantadas no excerto justificam as seguintes afirmações:

- A que conclusões podemos chegar sobre as afirmações atribuídas a Euclides e Shakespeare?
- Sobre as provas encontradas por Euclides para mostrar a infinidade dos números primos e a afirmação de que existe uma distinção entre “o elemento criativo na Matemática e a criatividade envolvida na criação de uma peça de teatro”, nos presenteia com uma belíssima e científica conclusão sobre a Matemática: “ela descobre fatos sobre um mundo abstrato que é inteiramente a criação (!) da mente humana – um mundo abstrato que certamente não existia há 5.000 anos, e do qual grande parte tem apenas algumas centenas de anos” (outras áreas da ciência tecnológica têm menos do que isso).
- Mas o que foi exatamente o Big Bang? Pesquisando sobre o que afirmam alguns estudiosos especializados em cosmologia – dentre eles, e, talvez, o mais importante, Carl Sagan –, foi a grande explosão, ou seja, a teoria que procura explicar o surgimento e desenvolvimento do Universo. Mas o que existia à sua época? Vamos aventurar-nos afirmando que, no início de tudo, moléculas de gases especiais agregaram-se densamente, e, entre elas, estabeleceu-se uma altíssima e indefinível temperatura.
- Devemos registrar que, se essa agregação entre densidade máxima e a supertemperatura não fosse submetida às forças nucleares dos átomos, o *Big Bang* não teria ocorrido das forças eletromagnéticas e da gravidade estabelecida. Isso nos conduz a uma suposição – um fato – lógica: o “Nada”, a “inexistência de matéria” prescinde de justificativa, e, como tal, não pode



ser considerada. Tal inferência equivale a afirmar que a “grande explosão”, foi um acontecimento, além de incontestável, também lógico. Por quê? A infinitésima quantidade de matéria – gases – agregada com densidade mínima era o que existia no início de tudo. Não sabemos o seu volume, tamanho, e se admitirmos que, à época, já existia a gravidade, a lógica permite-nos deduzir que podemos considerá-la como de forma esférica. Ou seja, tínhamos uma esfera tão pequena quanto à densidade permitiu.

- Mas o que causou a “grande explosão”? Mais uma vez temos que admitir as suposições cosmológicas. Os “gases agregados formaram uma massa molecular” que ficou submetida às seguintes influências da energia gerada em seu interior:
 - **Forças nucleares:** agiam – e continuam agindo – dentro do átomo, chamadas por alguns cientistas de força forte e força fraca; as primeiras foram constituídas de prótons e neutros, e as segundas por pósitrons e neutrinos.
 - **Forças eletromagnéticas:** são produzidas, supõem os físicos, a partir da influência de um elétron sobre outro elétron.
 - **Força da gravidade:** já existia no interior da “massa molecular”, agindo sobre ela.

– Essa era a situação antes – ou no momento – da deflagração do “*Big Bang*”. Isto posto, é lícito inquirir: que relação podemos fazer entre a “massa molecular que existia na oportunidade da grande explosão” e a criação da vida – no futuro, no planeta Terra, ou em outras galáxias e algum exoplaneta?

A criação da vida, eis a questão. O Doutor Teilhard de Chardin, em seu livro *O fenômeno humano* (p. 16), apresenta o que ele chama de “túnel do tempo espaço”, que nos faz viajar numa caminhada encantadora, destacando, no tempo geológico, eras, períodos e épocas a partir da pré-vida até o aparecimento do homem – a primeira forma hominídea. Veja, a seguir, um quadro resumindo os aspectos que julgamos mais importantes.

ERA	PERÍODO	ÉPOCA	DURAÇÃO (milhões de anos)
Proterozoica			8.000
Paleozoica (Primário)			1.940
Mesozoica (ou Secundário)			1.155
Cenozoica (ou terciária)	Terciário e Quaternário		207.006

– As conclusões do Doutor Teilhard esclarecem o que consideramos o mais importante na Era Cenozoica. Portanto, não nos deteremos aos fatos, suas eras e períodos, supostamente, verificados desde a extinção dos répteis gigantes em diante, com o notável desenvolvimento dos vertebrados; o aparecimento de símios antropomorfos, etc.

Período Terciário – intensa atividade do núcleo central, frequentes mudanças da crosta terrestre e extinção completa dos grandes sáurios. Répteis, peixes e aves assumem um aspecto semelhante ao atual, e os mamíferos, sobretudo os ruminantes, adquirem grande porte; no final, os primeiros símios antropomorfos. Inclui:

- *Paleoceno: expansão dos mamíferos modernos e dos primeiros primatas.*
- *Eoceno: separação da América do Sul da África; prossegue a expansão dos mamíferos.*
- *Oligoceno: aparecimento de mamíferos de pastagem e expansão das pastagens; primeiros antropoides.*
- *Mioceno: primeiros hominídeos, climas mais frios.*
- *Plioceno: hominídeos antropoides.*

Período Quaternário – idades de gelo principais, alternando com períodos interglaciais mais quentes. Clima, fauna e flora semelhantes aos de hoje; surge o homem. Inclui:



- **Plistoceno:** glaciações, dilúvios e períodos interglaciários; ao final, o homem com suas características atuais.
- **Holoceno:** restrição das geleiras às regiões polares, desenvolvimento e expansão da civilização humana.

– E o que aconteceu depois do *Big Bang* ou da “grande explosão”? Mostraremos como os especialistas da cosmologia conjecturaram sobre a questão que levantamos. De acordo com as suas ilações, aquilo que existia inerte passou a se expandir no período de 13,3 a 13,9 bilhões de anos atrás – data provável do evento universal. Para discorrermos mais sobre a expansão, carecemos de mais tempo de pesquisa e estudos. Desse modo, sugiro que neste fim de semana prossigamos até onde for possível, sem que tal comprometa o entendimento do que já foi exposto. Dois fenômenos chamam-nos a atenção. Após cerca de aproximadamente 10 bilhões de anos, ou seja, há cerca de 4 bilhões de anos, por conta da força gravitacional, o sistema solar que abriga o planeta Terra foi formado – juntamente, ou imediatamente à formação da Via Láctea, a nossa galáxia. O aparecimento do homem aconteceu no plistoceno, e a expansão da civilização foi iniciada no holoceno, ambos no período quaternário, com a duração de 0,006 milhões de anos ou 12.000 anos. Vamos resumir e comparar o que acabamos de explicitar:

- **Ocorrência do Big Bang** – há aproximadamente 14 bilhões de anos (14×10 elevado à nona potência).
- **Formação do Planeta Terra e da Via Láctea** – há aproximadamente 4 bilhões de anos (4×10 elevado à nona potência).
- **Aparecimento do Homem** – há aproximadamente 12.000 anos.

– Temos consciência de que, quando tratamos de fenômenos universais, antes de tudo, devemos acostumar-nos com medidas de tempo, espaço, distância, etc. astronômicas. Essa advertência é cabível tanto para as conclusões acima como para as informações que daremos a seguir. A Agência Espacial Norte-Americana (NASA) captou informações de sua sonda espacial KEPLER, dando conta da descoberta de 715 planetas adicionais, localizados além do nosso conhecido sistema solar; orbitando 305 outros sóis (estrelas). O Doutor Jean Schneider, da Agência, informou que, por suas estimativas, até 27 de março de 2014 já teríamos



descoberto 1.779 exoplanetas pertencentes a outros sistemas de planetas que têm a mesma natureza que o nosso.

– Muitos dos cientistas que se entregam ao estudo desse assunto não admitem que somente para o planeta Terra foram disponibilizadas as condições necessárias que permitiram o desenvolvimento da vida. Os 1.779 exoplanetas com existência confirmada pela sonda Kepler da NASA não teriam, também, probabilidades idênticas ou satisfatórias para que tal fenômeno lá ocorresse? A resposta é sim; ou seja, nós não estamos sozinhos no universo!

– Após refletir sobre todas as informações fruto de nossas pesquisas, somos impelidos e ousar fazer as ilações a seguir:

- A existência de outros universos é um fenômeno que antecede o *Big Bang*; a vida, ou as condições para a sua existência, já era um fato.
- Com a grande explosão, as condições para a existência da vida no planeta Terra, e em outros exoplanetas, foram criadas conforme nós as conhecemos atualmente.
- Existem outras formas de vida não antropomórficas à do homem, em outros universos ou em outros exoplanetas, pertencentes à nossa galáxia ou exteriores a ela.

– Encerro, neste período da manhã, a minha explanação e reitero o que já havia chamado a atenção: é nosso desejo continuar investigando temáticas similares às que hoje lhes trouxe, daí a sugestão da alteração do nome de nossa Associação. Entrego, então, o comando dos trabalhos ao meu amigo Luis.

– Eu tenho certeza de que todos nós estamos embevecidos com a sua grandiloqua exposição. No entanto, para dar sequência e avaliá-la, nada melhor do que ouvirmos o posicionamento de um “Doutor das letras” e experimentado causídico. É com prazer que chamo o Doutor Francisco Etevaldo para dar continuidade a este encontro, acrescentando subsídios de seus extensos conhecimentos, valiosos, tenho certeza, para a nossa cultura geral.

– Logo eu, Professor Luis. Não esperem muito de mim, porquanto, sobre as temáticas abordadas pelo Professor João Paulo. O que sei acerca delas se resume ao conhecimento de qualquer modesto buscador de fatos



imbricados à ciência. Embora tenha bastante interesse em me inteirar e entender melhor as três últimas deduções do Professor João Paulo, não desejo, imediatamente, discorrer sobre a primeira delas. Nada me encoraja, não disponho de nenhum subsídio que, para mim, justifique a existência de outros universos e que isso tenha sido um fenômeno que antecede o *Big Bang*; a vida, ou as condições para a sua existência, já era um fato – confirmar essa expressão até me assusta.

– Atrevo-me, no entanto, a refletir sobre a possibilidade de serem verdadeiras a segunda e terceira dedução. É possível que, com a grande explosão, as condições para a existência da vida no planeta Terra, e em outros exoplanetas, tenham sido criadas conforme nós as conhecemos atualmente. Mas cabe-nos inquirir sobre as formas de vida – antropomórficas à nossa? – que nos depararíamos se pudéssemos, ou conseguíssemos, deslocar-nos para onde, supostamente, ela existe.

Atualmente, é bastante fértil a imaginação dos cientistas e especialistas que estudam a existência e os contatos com seres alienígenas. Eles veiculam desenhos caricatos de seres bastante magros, compridos, cabeças no formato triangular, olhos esbugalhados, proeminentes e grandes, além de se mostrarem com inteligências extraordinárias. Mas não existe nenhuma informação ou fotografia que confirme a presença deles entre nós para embasar argumentos lógicos de que nos visitam. Assim, corroboro a afirmação do Professor Luis de que são reais as probabilidades da ocorrência da vida em outras galáxias e exoplanetas. Nós não estamos sozinhos no universo!

– Para finalizar esta minha participação, enfatizo que, após ouvir as palavras do Professor João Paulo, gostaria de concordar com ele sobre a nomeação da associação (ACBA), que será criada no sítio, com a inclusão da palavra “científica”. Neste instante, coloco-me à disposição de todos para trabalhar para a associação, seja como membro de sua diretoria, ou como um mero e modesto estudioso das questões científicas similares às trazidas aqui, hoje, para troca de ideias e reflexão.

– Agradeço-lhe, e estou certo de que os demais também o fazem, por sua modéstia e ausência de vaidade ao disponibilizar seus préstimos e unir-se a nós no êxito da criação de uma sociedade ou associação científica que também cuidará dos benefícios dos animais, precipuamente, os do



nosso sítio. Seria proveitoso que a sua agenda permitisse o adiamento dos compromissos marcados para o dia de amanhã, domingo. Nesse caso, convido-lhe a albergar-se conosco, fazendo companhia ao meu amigo João Paulo. Afirmo-lhe que, até agora, ele não tem reclamado do aconchego de nossa hospedagem; principalmente, do tempero da nossa cozinha De Jesus e das iguarias que costuma preparar.

– Muito obrigado pelo convite, Professor! Por enquanto, confirmo que será um prazer almoçar com vocês, assim como albergar-me na aprazível companhia do Professor João Paulo. Ao encerrarmos os trabalhos desta manhã, telefonarei para minha casa e verificarei se é possível cancelar e adiar alguns compromissos já agendados; então poderei confirmar uma resposta.

– Ótimo, Doutor Etevaldo. Agora tenho mais uma intervenção que, certamente, para o senhor causará surpresa. O nosso assistente, o Semeador, o urubu-rei, solicitou usar a franquia da palavra, e serei o seu interlocutor.

Notou-se que o Doutor Etevaldo ficou espantado, como se um raio o tivesse atingido. Conteve-se, e, preliminarmente, não esboçou nenhuma reação. Esse estado de torpor pouco demorou; ele foi tomado de pura incredulidade difícil de esconder, levantando-se para depois sentar-se, balançando incessantemente as pernas. O Professor Luis ignorou o seu estado de ânimo, chamando o Semeador para a sua exposição.

– Numa outra oportunidade eu lhes falei que sou visitado de vez em quando, mais precisamente, de um a três meses, por um antigo conhecido de minha comunidade de origem. Estou referindo-me a este fato porque o conhecimento de que disponho atualmente se deve aos estudos obsessivos que desenvolvi ao longo do tempo e a ele, quando morávamos perto e por horas a fio refletíamos trocando ideias científicas de nosso interesse comum. O que mais me intriga é que, entre discussões e reflexões, não vem à minha lembrança qualquer tema referente à origem de nossa espécie. Por que e para que nascemos? Qual a finalidade da vida de um urubu-rei? São questões que não recorro a terem permeado os assuntos que nos interessavam.

– Neste instante, alio-me ao Doutor Etevaldo, confessando-me empobrecido de conhecimentos, sem quaisquer subsídios, para opinar sobre o que houve, ou havia, antes do Big Bang. No entanto, foi possível memorizar alguns dados fornecidos pelo Professor João Paulo, os quais envolvem o



pós-Big Bang; reportar-me-ei a eles na tentativa de encaminhar respostas às questões formuladas anteriormente, consentâneas com o meu desiderato.

– À época da grande explosão, o que existia era uma massa molecular proveniente dos gases que se localizavam no “espaço-tempo”, e ela aconteceu – o *Big Bang* – porque foi submetida às forças nucleares e da gravidade. Pelo relato, podemos depreender que esse estado perdurou por um tempo de aproximadamente 10 bilhões de anos. Estávamos na Era Protozoica, que compreende desde a formação e solidificação da crosta terrestre até o aparecimento dos primeiros sinais de vida, nos períodos arqueozoico e proterozoico. na Era Paleozoica, que durou 1.940 milhões de anos, apareceram as primeiras plantas com sementes, os peixes ósseos, os primeiros anfíbios e os primeiros insetos. A Era Mezozoica, que durou 1.225 milhão de anos, deu-se o surgimento dos primeiros répteis, dinossauros, mamíferos e aves. Conclui-se, então, que os ancestrais genéticos das aves são contemporâneos dos dinossauros.

– As questões colocadas inicialmente, para mim, sofrem uma interrupção por falta de argumentos mais convincentes, isso porque é possível raciocinar como segue: “A evolução do homem deu origem a um processo contínuo de transformação com o objetivo único de aperfeiçoá-lo – macacos, chimpanzés, hominídeos, *homo habilis*, *homo erectus* [...], *de neanderthal* e *homo sapiens*. Por que processo idêntico não se estendeu às demais espécies? Será que o destino, ou o objetivo da vida de um urubu, de um cachorro, etc. será o mesmo para a eternidade?”

– Para não me estender muito e tratar das consequências dessas inquirições, prefiro deixá-las, dado ao exíguo tempo disponível neste período da manhã, e devolver a palavra ao Professor Luis, que indicará o próximo palestrante.

O Doutor Etevaldo estava calmo, entretanto, bastante pensativo; será que estava tentado se manifestar naquele instante?

– Senhores – começou o Professor Luis. – Estou apressando-me em trazer-lhes logo o tema que pretendia fazê-lo, somente, na tarde de amanhã, porque ele se encaixa nas questões colocadas pelo meu amigo João Paulo, e aquelas levantadas pelo nosso assistente, o Semeador. Lembrem-se de que é a primeira vez que trazemos à reflexão e ao debate o assunto “*A Existência de Deus, a Ciência e as Religiões*”. E, com a permissão de todos, pretendo iniciá-lo.



DO GATO AO ÁTOMO

O problema é que, para as regras quânticas, nenhuma das duas possibilidades poderia ser excluída. Enquanto a caixa estivesse fechada e ninguém olhasse lá dentro, o gato permaneceria num estado indefinido, morto e vivo a um só tempo. Foi uma situação igual a essa que os físicos americanos David Wineland e Chris Monroe criaram agora no laboratório. Não é a mesma coisa, claro, pois eles observaram um simples átomo balançando de um lado para outro numa gaiola magnética. Mas a situação é análoga, já que, à certa altura do vaivém, a possibilidade de o átomo estar de um lado ou de outro da gaiola era a mesma.

– O que tentamos, com o conteúdo do excerto, foi mostrar que podemos associar o fenômeno da onipresença ou ubiquidade, característica daquele que está, ao mesmo tempo, em todo lugar, ou em todas as partes, às leis da Mecânica Quântica. Ora, ao longo de nossa vida temos acreditado, qualquer que seja a nossa religião, ou mesmo que não tenhamos nenhuma, que o caráter da ubiquidade estar em toda parte, é uma prerrogativa apenas de Deus.

– Como o nosso tempo finalizou, vamos concluir admitindo que, antes e depois do *Big Bang*, Deus, em sua inegável onisciência, permitida somente a Ele, àquele de sabedoria suprema, o que tudo sabe, já existia, e, assim, criou todas as coisas; extensivamente, criou a Mecânica Quântica. Eu fiz um pequeno resumo dos assuntos de que tratei, e na hora apropriada o distribuirei. Acredito que todos os presentes memorizaram a narrativa, o que favorecerá a continuidade da discussão. Vamos agora almoçar, e aproveitaremos o tempo disponível para definir a pauta para o expediente da tarde e de amanhã, domingo.

Ao descerem, o Professor Luis foi informado de que os peixes assados já haviam sido entregues por Dona Antônia. Somente lhe restava, junto com seus convidados e sua família, sentar-se à mesa. Os animais seguiram para o canil, onde De Jesus já providenciara, adequadamente, suas refeições.

– Antes de iniciarmos o nosso repasto, devo avisar-lhes que o peixe foi preparado sem sal, em consequência do regime imposto pelo médico



a mim, ao meu pai e à minha mãe – que, além de ginástica e caminhadas, inclui a minimização de sódio e a ausência total de álcool. Mas, sobre a mesa, existem gengibre em pó, saquinhos com outros temperos e limões, que, de acordo com o paladar de cada um, certamente acentuarão o sabor de nossa iguaria. Também está à disposição de vocês um vinho que comumente usamos em quantidades homeopáticas.

A cozinheira Teresa de Jesus, com uma auxiliar, serviu então a mesa. Dois belíssimos e bem assados peixes, ambos de tamanho médio, acompanhados dos pratos auxiliares chamaram a atenção dos convivas; além disso, foram também servidas frutas produzidas no próprio sítio – como manga, mamão, banana, etc. Num depósito com gelo, o vinho foi acomodado, e copos específicos estavam à disposição. O almoço transcorreu numa alegria contagiante, e o palavrório ameno foi a tônica da conversa, onde se incluiu o apetite desperto pelo gostoso peixe, as notícias internacionais e a política brasileira. Pouco antes das catorze horas, o almoço foi dado como finalizado e todos se deslocaram para o terraço, a fim de discutirem a reformulação do restante da pauta da reunião. Neste ínterim, o Doutor Etevaldo apressou-se em ligar para a sua residência e tentar verificar a possibilidade de adiar os seus compromissos do domingo; conversou com a sua mulher sobre o assunto, e a resposta foi satisfatória.

– Bem, senhores, já decidiram alguma coisa? Porque, de minha parte, estou liberado para sair daqui somente às dezesseis horas de domingo. Nesse caso, serei hóspede e companheiro de quarto do Professor João Paulo.

– Estávamos à sua espera para tomarmos uma decisão – disse o Professor Luis. Eu já lhes expliquei – continuou –, o regime recomendado pelo cardiologista impõe que nos submetamos a caminhadas diárias. Pretendo iniciar hoje esse tipo de exercício – os meus pais já estão de sobreaviso para estarem disponíveis no horário das 16h30 às 17h30. Vocês dois poderiam fazer-nos companhia, pois garanto-lhes que, além de um belo passeio, praticaremos um exercício necessário e importante para o bem-estar de cada um de nós – que estamos perto de passarmos dos cinquenta anos. Não se preocupem com meus pais, porquanto a De Jesus nos seguirá e dará a eles a assistência que, por acaso, precisarem.

– Essa sua proposta somente pode ter ocorrido por transmissão de pensamento, eis que eu já havia conversado com o Etevaldo para lhe



fazermos uma idêntica; só não havíamos acertado o horário – rematou o Professor João Paulo. – Desse modo, só dependemos da boa vontade e disposição dele.

Foi então acertada a caminhada/passeio, após identificado o olhar de aprovação emitido pelo advogado. O Professor Luis retornou ao assunto “*reformulação da agenda*”, porque apenas lhes restavam quinze minutos para o início do período da tarde da reunião.

– Luis, no decorrer de sua exposição e após terminá-la, eu refleti sobre a descontinuidade do complexo assunto que você explicitou. Tratado com rara objetividade, o seu relato não pode ser postergado, seja para amanhã, seja para a próxima reunião, principalmente, porque você dividiu a temática em duas partes e o tempo não foi suficiente sequer para completar a primeira e dar uma pequena introdução sobre a parte final, talvez a mais importante e/ou de fácil compreensão.

– Em parte, João Paulo, você está coberto de razão. Entretanto, não é meu propósito concentrar as discussões do encontro, quase que exclusivamente, ao tema “*A Existência de Deus, a Ciência e as Religiões*”. Como eu já fiz referência, é desaconselhável – não é mesmo possível – tentar esgotá-lo em dois ou três encontros. Deveremos, reiterativamente, retornar a ele na medida em que julgarmos necessário. Por enquanto, hoje à tarde, convém nos atermos à finalização do que iniciamos, de 14 às 14h30 e, até as 15h, mais 30 minutos, dedicaríamos à introdução da parte final. O período de tempo do intervalo das 15h15min até as 16h45min seria ocupado por vocês; se desejarem, poderemos inverter a pauta e iniciarmos na parte da tarde, logo com as suas participações.

– Acredito, a não ser que João Paulo não seja favorável, que é muito interessante a inversão da pauta. Isso dará mais tempo para a reflexão em torno da complexa temática sobre a qual você discorre, também porque a nossa participação desanuviará os ânimos, em virtude de que trataremos de assuntos de interesse comum dos presentes.



O SIGNIFICADO DA MORTE: A PASSAGEM PARA UMA NOVA EXISTÊNCIA?

– Ultimamente, temos investigado mais intensamente sobre esse assunto. A primeira inferência sobre essa temática, com as precauções que se impõem – mas que tomou conta de nosso ser –, é a de que, por trata-se de uma questão de multivariadas possibilidades e ser também estudada por especialistas de áreas diversificadas, incluem-se, podemos afirmar, quase ou todas as religiões.

– Os registros de livros tradicionais, não sectários, mas de caráter religioso, remetem-nos que, após a criação das espécies no planeta Terra, todas elas têm três características comuns: nascem, vivem e morrem. A evolução, que é uma lei universal em todos os universos criados, cuidou para que, ao longo de bilhões de anos, nos acostumássemos a conviver com as espécies que vivem no ar, as que vivem na água e as que vivem na terra; todas estarão sempre submetidas, indiscriminadamente, a essas três fases comuns.

O NASCER

De um modo geral, dizemos que é necessário que haja a fertilização de algo/alguém por algo/alguém. Algumas regras foram estabelecidas a fim de que o processo fosse exitoso até a era em que vivemos. Na medida em que a evolução alterava a estrutura física da espécie, de fato e concomitantemente ocorria a elaboração de novos mecanismos e métodos de reprodução. O que tem se mantido inalterado, portanto, não é o modo de operacionalização do processo de fertilização, mas o “com” *versus* “com quem”. Desse modo, indivíduos de uma espécie relacionam-se amorosamente com outros de sua própria espécie, objetivando sempre a reprodução. Assim, patos, gansos e galos vivem e reproduzem-se com patas, gansas e galinhas, homens com mulheres, e assim por diante. Sem maiores detalhamentos, esse é o nascer.

O VIVER

– O que pode o viver vir a ser? Um passar contínuo de noites e dias? Será que viver é movimentar-se? Se assim fosse, poderíamos imaginar a



nossa “vivência” assemelhando-a às cenas de um filme. Para que exista movimento, é necessário que cada cena, por um período adequado de tempo, repita-se ininterruptamente. Isso é o mesmo que acontece no cotidiano de nossa vida. Vivemos a cada dia, hora, minuto e segundo – noites e dias. O que já é passado, o que foi vivido, é o ontem; e o que ainda vai ser vivido e não aconteceu ainda é o futuro. Nós sabemos o que ocorreu no ontem, mas teimamos em ignorar o futuro como resultante dos investimentos efetuados ao acaso, ou, deliberadamente, no presente. Somos parcimoniosos nas solicitações aos deuses – ao próprio Deus onisciente e onipotente – anjos, arcanjos e santos. Pedimos-lhes que nos amparem e nos proporcionem uma vida de felicidade, misericórdia, paz e compaixão. Ou seja, que todas essas virtudes estejam, a todo instante, fazendo parte do nosso cotidiano. Entretanto, é notório que esquecemos dos investimentos necessários que deveríamos fazer no decorrer da existência, com aqueles objetivos.

A MORTE

– Começamos com algo palatável e que já foi e sempre deverá ser objeto de nossos estudos, quando buscamos as preciosas informações contidas nas bibliografias e outros meios consultados nos livros que constituem a Bíblia: o Gênesis, o Velho/Novo Testamento e algumas passagens bíblicas dos demais.

– Para todos nós, não é nenhuma novidade que, após o *Big Bang*, alguns bilhões de anos decorreram para que o nosso planeta Terra se formasse e criasse condições de habitabilidade. Então “formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida e o homem tornou-se alma vivente” (Gênesis 2:7 Br). É necessário aqui abstrair-se o nome do autor da versão escrita desse versículo e a época de sua elaboração. No entanto, não podemos descartar a possibilidade de que toda a obra da criação fazia parte do plano da suprema e sublime essência da energia cósmica, Deus, no advento dos universos quando da ocorrência de seus respectivos *Big Bangs*.

– No momento apropriado para que o homem aparecesse e se tornasse um dos habitantes da Terra, “Deus soprou nas suas narinas” o fôlego para torná-lo corpo, alma e espírito. Assim, não é crível imaginar o corpo sem alma e sem espírito. Mas existem outros conceitos que completam



“aquilo em foi transformado pelo pó da terra”, o corpo físico. O espírito seria o fôlego vindo de Deus que nos proporciona a vida, e a possibilidade de que seja vivida. A alma é o corpo que se junta ao espírito, portanto, o ser encarnado.

– Isto posto, a partir da criação do homem, o ser que emerge tem como objetivo cumprir uma caminhada infinita e eterna; para isso, necessita de um corpo, de um espírito e de uma alma. A espécie *homo* completa-se, então, de acordo com o “plano de Deus” ao adquirir, por força da evolução espiritual, o período de sua preparação para a morte.

– Então, se acreditarmos que “no plano de Deus” nós fomos criados com uma finalidade determinada a priori, como seria essa nova vida após a morte? Em que local ela aconteceria? A vida pregressa seria lembrada e influenciaria numa existência futura? Se raciocinarmos na perspectiva do “sim”, nesse caso, Deus disporia de infinitas “almas”, todas elas em níveis diferenciados de evolução espiritual. E Ele teria que lidar – e O tem feito até aos dias atuais – com todas elas, no estágio em que estão, em busca da vida eterna. Registre-se uma questão que imediatamente se impõe: essas almas eternas, evidentemente não incorporadas, permaneceriam aonde? Vagando de forma etérea ou em um local específico de “prestação de contas” e de “aprendizagem espiritual”? Isso é, e continuará sendo, um mistério. No entanto, nada nos impede em ousarmos uma vez mais, voltando a especular. Assim, como o homem usou de sua inteligência para criar os computadores, e, junto a eles, algumas redes de armazenamento de informações – *Google, Internet Explorer, Facebook, etc.* –, como então não admitir que “a onisciente e onipotente sublime essência da energia cósmica, Deus”, Ele Próprio, não poderia ser a fonte – a Sua rede – para acioná-la quando a oportunidade se Lhe apresentasse? O insofismável é que Deus é onisciente, onipotente e, portanto, tem acesso a tudo e a todos. Daí a óbvia conclusão: Deus é a sua própria rede de informações, ele tem acesso imediato a tudo que ocorre e por Ele criado. Nada lhe passa despercebido.

– Bem, agora podemos formular uma conclusão que é fundamentada em nossos raciocínios lógicos, dedutivos e indutivos: o propósito de Deus para o significado da vida é a passagem para uma nova existência. Deus é a sua própria rede de informações, Ele tem acesso imediato a tudo que ocorre e ao que foi por Ele criado. O que vai acontecer a cada um de nós, após a morte, está guardado em Deus, em sua rede de informações, que é Ele próprio.



– Os pressupostos de que nos munimos permite-nos, agora, buscar o nosso objetivo; ter uma resposta lógica para a proposta que intitula este texto, podendo ser formulada e resumida como: “o propósito de Deus para o significado da vida é a passagem para uma nova existência?”. É nosso objetivo que todos acompanhem o raciocínio que desenvolveremos. Para tanto, precisamos estar juntos naquilo que será motivo de reflexão e entendimento, porque é muito importante a assunção de posicionamentos corajosos e audaciosos, embora cautelosos; enfim, equilibrados. Para dar curso ao raciocínio que compartilharemos, será necessário fundamentá-lo em alguns argumentos.

1º Argumento – quando da criação do homem, “a sublime essência da energia cósmica”, Deus, o fez com “corpo, espírito e alma”. A partir de então, ele passou a ter como discernir os rumos de sua vida, auscultando os propósitos do “Plano de Deus”. Portanto, o homem tinha uma destinação logo na aurora de sua vida.

2º Argumento – à disposição de Deus existe um número infinito de “almas” que Ele utilizará para incorporar nos nascituros seres encarnados, em uma galáxia de qualquer Universo criado – assim como o planeta Terra, “uma morada de Deus”.

3º Argumento – quando qualquer ser falece, o corpo “volta ao pó”, apodrece, o espírito esvai-se, desaparecendo junto com o corpo, e somente a alma prossegue em sua caminhada eterna em busca do limite da perfeição permitida por Deus.

– Veremos agora se os três argumentos apresentados reúnem as condições suficientes e necessárias para responder à questão: “O propósito de Deus para o significado da vida é a passagem para uma nova existência?”. Mas essa é uma inquirição que, em nossa interpretação, não admite evasivas. Devemos refletir com coragem para responder afirmativa ou negativamente. Ou seja, é sim ou não. No entanto, ao optarmos por quaisquer dessas vertentes e antes de utilizarmos dos argumentos, é necessário que possamos justificar a escolha efetuada. Por exemplo, se a resposta for sim, como seria essa nova existência? E em que local ela ocorreria? No próprio planeta Terra, em outra “morada de Deus” ou num exoplaneta – que também é uma morada dEle?



– É importante, antes de encerrarmos nossa participação, comentarmos sobre alguns humanos que viveram em torno da época de *Cristo*; aqueles que se dedicaram ao amor, à paz, à misericórdia e à compaixão, e aqueles outros que se entregaram, durante toda a vida, à crueldade e ao ódio. Falaremos de Buda, Confúcio, Jesus, Alexandre – filho de Filipe, rei da Macedônia – César – o primeiro rei divino de Roma – e Nero – o imperador assassino da própria mãe. Apesar de as palavras de Buda, Confúcio e Jesus pregarem o comedimento e a compaixão, no mundo dessa época reinava a violência, onde a disputa pelo poder era o objeto.

BUDA: ASPECTOS SUCINTOS DE SUA VIDA

A comunicação da Índia na antiguidade foi dificultada por sua formação física. Desde a Era Glacial, os habitantes indianos eram selvagens, de pequena estatura e pele típica assemelhada à do cafuzo – miscigenação de preto e índio. A feracidade da espécie que se organizava em tribos deixou a Índia isolada por cerca de aproximadamente cem séculos, ou dez mil anos. Ficaram todo esse tempo entre o mar e, perpendicularmente, montanhas e desfiladeiros. Por questões de mútuo nomadismo, formou-se uma nova raça, uma mestiçagem entre hindus e europeus, ou indo-europeus, ou, ainda, os árias, ou finalmente os arianos. Aqui valem as palavras do escritor e historiador H. Thomas: “quando duas raças se encontram pela primeira vez, recorrem quase sempre à luta, como meio de travar conhecimento”. Essa nova raça invadiu a Índia e organizou-se em dezesseis reinos diferentes, vivendo com bastante tranquilidade no planalto, da caça e da agricultura. O pai de Buda era um abastado cidadão de um dos reinos, e Buda foi criado num ambiente luxuoso onde, a exemplo de seus pares, não tinha que trabalhar para viver. Além das atividades já enumeradas, o tempo que lhe sobrava se destinava a comer, beber, namorar, sonhar e, em consequência, ter uma vida alvissareira e muito alegre.

Cansado da vida de futilidades que vivia, Buda, aos dezessete anos, contraiu matrimônio com uma moça bastante linda e portadora de belos predicados, que também era sua aparentada. Passaram-se cerca de dez anos após as núpcias, sem que, para dar continuidade à sua geração, a natureza lhe presenteasse com filhos. Tudo levava a acreditar que, a partir dessa infrutífera espera – a cada doze meses a frustração exacer-



bava-se –, os momentos de reflexão filosófica de Buda amiudaram-se. Segundo Henry Thomas, ele incredulamente raciocinava, perguntando: “por quê?”, e respondia da seguinte forma:

É dádiva da vida, mesmo quando muito boa, como uma joia falsa que nos oferece um Deus mesquinho? Por que deve a existência mais feliz colher grandes falhas que frustram as nossas esperanças? Afinal, vale mesmo a pena viver? [...]. Os profetas judeus protestavam contra a ignorância do homem. Gautama foi um passo além. Ergueu sua voz contra a crueldade de Deus. Com o excesso de felicidade, Gautama começou então a procurar uma felicidade nova e maior através de seu desânimo. Resolveu viver como asceta errante. Foi então que ele soube que sua esposa tivera um filho. Havia mais outro laço a romper, mas estava decidido a isso, foi ao banquete dado pelo Rajá, seu pai, para celebrar o nascimento da criança, e depois, durante a noite, quando todos estavam adormecidos de cansaço, ele se levantou para abandonar furtivamente o palácio. Lançou um derradeiro olhar para a sua jovem esposa e seu filho que estava deitado, como um pequenino jarro de ouro repleto da essência de sua própria vida. Sentia o desejo ardente de beijá-los, porém conteve-se com receio de acordá-los. Retirou-se e ordenou a seu cocheiro que preparasse dois de seus cavalos mais velozes. Em seguida, ambos partiram protegidos pelo manto prateado da noite. Tinha de ir longe para romper os laços que o prendiam a seus amigos. Na fome, na sede e na meditação solitária, esperava encontrar a resposta ao enigma do destino humano. (THOMAS, Henry, p. 39-40).

– O nome oficial que Buda recebeu, ao nascer, foi Siddartha Sakya-Muni Gautama, e sua tradução quer dizer: “Gautama que pertence à tribo Sakya e que atingiu a meta da perfeição”. E como disse o historiador H. Thomas, “Nasceu no norte da Índia, à sombra do Himalaia, e, quando criança, com certeza, contemplou frequentemente aquela montanha [...]”. Foi assim que Buda cresceu e se tornou adulto⁸.

– Conta-se também (H. Thomas, p. 39) que, quando saiu pela primeira vez em visita aos arredores do seu vilarejo, testemunhou cenas

⁸ Ver *A história da raça humana*, página 38.



que, até àquele momento, eram inimagináveis para ele. Por exemplo, “um ancião alquebrado, cujo corpo estava apodrecendo antes da morte”, e, em seguida, ainda no caminho, presenciou “um cadáver insepulto, inchado, descolorado, coberto de trapos e de um enxame de moscas”. Então, e diante da afirmação do cocheiro, “a vida é também é assim”, Siddartha Sakya-Muni resolveu tomar a decisão que mudaria todo o seu modo de viver. Vejamos como se manifesta Henry Thomas (p. 39) sobre os acontecimentos depois da visita à vila:

No site da Wikipédia podemos registrar mais informações sobre a vida de *Siddartha Gautama*, as quais resumimos a seguir:

1. Parece que, em torno de quarenta e nove dias de meditação, aos trinta e cinco anos, Gautama alcançou a iluminação espiritual – segundo as tradições, isso pode ter ocorrido em doze ou quinze meses.
2. Por volta dos dezesseis anos, contraiu matrimônio com sua prima Pali Yasodhara, também com dezesseis anos.
3. Siddartha teve como educadora a irmã mais nova de sua mãe, chamada de Maha Pajapati.
4. Siddartha teve uma vida de príncipe e tinha três palácios que seu pai, Suddhodana, construiu para presentear-lo na expectativa de que se tornasse um príncipe.
5. Após a sua iluminação, Siddartha Gautama ficou conhecido junto a seus adeptos como Buddha, na linguagem páli, ou, comumente, Buda, com o significado de “desperto, iluminado, o que compreendeu o que sabe”, ou Shakyamuni Buda, ou “conhecer melhor o iluminado da tribo dos Shakya”, e, ainda, Sugato, que em língua portuguesa significa feliz⁹.

– Antes de finalizarmos nossas considerações sobre Buda e o budismo, achamos importante acrescentar algo mais recente. Trata-se dos estudos desenvolvidos pela Daissen-ji – Grupo de Estudos Zen de Goiás, acerca dos “Doze princípios básicos do Budismo”, dos quais selecionamos apenas sete, que, sumariamente, mostraremos a seguir. Aqueles que se interessarem em ver toda a publicação, terão à sua disposição o site que forneceremos a seguir.

⁹ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sidarta_Gautama>. Acesso em: 20 jun. 2017.



PRIMEIRO PRINCÍPIO – A auto salvação é uma tarefa urgente para qualquer homem. Se um homem jaz ferido por uma flecha envenenada, ele não atrasará a sua extração para pedir detalhes a respeito de quem a atirou ou do comprimento e fabricação da flecha. Haverá tempo para um entendimento crescente do ensinamento. Por enquanto, comecemos encarando a vida como ela é, aprendendo sempre pela experiência direta e pessoal.

TERCEIRO PRINCÍPIO – [...] Ninguém é nunca o dono da vida que flui em si, assim como a lâmpada elétrica não é dona da corrente que a faz brilhar.

QUARTO PRINCÍPIO – O Universo é a expressão da lei. Todo efeito tem uma causa e a alma, ou o caráter do homem é a soma total de seus pensamentos e ações anteriores. O carma, que significa ação e reação, governa toda a existência e o homem é o único criador de suas circunstâncias. Sua reação a elas cria uma condição futura e seu destino final. Através do pensamento e da ação corretos, ele pode gradualmente purificar a sua natureza interior, e, assim, através da autorrealização, atingir em tempo a libertação.

QUINTO PRINCÍPIO – [...] Do entendimento da unidade da vida brota a compaixão, um sentimento de identidade com a vida em outras formas. A compaixão é descrita como a “Lei das Leis – eterna harmonia”, e aquele que quebra essa harmonia sofrerá proporcionalmente a sua ação e retardará sua iluminação.

OITAVO PRINCÍPIO – A realidade é indescritível e um deus com atributos não é a realidade final. Mas o Buda, um ser humano, tornou-se o totalmente iluminado, e o propósito da vida é o atingido da iluminação. Esse estado de consciência, o Nirvana, a extinção das limitações do ego, é atingível na Terra. Todos os homens e todas as outras formas de vida contêm a potencialidade da iluminação, e o processo consiste, portanto, em tornar-se aquilo que você é: “olha para dentro: tu és Buda”.

DÉCIMO PRIMEIRO PRINCÍPIO – [...] Cada homem sofre as consequências dos seus próprios atos e com isso aprende, enquanto ajuda seu semelhante, a alcançar a mesma libertação. [...] Os monges budistas são mestres e exemplos, e de nenhuma maneira intermediários entre a realidade e o indivíduo. A máxima tolerância é praticada em relação a todas as religiões e filosofias, pois nenhum homem tem o direito de interferir na jornada de seu vizinho para a meta.



DÉCIMO SEGUNDO PRINCÍPIO – O Budismo não é nem pessimista “escapista”, nem nega a existência de Deus e da alma, embora ele empreste um significado especial a esses termos. Ele é, pelo contrário, um sistema de pensamento, uma religião, uma ciência espiritual e um caminho de vida que é razoável, prático e abrange todas as coisas. Por mais de dois milênios satisfaz ele as necessidades espirituais de cerca de um terço da humanidade, ele atrai o Ocidente porque não tem dogmas, satisfaz igualmente a razão e o coração, insiste na autoconfiança aliada à tolerância para com outros pontos de vista, abrange ciência, religião, filosofia, psicologia, ética e arte, e insiste no homem sozinho como único criador de sua vida presente e determinador de seu destino¹⁰.

– Quão sábias e verdadeiras são essas palavras! Se volvermos nossa atenção para o mundo atual, e não somente para o Egito, a Mesopotâmia e a Palestina, constataremos que se encaixam perfeitamente aos dias atuais, ou seja: “quando duas raças se encontram pela primeira vez, recorrem quase sempre à luta, como meio de travar conhecimento”, e, também, “os filhos dos homens parecem possuídos de uma loucura estranha”. Basta lançarmos um olhar sobre o conteúdo dessas expressões para aceitá-las. Lembremo-nos de que, por exemplo, a expressão “os filhos dos homens” não se refere aos filhos que viermos, propriamente gerar, mas “aos filhos da sociedade humana”, por quem somos responsáveis pelo seu comportamento sociocultural, por sua educação e por suas loucuras.

– O historiador Henry Thomas, em seu livro *A história da raça Humana* (p. 36), afirma o seguinte:

*A raça humana compõe-se de ramos difundidos de uma única família, uma família um tanto pequena, se levarmos em conta a insignificância de nosso planeta comparado com os outros corpos celestes. Além disso, é a única família **sui generis**, ao que nos consta, em todo o vasto universo. Parecer-nos-ia razoável, pois, esperar que os vários membros de nossa família humana fossem amigos uns dos outros. No entanto, quando duas raças se encontram pela primeira vez, recorrem*

¹⁰ Disponível em: <<http://zengoiias.blogspot.com.br/2008/07/os-doze-principios-basicos-do-budismo.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.



quase sempre à luta como meio de travar conhecimento. Os filhos dos homens parecem possuídos de uma loucura estranha. Encontramos essa loucura no Egito, na Mesopotâmia e na Palestina, onde observamos as tentativas de alguns dos profetas empenhados em curá-la. (THOMAS, Henry, pag. 36)

[...] Os profetas judeus protestavam contra a ignorância do homem. Gautama foi um passo além. Ergueu sua voz contra a crueldade de Deus. Com o excesso de felicidade, Gautama começou então a procurar uma felicidade nova e maior, através de seu desânimo. Resolveu viver como asceta errante.

1º Argumento – quando da criação do Homem, “a sublime essência da energia cósmica”, Deus o fez com “corpo, espírito e alma”. A partir de então, ele passou a ter como discernir os rumos de sua vida, auscultando os propósitos do “Plano de Deus”. Portanto, o homem tinha um propósito logo na aurora de sua vida.

2º Argumento – à disposição de Deus existe um número infinito de “almas” que Ele utilizará para incorporá-las nos nascituros seres encarnados, estejam em uma galáxia de qualquer universo criado, – assim como o planeta Terra, “uma morada de Deus”.

3º Argumento – quando qualquer ser falece, o corpo “volta ao pó”, apodrece, o espírito esvai-se, desaparecendo junto com o corpo, e somente a alma prossegue em sua caminhada eterna em busca do limite da perfeição permitida por Deus.

A comunicação da Índia, na antiguidade, foi dificultada por sua formação física. Desde a Era Glacial, os habitantes indianos eram selvagens, de pequena estatura e pele típica assemelhada à do cafuzo – miscigenação de preto e índio. A feracidade da espécie que se organizava em tribos deixou a Índia isolada por cerca de aproximadamente cem séculos, ou dez mil anos. Ficaram todo esse tempo entre o mar e, perpendicularmente, montanhas e desfiladeiros. Por questões de mútuo nomadismo, formou-se uma nova raça, uma mestiçagem entre hindus e europeus, ou indo-europeus, ou, ainda, os árias, ou finalmente os arianos. Aqui valem as palavras do escritor e historiador H. Thomas: “quando duas raças se encontram pela primeira vez, recorrem quase sempre à luta como meio



de travar conhecimento”. Essa nova raça invadiu a Índia e organizou-se em dezesseis reinos diferentes, vivendo com bastante tranquilidade no planalto, da caça e da agricultura. O pai de Buda era um abastado cidadão de um dos reinos, e Buda foi criado num ambiente luxuoso onde, a exemplo de seus pares, não tinha que trabalhar para viver. Além das atividades já enumeradas, o tempo que lhe sobrava se destinava a comer, beber, namorar, sonhar e, em consequência, ter uma vida alvissareira e muito alegre. H. Thomas complementa, a seguir, a vida dos chineses à época de Buda e sua família:

A raça humana compõe-se de ramos difundidos de uma única família, uma família um tanto pequena, se levamos em conta a insignificância de nosso planeta, comparado com os outros corpos celestes. Além disso, é a única família sui generis, ao que nos consta, em todo o vasto universo. Parecer-nos-ia razoável, pois, esperar que os vários membros de nossa família humana fossem amigos uns dos outros. No entanto, quando duas raças se encontram pela primeira vez, recorrem quase sempre à luta como meio de travar conhecimento. Os filhos dos homens parecem possuídos de uma loucura estranha. Encontramos essa loucura no Egito, na Mesopotâmia e na Palestina, onde observamos as tentativas de alguns dos profetas empenhados em curá-la. (THOMAS, Henry, A história da raça humana, p. 36)

Isto posto, comecemos com algo palatável e que já foi – e sempre deverá ser – objeto de nossos estudos quando buscamos as preciosas informações contidas nas bibliografias e outros meios consultados, nos livros que constituem a *Bíblia: o Gênesis, o Velho/Novo Testamento* e algumas passagens bíblicas dos demais.

Na fome, na sede e na meditação solitária, Buda esperava encontrar a resposta ao enigma do destino humano.



ACERCA DE LAO-TSÉ E CONFÚCIO

– Continuaremos a estudar, como é nosso propósito, alguns nomes importantes da história da humanidade em nosso planeta Terra. Da Índia, com o hinduísmo, aportaremos na China com o taoísmo. Neste caso, abreviaremos nossos comentários; o aprofundamento do assunto ficará por conta do interessado.

– É importante repetir que muitas informações que daremos carecem de mais fontes de pesquisa e não somente dos relatos de historiadores e tradições possivelmente acreditáveis. Os registros mostram-nos que a civilização chinesa remonta a vinte mil anos. Como ocorreu no resto do mundo, os habitantes chineses dessa época assemelhavam-se aos bichos predadores devido à sua feracidade. Moravam ao abrigo de cavernas e trabalhavam as peles dos animais abatidos; assim, produziam suas vestimentas e não andavam nus.

– Mas o tempo foi passando e, segundo H. Thomas, a evolução, incipientemente, os atingiu. Vejamos como:

[...] Os reis do país eram elogiados não por obterem vitórias, mas porque mantinham a paz. Seus súditos não gostavam de combater e tinham um respeito profundo pela dignidade da vida. Cultivavam o ‘bicho-da-seda’ e iniciaram a manufatura. Desenvolveram a singular arquitetura dos pagodes, que pareciam uma série de telhados íngremes em superposição. Estudavam medicina, escreviam poemas e familiarizaram-se com o movimento das estrelas. Organizavam, para educar e orientar as massas, uma elite de aristocratas ou mandarins. Era uma aristocracia de cultura e não de sangue. Qualquer pessoa, ainda que descendente de um varredor de rua, podia tornar-se mandarim, contanto que recebesse a educação necessária. Do mesmo modo, o filho de um mandarim podia ser um varredor de rua, se não possuísse inclinação para o estudo.

[...] Não imaginemos, contudo, que a China era, naquele tempo, uma utopia: os sábios que ajudavam a governar as províncias nem sempre eram honestos. Muitos deles achavam que a linha sinuosa da adulação era o caminho mais curto para conquistar o coração de um príncipe. Havia numerosas oportunidades de corrupção e os estadistas-filósofos frequentemente cediam à tentação. Mesmo um



filósofo gosta, de vez em quando, de ter os bolsos forrados de ouro. Se, por outro lado, os filósofos eram honestos, nem sempre os príncipes escutavam seus conselhos. Devemos, portanto, ter o cuidado de não atribuir uma perfeição excessiva aos primitivos chineses, como têm feito alguns historiadores.

[...] Felizmente pôde a China produzir nesse período um número de homens que tiveram inteligência e força moral para reconduzir sua nação ao bom senso.

Os mais importantes desses homens foram Lao-Tsé e Confúcio. (THOMAS, Henry, A história da raça humana, p. 47-48).

– Como já afirmamos, anteriormente, o mítico e o místico parecem ter contribuído para a pouca elucidação dos fatos da China antiga. As informações disponíveis não são confiáveis, pois são envolvidas em especulações. Lao-Tsé parece ter nascido e vivido no decorrer dos séculos VII ou VI a.C. e seu nome tem diversas formas de escrita: Laozi, Lao Tzi, Lao Tzu, Lao Tsé, e outros; segundo consta, “foi um mítico filósofo alquimista”.

– O imaginário místico de seus contemporâneos cuidou de incluí-lo nas lendas que proliferavam no meio da filosofia religiosa chinesa. Uma delas, talvez a mais criativa, afirmava que Lao-Tsé, ao nascer, possuía a fisionomia de um velho – “criança velha” era tradicionalmente o significado de Lao Zi. Alguns dados importantes de sua biografia podem ser encontrados no site da Wikipédia, como segue:

Conforme os registros do cânon religioso taoísta, ‘Lao-Tsé teria nascido na província de Na Hue, na cidade de Guo Yang, no 25º período entre 1.324 a.C. e 1.408 a.C. Segundo a mesma fonte, seu pai seria um famoso alquimista da dinastia San que viveu mais de cem anos’. A união dos termos chineses para ‘velho’ e ‘criança’ em seu nome justificam seu título de ‘Senhor do fim e do princípio’¹¹.

– Apenas para complementar nossas reflexões acerca de Lao-Tsé, na internet¹² vemos que a morte dele é poeticamente descrita numa publicação

11 Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lao_Zi>. Acesso em: 03 abr. 2016.

12 Disponível em: <<http://www.espiritualismo/lao.html>>. Acesso em: 05 mai. 2016.



de Wu Jyh Cherng, na obra Tao Te Ching – O livro do caminho da virtude de Lao-Tsé, o qual afirma que “[...] muitos anos depois teve a sua ascensão no deserto de Gobi, durante a qual emanou raios de luz em cinco cores, transformando-se em corpo de luz dourada e desaparecendo no céu”.

– O mesmo autor diz também que Lao-Tsé voltou ao planeta Terra reencarnado como filho do senhor “Li Po Lang da província Shu”. Os tradicionalistas também revelaram que, nessa nova encarnação, aos três anos, “[...] seu discípulo Yi Sh, o oficial da fronteira, o reencontrou na aldeia da família Li. Diante dele, a criança de três anos de idade revelou sua verdadeira imagem”. Posteriormente, outras reencarnações aconteceram.

– Outro fato incógnito, ou por que não dizer, sem argumentos para contraditá-lo, refere-se aos escritos atribuídos a Lao-Tsé. Por exemplo, o livro que fornece os fundamentos do taoísmo, intitulado Tao Te Ching, encabeça a lista dos livros mais traduzidos no momento atual. Segundo consta, enquanto esteve encarnado neste planeta Terra, ocupava todo o seu tempo aos serviços públicos e burocráticos, e, principalmente, escrevendo e ensinando. Vemos, a seguir, a seguinte alusão referente à ascensão, ou finalização de sua vida¹³:

[...] Após concluir seu ensinamento, os duzentos membros da família Li fizeram a pré-estabelecida ascensão, seguidos por Lao-Tsé, e Yi Shi. Isso aconteceu no dia 28 de abril de 1118 a.C. [...] Depois do segundo nascimento e ascensão, Lao-Tsé ainda retornou inúmeras vezes para transmitir os ensinamentos e para ordenar as novas tradições. Por isso, é chamado pelos taoístas como ‘Sublime Patriarca do Caminho’.

CONFÚCIO

– Os registros indicam que é provável que Confúcio tenha nascido num território conhecido como “Antigo principado de Lu”, no ano de 551 a.C., na comunidade que reunia os indivíduos que formavam o clã dos Kong, cidade de Xantum. Afirmam-se, ainda, que seus pais eram originariamente nobres, mas, economicamente, pobres e humildes.

Parece que muito cedo começou a exercer cargos públicos, sendo convidado para Ministro da Justiça da província de Lu. Mas não con-

13 Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lao_zi, encontramos>. Acesso em: 05 mai. 2016.



seguiu, nas funções públicas e políticas que exerceu, conviver com as iniquidades palacianas, e logo concluiu que esse não era o seu destino. Henry Thomas, jocosamente, faz referência sobre a decepção de Confúcio, como segue:

[...] Estava conseguindo tornar sua nação civilizada, e famoso o seu rei. Mas o governador da província de Chi, invejando a grandeza de Lu sob a orientação de Confúcio, acertou na escolha de uma simples manobra para minar a influência do filósofo sobre o rei. Mandou a seu colega, de presente, oitenta belas dançarinas. O plano teve êxito. O rei de Lu ficou tão absorvido pelas jovens que esqueceu Confúcio completamente. Com profunda tristeza, deixou Confúcio sua terra natal, e entregou-se, mais uma vez, à misericórdia do mundo em geral. (THOMAS, Henry, A história da raça humana, p. 51-52).

Dedicou-se então ao ensino, e, nesse caminho, afirmou-se e ficou célebre como Professor. Viajou a diversas localidades da China por cerca de dez anos, com o intuito de apresentar e trocar ideias de seus ensinamentos. Com essa pregação ininterrupta e persistente que iniciou aos seus cinquenta anos, Confúcio constituiu inúmeros adeptos, principalmente pela impressão que causava a sua sabedoria e caráter reto. Parece ter cansado das andanças, pois aos 69 anos voltou às suas origens, na cidade de Lu, ensinou e escreveu até o fim de seus dias, em 479 a.C., aos 72 anos. Henry Thomas explicita mais algumas informações dos últimos dias de Confúcio que parecem sombrias, no entanto, bastante realistas. Vejamos:

Morreu em extrema pobreza, na idade de setenta e dois anos, derrotado e desiludido. Sua vida fora um fracasso. Os poucos que levaram a sério suas palavras, como os primeiros cristãos, foram perseguidos por suas doutrinas. Duzentos anos depois de sua morte, um dos imperadores chineses tentou queimar todos os exemplares de seus livros então existentes. Alguns poucos sábios zelosos esconderam os exemplares que possuíam. Esses sábios foram queimados vivos por sua desobediência ao rei. Hoje, os livros de Confúcio são tão populares na China como o é a Bíblia no Ocidente. Confúcio, assim como Cristo, tornou-se um Deus. Ambos tentaram criar uma nova raça de homens de bem. Porém até agora não conseguiram fazer-se ouvir. Entre as multidões



que adoram o nome de Confúcio, não são muitos os que subscrevem a nobreza de seu espírito, e entre os muitos que se chamam cristãos, são poucos os que compreendem a religião de Cristo.

No site de busca *Google* também é possível anotar as seguintes palavras de *Confúcio* antes do seu falecimento¹⁴:

Quando tinha 15 anos, pus meu coração a aprender; aos 30, estava firmemente estabelecido; aos 40 não tinha mais dúvidas; aos 50, conhecia os desígnios do Céu; aos 60, estava disposto a escutá-lo; aos 70, podia seguir o que meu coração me indicava sem transgredir o que é correto.

Na parte da *Wikipédia* que trata de *Confúcio*, vemos a sua importância filosófica. Os registros dão conta de que, por 426 anos, no decorrer da *Dinastia Han* – no período de 206 a.C. a 220 d.C. –, a compreensão de suas ideias “[...] passou a ser uma das principais qualificações exigidas de funcionários públicos, que já eram selecionados por meio de concorridos exames e foram encarregados de manter a harmonia no Império”¹⁵. No site do *Google*, podemos anotar pensamentos de *Confúcio* citados no *Livro de provérbios chineses*. Vejamos:

- *Para conhecermos os amigos, é necessário passar pelo sucesso e pela desgraça. No sucesso verificamos a quantidade, e, na desgraça, a qualidade.*
- *Não corrigir nossas faltas é o mesmo que cometer novos erros.*
- *O silêncio é um amigo que nunca trai.*
- *Não fales bem de ti aos outros, pois não os convencerás. Não fales mau, pois te julgarão muito pior do que és.*
- *Eu não procuro saber as respostas, procuro compreender as perguntas.*
- *O maior prazer de um homem inteligente é bancar o idiota diante do idiota que quer bancar o inteligente.*

14 Disponível em: <https://sites.google.com/site/filosofia_popular/filósofos/confucio>. Acesso em: 17 jan. 2016.

15 Disponível em: <<http://wikipedia.org/wiki/Conf%C3%BAcio>>. Acesso em: 17 abr. 2015.



JESUS CRISTO

Vamos apenas acrescentar o que já conseguimos pesquisar sobre a vida e a obra de Jesus. Para o autor da *História da raça humana* (p. 128), “[...] os hindus, os chineses continuavam a produzir seus homens de paz, enquanto Alexandre, Anibal e César aterrorizavam o mundo com suas ambições e morticínios”. Referindo-se aos sábios hindus e chineses, principalmente Lao-Tsé e Confúcio, o historiador (p. 129) afirma que, se traduzirmos as palavras do chinês para o hebraico e depois para o aramaico, “[...] elas serão as palavras que um profeta judeu proferiu do seu púlpito das montanhas, sob o céu azul da Galileia”. Esse profeta judeu foi Jesus Cristo. Vejamos como, de forma resumida e generalizada, ele diferencia o Jesus Cristo mostrado nos evangelhos e o terráqueo, *homo sapiens*, igual aos milhares de outros humanos que, à época, viviam em nosso planeta.

O meigo sonhador da Galileia tem sido retratado como um Deus, um louco, um mágico, ou um rotariano americano. Não era nada disso. Era simplesmente um profeta da longa fila de profetas orientais que procuravam substituir o ódio pelo amor, a vingança pelo perdão, a arrogância pela humildade, e o derramamento de sangue pela paz. Seu verdadeiro retrato nunca foi desenhado, e provavelmente nunca o será, pois cada um de seus biógrafos pintou somente um quadro lisonjeiro de si mesmo, rotulando-o de Cristo. O Jesus dos Evangelhos com seus milagres e sua auréola é uma figura tão sombria como o é o Cristo de Renan de Papini, ou de Bruce Barton. Seu retrato, tal qual o possuímos hoje, é cheio de contradições. Está pronto a oferecer a outra face e expulsa os homens do templo com o chicote. Ora traz a paz para o mundo, ora uma espada. Ele prega o evangelho da felicidade e protesta contra os felizes ‘(Ai de ti que ris, agora, porque lamentarás e chorarás)’. Perdoa a seus inimigos e pede a Deus para aniquilar seus inimigos. Anuncia o reino do céu e condena comunidades inteiras ao inferno. Abençoa mesmo os que o desprezam e amaldiçoa uma figueira, porque não encontra figos em seus galhos no começo da primavera (tempo em que nenhuma pessoa sensata esperaria encontrar figos nas figueiras). É possível coadunar todas essas partículas contraditórias de seu caráter e reuni-las no retrato vivo de um homem real? Penso que sim. [...] Frequentemente erguia a mão para bater e a voz para



amaldiçoar. Olhava o mundo como um ninho de víboras e um antro de ladrões, e acreditava ser seu dever exterminá-los. Em resumo, era um discípulo ardente e leal de outro revolucionário impaciente, João Batista. (THOMAS, Henry, A história da raça humana, p. 129-130).

– Espero que vocês tenham compreendido os motivos que fizeram com que nos estendêssemos nas citações. Para o nosso desiderato, vai ser imprescindível fazer comparações entre Buda, Lao-Tsé, Confúcio e Jesus. Por enquanto, e apenas para alguns minutos de reflexão, vejamos os seguintes destaques:

ACERCA DE BUDA

O budismo não é nem pessimista “escapista”, nem nega a existência de Deus e da alma, embora ele empreste um significado especial a esses termos. Insiste no homem sozinho como único criador de sua vida presente e determinador de seu destino. O Buda descreve o nirvana como um estado perfeito de paz mental livre de toda ignorância, inveja, orgulho, ódio e outros estados aflitivos. Nirvana é também conhecido como o fim do ciclo samsárico, em que nenhuma identidade pessoal ou limite da mente permanece.

ACERCA DE LAO-TSÉ

Wu Jyh Cherng, na obra *Tao Te Ching – O livro do caminho da virtude de Lao-Tsé*, afirma que “[...] muitos anos depois teve a sua ascensão no deserto de Gobi, durante a qual emanou raios de luz em cinco cores, transformando-se em corpo de luz dourada e desaparecendo no céu”.

ACERCA DE CONFÚCIO

Morreu em extrema pobreza, na idade de 72 anos, derrotado e desiludido. Sua vida fora um fracasso. Os poucos que levaram a sério suas palavras, como os primeiros cristãos, foram perseguidos por suas doutrinas. [...] Confúcio, assim como Cristo, tornou-se um Deus. Ambos tentaram criar uma nova raça de homens de bem. Porém até agora não conseguiram fazer-se ouvir. Entre as multidões que adoram o nome de



Confúcio, não são muitos os que subscrevem a nobreza de seu espírito, e entre os muitos que se chamam cristãos, são poucos os que compreendem a religião de Cristo.

ACERCA DE JESUS

O meigo sonhador da Galileia tem sido retratado como um Deus, um louco, um mágico, ou um rotariano americano. Não era nada disso. Era simplesmente um profeta da longa fila de profetas orientais que procuravam substituir o ódio pelo amor, a vingança pelo perdão, a arrogância pela humildade, e o derramamento de sangue pela paz. Seu verdadeiro retrato nunca foi desenhado, e provavelmente nunca o será, pois cada um de seus biógrafos pintou somente um quadro lisonjeiro de si mesmo, rotulando-o de Cristo.

– Após analisarem os destaques relacionados, considerem que é importante levar em conta a veracidade dos registros – a autoria e a época de sua elaboração –, porque não necessariamente são verazes situações, como o mito da gestação de Lao-Tsé, que teria durado 81 anos. Devemos atribuir a esta afirmação o caráter religioso mítico e místico que permeava a antiguidade chinesa – atualmente, a modernidade já arrefeceu a forma de pensar primitiva. Cientificamente, nós do ocidente, e os orientais também, sabemos que uma gestação humana tem apenas nove meses de duração.

E quanto ao que sabemos acerca de Cristo? Oficialmente, principalmente para os crédulos da Bíblia, os escritos constantes dos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João são as fontes principais a quem devemos recorrer. Mas existem algumas informações importantes para esclarecer e que já foram anteriormente aqui discutidas.

ACERCA DE MATEUS

1. Foi um dos doze apóstolos de Cristo, portanto, seu contemporâneo.
2. Mateus confessava-se agradecido a *Deus* por sua misericórdia



para com ele, em não desprezá-lo considerando o seu passado de homem público que promovia o recolhimento de impostos; essa atividade, acompanhada da habitual extorsão dos cobradores, empobrecia o povo judeu, levando-o à ausência dos bens essenciais à vida cotidiana;

3. É provável que Mateus estivesse na Etiópia ou Antióquia – por volta de 90 d.C. – período em que, presume-se, foi escrito o seu evangelho. Por sua bondade e amor à verdade, constituiu inimigos poderosos, sendo, por eles, bastante maltratado e torturado. Como um mártir, após muito sofrimento, faleceu na Etiópia.

ACERCA DE MARCOS

1. Foi na companhia de São Paulo que começou o seu trabalho itinerante como pregador cristão, tendo como companheiro e seguidor seu tio de nome Barnabé. Passado algum tempo, procurou ajuntar-se aos seguidores de São Pedro, aderindo e identificando-se com o que pregava esse apóstolo, um dos principais dos doze que acompanharam o Messias. Houve um retorno de São Marcos ao convívio de São Paulo, que escreveu a Timóteo (1 Pedro: 5:13): “leve Marcos consigo, pois preciso dele para servir”. Como já esclarecemos, São Marcos não foi apóstolo de Cristo, e, portanto, não conviveu com ele nos momentos fatais e nefastos de sua vida.
2. O autor escreveu o Evangelho de São Marcos em grego, no período de 65 d.C. a 70 d.C., mas a sua origem é dada como romana. Existem muitas especulações acerca do seu conteúdo; asseguram alguns – Papias, bispo de Hierópolis, São Irineu de Lion e São Justino, conhecido como “o Filósofo” – que “[...] o Evangelho de São Marcos foi escrito baseado nas palavras de São Pedro”. Clemente da Alexandria disse que ele pretendeu retratar-se “[...] como uma versão escrita dos sermões de São Pedro”. Também admitem que o segundo evangelho foi designado e direcionado aos romanos convertidos ao cristianismo.

ACERCA DE SÃO LUCAS

As antigas tradições indicam que Lucas era um convertido, ou seja, um pagão que assumia a fé judaica. Há informações, também, de que é



originário da Antióquia, sendo médico com peculiares dons artísticos. Tornou-se um seguidor do apóstolo Paulo, estando em sua companhia quando foi preso pela vez primeira. Com o passar do tempo, tornou-se seguidor e amigo inseparável de João, com quem partilhou de suas inúmeras viagens.

As informações dos estudiosos bíblicos levam-nos a inferir que o Evangelho de Lucas foi escrito em torno do ano de 60 d.C., sob a inspiração do Espírito Santo do Senhor Jesus Cristo. Trata-se de uma obra de linguagem escorreita e de semântica apropriada à época. Além disso, diversas parábolas – a do bom samaritano, a da ovelha perdida e outras, espiritualmente, generalistas engrandecem e enobrecem o texto.

ACERCA DE SÃO JOÃO

De acordo com a tradição judaica, São João foi reconhecido como o único teólogo dentre os evangelistas, a quem Cristo mais tinha consideração e amava. Ele era filho do afortunado pescador Galileu nominado Zebedeu, casado com Salomé. Consta que foi o casal quem socorreu Jesus no suprimento de suas necessidades mínimas e pessoais. Salomé fez companhia a Cristo em suas andanças pela Galileia, participando, na cidade de Jerusalém, da festa pascal dos hebreus; certamente, na última, onde o Messias esteve presente, Salomé o assessorava. Dizem também que foi por iniciativa dela – que se cotizou com outras mulheres devotas e piedosas – a arrecadação de recursos para a aquisição do que chamavam “os santos olhos”, destinados à unção do corpo de Jesus quando de Sua morte.

[...] O evangelho de São João teve como base de fundamentação três outros livros – ou três fascículos de um livro – que já haviam sido escritos. A missão do evangelista era “revisar, complementar e, certamente, atualizar” o trabalho que São João já realizara, acrescentando o que absorvera pessoalmente dos ensinamentos e sermões de Cristo. Para os líderes religiosos cristãos que avaliaram a atividade literária do evangelista, ela foi aceita como “perfeita” e fiel aos objetivos colimados, ou seja:

1. Os três livros, entregues a João, foram complementados e revistos satisfatoriamente.
2. Foi efetuada, também, uma avaliação sobre o quanto veraz era tudo o que escreveram Mateus, Marcos e Lucas. As correções eventuais e os acréscimos necessários foram procedidos, tudo no



sentido de esclarecer as questões existentes sobre a divindade e os ensinamentos do Messias.

3. O evangelho de São João prima pela conotação espiritual, diferentemente, dos três primeiros, começando com a exposição sobre a “Divindade de Jesus Cristo”, aprofundando-se acerca do verdadeiro amor da fé cristã, do mistério da eucaristia – um dos sete sacramentos da Igreja católica, onde a presença de Cristo é simbolizada pelo pão e pelo vinho – e outras questões que fizeram com que fosse considerado como “O evangelho espiritual” do texto bíblico.

– Além disso, desejamos referir-nos ao mistério da transfiguração de Jesus – cabe a cada um de nós chamá-lo, diferentemente, por exemplo, de milagre – citado em Mateus 17:1-9, Marcos 9:2-8 e Lucas 9:28-36. São unânimes as afirmações de que Jesus Cristo, acompanhado de três apóstolos, dirigiu-se a uma montanha que ficou conhecida como Monte da Transfiguração. Sobre esse fenômeno¹⁶:

Jesus começa a brilhar e os profetas Moisés e Elias aparecem ao seu lado, conversando com ele. É então chamado de ‘filho’ por uma voz no céu – presumivelmente Deus Pai –, como já ocorrera quando foi batizado.

– Com esses destaques, observamos que nem todos os quatro evangelistas conviveram com o Mestre Jesus ou foram seus apóstolos. Também é duvidosa a autoria individual dos evangelhos, e todos eles foram escritos após a morte de Cristo. Além disso, parece-nos fantasiosa a morte, ou ascensão, de Lao-Tsé, em que, de acordo com os cânones tradicionais, “[...] raios de luz emanaram em cinco cores, transformando-se em corpo de luz dourada desaparecendo no céu”.

– Observemos que existe uma semelhança nos escritos acerca da ascensão – ou morte – de Lao-Tsé, “[...] raios de luz emanaram em cinco cores, transformando-se em corpo de luz”, e o relato da Transfiguração de Cristo, em que “[...] Jesus começa a brilhar e os profetas

16 Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Transfigura%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 14 mai. 2017.



Moisés e Elias aparecem ao seu lado conversando com ele [...] é então chamado de “filho” por uma voz no céu – presumivelmente Deus Pai [...]. Entretanto, achamos prudente que cada um de nós, orientados pelos fatos aqui narrados, não rejeitem ou ponham dúvidas sobre a fé que os anima e eles praticam. É conveniente, tenho convicção disso, que seja elaborada uma agenda de estudos para dirimir as dúvidas ou os mistérios que foram elencados. Agora, ingressaremos na parte que se referirá aos principais representantes da iniquidade, da guerra e do morticínio: Alexandre, César e Nero.

ALEXANDRE E SUA MÃE OLÍMPIA, QUE O FEZ IMPERADOR

– No norte da Grécia antiga, existia um outro país de povo bárbaro e guerreiro. O seu rei chamava-se Filipe, e, tanto quanto os seus súditos, era bárbaro, guerreiro e sedento por sangue humano. Nas suas recônditas ambições de poder, ele levou seu pequeno país aos limites da insensatez e intolerância; seu principal alvo de conquista, à época, era a Pérsia. No palácio onde habitava com sua mulher Olímpia e seu filho Alexandre, o cotidiano de suas vidas era dividido entre farras licenciosas, rituais sem fundamentos e inconsequentes, além das discussões conjugais. O inferno entre os dois era alimentado por conta da mulher do imperador, que o insultava ao dizer que “[...] Alexandre não era seu filho, mas o fruto de um Deus que a visitara à noite em forma de cobra”. (*A história da raça humana*, p. 86). Talvez, por esse motivo, Alexandre afirmava ser a sua descendência divina.

– Embora a sua vida seja largamente conhecida do público interessado e contada por alguns historiadores, construiu um império nunca dantes visto até a sua época: “[...] um império que ia dos Balcãs à Índia, incluindo também o Egito e a Bactria (aproximadamente o atual Afeganistão). Este império era o maior e mais rico que já havia existido”¹⁷.

– Ainda sobre as suas aventuras além da guerra, tinha hábitos que eram comuns às demais hostes imperiais. Presume-se que ele não fez mais do que copiá-las, evidentemente, aperfeiçoando-as. Um exemplo muito comentado é o de que Alexandre era bissexual, e, dentre os seus soldados – aqueles homens que se relacionavam sexualmente com o

17 Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki//Alexandre_o_Grande>. Acesso em: 07 mar. 2015.



imperador –, os principais desejados eram Hefestion e Cratera. Diodoro, historiador da época, afirmava que, “[...] em sua vida, ele tinha preferido Geréstion a todos, embora Cratera reivindicasse o seu amor, mas foi Hefestion seu amante”.

Os seus casamentos indicam que foram todos por conveniência. É possível atribuir as afirmações a Diodorus ou Diodoro Sícula e Plutarco, pois ambos escreveram sobre Alexandre, mas ressalte-se que são de autoria de Plutarco duas das mais respeitadas obras acerca de suas façanhas. O primeiro livro de Plutarco foi intitulado “*On the luck and virtue of Alexander*” (Virtude e sorte de Alexandre), e, o segundo, “*Parallel lives Alexandre*” (Vidas paralelas de Alexandre). Sumariamente, vejamos suas principais relações:

1. Foi casado oficialmente com três mulheres: Roxana da Bactria, Stateira e Parysatis, filha de Ochus ou Dario II. Registram os historiadores que Alexandre não teve nenhum relacionamento com outras mulheres, a não ser com essas três.
2. Parece que Stateira se dizia grávida quando da morte de Alexandre, mas nada se sabe da veracidade dessa informação e, seja qual for o resultado, Stateira com o filho ou sozinha, recolheu-se ao anonimato. Comenta-se, também, que Barsine, filha de Artabazus da Frígia, gerou com o imperador – num período em que foram amantes –, um filho que recebeu o nome de Héacles (da Macedônia). Mas a escritora Mary Renault, em seu livro *The nature of Alexander* (A natureza de Alexandre), dentre outras coisas, afirma que: “[...] Num homem que gostava de dar o nome do seu cavalo e do seu cão a cidades, tal parece pouco provável”.

Num mosaico encontrado na cidade de Pompeia existe um resumo da vida de Alexandre que, atualmente, pode ser encontrado no Museu Arqueológico Nacional, localizado em Nápoles, na Itália, assim sumariado.

GOVERNO

Reinado: 336 a.C. – 324 a.C.

Consorte: Roxana de Bactria

Antecessor: Filipe II



Sucessor: Alexandre IV
Dinastia: Argéada
Títulos: Hegemônico da Liga Helênica
Xá da Pérsia
Faraó do Egito
Senhor da Ásia

VIDA

Nome Completo: Alexandre III
Nascimento: 20 de julho de 356 a.C.
Pela, Macedônia
Morte: 10 de junho de 323 a.C. (32 anos)
Babilônia
Filhos: Alexandre IV
Pai: Filipe II
Mãe: Olímpia do Épiro

– O nosso objetivo, ao referirmos-nos ao sumário da vida de Alexandre, pretende chamar a atenção dos presentes para o que já dissemos anteriormente. Observem, em primeiro lugar, a indefinição do nome do autor do sumário. Presume-se que essa tarefa deveria estar a cargo de alguém pertencente ao cerimonial do imperador, e, em consequência, apenas escreveu aquilo que agradava a Alexandre e seus seguidores. Os adultérios, presumivelmente historiados e com homens, sua vida familiar e a pessoal completamente desregradas, enfim, somente as coisas boas que praticara são enumeradas.

– Portanto, a não ser para registro histórico, o sumário não merece nenhuma credibilidade. A ilação que podemos fazer diz respeito à veracidade dos fatos narrados muito tempo depois de terem acontecido, e, principalmente, à credibilidade de seus prováveis autores. Essas restrições – que não somos nem os primeiros nem os únicos a fazê-las – se estendem às histórias de Buda, Lao-Tsé, Jesus, Confúcio e muitos outros.

NERO: O IMPERADOR QUE ASSASSINOU A PRÓPRIA MÃE

Por que Nero? Que espírito criador teve a inspiração de incorporar em nosso planeta essa alma que tantos malefícios causou à humanidade?



Evidentemente, Deus o fez encarnar com tudo que tinha direito: um carma e uma finalidade de vida. Também é fato que o objetivo que a ele foi dado, certamente, não coincide com os confiados por Deus para que cumprisse a sua missão. Não temos dúvidas de que o seu livre-arbítrio e/ou alguma doença mental congênita é a única explicação lógica e inteligente para esse caso e outros iguais a ele são inteiramente responsáveis pelas atrocidades que Nero Claudius Caesar Augustus Germanicus, em latim, ou em português, Nero Cláudio Cesar Augusto Germânico veio a cometer durante toda a sua vida.

Consta do acervo da Gliptoteca ou Museu de Munique, na Alemanha, um sumário da vida de Nero elaborado da mesma maneira que o de Alexandre. Talvez esse registro tenha a sua importância cultural e histórica, no entanto, para os nossos propósitos, não temos nenhuma motivação para descrevê-lo. Porém, daremos todas as informações mais importantes de sua vida.

– Nero nasceu em Ânzio, uma cidade perto de Roma, no dia 15 de dezembro de 37 d.C. Filho único de Cneu Domício Enobarbo e Agripina, que, por sua vez, era irmã do temido Imperador Calígula. Os laços parentais da família de Nero constituíam-se de pessoas que ocupavam cargos na liturgia do império. Por exemplo, seu pai já exercera o cargo de magistrado ou pretor, apenas um nível abaixo do juiz, era, à época, membro da guarda pessoal de Calígula. No site que iremos fornecer, outros detalhes interessantes podem ser verificados.

– Para tornar-se imperador, alguns fatos importantes tiveram que acontecer no âmbito dos envolvidos com o poder da Roma antiga.

1. O seu pai, Cneu, morreu de edema em 39 d.C., não sendo esclarecido qual o órgão do corpo fora afetado pelo acúmulo de líquido.
2. Agripina perdeu a simpatia de Calígula, e, em decorrência, foi exilada para fora de Roma.
3. Calígula, juntamente, com toda a sua família, foi envenenado.
4. Cláudio assumiu o trono no lugar do imperador assassinado, e, imediatamente, tirou Agripina do exílio.
5. Messalina, a mulher de Cláudio, tramava para retirar seu marido do trono. Em resposta, Cláudio providenciou que ela fosse assassinada.
6. Então, viúvo, Cláudio contraiu matrimônio pela quarta vez, em 49 d.C., com Agripina.



7. Messalina havia deixado um casal de filhos, Cláudia Otávia e Britânico, que também eram filhos de Cláudio.
8. Para atender às regras do império e garantir-se na esfera política, Cláudio tinha que designar um dos três filhos como seu herdeiro e provável sucessor. Em 50 d.C., o escolhido foi Nero, passando a se chamar Cláudio Nero César Druso.
9. Aos catorze anos, Nero, pelos poderes do império, teve a sua maioria declarada, passando a acompanhar Cláudio em alguns de seus compromissos políticos.
10. Em 54 D.C., Cláudio perdeu a vida sem motivo aparente – uma informação não confirmada, ficando em nível da suspeição que Agripina, sua esposa e genitora de Nero, furtivamente dera-lhe veneno. Nero casou-se com Cláudia Otávia, sua irmã apenas por parte de pai, e foi empossado como imperador em 13 de outubro de 54 d.C., quando tinha apenas 16 anos.

– A vida e, conseqüentemente, os relacionamentos e casamentos de Nero foram todos muito atribulados e eivados de conspirações e traições. O seu casamento com Cláudia Otávia não ia bem. Por isso, entre protestos do povo romano, decidiu desterrá-la, mas logo em seguida alterou seus planos, chamando-a de volta ao lar. Acalmados os ânimos, ele então colocou em ação um plano urdido logo após o retorno de Otávia; mandou executá-la, ou, porque não dizer, assassiná-la.

– Os escritores da Roma antiga, por exemplo, os historiadores Plutarco e Suetônio, afirmaram que Nero, após a morte de Cláudia Otávia, teve alguns outros casamentos e relacionamentos. Popeia foi uma das mulheres com quem dividiu a alcova. Sobre o assunto, vejamos um excerto da página de Nero na Wikipédia (p. 05-22):

Quando sua esposa Popeia Sabina morreu em 65 d.C., Nero entrou num profundo luto. Seu corpo não foi cremado, mas foi preenchido com especiarias, embalsamado e colocado no Mausoléu de Augusto. Foi-lhe um funeral de Estado onde Nero fez o elogio fúnebre e deu-lhe honras divinas. Diz-se que Nero queimou dez anos de produção de incenso árabe em seu funeral. No começo de 66 d.C., ele casou-se com Estatília Messalina. Ela já era casada quando se tornou a concubina de Nero em 65 d.C., e seu esposo foi forçado a cometer suicídio em



66 d.C., para que Nero pudesse desposá-la. Ela foi um dos poucos cortesãos que sobreviveram à queda do seu reino. Nero ordenou que um jovem liberto, Sporus, fosse castrado e casou-se com ele. De acordo com Dião, Cássio Sporus tinha uma semelhança física muito grande com Sabina, e Nero o teria chamado pelo nome de sua esposa morta¹⁸.

– Esses, não tenham dúvidas, são os fatos mais importantes desse famigerado imperador que, na busca pelo poder, usava a sua poderosa inteligência elaborando planos audaciosos, destruindo, envenenando ou mandando matar aqueles possíveis obstáculos que se interpusessem aos seus propósitos. Talvez fosse mais louco que inteligente. O império de que foi o maior idealizador e construtor estava prestes a ruir. Nero tentou iniciar na Gália uma revolução popular e militar que se espalhou pelas terras espanholas. Ele não conseguiu controlar a sua derrocada, e, então, o governador espanhol da época, Galba, foi entronizado. Esses acontecimentos deixaram-no sem saída; decidiu suicidar-se.

[...] Faltou-lhe a coragem necessária. Passou toda a noite gemendo em um quarto escuro, preso de terror fatal. [...] ouviu a cavalaria aproximar-se do seu esconderijo. Com um servo a lhe sustentar o braço covarde, enterrou um punhal no peito. Suas últimas palavras foram palavras de piedade para o mundo porque Nero o ia deixar: ‘Que artista está o mundo perdendo hoje’, gritou quando a adaga se lhe cravou no peito. Tinha apenas 39 anos quando pôs termo à sua vida de louco. (THOMAS, Henry, p. 46, 47):

– Antes de encerrar a minha participação nesta manhã de sábado, alguns devem estar perguntando o significado de nossa incursão sobre a vida de Buda, Lao-Tsé, Confúcio, Jesus, Nero e Alexandre. Anteriormente acerca da maneira como cada uma dessas personagens da história antiga resolveu cumprir a sua missão de vida, não é novidade para nenhum dos presentes que quatro deles se encaminharam para a prática de virtudes como a harmonia, a humildade, a tolerância, a concórdia, a misericórdia, a compaixão, etc. Os outros dois viveram tão somente em busca do poder, da iniquidade, do morticínio, da traição, além de outros atos de má

18 Disponível em: <<http://wikipedia.org/wiki/Nero>>. Acesso em: 10 jan. 2016.



índole perpetrados contra possíveis, na maioria das vezes improváveis, opositores. Por quê? Quais os motivos para tanta maldade?

– Diante dessas inquirições, é útil considerarmos alguns aspectos filosóficos, metafísicos e psicológicos. Assim, poderemos complementar a pergunta inicial da seguinte forma: será que a criação do homem não passa de um fenômeno natural como muitos outros, onde a evolução cuidou de transformá-lo de *hominídeo* para o moderno *homo sapiens*? Nós já nos referimos aqui que a maior parte da humanidade atual pratica alguma religião abraâmica, ou seja, são adeptos do Deus Abraão, seguidores das leis de Deus, ou, pelo menos, prometem ter respeito por elas.

– Dessa maneira, e não abstraindo aspectos animistas e naturalistas, além da crença num Deus único, é necessário que procuremos buscar, nesse estudo, como e onde poderiam ser incluídos o “determinismo” e o “livre arbítrio”. São questões que, num raciocínio imediatista, parecer-nos-iam mutuamente excludentes. Serão? Vejamos então uma breve e rápida especulação: adotando o determinismo, grosso modo, obviamente aceitaríamos que as nossas ações, extensivas às demais coisas da natureza, são determinadas a priori. Ou seja, a prática do mal ou do bem originar-se-ia em causas advindas do próprio homem; as doenças, principalmente as de cunho mental, chamadas de causas internas, e as socioculturais, ou causas externas.

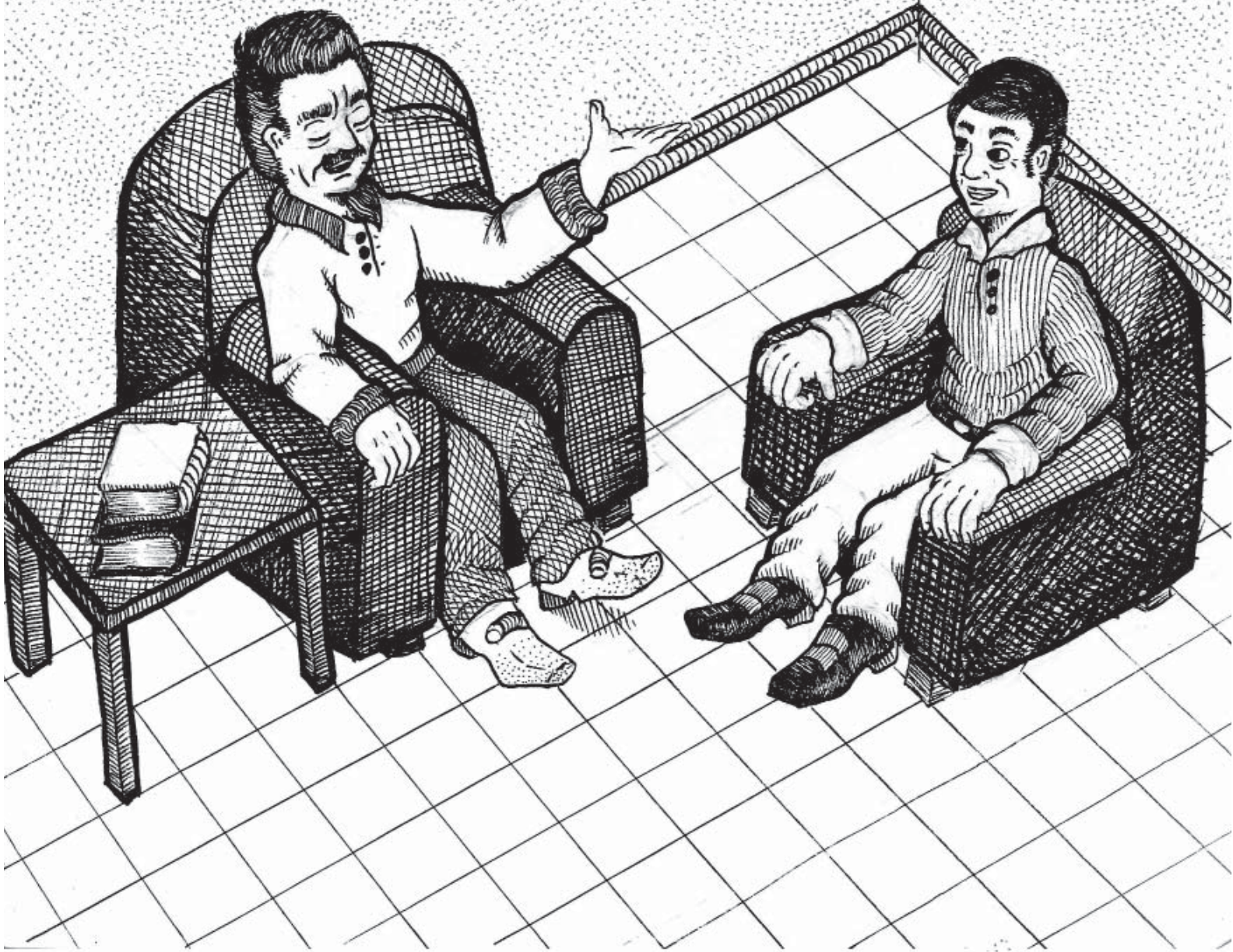
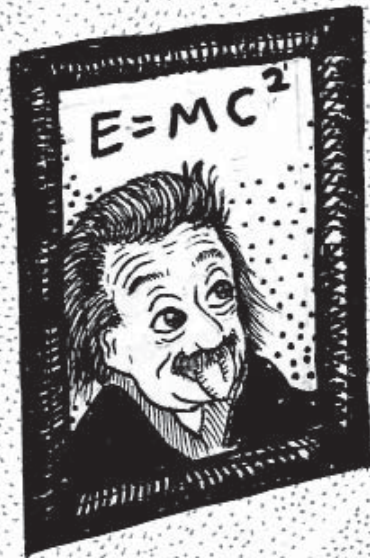
– Assim, como poderíamos decidir acerca da prática da maldade, ou da bondade se não temos o domínio das causas que moldam e respaldam nosso comportamento? Em consequência, mais uma questão aflora. Conforme já discutimos em nossas reuniões, Deus é o grande maestro da obra da criação, e a cada um de nós deu um objetivo de vida. Portanto, Ele determinou as ações inerentes às coisas criadas, que foram e são os atuais habitantes desse nosso planeta. Ao mesmo tempo, fez-nos compreender o significado da necessidade do livre-arbítrio e quão importante é a sua existência. Decorre, por implícito, que temos uma missão a cumprir já determinada, mas o nosso livre-arbítrio nos autoriza a decidir entre o bem e o mal. É evidente que a Sublime Essência da Energia Cósmica, Deus, não nos colocaria em situações contraditórias; a adoção do bem ou do mal não pode deixar de ser uma responsabilidade individual das coisas criadas.


– A conclusão que se apresenta não vai além de um subentendido. Como o bem e o mal se constituem de forças imanentes dos Universos, certamente, têm a fundamentação de sua existência na evolução; Ele,



em sua onipotência, proporcionou à sua criação esse poder de decisão, o livre arbítrio. Observem que essa conclusão se fundamenta em assertivas prejudgadas, embora não sub-reptícias, porque para chegarmos a ela foi preciso uma dedução lógica. Mesmo assim, carecemos de um aprofundamento maior para que possamos avançar mais. Agora vamos utilizar o tempo que nos resta para o almoço, cerca de meia hora, para iniciar as discussões em seguida. Entretanto, ressalte-se que todos os presentes podem encaminhar os pontos que desejarem questionar e trocar ideias. Não nos cabe, nessa parte da reunião, imiscuirmo-nos nessa parte. Apenas anotaremos e faremos um sumário do resultado das discussões.







OS GRUPOS DA ACAPA/ACPA:
AS DISCUSSÕES INICIAIS SOBRE
AS TEMÁTICAS E AS REUNIÕES
SEMANAIS CIENTÍFICAS

CAPÍTULO III

Um guerreiro sabe que um anjo e um demônio disputam a mão que segura a espada. Diz o demônio: “Você vai fraquejar, você não vai saber o momento exato. Você está com medo”. Diz o anjo: “Você vai fraquejar, você não vai saber o momento. Você está com medo”. O guerreiro fica surpreso. Ambos disseram a mesma coisa. Então o demônio continua: “Deixa que eu te ajudo”. E diz o anjo: “Eu te ajudo”. As palavras são as mesmas, mas os aliados são diferentes. Então ele escolhe a mão do seu anjo.

Paulo Coelho

A VISITA ESPERADA DO PREFEITO JOÃO BATISTA AO SÍTIO

Encerrada a reunião, seguiram-se os cumprimentos e os abraços; risos moderados indicavam um encontro de velhos amigos. O Prefeito João Batista aproximou-se do Professor Luis e o inquiriu:

– Nós precisamos, realmente, encontrar-nos porque precisamos apresentar um dos cavaletes adaptados para as aves, conforme compromisso que assumimos pela prefeitura.

– Ótimo, amigo João Batista, porque precisamos conversar sobre a prova da OMEPE. Gostaríamos de que viesse ao nosso escritório hoje, a partir das 19h30. Este horário é possível?

– Bem, temos uma reunião com alguns vereadores nesse horário, mas vamos providenciar uma prorrogação para as 20h30min, e então disporemos de uma hora, tempo suficiente para resolvermos todas as pendências. Estamos combinados?

O Prefeito Freitinha estava tão seguro de que a sua reunião com os vereadores poderia ser transferida para as 20h30min que o assunto foi encerrado. Então o Professor Luis e sua família foram para o sítio, porque já se aproximava o momento da caminhada. Em casa, a Professora Amélia combinou com De Jesus que, naquela tarde, ela ficaria em casa preparando uma merenda e um pratinho de salgados para presentear o Prefeito e sua esposa. Quanto a eles, não se demorariam na praia, porque teriam que jantar cedo em face da reunião às 19h30min. Assim, como planejado, tudo aconteceu. Quando chegaram, sem demora, sentaram-se à mesa para jantar. Dessa vez, as amenidades foram intensas e todos



participaram dos comentários políticos, reforçados pelos especialistas do noticiário televisivo. Às 19 horas, já estavam na sala da televisão aguardando a presença do Prefeito João Batista.

De repente, um caminhão de porte pequeno estacionou próximo ao portão, seguido de um automóvel. Do caminhão, alguns homens com o uniforme da prefeitura desceram da carroceria e passaram a descarregar vários cavaletes. O Professor Luis e o Doutor Pedro Otávio apressaram-se em receber aqueles que haviam chegado. O Prefeito e seu “*fiel escudeiro*”, vereador Zé Onofre, puxavam a comitiva. O portão foi aberto, e o Prefeito João Batista, abraçando o Professor Luis, fez o anúncio das novidades. No terraço foram descarregados quinze cavaletes, dez com um metro de altura e cinco de meio metro.

– Veja, Doutor Pedro Otávio – que observava tudo com olhar desconfiado —, esses dez mais altos destinam-se às aves maiores, os nossos amigos Professores urubus, e os de meio metro aos gansos, patos e às galinhas. Observem, nos dois tipos de cavalete, a adaptação que fizemos para tornar mais confortável a acomodação e permanência dos assistentes durante o período da celebração da missa. Agora vejam essa preciosa invenção sugerida pelo Zé Onofre: um espaçoso assento para os convidados visitantes, com separações individuais. Para Átila, Pitágoras e mais dois visitantes convidados. Gostaram?

– Não há como negar a sua boa vontade, Freitinha, digno Prefeito. Mas existem algumas ponderações para salvaguardar a retidão das ações do poder municipal e da ACAPA/ACPA que gostaríamos de mencionar.

– É melhor subirmos para o escritório, não é verdade, Luis?

No escritório, o Professor Luis foi até a sua mesa de trabalho e retirou de uma gaveta dois envelopes, um deles um pouco volumoso, e, então, dirigiu-se ao Prefeito.

– Para uma breve discussão, apresento-lhe as 17 questões para a prova da OMEPE. A nossa preocupação refere-se à impressão e ao sigilo que deve guardar. É necessário muito cuidado para tomar as providências sobre o processo de impressão das provas, para evitar a vazão de informação sobre os itens.

Alguns logo demonstraram o desejo de colocar suas dúvidas ou questões. O Semeador foi o primeiro a interpor os sinais característicos



para expor as suas ideias. Em seguida, os demais do grupo indicaram que também estavam inscritos. O Semeador, incluindo em seu cerimonial a asa esquerda levantada, deu um passo à frente e olhou fixamente para o Professor Luis, convertendo seus pensamentos na fala humana.

– O senhor, mestre e Professor, ofereceu-nos mais uma razão para assim chamá-lo. Foram sábias as suas palavras! A questão que colocarei tem a anuência dos meus parceiros. Eu gostaria que fosse o Mestre-1 a manifestá-la, no entanto, ele quis reservar-se para o futuro.

– Em sua exposição, foi explicitado que “o criador de todas as coisas” é o grande maestro da obra da criação, e a cada um de nós deu um objetivo de vida. Portanto, Ele determinou as ações inerentes às coisas criadas, que foram e são os atuais habitantes desse nosso planeta. Ao mesmo tempo, fez-nos compreender o significado da necessidade e a importância do livre arbítrio. Assim, temos uma missão a cumprir, mas o nosso livre arbítrio autoriza-nos a decidir entre o bem e o mal. Para não me demorar mais que o necessário, neste momento registramos que a conclusão do grupo é a de que o “determinismo”, da forma como foi mostrado, é aceito sem reservas. Porém, quanto ao livre arbítrio, decidimos solicitar que promova esclarecimentos adicionais sobre a questão. Por exemplo, como poderá um gavião, um falcão ou um carcará decidir não comer ovos ou filhotes, se o determinismo pela criação e evolução os colocou neste planeta para assim proceder? Ou seja, eles estão apenas cumprindo os objetivos de suas vidas. Muito obrigado.

A Professora Amélia foi a próxima a erguer a mão direita, sinalizando que desejava ser ouvida, no que foi atendida, talvez até por ser a anfitriã, e também por fazer a sua iniciação como partícipe do grupo.

– Não sabemos se somente nós fomos surpreendidos diante das questões mencionadas por meu filho, o Professor Luis. Parece-nos muito claro que, para nos juntarmos ao grupo, sermos parte do grupo de estudos, teremos de esforçar-nos bastante na tentativa de acrescentar muito mais aos conhecimentos que conseguimos amalhar até hoje. Talvez os conceitos – ou preconceitos – que formamos ao longo da vida devam ser refletidos e reavaliados.

– Acerca da religião de que sou adepta e praticante, muitos dos seus



mistérios atribuíamos a “desígnios do Criador e nosso Pai Eterno”, no entanto, neste momento, mesmo que não lhe venha dar nova interpretação, estou pronta e decidida a estudar quaisquer dos mistérios, antes insondáveis, com mais intenso aperfeiçoamento em seus diversos aspectos. Sem intento de antecipar-me às discussões e comentários, solidarizo-me ao Semeador, concordando com a questão que seu grupo deseja incluir na agenda de assuntos indispensáveis e importantes. Passo a palavra ao Professor João Paulo, que parece ter importantes informações a nos comunicar.

O Professor João Paulo não se fez de rogado, e, realmente, interveio.

– Meus amigos, talvez seja este um dos grandes momentos do nosso grupo. Não posso deixar de parabenizar o casal de anfitriões, senhor Doutor Pedro Otávio e senhora Professora Amélia. Todas as ações que estão sendo realizadas aqui no sítio, todas elas, além do aval deles, apoiam-se na criatividade e no espírito voluntarioso, qualidades inatas a eles. Antes de inicializar a nossa exposição, e já que mencionei “as qualidades inatas dos nossos anfitriões”, gostaria de colocar para a reflexão a questão: a intuição é inata? Para respondê-la, precisamos saber o que é o inatismo. Trata-se de uma doutrina em que seus adeptos admitem que as ideias independem da existência humana em si mesma. Seguindo esse raciocínio, podemos dizer que as ideias existem a priori; as ideias de um ser não são propriedade dele. Como já foi aqui discutido, quando nascemos, o ser se consolida com um corpo, um espírito e uma alma. As ideias não acompanham o nascituro, pois são inatas; não nascem. A seguir, veremos as opiniões de duas Doutoradas sobre a intuição.

– A neurocientista Suzana Herculano-Houzel concedeu uma entrevista ao programa de televisão Roda Viva expondo as suas opiniões sobre o assunto. Vejamos um trecho sobre a intuição:

Vários centros de pesquisa hoje analisam o fenômeno da intuição ou do sexto sentido, inclusive a neurociência. O que a ciência já descobriu sobre esse fenômeno? E você é uma pessoa intuitiva?

– A temática que objetivo desenvolver abstrai os contornos e as diretrizes da Metafísica, dedicando-se às últimas inovações científicas e



àquelas que, num futuro próximo, inevitavelmente, até os meados deste século, certamente, serão implementadas. Assim, como os repentistas cantadores nordestinos improvisam suas cantorias fundamentadas em expressões do cotidiano, chamadas de “mote”, utilizaremos, a exemplo dos cantantes poetas populares, como mote de nossa exposição, “o transumanismo” e as palavras do famosíssimo físico e matemático Albert Einstein. Com muita atenção, vejamos um excerto de sua reflexão:

“Um ser humano é uma parte do todo, chamado por nós de Universo, uma parte limitada no tempo e no espaço. Ele vive-se a si mesmo, os seus pensamentos e sentimentos como algo separado do resto, uma espécie de ilusão ótica da sua consciência. Esta ilusão é uma espécie de prisão, restringindo-nos aos nossos desejos pessoais e à afeição com algumas pessoas que nos são mais próximas. A nossa tarefa é libertar-nos dessa prisão, ampliando o nosso círculo de compaixão para abraçar todas as criaturas vivas e toda a natureza na sua beleza.”

– Nesse pequeno parágrafo, destacamos duas eloquentes e importantes afirmações. A primeira, “[...] ele vive-se a si mesmo, os seus pensamentos e sentimentos como algo separado do resto, uma espécie de ilusão ótica da sua consciência”, refere-se a nós, seres humanos, como parte do universo que somos limitados no tempo e no espaço. Como físico e matemático, Einstein sabia exatamente o que estava afirmando. A segunda, “[...] a nossa tarefa é libertar-nos dessa prisão, ampliando nosso círculo de compaixão para abraçar todas as criaturas vivas [...]”, diz respeito ao aprisionamento a que todos os seres vivos possuem. Ou seja, nós vivemos numa prisão onde suas grades são o anseio de possuir algo, ou alguém aliado ao sentimento de apego por outros seres ou coisas. Assim, o aconselhamento do grande mestre Einstein é que abracemos a natureza tal qual ela é em toda a sua beleza, tenhamos compaixão e, em consequência, sejamos misericordiosos, confraternizando-nos com todas as criaturas vivas.

– Desse modo, por meio de Einstein, temos um ou o caminho para uma vida virtuosa no seio do universo, e também a forma de nos desencilharmos das amarras que nos prendem aos desejos materiais e à busca incessante pelo poder. Quanto à transumanidade, ao retornarmos, farei referência ao Doutor Kyle Munkittrick, que, em artigo de sua autoria



publicado na revista *Discovery*, descreveu, segundo ele, os princípios ou fundamentos que nos darão as condições necessárias para a transumância. O Professor Luis assume agora o comando.

– Muito bem, meu Professor amigo João Paulo, considerando apenas a amostra dos assuntos que virão no decorrer de nossa reunião, estou temendo que não possamos cumprir a nossa agenda. Mas isso somente a prática confirmará. Os minutos finais que faltam para o almoço serão utilizados pelo Doutor Etevaldo.

– Realmente, Professor Luis, são importantes os assuntos que constam da agenda adrede preparada. E, pela experiência adquirida ao longo de nossa árdua luta forense na pesquisa da ciência do Direito, cremos na impossibilidade de consumá-la na íntegra. Alguns dos assuntos que estão na pauta demandarão anos de estudo, senão toda a vida produtiva que ainda resta a cada um de nós. Entretanto, viveremos felizes e com alegria porque nossa procura será diuturna, apoiando-nos na apreensão incessante do conhecimento que naturalmente será, sem dúvidas, consequência do “aprender sempre”.

– A temática que me proponho analisar pode ser definida como “Uma pequena história da computação e a internet no século XXI”. O Professor João Paulo falou em “mote”, e nós falaremos em “acirrar ânimos”. Neste momento, faremos uma breve, simples e jocosa colocação: vocês sabem ou sabiam que a internet tem uma mãe e uma irmã? Pois bem, a resposta a essa questão é uma afirmação veraz: sim, a internet tem uma mãe e uma irmã! Há cerca de 60 anos, a norte-americana *Advanced Research and Projects Agency* (Agência de Pesquisas em Projetos Avançados – ARPA) criou a ARPANET, que é a mãe da internet e da milnet, as quais são irmãs. Mas, depois, eu conto essa história, pois o tempo esgotou e já notamos por duas vezes os acenos da De Jesus para alertar-nos sobre a hora do almoço.

O Professor Luis ergueu-se de onde estava sentado, com o semblante que demonstrava preocupação, para encerrar os trabalhos. Na verdade, todos os participantes mostravam-se possuídos pelo mesmo sentimento.

– Vamos almoçar, mas antes desejo reiterar nossas palavras pronunciadas anteriormente. Não é justo negar que toma conta de nós um misto sentimento de surpresa e incredulidade. Talvez em virtude das



perspectivas que se anunciam traduzidas pela interrogação: será que teremos fôlego para enfrentar os desafios que nos aguardam? Precisamos apoiarmo-nos uns nos outros para levar incentivo e motivação àquele que, num momento qualquer, mostrar-se fragilizado. Os nossos assistentes estão sendo esperados no canil pela De Jesus, e a reunião da parte da tarde começará às 14 horas. Vamos, então!

A mesa para o almoço, como de costume, estava servida. Como todos conheciam, num dos cantos, à direita, as frutas, os limões, os copos, uma garrafa de vinho, azeite de oliva extravirgem, vinagre de maçã, suco de uva e três jarras de suco – manga, graviola e goiaba – produzidas no próprio sítio. Além do arroz com feijão, acompanhavam os grelhados: carneiro, frango e peixe, sendo que os dois últimos estavam sem sal, haja vista que eram destinados aos que obedeciam dieta médica. Para completar, uma salada de verduras cruas, acrescida de alface e grão de bico. O Professor Luis foi o primeiro a se manifestar, pedindo que tomassem os lugares de sua preferência e se servissem. O Doutor Pedro Otávio e a Professora Amélia já haviam iniciado a feitura de seus pratos, onde o anfitrião demonstrava mais exuberância de apetite. O Professor Luis chamou De Jesus e perguntou: você colocou refeição suficiente para todos os assistentes? Ela ergueu o polegar direito no sentido de anuência: sim ou OK! Complementando, acrescentou:

– Recomendei ao seu Semeador que, como da última vez, se sobrasse ou se eles não desejarem comer tudo, eu guardaria para o jantar. Estou certa nesse procedimento?

O Professor Luis apenas confirmou, balançando a cabeça. O almoço dos anfitriões e convidados transcorreu com a costumeira troca de ideias sobre o noticiário, envolvendo os temas políticos nacionais e internacionais, além de uma evasiva discussão acerca das catástrofes naturais que se espalhavam em diversas partes do mundo, principalmente, nos continentes africano e asiático. Quando o clima da troca de ideias se arrefeceu, a Professora Amélia interveio revelando as razões de sua principal preocupação.

– Bem, eu sei que este não é o momento ideal, porque o foro de nossas



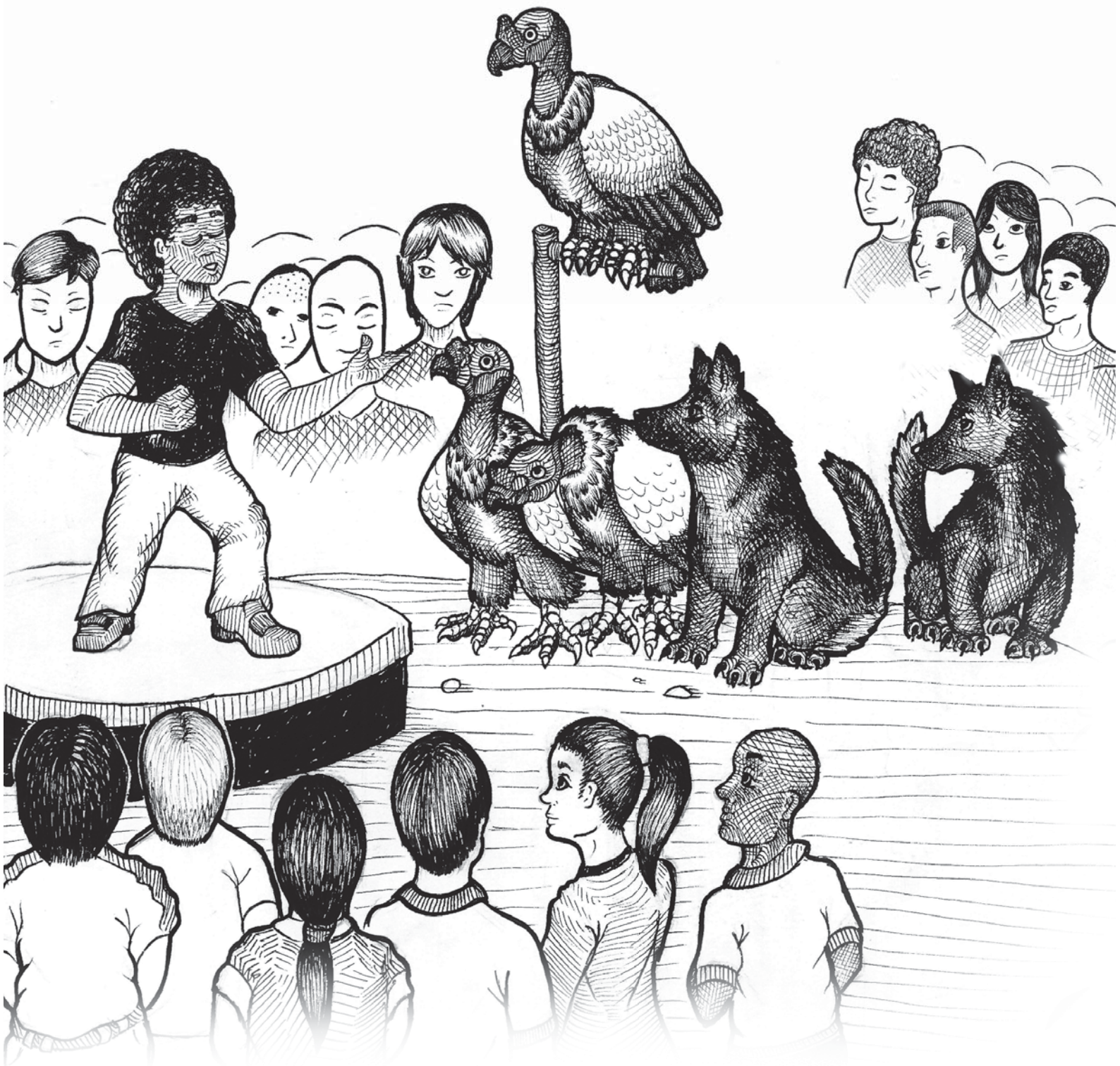
discussões é a sala de reuniões, mas, em minha pequena participação, pude expressar que muitos mistérios que eu atribuía aos “desígnios de Deus”, neste momento, mesmo que não venha a dar-lhes nova interpretação, estou pronta e decidida a estudá-los com mais aprofundamento em seus diversos aspectos. Sem intento de me antecipar aos debates, solidarizo-me ao Semeador em sua participação na reunião, concordando com a questão que seu grupo deseja incluir na agenda de assuntos cruciais. Não posso negar que receio vir a ser um dos participantes do grupo que se fragilizará na tentativa de compreender algumas questões que virão à tona. Quais materiais, livros, cópias, xérox de pesquisas, etc. poderão ser disponibilizados aos participantes do grupo a fim de que todos possam utilizá-los em estudos que, necessariamente, serão realizados?


Houve um silêncio desconcertante. A Professora sempre participava do almoço, mas, na maioria das vezes, quando desejava falar algo, em voz baixa, expressava a sua opinião ao marido, que a tornava pública. Ocorreu uma mudança radical: ela se mostrou agora objetiva, enfática e decidida. O Professor Luis resolveu intervir com uma resposta que poderia satisfazer os reclamos de sua mãe.

– Minha querida mãe! Não sei se todos, mas, pessoalmente, não poderia deixar de aceitar as colocações manifestas com uma resposta satisfatória à questão que a senhora houve por bem formular. Melhor que isso, achamos mais objetivo transformá-la, data vênia, numa sugestão: que tal criarmos um acervo bibliográfico constituído de livros, sites, CDs, DVDs, e começarmos a formar uma biblioteca para a nossa escola? Bem, essa ideia, para se tornar realidade, vai carecer da aprovação dos membros do grupo, inclusive de nossos assistentes. Vamos então finalizar o almoço, para daqui a meia hora voltarmos ao expediente da tarde.

Seguiu-se então o regalo proporcionado pelo rega-bofe. Os assuntos foram emudecidos e ouvia-se apenas, aqui e acolá, expressões do tipo: “Fulano, me passa o vinho”, ou “Beltrano, dê-me o suco de fruta”. Assim aconteceu até todos se sentirem plenamente satisfeitos, e com alguns minutos para descansar antes de subir.







ASPECTOS DA TRANSCENDÊNCIA
GNOSIOLÓGICA E ONTOLÓGICA:
A INTUIÇÃO IMPÕE-SE

CAPÍTULO IV

“O universo parece [...] ter sido determinado e ordenado em conformidade com o número, através da predição e do espírito do criador de todas as coisas; esboço preliminares o padrão foi fixado, como esboço preliminar pelo domínio do número preexistente na mente do Deus que criou o mundo.”

Nicômacos de Gerasa

(Citado por Carl Saga em Contato, página 491)

ASPECTOS DA TRANSCENDÊNCIA GNOSIOLÓGICA E ONTOLÓGICA: A INTUIÇÃO IMPÕE-SE.

Transcendência Gnosiológica – é inerente ao ser que aprende; se dedica à busca do conhecimento das coisas e dos objetos criados. Resaltamos que o ser que aprende – o ser cognoscente – envolve-se não somente com o nosso cognitivo, mas, para completar o processo de aprendizagem, a intervenção e interação do e com o meio é necessária, onde o processo ocorre.

Transcendência Ontológica – é metafísica; somente pode ser alcançada por seres que não precisam de experiências. O único exemplo de que dispomos é Deus. Lembremo-nos de que Ele é onisciente e onipotente, ou seja, não está sujeito, obviamente, a experiências.

No momento, talvez não seja prematuro conceituar, filosoficamente, o transcendentalismo como a base única ou última de que o ser é formado, tendo valia e propósito. Grosso modo, não é exagerado ou discrepante afirmar que o transcendentalismo se refere a tudo que transcende a matéria.

– Para realmente encerrar a nossa exposição de hoje, desejamos contribuir com a indicação de um livro baseado em fatos reais, na expectativa de que se junte àqueles outros que serão adquiridos para o acervo bibliográfico da ACAPA, transformado em filme, intitulado *Heaven is for real* (em língua portuguesa, *O céu é de verdade*). Os atores principais são Greg Kinner, como pastor Todd Burpo, Kelly Reilley, esposa do pastor Burto, e



Connor Corum, interpretando Colton, filho do casal. Podemos fazer um pequeno resumo do enredo do filme. Colton, o filho adoentado, devido a uma apendicite necessitou ser operado e sofreu um processo infeccioso. Por isso, o pastor Todd Burpo tentou convencer seus adeptos de que seu filho Colton havia visitado o céu, vivendo situações ocorridas antes do seu nascimento, o que, certamente, ele não tinha como dar-se conta. Além disso, Colton fez outras revelações, tais como:

1. Anjos vieram cantar para ele no decurso da operação;
2. Na estada no céu, viu Jesus mais novo e com cicatrizes nas mãos e nos pés, tendo a oportunidade de sentar-se em seu colo.
3. Também viu seu avô, pai do pastor Burpo, que o abraçou sempre sorrindo para ele.

Finalmente, descreveu o céu como um lugar sereno e de muita paz, onde todos que lá estavam discutiam e trocavam ideias alegremente.

– Bem, não faremos mais nenhum comentário sobre os assuntos que expusemos até o momento. No entanto, será que Colton esteve “em uma das moradas de Deus”? Em uma passagem bíblica, Jesus dissera que “a casa de meu Pai tem muitas moradas”. Leiam o livro e assistam ao filme. Depois poderemos discutir nossas opiniões, mesmo que sejam divergentes.

– Também não poderíamos deixar de colocar uma questão sobre a intuição que se relaciona com inteligência, consciência e cognição, assuntos já discutidos entre nós. Será que todos seriam capazes de responder à questão: a intuição é inata? Para respondê-la, discutiremos opiniões, mesmo divergentes, amadurecer dois conceitos: 1) o que entendemos por intuição; 2) o que entendemos e qual a diferença entre inatismo e inato. O primeiro termo refere-se a uma doutrina em que seus adeptos acreditam que o “mundo das ideias” é algo à parte da existência humana. É possível aclarar ou objetivar um pouco mais da seguinte maneira: se os seres criados não estivessem no planeta Terra, mesmo assim o “mundo das ideias” permaneceria onde sempre esteve. Lembremo-nos que ideias são ideias, não têm corpo, espírito e alma, a exemplo dos seres criados. E esses não nascem com ideias, eles as desenvolvem como fruto da experimentação ocorrida, cotidianamente, no transcorrer da vida. Por causa disso, elas aperfeiçoam-se e multi-



plicam-se. O inato é aquilo que é parte do indivíduo quando nasce, e, portanto, é congênito. O inato, como todas as coisas criadas, não pode nascer, e, a partir desse raciocínio, é o não nascido.

A INTUIÇÃO SEGUNDO A NEUROCIENTISTA SUZANA HERCULANO-HOUZEL

– Nós pretendemos abordar a temática da intuição tendo como fundamento os estudos da neurocientista Suzana Herculano-Houzel, autora de diversos livros e outros em parceria sobre o assunto. Também trabalharemos a pesquisa realizada pela Doutora Virginia Burden e seu marido, culminando na edição do livro *O Processo da Intuição: uma psicologia da criatividade* (*The process of intuition – A psychology of creativity*). Antes, como motivação e introdução, utilizaremos um excerto do livro *Sabedoria e intuição*, obra coordenada pelo Doutor Ron Schultz, a qual conta com a participação de doze médicos e cientistas, com artigos envolventes e fascinantes sobre o assunto intuição. Vejamos então a opinião do Doutor Schultz:

O desenvolvimento da psicologia e as recentes descobertas sobre o funcionamento do cérebro dizem muito a respeito de como as pessoas conhecem e de como tomam decisões. Ao longo do século XIX, predominaram os pontos de vista filosóficos dos racionalistas, empiristas, pragmatistas, que viam o mundo como determinado. A principal imagem com que se representava esse universo mecanicista era a máquina – as partes fazem o todo. Os românticos causaram impacto ao abraçar as funções ‘irracionais’ do mundo, influenciando em larga medida a psicologia. Mas somente quando da abominável destruição que caracterizou a modernidade, as funções ‘irracionais’ conseguiram fincar firmes raízes no mundo moderno. (SCHULTZ, Ron , pag.)

Onde antes o pensamento e a razão faziam perfeito sentido num certo mundo, a nova incerteza da existência fez ruir esse modelo. Essa admissão da incerteza voltou a fazer da intuição parte integrante do processo como sugerira Jung. No dizer de Kant, a intuição é um modo de conhecer quando as coisas são incertas.

– Não fiquem apreensivos. Acrescentaremos, em nosso resumo, o que mais será importante para todos nós sabermos sobre a intuição.



O Professor Luis levantou-se, trazendo em sua mão uma ou duas folhas de papel A-4 totalmente preenchidas.

– Meus caros companheiros, eu fiz algumas anotações sobre os assuntos tratados pelo amigo Professor João Paulo. Não se preocupem com essas folhas, pois tive que escrever com letra graúda para facilitar a leitura. Vejamos.

O Humanismo, o Iluminismo, a Transumanidade e o Transumanismo. Inteligência e Consciência. As relações entre a inteligência e a consciência na abordagem do transcendentalismo. Transcendência gnosiológica e ontológica.

Intuição e inteligência são inatas.

A entrevista da Doutora Suzana Houzel.

O casal Burden: Virginia e David Burden. O livro de autoria do casal Burden: *O processo da intuição*.

– Como vocês podem observar, vamos necessitar de tempo, talvez muitos anos, para compreender com maior aprofundamento todos esses assuntos. Como finalizou o Professor João Paulo, precisaremos de mais e muito mais estudos. Agora, abriremos espaço para as discussões.

Dessa vez, foi Mestre-1 a dar um passo à frente com suas duas grandes asas levantadas, manifestando-se, mais uma vez, antecipando-se aos demais.

– Permitam-me a ousadia, e não julguem a participação do nosso grupo como imodesta. Iremos utilizar nossos recursos pessoais para nos fazer ouvir por todos os presentes ao mesmo tempo. Se o Professor Luis desejar, e nós até que gostaríamos, poderia fazer a gentileza de anotar a nossa intervenção. Deem-me alguns segundos para que possamos fazer uma breve concentração.

Uma espécie de pequena nuvem clara e reluzente pairou logo acima dele, e, então deu-se início à intervenção. Todos os presentes estavam abismados, boquiabertos, alguns ensimesmados, aguardando o que Mestre-1 lhes iria transmitir. O olhar incisivo e penetrante de Mestre-1 percorreu diretamente



os olhos dos participantes, fixando-se, ao final, no Professor Luis.

O GRUPO DOS ASSISTENTES INTERFERE: GNOSIOLOGIA E CONSCIÊNCIA

– Caros companheiros de estudo, a maneira como estarei me expressando vai assemelhar-se àquela utilizada pela grande maioria dos humanos. É coloquial e sem preciosismos. O grupo de assistentes deseja fazer algumas observações sobre dois assuntos:

Transcendentalismo e consciência;

Transcendência gnosiológica e transcendência ontológica.

– A explicação e posterior definição dada pelo sábio companheiro Professor João Paulo, sobre o transcendentalismo e a transcendência é pertinente e satisfatória. Ele afirma que o transcendentalismo é a base única ou última que é formada no ser, o que significa dizer que todo ato transcendental tem um propósito [...], e, ainda, o transcendentalismo se refere a tudo que transcende a matéria, citando o filósofo Kant.

– No entanto, para atingir o objetivo de nossa explanação, precisamos relembrar algumas consequências do conceito de consciência. Vivemos num mundo em que, costumeiramente, não é possível deixar de tomar decisões e somente a nós cabe fazê-lo. Ou seja, não podemos ser ajudados, estamos sós, entregues ao “livre-arbítrio”, a fim de decidir o que queremos. Precisamos concretizar atos conscientes, quando a oportunidade se nos apresentar. Já discutimos, recentemente, tenho ciência disso – veja-se o caso do indefinível “goreito” –, e aceitamos que todo ato consciente resulta do fato de que a consciência armazenou alguma coisa que está imbricada a ele. Mas é preciso que investiguemos a origem dos fatos que locupletam a nossa consciência. Sabemos que nela estão registradas, além de outros sentimentos, as nossas emoções, por exemplo, quando dizemos “Estou bastante feliz”, e, de outra feita, “Eu me sinto com incontrolável paixão por ele”. A primeira frase exterioriza um pensamento consciente, mas a segunda revela um pensamento inconsciente de nossa vida. Do pensamento consciente nós damos-nos conta, e, portanto, podemos interferir, pelo livre-arbítrio, para que não



se realize ou para modificá-lo adequando-o às nossas conveniências. Será que a mesma atitude é viável para o pensamento inconsciente? É o que ocorre na segunda frase. A paixão, por si só, pragmaticamente, é um sentimento intempestivo que foge ao controle do indivíduo. Imagine-se uma reconhecida “paixão incontrollável”? Nossa mente inconsciente guarda fatos inexplicáveis e incompreensíveis; existem alguns casos, porque não dizer, fenômenos, onde seres em estado de inconsciência praticam atos e revelam coisas que, talvez, conscientemente não o fariam.

– Desse modo, consciência não é matéria, qualquer coisa que se pode pegar, moldar, nominar, etc. O que é, então? Se prestarmos atenção, o trabalho que ela faz em comunhão com o cérebro, suponho, é revelado por diversificados atos de ação; por exemplo, o ato de perceber, agir, apaixonar-se, de pensar e imaginar, de ter vontade, etc. com os quais temos um objetivo específico. A nossa liberdade de escolha advém de ações conscientes, do nosso livre-arbítrio. É possível dizer que qualquer um de nós é o resultado de nossas próprias escolhas.

– Quando resolvemos escolher, inevitavelmente, orientamo-nos em fatos semelhantes que ocorreram no passado ou naqueles que imaginamos que acontecerão no futuro. Portanto, para decidir sobre algo, são esses os nossos dois referenciais. Temos registrados em nossa consciência os fatos que aconteceram no passado, e, como tal, são irreversíveis. O que é do passado, passou; não há retorno para fatos do passado. Embora nos constrem situações dessa natureza, dadas as frustrações e oportunidades que foram perdidas – por falta de uma intuição positiva? –, também é possível depositar confiança em nossa intuição, e, nesse caso, devemos ficar alerta para momentos ansiosos que nos alcançarão, ao prevermos a possibilidade de que nossa intuição virá a ser negativa. Desse modo, em quaisquer das alternativas, a intuição mostra-se como a única e última possibilidade para quem tem o poder de decidir.

– E o que significa dizer que “a intuição nos mostrasse como a única e última possibilidade para quem tem o poder de decidir? Se admitirmos como verdadeira tal afirmação, será necessário refletir muito mais sobre ela e as relações entre inteligência, cognição e consciência. Os conceitos que formamos sobre essas propriedades ou características dos seres criados possibilitam-nos especular que existe uma gradação ou ordem de ascendência, ou descendência, a partir do hemisfério esquerdo do



cérebro. Assim é que, se a consciência armazena dados e coisas acontecidas, a inteligência resolve problemas e utiliza o resultado para criar outros problemas e coisas, e o conhecimento, gnose ou gnosiologia, é inerente ao ser que aprende; então, seria correto afirmar que a intuição depende da inteligência, da consciência e do conhecimento? Ou seja, na ordem de ascendência apriorística estariam, em primeiro lugar, inteligência, consciência e gnose, e, em seguida, a intuição.

– Bem, nós nos referimos até agora à consciência. E a subconsciência nessa relação, onde e como podemos colocá-la? Em que órgão é produzida? Em nenhum! Lembrem-se de que a consciência é o dar-se conta de algo enquanto a subconsciência guarda nossos anseios, sonhos, medos e pavores. Todos nós pensamos, e esse pensar/pensamento, além das crenças que engendramos, envolvem o nosso modo de agir e a nossa personalidade. No exercício de suas diligências operacionais, a consciência produz o pensamento. É possível admitir que a consciência é um produto da mente, e, nesse caso, a subconsciência também o é; é, pois, uma sombra da consciência. Ora, o poder da mente consciente é o de encaminhar decisões e pensamentos, tornar factível o raciocínio, etc. O subconsciente é submisso ao consciente e ambos acumulam fatos utilizáveis no futuro. No entanto, o subconsciente é intuitivo e, em consequência, tem sua própria maneira de operar e de forma instantânea. Tudo isso se processa imaterialmente, mas não podemos inferir que existe algo espiritual ou paranormal que justifique e explique o trabalho do subconsciente. Não nos esqueçamos de que já é consensual entre nós que devemos estar preparados para nos dedicar a profundos e amíúdes estudos que dizem respeito às temáticas envolvidas e que ousamos expor para discussão. Permitam-nos resumir o conteúdo de nossa explanação até o momento:

A Mente Consciente (MC) recebe concepções e fatos oriundos do pensamento, evidentemente, sob o direcionamento do cérebro.

A fim de que todas essas concepções, ideias e fatos sejam exitosas, é necessário que saibamos acionar a Mente Subconsciente (MS) para que as acate.

É importante que aprendamos a separar as concepções, ideias e fatos positivos daqueles eivados de influências espirituais negativas.

Devemos saber segregar todas as influências espirituais negativas de nossa mente consciente. Para tanto, é importante que estejamos diutur-



namente em estado de vigília, objetivando que a mente subconsciente não venha a apreender pensamentos e/ou ideias que se amparem em influências espirituais negativas.

É necessário que tenhamos momentos durante as 24 horas do dia, preferencialmente, à noite e antes de dormir, e por meio de autossugestão, para treinar nossa mente subconsciente, que é intuitiva, de modo que esta aceite somente os pensamentos positivos que desejamos possuir no cotidiano de nossa vida.

– Sabe-se que, pelo menos há cerca de dois séculos, o transcendentalismo é aceito por filósofos e pela cultura religiosa como um estado espiritual que ultrapassa ou “transcende” a matéria e o experimentado. Ora, a consciência, como já dissemos anteriormente, é o “dar-se conta de algo [...] e produz o pensamento [...] a consciência não é matéria, qualquer coisa que se pode pegar, moldar e nominar”. Assim, a consciência não é matéria, porém ela também não existe em estado espiritual. Desse modo, o transcendentalismo e a consciência são conflitantes, opostos ou incompatíveis? Apenas gostaríamos de praticar mais uma ousadia afirmando que o transcendentalismo é um estado de espírito, enquanto a consciência é um estado mental.

– Relativamente à transcendência ontológica, deixaremos de pronunciar-nos sobre ela, porquanto, no momento, acreditamos que se é fato que somente Deus pode alcançá-la, prefiro esperar por mais estudos e discussões de aprofundamentos sobre o tema, para que nós, assistentes, tenhamos uma ideia formada. Tratando-se da transcendência gnosiológica, reprisando a afirmação do Professor João Paulo, é inerente ao ser que aprende; dedica-se à busca do conhecimento das coisas e dos objetos criados. Devemos ressaltar que o ser que aprende, o ser cognoscente, envolve-se não somente com o cognitivo, mas para completar o processo de aprendizagem, reciprocamente, interage com o meio. A grande questão, portanto, é que a transcendência gnosiológica está afeta somente aos seres criados que estão à busca do conhecimento. Os demais ficarão, pelo tempo que durar esse estado, à mercê do livre-arbítrio.

– Esperamos e desejamos que todos tenham nos ouvido, mas não temos muitas ilusões tratando-se da compreensão ou entendimento de tudo que foi registrado em nossa explanação, o que, sem dúvida, acontecerá, a médio e longo prazo. Para finalizar, sugerimos que façamos um



agendamento mensal ou quinzenal para os próximos três ou seis meses, elencando os assuntos que consideramos mais importantes. Por exemplo, duas temáticas seriam: “1. Consciência, inteligência, pensamento e intuição”; e “2. Transcendência gnosiológica e ontológica, humanismo e transumanismo”, e assim por diante. Em nome do grupo de assistentes, agradecemos a todos.

O Professor Luis foi o primeiro a levantar-se mostrando que se recuperara do transe hipnótico que deixou uma parte dos presentes semiacordados. A minivagem luminosa deixou de ser observada, e, paulatinamente, o grupo todo voltou a si, embora alguns apresentassem sinais de perplexidade, com aparência interrogatória.

– Particularmente, temos refletido bastante sobre a magnitude do trabalho voluntarioso em que estamos nos encaminhando. Boa parte das ideias são impraticáveis, mas podem ser aperfeiçoadas e adaptadas à realidade, e outras são plenamente realizáveis, como a implementação de um blog da ACAPA/ACPA. Estamos tentando trabalhar nesse projeto e, quando ele estiver pronto numa versão preliminar, passível de ser discutido, farei um resumo digitado para que, depois de lido por todos, seja possível verificar a sua viabilidade.

– Os assuntos que estamos estudando muito nos gratificam, entretanto, todas as coisas que conhecemos, para que sua aprendizagem se concretize, não emergem espontaneamente e tampouco estão disponíveis a qualquer ser criado, sem esforço e dedicação. Tentativas dessa envergadura poderão ocasionar impaciência, aborrecimentos e, em consequência, estresse. A convivência harmoniosa com esses fatos será atenuada com momentos de jocosidade na tentativa de desanuviar as dificuldades. Permitam-nos tentar recitar uma poesia-canção dos compositores César e Pedro Poli, fundo musical do filme *Amor além da vida*, que é estrelado pelo ator Robin Williams, no papel de Chris Nielsen, e pela atriz Annabella Sciorra, como Anne, a esposa de Chris. Vamos então à poesia:



*Imaginei, andei e encontrei
A minha outra parte
Alma gêmea preferida
Deusa na terra nascida
Amor além da vida
Meu amor além da vida
Corpo, alma, coração
Intuído pelo amor
Neste mundo procurava
Aquele sonho de criança
Sem perder a esperança
Era você que desejava
Transbordou minha alegria
Ficou marcado o grande dia
Que nas páginas trocadas desta vida
Eu dei de cara com você
E me apaixonei e me entreguei
Quantas vidas eu tiver
Em todas vou amar você
Por você é que sou apaixonado assim
Completo o que faltava em mim
Os meus desejos e manias
Você está em mim, no dia a dia
E até nos sonhos meus, vivo feliz agradecendo a Deus
Nem sei se te merecia
Eu sou a letra desta canção
Declaração de amor um dia prometida
E você a melodia preferida
Lê, Lê, preciso te dizer
Que o meu amor por você
É amor além da vida
Por você é que sou apaixonado assim*

A poesia-canção emocionou não só o declamador, mas, generalizadamente, aos outros participantes que o aplaudiram de modo eufórico. Dona Amélia, derramando algumas lágrimas, com os olhos voltados para seu marido, que recíproca e meigamente retornava o olhar que ela lhe

endereçara, juntaram-se às palmas de aprovação. Após os aplausos, o Professor Luis deu continuidade à reunião.

– Meus parabéns, Mestre-1, extensivos aos demais assistentes, pela inteligente e objetiva explanação. Relativamente à sua última sugestão, referindo-se à elaboração de uma pré-agenda para ser cumprida em 15 ou 30 dias, abordando os temas: “1. *Consciência, inteligência, pensamento e intuição*”; “2. *Transcendência Gnosiológica e Ontológica*”; e “3. *Humanismo e Transumanismo*”, vamos primeiramente ouvir os membros do grupo interessados em opinar, para depois e por votação, decidirmos acerca dos prazos, quinze ou 30 dias, e sobre as temáticas. No entanto, é necessário esclarecer que devemos estar atentos para o fato de que os prazos se relacionam com os temas, pois se juntarmos os assuntos consciência, inteligência, pensamento e intuição e dedicarmos a eles um prazo de quinze dias ou dois encontros, é possível que não possamos cumpri-los nesse período de tempo. É meu dever lembrar-lhes sobre o fato de que, conforme combinado, finalizaremos os trabalhos às 16h45min, e, até às 16h, antes de nossa costumeira caminhada, discutiremos a grande novidade que repassaremos para a alegria de todos nós. Com esses esclarecimentos, vocês comandarão os trabalhos por mais 45 minutos.

O Professor João Paulo ergueu-se e pediu a palavra, apresentando sinais de sua peculiar habilidade no ato de pensar.

– Em nossa participação anterior colocamos a seguinte questão: a intuição é inata? E, em seguida, acrescentamos: o inatismo é uma doutrina em que seus adeptos admitem que as ideias independem da existência humana em si mesma. Seguindo esse raciocínio, podemos dizer que as ideias existem a priori; as ideias de um ser não são propriedade dele. Como já foi aqui discutido, quando nascemos, o ser se consolida com um corpo, um espírito e uma alma. As ideias não acompanham o nascituro, pois são inatas; não nascem. Essa afirmação remete-nos ao mundo das ideias, sobre o qual apenas podemos dizer que esse “*mundo*”, além de imaterial, abrigará também aquelas ideias que aconteceram após o nascimento de qualquer ser criado e que passarão a ser acumuladas na mente, que, por sua vez, são submissas ao cérebro.



– Encerramos agora essa intervenção, principalmente, porque fomos alertados por meu amigo Professor Luis, e, assim, não nos prolongaremos mais. Desejo parabenizar nossos assistentes pela coerência da mensagem de Mestre-1, e, fundando-nos na principal temática, “*Mente, consciência, inteligência, pensamento e intuição*”, informamos o nosso acatamento da sugestão da elaboração de uma agenda quinzenal ou mensal, ao mesmo tempo em que, data vênia, peço licença para reiterar as palavras do Professor Luis: “se dedicarmos a eles – a temática com cinco assuntos, por exemplo – um prazo de quinze dias ou dois encontros, é possível que não possamos cumpri-los nesse período de tempo”. Passo então a palavra para o próximo inscrito.

O Doutor Pedro Otávio era a segunda opção da palavra, fazendo as vezes do casal anfitrião.

– Caríssimos companheiros, conversei um pouco com a minha mulher, Professora Amélia, sobre a nossa situação, dadas as dificuldades em acompanhar, com compreensão e proveito, todos os temas aqui discutidos. A impressão que temos e que nos dá esperanças é a adoção da pré-agenda. No entanto, reiteramos que essa medida acautelatória, somente ela, não é suficiente para resolver as dificuldades apontadas. Sugerimos, então, que, acompanhando a sequência dos assuntos agendados, nos sejam disponibilizados livros, cópias xerox dos assuntos relacionados na internet, CDs, DVDs e outros recursos. Assim, e antes das reuniões, estaríamos mais fundamentados estudando, a priori, sozinhos ou em parceria, que é o nosso caso, os assuntos da pauta da reunião. Desejamos que todos verifiquem a possibilidade do atendimento da sugestão ofertada, na certeza de que ela será benéfica a todos.

O Doutor Etevaldo, advogado da ACAPA/ACPA, levantou-se para externar as considerações que julgava oportunas.

– Não poderíamos deixar de registrar, nesses pouco mais de cinco minutos, algumas palavras sobre as participações e sugestões que ouvimos. Primeiramente, a proposição do Doutor Pedro Otávio e da Professora Amélia, respaldo-a, integralmente, com o adendo referido pelo Professor Luis. Devemos dizer, com a sinceridade que nos é peculiar,



que estávamos pensando em algo semelhante, e, agora, constatamos a grandeza de propósitos desse nosso grupo. É maravilhoso enxergar no semblante de todos o desejo e a ânsia de estar sempre aprendendo, buscando os caminhos que remetem ao objetivo alcançável e definido. Reportamo-nos, também, à criação do blog da ECBA, para o qual poderemos ajudar na sua implantação, no planejamento de sua organização e na elaboração, sob a sua coordenação, dos textos que serão incluídos. Esperamos que o tempo gasto tenha sido útil. Obrigado.

O Professor Luis ergueu-se vagarosamente, deu um passo à frente, entretanto, nem tentava esconder o seu olhar sonhador e perscrutador, mirando, rapidamente, todo o grupo presente. Em segundos, todos chegaram a pensar que ele estava em transe e tinha se desligado da realidade. Ele abriu um sorriso largo, levando alívio aos que esperavam o seu pronunciamento.

– Desculpem-me por este momento que poderíamos chamar de “estado de absenteísmo” – os jovens, e alguns adultos também, diriam que “surtei” –, o que não podemos negar. No entanto, antes de iniciar, farei um comunicado: deixaremos a votação sobre os prazos da pré-agenda para amanhã pela manhã, e, assim, teremos mais algum tempo para refletir. A grande, auspiciosa e alvissareira notícia, dizendo de forma direta e objetiva, devemos agradecer a sua concretização aos esforços despendidos, discretamente, nos últimos meses por nosso companheiro Doutor Etevaldo. Então, e graças a ele, anuncio-lhes a definitiva oficialização do robusto sonho deste grupo, que é, redundantemente, formado por autênticos sonhadores. A nossa ECBA já existe, não é mais um sonho. Agora, convido a todos que se juntem a nós numa salva de palmas em homenagem ao Doutor Etevaldo.

As manifestações multiplicaram-se, não só as palmas poderiam ser ouvidas, porque se misturaram numa verdadeira algaravia, a gritos enaltecendo o Doutor da ACAPA/ACPA: “Viva o Doutor Etevaldo”, e “Doutor Etevaldo, você está em nosso coração”. Os assistentes engrossaram o coro, em que latidos e o esvoaçar das grandes asas sonorizavam numa demonstração de júbilo e festa. Aqueles que não participavam da reunião naquela tarde, certamente, estavam especulando o porquê de tamanha comemoração.



O alarido estava arrefecendo, quando De Jesus entrou com sua auxiliar; ambas estavam portando duas bandejas, cuidadosamente, arrumadas com copos cheios e bolo previamente cortado. Ela surpreendeu a todos. Imediatamente, como era de se esperar, Dona Amélia dirigiu-se a ela, exclamando com um sorriso à mostra:

– O que é isso, De Jesus? O que deu em você? Eu combinei com você algo dessa natureza?

– Minha querida patroa, a senhora nem sabe o barulho que, daqui de cima, chegou lá embaixo, nós todos ficamos zureta sem saber o que estava acontecendo. Então, como a curiosidade não mata, mas maltrata...

A Professora não deixou que ela prosseguisse.

– Então você decidiu vir matar a sua curiosidade e aproveitou, trazendo como desculpa, o bolo e as bebidas. Estou certa?

– Bem, está e não está. Eu também estava preocupada porque ninguém desceu para uma merendinha, e eu sei que já é chegada a hora da caminhada.

– Está bem. Eu tenho certeza de que nenhum dos participantes da reunião vai questionar o porquê da sua curiosidade. Muito bem, todos podem ficar à vontade que a De Jesus e sua ajudante vão servir-nos, porque ela separou as fatias de bolo e as bebidas para distribuí-las.

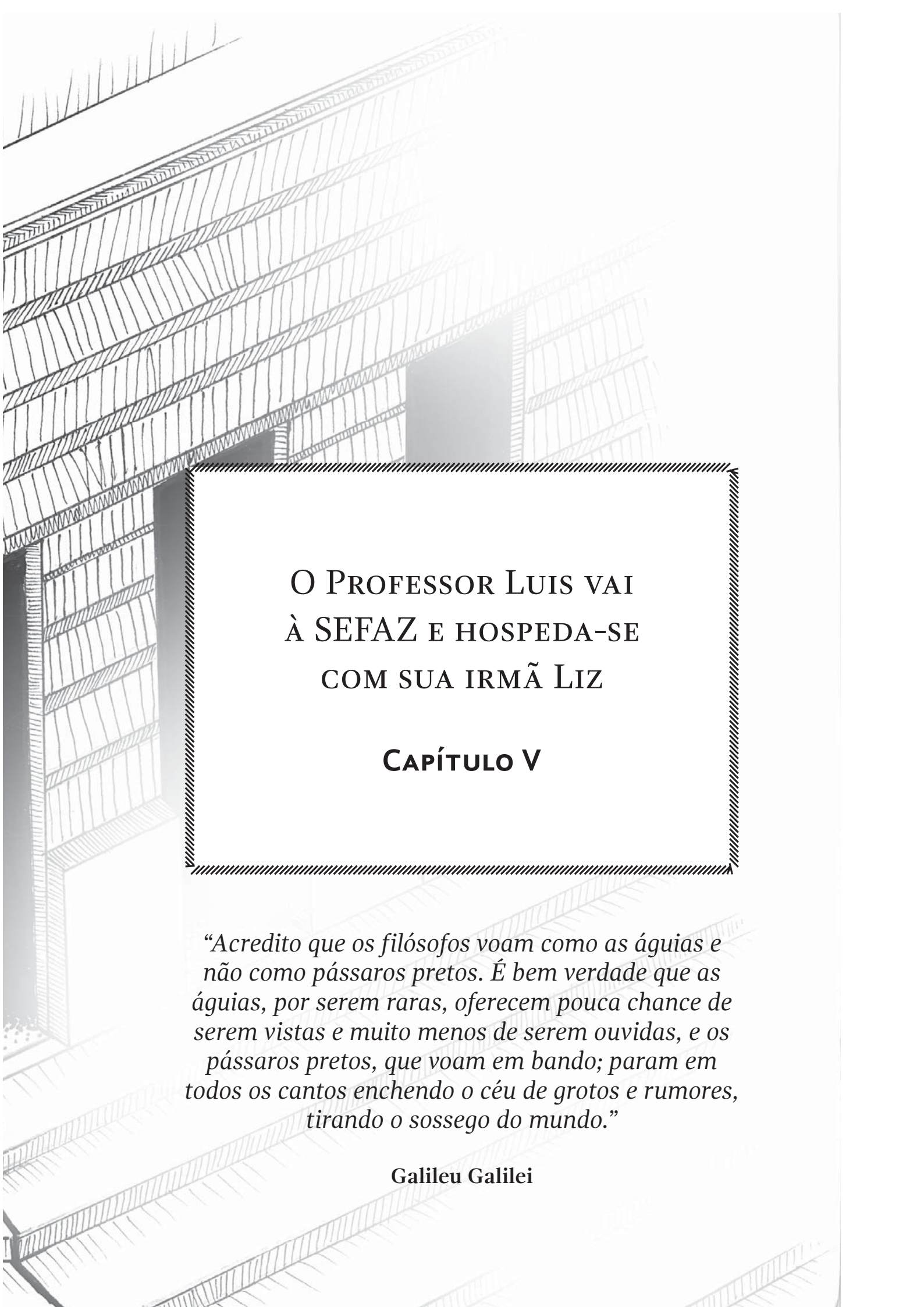
– Apenas para lembrar-lhes, patroa, existem uns três ou quatro copos com suco de uva sem açúcar para aqueles que estão de regime. Atendendo à sua liberação, vamos começar a servir.

As bebidas e o bolo foram rapidamente consumidos. De Jesus era realmente uma excelente serviçal; cuidara de tudo, meticulosamente. As fatias de bolo estavam envolvidas em grossos guardanapos, conservando, assim, a higiene das mãos; uma porção deles ficou disponível para uma eventualidade. Os caminhantes, mais uma vez, depois que o Doutor Pedro Otávio, Dona Amélia, De Jesus e sua ajudante desceram, vestiram-se apropriadamente para o final das atividades do dia, de maneira a cumprir um afazer que lhes agradava bastante. Em poucos minutos, eles já rumavam para a praia. Entrementes, não se deram conta de que estavam sendo seguidos pelos fiéis assistentes.



SEFAZ





O PROFESSOR LUIS VAI
À SEFAZ E HOSPEDA-SE
COM SUA IRMÃ LIZ

CAPÍTULO V

“Acredito que os filósofos voam como as águias e não como pássaros pretos. É bem verdade que as águias, por serem raras, oferecem pouca chance de serem vistas e muito menos de serem ouvidas, e os pássaros pretos, que voam em bando; param em todos os cantos enchendo o céu de grotos e rumores, tirando o sossego do mundo.”

Galileu Galilei

O PROFESSOR LUIS VAI À SEFAZ E HOSPEDA-SE COM SUA IRMÃ LIZ

Na terça-feira muito cedo, todos estavam de pé. O famoso café da manhã costumeiro da casa já estava servido às seis horas. Todos se serviram rapidamente, ouvindo as mesmas reclamações mostradas no dia anterior por De Jesus, o que novamente não surtiu nenhum efeito. Às sete horas levantaram-se e foram para a sala da televisão aguardar a sequência dos acontecimentos previamente planejados. O Professor Luis, com a mala pronta para a viagem ao seu lado, disse que dentro dela havia um tesouro: os documentos para a oficialização da Associação Científica dos Animais Professora Amélia – ACAPA. O apitar de um carro ao portão chamou a atenção dos que alegremente conversavam. Não tiveram dúvida de quem se tratava, indo recebê-los imediatamente.

– Bom dia, meus companheiros – disse o Professor Luis, muito satisfeito pelo cumprimento, na íntegra, da palavra empenhada pelo encadernador. – Todo o trabalho está realmente finalizado?

– Finalizado e entregue! – Respondeu com um ar de cansaço. – Nós e os auxiliares somente tivemos oportunidade de tirar um cochilo em torno das quatro da madrugada. Mas estamos aqui para que a conferência do que estamos entregando seja realizada.

– Bem, nós vamos iniciar nossa viagem daqui a uns dez ou quinze minutos, portanto, outorgo todas as demais responsabilidades, inclusive, o pagamento, aos meus pais, enquanto estaremos cuidando de alguns outros interesses nossos.



O Professor Luis deu a sua participação como encerrada naquele momento. Todas as encadernações estavam espalhadas no sofá da sala da televisão. A Professora Amélia e o Doutor Pedro Otávio deslocaram-se para lá e planejaram dar ao trabalho de conferência a seguinte ordem de execução: a) separar as encadernações relacionadas a um mesmo livro; e b) fazer a contagem incluídas as quinze que foram recedidas no dia anterior. O Professor Luis, num determinado instante, olhou para seu relógio e verificou que chegara a hora de sua viagem. Foi até à cozinha e despediu-se de De Jesus e suas auxiliares. Depois abraçou o pai e a mãe, dizendo-lhes um “até breve”. Somente então encaminhou-se ao portão, tendo uma grata surpresa: a “bicharada” quase toda também o esperava para despedir-se. Ouviram-se cocoricós, latidos, uivos, grunhidos e um sonoro bater de asas. Ele agradeceu levantando e balançando os dois braços várias vezes. Abriu o portão e começou o seu itinerário, que prometia uma série de etapas. O acerto entre ele e o Doutor Etevaldo era de que, entre 9h e 9h30min, encontrar-se-iam no cartório que ele sabia perfeitamente onde se localizava. A viagem transcorreu sem nenhuma surpresa, e, no horário acordado, já encontrou ali o seu advogado, que o aguardava. Cumprimentaram-se e seguiram logo ao setor especializado em assuntos relacionados às Organizações Não Governamentais – ONGs.

– Bom dia! Como está o nosso processo? Todas as fases inerentes ao cartório foram cumpridas, conforme prometido?

– Não tenha dúvida! Deixe-me trazer o processo.

O funcionário ausentou-se em busca dos documentos. O processo já estava volumoso devido aos diversos anexos incorporados por Doutor Etevaldo a pedido do Cartório.

– Estávamos preocupados com a situação na Receita Federal dos dirigentes da ONG e também dos proprietários do sítio. Não existem débitos a serem pagos ou inquéritos registrados no passado ou em curso. No INSS não foi registrada nenhuma pendência. Enfim, tudo está na mais perfeita normalidade. Estamos temendo apenas que a Receita Federal rejeite a procuração dos donos do sítio para que o advogado os represente e exija a presença de todos. Bem, mas isso é um problema futuro, se vier acontecer.



Vamos protocolar o processo, e o advogado o conduzirá à Receita Federal para receber o registro de autorização de funcionamento.

O destino agora seria “*a morada do Leão*”, que os dois não desconheciam. O Doutor Etevaldo, advogado experimentado em diversas modalidades de processo, encaminhou-se ao setor que lhe interessava. Recebeu uma senha, e os dois ficaram aguardando o chamado. A demora não foi tanta; um antigo funcionário da Receita Federal atendeu-os.

– Doutor Etevaldo, bom dia! Nós já encaminhamos outras demandas de sua seara. Que problema o traz aqui dessa vez? Será que poderemos prestar-lhe alguma assistência?

– E como poderá! O nosso problema é o “*registro de funcionamento*” de uma ONG. Trouxemos o processo, que foi avaliado pelo cartório por cerca de três meses e todas as exigências estão atendidas. Como você pode observar, sou eu o advogado dessa futura instituição, e, portanto, autorizado por procuração dada por seus diretores, todos já empossados. Um deles é também dono do sítio onde funcionará – já está funcionando – a sede da nova ONG.

– Muito bem, Doutor Etevaldo. Acredito que a avaliação não será muito difícil porque muitas das questões que nos causam mais problemas e retardam o trâmite normal foram procedidas pelo cartório, que é de indiscutível confiabilidade. O problema das assinaturas por procuração deve ser considerado em seus méritos e detalhes. Para essa espécie de trabalho e se nenhuma ocorrência mais grave for registrada, o tempo estipulado para a conclusão é de três dias. Nesse caso, pelas informações recebidas, veremos se poderemos terminar na quinta-feira. Mas não deixem de manter contato antes de retornarem nesse dia. – O Professor Luis aproximou-se para dizer e entregar algo.

– Os meus pais são cardíacos e hipertensos. Estão conosco cópias dos atestados médicos comprobatórios dessas enfermidades que lhes entregamos para fazer parte, como anexo, do processo. Como lhes foi recomendado pelo médico cardiologista repouso e regime alimentar, eles não poderão ausentar-se do sítio por, pelo menos, seis meses.

O graduado especialista da Receita Federal recebeu os documentos, acrescentando uma nota de aprovação.



– Excelente! Isso garante-nos quase 100% de certeza de que a nossa avaliação será confirmada pelo coordenador geral dos processos dessa natureza. De qualquer maneira, procedam conforme recomendei: mantenham contato.

– Vamos então, Professor Luis. Vamos ocupar o tempo disponível com os demais assuntos de nossa responsabilidade. Nós conhecemos um bom restaurante, do tipo “*bom e barato*”, para almoçarmos. Trata-se de um local quieto, calmo e que serve uma ótima comida caseira.

O Professor Luis seguiu o carro dirigido pelo advogado, livraram-se como puderam dos costumeiros problemas de trânsito, e, em menos de meia hora, conseguiram estacionar. Realmente era um lugar calmo. As mesas não se mostravam luxuosas, mas confortáveis e simples. Na verdade, tudo no local inspirava simplicidade e quietude. Tudo estava ajustado ao gosto de quem não queria ser importunado. Logo que sentaram, um garçom lhes trouxe, entre sorrisos motivadores de boas-vindas, o cardápio recheado de diversas comidas caseiras. Com rápidas perguntas para obter detalhes elementares, concordaram em pedir “peixe cozido à moda da casa com pirão aferventado”.

– Os senhores certamente entendem de comida caseira – disse o garçom. – O “prato” solicitado é um dos preferidos por nossos clientes. Mas façam-lhes uma sugestão: mudem de lugar e ocupem uma mesa do outro lado, porque, mesmo sendo ventilado, aquele local é mais apropriado para consumir nosso peixe, onde o “pirão aferventado” deve ser saboreado, preferencialmente, bem quente.

O Doutor Etevaldo e o Professor Luis não se opuseram e trocaram de mesa, conforme a indicação do garçom. Combinaram então que em primeiro lugar se alimentariam, e, em seguida, tratariam dos assuntos mais urgentes e importantes. A demora foi pouca, nem quinze minutos. O garçom serviu-lhes o peixe com todos os acompanhamentos, inclusive, uma garrafa de suco de uva natural solicitada pelo Professor Luis. Realmente, não haveria tempo para conversas, senão saborear o repasto. Uma fumaça emanava do “pirão aferventado”, aguçando o apetite; isso não lhes fez perder tempo. O tempo passou e ambos já estavam nos “*finalmente*”.



– Que tal, meu amigo Luis? Gostou da comida caseira? E o pirão?
– Etevaldo, dileto amigo! Você fez-nos quebrar o regime. Mas o peixe quase não tinha sal e também o “pirão aferventado”. Posso então ficar com a consciência tranquila. Vamos agora pedir a conta, pagar, e posteriormente tratar do que não pode ser postergado.

– Bem, Luis, acreditamos que o assunto mais importante do momento é o nosso blog, principalmente por envolver outros assuntos de nossa responsabilidade. Nós preparamos uma listagem que talvez seja entendida como burocrática e acadêmica, mas é essencialmente o que nos interessa. Vamos lê-la para que possamos discuti-la:

1. A publicação do blog pode ter a intermediação e execução por uma instituição especializada.
2. Escrever sobre assuntos de destaque, mostrando o trabalho na ECAPA/ECPA como algo diferente.
3. Usar a interatividade, fazendo o público-leitor participar do blog. Elaborar pequenas disputas, propondo algumas questões, votações e sugestões interativas sobre assuntos relacionados aos objetivos da associação.
4. Não deixe sem resposta quaisquer comentários, sejam eles críticos construtivos ou não.
5. Promova entrevistas com especialistas da área especificamente experimentados, e, quando possível, diplomados com mestrado, Doutorado e/ou pós-Doutorado.
6. É necessário acautelar-se com a objetividade das informações. É conveniente prevenir-se com a extensão dos artigos. Lembre-se de que, se eles se alongarem em demasia, provavelmente, poderão tornar-se repetitivos e cansativos. Talvez seja mais interessante publicá-lo em duas ou três etapas, e essa providência certamente motivará o leitor a compreendê-lo em sua totalidade.
7. Finalmente, divulgar o blog em instituições especializadas ou com finalidade idêntica, promovendo, assim, as ações da ACAPA/ECPA que poderão mais chamar a atenção do interessado.

– Bem, estimado amigo Etevaldo, trabalhar com você, além do prazer que proporciona, ajuda-nos em decisões que devem ser tomadas intempestivamente. É notória a sua faculdade ao empregar com rapidez a sua



destreza de raciocínio lógico. Os itens que foram listados, perfazendo sete, podem ser definidos como:

1. Operacionais: Todos eles carecem apenas que os Coordenadores de Temática, os CT, designem os colaboradores da redação do(s) artigo(s). A forma de tomar essa decisão é uma prerrogativa de cada CT.
2. Definição do tipo de informação que deve ser veiculada*.
3. Linhas gerais e caráter científico dos artigos*.
4. *Essas decisões somente podem ser tomadas no sítio, com todos os membros da ACAPA/ECPA que puderem estar presentes.

– Nós retribuimos a sua opinião acerca de nossa capacidade de raciocínio lógico porque ela também lhe é peculiar. Observe que, enquanto fazíamos uma leitura rápida dos sete itens, concomitantemente, você já os classificava em três aspectos – vertentes da classificação – que, em nosso entendimento, são necessários e oportunos. Relativamente ao segundo posicionamento, definição do tipo de informação que deve ser veiculada, o cuidado deve restringir-se a dados do sítio e da ACAPA/ECPA que, atualmente, poderiam causar-nos situações embaraçosas e, talvez, inconvenientes; num futuro próximo, quem sabe. Também precisamos estar atentos e vigilantes para o terceiro item classificatório, linhas gerais e caráter científico dos artigos. Embora nada nos impeça de estudar e especular sobre Psicologia, Filosofia, Gnosiologia, Antropologia, Humanismo, Transumanismo, etc., a opinião que deve prevalecer para nós todos é da autoridade competente, o especialista com formação específica, ou seja, do psicólogo, do filósofo, do antropólogo, etc. Tudo isso faz parte de sua missão, coordenando as atividades referentes à ACAPA/ECPA. Algumas providências deverão ser aligeiradas a partir de agora, e outras logo na primeira reunião que mantiver estando no sítio.

– Correto, meu amigo Doutor Etevaldo. No entanto, existe uma outra decisão que também não é excludente das demais. Na verdade, não elaboramos a programação e definição das festividades de implantação oficial da nossa associação. Quem serão os convidados? Não os definimos ainda. Não temos sequer uma data, dia e hora do início das atividades festivas. Por exemplo, a missa ecumênica será realizada? Quem serão os religiosos e quais religiões e seitas se farão representar? Os espíritas, judeus, budistas e protestantes presentes tomarão parte na missa ecumênica? E de que maneira? Durante, antes ou depois da missa? Para não



tornar essas responsabilidades uma “missão impossível”, precisaremos da colaboração dos membros fundadores da ACAPA/ECPA em sua totalidade. Inclusive, amanhã, após nos inteirmos das notícias da Receita Federal, se houver tempo até o almoço daremos continuidade a essa conversa. A limitação que estamos fazendo deve-se a um “aviso-convite” de autoria de minha irmã, ao qual é impossível recusar.

– Para nós, tudo está muito fácil de entender. Ao final da tarde, e não falta muito tempo para isso, vamos ligar para o nosso conhecido fazendário a fim de confirmar a hora da liberação das decisões sobre o nosso processo. Quaisquer resultados que nós recebermos, mesmo se não houver nenhum, o informaremos por volta das 20h. Não esqueça de deixar o celular ligado.

– Ah, estávamos quase esquecendo. Os nossos assistentes Professores, o Semeador e seu grupo, como você sabe, totalizando quatro, estão necessitando de sacolas mais fortes que as providenciadas para eles. As sacolas irão acondicionar, no máximo, dez encadernações feitas em papel A-4, tipo ofício. Isso faz-se necessário no sentido de facilitar o seu trabalho de “asaseio” – metáfora criada por nós – na condução e acomodação dos livros que foram nelas transformados. Se você souber o endereço de alguma loja que negocia tal material, seria interessante fornecer-nos para que possamos comprá-lo.

– Nós faremos melhor! Lá em casa daremos um jeito. Temos pelo menos uma pessoa especialista nesse tipo de assunto, e não tenho dúvida de que não se negará a fazê-lo. Amanhã lembre-nos, e lhe apresenta-lhe-emos mais essa boa notícia.

Os dois despediram-se do garçom, ambos com suas preocupações voltadas para os objetivos já planejados para aquele final de terça-feira.

O Professor Luis sentia-se cansado, motivado pelo dia inteiro em atividade, porquanto, desde que saiu do sítio, não tivera nenhum momento de sossego. E não pretendia tê-lo agora em sua casa, na capital. Sua irmã estava fora, certamente, na escola onde lecionava. Era, então, uma mulher com seus mais de trinta anos, mas muito enxuta e em plena forma. Fazia justiça aos namoricos que tinha mantido, alguns, talvez, transformando-se em romances de curta duração, discretos e não auspiciosos. Enfim, todos os seus fortuitos encontros não resultaram aos “finalmente” de um relacionamento a dois, um romance duradouro ou uma vida conjugal em que o casamento finaliza o processo. Esses passos revelam uma imitação



daqueles dados pelo Professor Luis, que os tinha feito um pouco antes. No entanto, se é possível admitir alguma imitação, certamente deveu-se ao comportamento exemplar de seus pais, que, no decorrer dos 55 anos de casamento, nenhuma ação injuriosa ou maldosa pôde ser imputada ao casal. Porém, assim como a irmã, em todos os namoricos dele, tudo não passou de um romance e os “finalmente” também não ocorreram.

Deslocou-se pensativo para o seu quarto e foi escrever um e-mail para os seus pais com as informações disponíveis até aquele momento, contendo, também, algumas recomendações que iriam orientar o trabalho da quarta-feira no sítio.

O Professor Luis acabara de digitar e enviar a mensagem eletrônica para o sítio, quando ouviu um barulho vindo da porta de entrada. Ele sabia de quem se tratava, mas foi até lá apenas confirmar. Realmente era Elizabeth, sua irmã, conhecida dos mais íntimos pelo cognome Lizbeth, a quem o seu irmão chamava somente de Liz.

– Minha querida Liz, como você está ótima! Lindíssima! Como é, algum romance em perspectiva? Note que nem eu e nem você demos aos nossos pais o netinho que eles já esperam há muitos anos. Você não acha que isso seria o complemento que está faltando à felicidade que toma conta de todos nós, com a inauguração oficial da ACAPA/ECPA? Você já imaginou uma criança alegrando tudo o que existe no sítio: nós, os animais e as relações entre eles, entre eles e nós, etc., especialmente na atualidade? Mas sei que tais ideias talvez se tratem de frustrações inspiradoras, entretanto nada vai me impedir de continuar sonhando.

– É bom, meu irmão. Você conhece o dito popular “quem tem fama deita na cama”? Pois é, tenho saído para conversar com amigos Professores, às vezes nas sextas-feiras, em barzinhos respeitáveis ou bons restaurantes, para um diálogo proveitoso e revigorante, onde alguns dos presentes nessas reuniões são dados aos famosos “ficar” ou “rapidinhas”, mas essas expressões não existem em nosso dicionário. Então eu prefiro somente “ter a fama” e jamais “deitar na cama”. Portanto, esses encontros não passam de tentativas de serenar despreziosas preocupações que algumas conversas amenas põem termo. Por isso, não conte conosco para vir a ter esse tipo de surpresa ou novidade.

– Mas falemos agora de nossas preocupações reais e não de sonhos. Em primeiro lugar, vamos deixar sobre a mesa uns dois sanduíches,



leite, suco, e na geladeira existe água mineral com e sem gás; peço-lhe somente que retorne à geladeira o que sobrar. Aquilo que não for mais utilizável, coloque nesse cesto com tampa ao lado da mesa. Estamos passando tais informações porque iremos dormir mais cedo e amanhã isso se repetirá, pois sairemos antes das sete horas e voltaremos antes das onze. Não se preocupe, o seu café já estará sobre a mesa ao acordar. Em segundo lugar, lembre-se de que você tem comigo um compromisso anteriormente agendado para o meio-dia. Vamos almoçar juntos aqui em casa. Eu sei que você tem outra ocupação antes desse horário, mas não se atrase ou o esqueça em função de outras necessidades. Está tudo correto, Professor Luis?

– Não tenha dúvida, Liz, eu jamais poderia esquecer! O Doutor Etevaldo e nós teremos uma reunião em seu escritório no máximo até às onze horas, e ele está ciente desse meu compromisso com você. Todos os assuntos que serão discutidos já estão com tempo previsto de duração, tudo no sentido de que possamos retornar antes das onze horas. Assim, tudo vai dar certo.

Despediram-se, e enquanto Lizbeth foi ultimar os preparativos do jantar e dar andamento em algo que pudesse ser encaminhado para o almoço da quarta-feira, o Professor Luis dirigiu-se ao seu quarto porque era necessário telefonar para seus pais, o que não fizera, ainda, unicamente por falta de tempo. Depois verificaria a possibilidade de cuidar de mais alguma coisa.

As providências iniciaram-se com a listagem elaborada imediatamente. Isso para não se demorar além do conveniente e nenhum assunto ficar despercebido, o que poderia comprometer o trabalho a ser realizado. Voltou-se então para o telefone e fez a ligação. Mesmo com toda a sua preocupação em fazer uma listagem preventiva para não se demorar muito, não teve jeito. Quem atendeu foi seu pai, Doutor Pedro Otávio, que não lhe deixou dizer nada por quase cinco minutos. Foi necessário que o Professor Luis o interrompesse, falando um pouco mais alto, a fim de que ele desse permissão para seu filho manifestar-se. Mesmo com a preocupação de se guiar por uma listagem preventiva para falar somente o necessário, não conseguiu o seu intento; a ligação durou em torno de uma hora. No entanto, tudo ficou bastante esclarecido, porque, além de seu pai, sua mãe, a Professora Amélia, que era bem mais atenciosa e memorizava melhor o que ouvia,



participou durante um bom tempo. Quando desligou o telefone foi que se lembrou de sua irmã, que também poderia ter falado com seus pais, o que implicaria elevar o telefonema em meia hora ou mais. O relógio marcava quase 21h, horário de um jantar atrasado; então, realinhando-se de modo conveniente, foi até a mesa. Conforme combinado, Liz tinha deixado tudo bem arrumado, sem nada faltar. Sentou-se à mesa, deliciou-se com os sanduíches e o suco de frutas, e, ao terminar, tomou uma garrafinha de água mineral com gás. Arrumou tudo conforme as instruções, e, não havendo mais nenhuma obrigação a cumprir, encaminhou-se ao seu quarto, assistiu ao final do noticiário e dormiu em seguida.

Acordou na quarta-feira, assustado com o horário de sete horas; duas horas atrasado do que era acostumado no sítio. Cuidou logo de sua higiene pessoal, vestindo-se convenientemente em seguida, pronto para a reunião com o Doutor Etevaldo em seu escritório, localizado a poucos quilômetros de onde se encontrava. Ele sabia que não mais encontraria sua irmã em casa àquela hora, ela certamente estava ocupada com suas obrigações didáticas. Não perdeu tempo e foi, novamente, dar conta dos sanduíches que deveriam estar sobre a mesa. De fato, tudo estava lá, ela apenas havia dado um reforço com algumas frutas da época, à disposição. Rapidamente, mas sem comprometer o saborio daquilo que ela deixou para faltar-se, próximo das oito horas disponibilizou-se e, então, ligou para seu amigo advogado, avisando-lhe de sua iniciativa. Alguns minutos antes das 8h30min, chegou ao escritório, onde o Doutor Etevaldo já o esperava.

A REUNIÃO NO ESCRITÓRIO DO DOUTOR ETEVALDO: O CONVITE A ANABETH, QUE MOSTRA SEU VALOR

– Olá, meu amigo, chegou em cima da hora marcada! Muito bem. Daqui a pouco nós teremos uma visita que vai nos prestar assistência e, como prometemos, trazer uma novidade. Aguarde para ver. Vamos então verificar quais dos assuntos que discutimos ontem podem ser aprofundados agora.

– Etevaldo, conversamos com meus pais ontem à noite e demoramos cerca de uma hora até conseguirmos explicar-lhes o que todos os coordenadores de temática deverão apresentar quando do nosso retorno. Enviei-lhes um e-mail contendo um anexo detalhando todas



as responsabilidades que devem cuidar. Para nós, neste momento, é tratar da festa de inauguração e implantação da ACAPA/ACPA, e, você sabe, as prioridades já estão estabelecidas e agendadas. Vamos então dedicar-nos somente a esse assunto, tentando completá-lo no tempo disponível que temos. Eles estavam prontos para continuar o assunto, quando a esposa do Doutor Etevaldo, com um grande sorriso à mostra, fez seus cumprimentos, sentando-se em seguida.

– Antes de entrar, ouvimos falar em responsabilidades, e a nós foi dada uma que desejamos cumpri-la agora.

Abriu então um pacote mais ou menos volumoso que trouxera. Estava repleto de sacolas, entregando todo o conteúdo ao Professor Luis, que o recebeu meio surpreso.

– Professor, existem aí quatro modelos que vocês devem examinar e avaliar. Escolham então aqueles mais indicados para prover as necessidades de alguns animais do sítio, que, conforme informação do meu marido, são os urubus Professores.

– Faz muito tempo que você não vê a minha família, talvez mais de cinco anos – disse o Doutor Etevaldo. – Sabemos que você tem uma irmã nominada Elizabeth, para você a Liz. Mas essa é a Anabeth, que para nós é a Ana, e os demais a chamam de Beth ou Anabeth. Ela é a nossa sócia e psicóloga, quase dona, assessora em tudo o que aqui se realiza, e, para finalizar, pessoalmente, manda mais do que nós. Ela acompanhará, de modo participativo, todo o trabalho que desenvolveremos, além de secretariá-lo emitindo cópias daquilo que fizermos.

Em poucos instantes, o Professor Luis fez a avaliação das sacolas destinadas aos Professores urubus, dada a sua experiência na arrumação das encadernações. Separou dois modelos e os entregou ao advogado, que, no mesmo momento, os repassou à sua mulher.

– Muito bem, Professor Luis – disse ela. – Pela rapidez demonstrada, vê-se que é bastante experimentado em avaliação de sacolas. Deixe conosco que cabe a nós adquiri-las. Quanto aos custos, traremos o recibo e vocês farão o acerto depois. Apenas para complementar a informação do Etevaldo, afirmamos-lhe que somos apaixonados pela ciência da Psicologia. Estudei muito durante todo o meu curso sobre Freud, Jung, Hegel, Teilhard de Chardin e, para compreender György Lukács, tivemos que



nos aprofundar não o suficiente, mas o necessário, no trabalho de Karl Marx e alguma coisa de Gramsci. Mas toda essa dedicação reflete apenas um academicismo, que, é impossível negar, tem o seu valor para o resto da vida, no entanto carece de pesquisas direcionadas para um objetivo predeterminado, fato que confesso ainda não ter conseguido definir.

– Muito obrigado pelas informações; para nós, elas foram de um valor inestimável. Agora voltemos às nossas sacolas: você não deve preocupar-se com esse assunto, porque a ACAPA/ACPA tem em poupança recursos para despesas necessárias como essa. Assim, você pode mandar providenciar a aquisição de cinco sacolas de cada modelo, trazendo o recibo nominal ao seu marido para efeitos contábeis, e o ressarcimento será efetuado amanhã pela manhã, em espécie. Com isto resolvido, vamos dedicar-nos agora, ao que de modo prioritário está previamente agendado: as festividades da inauguração oficial da ACAPA/ACPA.

– Inicialmente, o assunto mais complexo: a missa ecumênica será realizada? Quem serão os religiosos? Quais religiões e seitas se farão representar? Os espíritas, judeus, budistas e protestantes que se fizerem presentes tomarão parte na missa ecumênica e de que maneira? Durante, antes ou depois da missa?

A esposa do Doutor Etevaldo, sem esperar outra manifestação, mostrando-se bem-humorada e com experiência sobre o assunto, foi a primeira a opinar.

– Ontem à noite, discretamente eu fiz uma rápida leitura das anotações pós-viagem do meu marido. Como não nos permitimos estranhar qualquer assunto no cotidiano de nossas obrigações neste escritório, tentei amadurecer as possíveis respostas para as questões anotadas. Nós tivemos alguns processos que necessitavam da presença de religiosos adeptos de crenças diferenciadas. Nós sabemos, e o celebrante melhor do que nós, que uma missa, para ser ecumênica, necessita da participação de outras crenças. Geralmente, quando é necessária a presença física de espíritas, judeus, budistas, protestantes e adeptos de outras religiões, talvez com justa razão, eles são substituídos por seus advogados ou representantes de suas respectivas federações. No entanto, estamos tratando de uma missa ecumênica e não de um processo – duas coisas evidentemente bem diferentes. Apesar disso, a nossa sugestão é que façamos em primeiro lugar



uma pesquisa para saber se existe na capital uma federação representante da crença, e depois relatar a quem de direito sobre a inauguração e os objetivos da ACAPA/ACPA, além do desejo de seus diretores em convidá-los para as festividades, especificamente, da missa ecumênica.

– Esse contato é essencial porque revelará o procedimento habitual da federação representante da crença. Em terceiro e último lugar, havendo ou não resposta, deve-se enviar um convite. Em seu final, colocar uma observação pedindo a confirmação de quem estará presente, o seu nome e função profissional. Professor, nós alimentamos a esperança de que podemos ampliar nossa participação. Temos em nossos arquivos nome e endereço, não sabemos se telefone e e-mail, de algumas instituições religiosas. Além disso, podemos ir mais a fundo e descobrir coisas interessantes. Vamos fazer assim: você viaja para o sítio, e na próxima reunião que lá se realizará – quem sabe poderemos acompanhar o Etevaldo –, teremos todas as novidades que forem possíveis de serem disponibilizadas com o trabalho que empreendemos. Por enquanto, este assunto pode ser dado como finalizado.

– Bem – continuou Ana em suas reflexões –, devemos discutir os itens três a seis, ou seja:

1. Use a interatividade, fazendo seu leitor participar do blog. Elabore pequenas disputas propondo algumas questões, votações e sugestões interativas sobre assuntos relacionados aos objetivos da associação.
2. Não deixe sem resposta quaisquer comentários, sejam eles críticos construtivos ou não.
3. Promova entrevistas com especialistas da área, especificamente experimentados, e, quando possível, diplomados, com mestrado, Doutorado e/ou, pós-Doutorado.
4. Acautele-se com a objetividade das informações. É conveniente prevenir-se com a extensão dos artigos. Lembre-se de que, se eles se alongarem em demasia, provavelmente, poderão tornar-se repetitivos e cansativos. Talvez seja mais interessante publicá-lo em duas ou três etapas, e essa providência certamente motivará o leitor a compreendê-lo em sua totalidade.

– A partir de agora, vocês assumem o comando para decidirem acerca de cada item. Por exemplo, quem será o membro da equipe de coor-



denadores de temáticas que indicará para que “[...] Elabore pequenas disputas propondo algumas questões, votações e sugestões interativas sobre assuntos relacionados aos objetivos da associação?”.

– Ana, embora nós nos consideremos suspeitos para emitir o elogio que lhe vou fazer, é forçoso dizer que a sua participação tem se revelado excepcional. Estamos com uma sugestão, mas somente amanhã gostaria de formulá-la. Quanto ao assunto que estamos tratando, imaginamos que o Doutor Pedro Otávio, evidentemente assessorado pela Professora Amélia, é o mais indicado para o exercício dessa tarefa. Nós nos arriscaríamos a dizer que “ela é a cara dele”. O Doutor Pedro Otávio adora ficar naquela varanda imaginando e inventando coisas criativas. Portanto, se ninguém se opuser, sugiro que o trabalho fique sob a sua responsabilidade.

– Muito bem. Doutor, sabemos que você não é capaz de praticar maldades, esperando de mim uma reação de desaprovação. Sendo assim, desejo também me apresentar como um defensor da ideia. No entanto, é importante avisar ao meu pai que nós nos encarregaremos disso, a nova incumbência não pode comprometer as anteriormente assumidas. Desse modo, o seu tempo de dedicação para o trabalho deve ser reorganizado e bem administrado. Esse item pode agora ser considerado vencido.

– Aproveitando que nós já estamos com a palavra, o item 4 é inerente às responsabilidades do Coordenador de Temática, que, se julgar necessário e conveniente, ele próprio solicitará ajuda de quem julgar mais indicado.

Depois de concluir as anotações sobre o item 4, e como os outros dois pareciam esperar que ela continuasse a secretariar a reunião, os atendeu com desenvoltura.

– Para a consecução do item 5, são necessárias duas providências:

1. Como escolheremos os níveis de formação que devem convir aos candidatos às “entrevistas com especialistas”?
2. Aqui, trata-se de uma consequência da providência anterior e depararemos-nos com duas dificuldades: a) será possível encontrar especialistas diplomados, com mestrado, Doutorado e pós-Doutorado? Quanto aos possuidores de mestrado ou Doutorado, poderemos tentar e ter êxito, mas não será tão fácil porque a publicação de



artigos é referência para concorrer ao pós-Doutorado. Também há um aspecto a ser considerado: a instituição onde o artigo será divulgado, sua história e experiência na atividade. E nós sabemos que a ACAPA/ACPA iniciará a sua existência real após a sua implantação, e, por isso, não tem notoriedade; b) é possível considerar uma última hipótese: aceitar os formandos em mestrado ou Doutorado, em fase final de elaboração de tese, em que a dissertação e o artigo sejam consentâneos com os objetivos da ACAPA/ACPA.

– Agora, Etevaldo, achamos que é chegada a nossa hora. Isso porque é possível que venhamos a contar com a participação efetiva de sua esposa na composição de nosso grupo/temática. Dessa forma, acreditamos que devemos assumir a responsabilidade desse item. Com relação às providências para a sua execução, nós as elaboraremos na parte da tarde e à noite, aproveitando o tempo disponível. Em seguida, por e-mail e até as 20h30min, nós remeter-lhe-emos às questões que julgarmos mais importantes; elas serão iniciadas por vocês neste escritório e desenvolvidas no sítio, no próximo fim de semana.

– Finalmente chegamos ao item 6, que, na minha visão, deve ficar sob a responsabilidade de um Coordenador de Temática bastante perspicaz e reconhecidamente metucioso. Ele deve sempre estar alerta para acautelar-se com a objetividade das informações. É conveniente prevenir-se com a extensão dos artigos, porque poderão tornar-se repetitivos, e, por isso, cansativos. Pensamos que, mesmo adotadas essas medidas preventivas, o indicado deverá comparar suas ideias com outro membro em atividade da ACAPA/ACPA designado para esse trabalho, de maneira sutil e sem acinte.

O Doutor Etevaldo olhou para o relógio e apressou a sua intervenção. Novamente estava sorrindo, e, portanto, bem-humorado.

– Bem, acreditamos que este item é o mais difícil e complexo de escolhermos o indicado, assim como aquele com quem deverá comparar suas ideias. Lembrem-se bem, de que estamos falando em selecionar nomes e não do trabalho a ser desenvolvido, que, como já vimos, será árduo e metucioso, principalmente, em seus detalhes. Isso posto, a melhor e talvez única indicação é para o Semeador e todo o seu grupo. Quanto ao segundo nome, faremos duas indicações: a Professora Amélia e a minha esposa, o



que induz a perguntar: por que não as duas? Responderia sem titubear: as duas, mutuamente, se ajudariam. Bem Luis, o seu tempo está esgotado, mas, a sua resposta, temos certeza de que não passará de dois minutos.

– Desejamos apenas trinta segundos: a) estou de acordo com a indicação do Semeador. Ele e seu grupo ainda nos trarão surpresas inolvidáveis; e b) relativamente à dupla sugestão nominativa, nesse caso, para nós é um sonho que está se realizando. Muito obrigada e aguarde a minha ligação às 20h30min. Bom dia, meus amigos.

Ana ergueu-se, não deixando que o Professor deixasse ainda o escritório.

– Luis, meu marido, mencionou que você tinha dois minutos, e agora somos nós que temos um minuto e trinta segundos. A questão é a seguinte: não poderemos decidir sobre a nossa participação nas tarefas solicitadas porque, em primeiro lugar, precisamos compatibilizar a minha vida com a família e as obrigações do escritório. Depois, verificar o tempo disponível para empregá-lo nas futuras responsabilidades junto à ACAPA/ACPA. Desse modo, na quinta-feira, quando vocês regressarem da Secretaria da Fazenda, resolveremos esse assunto que, para nós, já está resolvido, e como podemos notar, todos bastante satisfeitos. Agora o Luis fica liberado, e nós, Doutor Etevaldo, temos muitas outras responsabilidades à espera de solução, parece que estão nos espreitando.

Quando chegou, o Professor Luis confirmou que estava cumprindo o prazo; bateu na porta e, como não estava trancada, entrou, ouvindo Liz movimentar-se.

– Minha irmã adorada, é excelente vê-la em atividade. Os que falam a língua inglesa dizem “*couch potato*” para expressar que uma pessoa é viciada em TV. Parodiando ingleses e americanos, diríamos que “*I’m addicted of arrival schedule*”, que, nesse nosso inglês pobre, acanhado e arranhado, poderia significar – será mesmo? – “Sou viciado em cumprir horário”. O nosso inglês até que pode não ser correto, mas que somos viciados em cumprir horário, isso é outra verdade.

– Muito bem, meu inteligente irmão. Deixe o seu inglês de lado e passe a pensar em “bodó, traíra, tilápia, cará, etc.”, tome banho e você



tem até ao meio-dia para sentar-se à mesa. Estamos certos?

Liz não brincava, e logo cuidou em atendê-la. Mas antes retirou da geladeira uma garrafinha de água mineral com gás, indo para o quarto em seguida.

O PROFESSOR LUIS RENDE-SE AOS PREDICADOS CULINÁRIOS DE SUA IRMÃ LYZ: BASTANTE COMIDA E MUITA CONVERSA

Cumpriu as recomendações de sua irmã, mas resolveu dedicar os vinte minutos que faltavam na revisão possível dos assuntos tratados no escritório do Doutor Etevaldo, uma vez que até as 20h30min deveria enviar-lhe uma mensagem "on-line", além de também ligar para ele. Ouvia Liz chamá-lo, olhou para o relógio e ainda lhe restavam cinco minutos. Ela era assim mesmo, muito apressada.

– Liz, nós ainda temos cinco minutos! Alguma novidade?

– Não, Luis, você poderia ter esquecido do horário e isso acontece muito. Sente-se e vamos iniciar nosso almoço com umas duas ou três informações para que entenda o que vai saborear. Em primeiro lugar os temperos. Não usamos sal, açúcar ou qualquer condimento industrializado. Todos os pratos que pode ver sobre a mesa são feitos com a utilização de bastante alho, cebola roxa e limão, canela pouca, pimenta do reino e cominho a gosto, muita cebolinha e coentro, pimentão e tomate. A salada crua contém grão de bico, berinjela, acelga, cenoura e beterraba aferventadas. Sem deixar amolecer muito, cozinhamos batata doce e chuchu na cuscuzeira.

– Falemos agora sobre os peixes que nós citamos ainda há pouco: tucunaré, bodó, traíra, tilápia e cará. Embora estejamos sentados à mesa para conter a nossa fome, tenha, meu irmão, um pouco de paciência porque, tanto quanto o almoço, é importante contar-lhe pelo menos duas histórias sobre esses cinco tipos de peixe – será que todos eles são exclusivamente aquáticos? Espere só para certificar-se.

– É interessante, curta e divertida a primeira história. A palmeira que cresce se enche toda de espinhos, sendo identificada em rios e igarapés, principalmente nos brasileiros, como "tucum", e seus caroços dão um óleo comestível. Pois bem, a etimologia da palavra tucunaré pode parecer



confusa, mas não nos prenderemos a detalhes porquanto o que pretendemos mostrar muito se alongaria. Bomediano, que criou ou sustentou a ideia errada, segundo especialistas, de que tucunaré se deriva da união de “tucum” e “aré”, em que a primeira, de que já falamos, significaria “amigo”, e “até”, juntando-se a tucum, significaria “semelhança à árvore – o tucum”, que, por extensão remeteu a “amigo da árvore”. Ou seja, o “tucunaré” seria definido como o amigo da palmeira espinhenta tucum. No Brasil, talvez de acordo com a região, ele é nominado com alguns nomes esquisitos: tucunaré-açu, tucunaré-paca, tucunaré-pinima, tucunaré-pitanga, tucunaré-vermelho e tucunaré-pretinho são, portanto, seis apelidos diferentes. Nós não iremos adiante, mas você pode fazê-lo no sítio. Quer continuar e ouvir a pequena história do cascudo “bodó”?

– Liz, é imensa a nossa satisfação e admiração pelo domínio, embora resumido, da pequena e divertida origem desse peixe. Vamos continuar porque temos ainda muito tempo para você falar sobre os cascudos e bodós. Nós somente gostaríamos que você utilizasse a via eletrônica, o e-mail, e enviasse as informações que dispuser em seus arquivos sobre os cinco tipos de peixe que você listou. Siga em frente, mana querida!

– Como assim você quer e não se importa com a demora, vamos lá. Procurarei ser breve. Começaremos com a primeira esquisitice: seu nome e o de sua família. Os “cascudos” pertencem à família dos “Loricariidae”, um nome difícil de aprender pelo cidadão comum, e talvez por isso ficaram conhecidos por “acari, acari-bodó e bodó, cari, boi-de-guará e uacari”. Há os “loricadiídeos”, sua origem advém da América Central, mas, no Brasil, além de famosos na culinária, são vistos em rios, igarapés e lagoas em diversas regiões do país. A curiosidade aqui fica por conta da culinária! Acredite se quiser, mas os bodós e acaris fazem a festa em toda a Amazônia, na elaboração de famosas receitas de pratos servidos e mais procurados em quase todas as regiões brasileiras. Os amazonenses fazem as suas “pizzas, sanduíches” e outras iguarias tendo como ingrediente principal os “acari, acari-bodó e bodó, cari, boi-de-guará e uacari”, conforme a região e facilidade para adquirir o pescado. Bem, um aprofundamento maior poderá ser considerado; farei uma verificação em nossos arquivos, e colocaremos à sua disposição o que for realmente importante.

– Agora só nos resta almoçar, mas continuaremos com a palavra porque, enquanto você vai se servindo, eu lhe esclarecerei o modo de



preparar, o que vamos saborear, desde a sua aquisição na fonte onde adquirimos até tudo ficar pronto para servir, conforme você pode verificar sobre a mesa.

– A providência inicial deve ser realizada com cuidado. Procure sempre adquirir seus peixes com um fornecedor de confiança, pois ele se manterá cativo da credibilidade adquirida. Os peixes de água doce geralmente vivem em criatórios naturais e artificiais: rios, igarapés, açudes, lagos e lagoas ou pequenos reservatórios construídos para a exclusiva finalidade de criar peixes. Daí a importância de um fornecedor de absoluta confiança. Em nossas atividades culinárias, normalmente, utilizamos três tipos de peixe: o “o tucunaré, o bodó e a traíra”, em detrimento da tilápia e do cará, porque eles têm características particulares especiais que, às vezes, dessagram para algumas pessoas consumi-los.

– A traíra, imaginamos, ainda lhe é desconhecida, por isso diremos como prepará-la e alguns breves detalhes, o que se estenderá aos demais. Enviaremos um resumo geral que ainda iremos preparar e digitar por e-mail para você. Perto daqui, descobrimos uma casa especializada no comércio de peixes de água doce, mesmo que ofereça também os de água salgada. Às sextas-feiras, muito cedo da manhã, em sua camioneta apropriada, ele abastece a loja. Nós somos fregueses há cerca de dois anos e não temos nenhum problema em levar o que costumeiramente fazemos nesse dia, sejamos atendidos pelo proprietário ou seus funcionários. Por esse motivo, temos sempre disponíveis para nosso consumo semanal “tucunaré, o bodó e a traíra”. Agora vejamos o que fazemos ao chegar em casa. O nosso trabalho é minimizado, porquanto já os trazemos limpos e cortados. À exceção do bodó, que, em casa, tem um tratamento diferenciado, a traíra e o tucunaré são tirados os filés, e os espinhaços os trazemos, aferventando-os e retirando a carne que não acompanhou os filés, ou, então, as separamos em duas ou três partes para saboreá-las cozidas com pirão. Em seguida, tudo é deixado para completar a assepsia, por quatro a seis horas, em um ou dois baldes de volume médio contendo uma mistura de água, um quarto de litro de vinagre de boa qualidade, mais cinco colheres de água sanitária. Decorrido esse tempo, todo o material contido nos baldes vai ser aferventado, separado e temperado.

Liz parou um pouco, ficando pensativa. Tratava-se do tempo, pois estava perto das treze horas e, continuando no mesmo ritmo em que



a conversa progredia, o tempo para o almoço propriamente dito seria sensivelmente diminuído.

– Luis – disse ela, retomando a conversa – você não acha melhor começarmos nosso almoço e acrescentarmos ao e-mail o restante da receita? Enquanto isso nós vamos nos alimentando e, sem vexação, dar-lhe-emos breves e parciais explicações sobre a nossa refeição. O que você acha?

– Liz, a sua explanação estava compreensiva, realmente detalhada e muito interessante. Talvez pelo fato de que somente nós estamos participando, lembraremos deste dia muito provavelmente pelo resto da vida. Portanto, esperar mais um pouco para dar tempo de finalizar a receita não nos causaria nenhum dissabor. Então, repetimos o que já dissemos anteriormente: é imensa a nossa satisfação e admiração pelo domínio das informações, uma verdadeira aula que você nos proporcionou até agora. No entanto, você lembrou a alternativa do e-mail, e o que se faz atualmente sem o recurso da internet? Torna-se uma tortura somente ficar olhando a sua arte gastronômica; seguiremos assim o seu conselho e vamos de encontro aos nossos propósitos: almoçar.

– Sugerimos que você inicie, associando a salada crua com grão de bico escaldado e aferventado, assim como batata doce, cenoura, chuchu, repolho, acelga, tomate, pimentão e pimentinha de cheiro. Todos os componentes temperados com orégano, pimenta do reino, cravo da índia e cominho, moídos em proporções pré-definidas e sob encomenda, portanto, sem conservantes químicos como aqueles industrializados ofertados no comércio em geral. Não citamos a cebolinha e o coentro porque fazem um prato à parte. Para acompanhar, aconselhamos nossos bolinhos ou tortinhas, rodeadas de batata inglesa com um leve pré-cozimento, assadas no forno, além da opção do micro-ondas; lembre-se de que procuramos afastar todas as possibilidades de fritura. Bem, sobre culinária, para nós, por enquanto acabou.

O Professor Luis já havia começado a servir-se seguindo o aconselhamento de Liz. Os recipientes que ela colocou para os dois comparavam-se a bacias pequenas, quase médias, que talvez tinham propositadamente o sentido de satisfazer o comensal de uma única vez com algumas complementações, de acordo com a necessidade de satisfação pessoal. Geralmente, nessa fase complementar, entravam as batatas inglesas,



o coentro e a cebolinha. Assim procedeu o Professor Luis, que, sob a orientação de Liz, serviu-se de um bolinho e uma tortinha, os sufixos “-inhos/-inhas” não correspondiam, neste caso, como diminutivos. A partir de então, apenas uma vez ou outra, alguma observação quebrava o silêncio. Na verdade, os dois ficaram por quase uma hora somente saboreando os deliciosos pratos.

Os dois irmãos finalizaram a refeição, cada um servindo-se, a gosto, do suco de laranja que estava à disposição, olharam-se e Liz fez um pequeno registro.

– Luis, amanhã você tem compromisso com o advogado e na Secretaria da Fazenda, viajando ao final da tarde. Nós temos uma pequena folga e vamos aproveitá-la para examinar se o nosso fornecedor de peixes tem alguma reserva que possa nos interessar. Se tal não acontecer, faremos uma encomenda para sexta-feira e nós mesmos iremos levá-la para o sítio no sábado. Mas isso não se trata de promessa, são hipóteses que dependem de outros fatores intervenientes.

– Liz, não é possível acreditar! Parte do que você acabou de falar coincide com o que planejamos ontem à noite e se consolidou na reunião que mantivemos no escritório do Etevaldo, na qual sua esposa participou. O fato é o seguinte: teremos uma reunião no sítio neste próximo fim de semana, e Ana – ou Anabeth – está propensa a acompanhar seu marido. No encontro entre nós três, depois que se inteirou dos objetivos de nossa associação, propusemos e ela está analisando a possibilidade de incorporar-se à nossa causa, tornando-se um novo membro da ACAPA/ACPA. Agora trataremos da outra parte que sozinhos sequer poderíamos pensar, e que a complementação do idealizado planejamento colocou-a não em suas mãos, mas a decisão entrego-a ao seu coração, ou, com maior competência e autoridade, à sua mente.

– Liz, você, neste momento, a exemplo do que fizemos com a Anabeth, está sendo convidada, por sinal, com maior razão e motivação, a tornar-se um membro da ACAPA/ACPA. É importante acrescentar que essas duas aquisições fortalecerão sobremaneira o quadro de nossa associação. Formaríamos um conjunto composto de um médico veterinário, Doutor Pedro Otávio, um advogado, Doutor Etevaldo, quatro Professores, Professora Amélia, Professora Lizbeth, Professor Luis, Professor João



Paulo, acrescidos dos Professores-bichos e também assistentes, por enquanto em número de quatro, e uma psicóloga, a Doutora Anabeth. O que você acha dessa proposta?

– O grupo, no qual o Coordenador de Temática nomeado trata-se de nosso pai, coadjuvado pela Professora Amélia, nossa mãe, a qual o apoia em todas as decisões, precisa de uma pessoa com a mente aberta e motivada a ajudá-los. Desse modo, a ACAPA/ACPA receberia uma profissional capacitada que, sem dúvida, irá calhar-se ao preenchimento do espaço antes detectado, e, por isso, com todas as qualificações que sabemos tê-las. Não é possível, Liz, prescindir de você.

– Preste atenção, Luis. Anabeth não teve condições imediatas de antecipar uma decisão que vai alterar toda a sua rotina, pois, particularmente, ela tem uma família, os seus compromissos sociais e as obrigações no escritório. Mas, conosco, a única diferença é que não temos, felizmente, uma família para cuidar. O restante dos nossos encargos, respeitadas as especificações em face da diferenciação profissional, assemelham-se aos dela. Por essa razão, mesmo considerando a eloquência de sua argumentação, fato que é o empecilho de uma decisão prematura; isso nos remete a uma reflexão demorada. No entanto, vou lhe contar um pensamento sobre o qual tenho me debruçado há algum tempo. Nós ficamos nos perguntando: qual causa ou causas, quão fortes foram todas elas, para que os meus pais e meu irmão resolvessem mudar-se da capital para o interior? Ainda que a cidade interiorana escolhida seja praiana e próxima da capital, com todos os benefícios agregados, tenho refletido bastante sobre qual poderia ser a resposta a tantos questionamentos que emergem.

– Uma solução à qual tenho resistido é a nossa mudança, também, para o sítio, indo assim completar a família. Se nós pudéssemos, imediatamente, compatibilizar nossa agenda de médio prazo para atender ao seu convite, tornando-nos membros da associação, estaríamos resolvendo uma parte dos problemas, o que não sabemos é se essa parte será grande ou menor da que ficará pendente. Veja como as coisas, quando volvemos o nosso pensamento para o que habitualmente se pratica, não são fáceis de resolver. Nossos maiores impedimentos são o Curso de Especialização em Neuropsicopedagogia, que, se nenhuma questão aparecer que nos faça interrompê-lo, o finalizaremos em seis meses com mais três, os quais serão dedicados ao trabalho dissertativo, já bastante adiantado, que nos dará direito ao título de neuropsicopedagoga, com seu respectivo diplo-



ma. O segundo empecilho é o emprego. Como mudar para uma outra cidade se o nosso trabalho é diário e se realiza na capital? Não é viável e sequer consideramos a hipótese de ir e voltar cotidianamente. Então o esforço mental que despendemos nos encaminhou ao pensamento de que, para remover esse impedimento, existe somente uma saída: mudar o emprego da capital para a cidade onde se deseja fixar nova residência. Passo a palavra a você, meu irmão, para que as suas considerações nos deem uma luz nesse túnel que não tem fim.

– Liz, agora podemos afirmar que o mérito da “eloquência de argumentação” lhe pertence, mas uma máxima antiga revela-nos que “contra fatos não há argumentos”. O problema aqui não se resolve com a modalidade dos argumentos, se eles não são falaciosos, etc. Então deixemo-los à parte, sem contestação. Quanto aos fatos, poderemos alterá-los? Se não, somente existe um caminho: a modificação dos fatos previsíveis e não ocorridos. A questão que se impõe por dedução é: quais fatos, ainda não ocorridos, podem ser modificados?

– Bem, minha irmã, não nos move, neste momento, nenhum sentimento de mostrar-nos talentoso e eloquente nas argumentações porque a resposta à questão dedutivamente concluída é de sua lavra. Mas, pessoalmente, achamos importante levar-lhe um procedimento filosófico-espiritual que há algum tempo nos acompanha. Trata-se da relação entre todos os indivíduos que habitam o planeta Terra, todos que aqui estão, para remir e passar por provações – na verdade, a remissão é uma decorrência da provação. Em consequência, a finalidade de vida de todos os seres criados por Deus, que é aquele onipotente e onisciente, criador de todos os universos, e a sua ubiquidade o faz ter diversos nomes, tais como Deus, Alá. etc., nos encaminha para o “Aprender sempre e Melhorar sempre”. Desse modo, a nossa vida terrena está umbilicalmente relacionada ao fato de que deveremos estar a cada momento ainda por viver ou vivido, aprendendo e melhorando.

– Liz, para finalizar, sugiro que adote procedimentos à sua maneira, parecidos, semelhantes ou iguais aos que utilizei em algumas situações da nossa própria vida: pense e reflita profundamente sobre a sua questão momentânea, porque nas desse porte, indubitavelmente, pode-se inferir que “o problema não resiste à eternidade, e, portanto, não durará a vida inteira”; aprenda tudo o que for possível aprender sobre ele, e, paulatinamente, você irá melhorar a abrangência do seu conhecimento



apropriando-se de suas nuances. Acontecerá com você o que, em muitas vezes ocorreu conosco, a solução eclodirá como fruto do processo de “aprender e melhorar”. Dedique meia hora pensando acerca das considerações aqui discutidas, e amanhã, antes de viajarmos, verificaremos a possibilidade de algumas adendas.

Ao meio da tarde, Liz concordou com “os finalmentes” conclusivos do seu irmão, um tanto perplexa e interrogativa e sem muita disposição, e ateve-se à limpeza geral implícita a toda refeição: levar as louças e os outros instrumentos que as acompanham e, evidentemente, arrumar e assepsiar a mesa. O Professor Luis foi para o quarto, talvez descansar cerca de trinta minutos, para depois organizar e agendar a pauta da conversa que realizaria por telefone com seu amigo Doutor Etevaldo. Tudo foi feito conforme planejado, menos o sono, que se expandiu até as 16 horas. Então levantou-se, foi até a cozinha à procura das garrafinhas de água mineral gaseificada e não viu nem ouviu nenhum sinal de Liz. Sem dúvida, ela terminou toda a limpeza, foi procurar o seu fornecedor de peixe e confirmar a disponibilidade que desejava. Como era esperta, inteligente e desenvolta a sua irmã. A sua alternativa era o trabalho previsto que o aguardava. Foi o que fez: retornando ao quarto, abriu uma garrafinha, tomou alguns goles e passou a escrever pautando a agenda para o telefonema da noite. Tudo ficou pronto em torno das 18 horas. O Professor Luis estava tão concentrado que se assustou com o barulho de Liz chegando e entrando. Deslocou-se à sua procura, encontrando-a logo depois da porta, com um ar um tanto desconsolado e de preocupação.

– Luis – disse ela –, talvez tenha sido uma precipitação nossa ter ido à loja do peixe naquele horário, ou seja, às 15h. Mas a viagem não foi de toda perdida, apesar do tempo de espera a que nos submetemos, porque deixamos a nossa encomenda feita, incluindo tudo o que havíamos imaginado; o recebimento ocorrerá ao final da tarde de sexta-feira. Bem, Luis, teremos uma reunião do grupo de estudo que coordeno do curso de Neuropsicopedagogia, e de modo algum podemos faltar. Assim, a exemplo de ontem, deixaremos sobre a mesa sanduíches, um bolinho, uma tortinha e suco de fruta para o seu jantar. As suas obrigações não mudam e são os mesmos procedimentos que você já fez ontem, portanto, não é necessário repeti-los. Estaremos saindo antes das 19h.



O irmão de Liz foi para o quarto, rever e refletir sobre o que havia anotado. A sua maior preocupação concentrava-se no caráter ecumênico que desejava dar à missa, lembrando-se da questão em dupla possibilidade colocada no escritório por Anabeth: a) será possível encontrar especialistas diplomados com mestrado, Doutorado e pós-Doutorado? Quanto aos possuidores de mestrado ou Doutorado, poderemos tentar e ter êxito, mas não será tão fácil, porque a publicação de artigos é referência para concorrer ao pós-Doutorado; e b) é possível considerar uma última hipótese: aceitar os formandos no grau de mestrado ou Doutorado em fase final de elaboração de tese, cuja dissertação e o artigo sejam consentâneos com os objetivos da ACAPA/ACPA. Em suas reflexões, ele incluiu um novo item: ou seja, c) um aspecto que deve ser considerado: a instituição onde o artigo será divulgado, sua história e experiência na atividade. E nós sabemos que a ACAPA/ACPA iniciará a sua existência real após a sua implantação, e, por isso, não tem notoriedade e experiência, a qual será adquirida com o passar dos anos.

O DOUTOR ETEVALDO E O PROFESSOR LUIS VÃO À CAPITAL: A SEFAZ E A MISSA ECUMÊNICA

Como estava sozinho em seu quarto e também na casa, começou a dialogar consigo mesmo, falando num tom moderado.

– Luis, você não acha que a falta de “notoriedade e experiência” se constitui na maior dificuldade para identificarmos profissionais com diplomas de mestrado, Doutorado e pós-Doutorado dispostos a veicular artigos em nossa associação?

Novamente, voltou aos seus sofridos e percuientes pensamentos. Imaginava-se como um dos consultados e não obtinha uma resposta satisfatória; ele não poderia ser usado como indicativo de comparação porque era parte interessada no sucesso do blog. Resolveu então finalizar o seu solilóquio com uma conclusão que, de certa maneira, apenas transferia a decisão para o dia, ao encontrar-se novamente com o Doutor Etevaldo e Anabeth.

– Luis, raciocinando assim você não alcançará nenhuma resposta aos seus questionamentos. Amanhã será possível receber informações adicionais, então, quem sabe, uma solução adequada surgirá?



– Tudo bem, mas estou pensando em definir alguns nomes, fazer os convites com uma observação apresentando as condições para a publicação dos artigos.

O monólogo foi encerrado e ele mostrava-se bastante satisfeito com o que realizara. Todo o seu trabalho foi fruto do “aprender a refletir” e “melhorar sempre na inferência de algo”. Mas ainda faltava a questão da missa ecumênica, para o que pensava em duas possibilidades: a) desistir da ideia e realizar uma missa sem essa característica; e b) insistir e fazer convites às associações ou federações de algumas crenças.

Tanto a opção a quanto a b estão passíveis de acontecer, evidentemente, que uma exclui a outra. Portanto, a melhor medida seria deixar a decisão para o dia seguinte e dividi-la com o Doutor Etevaldo e Anabeth. Quando os “solilóquios” reapareceram, teve de juntar as peças do que estava anotado, e, após colocar os assuntos ordenados de maneira lógica, escreveu e salvou um anexo que, em seguida, encaminharia por e-mail ao seu amigo, o advogado Etevaldo. Quando tudo foi realizado, ele verificou que já se aproximava das 19h30min e tinha que jantar, para depois telefonar às 20h30min. Certamente, Liz já saíra para cumprir o seu compromisso. Ele não podia se apressar e não se deliciar com o que Liz deixou sobre a mesa. Sentou-se, procurando aliviar a fome de um morador de sítio que o acompanhava. Devagarzinho, tudo foi diminuindo até que nada mais restava. Mas ainda sobraram as suas responsabilidades. Cuidou de tudo mais uma vez, meticulosamente, fez então uma vistoria, confirmando que as coisas estavam na mais perfeita ordem. O relógio estava marcando exatamente 20h25min; lembrou-se do celular, foi correndo buscá-lo, pois o havia esquecido no quarto. Ao retornar, refestelou-se na cadeira do tipo “espreguiçadeira” que Liz mantinha na sala, aguardando o horário exato. Não foi preciso porque o telefone tocou, e, ao atender um vozeirão não escondia um entusiasmo contagioso, sem deixar sequer que o Professor Luis dissesse “alô” e perguntasse quem estava falando.

– Alvíssaras, alvíssaras, meu nobre lutador, vencedor de corrida de obstáculos, nós iremos parodiar o dito popular “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura” para afirmar que “Luis vencedor em problema difícil, tanto insiste que a solução não resiste” porque logo ela vem à tona.

O Professor Luis não tinha nenhuma ideia do que poderia falar. Atônito,



aproveitou um momento de fôlego do seu amigo para tentar compreender o que se passava e o alegrava com tanta ênfase. Parecia ter bebido o seu vinho preferido em comemoração de algo que o surpreendeu.

– Meu amigo Etevaldo, é bom vê-lo assim. Mas, ouça-me. Nós nunca participamos de nenhuma corrida de obstáculos, nunca pulamos nem cerca, mesmo quando menino ou adolescente, e agora você nos apresenta essa paródia. O que tudo isso significa?

– Luis, queira ou não, você é um vencedor de corrida de obstáculos. Podemos afirmar que, após ultrapassados tantos óbices, conseguimos ser exitosos com a nossa proposta da oficialização da implantação da ACAPA/ACPA. Conforme estava acertado, conversamos com o nosso contato na Secretaria da Fazenda, que rigorosamente acompanhou toda a tramitação, tendo afirmado que, em reunião com o seu superior hierárquico, numa longa conversa, apenas pediu que lhe desse o resto do dia para analisar com calma o processo avaliando alguns detalhes, mas que fosse procurá-lo ao final da tarde. Adotei esse procedimento e voltamos a encontrá-lo às 16h30min, quando ele nos forneceu o seu veredito final. “Esse foi um belo e exemplar trabalho. Em nossa avaliação, não detectamos nenhuma incorreção técnica e a composição e elaboração do processo obedece a uma sequência lógica realizada, sem dúvida, por um causídico experimentado e que domina com perfeição a ciência do direito, facilitando, assim, o encargo de qualquer avaliador que perquire ações irregulares. Também é deveras importante lembrar de que a finalidade, o objetivo nuclear da proposta que o processo está a demandar, é a implantação, em caráter oficial, de uma associação filantrópica que se chamará “Associação Científica dos Animais Professora Amélia – ACAPA”. No entanto, como o próprio nome sugere, o filantropismo não se refere a seres humanos, mas destina-se aos animais, e, se não bastasse, o objetivo da ACAPA não é intrínseca e exclusivamente assistir os animais ou tratar deles, mas precisamente educá-los e, de alguma forma, que nós não imaginamos como será, ensiná-los que eles, assim como os homens, são seres criados por Deus com uma finalidade na vida, que é “aprender sempre e melhorar sem limites”. Isso tudo que estou quase recitando está no processo. Bem, caro colega, desculpe a minha empolgação e providencie a vinda do advogado para amanhã, sexta-feira, às nove horas, então assinaremos o laudo final.



O Professor Luis valeu-se de outro fôlego do Doutor Etevaldo, mas era necessário, porque ele não se mostrava interessado em querer ouvi-lo.

– Mas Etevaldo, que bela notícia você está nos dando; ainda mais com todos os acréscimos que ornamentam a decisão em laudo final que o seu contato lhe assegurou que amanhã será assinado. Bem, já conversamos muito, tudo o que era importante você me contou nesta meia hora de conversa. Amanhã, às 8h, estaremos no escritório, quando então amiudaremos todos os detalhes dessa história e falaremos sobre o e-mail que lhe foi enviado. Mas não se esqueça de colocar o seu celular para carregar, pois ele deve estar pedindo socorro. Até amanhã receba o meu boa noite, tenha um bom sono preenchido por sonhos alvissareiros, bondosos, sinceros e serenos, tudo isso extensivo a Anabeth.

O Professor, após desligar o celular, estava eufórico, mas seus pensamentos estavam desconexos e desconectados, momentaneamente, da realidade. Refez-se ao lembrar-se de que ainda precisava preparar um e-mail para seus pais, o qual enviaria somente na sexta-feira cedinho. Pensou também em ressuscitar os seus solilóquios, entretanto, não esqueceu do telefonema que a Professora Amélia e o Doutor Pedro Otávio aguardavam. Retornou ao quarto e imediatamente providenciou a ligação. Felizmente, foi a sua mãe quem atendeu; sem dúvida já o estava esperando, e, muito provavelmente, com o Doutor Pedro Otávio ao lado.

– Fale, meu filho, dessa vez você demorou. O seu pai não sossegava e incitava-me a ter a iniciativa de fazer a ligação, ainda bem que não foi necessário.

– Mamãe, peça ao seu marido para acalmar-se. As notícias são muitas e todas elas boas, muito boas. Nós enviamos um e-mail contendo um anexo no qual fornecemos detalhes das novidades mais importantes. Recebam e analisem as informações disponibilizadas, e marquem uma reunião para amanhã às 16h com todos os membros da ACAPA/ACPA que se encontram no sítio. Dê instruções para a De Jesus preparar os melhores bolos e doces, porque a partir de amanhã o sítio estará em festa. O motivo, tenho certeza de que você e o papai já desconfiam. A nossa associação e a escola agregada a ela, ambas que têm seu nome referenciado com reverência, por enquanto, por nós, seus membros, mas no futuro essa reverência



expandir-se-á e ultrapassará os limites do nosso próprio país. As outras surpresas, que a rigor não são pequenas, surpresinhas, são as adesões para juntarem-se a nós, a sua querida filha Lizbeth, e a psicóloga Anabeth, esposa do Doutor Etevaldo, o advogado da ACAPA/ACPA. Bem, vamos encerrar agora porque o nível da carga do celular já se esgotou. Portanto, boa noite e até amanhã; vamos esforçar-nos para chegar ao sítio a tempo para almoçar, de qualquer forma ligaremos em torno de 10h.

Durante quase todo o telefonema ouviam-se gritinhos, pequenos e baixos assovios não identificados entrecortados pela Professora Amélia, com o seu manso e respeitado “Calma pessoal, calma! Assim não ouviremos nada do que o Luis está tentando nos dizer”. O Doutor Pedro Otávio subiu, indo procurar o e-mail com as informações de que precisava para a reunião de sexta-feira.

O Professor Luis, mais tranquilo, não quis saber de nenhum solilóquio. Tomou um copo de leite, refestelou-se em sua cama e dormiu. Ao acordar no dia seguinte, depois de sua higienização, dirigiu-se à sala tentando, ainda, encontrar a sua irmã. No entanto, o dia dela começara antes do seu; deixou-lhe apenas um bilhete mais ou menos longo, certamente, dando as informações necessárias para antes de sua viagem ao sítio. Mas o seu repasto da manhã estava sobre a mesa. Nada mais tinha a fazer, como era fato normal em todo o decorrer de sua viagem. O seu tempo era exíguo, cerca de uma hora, para o café da manhã descontados uns quinze minutos para chegar ao escritório. Nos seus cálculos, a reunião na Secretaria da Fazenda não deveria ultrapassar as 9h45min. Saiu de casa no horário planejado, não esquecendo de deixar, sobre a mesa, também uma pequena resposta para Liz. Muito mais uma confirmação sintética do que foi conversado entre eles. Sem perda de tempo, rumou em direção ao escritório do Doutor Etevaldo, chegando no horário ajustado. Demorou-se um pouco para estacionar, o que não o impediu de entrar na sala de recepção às 8h. Imediatamente, foi encaminhado à sala de reuniões, e, em alguns segundos, o casal fez-se entrar no recinto.

– Você é muito bom no cálculo do tempo, ainda mais aqui na cidade, onde temos que dar um desconto para os engarrafamentos e os sinais. As suas predições nunca malogram? Recebemos o seu e-mail e já o analisamos. Devemos ser objetivos, porque temos menos de uma hora para decidir sobre os dois assuntos mais importantes. A Anabeth tem tudo anotado, inclusive



a listagem de nossas sugestões e os procedimentos imediatos.

– Professor Luis, não sabemos se, por coincidência, as nossas ideias não são excludentes, a rigor, uma diagonalização entre elas revela aspectos que se incluem. A nossa inferência é adequada tanto para a questão da missa ecumênica quanto para os que se mostrarem interessados em publicar artigos no blog. As etapas poderiam ser listadas como seguem:

Enviaremos uma comunicação da implantação oficial da ACAPA/ACPA e um convite para o comparecimento na data, e somente naquele dia, esclarecendo a forma de participação do convidado.

Observar no convite que não serão ressarcidas quaisquer despesas de deslocamento e hospedagem, na hipótese de permanência em hotel ou pousada da cidade. Além disso, ao convidado aprovado não será pago nenhuma ajuda de custo, diárias ou pró-labore.

Quanto à missa ecumênica, procuramos um bispo da Igreja católica e demos a ele todas as informações sobre a ACAPA/ACPA, as festividades de sua oficialização, e o bispo escutou-nos com imensa atenção; pediu o nome da cidade, e, em seguida, esbanjando solidariedade, disse com firmeza: “Essa cidade fica no litoral e é perto daqui. Mas veja como o nosso amado Deus é misericordioso. Nós conhecemos a cidade e o pároco é de lá! O que a diretoria da associação deseja viabilizar é o que o nosso bondoso Papa Francisco vem realizando em sua itinerância ao redor do planeta. Bem, a maneira mais fácil de ajudá-los é fazer uma ligação para o padre ao meio-dia de hoje solicitando que ele, além de celebrar a missa, providencie para que ela seja ecumênica. Mas eu lhes peço apenas um favor: formem uma comissão de três a cinco pessoas, façam uma visita a ele, preferivelmente ao final da tarde, troquem ideias, e tenho quase certeza de que tudo se resolverá. Para finalizar, não podemos garantir, mas achamos que ele já procurou orientação junto a nós sobre um assunto semelhante ou da mesma natureza ao que vocês estão solicitando que os guie para uma solução. Voltem a nos dar notícias e nós vamos verificar a possibilidade de colocar em nossa agenda uma visita à ACAPA/ACPA”.

– Bem, Luis, com essa resposta do bispo, resta-nos apenas escolher os nomes das cinco pessoas que efetuarão a visita ao padre de sua cidade. Sugerimos quatro nomes: a Dona Amélia e o Doutor Otávio, você, e, se a visita for no sábado, estaremos à disposição para acompanhá-los. Existem algumas outras pequenas novidades, mas essas o Etevaldo cuidará de trans-



miti-las, e outros esclarecimentos nós o faremos posteriormente no sítio.

– Vocês podem ir agora ao encontro na Secretaria da Fazenda para finalizar o rol de boas notícias desta linda e ensolarada sexta-feira. Ambos demonstravam bastante serenidade quanto às perspectivas do resultado que esperavam receber, que era o último pendente na capital. Não houve nenhum impedimento no trajeto; logo chegaram ao seu destino e dirigiram-se à seção apropriada. Pareceu-lhes que estavam sendo esperados, porque a atendente os chamou, acompanhando-os a uma sala de reunião. Sentaram-se e ficaram aguardando, o que não demorou nem um minuto, porque o responsável pelo processo chegou muito calmo, sereno e sorridente.

– Bom dia, Doutor Etevaldo. E o seu companheiro ajuda-o no escritório?

– Não, Doutor Adriano, muito pelo contrário, em nossa associação ele é o meu chefe, se assim podemos dizer, porque a nossa hierarquia é assistemática. Trata-se do Professor Luis, filho do Doutor Pedro Otávio e da Professora Amélia, donos do sítio onde a ACAPA/ACPA se instalará.

– Mas que prazer, Professor Luis, o meu superior lembrou-se de sua família, principalmente, do Doutor Pedro Otávio, e também fez referência a uma ocorrência inadequada praticada pelo dono anterior do sítio que atualmente é de vocês. Mas é melhor irmos logo para a sua sala, pois é chegada a hora marcada por ele.

Como era evidente, tudo estava acontecendo de acordo com as previsões: saírem de lá com toda a documentação aprovada e assinada, em torno das 10h. O mesmo ocorreu como na sala do Doutor Adriano, imediatamente, foram encaminhados para o local de reuniões do Doutor Paulo de Tarso, que, sentado, a folhear as páginas de um volumoso processo, parecia esperá-los.

– Bom dia, Doutor Adriano.

– Bom dia, senhores diretores da ACAPA/ACPA, nomeação que memorizamos em face da sua destinação, que respeitamos e admiramos muito.

Aos cumprimentos seguiram-se amigáveis apertos de mão, acompanhados pelas apresentações formuladas pelo Doutor Adriano.



– Doutor Tarso, o Doutor Etevaldo é o advogado que elaborou, como o senhor gosta de enfatizar, “todas as minudências” jurídicas desse bem organizado processo, apesar de volumoso. A terceira pessoa desta pequena comissão é o Professor Luis, filho do Doutor Pedro Otávio e da Professora Amélia, donos do sítio, de quem o senhor lembrou-se ontem, assim como do episódio que envolveu a aquisição do sítio e seu dono anterior.

– Ora, ora, mas quem diria! Nós conhecemos o Doutor Etevaldo de outras demandas da ciência do direito, no entanto, não o havíamos identificado, pelo menos até agora, como o autor dessa inegável obra de arte jurídica. O meu colega Adriano certamente não fez segredo da nossa opinião acerca do aspecto jurídico da organização do processo, por isso não vamos repeti-lo. Somente desejamos reiterar que o seu planejamento facilita a interpretação e uma avaliação conclusiva na elaboração de um laudo ou parecer, ambos na alçada do Direito Civil.

Quanto ao Professor Luis, fisionomicamente, realmente não nos lembrávamos dele. Sabemos que ele estava com seus pais, quando vieram aqui tratar de um assunto relacionado à aquisição de um sítio e que envolvia uma irregularidade praticada, à época, pelo dono da propriedade. Simplesmente ele vendeu o sítio para duas pessoas, sendo que da primeira recebeu 50% antecipado do pagamento total, sem o necessário “registro de compra e venda” do Cartório de Imóveis que jurisdiciona a região onde o imóvel está encravado. Para encerrar, a finalidade de seus pais em virem a essa casa foi identificar a situação do vendedor imprevidente junto à Receita Federal: se tinha dívidas a serem cobradas ou restos a pagar, e quanto deveria ser descontado de imposto de renda. Constatou-se que o indivíduo estava devendo em uma outra questão que precisava ser negociada para tornar o seu nome limpo, sem nenhuma anotação negativa. O Doutor Otávio foi de uma correção indescritível com esse cidadão. Resumindo: a situação que se encontrava perante a Receita Federal foi totalmente resolvida. O outro comprador que fora por ele enganado estava esperando pelo pagamento da quantia indevidamente antecipada e isso realmente foi efetivado. E ele, autor de toda a trama, ainda saiu com um valor razoável, relativo ao pagamento realizado pelo Doutor Otávio referente ao preço de compra do sítio. Bem, agora vamos ao assunto principal, mas, ao saírem, deixem-nos o nome da cidade e o endereço do sítio.



O Doutor Paulo de Tarso trouxe para a sua frente duas folhas de papel ofício, ambas digitadas, ficando o processo no lugar onde estava. O Doutor Adriano estava ao seu lado esquerdo, e o Doutor Etevaldo à sua direita.

– Bem, estamos fazendo algo que é legal, e, se assim não fosse, jamais incorreríamos em uma prática banal, não usual e desnecessária, e que também é uma surpresa, nesse caso, talvez uma novidade para o Adriano. Trata-se de dois documentos: um laudo e um parecer. O segundo, a surpresa, encarem-no como um presente pessoal em reconhecimento à dedicação e ao objetivo que os membros diretores da ACAPA/ACPA pretendem para essa associação; tratar os animais como seres criados por Deus e que a sua existência deve ser respeitada de acordo com as características específicas de cada espécie. Muito obrigado a todos pela presença, um bom dia e boa viagem para quem tem como destino o sítio. Em nossa capital, muitas vezes, ir para casa carece rogar que se faça uma boa viagem.

O Doutor Adriano permaneceu com o seu superior, e o Professor Luis e o Doutor Etevaldo levaram consigo a documentação objeto dos seus incansáveis esforços, saindo pasmados com os resultados alcançados. Ficaram algum tempo a remoer os últimos acontecimentos. Liz já manifestara a sua adesão ao projeto ACAPA/ACPA. Restava, agora, para completar a formação dos três grupos de temáticas, a plena aceitação de Anabeth ao convite que lhe fora formulado, idêntico ao de sua irmã. Quais novidades o Doutor Etevaldo estaria guardando para lhe transmitir na hora de sua viagem? Quando surgiu um banco disponível, adequado para conversas antes e depois de reuniões, foram em sua direção e sentaram-se.

– Luis, nós sabemos que você está ansioso para viajar, mas antes disso é necessário saber alguns aspectos da decisão que nós e Anabeth acertamos. A primeira refere-se à dificuldade que temos em separar os nossos filhos da mãe. Eles não são acostumados a ficar sozinhos, aos cuidados de si próprios ou de outras pessoas que não sejam nós, seus pais. Daí, a família inteira acompanhar-nos-á nessa viagem para o sítio. Concordamos, também, sobre tornar mais racionais as suas atividades no escritório, onde algumas serão planejadas de modo mais conveniente, a fim de que nós possamos assumi-las. Os nossos filhos terão responsabi-



lidades domésticas que ainda serão negociadas, mas que não mais farão parte das obrigações de Anabeth. Nós também teremos que nos adaptar a essa nova fase da vida de nossa família. Finalmente, a minha mulher aceitou ser uma nova associada da ACAPA/ACPA, inclusive, passando a compor o primeiro grupo de temática, ou seja, o nosso grupo. Amanhã, dependendo do horário em que pudermos viajar, ainda chegaremos em tempo para almoçar com vocês. Se isso não for possível, ligaremos avisando, porque, nesse caso, faremos uma breve refeição em um bom restaurante que conhecemos, em local à beira da estrada, bastante seguro.

– As suas novidades são, obviamente, surpreendentes. Sem dúvida regozijará a todos, até mesmo a De Jesus e suas auxiliares, que adoram visitas. Quanto à questão do almoço, vamos conversar com mamãe, e, à noite, teremos uma solução melhor do que aquela apresentada por você. Aguarde, apenas, uma ligação que faremos em torno das 20h30min. Estamos, portanto, acertados, e se algum pormenor passou despercebido no sítio, pequenos detalhes se ajustar-se-ão ao todo. Então, podemos viajar?

O RETORNO DO PROFESSOR LUIS AO SÍTIO: RECEPÇÃO E NOVIDADES

– Muito bem, amigo Luis, siga em sua viagem e nós iremos para o escritório, pois Anabeth deve estar inquieta à espera das notícias do processo na SEFAZ.

Despediram-se já perto do estacionamento e cada um identificou o seu veículo, então ambos saíram em busca de novas ações em perspectiva.

O Professor Luis passou cerca de dez minutos dirigindo sem concatenar nenhum pensamento com a realidade. A direção do carro estava por conta do “piloto automático”, e ele, entregue a profundos devaneios. Apenas despertou ao reconhecer lugares que garantiam acesso à sua cidade. Os devaneios foram, assim, substituídos. Poucos minutos passaram-se, e sítios, pequenas e grandes residências, casas de comércio em geral, mercearias, quitandas e lojas de material de construção indicavam que em breve estaria em seu sítio. Logo avistou a caminhoneta de seu pai estacionada numa peixaria onde eles se abasteciam com normalidade. O Doutor Pedro Otávio de longe se destacava num grupo de bate-papo, e, como de praxe, sorrindo muito, agitava e erguia os braços. Era uma situação a seu



feitio. Ao parar o carro, seu pai não perdeu tempo e veio abraçá-lo. Eram 11h15min. Cumprimentaram-se sem nenhuma reserva, efusivamente.

– Papai, que peixe o senhor está comprando? Mas nós falamos-lhes! Ontem à noite dissemos para a mamãe que Lyzbeth estará chegando antes do meio-dia e uma de suas preocupações era trazer-lhes alguns quilos de peixes de água doce, prometendo mostrar para De Jesus algumas receitas e as particularidades sobre como fazê-los.

– Está certo, Luis, mas nós apenas pensamos em nos prevenir diante do e-mail que você nos mandou. Por sinal, nós compramos cinco quilos de lindas lagostas e uns cinco quilos do peixe galo, que você aprecia muito, principalmente cozido e acompanhado do famoso pirão da De Jesus. Nós estávamos conversando e não retornei para verificar o andamento da limpeza e do retalhamento do peixe, porque em casa isso será feito.

– Bom dia, companheiro, como está o serviço? Em quantos minutos você pode entregar da maneira como sempre faz para nós?

– Bom dia, Professor Luis! Nós já sabemos das novidades que quase todos comentam sobre a criação da associação que o sítio vai sediar. Meus parabéns. Quanto ao serviço, os filés estão prontos, cerca de dois quilos, pois o peixe era grande; e o restante, cabeça, espinhaço e a parte mais longa que inclui o rabo foram cortados de acordo como é feito, sob encomenda, do senhor e de seus pais. Assim, dentro de no máximo dez minutos tudo estará lavado, ensacado e pronto para viajar. Se o senhor desejar, eu poderei ir ou mandar entregar nesse tempo, direto no sítio.

– Ótimo, tire a nota para que nós façamos o pagamento. Vamos saber de papai se ele está disposto a esperar e levar consigo tudo o que foi comprado.

Se pudesse, o Doutor Pedro Otávio estenderia a conversa até mais tarde, mas não podia, porque com a chegada de seu filho, era impossível. Recebeu a nota de pagamento, despediu-se de seus companheiros e ficou ao pé do balcão, esperando o peixe e as lagostas.

O Professor Luis foi embora, pois não suportava mais tanto tempo longe de casa. Ao aproximar-se, percebeu o portão aberto e o caseiro junto dele. O sorriso habitual de contentamento aflorou-lhe à boca. Ao parar, apresentou-se um comitê de recepção que ansiosamente o aguardava para dar-lhe as boas-vindas. Palmas, assovios, bater de asas,



grunhidos, latidos, etc. foram ativados e tornaram-se recrudescentes. O costume daquela afeição repetia-se, endossando a certeza do quanto era gratificante ter e conviver com a sua família. Estacionou devagar e saiu com alguns pacotes. A mala e os pacotes que ainda estavam no interior do carro, o caseiro levaria. Mal deixara o veículo, a comitiva inteira teve à frente sua mãe, que se apressou em abraçá-lo.

– Luis, meu filho, o seu pai cismou de que precisávamos nos abastecer de peixe e lagosta e deslocou-se até o centro na tentativa de encontrar o que queria. Você o viu?

E completou, olhando para os presentes:

– Vamos todos dar um viva bem forte para o Professor Luis. Ele merece!

O Doutor Pedro Otávio estacionou nesse exato momento. Deixou o carro junto ao portão e juntou-se ao comitê. Tudo foi reiterado, agora acrescido dos “Viva o Professor Luis! Ele merece, ele merece!”, em que o eco reverberou dentro e fora do sítio. Então, demonstrando pressa, o homenageado agradeceu a todos.

– Muito obrigado! Muito obrigado mesmo! Nós não merecemos tanto. Talvez o Doutor Etevaldo e Anabeth, sua esposa, tenham, nesse caso, mais merecimento do que nós. Mas vamos todos nos preparar para o restante das atividades do dia.

Alguns minutos após o meio-dia, a família já estava à mesa, e todos perguntavam mais do que se alimentavam. O Professor Luis não sabia a quem atender; as perguntas eram variadas e surgiam aos borbotões. Mas, na tentativa de atender a todos, explicou-lhes que deveriam indagar sobre assuntos que não demandassem muito tempo, porque a reunião, que estava marcada para as 15h30min, seria antecipada em uma hora. Portanto, ele aconselhou a todos que se alimentassem bem porque o expediente da tarde seria extenuante, uma vez que precisavam de resultados conclusivos para serem utilizados no sábado e no domingo. Depois da finalização do almoço, o Doutor Pedro Otávio foi avisar aos assistentes sobre a antecipação da reunião. Às 14h30min todos, pontualmente, estavam na sala. O Professor Luis, inicialmente, abriu alguns pacotes que estavam sobre a mesa grande, mostrando livros, CDs e DVDs.



– Caros amigos companheiros, não é demasiado agradecer-lhes uma vez mais pela recepção festiva. Tudo o que vocês fizeram e nos desejaram, distribuímos com todos. No entanto, essa atitude não tem o sentido de devolução, porque se trata de uma distribuição mesmo. Essas conquistas devem-se aos esforços e ao trabalho que somente evoluíram pela participação conjunta dos associados da oficialmente legalizada ACAPA/ACPA. Portanto, se for possível, e achamos que é, devemos atribuir os méritos do feito conquistado a todos, porque tais merecimentos devem ser divididos, e não dedicados a uma ou duas pessoas, ou a esse ou aquele grupo. Que tudo fique bem esclarecido.

NOVOS ASSOCIADOS VÃO AO SÍTIO PARA AS PRIMEIRAS PARTICIPAÇÕES

Agora podemos então iniciar nosso trabalho. Vocês receberam uma listagem dos assuntos mais importantes acrescidos de breves informações que serão detalhadas de acordo com a necessidade.

- 1. As novas adesões** – São duas as novas associadas, ambas mulheres e ligadas à ciência da Psicologia. Anabeth, esposa do Doutor Etevaldo, é psicóloga com mestrado, e Lizbeth, que chamamos de Liz, é Professora e está concluindo o curso de especialização em Neuropsicopedagogia. Maiores detalhes sobre seus interesses pessoais, como agem e suas perspectivas de vida, elas propriamente dirão, porque estarão conosco, muito provavelmente, na manhã de sábado.
- 2. Os artigos da edição de lançamento do blog** – Nós vamos apenas apresentar as informações, e, se o tempo permitir, procuraremos iniciar as discussões, que, de qualquer maneira, somente serão finalizadas amanhã, quando a diretoria da ACAPA/ACPA se completará. Nós tentamos definir, de acordo com as exigências que determinamos, especialistas que se dispusessem a escrever e publicar artigos neste primeiro número do blog. Nossa tentativa foi vã, porque os interessados tinham propósitos que a nós se mostraram decepcionantes. Desse modo, nós, associados, mais precisamente, cada Coordenador de Temática será o responsável pela elaboração de um artigo. Esse trabalho será da autoria de



todos os membros do grupo, o que não se configura em increpar indevidamente sobre a individualidade do escritor, porque o conteúdo do artigo será fruto da reflexão compartilhada, para dar uniformidade de pensamento na conclusão, proporcionando ao leitor facilidade de interpretação.

- 3. A Missa Ecumênica** – A contribuição de Anabeth foi fenomenal para a discussão que tivemos no escritório do Doutor Etevaldo. Nós já estávamos desistindo de realizá-la com essa característica, transformando-a em uma missa comum, eis que Anabeth anunciou que realizara contato com um Bispo da Igreja católica que, em momentos anteriores, já lhe tinha prestado atendimento em casos simples inerentes ao direito canônico. O resultado foi imensamente satisfatório. Ele parabenizou a nossa iniciativa em defesa dos objetivos da ACAPA/ACPA referente aos animais. Para resumir, porque outros detalhes e aprofundamentos Anabeth está disposta a fazer, ele prontificou-se em telefonar, e, sem dúvida, já o fez para o pároco local, pedindo-lhe e dando as orientações que o caso merece. A nós caberia formar uma comissão de três a cinco diretores associados para visitá-lo no sábado, ao final da tarde. Pediu que, hoje, também, ao final da tarde, ligássemos para o padre, confirmando o encontro. Temos, assim, duas providências a tomar: a) Fazer a ligação para o padre local; e b) Nomear os cinco representantes que participarão da reunião.

Para os dois últimos itens, nós temos duas sugestões; mas o nosso desejo é que as entendam como um incentivo ao desenvolvimento de suas próprias ideias, que, evidentemente, se consolidarão comparando-as com aquelas que lhes apresentarei.



PREFEITO JOÃO BATISTA ORDENA QUE SEU SECRETÁRIO AVISE SOBRE A SUA DECISÃO EM AJUDAR A ACAPA/ACPA

O Professor Luis teve que interromper a reunião devido à presença de De Jesus, que sinalizava para ele, tentando transmitir-lhe algum recado. Ele foi onde ela estava, e, da porta mesmo, orientou a continuidade da reunião com a discussão do item 1. Ele precisava atender alguém que estava ao portão. Quando desceu, De Jesus disse-lhe algo que parecia importante e interessou à sua patroa, que havia se aproximado. A Professora Amélia voltou ao seu local e a reunião teve sequência. Ao chegar no terraço, o Professor Luis notou uma camioneta da prefeitura estacionada e o vereador da cidade, que era seu antigo conhecido, a esperar-lhe.

– Boa tarde, Zé Onofre, o que o traz aqui? Vamos entrar e sentar, mas nossa conversa tem que ser rápida, pois estou participando de uma importante reunião.

– Tudo bem, Professor, mas é o Prefeito, o Freitinha, que está ansioso por um encontro com vocês. Há cerca de uns cinco dias ele manifestou o desejo de visitá-los. Agora, principalmente, com a Associação Educativa dos Animais, ele já me cobrou mais de uma vez. Da última vez ele foi insistente, solicitando que eu marcasse para ele vir amanhã, sábado, a partir das 7h.

O Professor Luis já estava impaciente, concluindo apressadamente que se tratava de uma tentativa de aproximação por interesse político. Por isso, ele pôs de lado sua habitual delicadeza, respondendo, talvez, de forma ríspida, mas não grosseira.

– Zé Onofre, por favor, não nos leve a mal. Mas o fato é que a nossa Associação não se envolve em questões de cunho político. Nós somos prestadores de serviço, restringindo-nos aos objetivos exarados em documentação oficializada em cartório e referendada pela SEFAZ. Desse modo, achamos sem sentido, e uma perda de tempo para o Prefeito, que tem muito o que fazer, essa visita a um correligionário.

O vereador impediu o Professor Luis de continuar.



– É bem provável que eu não tenha sido claro em falar-lhe das ideias do Freitinha. Quase nada do que o senhor disse passa em seus pensamentos. A visita que ele pretende não tem interesse comercial ou político. Apenas para o senhor compreender melhor, ele pediu que estudasse o processo de tornar uma instituição de “interesse público”, que direitos e deveres terá junto à prefeitura e outros órgãos públicos, e outras coisas mais. Para terminar, se o senhor gosta de aceitar conselhos, eu lhe darei um que será muito importante para o futuro da Associação: receba-o e ouça-o.

– Você me convenceu, Zé Onofre. Diga ao Freitinha que ele venha para um encontro comigo, somente comigo inicialmente, amanhã, sábado, a partir das 7h, que estarei disponível até as 8h.

Ao chegar na sala da reunião, o Professor Luis notou que a discussão ainda se prendia ao item 1. Fez sinal que dessem sequência e sentou-se bastante pensativo. Seria uma nova e alvissareira porta que se abria para a ACAPA/ACPA? Eis a questão que, por alguns instantes, tolhiam seus pensamentos, os quais deveriam estar entregues ao assunto da reunião. O seu pai, tirando-lhe a concentração intempestiva, dirigiu-se a ele.

– Luis, nós achamos que as duas novas associadas serão, indiscutivelmente, de uma valia que somente saberemos dos seus efeitos a partir de amanhã, abstraindo-se os laços familiares que nos relacionam com Lizbeth e os serviços já prestados por Anabeth, demonstrando a sua capacidade de trabalho. O fato mais importante são as suas qualificações científicas, que, como você mesmo disse, cuidarão da complementação do que já sabemos. Mas o assunto que iríamos iniciar a discutir seria a nomeação dos cinco representantes que participarão da reunião com o pároco local. Antes de sair, você informou-nos que tinha uma, na verdade duas, sugestões a fazer. Assim, é aconselhável ouvi-lo em primeiro lugar, para depois opinarmos. Estamos esperando a sua sugestiva informação.

– As duas sugestões que nos prontificamos a fornecer são as seguintes: a) providenciar o telefonema para o padre local; e, b) nomear os cinco representantes que participarão da reunião na igreja. No primeiro caso, parece-nos que a indicação mais razoável é o nome de minha mãe, que além de ser católica praticante, conhece o padre local. Para representar a nossa associação, apontamos os nomes do Doutor Pedro Otávio, da



Professora Amélia, da Professora Lyzbeth, do advogado Doutor Etevaldo e da psicóloga Doutora Anabeth. Uma justificativa para essa sugestão é que, se aceita, mais de 50% de seus integrantes serão Professores, e também mais de 50% pertencem a uma única família; ademais, se o meu nome for incluído, esse percentual elevar-se-ia para 80%, o que, convenhamos, não é razoável. Então, sem mais nada para acrescentar, façam as suas avaliações e decidam.

O grupo de assistentes foi o que demonstrou interesse imediato de participar, com Mestre-1 posicionando-se para fazê-lo. Os preparativos para que todos pudessem compreendê-lo não mais eram necessários. Somente o Professor Luis deveria estar munido de papel ofício para anotar a fala do orador.

– Meus companheiros de grupo e amigos outros, inicialmente desejamos lembrar ao Mestre Luis que continuamos curiosos em saber quem era a sua visita recente e se ela tinha alguma relação com a ACAPA/ACPA. Mas essa nossa curiosidade pode esperar para o final desse encontro. Referindo-nos às sugestões, aprovamos, no primeiro caso, o nome da Professora Amélia, a qual deverá manter o primeiro contato com o padre que certamente oficiará a missa que pretendemos ser ecumênica. Colocamos a ressalva “primeiro contato”, e compreendemos perfeitamente o uso dessa expressão porque contamos que nós, na oportunidade da missa, possamos também contatar o padre. Existem algumas questões que nos interessa ouvir o posicionamento da Igreja e a opinião dele sobre os assuntos questionados.

Quanto à nomeação dos cinco representantes, são bastante ponderadas as argumentações para justificar a sugestão. Apenas achamos que a inclusão, ou a substituição de nomes dentre os citados, manteria, ainda assim, o mérito da nossa representação. Por isso, temos certeza de que o bispo não citou o número cinco “esotericamente”, trata-se de uma mera formalidade em que poderia ter sido dito dois, seis ou sete. Assim, data vênia, Professor Luis, a nossa sugestão é acrescentar mais dois nomes à comissão, o seu e o do Professor João Paulo, o que, sem dúvida, não desagradará o bispo e tampouco o padre.

A Professora Amélia levantou-se, e, mostrando-se preocupada com algo pouco usual em suas anteriores decisões, manifestou-se com segurança.



– Vamos simplificar as coisas. Quando fizermos a ligação para o padre, nós lhe adiantaremos que a nossa comitiva é formada de sete pessoas, mesmo sem termos a anuência do Professor João Paulo, e esperamos a sua reação, principalmente, com relação ao número de participantes. Em seguida, colocaremos para ele a nossa necessidade de que o encontro deverá acontecer no sábado, das 15h às 16h ou 16h30min. Ao término do telefonema, saberemos as respostas para as nossas inquietações. Portanto, daqui a mais uma hora tudo estará resolvido.

– Muito bem, senhora Professora Amélia, minha querida mãe. Somente dispomos de uma hora para discutir a questão do blog e dedicar uns dez minutos para um descanso mental e fazer uma pequena merenda que a De Jesus, distribuindo sorrisos, vem oferecer-nos: seus deliciosos bolos e sucos. Vamos lá, então!

A exemplar funcionária, especializada em prendas domésticas, lembrou-se dos assistentes e preparou para eles algo que os agradasse, mesmo sabendo que não eram afeitos à gula. Para as aves, ela trouxe uns bolinhos redondos espaçados em uma espécie de bandeja, onde os seus tamanhos e as formas pareciam ter sido preparados conforme a abertura do bico. Ou seja, cada bicada correspondia a um bolinho. Para Átila, a fôrma era retangular e os tamanhos aumentavam novamente de acordo com a bocarra do animal. O ambiente, circunspeto até minutos atrás, dera a uma verdadeira festa. Parecia que os animais sorriam e esbanjavam felicidade. Tudo em consequência da lembrança e bondade dispensada a eles por De Jesus, que, além de ter aprendido a amá-los, tratava-os como seres criados por Deus, a exemplo dos humanos. Naquele momento eles se sentiam como seres criados pelo Todo Poderoso, realmente filhos de Deus. A Professora Amélia, observando a cena proporcionada pelos assistentes, emocionou-se e comentou, num entremear de pequenas, breves e curtas lágrimas:

– Vejam nossos assistentes, estão felizes por terem sido lembrados e respeitados. Veem-se reconhecidos não só pelo trabalho que desempenham, mas principalmente pela ausência de qualquer preconceito. Será que se os seres humanos os imitassem, tantos dissabores e maldades seriam evitados? Achamos que este é um assunto que devemos aprofundar e um mote para a seção “curiosidades” do nosso blog.



O Professor Luis levantou-se, foi até perto dos assistentes e verificou que estavam fartos, porque sobraram bolos e eles discutiam. Voltou ao seu local e anunciou que a parte final da reunião havia começado.

– Luis – falou o Doutor Pedro Otávio —, achamos que nos artigos de lançamento do blog elaborados por nós, associados, cada coordenador de temática deverá ficar responsável pela organização do texto, uma vez que esse trabalho será da autoria de todos os membros do grupo. O conteúdo do artigo será fruto da reflexão compartilhada, para dar uniformidade de pensamento na conclusão, proporcionando ao leitor facilidade de interpretação. Em face dessa orientação, não faz sentido a reunião do “grupão”, porque iremos planejar e organizar a sequência dos assuntos das temáticas por Coordenação. Assim, sugiro que, a partir de agora, cada grupo dedique-se ao seu próprio assunto.

– Muito bem! Às 16h45min deveremos encerrar a reunião. Então, a minha mãe irá telefonar para o padre e nós ficaremos aguardando, enquanto isso lhes contaremos o motivo da visita que o vereador Zé Onofre nos fez há pouco tempo.

– O interesse do vereador – começou a explicar após a saída de sua mãe – era reportar-se a uma solicitação do Prefeito João Batista Freitas, o Freitinha, para vir conversar conosco. Inicialmente, rejeitamos a proposta na certeza de que havia uma tentativa de fazer um jogo político. No entanto, talvez pela aspereza como o assunto foi tratado, ele me retornou mais ou menos assim: “É bem provável que eu não tenha sido claro em falar-lhe das ideias do Freitinha. Quase nada do que o senhor disse passa em seus pensamentos. A visita que ele pretende nem tem interesse comercial ou político. Apenas para o senhor compreender melhor, ele pediu que estudasse o processo de tornar uma instituição de ‘interesse público’”. Nós não o deixamos continuar por estarmos preocupados com a nossa reunião, e por saber que Freitinha acrescentaria os detalhes de sua pretensão se de fato a reunião se realizasse. Refletimos alguns segundos e respondemos-lhe: “Você me convenceu, Zé Onofre. Diga ao Prefeito que ele venha para um encontro comigo, somente comigo inicialmente, amanhã, sábado, a partir das 7h que estarei disponível para recebê-lo até as 8h”. Os fatos foram esses, mas devemos esclarecer que, se as notícias realmente forem boas, pretendemos agendar uma outra reunião com ele, para as 8h ou 11h de domingo, mas essa com todos



os diretores da ACAPA/ACPA. Vamos usar esses quinze minutos para investi-lo em nosso trabalho.

Mas tal não foi possível. A Professora Amélia havia subido e estava impassível, porém bem-humorada.

– O padre Sérgio Manoel realmente recebeu a ligação de V. Ex.^a Reverendíssima – pronome de tratamento correto que, mesmo não sendo apropriado, pode ser abreviado para V. Ex.^a ou V. Reverendíssima – bispo Evaristo Amaral. Com toda boa vontade, colocou-se à nossa disposição dizendo que não medirá esforços a fim de que a missa seja realizada, e, da forma como desejamos, ecumênica. Ele nos fez algumas perguntas às quais não lhe demos respostas porque ainda não as temos. Por exemplo, a data e o local da missa – essas decisões estão na dependência de outras providências, as quais devem ser efetivadas com a chegada, amanhã, dos demais membros da diretoria da ACAPA/ACPA. Sugerimos que a nossa caminhada de hoje seja cancelada ou adiada para as 17h30min, e assim poderemos decidir, emergencialmente, sobre os assuntos que nós mesmos temos autonomia de deliberação. Complementando e finalizando, sugerimos que, antes da reunião de Luis com o Prefeito, sejam colocados, com bastante cuidado, assuntos como a ajuda que a prefeitura prestará à ACAPA/ACPA, considerando-se que ela poderá tornar-se uma instituição de utilidade pública.

O Professor Luis levantou-se tão rápido que parecia ter dado um salto de seu assento. Algo o inspirara a praticar aquele gesto.

– Eis uma santa! Minha mãe é uma santa! Disse ele emocionado. A senhora acaba de iluminar o caminho ou um caminho para impulsionarmos as atividades de nossa associação. Com a oficialização da ACAPA/ACPA, tornando-se uma instituição de utilidade pública por iniciativa da prefeitura, duas consequências serão inevitáveis: a) a notoriedade que precisamos dar a ela; e b) o reconhecimento do nosso blog pela publicação de uma entrevista a ser realizada com o Freitinha, confirmando a forma de ajuda que disponibilizará à diretoria, sem qualquer caráter político-comercial. Na conversa que manteremos com ele, será possível verificar que tipo de ajuda, na verdade de caráter eventual,



podemos esperar para a missa ecumênica, e sobre outras atividades que ocorrerão num futuro próximo. Finalizando, vamos acertar dois detalhes: são 17h10min e podemos, portanto, fazer nossa caminhada. Se todos concordarem, voltaremos no horário das 20h às 21h30min, dando continuidade ao trabalho desta tarde. Sugerimos ao Semeador e seu grupo que, durante a nossa caminhada, convoquem os demais assistentes para um breve encontro e cientifiquem-lhes das novidades até hoje, além daquelas previstas para amanhã. Alguma sugestão não ainda referida? Se todos estiverem de acordo, vamos olhar o ocaso do nosso belo e poderoso sol.

Essa era uma liberação esperada e bem-vinda! Tanto é que, num pestanejar, a comitiva já estava rumando para a praia. Daí até o pisar na areia, que voluptuosamente entranhava-se em seus pés, foi um pulo. Devido às circunstâncias e por serem apenas cinco, formou-se apenas um grupo. As cenas eram repetitivas, com o Doutor Pedro Otávio no comando, andando feito caranguejo, gesticulando sem controle, quase aos gritos e gargalhando, falava coisas às vezes desconexas, animando a todos. O Professor Luis deu umas passadas maiores, aproximando-se de um pequeno grupo de urubus, talvez sete deles, sendo que quatro distavam poucos metros dos outros, como se estivessem numa interessante troca de ideias. Ao notarem a proximidade da comitiva, juntaram-se numa pretensa avaliação. Quando os dois grupos estavam a uma distância mínima, e sem receios da aproximação, as pessoas foram cercadas pelas aves, o que sugeria uma tentativa de confirmação do que estavam imaginando. Como da vez anterior, eles olhavam ora para o Professor Luis, ora para o Doutor Pedro Otávio, e, em seguida, para os demais caminhantes. Dois dos urubus chegaram mais perto dos homens e fixaram seus olhares neles. Eram olhares tristonhos em que estavam manifestas sensações de decepção e, talvez, de desespero e ausência de esperança. A novidade, dessa vez em suas gesticulações, era a de que seus olhares se erguiam para o firmamento, perguntando: “Onde ele está? Onde está aquele que nos ensinou a voar nas alturas? ”. Na verdade, aqueles olhares perguntavam pelo Semeador e, principalmente, por Mestre-1! O Professor Luis, tocado de profunda emoção, aparentemente mais do que o Doutor Pedro Otávio, resolveu quebrar o silêncio.



– Observem todos e não esqueçam dessa cena! O que eles nos querem dizer é que têm anseios mais audaciosos, que não estão satisfeitos com as coisas que podem realizar agora. Ou seja, essa insatisfação indica que o objetivo deles é, na verdade, “aprender mais e melhorar, também, mais e sempre!”. E nós já discutimos que esse é o caminho, mesmo que em estado inicial, para a eterna busca da evolução espiritual e material. Como faltam apenas alguns minutos para o ocaso de nosso astro rei, é melhor irmos embora, para ainda dar tempo de acenar-lhe e agradecermos ao nosso sublime e amado Deus pelas energias de que fomos infundidos.

O Professor Luis, ao sair, olhou desoladamente para todos os urubus, mentalizando uma mensagem de conforto e pedindo-lhes paciência porque, brevemente, veriam quem estavam procurando. Partiram, e antes de seguirem o atalho que os levaria ao sítio, prestaram homenagem ao sol. Chegaram no horário previsto. Ao entrarem, perceberam que os assistentes ainda estavam reunidos, cumprindo as determinações recebidas. Todos os caminhantes foram aprontar-se para o jantar, que não deveria ultrapassar as 19h30min; dispunham ainda de meia hora para um pequeno descanso. Sem nenhuma alteração, a saborosa sopa acompanhada de cuscuz de arroz estava nos pratos, sendo rapidamente consumida. As conversas foram breves e as mais amenas possíveis. De Jesus sabia o porquê da avidez, por isso nada reclamou. A Professora Amélia foi quem tomou a iniciativa para enfatizar os acontecimentos que se seguiriam.

– Aqueles que desejarem aquela meia hora de descanso, podem fazê-lo na sala da televisão ou no terraço. Nós ficaremos aqui com a De Jesus porque temos algumas orientações nos trabalhos domésticos, principalmente, com o acréscimo de mais três hóspedes, afora Lyz, que assim não deve ser considerada.

O Professor Luis foi para o terraço e seu pai o acompanhou.

– Papai, o Etevaldo está pensando em almoçar amanhã com a sua família num restaurante que ele conhece, perto de nossa cidade, logo na entrada. Achamos que não devemos concordar com essa ideia, por se tratar de um amigo e por todo o seu empenho, e de Anabeth também, na



defesa dos interesses da ACAPA/ACPA. Nós iremos dar um telefonema para ele, afirmando-lhe que venha com a sua família direto para o sítio, porque já estamos preparados para recebê-los, seja com alimentação, seja com acomodação. Para isso, seria interessante que o senhor fosse até a cozinha e confirmasse com mamãe tudo o que acabamos de lhe cientificar. Com o seu retorno e na aprovação dela é que efetuiremos o telefonema.

O Doutor Pedro Otávio, mesmo antes de que seu filho terminasse de falar, já estava em pé, pronto para ir até a cozinha; foi o que fez, deixando o Professor Luis aguardando-o. A demora foi bem pequena, voltando seguido pela Professora Amélia, que não perdeu tempo e disse ao filho:

– Luis, o seu pai falou-me de algo que está lhe trazendo preocupações, mas esse assunto já era do nosso conhecimento. Apenas o detalhe do almoço à beira da estrada nós não sabíamos. Então, telefone e informe-o de que ele e sua família estão sendo aguardados no sítio, com todas as prerrogativas oferecidas em outras oportunidades, indiscriminadamente. Não esqueça de enfatizar que esse é um recado nosso, evidentemente, para ele e toda a sua família. E você, Professor Luis, preocupe-se com a ACAPA/ACPA e com as responsabilidades inerentes a ela, que são muitas. Essas de que estamos tratando fazem parte dos nossos encargos, e é para isso que temos competentes e dedicadas secretárias, De Jesus e suas auxiliares, que nos servem a contento nesses afazeres.

– Muito bem, Professora, darei o vosso recado ao Doutor Etevaldo agora mesmo.

O Professor Luis tirou o celular do bolso e imediatamente fez a ligação para o Doutor Etevaldo. Deu-lhe os detalhes das últimas ocorrências; falou sobre a reunião que se realizaria ainda naquela noite, e finalizou com o recado de sua mãe. Não mais retornou à sala da televisão, passando a refletir sobre os assuntos de que se ocuparia, sabendo que era o único do grupo de sua temática. Os seus pensamentos centraram-se na elaboração de uma agenda de prioridades. A missa ecumênica e o blog logo emergiram. O tempo só foi suficiente para essas reflexões, porque seu pai já o chamava para subir. O que de fato ocorreu. Levantou-se,



notando então que, seguindo-o, estavam os cinco assistentes, o que lhe causou surpresa porque, normalmente, seriam quatro. Agora, Pitágoras os acompanhava. Como todos se mostravam acomodados, o Professor Luis iniciou os trabalhos da noite.

– Nota-se a disposição dos presentes. Antes, espero que sejam dados votos de boas-vindas ao Pitágoras, porém, o Semeador dará as justificativas para a sua presença, quando for o momento de sua manifestação. É de preferência que, ao invés de nos detalharmos sobre nossas reflexões, ouçamos os coordenadores de temáticas, principalmente, pelo fato de todos estarem presentes.

– Luis – começou o Doutor Pedro Otávio —, de acordo com o seu recente relato, nós opinamos, favoravelmente, que os artigos da edição de lançamento do blog serão elaborados por nós associados. Assim, cada coordenador de temática será responsável pela organização do texto, uma vez que esse trabalho será da autoria de todos os membros do grupo. Relativamente ao conteúdo do artigo, será fruto da reflexão compartilhada, para dar uniformidade de pensamento na conclusão, proporcionando ao leitor facilidade de interpretação. Também já foi enfatizado que, em decorrência dessa orientação, não faz sentido a reunião do “grupão” porque iremos planejar e organizar a sequência dos assuntos das temáticas por Coordenação. Assim, sugiro que, a partir de agora, cada grupo dedique-se ao seu próprio assunto. Essas decisões foram tomadas à tarde, e, neste momento, você tem algo a acrescentar? Esse é o nosso posicionamento agora.

– Meus companheiros, muito obrigado pelas boas-vindas ao nosso novo membro do grupo, o Pitágoras, Pita para os amigos particulares. Para nós, seu talento e facilidade de aprendizagem rápida não nos surpreendeu, porquanto já o vínhamos observando desde que aqui chegamos, principalmente, por sua participação nas aulas que estão sendo ministradas por X-Mat e X-Ciências sob a orientação de Mestre-1. Devemos dizer-lhes que o seu desenvolvimento na aprendizagem da linguagem humana supera a dos demais alunos. Outra boa notícia que é bom também notificá-los é sobre o nosso segundo destaque. Trata-se de Mãe-Ganso, que a cada dia se mostra mais eloquente, mais desinibida, e, a exemplo de Pitágoras, apresenta elevado nível de aprendizagem da linguagem humana.

– Com esses esclarecimentos, vamos aludir à temática que nos coube



a responsabilidade, e, para facilitar a compreensão, Mestre-1, como das outras vezes, será o orador. Desejamos informar que esse é um processo em extinção, pois estamos aprimorando o conhecimento da linguagem humana e os métodos de comunicação para, muito em breve, nós e outros bichos podermos tratar diretamente convosco.

– Boa noite a todos! O Semeador, como todos nós, não se utiliza de artifícios para tornar mais ou menos agradáveis fatos acontecidos. Todas as suas palavras, frases e intenções, além de verdadeiras, são comuns a todos os assistentes. Na apresentação de nossa temática, apensada e aperfeiçoada, em alguns aspectos conserva a sua perspectiva mais ampla, Transcendentalismo, Humanismo e Transumanismo, mas algumas questões se inserem e a discussão delas será objeto dos nossos artigos para o blog, por exemplo: como fenômenos são fatos morais e sociais, então são acessíveis e podem ser alcançados por qualquer ser criado? No subitem 2, o que é o “Ser criado por Deus” e o “Ser filosófico”? Como todo “Ser criado por Deus” poderá ter acesso ao Humanismo e Transumanismo? Domingo gostaríamos de apresentar, no expediente da manhã, uma parte do que escrevemos sobre a temática. Essa pretensão deve-se à necessidade de críticas e sugestões dos outros coordenadores e de todos os associados, especificamente no que demandar na área da Psicologia. Para finalizar, desejamos saber se é possível criar no blog uma seção intitulada curiosidades, ou se ela será geral, somente uma, envolvendo todas as temáticas, sob a coordenação do Doutor Pedro Otávio. Encerramos aqui.

O Doutor Pedro Otávio foi o segundo orador, e, ao contrário de o Semeador e Mestre-1, aparentava intranquilidade.

– Bem, companheiros, não disfarçaremos ou minimizaremos as nossas preocupações. A principal questão não é a elaboração da agenda porque já foi providenciada. Mas existem também, em nosso caso, questões que reputamos de necessidade inevitável o seu compartilhamento com os demais coordenadores. Por exemplo, no quadro do blog intitulado Curiosidades, certamente os assuntos envolverão uma ou outra temática, senão todas. Uma outra questão carece de uma avaliação dos coordenadores: o que escreveremos concernente à essência de nossa temática.

A vida ética e moral dos ímpios, ou impiedosos sem fé, comparados



aos adeptos e praticantes das virtudes recomendadas por Deus: Lao-Tsé, Confúcio, Buda, Jesus, Maomé, Alexandre e Nero. Quais deles pode estar em uma das diversas moradas de Deus? Como relacioná-los a alienígenas sobre os quais encontramos passagens bíblicas comprobatórias?

– Na parte inicial do texto que estamos elaborando, faz-se um sumário sobre “o ser psicológico”, “o ser filosófico” e “o ser espiritual”. Tentando fundamentar o restante da discussão, para nós, ocidentais, o “Ser”, etimologicamente “Einai”, em grego, tem quatro representações ou sentidos: Existência, Identidade, Predicação e Veritativo. Vejamos algumas rápidas considerações.

- 1. Existência** – Quando dizemos que “uma coisa é”, queremos dizer que ela existe. Por exemplo, afirmamos que “um ganso é”, mas será que podemos dizer que “um goreito é” ou que “uma sereia é”? Quanto à segunda afirmação, fisicamente, ninguém pode afirmar que teve oportunidade de deparar-se com uma sereia num lago em pedregulhos do mar. Porém, há quem diga que, além de vê-la, ouviu o seu belo canto. Mas tais afirmações inserem-se nos contos do folclore brasileiro, na imaginação dos crédulos. Quanto ao goreito, que já o conhecemos, ou desconhecemos, não conseguimos sequer imaginá-lo, justamente porque o goreito não existe. Ou seja, “uma sereia é”, e “um goreito não é”.
- 2. Identidade** – Para aqueles não especialistas em matemática, com apenas noções básicas de lógica, sabemos que se dissermos que “ $A = A$ ”, significa, na linguagem coloquial, que algo ou alguém é igual a si mesmo. Por exemplo, as expressões “Este é o Professor Luis, o Professor Luis do Sítio” e “A bondade é boa” refletem a identidade lógica: “ $A = A$ ” porque “Este é o Professor Luis” = “O Professor Luis do Sítio”, e “a bondade” = “é boa” porque, certamente, não existe qualquer bondade ruim ou má. Podemos então concluir afirmando que “todo ser é idêntico a si mesmo”.
- 3. Predicação** – Quando dizemos que “o cavalo é um quadrúpede” sabemos que “é um quadrúpede” é o predicado do sujeito “o cavalo”; em lógica, escreve-se “ y é x ”, em que “ y = um quadrúpede” e “ x = o cavalo”. O filósofo Platão foi quem estudou e descobriu a conhecida “falsa predicação” com influência na lógica. Na expressão “o cavalo é um quadrúpede”, “é um quadrúpede” é um bom



exemplo de “falsa predicação” porque a expressão correta deveria ser “o cavalo é um animal pertencente à família dos perissodátilos”. Nesse último caso, o sujeito “o cavalo”, para a lógica, tem predicação correta. Um outro exemplo é dizer-se que “a Terra é um planeta azul”, que tem “falsa predicação” porque a expressão correta seria “a Terra é um dos planetas do Sistema Solar”. Para Platão, a “falsa predicação” impede a amostragem das propriedades dos objetos, e nós acrescentamos que, objetivamente, dos seres criados. Enfim, do Ser.

4. **Veritativo** – Comumente, atribuímos um “valor de verdade” ou “valores veritativos” às frases que enunciamos; eles se dividem em verdadeiro e falso. Vimos no Item 3 – Predicativo, que frases e fórmulas são afetadas pela “falsa predicação”, e é por isso que a lógica estuda os “valores veritativos” das fórmulas “ $A = A$ ” e “ y é x ” equivalente a “ $y = x$ ”. Vide exemplos no mesmo Item 3 – Predicativo.

– Assim, a palavra SER pode significar “existência”, e, então, gramaticalmente, é um substantivo: “O SER que eu SOU” equivalente a “O SER que existe em MIM”, em que percebe-se de modo claro o sentido e significado de “existência”. Quando usamos a predicação e dizemos “O SER é”, afirmamos que o SER existe, embora, nessa expressão, esteja na forma indefinida que, explicitada, poderia ser escrita como: “um cachorro é”, “um urubu é”, “um homem é”, e assim por diante.

– Bem, papai – interveio o Professor Luis —, nós estávamos imaginando que em todas as temáticas estaremos envolvidos com assuntos que tratam de Filosofia e Psicologia. Não nos esqueçamos de que nos foge o conhecimento especializado nessas áreas, entretanto, reiterando o que antes enfatizamos, não convém termos receio de tentar aprender o essencial para fundamentar o que precisamos escrever. Com isso, apesar de maximizar nosso trabalho, não devemos esquecer de nosso lema: “aprender mais e sempre para melhorar sempre”. As cortinas do “aprender mais e sempre” deverão estar sempre abertas para nós.

– Uma segunda observação: foi acentuado que, para introduzir a essência do texto que está sendo elaborado, constará uma forma de iniciá-lo. Um sumário sobre “o ser psicológico”, “o ser filosófico” e “o ser espiritual”. Não anotamos quantas páginas foram dedicadas somente na introdução: uma, duas? Se a nossa suposição for verdadeira, o seu



alongamento impedirá que a essência da temática, o assunto principal, seja devidamente desenvolvido. A sugestão que se nos apresenta no momento, obviamente, é resumir o texto introdutório inteiro. Como não dispomos de mais tempo, e amanhã às sete horas o Prefeito João Batista Freitas virá nos visitar, vamos recolher-nos e descansar.

– Isso é verdade, Luis. Nós cuidaremos de nossa parte —considerou o Doutor Pedro Otávio. – Não esqueça, no entanto, de agendar a pauta da conversa com ele, referente, principalmente, às reivindicações necessárias para a nossa associação, se de fato ela for considerada de “*utilidade pública*”.

Quando se preparavam para sair, Mestre-1 adiantou-se, mostrando seus temores.

– Preocupa-nos a forma de dirigirmos-nos aos novos associados da ACAPA/ACPA porque eles desconhecem o modo de comunicação que empregaremos. Eles poderão sentir alguma reação mental durante o nosso pronunciamento. Pedimos, portanto, a quem de direito, que os cientifique desse fato. Agradecemos a atenção.

– Não se preocupem com esse assunto. Nós já iniciamos uma troca de ideias, e, aqui, antes de virem para esta sala, os meus pais complementarão o que não foi esclarecido. Agora podemos ir dormir.

A VISITA DO PREFEITO JOÃO BATISTA AO SÍTIO

O dia amanheceu ensolarado, e às seis horas toda a família estava à mesa. O Professor Luis foi o mais apressado, e, por volta das 6h30min, estava pronto para aguardar o Prefeito. Dirigiu-se para a sala da televisão e sentou-se num lugar que permitia identificar quem chegasse ao portão. Ligou a televisão, sintonizando o canal de noticiário preferido naquele horário. No terraço, mesa e cadeiras compunham o espaço físico apropriado para a recepção. Pontualmente às 7h o carro oficial da prefeitura estacionou. A primeira pessoa que enxergou foi o vereador Zé Onofre. Em seguida, logo atrás, estava o conhecido “*Freitinha*”. Não perdeu tempo, indo recebê-los. O vereador deixou o Prefeito adiantar-se para entrar em seguida. As apresentações e os cumprimentos foram efetuados, e depois o Professor Luis convidou-os para entrar.



– Bem, Prefeito João Batista, nós estamos cientes de suas intenções para com a nossa associação. O Zé Onofre, vereador que o acompanha, enalteceu a importância de seus objetivos. Mas preferimos pronunciar-nos somente depois de ouvi-lo. Portanto, passamos a palavra ao chefe do executivo.

– Embora esteja presente apenas um representante da associação, somos sabedores dos motivos desse procedimento, o Zé explicou-nos. Tentarei, em detalhes, mostrar-lhe o que o Poder Público poderá disponibilizar, agora, para o bom e eficiente funcionamento da instituição que vocês acabam de tornar oficial, com aprovação da SEFAZ. Começamos por nossa formação acadêmica, que tem reflexos na vida pública que adotamos. Graças aos esforços de nossos pais, tivemos uma excelente educação desde o ensino básico até a aprovação no vestibular da USP, onde concluímos o bacharelado em Ciências Sociais, e, em seguida, especialização em Administração de Finanças Públicas. À época, pensávamos em prosseguir os estudos ingressando no mestrado em Filosofia, no entanto, nem meu pai e nem minha mãe, que são Professores, tinham recursos suficientes para custear mais três ou quatro anos em São Paulo. Retornamos e nos dedicamos à política, iniciando como vereador, e, atualmente, Prefeito. A nossa administração tem se pautado pela retidão no dispêndio dos recursos públicos, divulgando, trimestralmente, para a população onde está sendo empregada a arrecadação dos tributos para o erário.

– Toda essa introdução, a qual procuramos reduzir o máximo, servirá como fundamento para a proposta que procuramos organizar em duas etapas. Para não lhe trazer nenhuma preocupação sobre o conteúdo essencial de nossa explanação, ao final lhe entregaremos cinco cópias de nossa exposição, o que facilitará a discussão com os demais membros da associação. A primeira etapa diz respeito à outorga do título de “utilidade pública”, o qual pretendemos conceder à instituição por meio de decreto do Poder Executivo Municipal e que precisará da aprovação da maioria dos nossos nove vereadores da Câmara Municipal. É aconselhável que a diretoria da associação elabore um convite nesse sentido aos vereadores, em data previamente marcada, para conhecerem, principalmente, os alojamentos dos bichos, o que eles fazem e o que se espera para eles num futuro próximo. Esse convite será muito bem recebido, porque a maioria deles conhece os proprietários do sítio e têm conhecimento do que se faz pela melhoria das espécies que, no sítio, têm moradia e ali-



mentação adequadas. Com essas providências, não teremos problemas com a aprovação da matéria.

– A segunda parte é uma decorrência da primeira. Podemos separá-la em duas prioridades: de curto e médio prazo. As primeiras, de acordo com as informações do Zé, resumem-se em duas: a missa ecumênica – para esta parece que o nosso padre local foi acionado –, e a outra se refere ao lançamento do blog. Nos dois casos, a prefeitura pode usar das prerrogativas inerentes a uma instituição “sem fins lucrativos e de utilidade pública” para ajudá-la naquilo que a lei municipal permitir. Por exemplo, dos nossos programas “ajuda a festividades religiosas e comemorativas”, podemos emprestar algumas cadeiras até o máximo de duzentas unidades e fornecer lanchinhos. Para que o blog publique uma coluna em que o teor do que será escrito estará sujeito à supervisão e aperfeiçoamento pelos membros da diretoria da associação, não teremos dificuldade em fazê-lo. Ainda acerca da missa ecumênica, iremos contatar o padre, porque em outras ocasiões prestamos-lhe ajuda em eventos religiosos diferenciados ou semelhantes, e ele também nos prestigia nas inaugurações públicas que fazemos.

– Pensamos que, no momento, abordamos os assuntos de maior relevância. Encerraremos agora porque outro compromisso nos aguarda às 8h, e a sua reunião também está marcada para esse horário. Lembre-se de que as possibilidades das realizações que foram descritas dependem do decreto que enviaremos à Câmara Municipal, que, por sua vez, depende do convite aos vereadores e da imediata visita que farão ao sítio, conforme foi esclarecido.

– Muito bem, Prefeito João Batista. Sua explanação foi muito convincente, além de bastante esclarecedora. Meus parabéns pela objetividade na organização dos assuntos, a qual certamente facilitará a compreensão de suas intenções, sobretudo ao fornecer os meios de contato que estão sendo disponibilizados: e-mail, telefones e endereços que ensejarão rápida localização. Tudo isso constante do resumo que nos foi entregue em cinco cópias. Independentemente da decisão do nosso colegiado, estamos assumindo o compromisso de que, ainda hoje, ao final da tarde, manteremos contato para comunicar-lhe o resultado final da votação da diretoria, que estará completa somente no expediente vespertino. Também porque teremos uma reunião com o pároco das 15h30min às 16h30min, e, em seguida, faremos a nossa caminhada habitual e



diária na orla praiana, quando acompanharemos o ocaso da estrela rei do sistema solar, o imponente e glorioso sol

O Professor Luis deixou os visitantes junto ao carro, despediu-se e retornou, indo logo para a sala de reunião. Seus pais já estavam lá, e logo notou que os assistentes o acompanhavam em pouca distância.

Todos pareciam confiantes, mas não ocultavam ares de expectativa diante das novidades em perspectiva. Os assistentes foram surpreendidos ao se depararem com três mesinhas quadradas com meio metro de lado e trinta centímetros de altura, bastante apropriadas para que colocassem as encadernações e folhas de papéis como as três recebidas agora.

– Muito bem! Estão ansiosos? Sabemos que estão. Então, leiam o resumo da proposta que o Prefeito João Batista nos entregou ao sair e vamos avaliá-la. Faremos uma leitura individual durante uns dez minutos, e, em seguida, discutiremos cada item.

A concentração na leitura deu-se com muito empenho, e, ao cabo dos dez minutos previstos, o Doutor Pedro Otávio levantou-se demonstrando que desejava iniciar a avaliação.

– Bem, nós tínhamos conhecimento da assistência da prefeitura em eventos de caráter cristão, católicos, protestantes, espíritas, kardecistas e umbandistas, além da promoção em datas cívicas. Quanto às primeiras, existem algumas críticas, mas a maioria emite rasgados elogios a essas iniciativas, principalmente, quando o público, em geral, tem acesso. O que não tínhamos conhecimento é sobre o fato de a prefeitura ter um programa intitulado “ajuda a festividades religiosas e sociocomemorativas”. A ajuda proposta pelo Prefeito inclui o fornecimento de cadeiras em até 200 unidades e lanchinhos. O blog poderá conter uma coluna em que a temática e o teor do que será escrito estará sujeito à supervisão e aperfeiçoamento pelos membros da diretoria da associação, e devem restringir-se às prestações de serviços a serem indicados após uma prévia discussão dentro da diretoria, avaliando e analisando com zelo sobre a possibilidade de que a oferta do Prefeito não seja entendida pelos leitores como uma mera oportunidade política para promovê-lo.



– Bem, pelas considerações registradas, teremos que imaginar solução para duas questões:

Quem de nós será o responsável pela avaliação inicial do que o Prefeito pretende veicular no blog? Sugerimos que essa tarefa seja confiada à Anabeth ou à Liz, ou às duas.

Quais exigências o Prefeito deve cumprir para a publicação de sua mensagem? Por exemplo, explicitar quantidade e valor que a prefeitura despendeu na missa ecumênica e no blog? Quanto a este último, a ACAPA/ACPA receberá pela veiculação das notícias de interesse da prefeitura? Quantas vezes por mês a prefeitura poderá enviar mensagens sobre assuntos específicos, como educação e saúde?

Os assistentes não se abalaram com as perguntas do Professor Luis, que pareciam ter multiplicado as questões iniciais propostas. Mestre-1 adiantou-se, seguido do Semeador, que parecia segredar-lhe algo. Dando-se por satisfeito, retornou para juntar-se ao grupo. Então os presentes voltaram suas atenções para o orador oficial dos assistentes:

– O que mais nos preocupa não é a indicação do responsável pela avaliação inicial do que o Prefeito pretende veicular no blog. Embora ainda não tenhamos convivido, as suas qualificações respaldam a indicação. No entanto, a distribuição da responsabilidade entre elas é salutar, e pensamos que, para tornar esse grupo um monólito, dotado de uma variedade de ideias e mais adequado no trabalho que lhes será confiado, gostaríamos de que fosse incluído um representante dos assistentes, seja como revisor ou consultor, evidentemente, sem o sentido de emitir a última palavra, mas contribuir para tal. Na verdade, esperamos a compreensão e o entendimento da proposição exposta como uma sugestão, e, desse modo, ao invés de um dos assistentes, o terceiro nome a ser indicado poderá recair sobre qualquer dos membros ou coordenadores das temáticas.

– Nós vimos uma demonstração de preocupação formulada pelo Doutor Pedro Otávio, mas não é que façamos oposição por acharmos intempestiva a utilização dos préstimos da prefeitura. Trocaríamos “preocupação” por “cuidado”, principalmente porque existe uma perspectiva alvissareira de que teremos um triunvirato para avaliá-las. Vejam que o Prefeito deverá cumprir exigências para a publicação da



sua primeira mensagem, e, para que isso aconteça, existirão regras que ele as conhecerá antecipadamente, às quais deverá submeter-se.

– Sugerimos que, com a intermediação do Doutor Etevaldo, seja estabelecido um contrato entre a prefeitura e a ACAPA/ACPA, regulamentando todas as ações e possíveis relações entre as partes. Isso será importante para a “notoriedade” de nossa associação. Nessa perspectiva, a prefeitura poderia vir a ter uma coluna semanal ou quinzenal no blog, tudo conforme acordado no contrato. Não temos dúvida de que seremos compreendidos em nossa intervenção, porque as sugestões que propusemos têm o intuito de fortalecer a ACAPA/ACPA.

O Professor Luis ergueu-se para comentar sobre o que acabara de ouvir. Estava com algumas folhas em mãos, produto dos assuntos que careciam de uma avaliação.

– Todo o conteúdo mais importante das duas exposições está aqui registrado – disse ele. – Não iremos separá-los porque os dois convergem para as duas questões colocadas em nosso pronunciamento. Os posicionamentos não divergem, ao contrário, se completam. Se os meus pais parecem receosos, os assistentes estão preocupados com a forma de regulamentar as relações entre a prefeitura e a ACAPA/ACPA. Não sabemos se seria conveniente decidir de modo provisório e entre nós, de uma proposta única que se configura naquela apresentada pelos assistentes.

O Professor Luis não pôde dar continuidade. Todos ouviram o ruído característico de carros estacionando. Somente os assistentes não se alteraram ao receberem instruções para aguardarem os acontecimentos por alguns minutos, pois era necessário verificar quem havia chegado.

Logo avistaram Lizbeth e todos apressaram-se em abraçá-la. O Professor Luis dirigiu-se ao portão e avistou o Professor João Paulo com sua bagagem em mãos; cumprimentaram-se, e o Professor Luis o interrogou:

– Que coincidência, João Paulo, você e Lizbeth chegarem na mesma hora. Você a conhecia?

– Para falar a verdade, parece que faz algum tempo que a vi, acho que aqui mesmo. Não sei. Mas a placa do carro, e talvez a nossa intuição, fizeram-nos segui-la na entrada da cidade. Estamos cientes de que, neste momento,



você está participando de uma reunião, por isso deixaremos a conversa e as atualizações para depois. Por meio de seu longo e-mail soubemos de excelentes novidades. Como são quase 11h, vamos acomodar-nos e, se ainda for possível, subiremos para o final do encontro da manhã.

O Professor Luis foi à procura de seus pais e de Lizbeth, encontrando-os em um bate-papo animado em que se juntara De Jesus, fazendo o mais gostava: prostrar amenidades com seus patrões.

– Agora sim – disse ele —, e o trabalho? – Arrematou em seguida. – Papai, vamos subir e aproveitar o que resta para a hora do almoço, e finalizar alguns assuntos pendentes. As duas Professoras, se assim desejarem, poderão ficar, inclusive, porque Etevaldo não tardará a chegar e vocês o receberão. Avisem-no de que somente desceremos por volta das doze horas. Alguma objeção?

Como não houve resposta, o Doutor Pedro Otávio levantou-se e seguiu seu filho, que rumava para a sala de reuniões, encontrando os assistentes atarefados com as encadernações e as anotações digitadas pelo Professor Luis, que imediatamente recomeçou os trabalhos interrompidos.

– Vamos continuar. Estávamos questionando sobre a conveniência de decidir provisoriamente uma proposta única configurada naquela apresentada pelos assistentes. Ou seja, a elaboração de contrato feito pelo Doutor Etevaldo. É de fácil constatação que nossa principal preocupação se refere ao fato de não termos uma opinião bem definida se seria conveniente decidir, de modo provisório e entre nós, sobre uma proposta única que se configura naquela apresentada pelos assistentes com os acréscimos propostos por meus pais. A outra questão sobre a qual poderíamos, também, emitir uma decisão provisória é referente à indicação de um dos assistentes para compor, junto com Lizbeth e Anabeth, o terceiro nome. Os três seriam os avaliadores da proposta, a qual se concretizaria por meio de um contrato entre a prefeitura e a ACAPA/ACPA. Aproveitando a oportunidade da palavra, nós votamos “SIM” nos dois casos. E vocês, o que decidem?

Os consultados também votaram “SIM”, mas o Doutor Pedro Otávio levantou-se para fazer alguma observação.



– Esclareçamos, com mais precisão, o significado desse “SIM”. Ao adotarmos essa posição, estamos estabelecendo um triunvirato, em que os nomes foram previamente definidos, e, também, está implícito que o Doutor Etevaldo receberá, por escrito, as conclusões dos três responsáveis pelo novo grupo, elaborará uma minuta de contrato, que será avaliado por todos os membros da diretoria da associação, e, se for o caso, serão efetuadas as modificações necessárias, respeitando as sugestões apontadas. Correto? Evidentemente que esse contrato, também, será avaliado pela equipe do Prefeito João Batista para uma festiva assinatura dele, daqui a uns vinte dias. Mas uma parte do que foi sugerido pelo grupo dos assistentes, talvez porque tem-se a impressão de que é uma condição óbvia e que se impõe no contrato, não lhe demos a importância merecida. Trata-se da “notoriedade” da ACAPA/ACPA, que será promovida pela publicação de uma coluna semanal ou quinzenal da prefeitura no blog. Como tomamos outras decisões que ainda serão submetidas aos demais companheiros, achamos que deveríamos proceder de forma idêntica, neste caso. A nossa decisão é favorável à possibilidade de que a prefeitura tenha uma coluna no blog, de acordo as diretrizes que discutimos.

O Professor Luis ficou refletindo alguns segundos, dando oportunidade à manifestação do grupo de assistentes.

– Meus companheiros – iniciou Mestre-1 —, a busca da verdade e a coerência entre nossos pontos de vista animam e são motivadoras. Quando, em nosso grupo, estudamos essa iniciativa como um dos caminhos, talvez o melhor, para a promoção da “notoriedade da ACAPA/ACPA, concluímos que a obviedade nos cegou. Ficou tudo tão claro, tão evidente, que não hesitamos em torná-la uma sugestão. Assim, sobre o assunto, nada mais temos a acrescentar. Confirmamos a inspiração que nos estimulou, ampliando-se para uma ideia compartilhada por todos que fazem o grupo dos assistentes, e, desse modo, somente resta-nos usar as palavras do Doutor Pedro Otávio: somos favoráveis à possibilidade de que a prefeitura tenha uma coluna no blog, de acordo com as diretrizes que discutimos e que não haja nenhuma rejeição ou censura pelo Prefeito.

O Professor Luis voltou à cena mais tranquilo para enunciar a sua decisão.



– Bem, meus amigos, nós ficamos um pouco absortos, pois nos preocupamos com o trabalho que nos espera para depois do almoço. Embora tenhamos anotado tudo sobre esta reunião, teremos que digitar um pequeno relatório para distribuir cópias aos presentes no expediente da tarde. Quanto à nossa decisão, também tomamos como nossas as palavras do Doutor Pedro Otávio e somos favoráveis à possibilidade de que a prefeitura tenha uma coluna no blog, tudo de acordo com as diretrizes que ainda deverão ser aprovadas por todos. Lembremo-nos de que elas se referem à elaboração da agenda, que será alvo de nossa conversa com o padre, mais precisamente, acerca da missa ecumênica. Como nós temos um trabalho de digitação a fazer, seria importante que papai, juntamente com o grupo de assistentes, cuidasse da agenda, enquanto nós ficaríamos ocupados com a digitação, mesmo porque, se alguém se dispusesse a ajudar-nos, não iria entender os meus garranchos.

Não houve discussão. O Professor Luis ligou o seu notebook para o trabalho de digitação de seus “garranchos”, e os outros focaram na elaboração da agenda.

Novamente um barulho de carro estacionando foi ouvido, mas, como sabiam de quem se tratava e haviam deixado um aviso de que somente estariam disponíveis ao meio-dia, não se abalaram e deram continuidade ao trabalho. No limiar da tarde, por volta do meio-dia, o Professor Luis levantou-se e consultou se a agenda estava pronta. O Doutor Pedro Otávio foi até onde estavam os assistentes e mostrou-lhes o resultado do seu trabalho. Foi imediata a avaliação deles e concordaram com o que lhes fora entregue. O Professor Luis, por sua vez, recebeu a proposta unificada da agenda e levou-a para incluir, complementarmente, às inovações sugeridas, as suas anotações digitadas. Estava finalizando, quando todos ouviram o subir de escadas de mais de uma pessoa. O Doutor Etevaldo vinha à frente, seguido pela Professora Amélia e as duas “Beths”, Ana e Liz. Não se sentaram logo porque a Professora lhes foi mostrar a sala de reunião. A exceção foi o Doutor Etevaldo, que se abancou perto do Professor Luis, que finalizava a digitação, e, vendo o vizinho, chamou-o, segredando-lhe:

– Venha cá, Etevaldo. Faça uma revisão desse texto digitado que nós precisamos fazer umas apresentações.



Professor Luis convidou as três representantes do sexo feminino para acompanhá-lo até onde estavam os assistentes. Elas não entenderam muito bem o que ele disse, mas pacificamente o seguiram. Certamente, foi uma surpresa tanto para elas quanto para eles. Educadamente, os dois grupos esperaram que o “mestre de cerimônias”, encarnado pelo Professor Luis, se manifestasse.

– Caríssimas senhoras e senhorita Liz – pomposamente ele iniciou a falar —, em nossa associação, todos os seus membros fundadores e os atuais diretores, respeitadas as questões hierárquicas, têm a mesma importância como seres criados por Deus. É com infinito prazer que lhes apresento o nosso grupo de assistentes, o qual minha mãe já conhece e, como todos nós, os admira. Existem ainda três outros deles que não frequentam, por enquanto, nossas reuniões semanais, participando indiretamente das decisões, representados pelos que aqui estão. Pela ordem, apresento-lhes: o Semeador, Mestre-1, X-Mat, X-Ciências, Átila e Pitágoras. Assim como nós da espécie Homo Sapiens, eles usam com maestria a linguagem gestual para a comunicação conosco. Alguns, a exemplo de Mestre-1, usam, também, a forma hipnótica ou telepática para exteriorizar seus pensamentos, o que vocês constatarão e avaliarão à tarde. Como puderam observar, quando enunciei os nomes dos urubus-rei, esses levantaram uma de suas asas, e somente uma. Isso decorre do fato de que eles possuem, numa delas, uma pena especial, diferenciada das demais. Quanto a Átila e Pitágoras, o primeiro é mais experiente e foi quem descobriu e convenceu-nos a conhecer o Semeador, mas ambos são bastante astuciosos e inteligentes. Agora vamos todos nos alimentar, porque a De Jesus já está, pela segunda vez, no topo da escada. Com o tempo, nós conheceremo-nos e nos entenderemos melhor.

O Professor Luis, antes de descer, procurou o Doutor Etevaldo para verificar as correções que fizera no texto digitado. Resolveu não os reler agora por causa do horário do almoço. Às 14h30min estaria de volta e, então, providenciaria as cópias. Os dois adolescentes, filhos do Doutor Etevaldo, já estavam à mesa, indicando que finalizavam um substancial almoço. Anabeth aproximou-se e ficou junto deles até efetivamente terminarem. Embora a mesa fosse grande o suficiente para ser partilhada por todos, agora os espaços individuais alongaram-se um pouco mais.



Era chegada a hora das amenidades e o Doutor Pedro Otávio começou a servir-se e enfatizá-las.

– Vocês parecem não estar com fome. Vamos lá! Lembrem-se de que o expediente da tarde, que, hoje, devido à visita ao padre, vai somente até às 15h15min, tendo que iniciar, se possível, às 14h. Quem pensa em descansar após o almoço, terá que conversar menos para poder alimentar-se e fartar-se.

– O que é isso, Otávio? – interrompeu a Professora Amélia. – Vamos almoçar sem essa pressa toda, e, se for necessário, descansaremos meia hora.

Sem hesitação, o Professor Luis interveio:

– Realmente o papai tem razão. Nós, por exemplo, teremos que reler e imprimir umas vinte cópias de um pequeno texto para todos lerem antes da reunião.

Com essas precauções esclarecidas, evidenciou-se uma preocupação, talvez até exagerada, com o expediente da tarde, e, desse modo, as amenidades resumiram-se a pequenas interlocuções que beiravam aos solilóquios. Parecia que todos pensaram numa meia hora de descanso. No horário, implicitamente, combinado, o almoço finalizou e todos foram para a varanda, onde foram armadas confortáveis redes, ou para a sala da televisão.

O Professor Luis pensava ser o primeiro a chegar à sala das reuniões, mas viu logo os assistentes com umas duas encadernações à mesa, sem dúvidas trocando ideias sobre algum assunto relacionado aos temas que se seguiriam, ou sobre a sua própria temática. Cumprimentou-os e direcionou-se para o notebook, ligando-o e executando o que antes planejara. Quando o restante do grupo começou a chegar, ele aproximou-se dos assistentes, entregando-lhes uma cópia do texto. Esperou um pouco pela acomodação de todos.

– Bem, talvez o que consta do texto que lhes vou entregar agora só contenha novidades para as duas “beths”. No entanto, nós os reproduzimos em número suficiente para que todos analisem e avaliem em dez minutos o seu conteúdo. A leitura foi efetuada, e, ao cabo do tempo previsto, o Professor instruiu a sequência.



– Por claras razões pronunciadas anteriormente, faz sentido que comecemos com Anabeth, e, em seguida, Liz. Aconselhamos aos presentes que não as interrompam e anotem suas observações para questionarem-nas depois dos vinte minutos que elas utilizarão.

– Boa tarde. Repetiremos o que afirmamos ao Professor Luis. A bem da verdade, nós nos consideramos duas estudiosas apologistas da Psicologia. No breve tempo de que dispomos, tentaremos explicar-lhes o porquê. Há cerca de dez mil anos, ou dez milênios, a agricultura foi inventada. O termo “inventada” talvez seja inadequado, porque, considerando-se a evolução das espécies, a natureza em si mesma cuidou para que plantas se reproduzissem por meio de suas sementes que caíam ao solo. Em nosso entendimento, a agricultura foi “descoberta”, pois ela já existia. De qualquer forma, a agricultura deve ser conotada como mola propulsora da espécie Homo Sapiens nesses dez milênios. Mas se me perguntassem o que relaciona a Agricultura com a Psicologia, nós não hesitaríamos em dizer que aquela foi a responsável pela interrupção da vida nômade dos homens dessa remota época. Essa mudança de hábitos proporcionou à espécie humana – a qual talvez ainda se comunicava por gestos, urros e gritos, sem palavras bem articuladas – a reflexão sobre a sua própria existência. Assim, é possível deduzir que a Psicologia é fruto da “reflexão do homem sobre si mesmo”, ou seja, ele passou a procurar “o seu eu interior” e/ou “descobriu-se a si mesmo”.

– Por volta dos séculos XV e XVI, a Psicologia teve, talvez, a sua primeira definição como o “estudo da alma” (psyché = alma; e logia = tratado), em que o autor foi o escritor croata Marko Marulic, em um livro que escreveu sobre o assunto àquela época. Atualmente, neste século XXI, a Psicologia tem diversas ciências aliadas: as que estudam a mente e o cérebro, ciências como a “Neuropsicopedagogia” e a “Biopsicologia”. Deixaremos para uma outra oportunidade referirmo-nos a uma preocupação inerente aos cientistas da Biologia e da Psicologia; trata-se da “Biopsicologia da consciência” voltada para o “interior do ser”, ou seja, interior ao próprio ser.

– Antes de encerrar, pelas anotações do Professor Luis, temos que nos pronunciar acerca do(s) responsável(is) pela avaliação inicial do que o Prefeito pretende veicular no blog. Nós aceitamos compartilhar esse trabalho com Liz e com um representante dos assistentes. No entanto, fazemos algumas reservas relacionadas às nossas outras atribui-



ções, seja como “dona de casa” ou no escritório de advocacia do meu marido. Acrescente-se que essas preocupações não estão relacionadas com a distribuição das responsabilidades, porque a comunicação online – e-mail, telefone e skype – resolvem esse tipo de problema quando a presença física se torna inviável. Mas a sugestão de uma representação dos assistentes configurando-a como a de “revisor ou consultor, evidentemente sem o sentido de emitir a última palavra”, é onde residem as nossas reservas. Esse nosso companheiro, assim como nós e Liz, deverá assumir e compartilhar conosco as decisões necessárias ao desempenho objetivo, e, certamente, exitoso do trabalho. Finalizamos agradecendo a paciência de nos ouvirem, e se foi tedioso ou causou enfado, preparem-se para muito mais.

Liz, aguardou alguns segundos porque seu irmão talvez desejasse esboçar algum comentário. Ela o conhecia muito bem e acertou em sua decisão.

– Não tenho nenhuma dúvida de que nós estamos ansiosos para questionar algumas informações trazidas por Anabeth, mas vamos reservar-nos para uma outra oportunidade e passemos a palavra para Liz.

– Realmente, temos uma situação embaraçosa. De um lado, considerando o escasso tempo de que dispomos, é impossível clarificar detalhadamente nossa incumbência. Vocês verão que, tanto quanto Anabeth, nós ficar-lhes-emos devendo. Mas vamos ao que é mais importante: estamos no século XXI, e o século anterior foi pródigo no desenvolvimento em todos os ramos da ciência. Nós temos que nos encaminhar direcionando-nos para o nosso objetivo. Nesse sentido, faz-se necessário começar por elucidar, brevemente, sem aprofundamentos, como ocorrem os processos cerebrais. Assim, um dos conceitos fundamentais que devem ser lembrados se referem aos estudos das funções cerebrais, objeto da Neurociência, que, especificamente, se dedica ao estudo científico do sistema nervoso. Embora alguns especialistas a considerem uma atividade da Biologia, ela se relaciona estreitamente com a Educação, Antropologia, Linguística, Ciências da Computação, particularmente com a Robótica, Matemática, Engenharia, Química e Medicina. Guardadas as devidas proporções, não incorre em erro quem inferir que, assim como a Matemática, a Neurociência pode ser considerada uma ferramenta



para as outras ciências. Em consequência, neste nosso século XXI, simbioses científicas ocorrem aos borbotões, criando novas ciências como a Neuropediatria, a Neuropedagogia e a Neuropsicologia, registrando também a Neuropsicopedagogia, um caso à parte, além de outras simbioses científicas envolvendo as ciências da natureza.

– Com essa visão generalizada e panorâmica, tornar-se-á mais fácil a introdução dos conceitos fundamentais da Neuropsicopedagogia, o que faremos agora. Apresentaremos o esboço de um planejamento adequado de nossa exposição.

- 1. Abrangência da Neuropsicopedagogia** – estuda o sistema nervoso no que concerne à aprendizagem; relaciona os conhecimentos da Neurociência, da Psicologia Cognitiva e da Pedagogia.
- 2. Fundamentos da Neuropsicopedagogia** – o profissional dessa área estudará, com afinco e dedicação, as tendências e os procedimentos da aprendizagem humana, perscrutando possíveis perturbações frente às dificuldades de aprendizagem. Também diz respeito às atribuições de qualquer Neuropsicopedagogo a emissão de laudos diagnósticos a pedido de especialistas em Neurologia, Pediatria e Psiquiatria.
- 3. As relações da Neuropsicopedagogia: a Neuropedagogia e a Psicopedagogia** – todas essas novas ciências têm vínculos com o conhecimento e os processos de aprendizagem, como ocorrem e suas dificuldades de concretização. Devido às especificidades inerentes a cada uma, não convém estudá-las de per si.

Bem, os nossos dez minutos esgotaram-se e notamos o Luis olhando-nos de soslaio, em sinal de advertência.

– Finalizando, desejo acrescentar que necessitarei de pelo menos 60 minutos para concluir a exposição que planejamos, tempo que somente poderá ser disponibilizado amanhã, no expediente matutino. Boa tarde a todos, mas resta-nos ainda a visita ao padre.

A Professora Amélia, mostrando-se satisfeita com as duas exposições, sugeriu uma alternativa que, presumivelmente, resolveria o lapso das participações das “beths”.



– Desculpem-nos pela audácia, mas aprendemos que “o temor de errar obscurece a verdade”. Todos observaram que os assuntos que tiveram enfoque foram anteriormente lembrados, mas, para o nível dos estudos atuais, devem ser rememorados. Além disso, outros foram inteiramente olvidados, talvez porque pensávamos que, jamais, em um futuro tão próximo, eles seriam necessários. Por isso, decidimos ousar propondo o seguinte: 1) O tempo que dedicaríamos agora para os questionamentos seria empregado na elaboração de questões que cada grupo de temática deseja que as expositoras os abordem, evidentemente, amanhã, das 8h às 10h. 2) O nosso grupo cuidará da elaboração da agenda dos assuntos que serão motivos de nossa conversa com o padre. Estaremos recebendo indicação de temas que, confrontados com os nossos, serão acatados e incluídos. Apenas um lembrete: o objetivo da visita é tratar da realização da missa ecumênica. Estaremos, pois, aguardando outras manifestações.

– As propostas – esclareceu o Professor Luis – foram discutidas presencialmente em nosso grupo, apenas o Professor João Paulo tomou conhecimento via e-mail. Portanto, sabendo que temos opiniões coincidentes, nada para incluir e concordamos com a sugestão. Também temos um lembrete, aliás, dois. Primeiro, contando o número de assuntos elencados por Anabeth e Liz, totalizam cerca de vinte. O que será difícil para elas é a abordagem integral e os detalhamentos que serão conferidos, tudo isso em duas horas. Imaginamos que, em face da experiência que têm, elas irão utilizar estratégias apropriadas ao público-alvo e ao tipo de apresentação desses assuntos, que, por sua própria natureza, são muito diversificados. Em segundo lugar, não é prudente iniciar o diálogo com o padre sem mencionar o seu nome próprio; achamos até que se configuraria em uma atitude inadequada, e até desrespeitosa. Será interessante, então, que a Professora Amélia ou a Doutora Anabeth se responsabilizassem por esse pequeno detalhe.

A Professora Amélia resolveu descer e tratar de averiguar o nome do padre. Certamente lembrou-se de alguma conhecida ou amiga que poderia fornecer-lhe essa informação. No trajeto, encontrou De Jesus e sua auxiliar trazendo as bandejas com a merenda que lhe havia recomendado. Em poucos minutos ela retornou, demonstrando, pelo aspecto feliz, que soubera o nome do padre, e, talvez, outras informações sobre



ele. Ninguém, além de seu marido e De Jesus, deu-se conta de que já estava na sala; a merenda era consumida com ânsia e disposição, mas todos sabiam que os bolos e bolinhos eram os astros daquele teatro. Por sua vez, não interrompeu aquele raro momento de conversas descompromissadas, levantou-se e pediu a atenção de todos.

– Caros companheiros, nós lembramo-nos de uma amiga que pertence a um grupo pastoral da igreja criado pelo padre, e que o ajuda assessorando-o em missas, batizados, etc. Ao questioná-la, ficou bastante sensibilizada, informando-nos que o seu nome era “Francisco de Assis”, mas pediu-nos que o chamássemos apenas de “Francisco”, porque era assim que gostava de ser tratado. Acrescentou essa amiga: “Nestes últimos dias, Padre Francisco tem sido procurado por pessoas que estão interessadas na realização de uma missa ecumênica que se realizará em nossa cidade. Primeiro foi um telefonema do reverendíssimo bispo e conversaram bastante. Hoje pela manhã o Prefeito Freitinha veio visitá-lo, e trataram, também, da missa ecumênica”. Para não encompridar a conversa, nos despedimos, no entanto, comuniquei-a de que tínhamos uma visita agendada com o Padre Francisco hoje às 15h30min. Estão satisfeitos?

– Muito bem, Professora. A elaboração da agenda de nossa conversa com o Padre Francisco foi assumida por seu grupo, incluindo-se a Liz. Então, acreditamos que uma primeira versão certamente está pronta. Se assim for, seria importante que nós a digitássemos, e, em seguida, tiraremos cópias para uma avaliação final.

O Professor Luis foi atendido, mas teve que aguardar porque o Se-meador e Mestre-1 levantaram as asas, solicitando serem ouvidos.

– Não sabemos se constará da agenda o nosso desejo de que pudéssemos receber, antes da realização da missa ecumênica, o Padre Francisco em nossa sala de aula ou aqui mesmo. Esse é um pedido que, se acatado, entenderemos como uma decisão muito importante para nós. Na próxima oportunidade, tornaremos mais explícito e com maiores detalhes os motivos que justificarão a solicitação formulada.

O Doutor Etevaldo foi o primeiro a levantar-se para opinar. Os outros participantes demonstravam perplexidade pela interrogação dos assistentes.



Talvez refletissem sobre a conveniência das extemporâneas e inusitadas qualidades dos assistentes. Qual a provável reação do Padre Francisco?

– Caros assistentes, imaginamos que tal solicitação não ocasionará nenhum problema. Achamos até que deveria ser antecipada e fato idêntico poderia ocorrer com o Prefeito João Batista Freitas. Provavelmente nenhum dos dois reagirá contrariamente a um convite para visitar e conhecer o sítio e seus moradores, principalmente, os animais.

– Nós, particularmente, não rejeitamos a solicitação dos nossos amigos assistentes. No entanto, achamos prudente que, logo na visita que faremos ao Padre Francisco, dentro de alguns minutos, façamos-lhe o convite e esperemos a sua reação. Acrescentamos, ainda, que é mais racional reunirmos, em somente um evento, o padre, o Prefeito e os vereadores, mas como dispomos de mais tempo, deixemos essas decisões para o expediente da manhã de domingo. Vamos visitar o Padre Francisco!

Todos estavam vestidos de modo adequado, então, sem perda de tempo, rumaram para a igreja. Ao chegarem, foram recebidos no salão paroquial pela amiga da Professora Amélia, que os levou para a sala de reuniões do Padre Francisco, o qual já os aguardava. Após ligeiros cumprimentos, as apresentações dos visitantes foram efetuadas nominalmente pela Professora Amélia, que complementou sumariamente a composição dos membros da associação.

– O senhor deve ter observado, Padre Francisco, que a ACAPA/ACPA se constitui de quatro Professores, um médico veterinário, um advogado, uma neuropsicopedagoga e uma psicóloga, portanto, oito membros. Nós conversamos com o reverendíssimo bispo que jurisdiciona essa paróquia, e ele orientou-nos que o contatássemos para que ele tome conhecimento, com detalhes, sobre o nosso projeto: a realização de uma *missa ecumênica* em nosso sítio.

O Padre parecia satisfeito com os esclarecimentos prestados. Bem-humorado, tendo identificado individualmente os visitantes, dirigiu-lhes a palavra.

– Muito obrigado pela presença e boa tarde! Meus parabéns pela inspiração da implantação e pelos esforços na oficialização da ACAPA/ACPA.



O nosso bispo não se conteve e não foi parcimonioso quanto aos elogios que teceu sobre o futuro da associação, dos ideais e dos objetivos que seus diretores pretendem alcançar. Esses são, também, pensamentos do Prefeito Freitinha em recente telefonema, que, inclusive, marcamos uma reunião para tratarmos, segundo ele, desse “importantíssimo assunto”. Mas reportemo-nos ao mais importante. Informem-nos do que vocês entendem sobre o significado de uma missa ecumênica, se foi elaborada uma agenda sobre as formas de participação, o tempo que poderá ser despendido por cada um dos falantes e outros detalhes sobre os quais, nesta reunião, decidiremos.

– Bem, Padre Francisco, antes de entregar-lhe a primeira versão da agenda que elaboramos, desejamos científicá-lo de que o principal objetivo da nossa associação é, para seu conhecimento e de forma genérica, estudar assuntos científicos, daí o ecletismo de nossa equipe. As questões “teológicas-filosóficas e epistemológicas” estão incluídas no acervo dos nossos interesses. O “ecumenismo” tomado como “unidade das igrejas cristãs” tem a perspectiva de uni-las, o que não significa unificá-las, nas mensagens e no Evangelho de Jesus. Assim, estudar o “ecumenismo” é um dos objetivos da ACAPA/ACPA, e, no momento, voltamos nossas atenções para o “ecumenismo espiritual” e o “ecumenismo secular”, em que o primeiro se fundamenta na oração, esse tipo de “conversa com Deus”, na conversão e na “prática e disseminação das virtudes por ELE recomendadas”; o “secular” se prende à prática da justiça, do respeito aos pressupostos ecológicos, da erradicação da pobreza e da disseminação da PAZ em todas as nações do planeta Terra. Certamente, o senhor tem conhecimento de que o lançamento do nosso blog ocorrerá com a festinha que faremos para a oficialização da implantação da ACAPA/ACPA, data coincidente com a missa ecumênica. Para nós, seria importante que a igreja usasse o espaço eletrônico que nossa associação pode conceder para que seu pároco postasse um artigo sobre o ecumenismo. Se for do seu interesse, o Professor Luis e a Doutora Anabeth poderão ajudá-lo, informando-o sobre os procedimentos necessários para que essa ideia possa ser posta em prática. Avaliemos agora a nossa pré-agenda para torná-la definitiva.

Antes de prosseguir, Padre Francisco pediu um minuto para conferir as anotações de sua agenda com a que lhe fora entregue. Pela comparação, tudo indicava que algumas datas eram conflitantes.



– A primeira reivindicação que fazemos é que a missa ecumênica ocorra em um sábado à tarde, iniciando aproximadamente às 16h. Como vocês têm uma perspectiva para vinte dias, sugerimos que se realize no último sábado deste mês, ou seja, daqui a 21 dias. Com relação aos outros líderes religiosos que terão assento e voz no ato religioso, nós indicá-riamos duas pessoas com as quais mantemos encontros com proveitosas discussões: um deles é espírita kardecista, e o outro, pastor protestante. Vocês têm um encontro com o Freitinha, mas ele confidenciou-me que poderá contatar dois religiosos, um umbandista e um judeu, que também poderiam ser incluídos. Desse modo, o ecumenismo da missa estaria realçado, com a efetiva participação de cinco praticantes da fé cristã.

– Ainda sobre o assunto, resta-nos decidir sobre a forma de apresentação de cada um dos envolvidos. Por exemplo, será apenas uma manifestação oral adstrita à relação entre a fé que o orador professa e os objetivos da ACAPA/ACPA? Pensamos que, se for dado um tema motivador do discurso, por exemplo, “o judaísmo e os animais, o kardecismo e os animais, etc.”, serão evitadas quaisquer manifestações simbólicas inerentes às religiões representadas. Se aprovarmos agora uma resolução dessa natureza, poderemos marcar uma reunião nesta mesma sala para a próxima semana, quarta ou quinta-feira, em torno das dezesseis horas.

Os visitantes entreolharam-se e o Doutor Pedro Otávio sentiu-se na obrigação de opinar sobre o aspecto jurídico de um discurso com um tema imposto e tempo determinado.

– Apenas desejamos recomendar que os oradores sejam prévia e oficialmente informados, por meio de um instrumento de acordo que será assinado pelas partes, aceitando as regras agora estabelecidas. Isso poderá ser realizado no encontro que teremos na próxima semana, quarta ou quinta-feira, em torno das 16h.

– Se o Padre Francisco concordar – interveio o Professor Luis —, podemos resolver essa pendência agora, eis que a ACAPA/ACPA está integralmente representada, e, por esse motivo, sugerimos que o encontro se realize na quinta-feira, às dezesseis horas, onde dele participarão os quatro religiosos, e, como convidado, o Prefeito João Batista Freitas. Permitam-nos, por mais alguns minutos, referir a um assunto de nossa pauta ainda não discutido. Trata-se do nosso grupo de assistentes, no



qual quatro deles são Professores dos animais, têm aposentos apropriados, com sala de aula e uma biblioteca em formação. Nós não nos deteremos em enumerar as suas qualificações e potencialidades relativas ao conhecimento científico. O mais antigo é nominado de o Semeador, X-Ciências, versado em Ciências Naturais; X-Mat, especialista em Ciências Exatas, particularmente em Matemática; e, o mais erudito e eclético, nós o chamamos de Mestre-1, o qual tem habilidades telepáticas e se comunica com todos nós coloquialmente. Com o passar do tempo, o senhor poderá conhecê-los melhor. Mas o que desejamos expressar é sobre uma solicitação deles, antes de virmos a este encontro, formulada como segue: “gostaríamos de receber o Padre Francisco em nossa sala de aula ou aqui mesmo. Esse é um pedido que, se acatado, será entendido como uma decisão muito importante para nós”. Nada mais tenho a dizer, mas espero que o nosso pároco esforce-se no atendimento ao pedido de nossos assistentes Professores.

O Professor Luis acabou deixando o Padre Francisco incrédulo diante do relato que ouviu. Pensativo, seu olhar perambulava em derredor dos que ali estavam. Intimamente, é bem provável que estivesse consultando os céus, o que poderia responder se tudo o que ouvira era, de fato, verdadeiro.

– Professor Luis – teve coragem o padre de esboçar —, o senhor não está brincando conosco, está? As coisas que nos contou são frutos de sua fértil imaginação, é verdade ou não?

– De modo algum, Padre Francisco – retorquiu o Professor Luis. — Nós não nos atreveríamos a desrespeitá-lo, tentando incutir-lhe algo inverídico. O que expusemos não se trata de uma insinuação maldosa, fato que não corresponde ao nosso comportamento habitual. Os presentes são testemunhas sobre o que acabamos de nos referir.

– Bem, Professor Luis, pedimos desculpas pela intempestividade de nossa interpretação ingênua. Aceitem então um pedido de invalidação das conjecturas formuladas anteriormente, e, como tudo é verdadeiro, verificaremos com mais calma os nossos compromissos para quinta-feira próxima, e, se houver espaço, faremos uma visita ao sítio antes das dezesseis horas. Porém é importante que haja uma ligação telefônica até terça-feira, para que possamos confirmar este e os outros assuntos pendentes. Nesse ínterim, conversem com o Prefeito e acertem com



ele as providências de sua alçada. Isto posto, podemos encerrar esta reunião. Um bom final de semana para todos. Fiquem com Deus, Maria Santíssima e Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim seja, amém!

O Padre Francisco acompanhou-os até encontrar a sua auxiliar paróquiiana, a amiga da Professora Amélia, chamando-a para acompanhá-lo à sala de reuniões. Os outros, conforme estava planejado, dirigiram-se ao sítio apenas para vestirem os trajes de banho, adequados também ao exercício das caminhadas. Átila e o caseiro aguardavam-os do lado de fora do portão, os outros assistentes estavam tendo aula com seus Professores numa turma recém-ampliada. O Professor Luis deslocou-se à sala de aula dos animais, porque desejava confabular com o Semeador, que, sem demora, atendeu o seu chamado.

– Estimado assistente, o assunto que nos faz interromper momentaneamente a aula refere-se a um pedido que desejamos fazer para que, em torno das 17h30min, vocês quatro, juntamente com Átila e Pitágoras, desloquem-se até à praia para uma nova articulação com aqueles seus companheiros que normalmente, nesse horário, vagueiam pela orla. Acrescentamos que eles estão desesperados e carentes de uma troca de ideias e de um “voo às alturas”, como o que fizeram da última vez. Não vamos decepcioná-los, porque também essa será mais uma surpresa e um modo de não frustrar as expectativas dos novos membros da ACAPA/ACPA que ainda não conhecem as suas qualificações. Estaremos esperando por vocês.

A turma toda não mais estava no sítio. Agora, além dos membros novatos, De Jesus fazia-se acompanhar de mais duas auxiliares. O pelotão da frente aumentara em, pelo menos, quatro figurantes ou participantes. O Professor Luis, que se havia detido mais que os outros no sítio, tomara um atalho e rapidamente estava caminhando na praia. A uma certa distância, os caminhantes podiam ser identificados. Lá estavam o Professor João Paulo e o Doutor Etevaldo portando uma moderna máquina fotográfica, e, mais adiante, o grupo das mulheres com o Doutor Pedro Otávio no comando, ditando as regras da caminhada. O Professor Luis optou por manter-se afastado até a aproximação dos “urubus nômades”. A cena que se mostrava, teatralmente, no primeiro grupo era sobejamente conhecida. O “comandante-em-chefe” apresentava-se com o seu andar “acarangue-



jado”, uma cena dramática e cômica – por que não dizer tragicômica? –, ora abrindo e levantando os braços, ora sorrindo, gargalhando, e, quem sabe, chorando – cenas que a todos comoviam e emocionavam a ponto de que a imitação de sua gesticulação fosse algo inevitável. E, desse modo, a comitiva prosseguia na intrépida caminhada, para gáudio dos participantes. O Professor Luis fez uma vistoria ao longe, vasculhando as pequenas dunas, local preferido do pequeno bando de urubus errantes. Conseguiu avistar alguns deles a média distância. Mesmo estranhando a demora do Semeador e de Átila, que o alcançaria antes dos que voavam, resolveu apressar o passo, alcançando seus amigos de grupo e incentivando-os para que fizessem o mesmo, até chegarem ao local onde deveriam parar. O que não perceberam foi a presença de Átila e Pitágoras, que agora somente ladravam para uma comunicação iminente e o faziam da forma mais educada possível. Logo foram notados, o que fez o Professor Luis voltar seu olhar para cima, identificando os assistentes Professores voando por sobre a sua cabeça. Passados alguns minutos, todos estavam juntos. O Professor Luis decidiu fazer uma breve advertência:

– Não nos acompanhem por enquanto, vocês presenciarão cenas não usuais, talvez nunca vistas, por Anabeth e Liz. Aguardem, pois, em uns dois minutos, o “palco” será liberado para todos assistirem o espetáculo a pouca distância.

De repente todos os “urubus errantes” agitaram-se, e, com visível felicidade, buscaram acomodar-se numa pequeníssima planície ou elevado plano, que realmente parecia um palco, à espera dos integrantes da sua espécie, os quais lhes proporcionariam momentos inolvidáveis e inomináveis de esperança de melhores dias. Eles chegaram e pousaram exatamente no espaço que lhes fora destinado. Imediatamente, levantaram uma das asas, justamente aquela que tinha a pena diferenciada. Esse gesto foi seguido pelos carentes em aprender os ensinamentos que os mestres poderiam transmitir-lhes. Então a sessão começou. Os mestres e os integrantes da plateia ficaram totalmente imóveis. E assim demoraram-se cinco, dez e mais alguns minutos. O Professor Luis, acompanhado pelo Doutor Etevaldo, seguidos por Liz, Anabeth e o resto da comitiva, deliciavam-se com o cenário. Durante todo o tempo, a imobilidade era generalizada. Ele, então, disse ao ouvido do advogado:



– Por favor, Etevaldo, fotografe tudo que achar interessante, mas agora focalize e registre o procedimento de Mestre-1. Se notar algo estranho, acalme-se e não divulgue, por enquanto, essa ocorrência.

Deu-se então uma desmobilização geral. Todos baixaram as asas e Mestre-1 desceu a pequena ladeira seguido por apenas três dos errantes, porque eram eles que se dispunham a levantar voo. O Professor Luis foi também para a beira da praia, formando um único grupo.

– Bem, cada um de nós, certamente, tem a sua própria opinião sobre o que assistiu até este instante. Mas, a partir de agora, Mestre-1 e os três que o acompanham farão o que nós apelidamos de “o voo nas alturas”. Vejam e enlevem-se com essa belíssima cena!

Os olhares concentraram-se neles e na viagem aérea que empreendiam. Às vezes o voo assemelhava-se a uma aeronave supersônica de demonstração artística, arremetendo em manobras audaciosas, ora planando, ora rodopiando no ar. Os outros tentavam executar as suas acrobacias, mas as poucas tentativas não passavam de um arremedo das peripécias de Mestre-1. Liz, Anabeth e as auxiliares da De Jesus olvidaram as investidas jocosas do Doutor Pedro Otávio e não desviavam seus olhares do céu, envolvidas pela pomposa exibição. Temendo que houvesse um acometimento geral de torcicolos, o Doutor Etevaldo mostrou seu relógio ao Professor Luis, advertindo-o do adiantado da hora. Ele entendeu o recado e apontou para o lado oeste do horizonte, onde o sol iniciava o seu ocaso. Então resolveu findar a contemplação, pois o entardecer estava mandando a gloriosa estrela resplandecente para alhures do horizonte.

– Sabemos que o nosso desejo é permanecer aqui por mais algum tempo, no entanto, é necessário compreender que precisamos interromper nossa caminhada porque temos obrigações a serem implementadas. Átila e Pitágoras seguirão conosco, e os alados sabem o caminho de volta.

Quando atingiram o local, onde para eles a caminhada terminaria, pararam, encerrando em todos a tristeza da despedida. Do sol, restava apenas um risquinho encurvado brilhante-amarelado. No entanto, ao desaparecer, deixou um rastro no firmamento de beleza indescritível,



esplendorosa. Os vestígios do seu ocaso traduziam-se por uma iluminação colorida alaranjada e avermelhada, mesclada com a escuridão da noite que se avizinhava. Tudo acontecia rapidamente, um cinza escuro quase negro substituíra toda a claridade da abóbada celeste. Os caminhantes entreolharam-se, e, silenciosamente, em um código mudo, cada um tomou o caminho do sítio. Há algum tempo, Átila e Pitágoras desligaram-se deles, certamente por terem visto seus companheiros, os assistentes alados, na direção da sua morada. Em mais alguns minutos, chegaram ao seu destino. Restava-lhes completar a rotina diária, jantando e assistindo ao noticiário televisivo até a hora de dormir.

Todos foram preparar-se para o jantar. O Professor Luis desceu e encontrou seu pai sentado. Antes de fazer o mesmo, distanciou-se com o celular à mão para telefonar ao Prefeito, que o atendeu prontamente.

– Boa noite, Prefeito, o senhor está disponível? Pode atender ou é hora do jantar?

– De modo algum, o senhor não me incomoda, Professor Luis, principalmente porque estamos comemorando um aniversário em família, e o jantar somente acontecerá mais tarde. Mas do que se trata?

– Prefeito João Batista, tivemos uma excelente e exitosa reunião com o Padre Francisco, conforme anteriormente agendada. Alguns assuntos ficaram pendentes porque carecem de entendimentos entre nós, membros da ACAPA/ACPA, o Prefeito e, em última instância, o Padre Francisco. Como o nosso grupo se dispersará a partir da tarde de amanhã, gostaríamos de convidá-lo para uma reunião conosco, domingo às 11h. Se não houver nenhum compromisso que o impeça de vir, de acordo com as discussões que realizaremos, poderemos tomar algumas decisões sobre a missa ecumênica e a data de sua realização, a qual será concomitante à oficialização da ACAPA/ACPA, coincidente com a primeira edição do nosso blog.

– Realmente temos uma visita a realizar-se amanhã, nesse horário. Porém, é possível transferi-la para o final da tarde. Nós também conversamos por telefone com o Padre Francisco sobre a possibilidade de ajudarmos a nossa associação, esperamos que não nos julgue petulantes pelo “nossa”, mas é assim que nos sentimos.

– Não esqueça também de que existem outras ações de interesse da ACAPA/ACPA, a qual será caracterizada por decreto do executivo como instituição “sem fins lucrativos e de utilidade pública”. Tudo isso para



que tenhamos tempo de tramitação e a conseqüente aprovação pelo legislativo, e assim poderemos conceder alguns préstimos da prefeitura à associação, seja na realização da missa ecumênica, seja em outras ações que domingo detalharemos.

Encerrada a ligação, o Professor Luis foi se sentar junto ao seu pai, que, pressuroso, o aguardava.

– Papai, acabei de marcar uma reunião com o Prefeito João Batista. Nós vamos elaborar uma agenda do mais importante para discutirmos com ele. Os assuntos que consideramos necessários constar dessa agenda fazem parte do que, basicamente, já tratamos na reunião com o Padre Francisco. Ou seja, assuntos que envolvem a missa ecumênica, a caracterização da ACAPA/ACPA como uma organização “sem fins lucrativos e de utilidade pública”, além da participação do Prefeito, enfocando assuntos pertinentes às realizações da prefeitura na primeira e nas demais edições do blog. Se houver outras sugestões afora as já enumeradas, seria importante que as providenciasse colocando-as embaixo do computador, ainda esta noite.

– Tudo bem, Luis. Vamos conversar com sua mãe e Liz, mas, particularmente, achamos que apenas será necessário detalhar os três temas elencados por você, o que se nos parecem muitas reflexões e discussões para o tempo de apenas uma hora disponibilizado ao Prefeito Freitinha. Se acharmos que nada temos a acrescentar, mesmo assim deixaremos, conforme sua solicitação, algo escrito a respeito.

– Assim está ótimo. Nós ficaremos somente meia hora assistindo parte do noticiário. Estamos bastante preocupados com a reunião das onze horas porque, apesar de suas intenções demonstradas e confirmadas pelo Padre Francisco, é fundamental que apresentemos ao Prefeito a seriedade do nosso trabalho.

O Professor foi sentar-se na sala da televisão, e, depois de uns cinco minutos, foi a vez de Átila juntar-se ao seu lado. Tanto ele quanto seu pai não conseguiam concentrar-se e ouvir as notícias. O Doutor Pedro Otávio conversava com a Professora Amélia, cochichavam apenas, e, insistentemente, desviavam olhares para Liz. E ela, como boa entendedora, logo percebeu que seus pais desejavam falar-lhe. Então foi acomodar-se ao lado deles, no sentido de entender o que estava ocorrendo.



Cochicharam, cochicharam, até a hora de dormir. Quanto ao Professor Luis, decorridos os trinta minutos, chamou Átila e subiu. No escritório, esboçou uma tentativa de diálogo com seu cachorro e assistente; não esperava dele nenhuma resposta porque ainda ignorava as mudanças ocorridas e efetivadas em Átila. Agora, além de compreendê-lo, havia aprendido, sem dúvida, sob a orientação do Semeador e Mestre-1, a comunicar-se mentalmente. Mesmo desconhecendo esse detalhe, arriscou uma troca de ideias.

– Átila, você gostou das novidades? O Padre Francisco, os vereadores e o Prefeito João Batista nos farão uma visita. Todos querem conhecê-los. O que você acha?

Ele tentou voltar-se para o computador quando Átila aproximou-se, olhou fixa e diretamente em seus olhos, e respondeu mentalmente:

– Professor Luis, sabemos dos seus receios e ansiedades, mas não se preocupe conosco. Com as aulas que nos estão sendo ministradas, faremos bonito. Não seremos motivo de decepção. Aguarde e constatará que dizemos a verdade.

Muito incrédulo, cheio de pasmo, o Professor Luis julgou que estava dormindo e sonhando. Examinou-se, mexeu o corpo todo até certificar-se de que tudo o que presenciou e sentiu era real. Átila deitou-se e deixou o Professor Luis absorto, entregue aos seus devaneios e divagações. Este, felicíssimo, ligou o seu notebook e foi cuidar do trabalho a ser realizado antes de dormir. Durante a noite, foi presenteado com sonhos alvissareiros, harmônicos e serenos. Acordou totalmente deslumbrado e a lembrança do seu improvável sonho descortinava-se nos pensamentos que se lhe afluíam naquela bonita e ensolarada manhã. Não podia demorar-se muito. Aquele domingo seria um dia de muito trabalho e cheio de surpresas certamente agradáveis. Rapidamente, após um saudável banho, aprontou-se e desceu.



A INVEJA DE FREUD, O OLHO GORDO, O SAL GROSSO E O OLHAR DE “SECA PIMENTEIRA” SÃO VERSÕES IDÊNTICAS DO CIENTÍFICO E DO POPULAR?

O Professor Luis não escondeu seu contentamento por ter se atrasado. A todos cumprimentou, mas a forma de fazê-lo discrepava das de todas as manhãs. Não sentou, imediatamente, sempre sorridente, andou até o local da vasilha de água de Átila, apenas olhou se estava abastecida, então retornou, aquietando-se ao lado do Professor João Paulo. Mas o seu aspecto de fascínio indelével, indefinido e enigmático permanecia, malgrado os olhares perscrutadores que, de modo algum, o incomodavam. De Jesus, sem cerimônia, resolveu quebrar o silêncio:

– Quando eu ainda era mocinha, ouvia minha mãe dizer, que ao se deparar com alguém em situação idêntica... não sei se era um apelo aos santos ou uma forma de gozação, mas lembro como se fosse hoje: “não sei não, mas só vai com muita reza”, ou, “essa alma quer reza”. Eu acho que, no caso do Professor Luis, não tem reza que conserte esse “mau olhado” ou “olho gordo”. Mais ainda: acho que foi usado contra ele “sal grosso” e alguém com “olhar de seca pimenteira”. Vocês nem imaginam, mas a inveja vem de todos os lados. As ruins e maldosas vêm do lado do capiroto, das almas penadas, e a boa inveja e sem maldade vêm das almas que estão nas moradas de Deus, para, como dizem o Professor Luis e o Doutor Etevaldo, “aprender sempre e melhorar sempre”.

Todos riram da preciosidade do arrazoado de De Jesus. Uns não entenderam adequadamente o significado das expressões “mau olhado”, “capiroto” e “olho gordo”, mas mesmo assim acharam as colocações inteligentes e graciosas. O Professor Luis não se deu por atingido pelas insinuações, e tempestivamente respondeu sem nenhum aborrecimento:

– Nós achamos que vocês vão precisar de muita reza quando souberem o que nós vimos e o que ouvimos. Rezar é uma forma de podermos conversar com Deus, e, todas as vezes que o fazemos, ELE nos ouve, e se os nossos pedidos estiverem de acordo com suas leis e as regras por ELE estabelecidas, seremos atendidos. Assim, não é um desrespeito tentar um “bate-papo” com Deus; pensamos que, se tentarmos, não seremos



decepcionados. Ainda mais vos digo: “somente reza quem tem fé”, e aqui falamos de orações sinceras, virtuosas e relacionadas com o que desejamos alcançar. Aquele que não tem fé perde tempo atribuindo a culpa dos seus infortúnios a supostos “olhos gordos”, mesmo que sejam considerados sinônimo de “inveja”, que é uma atitude comumente praticada por indivíduos maldosos, pessoas com as quais não nos devemos relacionar.

Anabeth, não se sabe o que a motivou, interessou-se pela conversa.

– Nós não vamos dizer, como De Jesus o fez, “quando eu era moçinha, etc. etc.”, mas ainda não éramos adultas e ouvíamos tios e tias, até nossos pais, falarem sobre esse tal de “olho gordo”. No entanto, o que nos interessa é estender e detalhar um pouco mais a relação dessa inadequada palavra, em que a sua forma vernácula mais inteligível seria “olho grande”, parecendo-nos um vitupério com a inveja, ambas citadas pelo Professor Luis. Isso vai ter que esperar, porque não temos tempo agora nem durante a reunião, em consequência da visita do Prefeito às onze horas.

Novamente, De Jesus aproximou-se, ficando ao lado de Liz e de sua patroa. Alguma novidade ela desejava trazer à mesa.

– Não me levem a mal por interromper vocês pela segunda vez, mas é que quando terminarem de tomar o café, todos saem correndo lá para cima, o que me impedirá de falar-lhes sobre uma questão que se relaciona com a visita do Prefeito. Eu e minhas auxiliares, com a aula que recebemos da Professora Liz, vamos preparar o almoço de hoje baseado em suas receitas com a utilização dos peixes que ela trouxe e de seus ensinamentos culinários. Nós três, da cozinha, usamos o que vocês chamam de criatividade, acrescentando e modificando algumas modalidades de pratos. Por exemplo, fizemos uns pequenos bolinhos, do tipo que servimos aos assistentes. Então, perguntamos: podemos preparar um lanche rápido e servir uns cinco minutos antes da reunião das onze horas?

– Vocês não podem imaginar como eles são apetitosos, e vamos parodiar-nos dizendo-lhes que é preciso “ver e ouvir outras opiniões” para julgar a preciosidade do paladar desses bolinhos. Portanto, De Jesus, vamos



deixar o Prefeito em êxtase, maravilhado. Aprovamos totalmente a sua ideia: sirva os bolinhos acompanhados de um suco natural de frutas. Isto é, se todos concordarem. Com essa boa notícia, e se vocês concordarem, vamos nos comunicar com o Freitinha e verificar se ele poderá chegar às 10h30min. É possível que, desse modo, tenhamos tempo suficiente para discutir, detalhadamente, todos os assuntos agendados.

Não houve nenhuma objeção, dando-se como aprovadas as sugestões, e, então, como dissera De Jesus, se apressaram para chegar ao escritório às 8h, onde os assistentes certamente já os esperavam. Apenas o Professor Luis encaminhou-se para a varanda, uma vez que necessitava telefonar para o Prefeito. Os acordos foram redefinidos e as instruções pendentes puderam ser dadas a De Jesus.

Já no escritório, o Professor Luis tomou a palavra:

– Bem, caros companheiros, os temas que imaginamos necessários constar da agenda de nossa conversa com o Prefeito João Batista, resumidamente, são os seguintes: missa ecumênica, a caracterização da ACAPA/ACPA como uma organização “sem fins lucrativos e de utilidade pública”, além da participação do Prefeito na primeira e demais edições do blog, enfocando assuntos pertinentes às realizações da prefeitura. Ontem à noite, solicitamos aos meus pais e à minha irmã que analisassem a conveniência de que outros assuntos fossem incluídos na agenda. A resposta que recebemos nos deu ciência de que os temas deveriam permanecer, mas faltavam-lhes detalhes, o que poderia ser providenciado e elaborado logo ao início desta reunião, ou seja, agora.

– Para dar curso às nossas atividades, nós temos três rápidos assuntos com necessidade imediata de resolvê-los:

Como vocês viram e nos ouviram dizer, antes de subir, telefonamos para o Prefeito e acertamos que, às 10h30min, com a sua chegada, iniciaremos a reunião. Nós já avisamos a De Jesus para que, a partir desse horário, o lanche seja servido.

Nós vamos entregar-lhes cópias da primeira versão da proposta de



agenda, com as anotações e os detalhamentos que desejarem acrescentar. Às 10h estaremos recebendo os acréscimos e as modificações de cada grupo, e nós gostaríamos que as comparassem a fim de eliminarmos as repetições.

Agora vocês irão compreender a nossa enigmática expressão “se vocês tivessem visto e ouvido o que nós vimos e ouvimos”, nós não estávamos tocados por nenhum “olho grande” ou pelo vitupério alcu-nhado por “olho gordo” na perspectiva da Doutora Anabeth, mas com a devida vênua do Semeador e de Mestre-1, que optaram pela manutenção do fato em segredo, mas que agora lhes transmitiremos. Ontem à noite conversamos mentalmente com Átila. Ele respondeu a uma pergunta que fizemos do seguinte modo: “Professor Luis, sabemos dos seus receios e ansiedades, mas não se preocupe conosco. Com as aulas que nos estão sendo ministradas, faremos bonito”. Sobre isso não é necessário nenhum detalhamento e outros depoimentos porque aconteceu conosco, e não existe motivo algum para termos inventado essa história. O que nos levou a contá-la decorre da decisão que pensávamos tomar, evidentemente com a anuência de todos, no sentido de dispensar os assistentes desta reunião com o Prefeito e seu secretário. Achamos que, se nos foi aberta uma nova perspectiva, e, assim, essa medida é desnecessária, muito ao contrário, nós a defendemos. Daremos uns cinco minutos para que os grupos discutam entre seus membros, para que em seguida, se manifestem os coordenadores ou quem for designado por eles.

O Grupo dos Assistentes foi o primeiro a solicitar uma intervenção. Como das vezes anteriores, o Semeador e Mestre-1, encenando os mesmos rituais, adiantaram-se, cabendo ao segundo expor suas ideias como orador oficial. Liz e Anabeth, talvez por falta de experiência, olharam-se como se indagassem a forma de perceber o que seria dito pelo expositor. De repente um leve torpor apoderou-se delas, levando-as a um estado de serenidade reflexiva. Elas aceitaram, assim como os outros ouvintes, a leveza mental proporcionada pela ocorrência. Assim que todos estavam acomodados, Mestre-1 iniciou a sua exposição, dizendo:

– Faremos apenas um pequeno acréscimo ao que é do conhecimento de todos, principalmente, pelo acontecimento relatado por nosso amigo e mestre Professor Luis. Na verdade, ignorávamos que o estágio de Átila estava tão avançado. No entanto, já vimos casos de amadurecimentos



semelhantes, vez por outra, repetindo-se como o dele. Tudo depende da força de vontade ou fé que o aprendiz dedica à sua aprendizagem. De qualquer maneira, é com imensa satisfação que recebemos as boas notícias dos excelentes resultados de nossos ensinamentos, e, como bem expressou-se Átila, “Professor Luis, sabemos dos seus receios e ansiedades, mas não se preocupe conosco. Com as aulas que nos estão sendo ministradas, faremos bonito”. Para encerrar, nós temos uma turma composta, além de Átila e Pitágoras, por mais cinco alunos, e todos podem, a qualquer momento, surpreender-nos mostrando exitosos avanços em comunicação mental e desenvolvimento específico em Matemática e Ciências Naturais, abrangendo assim os temas que são os objetivos iniciais, atualmente, da nossa escola. Gostaríamos também de saber qual será o papel do grupo de assistentes durante a visita do Prefeito e do vereador Zé Onofre, que o acompanha. Devemos nos comportar apenas como ouvintes? Por enquanto, nada mais temos a acrescentar, agradecendo a atenção de nos ouvirem. Muito obrigado a todos.

– Bem, temos cerca de uma hora para analisar a agenda que foi distribuída, e será interessante que terminem antes desse prazo; se tal ocorrer, comparem as propostas elaboradas, eliminem o que estiver repetido, e, em seguida nós digitaremos a versão definitiva, agora aperfeiçoada. Então, faremos uma última leitura em cópia definitiva, a qual entregaremos ao Prefeito João Batista. É muito importante que todos se detenham analisando a participação do Prefeito na primeira e nas demais edições do blog, enfocando assuntos pertinentes às realizações da prefeitura. Pensem, também, sobre a questão do comportamento do grupo de assistentes, se poderão participar, emitindo opiniões. Bom trabalho.

As atividades foram intensas e participativas, os três grupos sabiam como proceder, e, nos primeiros quinze minutos, tudo aconteceu individualmente. O Professor Luis, o Professor João Paulo, o Doutor Etevaldo e sua mulher, a Doutora Anabeth liam e reliam a pré-agenda fazendo anotações. Do mesmo modo trabalhavam o Doutor Pedro Otávio, a Professora Amélia e sua filha, a Professora Liz. No grupo de assistentes havia uma forma própria de trabalhar, com discussões assemelhadas aos outros, mas as conclusões, embora comungadas por todos, tinham como “fiéis depositários” o Semeador e Mestre-1. No horário estabelecido, o



Professor Luis recebeu as sugestões de aperfeiçoamento, acrescentando-as à versão original. Às 10h15min tudo estava terminado e uma última leitura aconteceu; com a aprovação final, quinze cópias foram impressas e distribuídas. Naquele momento, De Jesus havia subido juntamente com as secretárias, conduzindo os depósitos apropriados onde o lanche estava acondicionado. Ao passar por ele, a cozinheira disse-lhe que o carro da prefeitura já estava no portão. Antes de descer para receber o Prefeito, foi aonde estavam os assistentes, avisando ao Semeador que somente deveriam se manifestar com a sua autorização.

O Professor Luis não demorou para descer, avistando da varanda o carro oficial da prefeitura e o caseiro à frente do portão, que ainda permanecia fechado. Aproximou-se, e o portão foi aberto por seu prestador de serviços. O chefe do executivo municipal saiu do carro, acompanhado de seu secretário, o vereador Zé Onofre.

– Bom dia, caros senhores! É um prazer vê-los novamente. Vamos entrar e subir, pois todos os membros da associação os estão aguardando. Antes, deixe-nos avisar-lhes que, como estamos realizando uma reunião, o grupo de assistentes está conosco, mas não se assustem ao vê-los, pois o comportamento deles é incensurável e impecável. Além disso, serviremos um saboroso lanche feito por nossa prestimosa cozinheira, diferente do que conhecemos em barzinhos e lanchonetes. Vamos então, porque a partir de agora vocês são membros da ACAPA/ACPA.

O Professor Luis encaminhou-se à frente dos visitantes, e, no escritório, tudo estava perfeitamente acomodado. Duas cadeiras vazias esperavam seus ocupantes, limitados à sua esquerda pelo grupo de Doutor Pedro Otávio, Professora Amélia e Professora Liz, futura neuropsicopedagoga. À direita estava o grupo de Doutor Etevaldo, Doutora Anabeth, Professor João Paulo e Professor Luis, o único que estava no centro. Uns três metros distante estavam os assistentes, em número de seis. As apresentações se processaram, e cada um, de modo gentil e respeitoso, expressou-se com um: “Bom dia, Prefeito, seja bem-vindo”. Para apresentar os assistentes, o Professor Luis levantou-se, aproximando-se deles e dirigindo-se ao Prefeito.



– Prefeito João Batista, eis aqui seis membros do nosso grupo de assistentes. O primeiro que lhe apresento é o Semeador, que coordena o grupo. O segundo, Mestre-1, como o próprio nome revela, é o mestre de todos, além de orador oficial. Os dois próximos são: o Professor de matemática, X-Mat, e o de ciências naturais, X-Ciências. Adiantamos-lhes Mestre-1, que além de um insigne Professor, desenvolveu a competência de comunicar-se, mentalmente, e é isso que faço agora, solicitando que desejem nossos visitantes um afetuoso “bom dia e que sejam bem-vindos”. Notamos que o lanche ainda não foi servido, mas a nossa prestimosa De Jesus dará um jeito nisso agora – o que foi feito imediatamente.

Enquanto o Prefeito entremeava o lanche com o folhear de uma pasta, Zé Onofre o acompanhava no saboreio dos bolinhos. De repente, o Prefeito olhou para o Professor Luis, um tanto surpreso, dizendo:

– Professor Luis, nós sabemos qual o recheio desses bolinhos, eles são feitos do peixe de água doce chamado tucunaré. Nós pescávamos-os bastante em nossa adolescência, e meu pai, sempre que os encontra, nos traz e fazemos um bom cozido de tucunaré com pirão. Mas isso aqui está mais que ótimo, está excelente. A sua cozinheira De Jesus e auxiliares são perfeitas. Iniciemos nosso trabalho porque precisamos nos ocupar com outra visita ao meio-dia. Observamos na agenda elaborada por vocês que os assuntos são os mesmos que também nos preocupamos: a) a missa ecumênica e os detalhes para a sua realização; b) a caracterização da ACAPA/ACPA como uma organização “sem fins lucrativos e de utilidade pública”; e c) a nossa participação enfocando assuntos pertinentes às realizações da prefeitura, na primeira e nas demais edições do blog. Vejam as nossas propostas relativas a cada item:

Item A – Missa ecumênica: A Prefeitura dispõe de recursos em seu orçamento anual, aprovados pela Câmara Municipal, destinados ao auxílio de instituições sem fins lucrativos, nas datas e eventos por elas promovidos, como missas, homenagens a santos de quem a população é devota, por exemplo, Santo Antônio, São João, São Pedro, Nossa Senhora da Coceição Aparecida e outros eventos ou festividades. Todas essas ações, além dos limites financeiros a que estão sujeitas, são concedidas após uma avaliação da Comissão Pública Orçamentária



– CTC –, constituída por pessoas da comunidade, sem remuneração e de notória fé pública. A prefeitura tem um limite de empréstimo para até 200 cadeiras e também poderá fornecer até 100 pacotes lacrados, de plástico, contendo, em cada, um bolinho salgado e um docinho. Finalmente, nós temos dois religiosos, um umbandista e um judeu, os quais indicariamos para constituir o grupo ecumênico, que se completará com o Padre Francisco e seus convidados, um kardecista e um pastor protestante. É importante ressaltar que são religiosos muito inteligentes, bastante conhecedores de suas crenças, associados de uma instituição ecumênica internacional, e, principalmente, experimentados na realização e participação de eventos de natureza semelhante. Para convidá-los, necessitarei de uma autorização por escrito da ACAPA/ACPA, na reunião marcada para realizar-se na sala do Padre Francisco, nesta próxima quinta-feira às 15h, quando então discutiremos os detalhes com os religiosos ecumênicos.

Item B – A caracterização da ACAPA/ACPA como uma organização “sem fins lucrativos e de utilidade pública”: Estamos entregando agora ao Doutor Etevaldo uma pasta contendo um resumo de tudo o que será pactuado nesta reunião – evidentemente que alguns ajustes serão necessários. Dentre todos os documentos, o principal é a solicitação que a associação enviará à prefeitura para que seja considerada como uma organização “*sem fins lucrativos e de utilidade pública*”. Anexamos um modelo que poderá ser aperfeiçoado, mas existem alguns requisitos legais que ele os conhece muito bem, mas que deverão ser preservados a fim de que o trâmite para a sua aprovação não tenha atraso na Câmara Municipal.

Item C – A nossa participação enfocando assuntos pertinentes às realizações da prefeitura, na primeira e nas demais edições do blog: Para podermos compreender com exatidão o significado da frase conclusiva da oração, necessitaremos de maiores explicações. Por exemplo, se, porventura, e esperamos que sim, os acordos entre a prefeitura e a ACAPA/ACPA forem referendados em todas as edições do blog, a prefeitura, sob a nossa coordenação, disporá de espaço apropriado para a publicação de artigos ou notícias de assuntos de interesse do executivo. É assim que devemos entender?



– Bem, senhor Prefeito João Batista, o nosso grupo vai esperar os comentários do que é coordenado por meus pais, e, se houver necessidade, pronunciaremos-nos; ou seja, acrescentaremos o que acharmos pertinente. O grupo dos assistentes, também, por nosso intermédio, poderá opinar.

Prefeito, a De Jesus, que o senhor sabe perfeitamente de quem se trata, de vez em quando usa a expressão “é e não é”, mas não nos pergunte o que isso significa, porque não entendemos como o que “é” pode vir a “não ser”. Porém, achamos que pelo menos para responder a sua inquirição, “é assim que devemos entender?”, ao final do item C, nossa resposta é que o senhor “pode e não pode entender, ao pé da letra” o que consta de nossa agenda. Pode porque é isso mesmo que lhe colocamos à disposição, e não pode porque existem algumas exigências para a publicação de assuntos da prefeitura, restringidos às áreas de educação, saúde, segurança e festividades a elas relacionadas. Sob a sua coordenação, estaremos recebendo, para avaliação, propostas de prévias redações com o objetivo de publicação no blog, evidentemente respeitadas as condições antes consideradas, relacionadas a artigos que interessam ao executivo.

– Quanto ao “Item A – Missa ecumênica”, a análise das questões relativas aos dispêndios da prefeitura dependerão de informações preliminares, por escrito, sobre a quantidade limite, custo total do conteúdo e embalagem, nome, CGC ou CPF, se pessoa física, do fornecedor. Na verdade, tudo isso são detalhes que dependem apenas de informações comprovadas. O que nos causa maior preocupação se refere à participação oral, o discurso de cinco minutos que os religiosos farão durante a missa. O Padre Francisco sugeriu um tema que se estenderia a todas as crenças, por exemplo: “a Torá e os animais”, no judaísmo; “a Umbanda e os animais”, na Umbanda; e assim por diante. Conforme disse o Padre Francisco, “é importante ressaltar que são religiosos muito inteligentes, bastante conhecedores de suas crenças, associados de uma instituição ecumênica internacional, além de experimentados na realização e participação de eventos de natureza semelhante”. Portanto, são pessoas bastante qualificadas, e, sem dúvida, compreenderão a necessidade das condições que lhes apresentaremos na quinta-feira próxima, às 15h, na sala de reuniões do nosso pároco. Finalizamos aqui, na esperança de termos sido claros e objetivos.



– Muito bem, Doutor Pedro Otávio, nosso honorável e meritório pai. Fizemos algumas anotações que carecem de uma avaliação. Se estiverem disponíveis as estatísticas do município relativas à educação, saúde, segurança e tivéssemos acesso a elas, poderíamos enviar ao Prefeito um modelo de informativo para publicação no blog. Ele faria as modificações e os acréscimos que julgar necessários, nos reenviaria e nós decidiríamos se o texto atende aos pressupostos da ACAPA/ACPA.

O Prefeito Freitinha fez uma rápida vistoria na pasta que pretendia deixar com o Doutor Etevaldo, olhou alguns documentos, perguntando algo ao vereador Zé Onofre. Em seguida, dirigiu-se ao seu interlocutor:

– Professor Luis, todos os dados que foram solicitados, nós os recebemos, atualizados, do nosso modesto departamento de estatística antes de virmos para o sítio. Nós ainda não nos detivemos em examiná-los, o que fazemos quinzenalmente. No entanto, Zé Onofre entregar-lhe-á segunda-feira, ao final da tarde, uma cópia desse documento. Seria importante que nos enviasse um modelo de informativo para a publicação no blog, porque dessa forma, na reunião de quinta-feira com o Padre Francisco, uma versão definitiva daquilo que a prefeitura veiculará estará pronta para publicação.

– Assim será feito, Prefeito João Batista. Mas, para que se tenha essas informações completas, lembre-se de que continuamos dependendo dos dados preliminares, por escrito, sobre a quantidade limite, custo total do conteúdo e embalagem, nome, CGC ou CPF, se pessoa física, do fornecedor dos docinhos e bolinhos. Para finalizar, principalmente, porque faltam apenas cinco minutos para o nosso tempo findar, entregamos-lhes um presentinho que De Jesus aprontou, segundo ela, “para presente”. Façam bom proveito!

A reunião tivera um final feliz, sem discordâncias, apenas algumas ações a serem tomadas pelas partes envolvidas. O Professor Luis desceu levando o Prefeito ao portão e retornou para o acerto das atividades da tarde. O almoço, naquele domingo, pelos manifestos comentários, prometia novidades gastronômicas.



De Jesus e suas auxiliares, sob a orientação de Liz, dedicaram-se com esmero tanto na produção dos pratos quanto na distribuição deles sobre a mesa, para que nenhum dos comensais tivesse dificuldade em alcançá-los. Além das tortinhas e dos bolinhos, existia uma torta grande em que o recheio não incluía somente uma única qualidade de peixe, mas uma diversificada quantidade de mexilhões, adrede preparada por Liz, para o reencontro familiar. As amenidades, às vezes negligenciadas, ressurgiam agora com força total. Ninguém estava apressado. O tempero e a composição da torta recebiam elogios dos mais bizarros: “[...] o tempero da torta grande tem cominho e pimenta do reino? Tem mexilhão [...]? Tem peixe de mar [...]?”, e assim por diante. Luz e De Jesus cuidavam das respostas. Aproveitando um momento que Liz voltava a servir-se, De Jesus respondeu a uma das perguntas:

– Vocês sabem que todo artista tem seus segredos. Eu, um astro da cozinha, tenho também os meus. Muita gente que mora no interior do Estado conhece uma frutinha comprida e verde que é usada em saladas ou consumida como fazemos com acerola, pitomba, azeitona preta e outras. Essas frutinhas, que no sítio temos um pé florando, com frutos verdes e maduros, eu chamo de “limão de rama”. Os interioranos falam dele como “limãozinho”, mas o que eles não sabem é que o nosso “limão de rama” é um condimento do tipo, e talvez mais eficiente, que o conhecido orégano, com a vantagem de, além de ser natural, ao ser cortado em pedacinhos dá à comida um sabor azedo-adocicado gostosíssimo. E foi esse tempero que usamos na torta maior!

– De Jesus – interveio Liz —, você não nos falou sobre esse tempero natural. Nós havíamos identificado esse sabor, mas pensávamos que decorria da mistura de alho, cebola, vinagre e orégano. Antes de viajar, gostaríamos de levar algumas unidades de “limão de rama” para juntá-lo com alho, cebola, pimentão e pimenta “dedo de moça”, e fazer um potinho de conserva.

– Professora Liz, nós poderemos ir antes da reunião, porque depois desse horário, e ao terminar o encontro, temos a caminhada. Então, para encontrarmos o que a senhora deseja, precisaremos de cerca de dez minutos. Está combinado assim?



Com esse acerto estabelecido entre a Professora e a cozinheira-chefe, o silêncio predominou, e todos se voltaram para a finalização do almoço. Fato acontecido após cerca de vinte minutos depois da hora costumeira. A maioria dos presentes foram para os seus respectivos quartos descansar durante quarenta minutos, mas os adolescentes, Liz e De Jesus foram ver a horta, o canteiro com plantas medicinais e outras estilo “limão de rama”. Liz fazia alguns meses que não visitava o sítio, e, nas vezes que o fizera, não se deu ao trabalho de conhecer as melhorias. Pensativa, perguntava-se: por que se afastara de tamanha beleza? Tudo estava muito bem cuidado. Nenhuma erva-daninha no interior do canteiro e em suas cercanias. Embeveceu-se tanto que, se não fosse lembrada por De Jesus, teria perdido o horário da reunião vespertina. Mas, com o alerta, ela se apressou, chegando na sala de reunião no horário previsto, encontrando seus pares preparados para o início das atividades.

– Bem, companheiros, durante o almoço, a Doutora Anabeth demonstrou seu interesse em manifestar-se sobre a expressão intitulada por De Jesus como “olho gordo”, em que, segundo ela, “a sua forma vernácula mais inteligível seria ‘olho grande’, parecendo-nos um vitupério com a inveja”, ambas citadas por nós, na oportunidade. Nós, com a devida vênia pela ousadia, sugerimos que a Doutora discorra sobre um tema mais geral, por exemplo, “inveja e pensamento” ou “a mente e a inveja”, fazendo menção, em qualquer desses temas, sobre o significado do “olho grande”.

– Ainda bem que temos ideias coincidentes – iniciou a Doutora Anabeth, atendendo ao pedido do Professor Luis. – A psicanálise é um dos ramos ou partes da Psicologia que me fascina. Estudamos bastante, mas não o suficiente, o seu expoente máximo, Sigmund Freud, e desenvolvi algumas leituras sobre o trabalho desenvolvido por Melanie Klein, que na década de 1920 iniciou suas pesquisas sobre psicanálise infantil. Porém, para nos referirmos ao pensamento, sua origem e suas relações com a mente, é necessário atermo-nos ao fundamento principal: o neurônio, embora saibamos que esse foi um assunto discutido aqui umas duas ou três vezes.

– Explicitamente, o neurônio é a célula do sistema neural que tem a responsabilidade de cuidar para que, no cérebro, o pensamento ocorra.



Mas como esse processo torna-se fato? Com diversas especificidades, neurônios especializados distribuem-se no sistema nervoso periférico, em que se destacam os neurônios que transmitem as sensações, quando sentimos que estamos sendo tocados, o tato; quando ouvimos sons diversos, a audição; quando sentimos algum odor, o olfato; etc. Então, tais estímulos sensoriais chegam ao cérebro e à medula espinhal. Sem maiores detalhes, o processo tem continuidade quando, pela interconexão dos neurônios, os estímulos são transmitidos ao sistema nervoso central, onde as informações são geradas. Assim, os nossos pensamentos emergem.

– Em face do que vimos até agora, o pensamento depende e acontece no âmbito do cérebro, da medula espinhal e do sistema nervoso central, tudo isso sujeito a estímulos do sistema sensorial. No entanto, psicólogos especializados têm considerado a possibilidade de que o pensamento é uma atividade puramente intelectual. Em Matemática, o pensamento algébrico em si não é uma ação de efeitos práticos, pragmática, mas intelectual. Skinner, usando a sua habitual forma de generalização, acabou concluindo que o pensamento é um comportamento próprio de cada indivíduo, permanecendo oculto ou declarado, que não requer verbalização, evidentemente, a critério do ser pensante.

– Finalizando essas notas introdutórias, reportemo-nos então ao trabalho desenvolvido por Melanie Klein, que, na década de 1920, iniciou suas pesquisas sobre psicanálise infantil. Como aluna de Freud, dedicou-se, com destemor afincado, à experimentação da clínica psicanalista. No ano de 1929, executando um percuciente trabalho pragmático, resolveu cuidar de uma criança autista, filho de um colega também psicanalista. Essa criança, envolvida por sua patologia, desligara-se do mundo exterior, não esboçava nenhuma emoção e sequer gostava de brincar ou de brinquedos, inclusive, os que estavam disponíveis em sua volta. Ela precisava comunicar-se com ele – o que fazer? Imaginou uma situação em que tomou dois comboios, suponhamos, de caminhões em miniatura, e denominou o maior de “comboio par”, e o menor chamou de “comboio Dick”, em que Dick era o nome da criança, que passou a observar o que ela fazia. Dick, ao que parece, voltou ao mundo real, fazendo com que o comboio que levava o seu nome andasse. Em seguida, falou para a psicanalista “corta”, e ela retirou o vagão do comboio que estava escrito “carvão”. Dick olhou para ela, afirmando: “acabou”, guardando depois o brinquedo em uma gaveta. Mas podemos questionar: por que a criança



se deteve numa comunicação com Melanie, o que não acontecia com seu pai, também psicanalista? Nesse caso, ela julgou que faltava amor ao seu paciente, e que os psicanalistas não se sensibilizam ou não se incomodam em dar aos seus filhos o amor que, talvez, carentes das condições mentais necessárias para demonstrar essa ausência, eles esperam.

– O trabalho de Melanie Klein é muito extenso, por isso vamos resumilo, comentando, apenas, os assuntos mais importantes.

Melanie Klein assistiu ao suposto Dick, na realidade Phyllis Groskurth, até a sua recuperação. Passado algum tempo, está vivendo a vida, segundo ela, dentro da normalidade.

No ano de 1995, Melanie Klein elaborou e publicou um trabalho em Genebra intitulado “Um estudo sobre a inveja e a gratidão”, em que procurava relacionar “a ideia de inveja como um prolongamento da pulsão de morte”. Deve-se entender que esse “impulso de morte” não deverá ser entendido como “vontade de morrer” ou expressão de mesmo significado, que é possível ocorrer com as emoções que causam frustrações e dão origem à agressividade, à inveja e outras de mesma natureza. Mas as emoções que gratificam o prazer do amor, a satisfação pela realização exitosa de algo são as “boas emoções” em oposição às que provocam frustrações.

Uma das maiores contribuições de Melanie, talvez a mais importante para a psicanálise, foi respaldando em suas pesquisas o conceito de que “as brincadeiras são fantasias que possibilitam a introdução da sexualidade e agressividade infantis”. Melanie, citando Hana Segal, fala sobre dois objetos psíquicos importantes em uma possível fase “paranoide-esquizoide”: a introjeção e a projeção. Estamos fazendo agora apenas referência a este último assunto porque pretendemos aprofundá-lo um pouco mais, mostrando que são motivação para as frustrações, dando origem à agressividade, à inveja e outras más emoções. Como adendo, e à guisa de melhores esclarecimentos, citaremos um pequeno excerto da psicanalista a quem estamos nos referindo:

A vida fantasmática auxilia o sujeito na formação da impressão de seu mundo exterior, através dos processos de introjeção e projeção. Estes mecanismos são os determinantes do estabelecimento dos objetos bons e maus dentro do mundo interno da criança. Eles atuam de diversas



maneiras, baseados nos impulsos instintivos, e são determinantes nos processos de formação do ego, ou seja, na formação da personalidade. Portanto, esta formação ocorre através das fantasias introjetivas e projetivas, as quais determinam a relação do sujeito com seu mundo exterior. Durante toda a vida, a introjeção e a projeção continuam presentes nos processos de adaptação do sujeito em seus progressos e derrotas. Ambas têm suas origens nos instintos orais (o engolir e o cuspir), a desenvolver com as relações de dar e receber, a função de procriação e a criatividade. (Melanie Klein [Org]. Sobre a observação do comportamento dos bebês em Melanie Klein – Os progressos da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar,1986).

– Estamos percebendo que, em nossa tentativa de melhor esclarecer o assunto de que estamos tratando, expressões como “fantasias introjetivas e projetivas”, “ego e superego”, etc. talvez estejam tendo efeito contrário, ou seja, confundindo. Por isso, encareço a compreensão de todos para que aguardem uma redação final dessa exposição na próxima semana, a qual poderá ser antecipada por e-mail até quinta-feira, quando então envidaremos esforços para dar mais clareza e objetividade, principalmente nos itens II e III, desta exposição. Tenho quase certeza de que os especialistas das outras áreas estão inquietos e preocupados com uma possível publicação de um artigo no blog sobre assunto de difícil compreensão para o leitor comum. Isso não ocorrerá. Acautelem-se e aguardem o meu e-mail. Vocês terão uma agradável surpresa.

– É tranquilizador, Doutora Anabeth – afirmou o Professor Luis –, ouvir essa informação que realmente estará sendo aguardada. Mas vamos continuar os trabalhos com uma preciosa informação, e, ao mesmo tempo, uma consulta formulada pelo Prefeito João Batista. Trata-se do projeto “Olimpíadas de Matemática das Escolas Públicas Estaduais – OMEPE”, que será patrocinado pela prefeitura sob coordenação da ACAPA/ACPA. Essa ideia já estava sendo gestada por iniciativa de Mestre-1 e X-Mat, quando nos mostraram algumas questões que elaboraram, e então solicitamos ao Professor João Paulo uma versão de solução para um dos problemas, como segue:



UMA QUESTÃO INTRODUTÓRIA PARA MOSTRAR O NÍVEL DA OMEPE

O treinador de um corredor de obstáculos calculou que, se ele corresse a 10 quilômetros por hora, chegaria ao seu destino uma hora depois do meio-dia. Se aumentasse a sua velocidade em 5 quilômetros, passaria a correr com velocidade de 15 quilômetros por hora e anteciparia uma hora na conclusão da corrida. Se na corrida oficial o corredor vencedor deverá chegar exatamente ao meio-dia, que velocidade deverá desenvolver?

– A questão que foi mostrada como “introdutória”, é do nível intermediário. A sua maior dificuldade é que, para solucioná-la, há que existir uma sequência de raciocínios bem ordenados, concatenados e desenvolvidos matematicamente, conforme os encadeamentos lógico-matemáticos elaborados.

– Bem, agora acreditamos que devemos discutir acerca das nuances da proposta do Prefeito João Batista, relativas à realização da OMEPE. Não podemos deixar de enaltecer o empenho do grupo de assistentes e os esforços e a iniciativa de X-Mat na elaboração das questões. Lembremos também que precisamos incluir pelo menos mais cinco questões, as mais difíceis, em nível de Ensino Básico.

O Doutor Pedro Otávio, ao olhar para o relógio e verificar que ainda dispunham de quarenta minutos, levantou-se para fazer algumas colocações.

– Bem, meu amigo e companheiro Professor João Paulo, numa rápida análise das onze questões, incluindo-se as sugestões de resolução, pensamos que elas requerem avaliações mais minuciosas em seu contexto geral: objetivos, público a que se destina e respectivo nível de formação, a fim de que melhor as entendamos. Um segundo aspecto, e que podemos discuti-lo nestes próximos quarenta minutos, refere-se ao grau de dificuldade e o número de “situações-problema”. É necessário esclarecer se todas as questões propostas e mostradas agora poderão ter a característica de “situações-problema” e se elas são questões já definidas para a OMEPE ou sua finalidade servirá somente para exercitação. Essas observações são as que supomos carecer de urgente decisão.

– Nós concordamos com os registros efetuados por papai, coordenador do nosso grupo – disse Liz. – Desejamos enfatizar alguns aspectos que devem ser observados na composição dessa prova, uma competição



ao estilo de uma Olimpíada de Matemática. Se forem propostas vinte questões para serem resolvidas em duas horas, teremos uma média de doze minutos por questão, que é uma boa média se todas estiverem categorizadas como “fáceis” ou em grau de dificuldade “intermediário”. No entanto, serão propostas questões abordando assuntos relativos aos três anos finais do Ensino Básico, problemas de lógica informal e, quem sabe, algumas introdutórias em lógica formal, além da adoção de uma linguagem afeita e indicada para “situações-problema”, reduzindo o tempo de resolução para uma média de cinco minutos. Será suficiente?

– Sugerimos, considerando as observações precedentes, que “situações-problema” envolvendo o cálculo com frações, números mistos e potenciação em problemas que permeiam os três níveis se distribuam no conjunto das vinte questões. Por fim, é aconselhável também que a realização das provas da OMEPE ocorram no mesmo dia da realização das festividades da oficialização da ACAPA/ACPA, tendo início às oito horas e finalizando exatamente às onze horas. Somente após esse horário, todas as questões da Olimpíada de Matemática poderão ser postadas no blog. Uma equipe da ACAPA/ACPA terá a incumbência de receber as resoluções, emitir e retornar as respostas, finalizando com os comentários adequados. Por enquanto, encerramos esta nossa participação.

– As sugestões da nossa irmã Liz coincidem com os propósitos da OMEPE. Vamos então objetivá-las, e, nos próximos dois dias, mandaremos por e-mail, para avaliação geral, o conjunto completo das vinte questões.

– Como o tempo disponível está findando, encerraremos agora, e, se algum dos presentes desejar acrescentar algo, poderá fazê-lo até antes de viajarem. De nossa parte, telefonaremos depois do jantar para o Prefeito João Batista dando-lhe ciência dessas nossas conclusões e que têm pertinência com a prefeitura. Nós anotamos todas as sugestões e algumas observações que já estão digitadas e estamos providenciando cópias para entregar-lhes. Leiam e, por favor, desculpem-nos pelos erros cometidos; aguardem, como já lhes prometi, o e-mail contendo as questões, sugestões de solução e outras informações necessárias.

A. O primeiro e terceiro grupo serão os responsáveis pela organização e coordenação da OMEPE. Até quarta-feira desta semana deverão disponibilizar, para todos os membros dos três grupos, a primeira versão das vinte questões.

B. Haverá duas formas de participação da competição matemática:



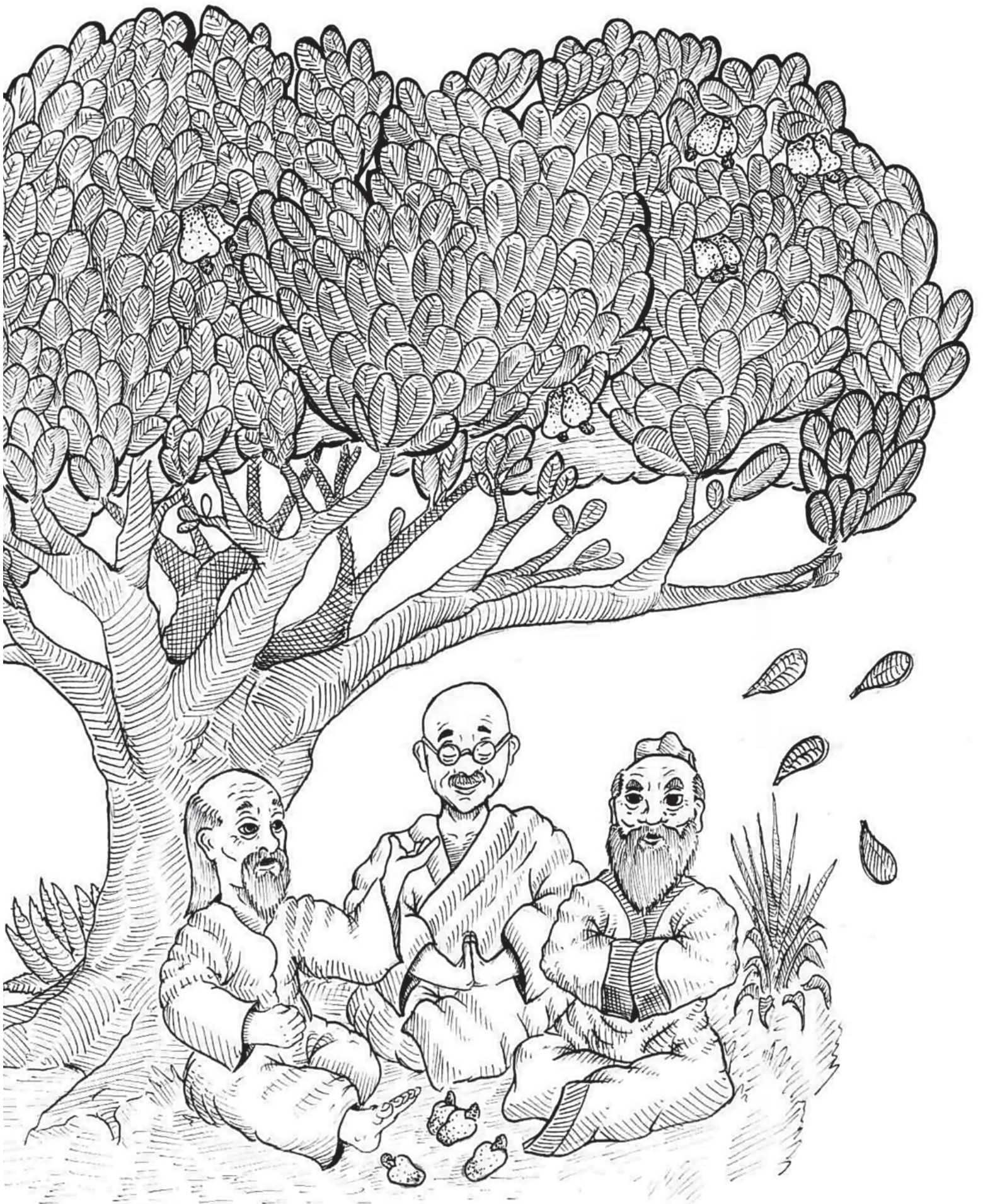
aqueles que farão a prova presencialmente, nas escolas públicas de nossa cidade, e os que se submeterão ao concurso eletronicamente, utilizando a internet, via blog da ACAPA/ACPA. As normas e regras para os dois níveis de participação serão estabelecidas pelos dois grupos coordenadores. Nos dois casos, serão ofertados prêmios que não poderão ser em moeda corrente, mas preferencialmente na forma de objetos de uso na atividade de ensino e aprendizagem, como livros, smartphones, tablets, etc., a serem decididos conjuntamente pela prefeitura e a coordenação.

C. A primeira OMEPE constituir-se-á de vinte questões e os seus níveis de dificuldade obedecerão aos seguintes percentuais:

- Fácil = 25% ou 5 questões.
- Intermediário = 50% ou 10 questões.
- Difícil = 25% ou 5 questões.

Com relação às “situações-problema” envolvendo o cálculo com frações, números mistos, potenciação, lógica informal e princípios de lógica formal nos problemas onde isso for conveniente e que permeiam os três níveis, a equipe de coordenação terá sete dias, ou menos, para cuidar de sugerir uma nova redação para as vinte questões, na forma de “situações-problema”, quando for possível matematicamente.





O INDISCUTÍVEL PRAZER DE
MAIS UMA CAMINHADA:
LAZER E DIVERSÃO

CAPÍTULO VI

“A maravilhosa disposição e harmonia só pode ter tido origem segundo o plano de um SER que tudo sabe e tudo pode. Isso fica sendo a minha última e mais elevada descoberta.”

Isaac Newton

O INDISCUTÍVEL PRAZER DE MAIS UMA CAMINHADA: LAZER E DIVERSÃO

Na orla da praia, a maré mostrava-se ainda seca e não era possível afirmar se estava enchendo ou secando, apenas, o ribombar do quebrar das ondas sugeria uma maré grande, principalmente, porque a lua estava quase em final de quarto crescente, entrando em lua cheia. Os dois grupos costumeiros caminhavam conversando alegremente. À frente, Dona Amélia, Doutor Pedro Otávio, De Jesus, e principalmente, o segundo, que evidenciava seu sentimento de euforia e regozijo. Vez por outra, ele ficava à frente dos outros e, andando de costas, gesticulava freneticamente entre sorrisos e gargalhadas. Esse procedimento contaminava e entusiasmava os seus companheiros, numa disseminação de felicidade incontida. O outro grupo, embora também esbanjasse alegria, se voltava mais para a troca de ideias sem preocupações, simplesmente, amenas.

De repente, todos ouviram o barulho de asas e latidos. Os seus assistentes os tinham seguido. Os alados pousaram num pequeno monte à beira da praia, onde, vasculhando a orla, encontrava-se um prolífero grupo de urubus comuns nas cercanias; os latidos, logo identificados, eram emitidos por seu assistente Átila. Ao chegar, aproximou-se de cada um dos componentes do grupo de trás, fazendo-lhes um afago carinhoso. Depois, deu uma carreirinha e fez o mesmo com Doutor Pedro Otávio, Dona Amélia e De Jesus. Após esses generalizados cumprimentos, voltou seu olhar na direção dos alados, no entanto causou-lhe certa dificuldade localizá-los, porquanto estavam cercados de uns vinte



a trinta urubus, alguns acentuadamente menores, e outros de estatura mediana. Mas coube à curiosa De Jesus, que havia notado minutos antes a aglomeração, chamar a atenção para identificar os mestres voadores. Com um grito dado de modo exagerado, quase um berro e visivelmente histérica, anunciou: “Lá estão eles! Lá estão eles!”. Assustados, o casal de patrões chamou-a para explicar o que estava ocorrendo. Então, ela, munindo-se dos seus conhecidos circunlóquios, passou a teatralizar a cena; esqueceram-se completamente de Átila, que não mais ali estava.

Átila, um tanto quanto desconfiado, foi se aproximando vagarosamente do centro da reunião onde estavam os seus companheiros. Mesmo considerando o seu tamanho e a ativa e robusta forma física, para sua surpresa, nenhum dos participantes formalizou qualquer reação contrária à sua presença. Muito ao contrário, uns nem notaram que ele passava, e os poucos que o viram não emitiram nenhum som ou gesto. Mansamente, ele procurou os seus colegas assistentes, ficando ao lado deles.

Os acontecimentos seguintes comparavam-se a um “discurso silencioso”, se é que podemos empregar essa metáfora extravagante. Mas ninguém poderia enganar-se sobre isso porque, de vez em quando, um dos que ouvia – mais uma metáfora? – levantava as asas dando um salto para a frente, e outros mais ousados ou exagerados não se continham, acrescentando à dramatização um voo de cerca de um metro e meio, planando imóvel por cinco a dez segundos. Toda a encenação do encontro durou em torno de dez minutos, e a sequência dos fatos, talvez até improvisados, foi um alçar voo dos assistentes alados em companhia de um reduzido grupo, podemos dizer, de alunos. No total, deslocaram-se aos céus sete a dez urubus.

O que se viu foi um verdadeiro show alado. Pararam alguns circunstanciais pescadores que voltavam para casa, o que também fizeram três camionetas em que seus donos rumavam a passeio na cidade. Um deles aproximou-se do Doutor Pedro Otávio, identificando-se ambos como proseadores de fim de tarde. Os pescadores que haviam parado e que adoram ouvir e contar histórias sobre fatos inusitados, principalmente, para aumentá-los e dar-lhes a sua própria versão, juntaram-se num só grupo e ficaram a olhar para cima, revelando admiração pelo que viam. A comitiva alada seguia à frente, todos emparelhados, e os outros, lado a lado, numa reta só, assim dando a certeza de que eram partícipes e completavam o espetáculo. O conhecido do Doutor Pedro Otávio disse, gratificado emocionalmente:



– Eu jamais presenciei uma exibição dessa natureza. Tenho visto demonstrações previamente bem treinadas feitas por pilotos experimentados na arte acrobática nos ares, mas uma exibição semelhante e executada por urubus, sem nenhum adestramento prévio, não, isso eu nunca vi.

O Sol já se mostrava disposto a desaparecer, pondo-se a oeste do horizonte, ou seja, para quem está de frente para o norte, do lado esquerdo; chegara o seu ocaso. Logo, os que estavam apreciando o cenário, e os próprios “artistas”, buscariam o seu destino: as suas residências e os bares, para onde certamente os pescadores se encontrariam com seus parceiros antes de ir para casa, enfim, a noite os esperava para a rotina cotidiana. De fato, aos poucos, as despedidas aconteceram. O Professor Luis e sua tropa partiram para casa, e dessa vez Átila os acompanhava, mas por pouco tempo, certamente até se assegurar de que os praticantes do “voo nas alturas” tivessem tomando a direção do sítio. No tempo de um susto chegaram em casa, e, no portão, deram-se conta de que os assistentes estavam rodeados por outros bichos, e Átila os ajudava na interlocução. Ao ver todos entrando, sabendo que o Professor Luis não abandonava a sua chave, correu até eles e novos afagos foram trocados. Átila volveu o olhar para onde estava, percebendo que os donos da casa, convidados e De Jesus, se encaminharam para os preparativos do jantar. Em torno de 18h30min, o Professor Luis e caminhantes sentaram-se na varanda aguardando o chamado para o repasto, que, certamente, não os faria esperar muito. Estava remoendo pensamentos, quando então o Professor Luis parece ter-se lembrado de algo importante e passou a inquirir o Doutor Etevaldo:

– Meu amigo e companheiro, foram tantas as novidades que ocorreram em nossa caminhada que nós não nos recordávamos. Nós notamos que você estava com um novo tipo de instrumento, mas não me ocorreu que se tratava de uma máquina fotográfica, talvez mais potente e com um alcance maior. Na minha imaginação, não passava de um smartphone ou outro aparelho do gênero, todos desconhecidos para mim. Você realmente registrou todas as principais cenas, fotografando-as, para utilização em nosso blog e para tê-las em arquivo da biblioteca da ECBA?

– Eu não creio que você pudesse imaginar que eu deixaria de registrar os fatos mais importantes de nossa recém-caminhada. Não, isso não é



possível! Pois bem, além das costumeiras fotos da praia e sua orla, dos bichos e transeuntes, nada, nenhuma das novidades de hoje me escapou. Todos nós apareceremos, em posições diferentes, em mais de uma foto. Portanto, está garantida para o blog a nossa imagem, a dos assistentes e da nossa praia. A nova máquina que adquiri é uma “DSC-H100” fabricada por uma importante indústria do ramo, é digital, sendo a sua maior vantagem o fato de propiciar a passagem do amadorismo para a trajetória inicial do semiprofissionalismo.

O Doutor Pedro Otávio chegou à porta, intervindo na conversa:

– Eu não sei se ouvi bem, parece-me que discutiam sobre fotografias. É verdade? Eu bem que observei nosso Doutor, de vez em quando, andar de gatinhas, empunhando o que me pareceu uma máquina fotográfica. Mas essa era diferente da anterior, aquela que foi usada na praia para registrar o bando de vândalos que, bêbados, intentaram contra a vida de alguns urubus, usuários da praia na obtenção de seu sustento.

– Papai, era justamente sobre esse assunto que falávamos antes do senhor chegar. Entretanto, o assunto agora é amainar a nossa fome. O jantar está posto? Podemos ir?

– Desculpe-me, Doutor Etevaldo, eu estou aqui somente para convidá-los para se fazerem presentes, no entanto, como a conversa me interessava e minha língua é grande, deu no que deu. Então vamos, não percamos mais tempo!

Embora a televisão estivesse ligada, todos pareciam não dar atenção aos assuntos veiculados. Sentados e com vorazes apetites, cuidavam em dar início aos rega-bofes, servindo-se fartamente como sempre gostavam. O Doutor Etevaldo e o Doutor Pedro Otávio foram os primeiros a entabular conversa. As intervenções amiudaram-se, e, num determinado instante, o Professor Luis teve que intervir para acalmar os mais exaltados.

– Atenção! Prestem atenção. Nós sempre, quando estamos à mesa nos alimentando, continuamos a conversa, mas não deixamos de ser equilibrados. Não é necessário que fiquemos em silêncio, porém, vamos nos acalmar, não interferir quando um companheiro estiver falando, e comer, que é o mais importante.



Os ânimos serenaram de imediato. Então, o jantar passou a ser a primeira prioridade. Mas os conversadores continuaram. O Professor Luis foi o primeiro a encerrar, seguido apenas de seu amigo, Professor João Paulo, que desejava falar-lhe sobre algo que soubera por meio de um telefonema de sua mulher. Ambos foram à toailete e combinaram de encontrar-se na varanda. Os dois chegaram quase ao mesmo tempo e sentaram-se.

– De que se trata, João Paulo? É alguma coisa que vai demorar uns dez minutos? Se for assim, acho melhor afastarmo-nos para um pouco mais longe daqui. O que você acha?

– Acho melhor, meu amigo. Não é um assunto de tirar o sono e nem de causar grandes preocupações. Entretanto, devo logo dar-lhe ciência, porque deverei tomar algumas decisões quando estiver em Fortaleza na segunda-feira. O fato é o seguinte: o meu Professor orientador, em Massachusetts, nos EUA, ligou para a minha casa informando que necessitava falar comigo com urgência. Explicou que deveria tomar algumas decisões acerca do curso a que me candidatei na Universidade de Massachusetts. Eu não sei se você está lembrado, mas há cerca de seis meses eu fiz uma inscrição para os cursos de pós-graduação em Ciências da Computação, especificamente, em Robótica, e também em Ciências da Natureza, direcionado para Matemática e Física. A resposta do Instituto de Tecnologia de Massachusetts chegou às minhas mãos no fim da semana passada, dando-me apenas vinte dias para ir lá, apresentar meu currículo e os documentos comprobatórios. É evidente que eu não posso precisar as ilações decorrentes das informações que me forem fornecidas. Tenho convicção, apenas, de que a minha presença nas reuniões, talvez eu somente possa manter a da próxima semana, porque como tenho vinte dias de prazo para lá me apresentar, é possível que viaje na terceira semana depois desta.

– Realmente, meu dileto amigo, não é uma má notícia, mas, para os nossos trabalhos na ECBA, é melhor pensarmos numa saída depois que você receber as informações completas sobre o dia que será necessária a sua saída de Fortaleza para atender ao chamado de seu orientador. Além disso, convém, adicionalmente, saber o tempo determinado para ficar lá antes de retornar para um período mais extenso, ou seja, o início do semestre universitário. É razoável acalmarmo-nos para não anunciarmos,



precipitadamente, ocorrências fundadas em presunções. Amanhã, alguns assuntos necessitam de uma finalização, principalmente, as temáticas da pré-agenda para quinze ou trinta dias. Assim, é melhor retornarmos agora à sala da televisão, e, em seguida, descansar envolvidos por um bom sono reparador das energias despendidas, abençoados por sonhos alvissareiros e de paz profunda. Vamos lá!

O Professor Luis ficou um pouco no quarto de hóspedes, onde conversou, antes que os visitantes “pegassem no sono”, sobre algumas questões que desejava, ainda naquela noite, equacioná-las e iniciar no domingo, logo cedo, a sua exposição. Quando observou que não era mais ouvido, retirou-se e foi para a sua mesa de estudos e digitou, como era sua intenção, as temáticas que imaginava serem as mais coerentes para uma agenda de trinta dias. Ao concluir, deitou-se em sua cama, ao lado esquerdo, e adormeceu.

Estava inquieto e apreensivo o Professor Luis durante a primeira refeição. Quase nada de amenidades ou sorrisos simpáticos, e, mesmo sem se mostrar grosseiro, todos compreendiam que o seu comportamento era fruto de suas preocupações com o desenvolvimento da reunião. Foi o primeiro a encerrar o café da manhã, avisando a todos que os esperaria na sala de reuniões. Assim dito, assim feito. Em lá chegando, encontrou os assistentes já reunidos e logo notou uma sinalização do Semeador dando a entender que precisava da sua atenção. Então, ele não se sentou, indo diretamente em direção ao grupo. o Semeador colocou a sua questão:

– Companheiro e Mestre Professor Luis, nós estávamos finalizando uma discussão que já dura cerca de dois dias. O resultado final, de agora em diante, resume-se em duas questões: a) Sabemos que nesta manhã, ou durante todo o dia, daremos um encaminhamento final sobre quais e quantas temáticas e o prazo para agendá-las; b) Se o nosso grupo poderá se candidatar pela responsabilidade do desenvolvimento de uma delas, nesse caso, Mestre-1, usando a mesma sistemática da vez anterior, será o nosso representante. E, para finalizar, gostaríamos de ter acesso ao acervo bibliográfico da ACAPA/ACPA, o mesmo que será disponibilizado aos nossos outros companheiros. Não se preocupe porque temos experiência na utilização desse tipo de material. Muito obrigado, Professor, por sua boa vontade e atenção!



O Professor não se apercebeu de que o ambiente estava completo. Todos o aguardavam para a continuidade dos trabalhos.

– Muito bem! Garanto que vocês não mais me surpreendem. Pessoalmente, concordamos e poderíamos responder afirmativamente às duas questões colocadas. Mas nós da ACAPA/ACPA não decidimos nada sozinhos, unilateralmente. Vamos aguardar a sequência da reunião para que possamos colocá-las para todos avaliarem-nas e posicionarem-se. Mais uma vez, muito obrigado mesmo!

– Ótimo, todos foram pontuais. Desculpem-me pelos pouco mais de cinco minutos, porque tivemos que atender ao chamado de nossos assistentes, o que para mim é uma ordem, e, no decorrer da reunião, no momento apropriado, relatar-lhes-ei o que tratamos. Vamos então ao objetivo principal desse encontro de domingo. Compreendam bem que estaremos mostrando uma proposta de agenda para trinta dias, com seis temáticas. Ao encerrarmos nossas atividades do dia de hoje, às 16h30min, deveremos ter decidido sobre o prazo, quinze ou trinta dias; a validade das temáticas apresentadas; e o nome do responsável pela condução e coordenação de cada uma delas. Sem mais “palanfrórios”, enumeraremos a seguir as temáticas para uma pré-agenda. Antes, deixem-nos entregar-lhes uma cópia do que iremos dizer, digitada ontem à noite. Vejamos, então.

1. As Ciências naturais. Ensino e aprendizagem – fundamento para a compreensão do universo.
2. Filosofia, Psicologia e Epistemologia para o entendimento das causas da criação dos seres existentes no planeta Terra e fora dele.
3. Mente, Consciência, Pensamento, Inteligência e Intuição. O inter-relacionamento é aleatório? Existe uma hierarquização?
4. Transcendentalismo, Humanismo e Transumanismo são fatos morais e sociais. Como fenômenos, podem ser alcançados por qualquer ser criado?
5. Abdução e Alienígenas – quais inferências podem ser caracterizadas como fatos comprovados?
6. A vida ética e moral dos ímpios ou impiedosos sem fé comparados aos adeptos e praticantes recomendados por Deus: Lao-Tsé, Confúcio, Buda, Jesus, Maomé, Alexandre e Nero.



– Observei que a listagem das temáticas mostrou certa incredulidade, talvez pela abrangência delas em seu conjunto. No entanto, desejamos lembrar-lhes de que não é necessário que sejamos psicólogos, filósofos ou mesmo matemáticos, por exemplo, para que nos interessemos por essas ciências e ousemos, se assim é lícito dizer, pesquisá-las e estudá-las. Basta reportarmo-nos a Newton e Einstein, que, embora físicos, foram buscar na Matemática os recursos necessários para o prosseguimento de suas teorias. Em consequência, foram descobertos o cálculo infinitesimal e as leis da gravidade. A palavra está à disposição de todos os presentes.

O Professor João Paulo foi o primeiro a pedir a palavra. Ergueu-se de seu assento, e, de cenho franzido, mostrando preocupação, muito provavelmente em face da convocação do MIT enviada por seu Professor orientador, iniciou sua intervenção:

– Bem, meu amigo e mestre Luis, todos os seus argumentos são válidos, sem contestações. Concordo com o prazo de 30 dias, mas nós proporíamos a junção da primeira temática com a segunda, passando a ter a seguinte redação:

“O inter-relacionamento entre Mente, Consciência, Pensamento, Inteligência, Intuição, Filosofia, Psicologia e Epistemologia é aleatório e existe uma hierarquização desses fenômenos, para o entendimento das causas da criação e dos seres existentes no planeta Terra e fora dele”.

– Numa perspectiva de complementação dessa proposição, sugerimos e submetemos a sua aprovação a todos os membros que, de acordo com a nossa interpretação, constituem o “Grupo de Conselheiros da ECBA”. Por sua vez, a responsabilidade e coordenação da nova temática devem ser outorgadas ao Professor Luis, ao qual nos ajuntaremos. Para efeito de decisão, incorporamos a sugestão de que os atos decisórios do “Grupo de Conselheiros da ECBA” deverá ter unção unânime.

O Doutor Pedro Otávio foi o próximo solicitante a emitir o seu ponto de vista.



– Bem, companheiros, nós até pensávamos em mostrar nossa posição após ouvirmos as colocações dos demais participantes. Mas, como dizem os políticos, por uma “questão de ordem” decidimos intervir neste momento. A “questão de ordem” é a seguinte: cada um de nós deverá informar sobre três assuntos, como já o fez o Professor João Paulo: o prazo, a temática e a indicação de coordenação e responsabilidade, se unilateral, ele próprio; ou bilateral, em conjunto com pelo menos mais um companheiro. A nossa dúvida, usando da paródia aos políticos, é se convém para o andamento objetivo da análise e votação dos posicionamentos que o façamos quando todos concluírem, principalmente, agora que as decisões deverão ter unção unânime. Também não causarão dificuldades de interpretação os complexos e diversificados assuntos que estarão sendo autoquestionados de uma só vez? Desse modo, coloco a “questão de ordem” em discussão.

O Doutor Etevaldo, acostumado a lidar com questões dessa natureza, ergueu-se sabendo que contribuiria com mais critério que os outros.

– Eu adorei a paródia aos políticos. A “questão de ordem” é um fato corriqueiro entre eles. Mas, vamos ao que interessa. Na verdade, são duas as questões alegadas: a) se convém para o andamento objetivo da análise e votação dos posicionamentos, que o façamos quando todos concluírem; e b) se não causarão dificuldades de interpretação, os complexos e diversificados assuntos que estarão sendo autoquestionados de uma só vez. Nos dois casos, qualquer decisão que for tomada não livrará nenhum de nós de concentrarmo-nos sobre “os complexos e diversificados assuntos” das temáticas. Então, o que fazer? É difícil acertar porque, depois de enveredarmo-nos por qualquer dos dois caminhos, somente nos restará apelar para a intuição e arriscar! Uma derradeira sugestão que ousamos explicitar é que, tanto a votação quanto o tempo gasto nas exposições devem ser objetivamente pronunciados, e, na medida do possível, racionalizados. Isso significa dizer que a solução é a decisão por “*ensaio e erro*”, ou seja, testaremos uma das hipóteses e, se der certo, prosseguiremos até ao final. Se o oposto acontecer, a segunda hipótese entra em cena. Não sabemos se nossa iniciativa piorou e nada esclareceu, mas foi uma tentativa assumida de muita boa vontade.



Sorridente, bem-humorado, o Professor Luis, alto e bom som, interferiu em tom jocoso.

– O nosso inestimável e competente Doutor das leis portou-se como fazem os grandes causídicos. Essa é uma prática dos amantes da ciência do Direito: fortalecer a dúvida fundada em uma argumentação plena e solidamente justificada. O que é diferente das convicções construídas ao longo da vida e inerentes a cada um de nós: as nossas opiniões. Portanto, respeitável amigo de todos nós que fazemos a ACAPA/ACPA, não nos foi dada uma opinião, mas um parecer técnico do qual somos todos devedores. Para finalizar, dar-lhes-ei agora a minha “opinião” e convido todos a adotarem o mesmo procedimento. Então, sugerimos que seja feita, uma por uma, a votação das temáticas e do nome, ou dos nomes dos seus coordenadores. Reitero ainda a proposta do Doutor Etevaldo quanto ao tempo utilizado nas exposições, que deverão ser objetivamente pronunciados, e, na medida do possível, racionalizados. Em primeiro lugar vamos votar a nossa sugestão, em seguida agendaremos a ordem das participações. Na votação, será dito “SIM” por aquele que concordar, ao contrário, “NÃO”. Prossigam, rejeitando ou aprovando!

A votação da sugestão, democrática e unanimemente, durou em torno de dez minutos. O “SIM” foi aprovado. Em consequência, a primeira e a segunda temática serão agendadas prioritariamente. Mas existia uma questão não finalizada que deveria ser resolvida em plenário. O Professor Luis teve que, novamente, interferir:

Ao subir para a nossa reunião, já estava em atividade o grupo de assistentes, o qual gostaria de transmitir algo de importância para eles.

Usando as mesmas palavras de seu representante, o Semeador, questionaram sobre o seguinte assunto: “o nosso grupo poderá se candidatar pela responsabilidade do desenvolvimento de uma das temáticas, e, se afirmativo, nesse caso, Mestre-1, usando a mesma sistemática da vez anterior, será o nosso representante. E, para finalizar, gostaríamos de ter acesso ao acervo bibliográfico da ECBA, o mesmo que será disponibilizado aos nossos outros companheiros. Não se preocupe porque temos experiência na utilização desse tipo de material”.

– Se houver concordância, com unção unânime, deveremos dar a eles a escolha de uma das quatro temáticas restantes. Como temos carência



de tempo, chamaremos agora, nominalmente, os presentes para que seja decidida a solicitação apresentada. Lembrem-se de que eles serão agendados para a segunda colocação.

A votação foi realizada e todos concordaram com a pretensão dos assistentes. Alguns registraram o desejo de que, antecipadamente, fosse revelada a temática preferida. Caberia ao Professor Luis anuir ao pedido.

– Não tenho nenhuma discordância. Acato, sem acréscimos, a decisão que teve unção unânime. Chamo agora o Semeador para, em nome dos assistentes, dizer-nos quanto a temática de sua preferência.

Uma inusitada descoberta: os caminhantes, os urubus errantes e o voo nas alturas

– Estamos encerrando e vamos cumprir a parte que nós não medimos esforços para fazê-la, a nossa caminhada. É conveniente apressarmo-nos porque hoje é dia de viagem, e, ao retornarmos da praia, teremos um “jantar de despedida” que significará, também, um “até a próxima semana”.

Rapidamente o grupo desfez-se, e todos foram vestir a “farda” apropriada à caminhada. Sem muita demora chegaram às areias da orla, e lá sentiam-se como defumados onde as substâncias aromáticas eram o cheiro que infundia a voluptuosidade emitida pela fragrância das algas e da água do mar. A estrela reluzente sorria-lhes, num caloroso e abençoado *“Obrigado! Muito obrigado por virem me ver! O nosso amado e bom amigo Deus haverá de abençoá-los. Mas, mesmo antes de chegar a hora, despeço-me com um afetuoso boa noite, dado antes do momento apropriado em que devo me ocultar”*.

Por apenas alguns segundos “o grupo caminhante” diminuiu o ritmo, mas logo todos seguiram em frente, como sempre, felizes e sorridentes. A comitiva caminhante com a mesma formação, onde uma encenação ortodoxa se repetia. Olhando-se à frente do segundo grupo, via-se o primeiro, e seus participantes mais pareciam passistas de uma escola de samba em treinamento. Tudo acontecia de modo desordenado. Enquanto uns erguiam os braços, outros se abraçavam, saltitando aqui e acolá. A figura discrepante pela idade e pelo andar feito caranguejo, indo para a frente, mas, andando de costas, posava como “porta-bandeira”. Foliões



e folionas esbanjavam contentamento, e a cena vivida de um carnaval burlesco não mostrava a quem os olhasse que estavam prestes a viajar.

O segundo grupo apressou-se em acompanhar os alegres carnavalescos em vista da aproximação do local dos urubus, que pareciam não ser mais errantes. Em poucos minutos, todos estavam juntos. Justamente quando os avistaram e constataram que, na pequena plataforma plana, apenas ali se encontravam parte deles, que, ao vê-los, imediatamente, se aproximaram. Pareciam preocupados, e, olhando para o céu, alguns balançavam a cabeça em um gesto de reprovação. Os caminhantes entenderam o recado que eles tentavam passar, e também os imitaram olhando para o firmamento. Para surpresa geral, no céu estavam três errantes em tentativas vãs de reproduzir as acrobacias de Mestre-1. Mas, um deles, somente um deles, não desistia e, a cada tentativa frustrada, a repetia com mais ímpeto e entusiasmo. Como era belo ver os sucessos e insucessos que se intercalavam, um após o outro. Configurava-se a hipótese de que obstinação e pertinácia nunca foram prerrogativas unicamente humanas. Certamente que o “aprender mais para melhorar mais” mostrava-se a nós com uma evidência incontestável. Os caminhantes decidiram retornar, mas foram impedidos por sete errantes que pousaram defronte deles, levantando apressadamente uma das asas, e, o mais arrojado, que estava voando, correu o seu olhar em direção de todos, parou, olhou fixamente nas pupilas do Professor Luis, e, numa comunicação mental, disse-lhe: *“Informe ao nosso Mestre que estamos sentindo a sua falta, os seus ensinamentos foram preciosos a cada um de nós. Estamos praticando o ‘voo nas alturas’, mas, sozinhos, fica muito difícil. Ele pode ter certeza de que continuaremos seguindo suas orientações e jamais desistiremos. Por favor, diga-lhe também que nós o abraçamos como um grande amigo e amado mestre”*. O diálogo mental foi encerrado, e como só estava visível uma réstia iluminada da “estrela reluzente”, errantes e caminhantes dispersaram-se, certamente com os mesmos objetivos: ir para as suas moradas. Os caminhantes não mais interromperam os seus passos, e, em breves minutos, estavam na estrada aproximando-se do sítio.

O Professor Luis, ao chegar, foi até a sala de aula dos animais e ali se encontravam todos os Professores, Átila, Pitágoras e Mãe Ganso. Parecia que a aula já acabara e havia somente uma troca de ideias. Então, sentindo que poderia transmitir a Mestre-1 o recado que recebera na praia, sem



incomodar-se com os outros, disse-lhe do ocorrido, inclusive, revelando o teor da mensagem, terminando com um comentário.

– Meus companheiros amados, fizemos questão de vir logo para cá e contar-lhes o fabuloso encontro que mantivemos com o grupo dos “urubus errantes”. Existe um deles, o qual estamos nominando de “arrojado voador”, que realmente surpreendeu! Foi uma bela tentativa de reproduzir as suas acrobacias, Mestre-1, e, sobre isso, falamos para o nosso grupo de caminhantes: *“Como era belo de se ver os sucessos e insucessos que se intercalavam, um após o outro. Configurava-se a hipótese de que obstinação e pertinácia nunca foram prerrogativas unicamente humanas”*. Certamente que o “aprender mais para melhorar mais” mostrava-se a nós como uma evidência incontestável. Repetimos: “viver a vida com obstinação e pertinácia” é o que impele todos nós, seres criados por nosso amado e bom amigo Eterno e Divino Ser Cósmico, a jamais desistir de pretensões que são possíveis de se realizarem. Devemos lembrarmos sempre de que “sucessos, insucessos, erros e acertos” podem tornar-se até autorreversíveis, dependendo da nossa capacidade de pertinácia e obstinação. Essa foi a maneira como interpretamos a atitude do “arrojado voador”. Estendo tal interpretação aos Professores urubus do sítio.

UM JANTAR DE DOMINGO – CONFUSO NO INÍCIO E ESCLARECEDOR AO FINAL

Após as despedidas, cerca de meia hora depois, o Professor Luis já estava sentado no alpendre a esperar o conhecido convite, geralmente do Doutor Pedro Otávio: “Vamos, a mesa está posta”, o que não demorou muito, e, logo ao chegar à mesa, sentiu algo no ar, mas abancou-se em seu assento preferido; certamente queria conversar para inteirar-se dos acontecimentos. Demonstrando tranquilidade, mas com ar de dúvida, esperou que o questionassem. O Doutor Pedro Otávio foi quem tomou a iniciativa.

– Luis, não prejulgue o que vamos dizer-lhe. Mas você não acha que aqueles urubus errantes da praia, principalmente, o que você chama de “arrojado voador”, poderão tomar a iniciativa de fazer uma inesperada visita ao sítio sem a autorização do Semeador e Mestre-1?

– Realmente, papai, estávamos refletindo exatamente sobre o que



presenciamos na praia. No entanto, a nossa interpretação difere da sua, levando-nos a posições mutuamente excludentes. Ou seja, enquanto a sua inquietação atrela-se a uma possível visita intempestiva, o que é bastante razoável, nós imaginamos que a mesma ação seja realizada, contudo, sem o caráter da aleatoriedade; mais precisamente, nós os convidaríamos para tomar parte da missa ecumênica, na qual o convite e as recomendações de comportamento estariam sob a responsabilidade do Semeador e de Mestre-1.

– Muito bem pensado! Muito bem pensado! Concordo plenamente.

O Doutor Pedro Otávio desejava acrescentar algo mais à conversa, sendo, entretanto, interrompido pela Professora Amélia que viera chamá-los para jantar, no que foi atendida imediatamente.

A mesa encontrava-se florida com os hóspedes apressando-se para seguir viagem, principalmente, os adolescentes, que, pelos inúmeros telefonemas trocados com seus amigos pelo celular, teriam uma segunda-feira repleta de atividades. Na pequena mesa ao lado da grande, a das refeições, existiam duas sacolas médias cheias de alguma coisa, certamente, com bolinhos, tortinhas e tortas, uma elaboração gastronômica de De Jesus e suas auxiliares, sob a orientação de Liz. Todos estavam acomodados, e o Professor Luis apenas encaixou-se entre eles. Ele, então, após servir-se, resolveu ouvir opiniões sobre a presença dos “urubus errantes” na missa ecumênica. Explicou a conversa que mantivera com seu pai sobre o assunto, e ficou aguardando as manifestações.

– Bem, ocorre-nos que este não seja sequer um problema, mas, se assim for considerado, ensejará a solução de outro – começou o Doutor Etevaldo de modo equilibrado, o que era do seu feitio. – Temos pensado sobre o local onde serão acomodados, no evento, Professores e alunos da nossa “Escola dos Animais”. Não devemos esquecer de que temos cerca de uma centena de animais, e, se todos optarem por estar presentes, não lhes será imposto nenhum empecilho para comparecerem, principalmente, porque a missa ecumênica, além de homenageá-los, necessariamente, deverá abrigá-los. Na verdade, o que desejamos não é exibi-los como se fossem troféus conquistados, mas tratá-los de modo respeitoso, como seres criados por Deus, portanto, nossos irmãos, apenas de espécies diferentes. Estávamos pensando em consultar o Prefeito João Batista para



verificar se ele poderia nos ajudar, emprestando alguns cavaletes, objetos que normalmente a prefeitura os tem, destinando-os a situações como essas. É importante contarmos todas as aves para solicitarmos somente os cavaletes suficientes. Não sei se nossa sugestão resolverá o pequeno problema. Perdoem-me, mas agora vou me despedir do farto e gostoso jantar que a “chefe” De Jesus e suas auxiliares nos estão servindo.

– Mais alguém deseja sugerir algo? Fazer acréscimos ao que ouvimos agora? À noite nos comunicaremos com o Prefeito João Batista e colocaremos a questão para ele – finalizou o Professor Luis, entre “mastigados e engolidos”.

– A ideia do Doutor Etevaldo, como sempre, foi abrangente, lúcida e objetiva. Mas outras providências de ordem interna dos diretores da ACAPA/ACPA carecem de providências, por exemplo, as recomendações para que o Semeador e Mestre-1 as transmitam aos errantes, e uma reunião com todos os animas para dizer-lhes sobre as normas de comportamento e os aspectos das etapas da cerimônia, um ou dois dias antes da data de realização da missa. Imagino que pensamos em tudo.

O PREFEITO JOÃO BATISTA “ANIMA A FESTA”: APENAS UM TELEFONEMA

O Professor Luis e os demais membros da associação que não se manifestaram ficaram satisfeitos, e passaram a tratar das suas amenidades preferidas. Desse modo, o “jantar de despedida” foi finalizado e os hóspedes seguiram para casa. Aquele era o momento ideal para ligar para o Prefeito João Batista, cerca de 19h30min, e assim Luis o fez, avisando primeiramente a seu pai, para não o privar do costumeiro noticiário televisivo.

– Boa noite, é o Professor Luis, do sítio, gostaríamos de falar com o Prefeito. Verifique, por favor, se ele pode atender.

– Boa noite, Professor, eu sempre poderei atendê-lo. Quais são as novidades?

– Meu caro amigo Prefeito, é que estamos ultimando as providências para a realização da missa ecumênica. Como é do seu conhecimento, o principal objetivo desse evento é prestar uma homenagem aos nossos animais, e, como registrou muito bem Doutor Etevaldo, o que desejamos não é exibi-los como se fossem troféus conquistados, mas tratá-los de modo respeitoso, como seres criados por Deus, portanto, nossos irmãos,



apenas de espécies diferentes. Para que tudo isso ocorra bem, precisamos acomodá-los de forma adequada, o que seria possível, se tivéssemos uns cinco ou seis cavaletes com as dimensões aproximadas de um metro e vinte de altura por um metro e meio a dois de comprimento. A prefeitura pode nos emprestar esse material?

– Neste momento, nós só podemos lhe dar parte da resposta. A prefeitura realmente tem os cavaletes e o empréstimo é possível. No entanto, não sabemos o estado em que se encontram e se as suas medidas coincidem ou se aproximam daquelas que lhe convém. Mas esse detalhe é perfeitamente contornável. Aguarde uma resposta definitiva e por escrito que enviaremos das nove às onze horas, no expediente de amanhã, juntamente com o ofício acerca das realizações da prefeitura, nas áreas de educação e saúde, para publicação no blog.

– Muito obrigado, Prefeito. Não se esqueça de que, nesta quinta-feira às 15h, na sala do Padre Francisco, dentro da igreja, realizaremos a já agendada reunião com seus convidados religiosos e os do padre, que participarão da missa ecumênica. Estamos entendidos? Boa noite, e que nosso amigo Deus nos ajude para tudo dar certo!

– Não se preocupe, nós não temos dúvidas de que tudo vai dar certo! Quanto ao último assunto, os nossos convidados já confirmaram presença na igreja na data e no horário combinados, para tratarmos dos detalhes do evento. Boa noite, amigo Professor Luis.

Ao ver que seu pai não estava na varanda, satisfeito com os resultados dos entendimentos realizados com o Prefeito, resolveu assistir ao noticiário. Observando que ocorria um dos intervalos de propaganda, sentado em sua cadeira, atualizou seus pais sobre a conversa que mantivera com o chefe do poder executivo. Não se deteve em muitos detalhes porque sabia que muitas perguntas fatalmente haveria de responder. E foi a Professora Amélia, olhando de soslaio para a televisão, quem o inquiriu inicialmente:

– Luis, nós não ouvimos nenhum comentário sobre a missa. Você está lembrado da reunião agendada para esta quinta-feira com o Padre Francisco, nós e os religiosos convidados?

– Minha amada mãe! Com o Freitinha está tudo acertado. Agora, junto ao nosso pároco, não tomamos a iniciativa de contatá-lo porque achamos



que não somos nós as pessoas mais indicadas para tratar desse assunto. Faça isso amanhã o mais cedo possível; a senhora sabe o horário mais conveniente para essa providência.

– Está bem – afirmou a Professora Amélia, concordando com seu filho. – Como amanhã é segunda-feira, não haverá a celebração da missa e certamente a minha amiga, secretária do Padre Francisco, já estará no escritório e poderá informar-nos sobre o que desejamos. Se houver necessidade e o padre estiver disponível, falaremos com ele.

As notícias não traziam nenhuma novidade, aliviando os teleouvintes, porque as novidades que ultimamente costumavam ouvir prendiam-se quase sempre a fatos desagradáveis, como ocorrências de guerras, guerrilhas e ataques terroristas nas suas diversas modalidades. Às vezes, algumas propagandas jocosas e interessantes despertavam mais atenção do que os fatos reais das nações, principalmente, pela beligerância que os caracterizavam. As notícias políticas assemelhavam-se aos programas cômicos: apenas divertiam e deles deduzia-se somente interesses particulares, abstraindo-se o bem-estar da população, enfim, do Brasil. O dia havia sido bastante cansativo, e a segunda-feira prometia muito trabalho. Com tais perspectivas, todos recolheram-se mais cedo para um precioso sono reparador das energias despendidas no domingo.

O amanhecer mostrava-se colaborador, e o sol, envolvido em uma manta amarela-alaranjada, salpicava raios vermelhos-púrpura, contribuía com a beleza geral, acompanhando o arrulhar das famílias de rolinhas, saudadas pelo cantar um tanto longínquo de xexéus, corrupções e bem-te-vis.

OS ARTIGOS PARA O BLOG, AS QUESTÕES DA OMEPE

ARTIGO DO GRUPO 1: HUMANISMO E TRANSMANISMO

Todos nós estamos acostumados com a utilização do prefixo “*trans*”. Quando afirmamos que algo foi “transformado”, falamos que alguma coisa mudou de forma. Por exemplo, na frase, “o boto do lago transformou José, o namorado de Gilda, numa tartaruga”. Se tal pudesse acontecer, o boto teria feito em José duas transformações: modificou a sua espécie, e, implicitamente, a sua forma. Em consequência, podemos perguntar: “O que vem a ser então o transumanismo”?



– É um evidente equívoco apressarmo-nos optando por emitir um conceito sem os pré-requisitos necessários para o entendimento adequado do termo. Em primeiro lugar, precisamos tratar do que chamamos de “humanismo”. Não é razoável apenas dizer que ele aconteceu, mas, antes, devemos considerar questões como: quais são as suas origens? Teve um fundador ou mentor? Resumidamente, podemos dizer que o humanismo é um herdeiro do iluminismo, que, por sua vez, foi gestado pelos filósofos Baruch Spinoza, John Locke, Pierre Bayle e outros, desenvolvendo-se até cerca de 1800, quando o enfoque filosófico mudou da “razão” para a “emoção”. A partir de então, o humanismo herdou o espólio deixado pelo iluminismo, e, ironicamente, quando do início das conhecidas “guerras napoleônicas”.

– Será que podemos dizer que o “transumanismo” é uma “transformação” do “humanismo”? Essa é uma tentadora ideia. Como poderemos mudar, fazer uma transformação, no “humanismo” a fim de que tenhamos o “transumanismo”?

– Ora, nós assistimos na mídia televisiva a fome e a miséria em diversos continentes, principalmente na África e parte da Ásia, onde a falta de alimento, violência, estupro e terrorismo destroem o significado da vida humana. Assistimos a essas notícias, e, passados alguns minutos, esquecemo-nos delas. Pelos menos poderíamos nos irmanar em preces vibratórias espirituais a Deus, aos santos, anjos, arcanjos, mentores e mensageiros, ao deitarmos, ou em momentos quaisquer, para, numa corrente universal de pensamentos e orações, pedir por aqueles que sofrem tanto? Será que essa seria uma proposta humanista?

– Vamos prosseguir tentando analisar os sete princípios ou fundamentos que nos darão, certamente, melhores condições para o entendimento da transumanidade.

Pensadores, filósofos, psicólogos e demais especialistas caracterizam o transumanismo como “um movimento internacional e intelectual” com alguns objetivos, tais como:

- Modificar as condições de vida dos seres criados;
- Gerar e implementar a emergência de novas tecnologias acessíveis, com o fito do aprimoramento de competências intelectuais, psicológicas e físicas dos seres criados;



- Neutralizar as possíveis e prováveis ameaças das tecnologias inovadoras, bem como maximizar os seus benefícios, e, nos dois casos, o uso ético na sua adoção.

Os avanços da tecnologia moderna alcançaram de forma irreversível a ciência médica. Por exemplo, aguardamos os resultados de estudos especializados, em maior ou menor nível de finalização, sobre vacinas contra dengue, AIDS, EBOLA e outras doenças. O mais relevante é a troca ou substituição de órgãos, que, ao serem implantados e disponíveis ao público necessitado, provavelmente, aposentarão os transplantes. Como será no futuro e como viverá um indivíduo com um fígado ou coração cibernético? Como será o procedimento de uma indústria farmacêutica para concorrer com as evoluções que se encaminham e que dispensarão o uso de medicamentos? Não se descarta, também, a hipótese não comprovada, mas apenas uma probabilidade, ou seja, a possibilidade evolutiva, que não diríamos da criação, mas da emergência de um ser que substituiria essa nossa espécie *homo sapiens* assim como nós fizemos aos nossos ancestrais *neanthertals*, em que a mesma evolução que nos transformou no que somos na atualidade dotará os “pós-humanos” de inteligência e cognição muito mais avançadas que os atuais “humanos” conseguem desenvolver. Analisaremos agora algumas perspectivas tecnológicas e suas óbvias consequências, em que, neste caso, a obviedade não é regra, e que surgirão com a implementação do transumanismo.

1. O trabalho dos especialistas geriátricos deverá mudar sensivelmente. Todos nós, mais cedo ou mais tarde, entraremos na fase final da vida, fase de aprendizagem final, conhecida jocosamente como “terceira idade”. Na verdade, as pessoas dessa fase são consideradas doentes, e esse modo carinhoso de chamá-las, muitas vezes, se estende a seus familiares. Não faltarão propostas tentadoras para o uso de práticas que objetivem a longevidade, mas o ciclo da vida deve seguir seu curso normal. O “viver eternamente” parece não se apresentar mais como um sonho irrealizável para alguns biólogos e geneticistas.
2. E se a substituição de órgãos vir a acontecer de forma indiscriminada, gerando a possibilidade de que seres humanos se transformem em verdadeiras máquinas? Essa alternativa abre a perspectiva de que governos autoritários possam criar exércitos de robôs con-



trolados para se prestarem disponíveis à realização de diversas atividades, inclusive, a serviços com fins militares? Então, como será possível imaginar que o entendimento da universalidade da consciência é eterno? A consciência perderá sua finalidade? Não terá mais função, ou razão de existir? Desaparecerá? Seremos, futuramente, seres sem cérebro e sem consciência?

3. Devemos estar atentos para os implantes neurológicos ou “neuroimplantes”. O que poderá ser feito aos nossos órgãos sensitivos? Não esqueçamos de que, por meio da Engenharia Genética, já estamos experimentando um período inusitado e bastante avançado. Estudos sobre a modificação do genoma desenvolvem-se; plantas e animais são prioridade no momento, em que aperfeiçoamentos estão em estágio adiantado. Entretanto, nada nos garante que o ser humano será o alvo seguinte; sem dúvida ele está na fila.
4. Homens e animais são inteligentes. Todo ser criado tem a capacidade de resolver problemas e aplicar a aprendizagem acumulada na criação de coisas novas. Tudo isso foi o responsável pela evolução humana. Estamos na perspectiva de uma estranha encruzilhada que, para enfrentá-la, não dispomos de uma opção segura. Não sabemos como se comportarão os “nano-robôs”. Como agirão no futuro? Como se comportarão com os recursos de uma inteligência artificial? Terão, eles próprios, que tomar essa decisão? Isso será possível, pois estarão dotados do que, na prática robótica já existe, uma “inteligência artificial”? Será que lhes será dada a opção de poder desenvolver, neste século, muito provavelmente nos meados dele, uma “cognição” como a de homens, animais e, quem sabe, das plantas? Diante disso, quais mudanças serão necessárias e virão a acontecer na cognição dos seres criados quando da implantação progressiva do transumanismo?
5. Vivemos na atualidade momentos de indefinição. Não temos respostas para muitos “porquês”. A média de vida humana está em torno de 70 anos e em ascensão. No intervalo dos próximos 20 a 40 anos, essa média alcançará os 120 ou 140 anos. Se não temos respostas para as interrogações do momento, será que, aceitando a perspectiva de que os problemas serão majorados, considerando-se o aumento irreversível da população, como resolveremos as futuras questões humanas que também serão maiores? Será que



continuaremos uma sociedade de elites privilegiadas e poderosas, convivendo com uma população de pobres, famintos e doentes que cresce exponencialmente a cada década?

6. Os estudos para a aplicabilidade de modificações ou aperfeiçoamentos do genoma, aliados aos “avanços cibernéticos”, forçosamente exigirão uma redefinição da palavra “pessoa”. A sociedade humana, no decorrer de sua evolução, criou personalidade jurídica apenas para os homens, eles são as “pessoas” do planeta. Outros seres criados não gozam dessa prerrogativa. Isso fará com que, durante as próximas décadas, somente os humanos tenham “personalidade jurídica”. E os seres cibernéticos? Continuarão sendo nano-robôs, ou, simplesmente, robôs? A ciência do Direito deverá criar jurisprudência para as questões que o transumanismo buscará respostas, como aquelas mostradas neste item.

No livro escrito pelo cientista Ray Kurzweil intitulado *Inteligência, consciência e a fusão homem-máquina*, retiramos um pequeno excerto:

Consciência é apenas uma função das partes reais (do corpo físico) ou apenas de seu modelo e organização? Se fizéssemos uma varredura neural não destrutiva do cérebro e sistema de uma pessoa e criássemos nova instância dela numa cópia de seu corpo, a pessoa nova seria a mesma que a anterior? E se o corpo anterior fosse destruído, a pessoa teria sido ‘morta’? E se apenas as pessoas que tivessem criado a nova instância do corpo tivessem conhecimento desta criação? Ele (o autor) considera que grupos mais avançados tecnologicamente acabam por dominar e coloca a questão: um planeta pode sustentar mais de uma espécie que crie tecnologia?

O Doutor Ray Kurzweil continua em seu livro e concorda que “[...] a inteligência humana é um produto da evolução”, e, em consequência, diz ele, pode superar quem lhe deu existência, de forma mais precisa. Ou seja, “ser mais inteligente que seu criador”. Ora, se admitirmos que a evolução foi criada pelo Ser Cósmico Universal, tal conclusão revela-nos um paradoxo, porque o autor da evolução e da inteligência humana criou uma inteligência superior à Dele. Para maiores detalhes, sugerimos a leitura do livro do cientista Ray Kurzweil intitulado *Inteligência,*



consciência e a fusão homem-máquina. Omitir-nos-emos de outros comentários, deixando os leitores interessados nessa alternativa para, na dúvida, questionarem-nos por essa mesma via.

No entanto, embora saibamos das múltiplas questões para as quais o *transumanismo* buscará respostas, a evolução tecnológica na robótica, na genética, nas ciências sociais, etc., que acompanhará as mudanças ao longo das décadas e dos séculos, se adaptarão conforme as necessidades. A “adaptação é uma implicação da evolução” desde o início dos tempos: dos universos, das galáxias e do planeta Terra. Não temos nenhuma dúvida disso, mas, até quando? Sabemos que a existência do sistema solar está limitada às vésperas da explosão do astro rei, o nosso sol, incluindo-se o planeta que habitamos agora. Pensamos que, antes do prazo final e fatal, para tudo que sobrar – humanos, não humanos, etc. –, já terão sido tomadas as providências para uma nova morada onde, sozinhos ou coabitando com extraterrestres que desenvolveram inteligências do mesmo nível que as nossas ou superiores, e, então, daremos continuidade ao “Plano do Ser Cósmico Universal”.

O ARTIGO PARA O BLOG DO SEGUNDO GRUPO E RESPONSÁVEL PELA TERCEIRA TEMÁTICA

Coordenador: Doutor Pedro Otávio

– A todos que leem neste momento este artigo, recebam nossos votos de muita paz e felicidade. É nosso propósito escrever, comparativamente, sobre a vida ética e moral de personalidades da história da humanidade como Lao-Tsé, Confúcio, Buda, Jesus, Maomé, Alexandre, Nero e outros que poderão ser referidos, se necessário, a título de complementação. Alertamos que este artigo não tratará, em si mesmo, sobre ética e moral. Adotaremos o caráter da interatividade ao longo da exposição, para incentivar a participação dos leitores interessados, e, também, porque temos outro artigo de autoria da Doutora Anabeth, membro do nosso grupo. Assim, essa decisão, além de proporcionar espaço suficiente no blog para os escritores dos demais grupos, ensejará a efetivação do nosso objetivo: incentivar a participação dos leitores, que poderão nos questionar acerca dos assuntos aqui veiculados.



Muitos de nós, seres criados por Deus, Alá, Suprema Energia da Essência Cósmica, Mente Universal, etc., temos refletido sobre um tema que durante séculos nos angustia e desde remotos tempos tem preocupado filósofos e teólogos: Por que estamos aqui? O que somos e para onde vamos? Se quiséssemos responder, não é aconselhável fazê-lo sem transformar a pergunta inteira em três: Por que estamos aqui? Ou, de outra forma: qual a finalidade de existirmos no planeta Terra? Ou, ainda: por que motivo não existimos em outro planeta, galáxia ou universo? Evidentemente, é difícil responder a perguntas dessa natureza porque a resposta está com o ser que nos criou, e, para nós, habitantes do planeta Terra, tudo o que disséssemos se fundamentaria em fatos da nossa realidade, na verdade, apenas meras especulações estariam a nosso alcance. Por exemplo, se um inventor cria uma máquina e não revela a ninguém a sua finalidade, a razão de sua existência e utilidade, então, enquanto tais esclarecimentos não forem divulgados, necessariamente, pelo inventor, jamais se saberá que a máquina existe e para que serve. Esse raciocínio vale para as duas outras questões: O que somos? Para onde vamos?

Para o propósito deste artigo, nos situemos no século VI a.C., onde coexistiram pensadores e filósofos, talvez os que mais benefícios deixaram para a história da humanidade, como Lao-Tsé, Buda, Confúcio, o Profeta Jeremias, além dos filósofos matemáticos Tales de Mileto, Anaximandro e Anaxímedes, todos buscaram respostas para as três questões. Siddartha Gautama-Buda deixou-nos a seguinte reflexão:

Somos o que pensamos. Tudo o que somos surge com nossos pensamentos. Com nossos pensamentos, fazemos o nosso mundo.

Vamos agora registrar fatos relevantes da vida de Lao-Tsé, Buda, Confúcio, Jesus Cristo, Alexandre e Nero:

ACERCA DE JESUS CRISTO

– Para o autor da *História da raça humana* (p. 128), “[...] os hindus, os chineses continuavam a produzir seus homens de paz, enquanto Alexandre, Anibal e César aterrorizavam o mundo com suas ambições e morticínios”. Referindo-se aos sábios hindus e chineses, principalmente Lao-Tsé e Confúcio, o historiador (p. 129) afirma que, se traduzirmos as palavras do chinês para o hebraico e depois para o aramaico, “elas serão as palavras que um profeta judeu proferiu do seu púlpito das montanhas, sob o céu



azul da Galileia”. Esse profeta judeu foi Jesus Cristo. Vejamos, de forma resumida e generalizada, a diferenciação entre o Jesus Cristo mostrado nos evangelhos e o terráqueo, *homo sapiens*, igual aos milhares de outros humanos que, à época, viviam em nosso planeta.

O nome oficial que Buda que recebeu, ao nascer, foi Siddartha Sakya-Muni Gautama, o qual se traduz por “Gautama que pertence à tribo Sakya e que atingiu a meta da perfeição”. E, como disse o historiador H. Thomas, “Nasceu no norte da Índia, à sombra do Himalaia, e, quando criança, com certeza contemplou frequentemente aquela montanha [...]”. Foi assim que Buda cresceu e se tornou adulto.

Conta-se, também, (H. Thomas, p. 39) que, quando saiu pela vez primeira em visita aos arredores do seu vilarejo, testemunhou cenas que, até àquele momento, eram inimagináveis para ele. Por exemplo, “[...] *um ancião alquebrado, cujo corpo estava apodrecendo antes da morte*”, e, em seguida, ainda no caminho, presenciou “[...] *um cadáver insepulto, inchado, descorado, coberto de trapos e de um enxame de moscas*”. Então, e diante da afirmação do cocheiro, “*A vida também é assim*”, Siddartha Sakya-Muni resolveu tomar a decisão que mudaria todo o seu modo de viver¹⁹.

– É importante olhar um pouco para a herança de pelo menos dois ímpios, dentre os milhares que existiram e ainda existem no planeta Terra, tais como Alexandre – filho de Filipe, rei da Macedônia – e Nero – o imperador assassino da própria mãe. No mundo dessa época reinava a violência, e a disputa pelo poder era o objeto; apesar das palavras de Buda, Confúcio e Jesus, que pregavam o comedimento, a misericórdia e a compaixão.

MENTE, PENSAMENTO E CONSCIÊNCIA

Para alegrar essa despreziosa exposição, serão vistas, a seguir, algumas perguntas formuladas pelo Doutor John Searle em um excerto do seu livro *Mente, cérebro e ciência* (p. 17-20).

[...] Pensamo-nos como agentes conscientes, livres, atentos e racionais num mundo que a ciência nos diz consistir inteiramente em partículas

19 Para mais detalhes, sugerimos a leitura de Henry Thomas a partir da página 39.



físicas sem mente e sem significado. [...]. Como, por exemplo, pode ser possível que o mundo contenha apenas partículas físicas inconscientes e, no entanto, que contenha também consciência? [...]. (SEARLE, John. Pag. 1720)

O nosso propósito, ao trazer esses aspectos da consciência, restringe-se a relacioná-la com a questão inicial: Por que estamos aqui? O que somos e para onde vamos? E, em seguida, fazer as considerações finais sobre os ímpios e os virtuosos. Pode-se observar, em comportamentos ou ações, o trabalho que a consciência faz em comunhão com o cérebro, por exemplo: o ato de perceber, agir, apaixonar-se, de pensar e imaginar, de ter vontade, etc., realizados com objetivos específicos. A nossa liberdade de escolha advém de ações conscientes, do nosso livre-arbítrio. É possível dizer que somos o resultado das escolhas que realizamos²⁰.

– Para prosseguir, é necessário considerar alguns fatos complementares à pergunta inicial: “*será que a criação do homem não passa de um fenômeno natural igual a muitos outros, onde a evolução cuidou de transformá-lo de hominídeo para o moderno homo sapiens?* Restam-nos algumas opções. Uma delas seria tentar descobrir o porquê de comportamentos tão diferentes entre Confúcio e Nero, por exemplo. Uma outra questão seria averiguar as relações entre pensamento, consciência e o comportamento humano. No entanto, somos forçados, no encaixe do nosso objetivo, a buscar fundamentações adicionais. Para isso, conceitos básicos são necessários. Todos os órgãos do corpo humano são constituídos de células: o cérebro, o baço, o coração e outros as têm. No interior do núcleo celular, existem duas fileiras de proteínas que se juntam e se enrolam entre si chamadas de “Ácido Desoxirribonucleico”, em inglês DNA, mais precisamente uma molécula dupla de DNA no formato helicoidal. Os **genes** determinam os caracteres do indivíduo, por exemplo, a cor dos cabelos, dos olhos, etc. Finalmente, o Genoma é o conjunto de todos os genes do nosso corpo.

O resultado de uma pesquisa científica mostrada na internet sob o título *Cientistas Encontram DNA Extraterrestre em Humanos*, cujo teor original (um trecho dele) mostraremos a seguir, apoiará a sequência do nosso raciocínio:

20 Maiores detalhes podem ser conferidos com a leitura integral do Capítulo I – O Problema da Mente-Corpo.



Cientistas que estão trabalhando no Projeto Genoma ficaram perplexos diante de uma descoberta: eles acreditam que 97% das chamadas sequências não codificadas do DNA humano correspondem a uma porção de herança genética provavelmente de forma de vida extraterrestre [...]. São alguns em todos os organismos vivos da Terra, de células a peixes e humanos. Elas constituem grande parte do DNA humano, diz o Professor Sam Chang, líder do grupo. As sequências não codificadas, conhecidas como DNA-lixo, foram descobertas anos atrás e sua função permanece um mistério. A esmagadora maioria do DNA humano vem de fora do nosso planeta [...]

Não nos deteremos sobre infrutíferas discussões que em nada contribuem para o nosso objetivo acerca de posições contrárias ou a favor dos resultados obtidos e dos autores e instituições responsáveis pela pesquisa. Mas, segundo consta, a pesquisa foi realizada, e, portanto, podemos fundamentar nosso raciocínio nos resultados ou conclusões de que: “eles acreditam que 97% das chamadas ‘sequências não codificadas’ do DNA humano correspondem a uma porção de herança genética provavelmente de forma de vida extraterrestre [...]. A esmagadora maioria do DNA humano vem de fora do nosso planeta [...]”. Para negar ou provar que tais afirmações não são verdadeiras, a conclusão deveria ser: “A esmagadora maioria, 99%, do DNA humano, é do planeta Terra e não de qualquer fonte de vida extraterrestre”.

Para não nos resumirmos somente a um dos estudos realizados sobre o “DNA-Lixo”, referiremo-nos ao consórcio intitulado ENCODE, sigla na linguagem inglesa que, traduzida para o idioma português, torna-se Enciclopédia de Elementos do DNA, sobre o qual anotamos o seguinte:

Nos últimos anos, cientistas haviam se concentrado na parcela mínima do DNA, os genes que codificam e regulam a produção de proteínas dentro das células e que correspondem a 1% dos 22.000 genes do genoma. [...]. Desde a conclusão do projeto que mapeou o genoma humano, entre 2000 e 2003, o DNA-Lixo, na verdade, é quem comanda os genes, diz Mark Gerstein da Universidade de Yale, o qual participou da pesquisa. [...] Qualquer que seja o caso, as pessoas sempre associam informações significativas a uma mente inteligente – exceto quando essas informações estão contidas numa célula viva. Os evolucionistas dizem que, nesse caso, as informações simplesmente surgiram ou se



escreveram sozinhas. Mas será que isso é verdade? Analise as evidências. Informações complexas podem se escrever sozinhas?

Assim, pelo que acabamos de saber, embutido no interior do núcleo de cada célula do corpo, está guardado um código representado por duas fileiras de proteínas que se juntam num formato helicoidal: o DNA. Mas a descoberta e o mapeamento do DNA é realmente uma descoberta científica extraordinária, principalmente, no âmbito da genética, como a formação linguagem, da cor dos cabelos e dos olhos, etc. Entretanto, se desejarmos informações sobre coisas imateriais, por exemplo, o pensamento e a consciência, não existe nenhum DNA e seu respectivo código que os regule. Como corolário, a mesma coisa podemos dizer para responder às perguntas: O que somos? Por que estamos aqui? Para onde vamos?

– A diferença é que uns decidiram pela maldade, morticínio, traição e extermínio dos oponentes, e os outros, os virtuosos, tomaram o caminho oposto, vivendo a vida em harmonia, humildade, equilíbrio, tolerância, sensatez, serenidade, misericórdia e compaixão. Muitos dos apóstolos de Jesus: Simão, mais conhecido como Pedro, e seu irmão André; Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, além de Tomé, Mateus, Tiago e outros, eram exímios guerreiros e escudeiros do exército do Rei Davi. Eles deixaram ou trocaram as lanças e os escudos para seguir e ouvir os primeiros salmos proferidos por Jesus, tornando-se seus apóstolos. Sabemos que, para essa decisão, Cristo não os procurou, mas, hoje, todos eles são conhecidos pela escolha que fizeram.

– Existem ainda oito outros benfeitores da humanidade, que se destacaram por seus ensinamentos e com “idêntica tentativa de melhorar a vida de todos e criar relações mais justas e humanas, numa impressionante coincidência de propósitos e iniciativas”²¹. Todos são nossos conhecidos, mas citaremos apenas os mais antigos: *Krishna, na Índia (3000 a.C.); Lao-Tsé, na China (3000 a.C.); Moisés, no Egito/Oriente Médio (1291 a.C.); Buda, na região do Nepal/Himalaia (600 a.C.); Confúcio, no noroeste da China (550 a.C.); Sócrates, na Grécia (460 a.C.); Jesus*

21 Ver mais detalhes no site *Brasil Soberano e Livre*, artigo intitulado “Reflexões sobre os criadores das principais religiões”, cuja autoria é de Carlos Newton.



Cristo, na Palestina (originando uma nova contagem do tempo: antes de Cristo – a.C e depois de Cristo – d.C); e Maomé, no Islã (Mohammad, ou Muhammad, nasceu em 06/04/570, 570 d.C). Abstraindo-se suspeitas e especulações duvidosas, sabemos que, vivendo e convivendo conosco, existem inúmeros seres humanos, não necessariamente religiosos, que caberiam como perfeitos candidatos a mensageiros da Suprema Energia Cósmica, pelo empenho em suas vidas, tentando levar benefícios como harmonia, concórdia, paz e amor aos habitantes do planeta Terra.

– Porque, então, Nero e Alexandre decidiram não ser benfeitores da humanidade? Será que, segundo a concepção deles, seus procedimentos, contrários aos códigos de ética que eles bem os conheciam, eram normais e moralmente éticos? Lembremo-nos que Alexandre teve Sócrates como mentor, contratado por seu pai Felipe, que, sabendo do insucesso de sua missão, demitiu-se, e em resposta a esse ato de rebeldia, um desafio ao império, foi condenado e obrigado a beber o veneno “*ciccuta*”. A resposta a essa dupla questão parece-nos envolver caracteres psicológicos e socioculturais. Isso porque, embora tenha sido oportunizada a melhor educação aos dois, prevaleceram os aspectos socioculturais, eis que em suas infância e adolescência aconteceram desavenças matrimoniais na família, as quais levaram a traições conjugais, hetero e homossexuais, violência familiar, além de intermináveis guerras pelo poder e a anexação de territórios.

– Admitindo-se tais considerações, justifica-se a decisão tomada por Alexandre e Nero. No entanto, os pressupostos éticos, morais e educativos que fundamentam o comportamento humano pereceram diante da maldade e da feracidade. Chegamos assim a uma primeira conclusão: Nero, Alexandre e outros tantos perversos e amantes da maldade, abrigados por nosso planeta Terra, tomaram essas decisões por iniciativa própria, amparados pela lei do livre-arbítrio.

– Dos resultados das pesquisas existentes desde remotos tempos aos dias atuais, uma grande parte da população mundial acredita que todos os seres criados e o universo existe por iniciativa de um Ser Cósmico Eterno. Vejamos, sobre o assunto, pequenos trechos do livro *Uma Breve História do Tempo*, de autoria do renomado físico Doutor Stephen Hawking.

Estas leis [do Universo] podem ter sido originariamente decretadas por Deus, mas parece que ele deixou, desde então, que o Universo evoluísse com elas sem intervir nele. [...] Acredito na existência de Deus,



mas também que essa força divina estabeleceu as leis da natureza e da física, e depois disso não teve mais participação no controle do mundo.

Embora não concordemos na íntegra com as afirmações do Doutor Hawking, é necessário que as analisemos de forma adequada. A obviedade do contraditório repousa no fato de que um Ser Cósmico Eterno é o responsável pela emergência dos Universos e dos seres criados, humanos e não humanos, existentes na Terra ou fora dela. Os já citados, Krishna, Lao-Tsé, Confúcio, Buda, Moisés, Maomé e outros defenderam e criaram as religiões que permanecem na atualidade e possuem o maior número de seguidores. Todos eles, independentemente de propósitos individuais, acreditavam e defendiam a criação do universo, dos seres humanos, dos seres animados e inanimados; tudo foi (e ainda é) obra de um Ser Cósmico Eterno que continuou a dar amparo em toda a nossa vida terrena e depois dela, após a nossa morte. Pensamos que as próprias afirmações do Doutor Hawking embasam o raciocínio de que as leis da natureza e da física, sozinhas, não dão sustentação à hipótese de que o criador nos abandonou com um recado simples e breve: *“Eu já fiz a minha parte, de agora em diante é com vocês, cuidem-se”*.

– Ninguém pode negar as leis da genética, da física, da evolução e as leis da natureza em geral, e também, por exemplo, as leis da desencarnação e encarnação. Além disso, as leis da natureza e da física, por enquanto, não explicam a ocorrência de fenômenos como a telecinésia (termo da parapsicologia cujo significado é: deslocamento de objetos mentalmente sem a utilização das mãos), a telepatia, o canto das baleias jubartes e o retorno das tartarugas marinhas – exatamente ao local onde, dois anos atrás, nas areias da praia, enterraram seus ovos – no momento exato em que elas começam a eclodir; e muitos outros fatos ainda carentes de plausíveis explicações.

– Assim, achamos agora possível enumerar as conclusões originárias do raciocínio desenvolvido:

Nero, Alexandre e outros tantos perversos e amantes da maldade as praticaram por iniciativa própria, amparando-se na lei do livre-arbítrio.

Proposituras emitidas por cientistas brilhantes e competentes como o Doutor Hawking embasam a inferência de que as leis da natureza e da física, sozinhas, não dão sustentação à hipótese de que o criador nos abandonou com um recado simples e breve do tipo: *“Eu já fiz a minha*



parte, de agora em diante é com vocês, cuidem-se". O Ser Cósmico Eterno, além de fazer emergir o universo, criou seres animados e inanimados em planetas e universos onde ELE julgou apropriado para que a lei da evolução desempenhasse a sua função.

Agora, podemos tratar da questão inicial: Por que estamos aqui, o que somos e para onde vamos? É importante, para organizar as nossas ideias, que alguns registros sejam enfatizados.

A consciência não é matéria, qualquer coisa que se pode pegar, moldar, etc. O que é, então? Se prestarmos atenção, o trabalho que ela faz em comunhão com o cérebro revela-se por diversificados atos de ação; por exemplo, o ato de perceber, agir, apaixonar-se, pensar e imaginar, ter vontade, etc., realizados com objetivos específicos. A nossa liberdade de escolha advém de ações conscientes, do nosso livre-arbítrio. É possível dizer que qualquer um de nós é o resultado de nossas próprias escolhas.

– Lembremo-nos, mais uma vez, da afirmação do Doutor John Searle: *“A consciência é o fato central da existência especificamente humana, porque sem ela todos os outros aspectos especificamente humanos da nossa existência – linguagem, amor, humor, e assim por diante – seriam impossíveis”*.

Para emitir uma resposta, reunamos duas das três perguntas formuladas inicialmente, e, assim, obteremos uma outra expressão interrogativa, ou seja: “O que somos e por que estamos aqui?”. Uma resposta pode ser formulada como segue: “somos seres criados por um Ser Cósmico Eterno, colocados no planeta Terra para aprender sempre e melhorar sempre”. Desde o início de nossa vida, paulatinamente, aprendemos coisas: imitar os mais próximos, balbuciar sons e palavras; arrastarmo-nos no chão, engatinhar, e, depois de algumas quedas, aventuramo-nos a dar os primeiros passos. Mas essa forma de aprender a evolução cuida de fazê-la, principalmnt, porque ninguém jamais nos ensinou a andar ou a falar. O processo de aprender a aprendizagem é muito mais complexo.

No entanto, o ato de aprender a aprendizagem para a maioria de nós, seres criados, não é valorizada e nem tem a importância que merece. Não nos atemos ao fato de que a todo instante aprendemos. Aprendemos com os fatos e fenômenos da vida, com os sonhos que temos, dormindo ou acordados, e, também, aprendemos com o silêncio. Tente meditar para ouvir as vozes (sons, barulhos, ruídos, ideias e sugestões) do “mundo das ideias” existentes na eternidade cósmica; poderemos ser surpreen-



didados por “silêncios ensurdecadores”. Aprendemos com o nosso passado e, principalmente, com o passado dos outros, com o passado dos nossos antepassados. Por tudo isso, é ousadia afirmar que “Somos seres animados e inanimados colocados no planeta Terra pelo Ser Cósmico Eterno para aprender sempre”. Portanto, a finalidade da existência de todos os seres criados é “aprender sempre para melhorar sempre”. Mas será que o “melhorar sempre” é uma implicação do “aprender sempre”? Não defendemos essa hipótese porque não possuímos argumentos lógicos para afirmar que qualquer aprendizagem adquirida implicará competências postas em prática. A latência de uma competência inibe a veracidade de que somos seres criados para “aprender sempre e melhorar sempre”. O que fazer, então? Podemos afirmar que o aprender sempre gera competências – latentes e armazenadas em nossa consciência – à espera de eventual utilização. Vamos descrever, de forma generalizada, a forma possível dessa ocorrência.

Cotidianamente recebemos informações do ambiente em que vivemos; na escola, no trabalho, etc. As informações são guardadas na memória/consciência.

Quando desejamos praticar alguma ação, atitude ou assumir determinado comportamento, recorreremos às informações armazenadas na consciência.

A sequência desse raciocínio é pertinente a indivíduos sem danos cerebrais ou déficits psíquicos que conseguem realizar saudáveis interações com outros indivíduos e com o meio ambiente. Para o Doutor John Searle, “[...] a consciência é o fato central da existência especificamente humana, porque sem ela todos os outros aspectos especificamente humanos [...] seriam impossíveis”. Assim, se nós, seres criados e – às vezes – humildes, habitantes do planeta Terra, construímos uma consciência dotada de tamanha capacidade, e, com maior razão, nosso criador é o detentor da consciência cósmica universal, mais precisamente, na verdade, Ele é a própria.

Esclarecemos, ainda, que, para entrar em um estado de melhoria, ou seja, para melhorar, é necessário a prática do aprender sempre, mas, ao melhorar, passamos de um estado para outro melhor. Por exemplo, se estamos tristes e infelizes, ficamos melhores quando nos alegamos, e, conseqüentemente, a infelicidade é eliminada; quando um matrimônio passa por convulsões conjugais, tudo se normaliza quando filhos e pais reúnem-se acordando a melhoria das relações entre eles. O melhorar



sempre pode não ser uma implicação do aprender sempre, mas, se for nosso desejo, ouvindo a voz do livre-arbítrio, a resposta para a questão “o que somos e por que estamos aqui?” sem dúvida é dada por “somos seres criados pela consciência cósmica universal e existimos no planeta Terra para aprender sempre e melhorar sempre!”.

Analisemos então a questão derradeira, ou seja: quais são as perspectivas humanas na tentativa de explicar para onde vamos? Antes precisamos analisar duas variantes:

a) Todos os seres criados se submetem às diversas mudanças que a evolução estabelece continuamente, fazendo mudanças nos aspectos socioculturais e tecnológicos.

b) Para onde vamos após a nossa morte?

Não há o que discutir sobre o caráter existencial da evolução; ela é uma lei que transcende o planeta Terra, estendendo-se a galáxias e universo. No entanto, se desejamos fazer inferências sobre o futuro da sua ação no planeta e sobre nós, seres criados, convém prepararmo-nos para muitas e radicais mudanças. Por exemplo, na atualidade, percebemos algumas mudanças de comportamento: o relacionamento entre cônjuges ou as conhecidas trocas de parceiros, apesar de ainda não ser uma prática generalizada, e jovens iniciando experiências sexuais sem nenhum compromisso ou vínculo matrimonial, são, ainda, fatos incipientes, mas até quando? O casamento é uma instituição em falência, falido ou em transformação?

A evolução tecnológica ocasionará as maiores modificações já experimentadas pelo *homo sapiens*. Brevemente, teremos aparelhos celulares de tamanhos reduzidíssimos, a ponto de serem implantados em regiões do cérebro, como os chips modernos e específicos. Além disso, haverá o aperfeiçoamento dos *Iphones* e smartphones, com novas e modernas funções ainda inimagináveis.

Quando um óvulo da mulher é fertilizado por um espermatozoide do seu parceiro, e a geração de uma criança se inicia, ela recebe um espírito que a acompanhará durante toda a sua vida terrena, além de uma alma que será a sua personalidade na eternidade cósmica. Para os adeptos do ateísmo, que não aceitam a existência de nenhum Ser Cósmico Universal, e tampouco que temos uma alma e um espírito, nós vamos para debaixo da terra, dizem, enterrados com sete palmos de fundura, e pronto. O



fulano de tal morreu e, com o tempo, será por todos esquecido. Desse modo, a vida de todos os seres criados restringe-se ao planeta Terra.

– Mas esse raciocínio, em si, tem improbabilidades lógicas. Como o ser cósmico universal olvidaria as benfeitorias e os malefícios das suas criaturas mandando tudo para debaixo da terra? Isso não é simplesmente admissível! Todos os seres criados, ao partir, levarão consigo uma espécie de “mala, malinha ou baú” contendo todos os malefícios e/ou virtudes praticadas no período em que foram inquilinos deste planeta, daí a necessidade, para alguns hóspedes, de verdadeiros baús. Resta-nos ainda uma questão que a formularemos da seguinte maneira: “*Para onde vamos, como seria utilizado o conteúdo das malas, maletas e baús que estaríamos levando?*”. Como o ser que somos e nossa personalidade serão preservados, se os conceitos e preconceitos que formamos, as nossas virtudes, inteligência e tudo que nossa consciência armazenou, como o conhecimento, também o serão? Ora, é infantil pensar que os que irão nos receber ririam de nós ao verem-nos portar tanta bagagem. Para onde formos, lá estaremos com a finalidade de “aprender sempre para melhorar sempre” todo o conteúdo armazenado, e isto será fundamental para que continuemos a “aprender sempre para melhorar sempre”.

O ARTIGO DA DOUTORA ANABETH

Emoções e sentimentos: uma abordagem acessível a leigos e interessados

O Professor Luis sequer deu-se ao trabalho de tentar ler o artigo da Doutora Anabeth. Apenas alterou o tipo de letra, de *Arial-16* para *Times New Roman-12*, usada comumente em publicações de artigos e livros, providência que também utilizaremos nos outros artigos que farão parte da edição inicial do blog. Imprimiu apenas uma cópia na impressora disponível para computadores, e outras cópias necessárias seriam feitas na máquina xerox. Ele mesmo providenciou mais quatro cópias, mas, antes de distribuí-las, optou por iniciar a reunião e agendar as ações, providências e os encaminhamentos da semana.

Muito alegre, o Professor Luis desceu para tomar um reforçado café da manhã. Seus pais estavam servindo-se, e ele, imediatamente, seguiu os passos deles. Uma sopa de peixe era acompanhada de cuscuz de arroz,



salada crua de legumes e frutas do sítio: sapoti, manga coité e goiaba, além dos famosos e formosos limões galego, cebolinha e coentro, servidos à mesa e acrescidos de alho amassado ou moído, além de rodela de cebola. As discussões envolviam somente assuntos políticos, o que não era dos principais interesses do Professor Luis. Desse modo, a sua opção foi subir para dar início à continuação dos trabalhos daquela promissora segunda-feira.

No escritório e na sala de reuniões, não foi o primeiro a chegar porque lá já estavam o Semeador, Mestre-1 e os demais assistentes. Ele cumprimentou nominalmente a todos, sentindo, mais uma vez, que algo precisava ser comunicado. Olvidando seus pressentimentos, ligou seu notebook para verificar suas mensagens mais recentes. Grande e grata surpresa quando constatou que, às 4h30min, ainda ao final da madrugada, havia uma postagem da Doutora Anabeth. Ele volveu seu olhar para o grupo de assistentes, sinalizando para que os aguardasse. Imediatamente, observou que o anexo da mensagem tinha mais de dez páginas, e, então, cuidou logo de removê-lo para uma página virgem do *Word*, de maneira a facilitar sua impressão. O que recebeu de Anabeth o surpreendeu mais ainda. Vejamos:

O título deste texto não pretende tangenciar ou ocultar a complexidade do assunto, principalmente, porque os estudos do neurocientista, pensador e neurologista Antônio Damásio, do psicanalista Sigmund Freud e da psicóloga/psicanalista Melanie Klein têm, cada um, suas próprias formas de escrita, sendo extremamente detalhistas. Os estudos de Damásio abordando as emoções são bastante profundos, fundamentando-se em pressupostos ou princípios neurológicos. Existem alguns termos específicos, como amígdalas, tálamo, hipotálamo, hipocampo, etc. que, à medida que for necessário, os definiremos. Sobre o assunto, tomaremos um excerto do livro *O erro de Descartes*, de Antônio Damásio (p. 129-132):

1. Emoções primárias: São consideradas inatas ou “*reflexas*”, estas são consideradas comuns a todos os seres humanos, independentemente de fatores sociais ou socioculturais. Desse grupo fazem parte as emoções básicas ou elementares, como alegria, tristeza, medo, nojo, raiva e surpresa.
2. Emoções secundárias ou sociais: São mais complexas que as primá-



rias, estas dependem de fatores e variáveis socioculturais. Podem variar ampla e radicalmente entre culturas e/ou sociedades. [...] é possível enumerar a culpa, a vergonha, a gratidão, a simpatia, a compaixão, o orgulho, a inveja, o desprezo, o espanto, etc.

3. Emoções de fundo: Estas estão relacionadas com o bem-estar ou com o mal-estar interno. São induzidas por estímulos internos, com origem em processos físicos ou mentais, levando o organismo a um estado de tensão ou relaxamento, fadiga ou energia. Estas emoções expressam-se em alterações musculoesqueléticas, refletindo-se em variações na postura e no movimento.

Uma emoção propriamente dita é um conjunto de respostas químicas e neurais que formam um padrão diferente do habitual. Essas respostas são produzidas quando o cérebro normal recebe um estímulo que “quebra” esse “equilíbrio”, desencadeando a emoção.

– Analisando o excerto, podemos formular algumas questões:

1. Por que alegria, tristeza, medo, nojo, raiva e surpresa são emoções inatas?
2. Por que alegria, tristeza, medo, nojo, raiva e surpresa dependem de fatores e variáveis socioculturais? Por serem mais complexas? E por que são mais complexas?
3. Por que as “emoções de fundo” se expressam em alterações musculoesqueléticas, refletindo-se em variações na postura e no movimento? E o que significa dizer que estão relacionadas com o bem-estar ou com o mal-estar interno, sendo induzidas por estímulos internos, com origem em processos físicos ou mentais?

Bem, nós temos agora algumas questões para tentar dar, a cada uma delas, uma resposta convincente, razoável e sobretudo verossímil, mas devemos ser cautelosos e pacientes, porque não será uma tarefa fácil. Vamos começar pelas “emoções inatas”, assim caracterizadas por Damásio.

1. Emoções primárias ou inatas

Para esse neurocientista, humanos e animais são seres que nasceram congenitamente para ter “medo” de aranhas, cobras, águias, etc., acres-



centando que “[...] uma hipótese [...] é a de que estamos programados para reagir com uma emoção de modo pré-organizado quando certas características dos estímulos, no mundo ou nos nossos corpos, são detectados individualmente ou em conjunto”. Para melhor esclarecer essa questão das “emoções inatas”, nos referiremos a um estudo realizado na Universidade Estadual de São Francisco, onde os pesquisadores especialistas norte-americanos, coordenados pelo Doutor Matsumoto, analisaram 4.800 fotografias de atletas disputando, em jogos “paraolímpicos”, medalhas de judô nas Olimpíadas de 2004. Os pesquisadores constataram que, entre os que não enxergavam e os que tinham visão perfeita, aqueles que ganharam medalhas de ouro mostravam as mesmas expressões faciais de alegria e satisfação pelo mérito da conquista e aplausos da torcida. Os medalhistas em prata disfarçavam sorrisos, os quais tinham características apenas como convenientes, torciam os lábios, e, momentaneamente, mais pareciam desdenhar da alegria dos ganhadores da medalha de ouro. A conclusão dos especialistas e autores da pesquisa, sob a coordenação do Doutor e Professor Matsumoto, foi a seguinte:

*“[...] Isto sugere que algo genético é fonte das expressões faciais de emoção”, acrescentando que “[...] a correlação entre as expressões faciais dos indivíduos de visão perfeita e a dos deficientes foi quase perfeita. O sorriso social ou a curvatura dos lábios para demonstrar emoções negativas pode ter sido um mecanismo desenvolvido pelos humanos, ao longo do tempo da evolução, para evitar gritos, ataques corporais e xingamentos”. (Esta pesquisa obteve destaque na mídia especializada, sendo publicada no *Jornal of Personal Psychology*)²².*

Como podemos observar, é possível fazer nossas próprias inferências a partir das conclusões da pesquisa coordenada pelo Doutor Matsumoto, relacionada com os estudos do neurologista Doutor Antônio Damásio, afirmando que “[...] uma hipótese que acredito não levantar nenhuma dificuldade é a de que estamos programados para reagir com uma emoção de modo pré-organizado quando certas características dos estímulos, no mundo ou nos nossos corpos, são detectados individualmente ou em conjunto”, e

22 Para maiores detalhes e possíveis aprofundamentos, sugerimos, entre outros, o site a seguir: <<http://www.bhc.com/portugues/reporterbhc/story/2008/081229>>.



a conclusão dos pesquisadores nos estudos realizados na Universidade Estadual de São Francisco, “[...] O sorriso social ou a curvatura dos lábios para demonstrar emoções negativas pode ter sido um mecanismo desenvolvido pelos humanos ao longo do tempo da evolução [...]”.

Assim, dizer que “[...] estamos programados para reagir com uma emoção de modo pré-organizado” e também que “[...] um mecanismo desenvolvido pelos humanos ao longo do tempo da evolução” são afirmações que encarnam um mesmo e único pensamento, ou seja, as “[...] emoções básicas ou elementares como alegria, tristeza, medo, nojo, raiva e surpresa” são inatas e se desenvolveram a partir de um “[...] mecanismo desenvolvido pelos humanos ao longo do tempo da evolução”. Ainda que achemos bastante importantes os “mecanismos” empregados pela evolução para tornar inatas emoções como a alegria, a tristeza, o medo, a raiva, etc., não faz parte desta nossa exposição maior aprofundamento sobre o assunto.

2. Emoções secundárias ou socioculturais – Análise do exemplo de emoção secundária

Segundo A. Damásio, o “[...] mecanismo das emoções primárias não descreve toda a gama dos comportamentos emocionais [...] que constituem o processo básico”. Isto posto, A. Damásio afirma que a emergência das emoções secundárias não ocorre aleatoriamente, mas de acordo com a interveniência de causas e variáveis socioculturais, provavelmente intempestivas, listando entre outras a culpa, a vergonha, a gratidão, a simpatia, a compaixão, o orgulho, a inveja, o desprezo, o espanto, etc. como algumas emoções secundárias. Para introduzir o conceito de emoções secundárias, o neurocientista fundamenta-se no seguinte exemplo: *“Imagine que você encontra um amigo que não vê há muito tempo ou tem conhecimento da morte inesperada de uma pessoa com quem trabalhou em estreita colaboração. Em qualquer desses casos reais – e talvez até agora, enquanto imagina as cenas –, você sentirá uma emoção.*

O que sucede em termos neurobiológicos quando tem lugar essa emoção? Antes de nos atermos às respostas das questões provenientes da análise do excerto e enumeradas no item II, esclareceremos um pouco mais a ideia de Damásio acerca do significado da expressão *“experimentar uma emoção”*. Por esse motivo, é importante elucidar, mesmo que de



maneira breve e sem aprofundamentos, a função de alguns componentes do cérebro.

O lobo frontal, que inclui o córtex motor e pré-motor e o córtex pré-frontal, está envolvido no planejamento de ações e movimento, assim como no pensamento abstrato. A atividade no lobo frontal aumenta nas pessoas normais somente quando temos que executar uma tarefa difícil [...]. As suas funções parecem incluir o pensamento abstrato e criativo, a fluência do pensamento e da linguagem, respostas afetivas e capacidade para ligações emocionais, julgamento social, vontade e determinação para ação e atenção seletiva. Localizado na parte superior do cérebro, o lobo parietal é constituído por duas subdivisões – a anterior e a posterior. A zona anterior designa-se por córtex somatossensorial e tem por função possibilitar a recepção de sensações, como o tato, a dor e a temperatura do corpo. A área posterior ou área secundária analisa, interpreta e integra as informações recebidas pela área anterior ou primária, permitindo-nos a localização do nosso corpo no espaço, o reconhecimento dos objetos através do tato, etc.

Como o pensamento abstrato e criativo é uma função do lobo frontal, temos então o componente do cérebro onde as imagens são produzidas. Em seguida, ocorrem as modificações no corpo, que, segundo Damásio, “[...] a pele pode corar, os músculos da boca podem mudar em redor da boca e dos olhos para formar uma expressão feliz, enquanto todos os outros músculos ficam relaxados”. O contrário ocorre quando nos damos conta da morte de um amigo por quem tínhamos bastante afeição e admiração: “[...] o coração pode sobressaltar-se, a boca fica seca, a pele empalidece, uma contração na barriga e um aumento de tensão dos músculos do pescoço e das costas completarão o quadro, enquanto o rosto desenha um quadro de tristeza”. Para resumir, diz ainda que, nos dois casos, o exercício da função das vísceras, por exemplo, do coração, do pulmão, etc., do corpo esquelético e das glândulas endócrinas sofrem alterações, o que se estende aos moduladores peptídeos do cérebro e ao sistema imunológico.

O cenário descrito por Damásio parece-nos, à primeira vista, desolador e assustador, permitindo-nos inquirir: por que não sofremos um mal súbito, ou mesmo falecemos ao recebermos a triste notícia do falecimento de um amigo? Imaginamos que muitos de nós testemunhamos casos dessa natureza, por exemplo, mães que vêm a óbito após a morte de um filho amado ou do falecimento do seu cônjuge; são casos



que, se não de modo natural, mas, vez por outra, ocorrem. No entanto, de maneira generalizada, o equilíbrio do nosso corpo, ou, como afirma Damásio, “[...] a homeostase ou equilíbrio funcional não deve ser visto como algo estático; ele é uma sucessão contínua de alterações de perfil, as quais apresentam limites superiores e inferiores que se encontram em constante deslocamento”.

– Vamos dar uma pausa na sequência desta exposição para resumirmos o seu alcance até agora, da seguinte forma:

1. Os estímulos geram as emoções;
2. As emoções geram a formação de imagens, que geram o pensamento no âmbito do cérebro;
3. As imagens geram as modificações no corpo;
4. As modificações no corpo geram os estados de alegria, tristeza, etc.

Recomendamos a leitura integral dos capítulos 6 e 7, principalmente o 7, em *O erro de Descartes* (p. 116-156), em que o autor, baseando-se em seu hipotético exemplo de “*experiência de emoção*”, minuciosamente detalha as transformações que ocorrem no estado do corpo, resumido no excerto da página 135, a seguir mostrado:

Vejo a essência das emoções como a coleção de mudanças no estado do corpo que são induzidas numa infinidade de órgãos por meio das terminações das células nervosas sob o controle de um sistema cerebral dedicado, o qual responde ao conteúdo do pensamento relativo a uma determinada entidade ou acontecimento. Muitas das alterações do estado do corpo – a cor da pele, postura corporal e a expressão facial, por exemplo – são afetivamente perceptíveis para um observador externo (com efeito, a etimologia da palavra sugere corretamente uma direção externa a partir do corpo: emoção significa literalmente ‘movimento para fora’).

– Necessitamos relembrar alguns aspectos da psicologia cognitiva na formação do pensamento. Vamos fazer isso por partes. Em primeiro lugar, o que é e qual a função da psicologia cognitiva? Desde Platão e Aristóteles que matemáticos, biólogos, filósofos etc. vêm estudando as



aptidões mentais do seres humanos e dos animais, a sua origem, como funcionam e a razão da sua existência. Destacam-se, dentre os assuntos pesquisados e desenvolvidos, o pensamento, a imaginação, e também a construção do conhecimento humano.

Em páginas passadas, nós discutimos sobre a impossibilidade de pensarmos num “goreito”. É possível pensar-se em uma casa, em um trem, em um animal (papagaio, gato, etc.) e no ser humano, mas em um “goreito”, não. Por quê? Simplesmente porque essa coisa não existe. Nós não podemos ver, e, portanto, pensar sobre um “goreito”, como também não podemos ver “a alegria, a tristeza, o caráter, o sofrimento, a caridade, a misericórdia, a compaixão, etc.”, mas essas podemos senti-las, e, desse modo, para quem as sente, existem e pensamos nelas e sobre elas. Ou seja, se dissermos que “o sofrimento de Darlan entristece Janaína”, neste caso, é possível afirmar que vemos e sentimos as emoções de sofrimento e de tristeza ou sentimos o entristecer de Janaína.

O próximo passo é saber se ou como podemos sentir nossos pensamentos. De outra forma, nossos pensamentos são causa ou efeito de algo? Devemos procurar as respostas junto aos milhões de neurônios existentes no cérebro, na rede neural que realiza e é responsável pelos processos cognitivos: o raciocínio lógico, a imaginação, as memórias, etc. Todos sabemos “quando estamos pensando”, e às vezes é difícil identificar os motivos que nos levam a pensar nisso ou naquilo. Ora, quando pensamos, estamos entregues a algum dos seguintes níveis de assunto: julgando algo/alguém para a tomada de uma decisão; resolvendo problemas matemáticos, de lógica formal ou de qualquer natureza; utilizando o raciocínio lógico em questões cotidianas; utilizando o conhecimento adquirido na formação de conceitos.

No site *A Ciência do Cérebro*, no artigo intitulado “Como o cérebro pensa e onde ocorre o pensamento”, de autoria da neuropsicóloga Luciane Simonetti, conseguimos informações importantes para nossas questões principais. Vejamos no excerto:

Consideramos que os neurônios são a base para o pensamento. Isto é, a unidade neural do pensamento são nossos neurônios, e o conjunto de neurônios ou a rede neural são os responsáveis por influenciar nossos



comportamentos e por produzir processos cognitivos como raciocínio, memória, atenção, abstração, entre outras funções.

Nosso córtex cerebral (a porção mais superficial do cérebro, conhecida também como substância cinzenta) desempenha os papéis principais do pensamento, pois é ali que eles são elaborados e se tornam conscientes.

– Simonetti posiciona-se sobre a diferença do modo de pensar das pessoas afirmando que: essas diferenças podem ter origem pelo sexo ou pela inteligência. Ou seja, homens e mulheres pensam diferente, o que se acentua de acordo com a inteligência de cada um. É importante compreendermos racionalmente o significado dessa afirmação. Isto porque o fato de um homem ou de uma mulher ser inteligente não significa que emitam pensamentos bondosos, razoáveis e justos, o que algumas vezes acontece ao contrário: pessoas de qualquer sexo e inteligentes manifestam pensamentos maldosos, de intolerância e agressividade.

– Nós avançamos, talvez não muito, no entanto, avançamos. Sabemos como ocorre o pensamento, e em que órgão do corpo e onde, nesse órgão, o pensamento é formado. Então, o que falta? Bem, podemos dizer que quase nada! Resta-nos saber quem provoca a provocação! Ou seja, como chegam ao cérebro as incitações para a eclosão do pensamento. Quando ouvimos o cantar de pássaros, por exemplo, um bem-te-vi, um sabiá ou a beleza de um beija-flor em busca de néctar, os nossos sentidos, por intermédio do sistema nervoso, registram e enviam ao cérebro as mensagens captadas ainda não decodificadas: auditivas e visuais. O cérebro traduz as mensagens transformando-as em emoções, e, em seguida, reagindo às emoções, o pensamento é formado ou produzido.

Vamos recapitular o conceito de emoção elaborado por Damásio: “uma emoção propriamente dita é um conjunto de respostas químicas e neurais que formam um padrão diferente do habitual”. Ou seja, se estamos envolvidos em uma atividade qualquer e somos alcançados por um estímulo de natureza diversa, imediatamente, de acordo com os passos discutidos anteriormente, uma emoção é gerada. Assim, o equilíbrio emocional é quebrado, e, conforme Damásio, um estímulo “quebra” esse “equilíbrio” e desencadeia a emoção.

Os neurocientistas e neuropsicólogos consultados não se referem a emoções boas ou más, embora, vulgarmente, aceite-se que a inveja, o ódio, a intolerância, etc., são entendidas como más emoções, enquanto



que o amor, a gratidão, a tolerância, a harmonia, etc., são vistas como emoções boas. Desse modo, nada se pode afirmar se é boa a emoção de “olho gordo”. Para nós, se a expressão “olho gordo” trazida até nós por nossa querida chefe De Jesus existir como sinônimo de inveja, simplesmente, à luz da psicologia, é indefinível como tal.

QUAL A DIFERENÇA ENTRE SENTIMENTOS E EMOÇÕES?

Se verificarmos no dicionário, veremos que o significado de “sentimento” é dado por “ato/aptidão de/para sentir, predisposição, qualidades morais”. Mas será que “o ato/aptidão de/para sentir” ou a “predisposição” dará a nós uma ideia clara do que é um sentimento? Também “qualidades morais” parece vago e impreciso. Desse modo, é necessário consultarmos um especialista no assunto, aquele a quem já nos acostumamos. Vejamos o excerto em *O Erro de Descartes* (p. 138):

O que é um sentimento? O que me leva a não usar indistintamente os termos emoção e sentimento? Uma das razões é que, apesar de alguns sentimentos estarem relacionados com as emoções, existem muitos que não estão: todas as emoções originam sentimentos se se estiver desperto e atento, mas nem todos os sentimentos provêm de emoções e dos quais falarei mais adiante.

A complementação do excerto alonga-se tratando da relação entre emoções primárias, secundárias e sentimentos, concluindo que (p. 154-156):

A emoção e o sentimento assentam, desse modo, em dois processos básicos: 1) a imagem em um determinado estado do corpo justaposto no conjunto de imagens desencadeadoras e avaliativas que o causaram; e 2) um determinado estilo e nível de eficiência do processo cognitivo que acompanha os acontecimentos descritos em 1, mas que funciona em paralelo. Os acontecimentos descritos em 1 requerem a ativação de um estado do corpo ou do seu substituto dentro do cérebro. [...] Os acontecimentos descritos em 2 são desencadeados a partir do mesmo sistema de disposições que funcionam em 1, mas o alvo é o conjunto de núcleos no tronco cerebral e prosencéfalo basal, que reagem com a liberação seletiva de neurotransmissores.

Em complementação, desejamos acrescentar um pequeno trecho do



estudo realizado pelo psicólogo Doutor Vitor Matos e Silva, num artigo publicado no Google intitulado Emoção, em que o autor aborda a relação entre emoção e cognição. Vejamos o que nos interessa nas palavras do Doutor Vitor:

O que são as emoções? Como sabemos que estamos emocionados? Invariavelmente pelas sensações e movimento que o nosso corpo produz: dor de barriga, ‘um frio no estômago’, chorar, rir sem parar, taquicardia, tremer, desmaiar, perder a voz, ficar branco que nem cera ou ‘vermelho de raiva’. [...].

Mas por que é que a psicologia se preocupa com as emoções? Estudar o comportamento humano é o objetivo maior da psicologia, e entender por que nos emocionamos e a maneira que a emoção influencia o nosso comportamento faz parte desse objetivo. Os cientistas despertaram para o fato de que, se um indivíduo se emocionar e estar consciente de suas emoções, isso é uma qualidade que lhe permite desenvolver a capacidade de melhor se relacionar no e com o mundo.

O Doutor Vitor enfatiza, também, o interesse da psicologia pelo estudo das emoções humanas, remontando à Grécia antiga provavelmente até a metade do século XIX/XX, em decorrência da influência do pensamento cartesiano “filósofos e psicólogos acreditavam que as emoções eram instintos básicos que deviam ser controlados”. O controle das emoções era necessário porque a sua inexistência implicaria em que a “capacidade de pensar” dos indivíduos se alteraria. Uma conclusão formulada por estudiosos da psicologia é a de que seres humanos aptos e conscientes das suas inatas emoções serão mais eficientes nas relações com as coisas do mundo, com o próprio mundo, e também consigo mesmos.

SUMÁRIO DAS DIFERENÇAS ENTRE EMOÇÕES E SENTIMENTOS

1. Origem e natureza

Emoções – têm como causa os estímulos dos sentidos, provenientes dos seres criados ou da natureza em geral.

Sentimentos – não podem ser visualizados porque, além de serem produzidos por processos cerebrais, estabelecem-se no interior de cada indivíduo, e o compartilhamento é de decisão individual.



2. Duração

Emoções – dada a sua origem, não permanecem por muito tempo. Caracterizam-se pelas intensas e observáveis reações corporais.

Sentimentos – estendem-se ao longo do tempo e a maneira de se apresentarem é mais discreta ou menos expressiva do que as emoções.

3. Emergência

Emoções – em todos os casos são inconscientes, independem do desejo do indivíduo, atendendo às solicitações dos órgãos dos sentidos envolvidos.

Sentimentos – podemos dizer que os sentimentos são conscientes, ou seja, um indivíduo invejoso, que tem inveja de alguém, sabe dessa sua condição e pode tentar deixar de ter inveja, raiva, misericórdia, compaixão, etc.

– Havíamos prometido nos referir, também, aos estudos sobre sentimentos e emoções realizados pela psicóloga/psicanalista Melanie Klein; mas, por enquanto, tal não será necessário, o que faremos na continuação do nosso trabalho, quando voltarmos a focar nossa eminente e entusiasta da neurociência. Em nossas pesquisas, para verificar pontos de vista além dos especialistas renomados já considerados, achamos conveniente, talvez até no sentido de nos aliviar das dificuldades de entendimento sobre “sentimentos e emoções”, mostrar um excerto de artigo publicado no Google pelo psicólogo Ruy Barbosa, intitulado: Qual a diferença entre sentimento e emoção? Tenho certeza de que isso nos confortará bastante. Vejamos:

[...] E há tantos conceitos imprecisos, inconsistentes, nebulosos, mormente na Psicanálise e na Psicopatologia, que às vezes é muito cansativo ler um livro destes ramos das Ciências Humanas, pois seus autores fazem verdadeiros malabarismos verbais para conseguir dar a um determinado vocábulo o significado que acham que exprime aquilo que desejam que exprima.

– O articulista, Doutor Ruy Barbosa, antes de enfatizar os malabarismos verbais utilizados por psicanalistas, referiu-se à palavra “personalidade” afirmando que, ao consultar dicionários especializados e trabalhos de psicologia e de psicanálise, encontrou cerca de um milhar de definições, em sua maioria imprecisas e duvidosas, mesmo que o autor do conceito de personalidade ache que “exprime aquilo que deseja que exprima”. Nós



já discutimos a relação entre os estímulos na emergência das emoções.

O Doutor Ruy Barbosa afirma, referindo-se aos psicólogos, o que para nós não é novidade, que os neurônios não se diferenciam, ou seja, aqueles que têm ação nas papilas gustativas, no crescimento das unhas, etc., são idênticos aos responsáveis pelo pensamento, pela imaginação e outras sensações ditas “nobres” (ignoramos porque assim são ditas), e, jocosamente, parece-nos questionar: “Por que não ouvimos pelos pés?”, e ele mesmo cuida em responder: “Os processos neuroquímicos são iguais ali também. Por que não vemos pelo ânus? Por que não sentimos gosto pela palma das mãos? Ele, inevitavelmente sem respostas no âmbito da Psicologia, desafia a Medicina, a Genética e a Psicologia: “*Expliquem-nos o mistério... se puderem*”.

– Por que trouxemos esse artigo? Não bastaria nos ater aos psicólogos e psicanalistas antes consultados? Lembremo-nos de que Damásio, citado em páginas anteriores, questiona: “O que são as emoções? Como sabemos que estamos emocionados?”. Mas a sua resposta não nos oferece um conceito de emoção porque, ao dizer que “[...] *invariavelmente pelas sensações e movimento que o nosso corpo produz: dor de barriga, ‘um frio no estômago’, chorar, rir sem parar*”, não há explicitamente uma definição ou conceito de emoção. Assim, ao dizermos: Professor João Paulo, a notícia que nos deu me emocionou tanto que estou sentindo vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo. No contexto dessa informação, o máximo que podemos dizer é que estamos com vontade de rir e de chorar por causa da emoção que tivemos em consequência da notícia que o Professor João Paulo nos trouxe. Somente isso, e continuamos, a exemplo de Damásio, sem caber conceituar ou definir “o que são as emoções”.

Qual foi então o propósito de mostrar-lhes este artigo? Onde podemos utilizá-lo? Sem a tentativa do recurso da omissão ou de discordar de posições favoráveis a tangenciamentos literários, o que pretendemos é, metaforicamente, acender uma chama, uma fogueira, se quiserem, representando um tipo de “ficar de alerta”, ou seja, mais precisamente: apesar das jocosidades do psicólogo Ruy Barbosa, ele mostra-nos que o indivíduo pertinaz tem mais facilidade em promover a descoberta dos caminhos para os seus objetivos, desde que sejam possíveis. E é esse exatamente o nosso caso.

Como estamos devendo uma referência ao trabalho de Freud, o faremos agora. Como psicanalista, a maioria, senão todos os seus estudos



tinham fundamentos pragmáticos, principalmente, aqueles realizados envolvendo crianças, diferentemente do que já vimos na perspectiva teórica promovida por psicólogos. Assim, a exemplo do que já dissemos sobre a neurocientista Melanie Kleien, a mesma decisão adotaremos quanto a Freud, abordando, nesta oportunidade, o seu importante e extraordinário trabalho publicado na forma de artigo, em 1920, denominado *Além do princípio de prazer*, que deu origem ao livro *Além do Princípio de Prazer*. Os psicanalistas Paulo Endo e Edson Sousa escreveram um *Itinerário para a Leitura de Freud*, no qual tratam das pulsões (p. 15) conforme excerto a seguir.

Freud em 1920, um artigo avassalador [...] a proposição de uma pulsão (ou impulso, conforme se preferiu na presente tradução) de morte autônoma e independente das pulsões de vida. Nesse artigo, Freud refaz os alicerces da teoria psicanalítica ao propor novos fundamentos para a teoria das pulsões. A primeira teoria das pulsões apresentava duas energias psíquicas como sendo a base da dinâmica do psiquismo: as pulsões do eu e as pulsões de objeto. As pulsões do eu ocupam-se em dar ao eu proteção, guarida e satisfação das necessidades elementares (fome, sede, sobrevivência, proteção contra intempéries, etc.), e as pulsões de objeto buscam a associação erótica e sexual com outrem.

Prosseguindo em seu trabalho pragmático, ocorreu, em seguida, uma evolução no pensamento de Freud em relação à teoria das pulsões, o que muitos especialistas atribuem ao fato de que tudo foi motivado “*pelo tratamento dos neuróticos de guerra que povoavam as cidades europeias e por alguns de seus discípulos, que, convocados, atenderam psicanaliticamente nas frentes de batalha*”, ocasionando a relação “*sintomas neurótico em sua articulação com o trauma*” (p. 15), originando o “*conceito de pulsão de morte*”.

Antes de dar sequência a essas breves linhas, esclareceremos alguns termos que estarão sendo usados quando procedermos ulteriores estudos sobre o assunto. Em primeiro lugar, vejamos alguns conceitos que, na perspectiva freudiana, já foram abordados.

- 1. Pulsão** – É um processo que tem alterações ou mudanças de acordo com uma força interior, a carga energética individual, que impulsiona o organismo para a realização de determinado objetivo.



2. **Fontes de pulsão** – No organismo, as tensões são provocadas pelos estímulos, dando origem a “fontes pulsionais”, e, segundo Freud, “é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta”.
3. **Objetivo ou meta da pulsão** – Interferir e eliminar o “estado de tensão” que subjazem nas “fontes pulsionais” atuantes no organismo.

Voltaremos, oportunamente, ainda ao item II, para tentar esclarecer e simplificar, o que não se mostra uma tarefa fácil, o significado atribuído a Freud para as expressões “fontes pulsionais” e “é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta”. Prossigamos com outros conceitos também importantes. A compulsão é uma palavra que se origina do latim, *compulsion*, significando impulso, um movimento súbito, um ímpeto fora do controle para fazer coisas. “Pulsão designa, em psicologia um impulso energético interno que direciona o comportamento do indivíduo. [...] A pulsão distingue-se da energia psíquica que se acumula no interior do ser. Observa-se que, na consecução desse desiderato, a pulsão altera-se, constantemente, e explicita-se por meio de uma carga energética para atingir a sua meta, que é trazer ao organismo um “estado de tensão”. Para aprofundar mais, ver “Pulsão” no Google/Wikipédia.

O objetivo do indivíduo seria, assim, atingir um baixo nível de tensão interna. Nesse processo de descarregamento de tensões psíquicas, as três estruturas da mente (id, ego e superego) desempenham papel primordial, determinando a forma como essa descarga se manifestará. Todos esses processos se desenvolvem inconscientemente.

Pulsão de vida

A pulsão de vida e a pulsão de morte se contrastam mutuamente. As primeiras, conhecidas por “eros”, abrigam as pulsões eróticas ou sexuais, e, também, conforme Freud, “o princípio de Nirvana” objetiva e acontece na tentativa de neutralizar todo tipo de excitação originada por estímulos provenientes do interior do corpo ou fora dele, encaminhando todos os seres criados para uma meditação reflexiva, de equilíbrio e felicidade, quiçá imaterial, anorgânica.

Pulsão de morte

Dissemos anteriormente que a “pulsão de morte” se contrapõe à pulsão de vida. Nos estudos freudianos, no organismo, são essas pulsões



as responsáveis por mostrar aos seres criados e animados situações reincidentes e/ou regressivas da pulsão em causa. Observava-se, em ocorrências desse nível, que a libido despertada é imediatamente esvaaziada, proporcionando um verdadeiro alívio ao ser, quando ele é o alvo de fatos vexatórios ou extravagantes. Como é do nosso conhecimento, a vida que vivemos, todos os seres criados, extinguem-se com a falência cerebral e “voltamos ao estado inorgânico”, ou seja, a morte é a volta ao estado inorgânico. A partir dessas fundamentações, Freud não especulou, mas hipoteticamente presenteou os psicanalistas de Viena com a pulsão de morte.

É possível que, talvez em contraposição, o filósofo Spinoza tenha nos oferecido um modo de pensar divergente daquilo que se percebe da hipotética freudiana “Pulsão de sorte”. Em seu livro *Ética*, Spinoza afirma que “*nenhuma coisa pode ser destruída, a não ser por uma causa exterior* (Ética 3, Prop. IV). Vejamos uma complementação de Spinoza sobre o assunto no excerto do artigo publicado no Google, cuja autoria é de Rafael Trindade.

A pulsão spinozista (se assim podemos chamá-la) faz novas conexões, ela cria para ela mesma suas próprias condições, sendo assim, a vida está sempre preenchida. [...] Diferentemente da Pulsão de Morte, que busca o inorgânico, o imóvel, o fim da tensão (nirvana), podemos entender como o conatus, que abarcaria toda a natureza, sendo nominado por Spinoza de ‘conaus’, que admite o prazer como ‘uma força única e confiança na vida’.

É possível então intuir que, em Freud, a pulsão de morte paralisa o eu, levando-o ao nirvana, ao desejo de não mais desejar, e, dedutivamente, ao prazer de não ter mais prazer. Tratando-se de Bento Espinosa (Baruch Spinoza, seu nome de origem judaica), tido por alguns críticos como iconoclasta, mas, para outros filósofos, o seu livro *Ética* foi “escrito na forma de um tratado de Matemática, o livro demonstra suas ideias por meio de proposições, definições, escólios (esclarecimentos) e corolários (deduções)” (p. 35). Em um artigo publicado no Google por Marcelo Gleiser intitulado “Spinoza, Einstein e liberdade”, vejamos um pequeno excerto que nos apresenta uma outra face do trabalho filosófico de Spinoza.



Minhas ideias estão próximas das de Spinoza: admiração pela beleza e crença na simplicidade lógica da ordem e da harmonia que percebemos, humilde e imperfeitamente. Devemos aceitar que nosso conhecimento é imperfeito e tratar questões morais e valores como problemas humanos. [...] Acredito no Deus de Spinoza, um Deus que se manifesta na harmonia de tudo que existe, e não um Deus que se preocupa com o destino e as ações dos homens. Num certo sentido, Deus é a natureza em todas as suas manifestações.

– O filósofo Marcelo Gleiser complementa com uma citação de Spinoza: “cada coisa tenta, com os poderes que tem, preservar sua existência”. Imaginamos que a nossa exposição certamente nos mostrará novas perspectivas sobre inferências acerca dos estudos de Galileu, Newton, Descartes, Leibniz, Isaac Newton, Spinoza, Antônio Damásio e outros. No curto e médio prazo, efetuaremos mais estudos de aprofundamento sobre o trabalho desenvolvido por tais cientistas nas reuniões semanais na sede da ACAPA/ACPA. As dúvidas serão plenamente esclarecidas na ocasião apropriada.

O ARTIGO PARA O BLOG DO GRUPO DOS ASSISTENTES

Responsável e coordenador: o Semeador

O grupo de assistentes tratará do complexo assunto, realçando aspectos da *Consciência e Transcendência Gnosiológica*.

– A explicação e posterior definição dada pelo companheiro Professor João Paulo sobre o transcendentalismo e a transcendência é pertinente e satisfatória. Ele afirma que o transcendentalismo é a base única ou última que é formada no ser, o que significa dizer que todo ato transcendental tem um propósito, e também que, citando o filósofo Kant, o transcendentalismo se refere a tudo que transcende a matéria.

– Para atingir o objetivo desta explanação, precisamos lembrar algumas consequências do conceito de consciência. Precisamos concretizar atos conscientes quando a oportunidade se nos apresenta. Discutimos recentemente esse assunto, no caso do indefinível “goreito”, e aceitamos que todo ato consciente resulta do fato de que a consciência armazenou alguma coisa que está relacionada com o pensamento, tal é o caso do



“goreito”. Mas é preciso que investiguemos a origem dos fatos que locupletam a nossa consciência. Sabemos que nela estão registrados, além de sentimentos e emoções, por exemplo, quando dizemos “Estou bastante feliz”, e, de outra feita, “Eu me sinto com incontrolável paixão por ele”; em que a primeira frase exterioriza um pensamento consciente, mas a segunda revela um pensamento inconsciente de nossa vida. O pensamento consciente nós nos damos conta dele, e, portanto, podemos interferir, pelo livre-arbítrio, para que não se realize ou para modificá-lo adequando-o às nossas conveniências. Será que a mesma atitude é viável para o pensamento inconsciente? É o que ocorre na segunda frase. A paixão, por si só, pragmaticamente, é um sentimento intempestivo que foge ao controle do indivíduo. Imagine-se uma reconhecida “paixão incontrolável”? Nossa mente inconsciente guarda fatos inexplicáveis e incompreensíveis; existem conhecimentos que implicam um estado de inconsciência, praticam atos e revelam coisas que, talvez, conscientemente não o fariam.

Também foi objeto de discussão entre nós a “parceria” possível entre “aprendizagem, pensamento, conhecimento e consciência” – conhecimento absoluto? Onde o palco transcendental somos nós, os seres criados. Nós aprendemos, pensamos e geramos conhecimento que é armazenado na consciência. Ao longo de toda a existência, os seres criados têm evoluído porque se submetem a um processo contínuo de “aprender sempre” que gera o conhecimento que implica em “melhorar sempre”, ou seja, “estar sempre aumentando o conhecimento”. Os seres criados estão no planeta Terra para pensar sempre e gerar sempre mais conhecimento? E se todos nós somos eternos, estamos marchando, inevitavelmente, para o conhecimento absoluto?

– Desse modo, consciência não é matéria, qualquer coisa que se pode pegar, moldar, nominar, etc. O que é, então? Se prestarmos atenção, o trabalho que ela faz em comunhão com o cérebro, suponho, é revelado por diversificados atos de ação; por exemplo, o ato de perceber, agir, apaixonar-se, de pensar e imaginar, de ter vontade, etc., com os quais temos um objetivo específico. A nossa liberdade de escolha advém de ações conscientes, do nosso livre-arbítrio. É possível dizer que qualquer um de nós é o resultado de nossas próprias escolhas.

– Quando resolvemos escolher, inevitavelmente, para fazê-lo orientarmos-nos em fatos semelhantes que ocorreram no passado, ou naqueles



que imaginamos que acontecerão no futuro. Portanto, para decidir sobre algo, são esses os nossos dois referenciais. Temos registrados em nossa consciência os fatos que aconteceram no passado, e, como tal, são irreversíveis. O que é do passado, passou; não há retorno para fatos do passado. Embora nos constrem situações dessa natureza dadas as frustrações e oportunidades que foram perdidas – por falta de uma intuição positiva? –, também é possível depositar confiança em nossa intuição, e, nesse caso, devemos ficar alerta para momentos ansiosos que nos alcançarão, ao prevermos a possibilidade de que nossa intuição virá a ser negativa. Desse modo, em quaisquer das alternativas, a intuição mostra-se como a única e última possibilidade para quem tem o poder de decidir.

E o que significa dizer que “a intuição mostra-se como a única e última possibilidade para quem tem o poder de decidir? Se admitirmos como verdadeira tal afirmação, será necessário refletir muito mais sobre ela e as relações entre inteligência, cognição e consciência. Os conceitos que formamos sobre essas propriedades ou características dos seres criados nos possibilitam especular que existe uma gradação ou ordem de ascendência regulando o hemisfério esquerdo do cérebro. Assim, se a consciência armazena dados e coisas acontecidas, a inteligência resolve problemas e utiliza o resultado para criar outros problemas e coisas, e o conhecimento, gnose ou gnosiologia, é inerente ao ser que aprende. Então, é correto afirmar que a intuição depende da inteligência, da consciência e do conhecimento? Ou seja, na ordem de ascendência, estariam em primeiro lugar inteligência, consciência e gnose, e, em seguida, a intuição.

– Sabe-se que, pelo menos há cerca de dois séculos, o transcendentalismo é aceito por filósofos e pela cultura religiosa como um estado espiritual que ultrapassa ou “transcende” a matéria e o experimentado. Ora, a consciência, como já dissemos anteriormente, “[...] é o dar-se conta de algo [...] e produz o pensamento”. Além disso, a consciência não é matéria, qualquer coisa que se pode pegar, moldar e nominar. Assim, a consciência não é matéria, porém ela também não existe em estado espiritual. Desse modo, o transcendentalismo e a consciência são conflitantes, opostos ou incompatíveis? Apenas gostaríamos de praticar mais uma ousadia afirmando que o transcendentalismo é um estado de espírito, enquanto a consciência é um estado mental.



– Relativamente à transcendência ontológica, deixaremos de pronunciarmo-nos sobre ela, porquanto, no momento, acreditamos que se é fato que somente Deus pode alcançá-la, prefiro esperar por mais estudos e discussões de aprofundamentos sobre o tema para que nós, assistentes, tenhamos uma ideia formada. Tratando-se da transcendência gnosiológica, reprisando a afirmação do Professor João Paulo, é inerente ao ser que aprende; dedica-se à busca do conhecimento das coisas e dos objetos criados. Devemos ressaltar que o ser que aprende, o ser cognoscente, envolve-se não somente com o cognitivo, mas para completar o processo de aprendizagem, reciprocamente, interage com o meio. A grande questão, portanto, é que a transcendência gnosiológica está afeta somente aos seres criados que estão à busca do conhecimento. Os demais ficarão, pelo tempo que durar esse estado, à mercê do livre-arbítrio.

Bem, nós nos referimos até agora à consciência. E a subconsciência nessa relação, onde e como podemos colocá-la? Em que órgão ela é produzida? Em nenhum! Lembrem-se de que a consciência é o dar-se conta de algo, enquanto a subconsciência guarda nossos anseios, sonhos, medos e pavores. No exercício de suas diligências operacionais, a consciência produz o pensamento. É possível admitir que a consciência é um produto da mente, e, nesse caso, a subconsciência também o é; é, pois, uma sombra da consciência. Ora, o poder da mente consciente é o de encaminhar decisões e pensamentos, e também tornar factível o raciocínio, etc. O subconsciente é submisso ao consciente, e ambos acumulam fatos utilizáveis no futuro. No entanto, o subconsciente é intuitivo e, em consequência, tem sua própria maneira de operar e de forma instantânea. Tudo isso se processa, imaterialmente, mas não podemos inferir que existe algo espiritual ou paranormal que justifique e explique o trabalho do subconsciente. Não nos esqueçamos de que já é consensual entre os membros da ACAPA/ACPA a necessidade de profundos e amíúdes estudos relativos às temáticas envolvidas. Nada mais a acrescentar, a não ser registrar o propósito do Grupo de Assistentes em promover um intercâmbio de ideias com nossos leitores acerca dos temas que foram expostos. Muito obrigado!

É necessário que tenhamos momentos durante as 24 horas do dia, preferencialmente, à noite, antes de dormir, e por meio de autossugestão, treinar nossa mente subconsciente, que é intuitiva, para aceitar somente os pensamentos positivos que desejamos possuir no cotidiano de nossa vida.



– Esperamos e desejamos que os leitores tenham entendido, tratando-se da compreensão de tudo que foi registrado em nossa explanação, sobre fatos que acontecerão no futuro, em médio e longo prazo. Para finalizar, sugerimos que façamos um agendamento mensal ou quinzenal para os próximos três ou seis meses, elencando os assuntos considerados mais importantes. Por exemplo, duas temáticas seriam, inicialmente, tratadas: “1. Consciência, inteligência, pensamento e intuição”; e “2. Transcendência gnosiológica e ontológica, humanismo e transumanismo”, e, assim, igual importância reclamadas. Em nome do grupo de assistentes, agradecemos a atenção de todos.

A RELAÇÃO DOS PROBLEMAS PARA A OMEPE

1. Hugo é filho de João, que é irmão de Antônio. Hugo e Bruna tiveram uma filha, que teve uma filha chamada Amanda. Qual a relação de parentesco entre Antônio e Amanda?
2. Ary é filho de Joana e Arthur. Jair também é filho de Joana e Arthur. Porém, Maria é filha de Ary, enquanto Martha é filha de Jair. Qual é a relação de parentesco entre Maria e Martha? Por quê?
3. Joelmir e Matheus são dois irmãos que gostam muito de Matemática. Matheus fez a seguinte pergunta a Joelmir: “Joelmir, eu tenho 19 anos, você tem 23 e papai, 43 anos. Que procedimentos devo adotar para ter certeza de que as nossas idades representam, todas elas, números primos?”.
4. Usando “duplos e triplos e a operação de adição”, utilize os dados do problema anterior, efetue os cálculos e verifique se o resultado é um número primo. Por exemplo: “O dobro da idade de Matheus adicionada ao triplo da idade de Joelmir, mais o dobro da idade do pai deles representa um número primo?”. Faça outras tentativas mudando a forma de colocação de dobros e triplos para determinar pelo menos um número primo, evidentemente usando as idades dos dois filhos e de seu pai.
5. Agora que você já possui excelentes dotes matemáticos na arte de determinação de números primos, mostre por que os números “135, 137, 247, 418 e 439” são ou não são primos.
6. Nós estamos no ano de 2016. Se somarmos os números correspondentes ao “dia + o mês + o ano (16)”, encontraremos números “pares,



ímpares e primos”. Por exemplo, “28/06/16 terá soma igual a $28 + 6 + 16 = 50$, par, e 05/06/16 terá soma igual a $5 + 6 + 16 = 27$, ímpar”. No entanto, o mês de Junho/16 terá o seguinte conjunto de primos: “Conjunto de números primos de Junho/16 = {23, 29, 31, 37, 41, 43, 47}”. Responda agora às seguintes perguntas:

- Os números correspondentes à soma de “dia, mês e ano” das datas “31/10/16, 30/11/16 e 31/12/15” são números pares, ímpares ou primos?
 - Quantos números primos existem na soma de “dia, mês e ano” dos meses de “outubro, novembro e dezembro”? Elabore em um único conjunto a relação, em ordem crescente, do “conjunto de números primos relativos aos meses de outubro, novembro e dezembro do ano de 2016”.
7. Observe as palavras da sequência {PORTUGUÊS, CHEVETE, ATUM, AFINCO, DEPOIS}. Se associarmos, por exemplo, a palavra “disquete” ao número ímpar e primo 7, assinale “V” para a(s) opção(ões) verdadeira(s) e “F” para a(s) falsa(s).
- () A sequência inicial de palavras pode ser associada ao conjunto de números pares entre 1 e 9.
 - () A sequência inicial de palavras pode ser associada ao conjunto dos números entre 1 e 11.
 - () A sequência de palavras {Chevete, Depois, Português, Afinco, Bronze} pode ser associada à sequência dos números primos até 11, inclusive.
 - () Se colocarmos a palavra “destreza” no conjunto de palavras constantes do item III, o novo conjunto de números seria dos primos até 13, inclusive.
 - () Se considerarmos que a afirmação anterior é incorreta, qual, na sua opinião, seria a resposta correta?
8. A sequência descoberta pelo matemático italiano Leonardo Fibonacci (1.180 – 1.250) é formada pelos números naturais positivos {1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144, ...}.
- Observe que, a partir de $n = 2$, existe uma característica comum entre os três números subsequentes após 2. Descubra essa característica comum até o número 144.



9. Num jogo decisivo de um campeonato de futebol, o campeão será apontado por pênaltis a serem cobrados por cinco jogadores de cada equipe. Se as probabilidades de acertos distribuídas entre os jogadores forem 100%, 100%, $\frac{2}{5}$, $\frac{3}{4}$ e $\frac{1}{2}$, descubra a probabilidade de todos os jogadores errarem as suas cobranças.
10. Francisco solicitou à sua irmã Teresa que lhe trocasse uma nota de R\$ 100,00, mas explicou que necessitava de pelo menos uma cédula de R\$ 50,00. Teresa acabara de retornar de um caixa eletrônico, do qual sacou um total de R\$ 200,00 em notas de R\$ 10,00, R\$ 20,00 e R\$ 50,00. Teresa ficou um pouco confusa porque não lembrava quantas cédulas recebera dos valores especificados. Como as notas eram novinhas e de mesmo tamanho, a maneira de escolher os grupos de cédulas relativas aos R\$ 100,00 do seu irmão Francisco é inteiramente equiprovável. Todos têm a mesma possibilidade de escolha. Calcule então a probabilidade de Teresa atender à solicitação de Francisco, trocando a sua nota de cem reais.

Lembre-se de que “a probabilidade de nenhum brasileiro ser premiado = probabilidade de nenhum brasileiro receber a medalha de ouro multiplicada pela probabilidade de nenhum brasileiro receber a medalha de prata multiplicada pela probabilidade de nenhum brasileiro receber a medalha de bronze”. Essa operação é a resposta do problema.

11. O treinador de um corredor de obstáculos calculou que, se ele corresse a 10 quilômetros por hora, chegaria ao seu destino uma hora depois do meio-dia. Se aumentasse a sua velocidade em 5 quilômetros, passaria a correr com velocidade de 15 quilômetros por hora e anteciparia uma hora na conclusão da corrida. Se na corrida oficial o corredor vencedor deverá chegar exatamente ao meio-dia, que velocidade deverá desenvolver?
12. Justifique a afirmação: “o menor número natural que podemos escrever utilizando apenas dois algarismos não é dez, e sim a unidade”. Essa questão e outras de natureza semelhante servem para que nos lembremos de que $0/0$ não têm significado matemático, enquanto que $0/x$ é sempre igual a zero, qualquer que seja “ x ”, em que “ x ” é real. Note que “ x elevado a nove nonos é igual a nove elevado a zero”. Considere esta informação para escrever o



- número “3” com nove noves e o número “10” com sete noves. Em seguida, veja se você é capaz de descobrir, usando apenas cálculo mental, “uma maneira de escrever o número 11 com dez noves”.
13. João conversava com seu irmão Pedro e fez a seguinte afirmação: *Pedro, há dezoito anos, você era três vezes mais velho que sua filha Fátima, e atualmente a sua idade é o dobro da idade de Fátima, que tem “x anos”*. Para ajudar João, calcule x , que corresponde às idades de Fátima, e, em seguida, calcule a idade de Pedro.
 14. Apenas utilizando cálculo mental, resolva a seguinte questão:
 15. Pedro, há dez anos, tinha o triplo da idade de Fátima, que, em julho de 2016, tem idade equivalente a um quarto de século. Em que ano Pedro completou 45 anos, e Fátima, 15?
 16. Se Pedro há quinze anos tivesse o quádruplo da idade de sua filha, qual seria as idades dos dois, se, atualmente, em 2016, Pedro tem o triplo da idade de Fátima? Pedro teria menos ou mais de um século? Será que a idade de Fátima poderia ser a média entre 40 e 50 anos, ou, na realidade, é maior do que meio século”?

Considere a informação de que “ x elevado a nove nonos é igual a nove elevado a zero” para escrever o número “3” com nove noves e o número “10” com dez noves. Depois de resolver as questões anteriores propostas neste problema, você seria capaz de escrever, usando apenas cálculo mental, “o número 11 com cinco noves”?

OS ARTIGOS PARA O BLOG, AS QUESTÕES DA OMEPE E A MISSA ECUMÊNICA

O artigo do Grupo 1: Humanismo e Transumanismo

ACERCA DE CONFÚCIO

– Os registros indicam que é provável que Confúcio nasceu no território conhecido como “Antigo principado de Lu”, em 551 a.C., na comunidade que reunia os indivíduos que formavam o clã dos Kong, cidade de Xantum. Afirma-se, ainda, que seus pais eram nobres, mas economicamente pobres e humildes.

– Parece que muito cedo começou a exercer cargos públicos, sendo convidado para Ministro da Justiça da província de Lu. Mas não conse-



guiu – nas funções públicas e políticas que exerceu – conviver com as iniquidades palacianas, e logo concluiu que esse não era o seu destino. Henry Thomas, jocosamente, faz referência sobre a decepção de Confúcio, como segue:

*[...]. Estava conseguindo tornar sua nação civilizada, e famoso o seu rei. Mas o governador da província de Chi, invejando a grandeza de Lu sob a orientação de **Confúcio**, acertou na escolha de uma simples manobra para minar a influência do filósofo sobre o rei. Mandou a seu colega, de presente, oitenta belas dançarinas. O plano teve êxito. O rei de Lu ficou tão absorvido pelas jovens que esqueceu **Confúcio** completamente. Com profunda tristeza, deixou **Confúcio** sua terra natal e entregou-se, mais uma vez, à misericórdia do mundo em geral. (THOMAS, Henry, *A história da raça humana*, p. 51-52)*

Dedicou-se então ao ensino e, nesse caminho, afirmou-se e ficou célebre como Professor. Viajou a diversas localidades da China por cerca de dez anos, com o intuito de apresentar e trocar ideias de seus ensinamentos. Com essa pregação ininterrupta e persistente que iniciou aos seus cinquenta anos, Confúcio constituiu inúmeros adeptos, principalmente, pela impressão que causava a sua sabedoria e caráter reto. Parece ter cansado das andanças, pois aos 69 anos voltou às suas origens, na cidade de Lu, ensinou e escreveu até o fim de seus dias, em 479 a.C., aos 72 anos.

Podemos anotar pensamentos de Confúcio citados no *Livro de Provérbios Chineses*. Vejamos dois desses belos e lúcidos ensinamentos²³:

Para conhecermos os amigos, é necessário passar pelo sucesso e pela desgraça. No sucesso verificamos a quantidade, e na desgraça a qualidade.

Não corrigir nossas faltas é o mesmo que cometer novos erros.

A CONTINUIDADE DOS TRABALHOS: A PROPOSTA DO PROFESSOR LUIS

– Companheiros da ACAPA/ACPA! É possível que seja esta a semana mais importante para os destinos de nossa associação. Talvez alguns

23 Disponível em: <<http://wikipedia.org/wiki/Conf%C3%BAcio>>.



questionem os motivos dessa afirmação. Entretanto, apresentaremos agora as justificativas. Primeiro, as definições finais sobre a realização da missa ecumênica: o encontro de quinta-feira na sala do Padre Francisco, reunindo todos os religiosos convidados, além do Prefeito João Batista. É bom lembrar que a missa será realizada no sábado, às 16h. Neste mesmo dia, sábado, ocorrerá o lançamento da primeira “Olimpíada de Matemática das Escolas Públicas Municipais e Estaduais”, a OMEPE, com início às oito horas e término às onze horas. Finalizando, teremos o lançamento solene do blog e seus artigos já entregues pelos coordenadores, ensejando tempo necessário para a avaliação e definição da forma de postagem: de uma a três partes. Desejamos lembrar-lhes de que o técnico em computação e especialista em assuntos relacionados a sites e blogs será nosso hóspede a partir de sexta-feira à tarde. Assim, todas as preocupações devem voltar-se para as responsabilidades individuais, bem conhecidas pelos componentes dos grupos.

A quinta-feira amanhecera ensolarada animando os pássaros, que, embora não permanecessem no sítio, oficialmente, como moradores, era ali que se alimentavam junto com a sua prole. Contudo, diferentemente dos outros animais, habitantes naturais, preferiam o nomadismo. Era extasiante vê-los e ouvi-los cantando felizes, preliminares de namoros e romances festivos; sabiás, bem-te-vis, corrupeções, pegas, anuns, e, às vezes, forasteiros desconhecidos, componentes do teatro musical diário. O Professor Luis desceu e, por tudo que havia sentido e visto, somente tinha motivos para esbanjar alegria, cheio de felicidade que estava. Sem dar tempo aos presentes para comentários sobre o seu estado emocional, dirigiu-se especialmente à chefe De Jesus, provocado-a:

– De Jesus, achamos que você precisa procurar explicações junto à Doutora Anabeth, ela afirmou no artigo que será publicado no blog da ACAPA que o seu “olho gordo” não existe, não passa de uma invenção popular sem maldade. Ou seja, por não ter nenhuma comprovação científica, não merece credibilidade. O que você acha disso?

– Professor Luis, eu tenho o maior respeito por todos desta casa. Até mesmo pelos animais, e compreendo também esse negócio de “comprovação científica” que ela disse, mas, mesmo assim, eu não vou jogar fora o que aprendi com meus avós e bisavós, e também o que vi e

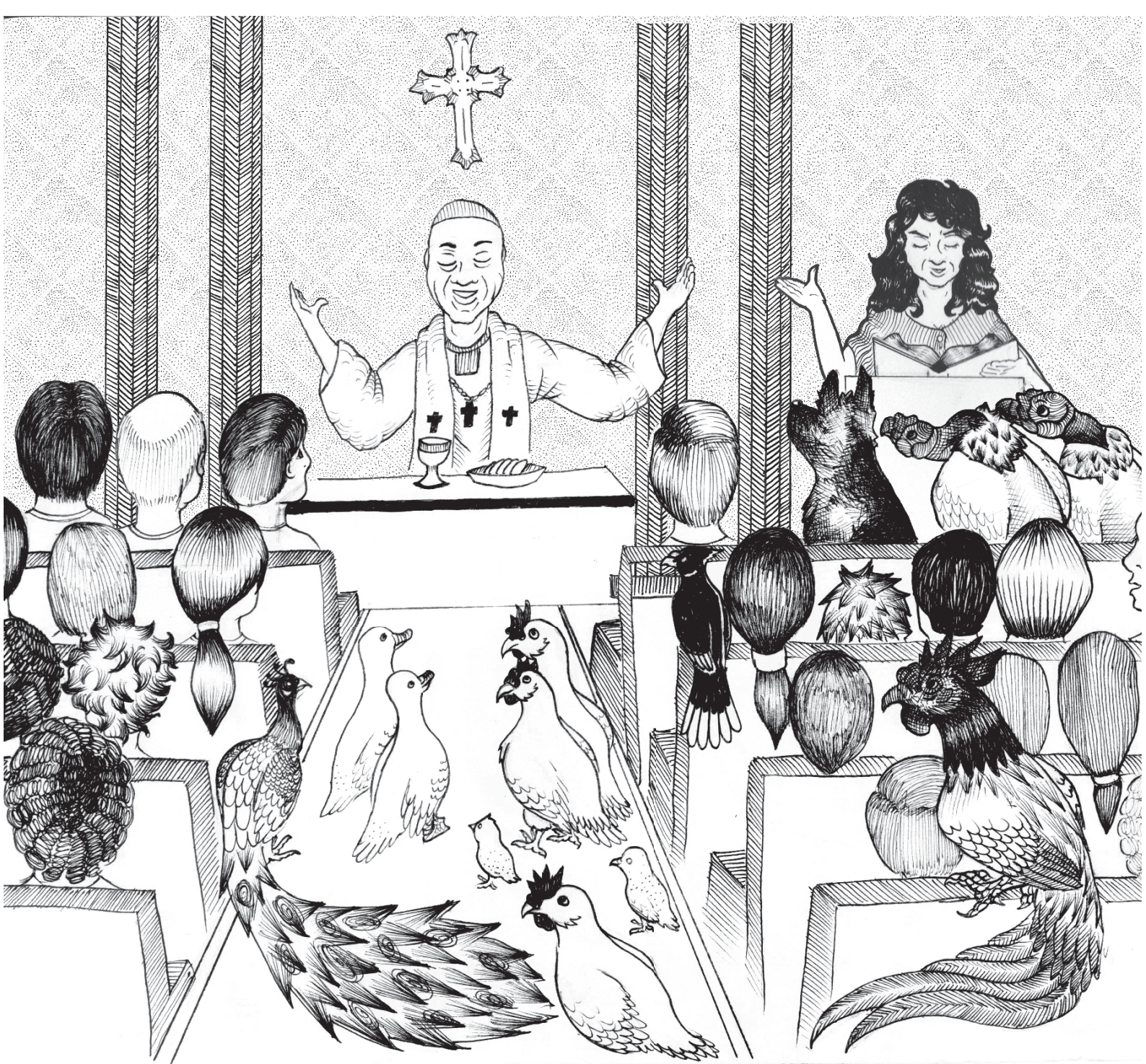


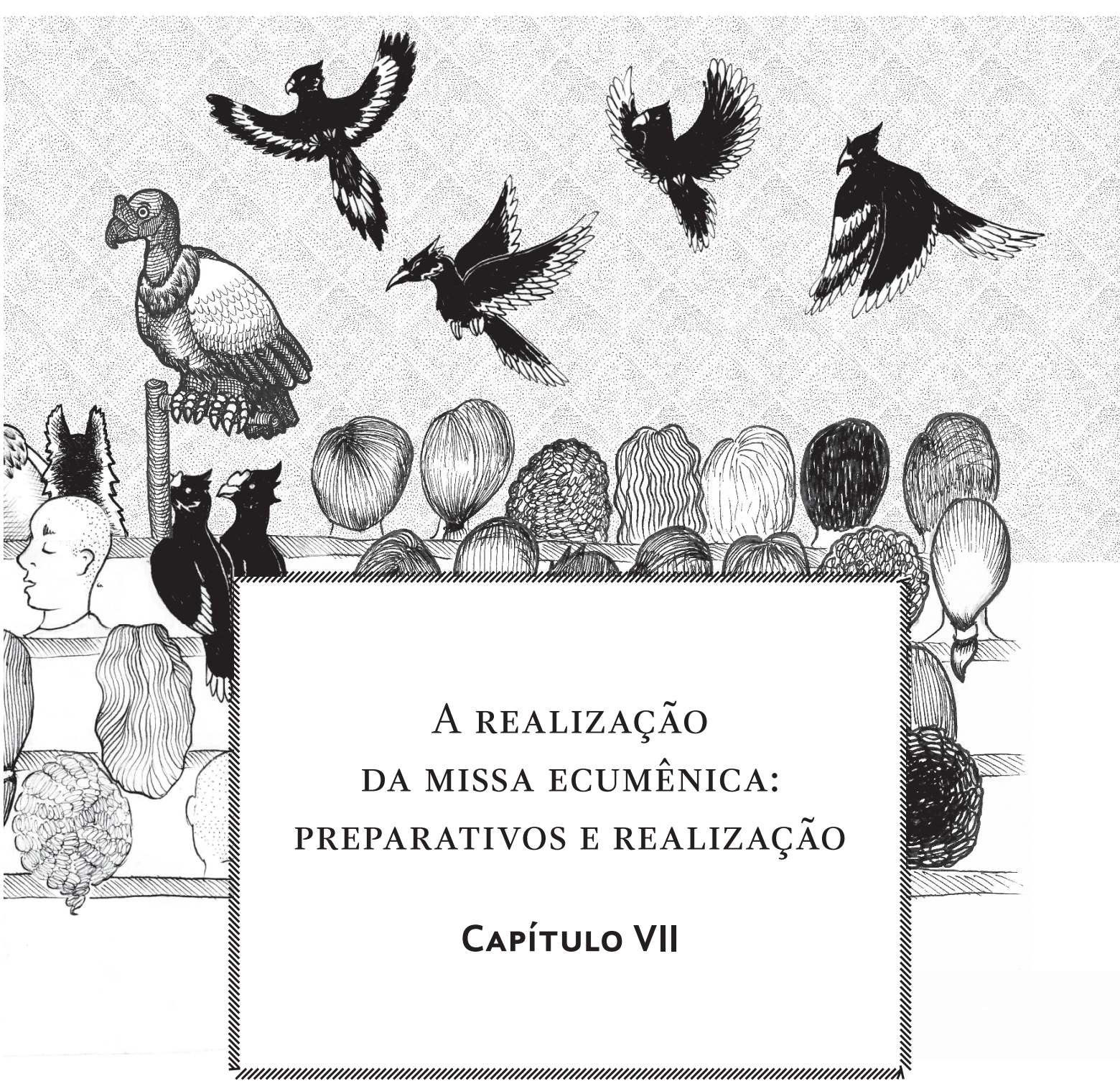
vivi. Portanto, não vou cobrar satisfação dela; um dia a ciência que ela defende ou o meu amado e querido Deus, que me ilumina, vai mostrar a ela que o “olho gordo” existe e devemos fazer tudo para nos livrar dele, isso quando for possível.

O Professor Luis resolveu calar-se, colocando um ponto final numa discussão que, em si mesma, ele nada tinha a acrescentar. Limitou-se ao apetitoso desjejum e volver seus pensamentos para a reunião da tarde. Os outros também pareciam mais atentos às suas agendas e não se envolveram com o noticiário televisivo. Sem muita demora, quase ao mesmo tempo, todos chegaram ao escritório para o início do expediente matinal.

– Se todos concordarem – começou o Professor Luis —, propomos que nossas atividades tratem dos três artigos, um de cada grupo, em que o prazo final para os elaboradores será até o final do expediente desta quinta-feira. Acabamos de receber o artigo prometido pela Doutora Anabeth, antecipado em três dias, totalizando 12 páginas. Fato idêntico aconteceu com o artigo do primeiro grupo, com 25 páginas, coordenado pelo Doutor Pedro Otávio. Como nomeamos um grupo de avaliadores, faremos apenas comentários generalizados em todos os artigos, e a essência do texto e outros detalhes caberá ao GT-avaliação, que realizará essa tarefa.







A REALIZAÇÃO
DA MISSA ECUMÊNICA:
PREPARATIVOS E REALIZAÇÃO

CAPÍTULO VII

“A ciência humana de maneira nenhuma nega a existência de Deus. Quando considero quantas e quão maravilhosas coisas o homem compreende, pesquisa e consegue realizar, então reconheço mais notável.”

Galileu Galilei

A REALIZAÇÃO DA MISSA ECUMÊNICA: PREPARATIVOS E REALIZAÇÃO

MISSA ECUMÊNICA: DETALHES DA ORGANIZAÇÃO FINAL E REALIZAÇÃO

A Professora Amélia foi a responsável pelos contatos de confirmação da realização do encontro agendado com o Padre Francisco; tudo foi realizado com o contato que manteve junto à assessora do pároco, sua amiga. Ao Professor Luis, talvez o mais entusiasmado com o evento, coube-lhe os acertos finais a serem ajustados com o Prefeito João Batista. O Doutor Pedro Otávio foi nomeado “organizador e planejador geral da missa ecumênica”. O Professor Luis, observando que as principais providências foram acertadas, resolveu finalizar o expediente, mas reiterando uma instrução final:

– Bem, temos todos os acertos firmalizados, no entanto, sábado estaremos todos bastante ocupados com as responsabilidades assumidas e que se complementarão com a reunião desta tarde. Desejamos a colaboração de todos porque, hoje, conversaremos com o Prefeito sobre a impressão das questões da prova da OMEPE. Ocorre que é necessário fazer-lhe algumas recomendações, e isso somente será possível aqui, neste escritório, e, para tanto, precisaremos contar com a presença dos membros da ACAPA. Aguardaremos até ao final da reunião para tomar uma decisão correta. Sabemos de nossos afazeres de hoje e amanhã, assim,



não teremos mais nenhuma reunião de trabalho. Cada grupo resolverá seus próprios problemas e somente em situações de difícil solução é que, excepcionalmente, consultas serão admitidas ao organizador e planejador. Finalmente, sugerimos que estejamos vestidos apropriadamente para a reunião porque, antes de sairmos, às 14h30min, é importante discutirmos alguns assuntos, como: quem de nós falará em primeiro lugar? Qual o assunto a ser tratado e o tempo disponibilizado? Às 14h10min iniciaremos porque achamos vinte minutos tempo suficiente. Alguma dúvida?

O Professor Luis notou que o Doutor Pedro Otávio levantara a mão, gesto que significava “peço a palavra”, e, em seguida, usou-a.

– Desejamos apenas fazer uma observação. Sugerimos que iniciemos no horário habitual, às 14h, porque, considerando nossa experiência, é conveniente sempre deixar uns dez minutos para possíveis imprevistos como esquecimentos, coisas de dona de casa, etc. É só isso.

– Sem objeções e, como era usual, a propositura foi aceita, então todos foram para o almoço. Realmente, a preocupação era grande com as obrigações da tarde. O repasto não foi regado pelas discussões animadas e críticas, apenas algumas amenidades sem maiores conseqüências. Notava-se a expressão contida e frustrada de De Jesus ao se ver tolhida de suas jocosas e apimentadas participações. Assim, no horário acertado, os trabalhos foram reiniciados.

– Na verdade, mais dispostos pelo apetitoso repasto, temos uma proposta ou sugestão. Evidentemente que os participantes da reunião deverão ter oportunidade de expressar os motivos da sua presença, especificamente sobre a “missa ecumênica”; sugerimos o que segue: a) nós iniciaremos apenas para agradecer a presença dos convidados e manifestar ao Padre Francisco a gentileza pelo acolhimento na realização do evento. No final, anunciaremos que a sequência dos assuntos circunscritos à ACAPA/ACPA serão tratados pelo “organizador e planejador”, Doutor Pedro Otávio. O chefe da igreja assumirá a continuidade dos trabalhos. Essa é a nossa sugestão.

– Luis, concordamos com a sua proposta, mas fazemos alguns adendos. Primeiro, refere-se ao tempo. Considerando-se que serão seis presentes a falar, se atribuirmos cinco minutos para os convidados e você, além de dez para o Padre e o Otávio, totalizarão quarenta minutos, tempo



razoável para esse encontro preparatório. Ainda ficarão disponíveis dez minutos para alguns pequenos comentários e alterações consensuais.

Depois desses acertos, e todos vestidos adequadamente, desceram e se deslocaram para a igreja, sendo recebidos pela assessora do Padre Francisco, a amiga da Professora Amélia, que os encaminhou para a sala de reuniões. Pediu-lhes que aguardassem sentados, retirou-se, e, ao retornar, estava acompanhada do Prefeito João Batista e dos religiosos convidados. O pároco tentava disfarçar a satisfação, explicitamente, demonstrada em seu semblante alegre e empático.

– Bem, amigos ecumênicos. É com muita alegria que a nossa paróquia recebe todos vocês, reunidos que estamos agora por uma causa tão nobre. Nós não podemos deixar de registrar o empenho do nosso bispo, que, via telefone, tem ligado para nós cobrando notícias atualizadas sobre a realização do evento. Mas desejamos enfatizar que somos apenas os anfitriões desse encontro de caráter preliminar à festa religiosa, a missa ecumênica. A partir de agora serei um anfitrião ouvinte, passando a direção dos trabalhos ao representante da associação dos animais, a ACAPA/ACPA.

– Boa tarde e recebam todos os nossos agradecimentos pelo comparecimento. É importante esclarecer que a associação, a qual será oficialmente criada no próximo sábado, denominada ACAPA/ACPA, não se caracteriza como bem privado ou público. Isso significa que, todo o terreno ocupado pelos próprios animais que dispõem de residência fixa no interior do sítio, com moradias adequadamente construídas para cada espécie, foi doado por nós – minha esposa e todos os nossos filhos – para a associação. Com este esclarecimento, anunciamos que, a partir deste momento, os assuntos circunscritos à ACAPA/ACPA serão tratados por mim, nomeado como o “organizador e planejador das festividades da missa ecumênica”, conhecido que sou por Doutor Pedro Otávio. Após a apresentação dos membros presentes da nossa associação, o Padre Francisco assumirá a continuidade dos trabalhos. Os membros da associação presentes levantar-se-ão na sequência: Professor Luis, solteiro, tendo acompanhado meus pais há mais de vinte anos para vivermos na tranquilidade desta pacata cidade, na certeza de que poderíamos viver distanciados da violência que já, àquele tempo, dava mostras do que vemos hoje nas capitais e grandes cidades



brasileiras. Nós três, à exceção de minha irmã Lizbeth, que permaneceu na capital para concluir seus estudos, adquirimos o sítio e, desde então, nos dedicamos à preservação da natureza e ao respeito para com os seres criados pela Sublime e Suprema Essência da Energia Cósmica: Deus, Alá e outros. Por enquanto, é o bastante.

– Bem, como não posso participar apenas como “anfitrião ouvinte”, concedo cinco minutos para o rabino Josh Ibraim.

– Obrigado, meu amigo e bondoso Padre Francisco. Como chegamos na igreja por volta das catorze horas, conversamos objetivamente sobre os motivos de nossa participação neste encontro. É importante dizer que, embora a associação ainda não esteja oficialmente criada, soube-mos notícias dela aqui na cidade e em localidades vizinhas. Inúmeras questões estão sem resposta, mas o principal é a variedade de elogios sobre a dedicação e o zelo dos proprietários do sítio pela preservação ecológica e o tratamento disponibilizado aos animais como seres criados por Deus. Lembrarei rapidamente que no primeiro livro bíblico, *Gênese*, *Noah* foi avisado de que um Dilúvio viria atingir o planeta Terra. Vejamos:

Noé, Versículo 9.1: Abençoou Deus a Noé e seus filhos, e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra. 9.3: Tudo o que se move, e vive, ser-vos-á para alimento; como vos dei a erva verde, tudo vos dou agora. 9.4: Carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis.

Permitimo-nos fazer essa citação do Velho Testamento porque nos parece adequada aos objetivos da associação e de seus membros diretores. A propósito, em face do seu caráter em promover estudos científicos, sugerimos que sejam incluídos, além da Bíblia, o Alcorão e outros livros sagrados. Finalmente, não sei se estarei ferindo a ética do discurso, mas tenho o prazer de anunciar, como já fizemos em outras ocasiões, que, na “missa ecumênica”, o representante do grupo é o nosso companheiro de muitos eventos semelhantes a este, o Kardecista Alan Xavier. Muito obrigado a todos pela atenção que dispensaram em ouvir-me.

– Parabenizo o nosso amigo ecumênico Doutor Josh Ibraim pela citação proferida, ao tempo em que desejo enfatizar e concordar com as sugestões oferecidas. Chamamos então o representante escolhido, o também Doutor Alan Xavier, nosso particular amigo.



– Uma peculiar característica nossa é o fato de ninguém gostar de guardar segredo. Mas isso é benéfico para o espírito, pois tal fato deixa-nos ansiosos, apreensivos ou em estado de alerta. Vamos utilizar o mote “animais” para construir essa pequena apresentação. O kardecista e escritor Adelino Silva conta uma história que se passou entre Chico Xavier e sua cadela denominada Boneca. A cadelinha, ao avistá-lo, se desmanchava de alegria e promovia uma variedade de afagos: pulava em seu pescoço, lambendo seu rosto como se estivesse beijando-o. Na velhice, Boneca adoeceu, sofreu bastante, e, apesar dos recursos médico-veterinários, logo faleceu. Numa de suas visitas a São Paulo, um casal amigo deu-lhe um belo presente: ofertaram-lhe um cãozinho da mesma raça de “Boneca”. Adelino completa sua narrativa da seguinte forma:

[...] O cãozinho foi entregue a Chico ainda enrolado em um pequeno cobertor que lhe abrigou em seus braços, e, para surpresa de todos, o cãozinho deu início a afagos idênticos aos de Boneca. Chico Xavier advertiu com as seguintes palavras: Ah, Boneca, estou com muitas pulgas. Prontamente ela esfregou seu focinho em seu peito, como se estivesse atrás das pulgas.

– Não se pode negar que os presentes e as testemunhas da cena sabiam que o animal que estava nos braços de Chico Xavier era o cãozinho que ele acabara de receber como presente, e não a “Boneca”, falecida há poucos anos. Envolvido em sentimentos de afeição por Boneca e pelo cão recém-chegado, Chico comentou que, quando os animais se sentem amados e bem tratados, após desencarnarem, ainda ficam alguns anos perto de nós. Assim, temos a obrigação de ajudá-los em sua caminhada na perspectiva de sua evolução espiritual. Em nossa opinião, também imaginamos estar de acordo com os propósitos dos diretores da associação: é essa a maior e mais importante contribuição que será oferecida a todos os animais que residem no sítio. Muito obrigado.

– Chamamos agora nosso inesquecível amigo, que, junto aos demais ecumênicos, tem trabalhado na prática da caridade, principalmente, levando benefícios aos mais carentes: nosso companheiro de fé cristã, popularmente conhecido como “Jesus de Xangô”.



A bem da verdade, devemos acreditar que, a caridade e outros feitos concretizados, de fato, devem-se a ele, por sua dedicação cristã e devoção à nossa querida e amada mãe Maria Santíssima. Para efeitos da umbanda, peço-lhes permissão para chamá-la de “Nossa Senhora dos Navegantes”. Essa solicitação deve-se ao fato de que existe uma relação no culto umbandista entre Yemanjá (Iemanjá) e Maria Santíssima. No âmbito internacional, em Cuba, as festas que cultuam “Iemanjá”, filha da deusa dos mares “Olokun”, são tomadas e identificadas pelos adeptos de “Olokun” em manifestações compartilhadas.

Referindo-nos ao sincretismo religioso, onde orixás mais antigos da umbanda passam a ter caracteres de outros orixás recentes, os quais assumem ou incorporam performances modernas, como é o caso de “Iemanjá”, que, ao redor de outros orixás do sexo feminino relacionados com as cachoeiras, o mar, enfim, de um modo geral, com as águas, é eleita como a “Grande-Mãe ou Grande-Deusa”.

É importante registrar que, na Bahia, Iemanjá assume a divindade de “Nossa Senhora da Conceição”; já no Rio Grande do Sul, assume a divindade de “Nossa Senhora dos Navegantes”. Nos dois casos, consideram-se as festas mais populares nesses estados a “Iemanjá”, mais especificamente, nossa amada e querida mãe, “Maria Santíssima”. Essas considerações preliminares justificam-se em face da solicitação que lhes vou fazer. Sem entrar em detalhamentos, “Oxum” reina nas cachoeiras, nos rios, e, de uma maneira geral, nos diversos tipos de água doce. Existe um canto dedicado a esse orixá muito bonito de ouvi-lo, principalmente, quando cantado com acompanhamento de tambores e bongôs. Desejamos mostrar-lhes alguns versos e refrões desse cântico. Vejamos:

*Oxum era rainha
N mão direita tinha
O seu espelho onde vivia a se mirar
Quantos nomes tem a Rainha do Mar?
Quantos nomes tem a Rainha do Mar?*

– Sabemos o quanto é difícil avaliar a melodia colocada em letra muito mal recitada, a qual lhes submetemos por alguns minutos. Mas, se merecermos vossa credibilidade, permitam-nos que, após decorrido todo o cerimonial da “missa ecumênica”, por meio de uma comunicação será



informado o fato de que, com o encerramento da missa, ocorrerá, em seguida, uma apresentação do grupo de umbanda coordenado por “Jesus de Xangô”, que, embora não tenha relação com a missa já encerrada, faz parte das festividades de oficialização da ACAPA/ACPA. Acrescentamos que os componentes do nosso grupo, sob a nossa orientação, estarão paramentados, ou seja, vestidos a caráter, adequadamente, para ocasiões idênticas por nós já realizadas. Sabemos que não fomos disciplinados com relação ao tempo despendido. Mas somos otimistas, uma virtude que nos torna feliz em pleno sentido de que tenhamos sido claros e objetivos nesta pequena e humilde exposição, como também compreendidos na solicitação que fizemos. Muito obrigado.

– Meus amigos ecumênicos. Nós não iríamos, e nem poderíamos deixar de fazer referência ao nosso amado e querido Deus, e aqui nós lhes dizemos sem nenhum constrangimento: “Nosso Pai Celestial nos criou, nos colocou no planeta Terra e ele mesmo nos juntou”. Mas, nos juntou para quê? Por um instante devemos abstrair “o aprender sempre para melhorar sempre” ou reduzir esse fato ao acaso. Nós temos origens diferentes, e, até onde sabemos, o único fato não mutuamente excludente entre nós é a origem humilde e o tempo de sofrimento devido aos escassos recursos financeiros de nossos genitores, até conseguirem, cada um, poder decidir por suas vocações individuais. No entanto, aqui estamos nós, juntos, e sem abdicar das demais obrigações próprias, sabemos da responsabilidade que nosso amado Pai nos incumbiu: cuidar e dar proteção aos animais, o que não se resume em dar-lhes abrigo e alimento aos infinitos afazeres, mas, principalmente, mostrar-lhes caminhos para a evolução da “personalidade alma”, conforme se expressa nosso amigo Kardecista Alan Xavier.

– Uma lembrança importante que, neste caso, nós estávamos negligenciando: Deus deixou-nos uma “porta” que, às vezes, está trancada devido aos infinitos afazeres seus. O que fazemos nós? Talvez por ingenuidade, sentimento de culpa, ou, quem sabe, na possível inobservância da “onisciência, onipotência e ubiquidade” do criador do universo e de tudo que neles existem, hesitamos em bater na “porta”, que, talvez, esteja apenas entreaberta. Afirmamos-lhes: a “porta” de Deus jamais, repetimos, jamais estará fechada para nenhum. Nós não temos como especular ou conjecturar sobre o “mundo de Deus” e sobre os desígnios Dele, porque as limitações dos seres criados impedem tal fato. O “Mundo



Universal das Ideias” é um fenômeno cientificamente não comprovado, mas estudado; no entanto, a imaterialidade do fenômeno impede provas matemáticas que justifiquem uma teoria com seus respectivos teoremas e axiomas; por enquanto, é o que se pode dizer a respeito deste emocionante e intrigante assunto. Resta-nos então criar coragem e “bater na porta entreaberta do nosso Deus Pai”.

– Desculpem-nos pela emoção e pelo tempo utilizado. Mas não podemos ainda finalizar sem nos manifestarmos sobre a solicitação do bondoso amigo Jesus de Xangô. Procuramos e não encontramos uma objeção, quer em nível religioso ou da crença mística, porque não dizer também mística, popularmente aceita e admitida por adeptos da umbanda. Com efeito, partilho a ideia da apresentação e a ouvirei com bastante atenção, permanecendo no sítio até o final das festividades, agendada para as dezoito horas. Para finalizar esta reunião preliminar e preparatória da festa maior, passo a palavra para o “organizador e planejador das festividades da missa ecumênica”, Doutor Pedro Otávio.

– Bem, depois das exposições dos representantes e líderes religiosos das crenças cristãs, e as referências expostas de forma clara e encorajadora para nós, pecadores cheios de defeitos e frágeis na fé, aprendemos, Padre Francisco, convosco, a não hesitar em bater na “porta entreaberta do nosso amado, amigo e Pai Eterno, Deus”. Nós confessamos agora, não negamos que tal acontecia, e, de fato, tínhamos temor até de chamá-lo de “Amigo” e “Falar-lhe”. Nunca havíamos procurado nos inteirar realmente, compreender o significado da expressão bíblica “Deus criou o homem a sua imagem e semelhança”, e hoje, neste momento, por um milagre do Padre Francisco, permitam-me a franqueza, “vejo e sinto que Deus está comigo e em mim”, portanto posso olhar em Seus olhos e, principalmente, falar-Lhe. Desculpem-me por essa confissão de fé. Mas tenho dois assuntos que precisamos colocar. Primeiro, destina-se ao companheiro ecumênico Jesus de Xangô sobre possíveis incorporações no momento da apresentação que ele coordenará. Depois dessa resposta, seguir-se-á a apresentação da Professora Amélia, o último membro presente da ACAPA/ACPA.

– Muito bem observado, Doutor Pedro Otávio. Desculpem-nos pela falha cometida; a pressa talvez tenha nos induzido a isso. Tentaremos uma correção agora. Há dois tipos de rituais realizados na Umbanda: as “Reniões de Trabalho”, que se realizam no “Templo” onde participam



“chefe de terreiro, babá, yalorixá, mãe de santo, médiuns desenvolvidos e em desenvolvimento, e outros, quando existem”. Os adeptos e consulentes são encaminhados pelas “porteiras”, auxiliares do chefe de terreiro, ao médium que está incorporado com o orixá que será consultado. As “reuniões de apresentação”, às vezes, são incomuns em alguns templos, mas são as que estaremos mostrando na festividade da ACAPA/ACPA. Como lhes informamos, o evento estará sob nossa coordenação e o grupo completo constituir-se-á de vários “ogãs-de-canto e de atabaque”, médiuns, em sua maioria do sexo masculino, que, ao longo de sua vivência no “templo”, estudam e são treinados no toque rítmico dos atabaques e no cantar dos cânticos em homenagem e evocação aos orixás. Também estarão conosco “médiuns desenvolvidos” preparados antecipadamente e cientes de que qualquer “incorporação” não será permitida. No entanto, confesso-lhes que o fenômeno que chamamos de “sombreamento”, ou seja, a presença assistencial de orixás, e por que não dizer, de anjos, arcanjos e santos, pode acontecer, mas como o fazem as benditas entidades do mundo espiritual, vir em nosso socorro para a realização dos objetivos que desejamos realizar satisfatoriamente. Com isso, pretendemos afirmar, parodiando o Padre Francisco, que “os orixás da Umbanda mantêm sempre uma porta entreaberta” para atender a todos que os procuram quando carentes de ajuda. Portanto, aqui também basta uma “batidinha”... Não hesite, tenha coragem, certamente você será ouvido, e, em causas possíveis, terá resposta acalentadora. Somos esperançosos da compreensão dos presentes e atendidos aos reclamos do Doutor Pedro Otávio. Obrigado. Amor, paz e muita humildade e harmonia para nós todos.

– Amigos ecumênicos! No âmbito de amigos e conhecidos, chamam-me de Professora Amélia, e alguns ainda completam esse codinome adicionando “a esposa/mulher do Doutor Pedro Otávio”, o que em nada diminui nossos laços de marido e mulher, ao contrário, enobrece-nos. Muitas “bodas” já fizemos, e a de diamante há alguns anos comemoramos. Dedicamo-nos a “aprender sempre com a implicação de sempre melhorar”, mas não o bastante, talvez devido às nossas próprias fraquezas e limitações inerentes aos seres criados. Para a ousadia que desejamos cometer, pedimos compreensão e perdão aos presentes, principalmente, sobre a concepção de “família” que assumimos foi modelada na união conjugal da Sagrada Família, José e Maria. Sem evasivas, referimo-nos à vida em



comum daqueles que, em nossa concepção, ofereceram aos seres humanos um modelo de vida conjugal feliz, apesar das dificuldades naturais de todos que se unem partilhando uma vida comum; com eles não foi diferente. Nos textos bíblicos, o casal José e Maria tipificou essa forma de união saudável. Nos planos de Deus, um modelo para as gerações que os sucederiam. Existem discordâncias entre exegetas, especialistas em informações e explicações da Bíblia em si mesma, ao arrepio de críticas gramaticais, de um modo geral, sintáticas. Mirando-nos em suas genealogias e naturalidades, são conflitantes as informações que temos acesso nos dias atuais. Mas os detalhes deixaremos a cargo do Padre Francisco, que estudou e tem bases teológicas para orientar-nos. Para o nosso propósito, citaremos dois versículos: um de Lucas e outro de Mateus.

- **Mateus I-16:** Jacó gerou José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado de Cristo.
- **Lucas 3.23:** Ao iniciar o ministério, Jesus tinha mais ou menos trinta anos e era, como se supunha, filho de José, filho de Eli.

– Em uma primeira leitura, parece existir uma dubiedade de informação. Afinal, “Jesus era filho de José e José era filho de Eli?”. Como já afirmamos, o Padre Francisco dar-nos-á as explicações dessa suposta contradição. A Bíblia ensina-nos que, se desejamos fazer uma interpretação dos fatos relatados, principalmente no Velho Testamento, devemos relacioná-los à época em que o fato aconteceu, a origem dos envolvidos, suas localidades e costumes. Ao contrário desse procedimento, muitos adeptos cristãos abandonam a leitura por não entenderem as mensagens do texto bíblico, e perdem a oportunidade de mudar o sentido de suas vidas. Finalizando, confesso-lhes que, em diversas ocasiões, tal aconteceu conosco, quando, por exemplo, da leitura superficial da vida familiar e do sofrimento de José e Maria. Como fomos ingênuos, Otávio e nós, ao compararmos pequenas dificuldades, nas quais, às vezes, em poucos dias ou horas uma solução emergia; constatamos que bastaria nos espelhar no sofrimento da “Sagrada Família” para darmos a real dimensão daqueles pequenos momentos infelizes, mas fugazes, passageiros. Muito obrigada por nos ouvirem com atenção!

– Essa reunião vai nos obrigar a fazer uma alteração nas etapas de celebração de uma missa; trata-se da inclusão de uma “homilia”. Para



quem não sabe, uma “homilia” tem como finalidade incentivar pessoas, por exemplo, alunos, jogadores, etc., sendo desenvolvida por Professores, técnicos esportivos, ou seja, pessoas que trabalham com alunos e aficionados. Em nosso caso, é mais comum a sua utilização em missas e festas religiosas. Assim, o objetivo da homilia para a “missa ecumênica” será incentivar e dar motivos para o relacionamento das famílias com a ecologia. Na abordagem sobre a ecologia, enfatizaremos a preservação da natureza, além do respeito e também preservação de todos os seres criados, em uma breve amostragem dos danos causados ao planeta Terra pela extinção de diversas espécies. É preciso entender também que a homilia não se confunde com o discurso do celebrante, que acontece após a leitura do evangelho. Quaisquer outras dúvidas, podem telefonar ou vir aqui pessoalmente. Esse encontro ultrapassou as expectativas. Muito obrigado!

O encontro findara, e, no salão paroquial, ocorreu um encontro geral. Na oportunidade, o Professor Luis chamou o Prefeito Freitinha para uma conversa à parte, quando combinaram um encontro no sítio entre as 19h30min e 20h. A caminhada daquela quinta-feira deveria ficar restrita aos aspectos “exercício e cumprimentos ao Sol”. Mas tudo aconteceu conforme fora previsto. Uma rápida caminhada e, igualmente, um rápido jantar com De Jesus invocando a desaprovação e ira de seus deuses, pelo que ela considerava um desrespeito. Mas não teve jeito. Às 19h30min, o Professor Luis estava na sala da televisão, aguardando o Prefeito João Batista. A espera pouco demorou. Um caminhão e outro carro da prefeitura estacionaram ao lado do portão. O Professor Luis e seu pai foram receber os visitantes e curiosos com o que continha o carro maior. Cerca de quinze cavaletes adaptados e mais dois aparatos rasteiros, tipo assentos, contendo uns três lugares, os quais, sem dúvidas, destinavam-se aos pássaros pretos e aos cães. O Professor Luis não deu tempo ao Prefeito para explicações.

– Vamos subir, Freitinha, porque temos uma decisão muito importante que somente podemos tomá-la em conjunto.

Um tanto constrangido, o Prefeito aquiesceu e subiram. O grupo dos assistentes, que antes havia subido, estava acomodado em seu lugar.

– Freitinha, você está vendo este envelope amarelo tamanho ofício?



– Perguntou o Professor Luis. – Pois bem, aqui estão duas cópias das questões para a prova da OMEPE e um “Comprovante de Recebimento” que será assinado pelo Prefeito João Batista e pelo Presidente da Câmara dos Vereadores, o vereador Zé Onofre. A nossa preocupação refere-se ao “vazamento de questões ou quebra de sigilo”, após as assinaturas que serão apostas, especificamente, durante os serviços gráficos de impressão, encadernamento, contagem e numeração de páginas, considerando-se que cada prova terá quatro páginas: duas com as questões e duas para cálculos. Assim, como a previsão é para cerca de quatrocentos participantes, o Secretário de Educação e o Presidente da Câmara dos Vereadores deverão apor, cada um, 1.600 assinaturas. Estamos entendidos?

– Bem, Professor, entendemos muito bem as suas explicações. Mas temos duas preocupações: a primeira é com o piscar de olhos do Zé Onofre; quem o conhece sabe que, de vez em quando, ele tem surtos de espasmos que incluem piscadas e balançadas de pernas intermitentes e concomitantes, quando passa por fortes emoções, expectativas e ansiedade. Parece que, no momento atual, tudo acontece ao mesmo tempo. Com relação aos serviços gráficos, precisamos fazer dois rápidos contatos; dê-me cinco minutos.

Sem levantar-se, iniciou as ligações pelo celular. Todos acompanharam a primeira ligação e entenderam que o planejamento e a impressão das provas poderia começar a partir das 21 horas. Quanto ao segundo telefonema, eram necessárias maiores explicações para compreendê-lo, e foi o que o Prefeito fez em seguida.

– Tudo acertado! Às 21 horas a equipe de especialistas da gráfica iniciará o planejamento, em que cada prova terá cinco páginas e não quatro, devido à “página de rosto”, a capa. E, para acompanhar todo o serviço, chamamos um funcionário antigo da prefeitura, de nossa integral confiança, o que significa dizer que entrar ou sair da gráfica somente só será permitido com a sua vistoria e autorização. Vamos então para as assinaturas dos documentos, e depois desceremos para a avaliação dos cavaletes adaptados. Nós gostaríamos de que os assistentes nos ajudassem na testagem do material. Também, e antes de que esqueçamos de lhes pedir permissão, trouxemos duas placas que precisamos de aprovação para implantá-las definitivamente: a de média duração, que identifica a



ACAPA/ACPA, e a de curta duração, sobre a missa ecumênica. Se houver concordância, amanhã à tarde faremos o serviço.

O Prefeito não economizou tempo ao descrever as adaptações realizadas nos cavaletes, realçando seus comprimentos, alturas e utilidade. Identicamente o fez ao referir-se aos assentos especiais, segundo ele destinados ao Semeador, Mestre-1, Átila e Pitágoras. O Professor Luis afastara-se das conversas, deixando que o Prefeito, seu pai e o vereador Zé Onofre se entendessem satisfatoriamente; tal ocorreu em torno das 20h30min, quando a comitiva municipal decidiu que chegara o momento de se deslocar para a gráfica. Antes de partirem, o Professor Luis lembrou-se de que precisavam marcar um encontro para uma verificação do andamento e vistoria dos trabalhos gráficos, quando aproveitaria para fazer a reserva no hotel para o técnico em computação que estava esperando.

– Freitinha, vamos marcar para amanhã às 11h30min, na gráfica, uma visita de vistoria sobre o andamento dos trabalhos. Depois, precisamos reservar um quarto no hotel para o técnico que contratamos para a implantação do blog.

– De modo algum, Professor – interrompeu o Prefeito João Batista. – A prefeitura dispõe de um quarto especial no hotel para ocasiões como essa. Hospedamos pessoas convidadas para participar de eventos, ou prestar serviços relevantes ao município, como é o caso. O Zé Onofre está ouvindo-nos e é ele quem faz o controle dos hóspedes que serão acomodados. Como o hotel se localiza perto da gráfica, ele vai resolver esse assunto ao passarmos por lá. Não se preocupe com o custeio dos gastos, pois no orçamento municipal temos recursos previamente aprovados pela Câmara para tal finalidade. Vamos, Zé Onofre, para dar tempo realizar o que programamos.

A IMPLANTAÇÃO DO BLOG, A PROVA DA OMEPE E A MISSA ECUMÊNICA

A Professora Amélia foi escolhida para ser a responsável pelos contatos de confirmação da realização do encontro agendado com o Padre Francisco; tudo foi realizado com o contato que manteve junto à assessora do pároco, sua amiga. Ao Professor Luis, talvez o mais entusiasmado com o



evento, couberam-lhe os acertos finais a serem ajustados com o Prefeito João Batista. O Doutor Pedro Otávio foi nomeado como “organizador e planejador geral da missa ecumênica”. O Professor Luis, observando que as principais providências foram acertadas, resolveu finalizar o expediente, mas reiterando uma instrução final.

– Encerramos agora as nossas reuniões de trabalho conjunto, no entanto, se individualmente os grupos desejarem discutir, no âmbito de suas responsabilidades, poderão fazê-lo neste escritório. As dúvidas acerca da missa ecumênica deverão ser dirigidas ao “organizador e planejador”. Daqui a alguns minutos, iremos ao encontro na gráfica com o Prefeito João Batista, o Secretário Municipal de Educação e o vereador Zé Onofre, para realizarmos uma avaliação sobre os serviços de impressão das provas da OMEPE.

Com as pendências resolvidas e as dúvidas amplamente esclarecidas, o miniencontro encerrou e os presentes começaram a cuidar dos afazeres complementares e agendados. O Professor Luis não hesitou mais e dirigiu-se para a gráfica, chegando segundos antes do séquito municipal. Entraram e sentaram em torno de uma mesa retangular, onde repousavam quatro volumes abertos com alguns centímetros de altura. O dono da gráfica retirou cinco provas de um dos volumes, distribuindo quatro entre os presentes, retendo uma consigo, recomendando:

– Em primeiro lugar, tenham bastante cuidado com os documentos ou provas que estou lhes entregando, não os amassem nem os risquem, porque eles precisam voltar ao seu local de origem, obedecendo a ordem de numeração. Os senhores observem que retiramos cinco provas desse amontoado na minha frente; notem que, embaixo, cada página está numerada de 1 a 5. Em cima, e somente na capa ou página de rosto, colocamos o número da prova: prova 1, prova 2, prova 3, etc., até a prova 400. Finalizando, é necessário que pelo menos três dos presentes confirmem se realmente existem quatrocentas provas, em seguida nossos auxiliares lacrarão os quatro volumes, depois o Prefeito e o Secretário de Educação assinarão o “Comprovante de Entrega e Recebimento”, e os que fizeram a contagem autenticarão cada pacote lacrado. Vamos então às formalidades.



O Professor Luis levantou-se, estendendo a mão para o dono da gráfica, num cumprimento gentil e elogioso.

– Aceite os nossos parabéns, caro amigo! Nós conhecíamos o seu zelo e da sua equipe desde o último trabalho em que precisei dos seus prestimosos serviços. Foi um trabalho talvez mais simples, é verdade, a reprodução e impressão de sete livros para serem utilizados pelos Professores dos nossos animais residentes no sítio e seus respectivos alunos. Desejamos confirmar uma promessa que fizemos à época. Em nome da ACAPA/ACPA, todos da gráfica, suas esposas e filhos maiores de dez anos e obedientes aos pais, estão convidados para a missa ecumênica que se realizará amanhã, sábado, a partir das 16h. Com o convite formalizado e as assinaturas e autenticações efetivadas, todos retiraram-se para dar sequência às providências relativas à OMEPE e à missa ecumênica. Ao sair, o Prefeito João Batista avisou ao Professor Luis que, por volta das 17h, iria ao sítio para verificar a instalação das placas e entregar-lhe o documento informando as realizações do Executivo Municipal em Educação, Saúde e Segurança. Enfim, todos se foram.

Na hora combinada, os carros da prefeitura estacionaram no local apropriado e que eles bem conheciam. Mas, desta vez, a comitiva havia aumentado. O Prefeito teve a iniciativa das apresentações.

– Professor, o Zé Onofre foi ao hotel e ficou sabendo da presença dos técnicos, já hospedados no quarto especial para eles reservado. Nós trouxemos porque sabíamos que o trabalho deles deve ter início ainda esta noite. Por este motivo, vieram logo conosco, pois sabemos que, para iniciar suas atividades, antes vocês precisam realizar uma detalhada conversa.

– Boa tarde, Professor Luis. Eu sou o Jeferson Mourão, ou apenas Mourão, especialista em computação, sites e blogs. Ao meu lado, o exímio fotógrafo Carlos José Mendes, ou, simplesmente, Mendes. Desejamos, respeitosamente, contradizer o Prefeito João Batista afirmando que nosso trabalho já começou. Pretendemos ter uma conversa preliminar em um local reservado, para que recebamos as informações sobre nosso trabalho, façamos as anotações e os planejamentos necessários. Em seguida, iniciaremos a sessão de fotos com os animais, o Prefeito e auxiliares, além dos membros da associação.



O Doutor Pedro Otávio sugeriu ao Prefeito Freitinha que mandasse colocar nos locais apropriados sob a sua indicação, ou seja, a placa da ACAPA/ACPA, e, quanto à faixa de plástico anunciando a missa ecumênica, levando-se em conta a sessão de fotos, poderia ser estendida ao nascer do Sol. O Professor Luis demorou cerca de dez minutos para fornecer as informações e responder, com detalhes, as perguntas formuladas pelos especialistas Mourão e Mendes. De posse das anotações, discutiram durante quinze minutos, entreolharam-se, e Mendes levantou o polegar direito dizendo simplesmente “Ok”! Mourão concordou e, simplesmente, também disse: “Pronto. Nada mais a acrescentar”. Os três desceram e foram em busca do “planejador e organizador”, do Prefeito e sua comitiva. Tarefa difícil! Mas encontraram-nos, estavam em uma alegre e pequena reunião com os bichos. Mendes e Mourão chamaram à parte o Professor Luis, dizendo-lhe que chegara o momento de iniciar a sessão de fotografias e melhor seria se um maior número de animais participasse. Átila e Pitágoras foram encarregados dessa missão.

A notícia, rapidamente, espalhou-se entre os animais, e muitos interessados atenderam ao convite. O mito de que a vaidade era uma prerrogativa dos homens desfez-se. O fotógrafo colocara um espelho de largura e altura natural destinado aos adultos, mas os animais, sozinhos ou em bandos, disfarçadamente, às vezes, consultavam a aparência, onde os humanos se mostravam receosos, inibidos, principalmente, os homens. No entanto, com a chegada dos outros membros da associação, comedimentos e resistências ocorreram apenas nas fotos iniciais, depois tudo virou festa. Animais e humanos, juntos e separados, revezavam-se, até que os técnicos deram por encerrada a primeira parte dessa arte cênica.

O sábado auspiciosamente aguardado: as provas da OMEPE, o blog da ACAPA/ACPA e a missa ecumênica

Às seis horas, o Professor Luis já se encontrava arrumado para o café da manhã. Um som agradável do cantar de pássaros, diferente e bem mais alto daquele que diariamente se ouvia, despertou sua atenção. Foi até a janela, que lhe mostrava quase todo o interior do sítio, tendo uma inesperada e agradável surpresa. Os “pássaros nômades permanentes” estavam em bando, o que dava a impressão de que os acompanhavam suas companheiras e filhotes. Também eram vistos e ouvidos “nômades ocasionais” e “nômades forasteiros”, alguns novatos não identificados em visão imediata. Quem os convidou para juntarem-se no sítio? Por qual



motivo? Teriam sido convidados por São Francisco de Assis? São Jorge? Os dois conhecidos como protetores da natureza e, implicitamente, dos animais? Será que estamos diante de um fenômeno celestial proveniente dos santos, anjos e arcanjos inspiradores da “missa ecumênica”? O Sol, mais que magnífico e esplendoroso, não se quedava em resplandecer sua imensa alegria, agradecendo à “Sublime Essência da Energia Cósmica”, nosso amado Pai Eterno Deus, por ser o astro do sistema solar, na galáxia Via Láctea, que iluminava aquela belíssima festa proporcionada por lindos artistas. Alguns canoros, outros somente muito belos pela coloração ousadamente diversificada. O Professor Luis voltou a si tão absorto, que nem estava lembrando que as suas responsabilidades apenas começavam. Desceu para o seu café da manhã com cuscuz de arroz, batata doce e frutas, o qual já estava disponível. Depois, estaria pronto para a segunda parte da sessão de fotos.

Ao chegar para o repasto vespertino, seus pais já estavam, e, aos poucos, Lyz, Doutor Etevaldo, Anabeth e filhos completaram a mesa. Cumprimentaram-se, e um olhar curioso era comum. Dona Amélia percebeu a situação e, sabendo do que se tratava, antecipou-se com uma pergunta, imediatamente respondida por ela mesma:

– Sabemos da curiosidade de vocês e que desejam compreender a presença de tantos pássaros, fato nunca antes presenciado. Talvez a explicação que lhes vou dar não seja convincente e atribuída à nossa crença católica ortodoxa, mas crítica e ecumênica. Atrevemo-nos a afirmar-lhes que tal fato se deve ao trabalho que estamos fazendo, todos nós, em defesa da natureza. Com ênfase nos animais, não só os que habitam conosco, mas os que chamamos de nômades ou forasteiros, além de milhares e milhares de outros, em extinção ou não; por tudo isso, o nosso amado Pai Celestial Eterno, certamente, encaminhou um ou mais mensageiros, como São Francisco de Assis, para inspirar-nos e motivar-nos, mais ainda na festa religiosa de hoje às 16h, na qual os homenagearemos com a celebração da “missa ecumênica”.

– Mãe, ficamos observando por alguns minutos, da janela do nosso quarto, algo quase semelhante à sua presunção de compreensão da ocorrência do que testemunhei. Em meus pensamentos, eram entidades etéreas como anjos, arcanjos, São Jorge e também São Francisco de Assis. Nós os imaginamos “mensageiros”, evidentemente, da Sublime Essência



da Energia Cósmica, nosso amado e bom amigo Deus. Nós nos sentimos agora mais seguros e confiantes de que realmente não estamos sozinhos na defesa dessa nobre causa. Resta-nos esperar a presença dos técnicos para a segunda parte das fotos, onde as últimas ocorrerão na praia, até as 8h, quando retornaremos para os trabalhos de implantação do blog.

Alguns retardatários permaneceram à mesa, o que agradou muito De Jesus, porque o “papo do café” se alongaria. O Professor Luis e seus pais, no terraço, notaram que Zé Onofre, Mourão e Mendes estavam observando a montagem da placa. A Professora Amélia ficou para conversar com Lyz e Anabeth, e, reciprocamente, atualizarem-se. O Doutor Pedro Otávio adiantou-se juntando-se aos outros interessados. O Professor Luis, com a mão sobre o queixo, refletia e parecia haver descoberto algo faltando na placa. Então, agora decidido, aproximou-se exteriorizando a descoberta que o preocupava.

– Zé Onofre, precisamos incluir uma pequena expressão naquele espaço vazio existente na placa, entre o nome ACAPA/ACPA e o da cidade. O texto que deve ser inserido é “A Educação Ilumina o Espírito para Aprender Sempre e Melhorar Sempre”. Observe que as letras estão no formato itálico para chamar atenção. Basta o pintor usar letras maiúsculas e minúsculas, as quais já utiliza normalmente em seu trabalho. Eis duas cópias do texto. Se você conseguir que o pintor venha em, no máximo, dez minutos, esperamos e iremos juntos à praia para a segunda parte da sessão de fotos.

O carro da prefeitura chegou em cinco minutos, deixando um senhor de uns 50 anos, que veio ao encontro de Zé Onofre; entenderam-se e, com mais cinco minutos, o pintor e um auxiliar – que carregava todo o material necessário para executar a tarefa – alcançaram um andaime de ferro e tábuas, iniciando a pintura do texto.

Na praia, com autorização e acompanhado do policial da patrulha local, o carro da prefeitura deslocou-se ao local preferido dos “urubus errantes” para a segunda parte das fotografias, que incluiriam o sol, o “voo nas alturas” e outras possíveis dentro do horário planejado. Enquanto Mourão e Mendes montavam os equipamentos, o Professor Luis reuniu, bem próximo, os pássaros pretos, contando-lhes das fotografias para que pudessem preparar-se para o “voo nas alturas”, afirmando que os avisaria quando chegasse o momento.



A MISSA ECUMÊNICA: A REALIZAÇÃO

Após todo o planejamento, testagem preliminar de disposição envolvendo as pessoas de casa e os animais, os assentos estavam quase todos ocupados. Umhas imensidões de pássaros ocupavam a copa das árvores, mas não cantavam, davam pequenos voos, alternando seus lugares. O Doutor Pedro Otávio lembrou-se de improvisar uma bancada no estilo cavalete para acomodar os urubus errantes e forasteiros. A equipe da prefeitura, muito bem escolhida pela experiência em festividades semelhantes, distribuiu uma merendinha contendo um bolinho doce e um salgado, o que agradou a todos os presentes, principalmente aos mais humildes, a maioria. Exatamente às 16h a “missa ecumênica” iria começar. O Padre Francisco, em pé, percorreu seu olhar no semicírculo que se formara, e, com um tímido sorriso e o microfone no alto da sua batina, dirigiu-se ao público.

– Boa tarde a todos que nos dão a honra da presença nesta solenidade. Devo dizer-lhes que esta cerimônia será diferente das missas que celebramos diariamente. Os rituais coincidem, o evangelho, o ofertório, a representação dos milagres da multiplicação do pão e do vinho, mas vocês assistirão a algumas inovações próprias desta ocasião. Ouviremos a palavra do Doutor Pedro Otávio, organizador e planejador da solenidade, e, ao final, falará o Doutor Alan Xavier, kardecista representante do grupo ecumênico do qual participamos. Para a leitura do Evangelho, chamamos a Professora Amélia.

Evangelho de São Marcos – 4:30-32

Marcos 30 – Disse mais: A que assemelharemos o reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos?

31 *É como um grão de mostarda que, quando semeado, é a menor das sementes sobre a terra;*

32 *Mas, uma vez semeada, cresce e se torna maior do que todas as hortaliças, e deita grandes ramos a ponto de as aves do céu poderem aninhar-se à sua sombra.*

Provavelmente muitos dos presentes não entenderam o significado da “parábola do grão de mostarda”, mas essa é uma situação narrada na



Bíblia, e, como em outros livros sagrados, para serem compreendidos, necessitamos relacionar os vocábulos ou palavras com os costumes dos habitantes da região da ocorrência. No Oriente Médio, onde a Palestina está localizada, os nativos do céu cultivavam em pequenas hortas um vegetal cientificamente conhecido como *Sinapis Sinaa*, o qual produz a semente de mostarda, a mostardeira.

– Bem, para temperar nossos alimentos, utilizamos cheiro verde, cebolinha, cebola, pimenta, orégano e outras hortaliças. A principal característica da *Sinapis* é que, de seu talo comprido, surgem inúmeros ramos que, na idade adulta, dão frutos, as sementes, alimento para as “aves do céu” que, então, podem aninhar-se em sua sombra.

– Jesus pregava a seus discípulos e foi questionado: a que assemelhamos o reino de Deus? Mas ele não respondia diretamente a nenhuma pergunta. Calava-se ou o fazia usando parábolas. Essa foi a origem da que estamos utilizando no evangelho desta missa ecumênica. Por que ela se assemelha a um grão de mostarda semeado dando frutos, as suas sementes? Bem, caríssimos, não devemos nos esquecer de que todos os seres foram criados pelo Pai Celestial Cósmico à sua imagem e semelhança, o que não significa dizer que Ele está em todos nós, o que não significa dizer que tenha uma imagem semelhante à de Artur, Judite, do nosso amigo gato, etc., pois que Deus é energia, “Energia Cósmica”, daí a sua onipresença, onipotência e onisciência. Assim, é possível comparar o “Reino de Deus” com a infinitude das sementes de mostarda. Todos nós nos abrigamos nesse reino, que, embora imaterial, tem lugar para todos os seres criados, porque se eu carrego Deus comigo, Ele está em mim e eu sou Ele. Digam todos, bem alto, “Deus está em mim! Eu sou Deus”!!!

A repetição das palavras de compromisso com Deus sugeridas pelo Padre Francisco ecoaram forte, despertando os animais da introspecção a que estavam entregues. As aves canoras emitiram cantos suaves, mas ainda assim belíssimos. Os pássaros pretos, numa provável reverência à cerimônia em curso, levantaram uma das asas, abaixando-as com a continuidade da celebração, que cumpriu todos os ritos até o seu final.

– Agora que nosso amado e querido Deus está conosco, iluminados pela luz do Divino Espírito Santo, e os ritos da missa foram cumpridos, ouviremos a palavra do Doutor Jesus Xavier, representante do grupo cristão ecumênico.



– Boa tarde a todos que vieram prestigiar esta celebração, demonstrando que acreditam em seus propósitos. Na verdade, o principal objetivo desta “missa ecumênica” foi realizado na belíssima exposição da homilia do Padre Francisco. Nesses poucos minutos, não seria conveniente falar sobre o grupo que formamos, e, individualmente, acerca de cada um de nós. Homenagearemos aqueles que motivaram a criação e oficialização da associação, que, especificamente e com exclusividade, serão dedicados aos estudos científicos relacionados à natureza e aos animais. Nesse sentido, peço a atenção de todos para uma história real que lhes vou contar.

– Francisco viveu no ano de 1182, na Úmbrua-Itália, era filho de um comerciante de tecidos, nominado Pedro, recebendo o nome de Francisco de Assis – Assis era a cidade onde o seu pai morava e comercializava tecidos. Cresceu, e até tornar-se adulto, viveu na dependência do pai, exercendo a mesma atividade. Em Assis, no ano de 1207, 810 anos atrás, Francisco, que nas horas vagas gostava de andar, parou nos arredores e sentou-se quase em frente à igreja de São Damião, onde refletia sobre a bela e acolhedora igreja. De repente, ouviu uma voz que, segundo ele, era Jesus Cristo dizendo-lhe: *“Francisco, restaura minha casa decadente”*. Passado o susto, foi para casa, e, para custear as despesas da reforma da igreja, decidiu vender as mercadorias do comércio do pai, que, vendo a sua atitude, teve com Francisco uma acirrada discussão, deserdando-o. Em resposta, tirou as roupas que vestia, devolveu-as ao pai, afirmando: *“até agora o chamei de pai, mas agora direi com razão: meu pai está no céu, porque nele depositei minhas esperanças”*. A sua vida em família extinguiu-se. Para cobrir a sua nudez, vestiu um manto de tecido comum, bastante usado e com pequenos rasgos, deixando a casa onde morava, passando a viver no mundo. Depois de viajar a alguns países: Israel, Marrocos e Egito, foi convidado por líderes religiosos para proferir pregações, fundando “A Ordem Franciscana”, bastante conhecida nos dias atuais.

Duas importantes características da trajetória de Francisco de Assis:

Após sair de casa, teve somente onze seguidores que o acompanhavam sempre, ajudando-o na fundação e obrigações da ordem franciscana.

Não era incomum que transeuntes e adeptos testemunhassem uma cena de encanto e beleza indescritível: animais ficavam às suas costas e também ao seu lado, enquanto as aves disputavam um local nos ombros para pousar e até em sua cabeça.



– Bem, amigos ecumênicos, a questão que lhes coloco é a seguinte: por que animais, aves e pássaros se sentiam tão bem junto a Francisco de Assis? Por que não o temiam? Será que havia um conhecimento recíproco entre eles, e, por isso, toleravam-se mutuamente? Tal hipótese não se justifica porque o fato ocorria nas diferentes localidades onde Francisco pregava. Abençoado pelo que dito aqui, pedimos permissão a todos, principalmente, ao Padre Francisco, para uma interpretação. Ele, ao atender o pedido de Jesus: “*Francisco, restaura a minha casa decadente*”, o que de fato fez, e muito mais, “Deus passou a estar nele! E Francisco tornou-se Deus”. Eis então a importância desta “missa ecumênica”, trouxemos Deus para junto de nós, Ele está conosco, no sítio, portanto no meio de nós. Assim, é possível compreender o porquê de tantos pássaros envolvendo, animando e participando da cerimônia; estão aqui na condição de mensageiros, para transmitir um recado: respeitem e amem a natureza e tudo o que nela está criado, não existe limite para isso. Muito obrigado.

– Agora todos devem agir e comportar-se como se Deus fossem. Adotem comportamentos humildes, harmoniosos, disciplinados, tolerantes, misericordiosos, de retidão, compaixão, para viverem em concórdia, muita paz e bastante amor. Como havíamos anunciado, todos os ritos foram realizados, no entanto, se a celebração terminou, a festa não. Para dar sequência, convidamos nosso amigo Jesus de Xangô, que propriamente descreverá as etapas e características do cântico. Vamos ouvi-lo durante vinte minutos e mais dez minutos, porque acabamos de ser informados de que um canal de televisão está conectado com a emissora de rádio local, no sentido de filmar e fazer algumas entrevistas. Prossigamos então com as festividades.

– Essa apresentação que mostraremos agora pretende, nesta encantadora celebração ecumênica, homenagear nossa “amadíssima mãe Maria Santíssima”, representada no sincretismo umbandista por Yemanjá. A estratégia de apresentação do cântico obedecerá às seguintes etapas:

Duas etapas de três a cinco minutos, no início e na metade do tempo disponibilizado para a apresentação.

Decorrida a primeira etapa do som, a primeira parte da letra é cantada com o acompanhamento dos atabaques, tambores, bongôs, pandeiros e maracás, como segue:



Mãe D'água, rainha das ondas, sereia do mar
Mãe D'água, seu canto é bonito quando tem lua
Iêêêê, Iemanjá!
Iêêêê, Iemanjá!
Rainha das ondas, sereia do mar

A segunda pausa para três a cinco minutos de som, e o restante do tempo para a segunda parte da letra, que poderá ser repetida duas ou três vezes. Outras improvisações poderão ocorrer se o tempo permitir.

– Com o roteiro divulgado, esperamos a colaboração de todos no sentido de que nos apoiem na tentativa de nosso grupo prestar esta singela, bastante simples e humilde homenagem à nossa querida e amada mãe Maria Santíssima. Comecem, com todo o amor de vossos corações!

Nos primeiros segundos, ao rufar dos potentes tambores, juntaram-se o som de atabaques, bongôs, pandeiros e maracás. Jesus de Xangô, na condição de maestro, comandava a participação de cada instrumento, buscando harmonia e, também, vibração e eloquência. As reações diferenciavam-se. Uns, perplexos, imutáveis e impassíveis, momentaneamente, entregaram-se a um torpo hipnótico. Outros esboçaram logo comportamentos incorporados de alegria e felicidade, contagiados pela harmonia da melodia que ouviam. Após mais alguns segundos, uma sinestesia geral tomou conta dos presentes. O mestre Jesus de Xangô, ora instruía seu grupo, ora insinuava comportamentos aos participantes, batendo palmas, repetindo palavras do cântico. Os urubus levantaram uma das asas e as agitavam; aves canoras, até então quietas, inertes, ergueram-se e em pequenos voos circulares cantavam um canto diferente, um canto de saudação, de homenagem. Em face do compromisso de respeito ao horário, o coordenador maestro encerrou a apresentação.

– Amigos, não existem palavras que possam traduzir a gratidão e o respeito que nós, do grupo ecumênico, temos por todos. Para encerrar, solicitamos que nos acompanhem numa saudação final aos protetores desta solenidade.



VIVA SÃO FRANCISCO!!!
VIVA IEMANJÁ!!!
VIVA A SANTA MÃE MARIA SANTÍSSIMA!!!
VIVA JESUS CRISTO!!!!

Um cinegrafista e um repórter da emissora da rádio AM local deram início às entrevistas com o Doutor Pedro Otávio, que discorreu sobre os objetivos da ACAPA/ACPA, da escola para os animais em que os Professores eram também animais, ressaltando que os bichos moradores do sítio não se caracterizavam como “animais de estimação”, mas tinham residência própria e adequada à sua espécie, além de gozarem do direito de estudar na escola da associação. O repórter, não compreendendo o significado das explicações, tentou insistir, no que foi aconselhado para que viesse ao sítio em outra oportunidade, quando poderia filmar e documentar o cotidiano dos animais. Aquele não era o momento oportuno e tampouco havia tempo disponível.

Enfim, procuraram o Prefeito João Batista, que estava próximo e de sobreaviso. A pergunta que lhe fizeram foi objetiva e abrangente:

– Prefeito, o custeio das despesas com a solenidade de oficialização da ACAPA/ACPA correu por conta do erário municipal? Essa foi uma ação política visando as próximas eleições?

– Bem, caro repórter. São duas perguntas e a resposta para a primeira é “sim”, e para a segunda, “não”. No entanto, não é somente isso o que desejo informar. Vejamos, então. O erário municipal custeia os benefícios levados ao povo em educação, segurança, saúde, etc. com recursos que arrecada do povo na forma de imposto. A prefeitura não é uma empresa, nada produz, e, portanto, nada vende e não ganha nada; não lucra. Queiramos ou não, tudo o que a prefeitura gasta, o faz com nosso dinheiro, do povo em geral. A dificuldade de políticos desonestos é mostrar para o povo onde o seu dinheiro foi empregado, porque é sua finalidade, responsabilidade da Câmara Municipal com seus vereadores. Todo munícipe de nossa cidade tem acesso à nossa prestação de contas bimestral, e pode questionar qualquer item de despesa, e, se for o caso, recorrer em juízo. Os recursos gastos em todo o evento e que serão pagos em reais, referem-se aos pacotes plastificados com bolinhos, doces e salgados, conta ainda não apresentada. As placas, faixas e cavaletes

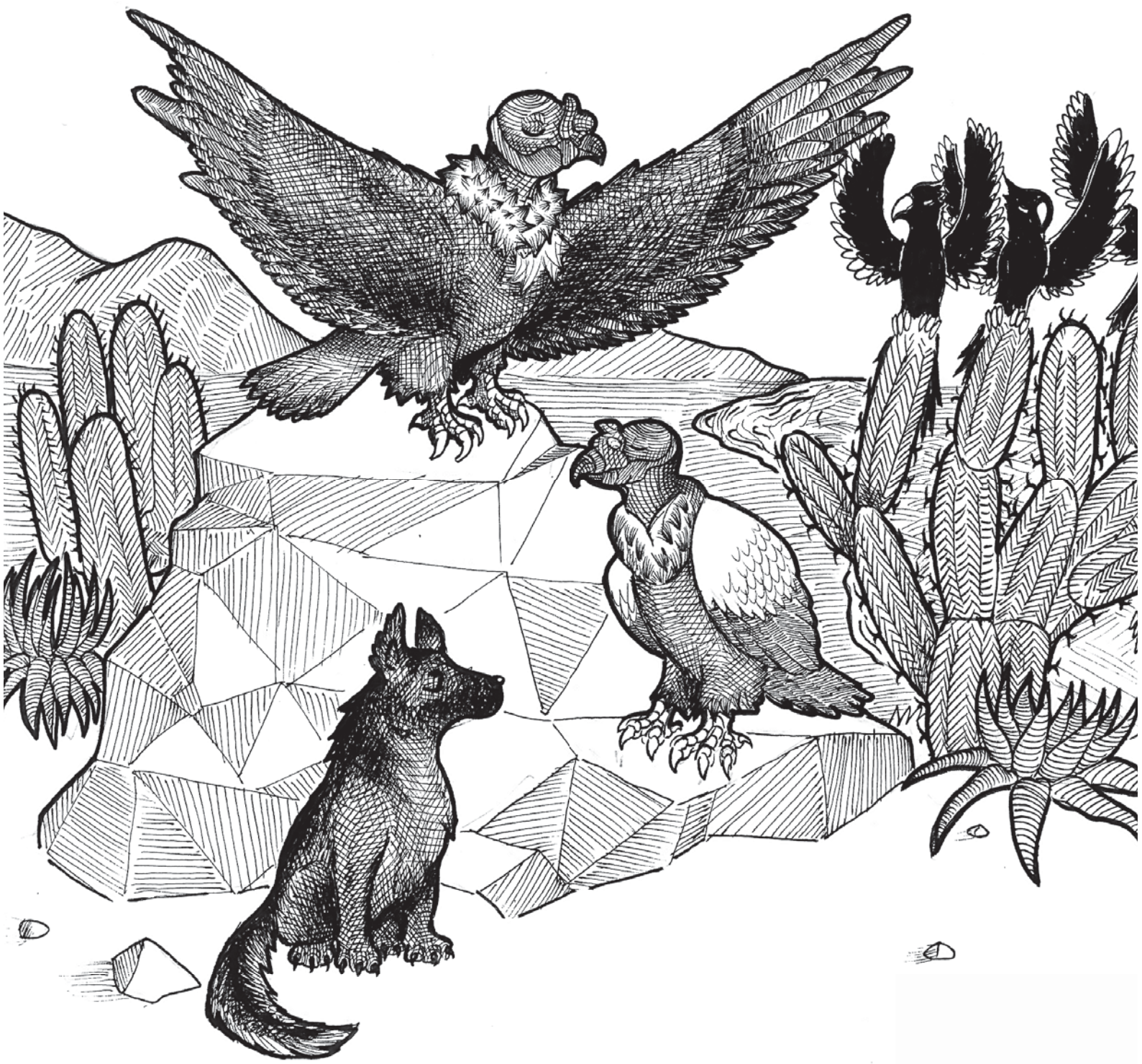



são materiais da prefeitura reutilizados por funcionários municipais especialistas no que fazem.

Registro finalmente que, despesas por empréstimos e outras ações somente se realizam quando autorizadas pela maioria dos vereadores, sendo o trâmite publicado no Diário Oficial. Com relação à política, não é do meu feitio o culto da personalidade de primeiros mandatários do poder público: Prefeito, governador de estado, presidente da república e outros. Em nosso município, nas obras realizadas e nas placas de identificação colocadas, em nenhuma delas consta o nome do Prefeito João Batista Freitas como autor e financiador do empreendimento. Antes dele está o povo, o contribuinte, depois os vereadores, e, em seguida, engenheiros e arquitetos desenham as plantas, realizando estudos técnicos e ecológicos para registro no CREA. A prefeitura promove uma licitação para a construção da obra, em que a empresa vencedora assinará um contrato estipulando prazos de entrega e reembolso financeiro. Então, somente então, o Prefeito pode gastar o dinheiro do povo, nosso dinheiro. Diante disso, será que existe alguma razão para que seu nome seja colocado nas placas de identificação da obra construída? Vocês já sabem qual é a minha resposta. Maiores detalhes sobre a temática “políticas públicas”, teremos uma audiência na Câmara Municipal, aberta aos interessados, na próxima terça-feira. Boa noite.

O Prefeito encontrou-se com o Doutor Pedro Otávio e ficou sabendo que ele iria para casa quando o local estivesse vazio. Despediu-se, pretendendo encontrar-se com o Professor Luis para fazer o mesmo, o que de fato aconteceu. A vida no sítio voltou ao normal, e a missa ecumênica foi realizada com sucesso.







RESULTADOS APÓS
A REALIZAÇÃO DA MISSA
ECUMÊNICA E DA IMPLANTAÇÃO
DO BLOG: DOIS DIAS PARA
DECIDIRMOS PELO
RESULTADO FINAL

CAPÍTULO VIII

“A lei de ouro do comportamento é a tolerância mútua, que nunca pensaremos todos da mesma maneira, já que nunca veremos senão uma parte da verdade e sob ângulos diversos. Nunca perca a fé na humanidade, pois ela é como um oceano. Só porque existem algumas gotas de água suja nele, não quer dizer que ele esteja sujo por completo. Meu esforço nunca deve ser o de diminuir a fé do outro, mas torná-lo um melhor seguidor de sua própria fé.”

Galileu Galilei

RESULTADOS APÓS A REALIZAÇÃO DA MISSA ECUMÊNICA E DA IMPLANTAÇÃO DO BLOG: DOIS DIAS PARA DECIDIRMOS PELO RESULTADO FINAL

– Esta é nossa primeira reunião conjunta depois das realizações exitosas dos últimos dias. O nosso blog está funcionando “às mil maravilhas”, mas, como ainda teremos tempo para um expediente vespertino, propomos eleger prioridades relativas às inúmeras indagações postadas, selecionando aquelas que carecem de uma resposta ainda hoje. As provas da OMEPE são um caso à parte, porque nosso grupo e o dos assistentes terão três dias, contados a partir de amanhã, para corrigi-las e avaliá-las, e, depois, comunicar o resultado ao Secretário Municipal de Educação, representante do Executivo.

Temos ainda um importante assunto que devemos refletir sobre a sua viabilidade. Trata-se das temáticas de estudos que serão desenvolvidas pela ACAPA/ACPA, agora uma instituição oficial, para os próximos doze meses. Por exemplo, “humanismo e transumanismo”, “extraterrestres e abdução” e “gnosiologia e ontologia” não devem ser temáticas específicas, mas incorporadas a outras não mutuamente excludentes, como “Tecnologias inovadoras do século XXI”, “A evolução e a natureza” e “Deus e Energia: questões teológicas”. Os debates estão abertos, estaremos anotando os pontos mais importantes.



– Todos os assuntos elencados têm a sua importância, no entanto, alguns restringem quaisquer comentários pela exclusiva falta de informações ainda armazenadas no blog. Portanto, resta-nos analisar a última sugestão, a que nos encaminhará para os estudos que promoveremos nos doze meses seguintes. Caro Professor Luis, sua sabedoria não é novidade para nenhum de nós, mas ela confirma-se pelo teor e alcance da sugestão apresentada. Com a devida vênia, fazemos algumas observações: a primeira refere-se a duas temáticas, “*Tecnologias Inovadoras do Século XXI*” e “*Deus e Energia: questões teológicas*”, principalmente a última, porque, entre nós, não existe ninguém formado ou especialista em Teologia, resumindo-se nosso conhecimento sobre o tema a leituras e pesquisas. Relativamente às “*Tecnologias Inovadoras do Século XXI*”, trata-se de um tema atraente, muito difícil, área que, por razões idênticas, teremos dificuldades, talvez menores, mas que nos encaminharão para a inovação de estratégias. Apenas na temática “*A Evolução e a Natureza*”, muito estudada e pesquisada, teremos dificuldades menores. Pelas razões expostas, sugerimos que tenhamos somente seis temas para os próximos seis meses.

– O grupo que coordenamos – iniciou o Doutor Pedro Otávio – notou que uma temática abrangente e, de alguma maneira, também objeto de estudos pretéritos, a qual podemos definir como “*Psicologia do ser e filosofia existencial*”, não foi lembrada. Não entendemos como obstáculo intransponível o fato da ausência de um teólogo entre nós. O Padre Francisco, principalmente pelas repercussões positivas sobre a realização da “*missa ecumênica*”, poderá nos indicar um teólogo para nos visitar periodicamente e proferir palestras, abordando temas selecionados por nós, sob a orientação do Padre Francisco, em reuniões abertas a convidados especiais. Esses encontros poderiam ser realizados no salão paroquial da igreja ou na Câmara Municipal, tudo dependerá de acordos futuros, dependendo das conveniências das instituições envolvidas. Finalmente, achamos que deveríamos utilizar três meses para os estudos de cada tema, que totalizariam quatro: as três que foram propostas por Luis, acrescidas da indicada pelo segundo grupo. Esta é a nossa contribuição. Obrigado.

– Alguns dizem que, na maioria das vezes, “os últimos serão os primeiros”, e, no caso presente, abstraindo-se os aspectos tautológicos da afirmação, paradoxalmente, desejamos ser os primeiros a concordar



integralmente com a proposta do segundo grupo – manifestou-se o Se-meador, coordenador do terceiro grupo, que agora prescinde da ajuda de Mestre-1 para se fazer entender. – No entanto, reservar-nos-emos a emitir nossas sugestões quando da definição dos itens de cada uma das quatro temáticas, em que nossa primeira sugestão é “*Os animais na evolução dos seres criados: tecnologias e filosofia teológica*”. Por enquanto, essa é a nossa participação.

– Bem, sem dúvidas o planejamento das temáticas para os próximos doze meses despertou interesse. É aconselhável então que, após um descanso de dez minutos para uma merendinha, ao retornarmos passemos a definir os itens das quatro temáticas, evidentemente, se não houver objeções.

O que pensavam realizar sem dificuldades os surpreendeu. Isso porque o número de itens definido por cada grupo variava de cinco a seis. Combinaram um reexame no sentido de reduzi-los para quatro itens por grupo. Apesar do grande esforço e um resultado considerado satisfatório, faltava uma leitura conjunta final, em que seriam analisadas possíveis repetições de itens e outros que, embora escritos com palavras e/ou expressões diferentes, tivessem o mesmo significado. Faltavam apenas trinta minutos para o almoço, e esse período de tempo, concordaram, não seria suficiente para finalizar a tarefa. Resolveram trabalhar de acordo com as possibilidades e voltar às 14h, após o almoço. No horário vespertino, todos pareciam indispostos, principalmente, aqueles que tinham a necessidade de viajar pelos compromissos de trabalho inadiáveis ainda na tarde daquela segunda-feira. Era inevitável a utilização de e-mail para a conclusão do trabalho. O Professor Luis, que tudo registrara em seu computador, encarregou-se de distribuir um resumo para os que ficariam no sítio, e providência semelhante ocorreria junto àqueles que viajariam. Via correio eletrônico, todos tinham um prazo de três dias para a elaboração de uma versão preliminar que, posteriormente, seria unificada.



A IMPLANTAÇÃO DO “COLÉGIO DE MEDITAÇÃO E DA REFLEXÃO – CMR”, ORIENTADO POR MESTRE-1

A reunião chegou ao seu final, mas o grupo dos assistentes permaneceu imóvel. O Semeador, então, interveio:

– O que os incomoda?

– Professor, não desejávamos tornar do conhecimento geral sem antes comunicar-lhe, ter a sua aprovação e ouvir a sua opinião. Há alguns meses temos trabalhado em um assunto envolvendo um grupo de alunos assíduos e dedicados, aqueles que estudam com muito afinco, e, por isso, se destacam, principalmente, em comunicação telepática. Atingimos um estágio em que estamos necessitando de um local para práticas de meditação e reflexão. Nós e Mestre-1 coordenamos e acompanhamos a evolução dos alunos, classificados em três estágios: Avançado, Avançado Médio e Avançado Superior. Por exemplo, Pitágoras, Mãe de Todos e Mãe Ganço estão no estágio avançado; Átila, no estágio avançado médio; e nós, no estágio avançado superior. O objetivo, deduz-se facilmente, é a criação de uma estrutura filosófica incorporada à ACAPA/ACPA, a qual sugerimos nominar-se “Colégio de Meditação e de Reflexão – CMR”. O local ideal para a prática é na praia, não no mar, com os pés dentro d’água, mas em um pequeno elevado ou duna que seja possível sentar-se, em que a coluna, o pescoço e a cabeça fiquem em uma posição direta, em linha reta, ou seja, sem bandear para os lados, ou entortando-se. Imaginamos que fazendo algumas adaptações, aplainando o solo e colocando pequenas pedras existentes na orla, obteremos um piso plano e firme retangular, com nove a doze metros quadrados, nas proximidades do local onde os “urubus errantes” iniciam o “voo nas alturas”. Acreditamos que este serviço pode ser realizado pelo morador do sítio, ou será que o Prefeito João Batista, sabendo dessa nossa necessidade, ajudar-nos-á a designar uma pequena equipe, dois ou três homens experimentados nesse tipo de serviço, realizando-o? Para finalizar, Professor Luis, desejamos iniciar nossas práticas na orla, a partir de amanhã, às 17h. Serão dois dias na semana, às terças e quintas-feira, no mesmo horário.

– Essa comunicação, de certo modo, não nos surpreende; Átila deu-nos um indicativo de que transformações estavam acontecendo entre os animais da primeira turma da escola. Vamos pensar nas novidades



que nos trouxeram e discuti-las com meus pais no jantar de hoje; antes, após a saída dos nossos hóspedes, iremos à prefeitura receber as provas da OMEPE, e, então, faremos uma consulta ao Freitinha para saber sobre as reais possibilidades do Executivo Municipal na implantação do CMR.

O Professor Luis, chegando à prefeitura, foi encaminhado ao Secretário de Educação, que conferia dois pequenos volumes de provas.

– Boa tarde, Secretário, imagino que está arrumando as provas da OMEPE que nos serão entregues para correção, avaliação e classificação.

– Exatamente, Professor Luis. Mas como no ato da entrega são necessárias as assinaturas do Prefeito e do Secretário, vamos chamá-lo.

– Boa tarde, meu amigo Professor Luis. Não precisava ter vindo até aqui porque, terminada a reunião de trabalho que estamos realizando, o Zé Onofre iria pessoalmente entregá-las.

– Agradeço muito a sua atenção. Acontece que temos um pequeno problema na Escola da ACAPA/ACPA, e, se possível, precisamos de sua ajuda para resolvê-lo.

– Façamos o seguinte: primeiro, concluiremos a entrega das provas, e, segundo, pediremos um recesso de cinco minutos na reunião, então conversaremos.

As provas foram oficialmente entregues e o Secretário guardou em um envelope o “Termo de Recebimento” assinado pelo Professor Luis. Deslocaram-se para uma sala apropriada para tratar de questões reservadas, desde armário, biblioteca e uma mesa, tudo de tamanho reduzido.

– Estou à sua disposição, Professor Luis – disse o Prefeito, aparentemente preocupado.

– Não é nada tão grave que não possamos resolver até com facilidade – Naturalmente, relatou os detalhes para a implantação do CMR.

– Muito bem, preciso apenas de uns segundos para dar algumas instruções na reunião.

– Resolvido. Este é o secretário de obras e vai conosco para encaminhar o que é possível ser feito. Levaremos três trabalhadores com experiência nesse tipo de trabalho, porque só dispomos do dia de amanhã para realizá-lo. A partir de quarta-feira, toda a nossa equipe estará ocupada com a reconstrução de diversas ruas, que, com as chuvas, estão esburacadas. Podemos ir?



– É claro que sim. Entretanto, precisamos passar no sítio para que possamos avisar ao Semeador, Mestre-1 e Átila para nos seguirem. Mas isso não se constitui um problema, é o caminho.

Em plena aula, o Semeador teve que interrompê-la. À sua maneira, cada um dirigiu-se para o local descrito ao Professor Luis, e, seguindo por atalhos, já estavam lá quando a comitiva chegou.

As obras para implantação do CMR na orla

O Professor Luis, seguido pelos cinco ocupantes do carro, foram até onde estavam o Semeador, Mestre-1 e Átila. Um teodolito e fitas métricas foram acionados, colhendo dados para a planificação do terreno e adaptação de um piso rudimentar. Depois de registrar no computador todas as medidas, o Secretário de Obras mostrou ao Professor Luis a sua sugestão.

Um piso retangular plano de doze metros quadrados, feito de pedras tipo calçamento, trabalhadas, e na parte dianteira, de frente para o mar, dois degraus de um metro de largura, mesmo comprimento e piso idêntico.

Opcional: quatro bancos de cimento, colocados de forma semicircular e de frente para o mar, de um metro de comprimento, sobre um piso de pedras da orla, se forem encontradas.

Os dois foram mostrar ao Prefeito uma pré-imagem computadorizada e os respectivos custos do CMR, para sua aprovação final. Após algumas perguntas, sugeriu algumas precauções.

– A proposta da imagem está ótima, agrada-nos muito. Mas esses bancos deverão estar assentados em placas de ferro e cimento, que, por sua vez, se ligarão cada uma à outra do mesmo feitio, por meio de ganchos com as extremidades invertidas. Podemos pensar, também, na colocação de uma placa, sem mencionar o nome do Prefeito ou de qualquer órgão municipal, e sim uma iniciativa da ACAPA/ACPA. Não sabemos se seria conveniente que, para separar o espaço destinado aos animais nos doze metros quadrados além dos bancos, colocássemos uma grade de meio metro de altura, o que também é uma providência que pode ser postergada, verificando-se num primeiro momento o comportamento dos frequentadores, as entrevistas na emissora local e os contatos dos vereadores com seus eleitores. Muito bem, Secretário, a obra está autorizada. Amanhã, por volta das 11h, estaremos aqui para ver o andamento do serviço, torcendo para que tenham terminado. Agora podemos ir.



No dia seguinte, todos reunidos decidiram que o segundo grupo trabalharia nas respostas aos e-mails, à exceção dos que tratassem das provas. Os dois outros grupos fariam somente a correção das questões da OMEPE, e, na quarta-feira, concluiriam, com a classificação dos concorrentes do primeiro ao quinto lugar. No sentido de cumprir essas tarefas, o grupo dos assistentes resolveu adiar as atividades práticas do CMR. Para efeito de organização, 148 provas foram entregues a cada um dos dois grupos, ficando acertado que seriam duas correções: na primeira, o terceiro grupo corrigiria as questões pares e o primeiro, as ímpares. Na segunda correção, o processo seria invertido. As dúvidas provenientes de correções divergentes seriam dirimidas em conjunto.

O empenho era intenso. No segundo grupo, o Doutor Pedro Otávio ocupava-se em imprimir os e-mails possíveis de serem respondidos imediatamente. O Professor Luis, sozinho, ora refletia com uma prova erguida para mais perto dos olhos, fazia anotações auxiliares em papel A-4, borrões, depois na prova, encerrando a correção. No terceiro grupo, Átila e Pitágoras eram coadjuvantes ativos, enquanto Mestre-1, X-Mat e o Semeador distinguiam-se pelo saber matemático, com mais propriedade, X-Mat. O trabalho intensivo compensou a falta de descanso. A hora marcada pelo Prefeito João Batista para a vitória das obras do CMR aproximava-se. Cinco minutos antes, o Professor Luis lembrou o fato para aqueles que desejassem participar da vitória: podiam encerrar as atividades que recomeçariam às 14h. Somente Dona Amélia argumentou que terminaria alguns esclarecimentos postados em e-mails, e, à tarde, durante a caminhada, veria o CMR. O Professor Luis estava manobrando para sair da garagem quando o carro da prefeitura estacionou. Contrariando o desejo de Freitinha de irem todos no carro oficial, assim mesmo partiram; os assistentes, certamente, já estavam na praia.

Logo que chegaram, puderam ver um amontoado de pedras da praia, e um trabalhador mais distante empurrava um carro de mão cheio delas. Aproximou-se e virou o carrinho sobre o monte, afirmando então:

– Com a maré seca, fui dar uma olhada naqueles recifes que apareceram e dei de cara com uma lagoinha que se formou, e, ao redor dela, uma verdadeira mina de pedras. Estou carregando somente as pequenas e médias, melhores e mais seguras para se usar no alicerce dos quatro bancos e do piso, após a área reservada aos bichos.



Tratava-se de um voluntarioso e decidido servidor municipal. O Prefeito e o secretário foram até onde estava para parabenizá-lo.

– Muito bem – disse Freitinha, completando —, aceite nossos parabéns pela iniciativa; e acredite: em novas situações, sempre lembraremos de você.

A vitória confirmou o empenho de todos os encarregados da obra: do secretário ao dedicado “carregador de pedras”. O engenheiro, com o Prefeito ao lado, sentou-se em um dos bancos, abriu seu computador, demorando cerca de sete minutos para fazer alguns cálculos.

– Muito bem, meu chefe. De acordo com meus registros, no máximo às dezessete horas o CMR estará pronto e poderá atender aos objetivos de sua implantação. As pendências, placa e gradeado, ficam sob a responsabilidade do Poder Municipal.

O Professor Luis informou, então, ao Prefeito João Batista sobre a caminhada da tarde, e, nesse caso, às 17h encontrar-se-iam no CMR. As discussões durante o almoço prenderam-se ao Colégio de Meditação: “Hoje é dia de caminhada, de reflexão... a boa vontade do Prefeito... o custo da obra, as entrevistas, etc.”, despertando a curiosidade de De Jesus.

– Patroa, hoje vamos ter caminhada? Queremos também ver esse grande CMR da orla.

– Vamos pensar nisso – disse delicadamente a Professora Amélia. – Por enquanto, até perto das 17h um trabalho espera-nos.

Os três grupos voltaram-se às obrigações, e, passados quarenta minutos, os grupos primeiro e terceiro inverteram o processo, cada um com a mesma estratégia. A movimentação mais dinâmica era observada no segundo grupo. Talvez porque a leitura dos artigos, ou as respostas às questões interativas, aos poucos, estejam ocorrendo, tanto a Professora Amélia quanto seu marido cuidavam de ler e avaliar os e-mails postados no blog, mas impressos. O trabalho seguiu “a pleno vapor” sem ninguém olhar para o relógio, o passar das horas não os preocupava. De repente, o Professor Luis sinalizou para o Semeador, que levantou a asa direita a fim de mostrar-lhe que o terceiro grupo também havia concluído a correção.



Chegara o momento das discussões acerca das questões onde havia divergências nas correções, ou a possibilidade de mais de uma interpretação pelos concorrentes; essas seriam anuladas. Às 16h30min resolveram encerrar e retomar os trabalhos na terça-feira. Agora o destino era a praia.

Dessa vez, o Prefeito e seus assessores anteciparam-se. Os comandados do carnavalesco caminhante, Doutor Pedro Otávio, surpresos e incrédulos, ouviam, com curiosidade, a apresentação detalhada do que presenciavam. Os bancos e os degraus do alto motivavam os principais questionamentos:

– Para que servem esses degraus lá em cima? – Antecipou-se a apresada e curiosa De Jesus.

– Bem – disse Dona Amélia —, pensamos que aqui em cima, nos degraus, ficarão os Orientadores do CMR, e, depois deles, até os quatro bancos, os aprendizes animais em evolução. Os humanos ocuparão os bancos. Pediremos ao Padre Francisco para abençoar o CMR da orla, o qual podemos considerar uma extensão da ACAPA/ACPA.

A conversa generalizou-se, não mais na forma de discussões, porque dúvidas não mais existiam. Predominavam os sorrisos, as parabenizações e os agradecimentos, um ambiente de confraternização. Para completar a festa, havia “urubus errantes” em maior número, talvez acrescentados pelos nômades. Aproximou-se, também, mais ao longe, um grupo de carcarás. Aos poucos e pacificamente, acomodaram-se na área abaixo onde estavam o Semeador, Mestre-1, X-Mat, Átila e Pitágoras. Os carcarás, executando voos parciais, ficaram a um passo de onde estavam os outros, mas somente até o momento em que o Semeador ergueu uma das asas; então, entraram de vez. Em alguns segundos, parecia iniciar-se uma conferência. Mestre-1 adiantou-se. Levantou uma das asas, no que foi imitado por Semeador e X-Mat, enquanto Átila e Pitágoras, sentados, posicionaram as patas dianteiras em linha reta.

O Prefeito João Batista conseguiu manter a permanência dos dois técnicos até terça-feira; ocasião em que haveria uma audiência pública que se realizaria na Câmara Municipal. Em seguida, o Professor Luis solicitou ao fotógrafo fotos que registrassem esse acontecimento em diferentes ângulos. O sol poente foi um convite para o encerramento da pré-inauguração do CMR, porque a oficial carecia de alguns dias para os preparativos de uma solenidade adequada.



A manhã daquela terça-feira causava dois sentimentos: alegria e beleza recidiva do sol resplandecente, acompanhado dos cantares, gorgeios e arrulhos que compunham o cenário do amanhecer no sítio. Por outro lado, o encerramento da avaliação e a classificação dos cinco concorrentes causavam preocupação aos participantes dos três grupos. Diante disso, na primeira refeição matutina, não havia ânimo para assistir o noticiário do dia e nem para conversar amenidades. Na sala da televisão, o fato se repetiu: apenas poucas perguntas da Professora Amélia quebravam o silêncio, enquanto o Doutor Pedro Otávio refletia profundamente no e-mail.

– Luis, os e-mails estão chegando em profusão. E nos mais simples, perguntam sobre a missa ecumênica, a homilia do Padre Francisco e o pronunciamento de Jesus de Xangô. Tentamos respondê-los, mas os específicos, por exemplo, sobre as questões das provas da OMEPE e os artigos postados no blog, enviaremos aos especialistas que têm o conhecimento sobre o assunto questionado no e-mail.

– É assim mesmo. O que não podemos esquecer neste momento é de ter cuidado no cumprimento das obrigações assumidas, principalmente com os prazos. Assim, hoje dependemos um do outro, quem sabe se no expediente da tarde poderemos trabalhar juntos? Vamos subir?

O Professor Luis tomou o bloco de provas que por último fizera correção. Colocando-se diante dos assistentes, sentou em uma espaçosa cadeira do tipo universitária.

Bem, vamos fazer uma avaliação geral como propomos a seguir, mas passível de discussão, item por item.

Número de concorrentes que tentaram resolver uma ou mais questões: 206, e 90 entregaram a prova sem resolver nenhuma questão;

50% dos concorrentes resolveram corretamente de uma a dez questões;

Uma questão, número 17, com possibilidade de duplicidade de interpretação, não foi anulada a fim de que fosse respeitado o esforço do concorrente que a resolveu corretamente.

Os dois primeiros itens foram rapidamente conferidos por se tratar apenas de contagem e percentuais. Quanto à questão 15, com a seguinte redação:

- Considere a informação: “x elevado a nove nonos é igual a nove elevado a zero”. Como fazer para escrever o número



3 com nove nonos e o número 10 com dez nonos? Depois de resolver as questões anteriores, você seria capaz de escrever “o número 11 com cinco nonos”?

– Professor – disse X-Mat —, veja que “ $1 + 9$ elevado a nove nonos + $9 = 11$, e, também, “ $2 + (9 \times \text{nove elevado à potência nove nonos} + 9 \text{ elevado a zero}) = 11$ ”, portanto, há duas soluções para a questão 17. Como não podemos retroagir, que nos sirva de exemplo e sempre nos lembremos de que, na redação de um problema ou situação matemática, devemos estar atentos para quem se destina, a quem vai solucionar. Nessas circunstâncias, concordamos com o item C da proposta de trabalho apresentada. Poderemos discutir agora os cinco candidatos classificados, os vencedores da OMEPE.

– Isso somente será feito à tarde, porque De Jesus já veio nos buscar para o almoço, e já que hoje não teremos a nossa costureira merendinha...

Como nas refeições anteriores, essa foi mais uma sem atrativos. O interesse resumiu-se na reposição das energias despendidas com o desgastante trabalho dos últimos dias e o prazer dos bons pratos servidos. As atividades da tarde começaram, pontualmente, sem mudanças de comportamento.

– No intervalo do almoço, chamou-nos a atenção um detalhe que, embora não modifique o resultado da classificação, servirá de subsídio para a nossa apresentação na Audiência Pública que se realizará hoje, às 15h, na Câmara Municipal, onde, além das provas da OMEPE, falaremos sobre o CMR. Na questão 17, pergunta-se ao concorrente se ele seria capaz de elaborar “uma maneira de escrever o número 11 com cinco nonos”. Se essa pergunta fosse transformada para “uma maneira de escrever o número 11 com sete nonos, utilizando nove e potências de nove”, a questão reformulada teria como resposta “nove + nove à potência nove nonos + nove à potência nove nonos”. Bem, parece não existir mais nenhuma dúvida. Vamos então à classificação. O Professor Luis entregou a sua lista ao Semeador, e esperou a reação do terceiro grupo.

Somente uma divergência foi apontada. Os nomes coincidiam, mas a classificação do terceiro e do quarto lugar, não. Procederam o mesmo processo anterior, reavaliando o resultado das provas dos dois concorrentes. Após revisões e discussões, o Professor Luis cedeu aos argumentos dos assistentes, mantendo a proposta de classificação deles. Aquele



trabalho chegara, exitosamente, ao final. A merendinha tardara, mas ainda era possível torná-la realidade.

De Jesus surpreendeu. Um “curau”, creme de milho verde de origem indígena, que o homem branco transformou na deliciosa “canjica”. Por mais que pensassem em não se demorar muito, resguardando-se para o almoço, tornou-se impossível resistir a mais uma tigelinha de curau. Assim, com a consciência pesada pela segunda tigelinha, retornaram às atividades. O Professor Luis recebeu de sua mãe dois pequenos pacotes de e-mails impressos, cada um indicando seu destino: grupo 1 e grupo 3. Era o trabalho para o restante do dia. O Professor Luis, à tarde, tinha o compromisso de representar a ACAPA/ACPA na Audiência Pública, enquanto o Semeador, Mestre-1, X-Mat, Átila e Pitágoras, a partir das 16h30min, realizariam a primeira aula prática no CMR da orla.

- O CMR na orla: aulas práticas de reflexão e meditação
- O início: os treze princípios fundamentais, as posições e o silêncio

A maré estava aproximando-se do “pré-a-mar” quando os assistentes chegaram. No Colégio de Meditação e Reflexão existiriam quatro categorias: Mestre Superior, o Mestre-1; Mestre Auxiliar, o Semeador; Praticante Avançado, Átila e Pitágoras; e Praticante Neófito que se dividia em duas subcategorias, os iniciantes e os nômades. Nessa ordem, eles distribuía-m-se no templo e as atividades iam ter início quando urubus e carcarás pousassem, mas colocaram-se de maneira desorganizada, fora do padrão definido por Mestre-1. Então, o Mestre Superior, antes de iniciar os trabalhos práticos, adiantou-se e, mentalmente, explicou-lhes as normas que todos deveriam seguir para participar dos trabalhos no templo.

– Acrescentamos ao que lhes dissemos que a classificação em Praticante Neófito Iniciante ou Nômade depende da assiduidade de cada um nos encontros que ocorrerão todas as terças e quintas-feiras, às 17 horas. Por exemplo, no dia de hoje, terça-feira, todos os presentes são Praticantes Neófitos Iniciantes, e, a partir da próxima quinta-feira, nosso segundo encontro, a classificação será reavaliada.

– Agora, todos mentalizaremos os treze princípios que fundamentarão o comportamento de cada um de nós, enquanto membros do CMR.



Observem que somente a partir de quinta-feira começaremos a refletir e discutir o significado prático deles. Ouçam, pensem e reflitam até darmos o sinal de finalização.

- | | | |
|-----------------|---------------|------------------|
| I. Equilíbrio | II. Sensatez | III. Coerência |
| IV. Harmonia | V. Humildade | VI. Disciplina |
| VII. Tolerância | VIII. Retidão | IX. Misericórdia |
| X. Compaixão | XI. Concórdia | XII. Paz |
| XIII. Amor | | |

– Vamos refletir sobre a existência e o significado do “tomadas em conjunto”. A Suprema Essência da Energia Cósmica – Deus, oportunizou aos seres criados energias e comportamentos positivos, e as três instâncias de que estamos tratando são positivas porque estão em Deus e Ele está em nós. Não podemos imaginá-las como negativas, a exemplo da violência ou do ódio. Ao longo da vida, vamos incorporar à nossa personalidade influências socioculturais e familiares, mas somos intrinsecamente bons, não nascemos envolvidos de maldade. Ele não permitiria a nenhum nascituro vir para o planeta Terra com a finalidade da prática da maldade, e, no sentido de decidirmos nós mesmos sobre nós próprios, colocou à nossa disposição o “livre-arbítrio”. Desse modo, se for o caso, cada um de nós decide rejeitar ou não os comportamentos de “Equilíbrio, Sensatez e Coerência”. Nos próximos três meses refletiremos sobre os dez restantes comportamentos fundamentais ilustrados anteriormente.

AS PRINCIPAIS POSIÇÕES DE MEDITAÇÃO

– Ainda sobre a primeira fase, quando estiverem sozinhos, pensem no significado e em exemplos para elas. Passemos agora para a segunda parte da prática de hoje. Se você estiver decidido a enveredar pelos caminhos da meditação, disponha-se a adotar os seguintes comportamentos básicos e necessários: a) mantenha a regularidade; b) tenha um local definido e apropriado; c) esteja disponível num horário fixo; e d) sente-se para meditar posicionando sua cabeça, pescoço e coluna em linha reta. Reflitam e troquem ideias sobre os três primeiros itens, o quarto será nosso objetivo após a tarefa anterior.



AS PRÁTICAS FUNDAMENTAIS DE INICIAÇÃO À MEDITAÇÃO

– Visando à objetividade nessa fase, precisamos combinar o seguinte: levantem uma das asas para dizer SIM, e, ao contrário, NÃO, respondendo às perguntas:

1. *Quem pretende frequentar este templo às terças e quintas-feiras regularmente?*

Todos ergueram uma das asas, houve unanimidade.

2. *Alguém tem dúvida de que o local apropriado é o nosso templo?*

Nenhum dos presentes levantou qualquer das asas, unanimidade.

3. *Todos estão disponíveis para as práticas no CMR nos dias e horários anunciados e acordados?*

Todos ergueram as asas, unanimidade.

A PRÁTICA DAS POSIÇÕES

– Observem que o sol está à nossa direita, a oeste, anunciando o seu ocaso. Nós giraremos 180 graus e ficaremos de frente para o mar. Daqui em diante, nos momentos das práticas, essas recomendações serão cumpridas. Entendido? Agora cumpram as recomendações para iniciarmos as atividades.

Assim foi feito. Embora alguns erros se verificassem, bastou olhar para os vizinhos e os posicionamentos se uniformizaram.

– Muito bem. Ficaremos, nós e o Semeador, nos degraus para lhes dar as instruções. X-Mat, Átila e Pitágoras estarão ao lado ou na fila de vocês para auxiliar na correção da posição correta. Começemos então. Posição 1: Corpo e pescoço eretos, pescoço em linha vertical reta. Todos juntos e sem pressa; não tenham preocupação com possíveis erros. Somente parem ao meu sinal.



Na primeira prática e na primeira posição, evidentemente, o ritmo e o ritual careceram de várias repetições. A segunda posição, “cabeça e olhar em linha reta”; e a terceira, “corpo e olhar em linha reta, asas erguidas”, foram executadas com perfeição. Radiantes e vaidosos pelo êxito alcançado, despediram-se e procuraram seus abrigos. Estavam prontos para prosseguir, ultrapassar o primeiro estágio do processo da reflexão e dar os primeiros passos nos caminhos da meditação.

Assim aconteceu, e, em mais alguns encontros no templo, concluíram as reflexões sobre os temas: misericórdia, compaixão, concórdia, paz e amor. Os resultados imaginados pelos idealizadores do CMR eram promissores. Porém, com a divulgação das atividades do Colégio pela emissora local e pelos vereadores a seus eleitores, tornara-se impossível conter o número de interessados, bichos e humanos que procuravam o sítio ou o CMR da orla, pleiteando vaga para a prática da reflexão e da meditação. A decisão sobre o assunto era da responsabilidade do colegiado da diretoria da ACA-PA/ACPA, a qual teve de tomar as providências necessárias com urgência.

Três meses depois: muito sucesso e poucos problemas. Ou o contrário?

O Semeador, Mestre-1, X-Mat, Átila e Pitágoras tinham agora um horário especial, só para eles, com total privacidade, a fim de trocarem ideias, refletirem e meditem. O CMR ganhou uma pequena cobertura que protegia dos raios do sol, dos degraus à metade da parte plana, o que, para eles, no intervalo de doze às catorze horas, era o ideal para a realização daqueles objetivos. Mestre-1 abriu a reunião.

– Hoje ocuparemos-nos de três temas: o silêncio, a harmonia, e, como “dever de casa”, as relações entre silêncio e harmonia. Iniciemos, então, refletindo com o significado do silêncio. Podem começar.

– Pronto. Agora, de acordo com as reflexões praticadas, escolham quais das expressões a seguir são verdadeiras e quais são falsas: a) estou em silêncio quando estou calado; b) não estou em silêncio quando ouço a minha voz interior; c) estou em silêncio mesmo ouvindo a minha voz interior falando de nós, de pessoas e fatos ausentes e de pessoas que estão em meu entorno; d) estou em silêncio quando envolvido em meus pensamentos. Vamos lhes dar alguns minutos para refletirem. Já é bastante. A palavra está com o Semeador. Os seguintes, manifestem-se pela ordem de costume.

– Bem, estou bastante confuso e sem muita segurança, afirmo que a única alternativa que me parece errada é a C. Quanto às três outras, não



é que as considere corretas, mas simplesmente não sabemos responder.

– Não tenho segurança para responder nenhuma das quatro expressões – disse X-Mat. – Tenho dificuldade em relacionar silêncio e pensamento.

– Essa atividade faz-nos lembrar do Professor Luis – falou Átila, que há tempos vem nos dizendo que devemos “aprender sempre para melhorar sempre”. É como nos sentimos agora, sabemos que aprendemos muito e melhoramos bastante, mas não o suficiente. Por isso não ousamos responder a nenhuma das quatro afirmações.

– Não nos envergonhemos nessas reflexões. Ele já nos ajudou muito em outras ocasiões, principalmente, em momentos de dificuldades, de sobrevivência e de aprendizagem. São nossas as suas palavras, não que queiramos imitá-lo, mas porque estou perfeitamente consciente de que cada um constrói a sua própria história, e isso jamais conseguiremos imitando a história dos outros, as quais devem servir somente como parâmetro. A nossa será construída por nós, aprendendo sempre e sempre melhorando.

– Ótimo, foi confortador. Todos revelaram algumas virtudes essenciais para a iniciação à meditação: humildade, simplicidade, serenidade e equilíbrio. Assim, não devem assustar-se com a falta de conhecimentos básicos para responder coerentemente as quatro inquirições. Aqueles que veem o “silêncio como ausência de ruído ou de barulho” talvez tenham razão em considerar errada a afirmação C, “estou em silêncio mesmo ouvindo a minha voz interior falando de nós, de pessoas e fatos ausentes e de pessoas que estão em nosso entorno”. Entretanto, o “silêncio” que objetivamos é aquele que transcende o corpo, justamente o que acontece com o emudecer da voz interior. Ou seja, quando “esvaziamos” o pensamento ou “não pensamos em nada, em nenhuma coisa”. Vamos praticar alguns minutos a ausência de pensamento ou o pensamento vazio. Até lhes dar um sinal, fechem os olhos, reflitam, mas não pensem em coisa nenhuma; esvaziem seus pensamentos. Podem começar.

– Pronto. O Semeador com a palavra.

– Por alguns segundos conseguimos evitar pensar em algo, mas alguma energia desconhecida, quem sabe minha voz interior, forçava-nos a voltar à realidade, a pensar. Então reagíamos, e voltávamos ao início da prática, repetindo-se até o sinal.

– Bem, meus amigos, meditar é mais difícil do que solucionar problemas matemáticos, mesmo os mais fáceis. Tudo isso depois de não ter conseguido esvaziar nosso pensamento por nenhum segundo.



– Nada temos a acrescentar ao que acabou de mencionar, X-Mat. Mas não sabemos se é razoável dizermos que perdemos tempo ao dedicar anos de vida em coisas que diríamos “*sem futuro*”, conversas sem conteúdo, que serviam apenas para esperar as horas passarem. Sabemos que esse tipo de comportamento é comum entre muitos humanos, e principalmente entre os bichos. Mas, como estaria hoje a vida no planeta Terra se os ensinamentos de indivíduos como o Semeador e Mestre-1 existissem, no decorrer dos séculos, auxiliando seus contemporâneos a “estar sempre aprendendo para estar sempre melhorando”? Por isso, nos sentimos muito felizes por tê-los como orientadores.

– Nós não acrescentaríamos nem um ponto e nenhuma vírgula às palavras de Átila – disse Pitágoras –, apenas mudaria a sua última frase para “Por isso, nos sentimos felizes, esperançosos e gratificados por tê-los como orientadores”.

– O Semeador antecipou-se a Mestre-1 para fazer uma complementação.

– Caros companheiros, agradeço as referências manifestas por Átila e Pitágoras, mas não nos passamos de aprendizes, quiçá neófitos, mas até nos envaidece o reconhecimento dessa pequenez de conhecimentos, porque tal procedimento nos impele a ir em busca do “aprender sempre para sempre melhorar”. Para nós é dignificante contar com a sabedoria de Mestre-1, o mestre de todos nós.

– Muito bem. Desejamos fazer uma observação. Nós nos conhecemos há algum tempo, sabemos das nossas limitações e o nível de conhecimento de cada um, quaisquer que sejam os motivos. O que evidenciamos foi uma sequência de elogios, às vezes desnecessários e repetitivos. A partir de agora, a prioridade é a objetividade e os elogios são dispensáveis; objetividade sem elogios. Por isso, não faremos outros comentários, talvez pertinentes, mas dispensáveis.

– Temos que nos voltar para a parte final: a harmonia, especificamente a harmonia com “A Sublime Essência da Energia Cósmica – Deus”. Mas o que entendemos por “harmonia” no cotidiano da vida? Entre animais e humanos, os conceitos parecem ser idênticos; viver e relacionar-se bem com a família e os membros da comunidade. No entanto, é bastante simplória tal forma de pensar. Por quê? Transformemos a temática para a expressão: “o que torna o ser harmônico?”, ou, então: “o que deve fazer o ser que somos ter uma existência em harmonia com Deus?”. Somente teremos resposta se analisarmos o significado da “harmonia do Ser”. Para



tanto, precisamos verificar quais condições são necessárias para que o ser que somos esteja em harmonia. Isso ocorre quando é possível identificar:

- A harmonia do ser com o próprio ser;
- A harmonia do ser com os outros seres;
- A harmonia do ser com o Ser dos seres.

– Somente resta-nos tempo para a finalização. Reflitamos primeiro sobre as três condições do silêncio e o ser harmonizado, e depois sobre as relações entre o silêncio e o ser harmonizado.

– Agora, sentimos-nos conosco e com os outros seres, e se assim não o fizer, ficaríamos inseguros, mas podemos afirmar que sabemos o que fazer para harmonizar-nos conosco e com os outros seres, e, se tal não acontecer, jamais será possível pensar em harmonizarmos-nos com Deus. Como temos ciência do significado do silêncio, temos dúvida entre o que é “espiritual ou transcendental”. São significados para o silêncio pré-meditatório.

– Realmente, as coisas ficaram mais fáceis, e, em consequência, perfeitamente inteligíveis. Outros comentários gostaríamos de discutir com meus companheiros sobre alguns aspectos que o tema nos suscitou.

– Este cão Átila que vos encontra em um momento de enlevo, as razões sabemos. Apenas registramos que, convidados ou não – mas temos certeza de que seremos –, participaremos da renição proposta por X-Mat.

Parodiando Átila, Pitágoras disse:

– Este cãozinho Pitágoras, também, sem comentários. Entretanto, estamos nos oferecendo para sermos admitidos na reunião do “tira dúvida”.

– O encontro está encerrado com o diagnóstico de “muito proveitoso”. Desse modo, “a sorte está lançada” e “as cartas estão sobre a mesa”: as atividades do CMR e da escola dos animais. A emissora de rádio criou um programa semanal de entrevistas pelo canal associado com a presença de membros da diretoria da ACAPA/ACPA como entrevistados, cujos entrevistadores eram, também, as pessoas da casa e outros cidadãos de fé pública, convidados por um grupo de consultores especialistas indicados por um grupo de conselheiros, entre eles o Padre Francisco, o Prefeito João Batista, o Presidente da Câmara e outros. As consultas ao blog, de natureza diversa, variavam da teologia à psicologia, surgindo



questionamentos que pareciam intermináveis sobre a prova da OMEPE e a diferenciação entre “pulsão de morte e pulsão de vida”, tema tratado por Damásio e Freud. Uma nova turma, à noite, na escola, atendia aos inúmeros pedidos dos animais, e novas regras foram elaboradas e estabelecidas para acolher um número maior de alunos.

– Refletimos bastante sobre o encontro desta noite, passados cinco semelhantes ao primeiro, quando discutimos as temáticas “*Silêncio e Harmonia*” e as suas reações como preparatórias para a meditação. É importante contar-lhes uma história que muito me impressionou no início da minha aprendizagem: a evolução dos seres criados regorgitavam de vida quando os continentes não eram separados por mares e oceanos. As monções e as savanas faziam parte do cenário do continente asiático. As monções caracterizam-se pelo movimento do vento no sul e sudoeste do continente, onde, no verão, sopra do mar para o continente e no inverno sopra do continente para o mar. Então, no verão, com o sol escaldante, lagos e lagoas secam, e rios não perenes também. Água e alimentos ficam raros, lugar ideal para os esfomeados e desidratados migrantes. No entanto, e aqui reside a essência e o propósito de nossa história, os migrantes eram muitos, e os acompanhavam predadores, que, para sobreviver, deles se alimentavam. A evolução fez a sua parte munindo e transformando as presas como forma de defesa, aumentando número, formato e tamanho dos membros, aumentando a velocidade em corridas de longa distância, a capacidade de contorcer-se com a necessidade de girar rapidamente e muitas outras de acordo com o que era preciso. Durante milhares de anos essa história vem se repetindo. O que de diferente aconteceu? A evolução continuou e prosseguirá para a eternidade. Predadores e presas continuam a existir. Será que para a eternidade? Desejamos dividir com vocês as nossas conclusões:

1. Considerando que a evolução se impôs igualmente a todos os seres criados, não sendo o homem uma exceção.
2. Os animais procuram ter família e preservar a vida dos seus descendentes. Para tanto, quase todos são violentos, mantendo a sua índole genética.
3. Os apelos pela paz e respeito à natureza disseminam-se em todas as nações do planeta.



– Diante dessas considerações, a questão para reflexão de todos é:

“Que esperanças os seres criados podem ter em alcançar a paz e o respeito à natureza, tornando-se essa a realidade no planeta Terra?”

– Infelizmente, para nós, não se trata de uma questão, mas de uma inquietação – manifestou-se o Semeador com um semblante de indefinição.

– Há algum tempo convivendo com os humanos, aprendemos sobre suas crenças, e, atualmente, temos informações de que desde a antiguidade, Deus, a Suprema Essência da Energia Cósmica, vem enviando mensageiros com o objetivo da disseminação da harmonia, da humildade, da tolerância, da misericórdia, da compaixão, da paz e do amor. Porém, o que observamos em todas as nações é a ausência da paz e do amor, a desunificação da vida e o desrespeito à natureza. Ora, considerando-se os esforços dos mensageiros, em que a quase plenitude deles, além de tudo que fizeram, entregaram a própria vida em nome da paz e do amor, não imaginamos quem ou o que poderá ser feito para a consumação desses objetivos. O retorno dos mensageiros ou de novos outros? Eliminação direcionada de continentes, nações ou partes de populações por catástrofes naturais ou guerras tecnobiológicas? Sentimo-nos muito mal em imaginar que somente viveremos em paz e com amor no planeta Terra se uma dessas opções vier a acontecer.

– No que concerne ao reino animal, devemos manter o otimismo e a esperança. Felinos, cervos, muares, etc., sempre que os chefes de bando ficam decrépitos, são assediados por candidatos a assumir a sua liderança, os quais aposentam seus líderes via luta corporal, ocasionando, normalmente, a sua morte. Se o candidato for o vencedor, o chefe, agora ex-líder, perde suas fêmeas e passa a viver no ostracismo, geralmente, sozinho. Como no reino animal, identicamente algo semelhante acontece às nações belicosas; seus líderes belicosos render-se-ão e pagarão o preço da derrota. Não temos subsídios justificativos sobre o reino vegetal, mas as leis da evolução submetem humanos e os pertencentes ao reino animal aos mesmos processos. Portanto, predadores e vitimados sempre existirão, e as consequências desse fenômeno ocorrerão, naturalmente, aperfeiçoando-se ao longo dos anos. Não podemos sequer conjecturar se esse processo será interrompido ou não, e, em qualquer dos casos, no curto, médio e longo prazo.

– Reconhecemos o poder de transformação e inovação pessoal que a evolução manifesta em tudo e em todos. Mas tais mudanças não ocorrem



somente no aspecto físico e corporal. Elas transcendem a matéria, infundindo-se na personalidade, nas prioridades filosóficas e psicológicas, e também em aspectos culturais. Há cerca de dois anos, com a escola da ACAPA/ACPA em pleno funcionamento, estávamos vaidosos e orgulhosos do acúmulo de conhecimentos que adquiríamos e não tínhamos pudor em exibi-los ou realçá-los diante de pessoas da nossa convivência que não os possuíam. Somente foi possível darmos conta das transformações em nossa personalidade, quando, ao invés de agir como cães, tentávamos imitar os humanos. As conclusões que sustentamos é que não podemos deixar de estar sempre alertas e vigilantes no que concerne às transformações que ocorrem, periodicamente, em nosso ser; medicamento que evitará surpresas e as traições das mudanças.

– Concordamos que estamos vivendo uma época turbulenta, em que as atribulações causam sofrimentos, dores e infortúnios de natureza diversa, atormentam e trazem infelicidade para uma grande parte dos seres criados. Na “missa ecumênica”, no dia da sua realização, com todos os humanos e animais presentes, pudemos ver, no semblante de pessoas sofridas e até naquelas que não aparentavam sofrimento, “a luz da esperança”. Essa luz iluminou a nossa compreensão, assegurando-nos de que “nada está perdido”. A Suprema Essência da Energia Cósmica – Deus não nos criou no planeta Terra para uma vida de sofrimentos e atribulações. Compreendemos agora suas regras rígidas, é verdade e não devemos discuti-las, ao contrário, cumpri-las. Quando as desobedecemos, Ele, em sua eterna bondade, nos perdoa, mas no cumprimento das regras pré-estabelecidas pune-nos rigidamente, cobrando as nossas infrações.

Mestre-1 mostrava-se despreocupado, mas bastante pensativo. Levantou sua asa direita, a da pena especial, inerte, em posição de meditação. Passaram-se alguns segundos, baixou a asa, dirigindo-se ao grupo:

– Estávamos refletindo sobre o que seria importante dizer-lhes, e concluímos que, por enquanto, nada há a acrescentar naquilo que cada um de vocês traduziu representando o acervo de conhecimentos apreendidos nos últimos três anos. Lembrem-se de que ele evolui a todo instante em consequência de nossas experiências sensoriais e possíveis processos de autorretroalimentação, conhecimento gerando conhecimento, onde a consciência é o seu depositário. Portanto, para nós, a partir



deste momento, talvez até ao final da nossa existência no planeta Terra, adotaremos dois dogmas em nossa vida: “o dogma do conhecimento e o dogma da consciência”.

Essa não foi a última ou a penúltima conversa, todos estavam conscientes do que lhes aguardava no futuro...

F I M



INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ
INESP

Thiago Campêlo

*Presidente do Instituto de Estudos e Pesquisas Sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp*

GRÁFICA DO INESP

Ernandes do Carmo
Coordenador

Cleomarcio Alves (Márcio), Francisco de Moura,
Hadson França e João Alfredo
Equipe Gráfica

Aurenir Lopes e Tiago Casal
Equipe de Produção Braille

Mário Giffoni
Equipe de Diagramação

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)
Equipe de Design Gráfico

Lúcia Jacó e Vânia Soares
Equipe de Revisão

Site: www.al.ce.gov.br/inesp

E-mail: inesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3701

Fax: (85) 3277-3707



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Av. Desembargador Moreira 2807,
Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará

Site: www.al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-2500